

Arthur C. Clarke  
Gentry Lee

O ENIGMA  
DE  
RAMA

*Exilado dos livros*

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**ARTHUR C. CLARKE**

**GENTRY LEE**

**O Enigma de  
RAMA**

**RAMA 2**

**Tradução de Bárbara Heliodora e Julio Fisher**

**Título original: RAMA II**

# Sumário

[Contracapa](#)

[Dobras Internas das Capas:](#)

[1. RAMARETORNA](#)

[2. TESTES E TREINAMENTO](#)

[3. CONFERÊNCIA DE TRIPULAÇÃO](#)

[4. O GRANDE CAOS](#)

[5. DEPOIS DO CRAQUE](#)

[6. A SIGNORA SABATINI](#)

[7. RELAÇÕES PÚBLICAS](#)

[8. BIOMETRIA](#)

[9. IRREGULARIDADE DIASTÓLICA](#)

[10. O COSMONAUTA E O PAPA](#)

[11. SÃO MIGUEL DE SIENA](#)

[12. ROMANOS E RAMAIANOS](#)

[13. FELIZ ANO-NOVO](#)

[14. ADEUS, HENRY](#)

[15. ENCONTRO](#)

[16. RAMA, RAMA, BRILHO FEÉRICO](#)

[17. A MORTE DE UM SOLDADO](#)

[18. AUTÓPSIA](#)

[19. RITO DE PASSAGEM](#)

[20. SONO ABENÇOADO](#)

[21. O CUBO DE PANDORA](#)

[22. AURORA](#)

[23. CREPÚSCULO](#)

[24. SONS NA ESCURIDÃO](#)

[25. AMIGO DE VERDADE](#)

[26. SEGUNDA SURTIDA](#)

[27. CAÇAAO BIOTA](#)

[28. EXTRAPOLAÇÃO](#)

[29. A CAÇADA](#)

[30. AUTÓPSIA II](#)  
[31. O PRODÍGIO DE ORVIETO](#)  
[32. O EXPLORADOR DE NOVA YORK](#)  
[33. DESAPARECIDO](#)  
[34. ESTRANHOS COMPANHEIROS](#)  
[35. NO ABISMO](#)  
[36. TRAJETÓRIA DE IMPACTO](#)  
[37. SEM SAÍDA](#)  
[38. VISITANTES](#)  
[39. ÁGUAS DA SABEDORIA](#)  
[40. CONVITE ALIENÍGENA](#)  
[41. UM AMIGO DE VERDADE](#)  
[42. DOIS EXPLORADORES](#)  
[43. PSICOLOGIA EXOBIOLÓGICA](#)  
[44. UMA OUTRA TOCA](#)  
[45. NIKKI](#)  
[46. PRUDÊNCIA, O MELHOR DA BRAVURA\\*](#)  
[47. MATRIZES PROGRESSIVAS](#)  
[48. BEM-VINDOS, TERRÁQUEOS](#)  
[49. INTERAÇÃO](#)  
[50. A ETERNA ESPERANÇA\\*](#)  
[51. O ARNÊS DE FUGA](#)  
[52. VÔO 302](#)  
[53. TRINITY](#)  
[54. O EX-HERÓI](#)  
[55. A VOZ DO SANTO](#)  
[56. UMA PRECE ATENDIDA](#)  
[57. UMA TRIPULAÇÃO DE TRÊS](#)  
[58. O ESCOLHIDO](#)  
[59. A REVELAÇÃO DO DESTINO](#)  
[60. DE VOLTA A RAMA](#)  
[61. ASTRONAVE EM PERIGO](#)  
[62. A HORA FINAL](#)  
[POSFÁCIO](#)  
[AGRADECIMENTOS](#)



## Contracapa

O que é Rama? O que pretendem os ramaianos? Forjada pela inventiva ousadia de Arthur C. Clarke, o expoente da ficção científica contemporânea, Rama já foi tema de um de seus livros mais aclamados e cultuados no mundo todo, *Encontro com Rama*, publicado no Brasil pela Nova Fronteira. Agora, depois de algum tempo do primeiro contato de um grupo humano com essa gigantesca cosmonave de origem desconhecida e que abriga em si um verdadeiro complexo urbano alienígena, a ciência humana se vê novamente desafiada por uma segunda manifestação de Rama. Assim, uma nova equipe de cosmonautas é enviada ao espaço, investida da missão de penetrar nesse assombroso mundo extraterrestre povoado por intrigantes criaturas oriundas de algum ponto indeterminado do cosmos. Retomando sua bem-sucedida parceria com Gentry Lee, com quem já produziu *O berço dos super-humanos*, Arthur C. Clarke nos oferece mais uma obra-prima ficcional onde o prodígio imaginativo e o requinte emprestado à composição das personagens se entrelaçam para criar, do princípio ao fim, uma narrativa envolvente e de irresistível fascínio.

## **Dobras Internas das Capas:**

### **O ENIGMA DE RAMA**

Quando foi lançado em 1976, *Encontro com Rama* de Arthur C. Clarke foi aclamado como uma verdadeira obra-prima do grande mestre da ficção científica contemporânea. Ali, através de sua narrativa sempre viva e fluida, Clarke nos transportava para uma exploração pelo mundo de uma gigantesca e misteriosa cosmonave alienígena, denominada Rama. Criava-se, então, um dos cenários mais arrebatadoras jamais forjados por uma obra de ficção.

Agora em parceria com Gentry Lee, destacado integrante dos programas espaciais da Nasa, Clarke retorna ao assombroso mundo de Rama, oferecendo-nos um romance ainda mais eletrizante que seu antecessor. A bordo da nave Newton, uma nova tripulação de cosmonautas é enviada ao espaço com a missão de sondar Rama e descobrir os propósitos ocultos por trás de seu segundo aparecimento. A partir daí, a irresistível força do texto de Arthur C. Clarke e Gentry Lee, onde a imaginação é levada às últimas conseqüências, nos fará mergulhar numa jornada absolutamente fascinante pelo mundo da cosmonave Rama, um autêntico complexo urbano a navegar pelo espaço, povoado por desconcertantes criaturas aparentemente situadas a meio caminho entre o artificial e o biológico. Serão robôs ultra-sofisticados ou espécies de vida inconcebíveis para a mente humana? Possivelmente o produto de uma avançadíssima engenharia alienígena cuja complexidade escapa a uma inteligência terrestre, Rama coloca seus exploradores diante do eterno conflito entre a sede humana pelo conhecimento e sua impotência perante um universo em última instância indecifrável, mesmo a despeito de todas as conquistas científicas e racionais de nossa era tecnológica.

Em O ENIGMA DE RAMA esse conflito, que nos persegue no mínimo desde a invenção do telescópio, recebe uma rigorosa fundamentação técnica, fruto das incursões dos dois autores no

terreno das ciências exatas, e que confere ao livro um inquietante tom de plausibilidade. O alvo de todo esse requinte científico-imaginativo reside nas personagens multifacetadas criadas por Clarke e Lee, exemplares da espécie humana cujos embates, paixões, vilanias e grandezas espelham todos nós e que contribuem para fazer da leitura de O ENIGMA DE RAMA uma palpitante aventura que nos envolve da primeira à última linha.



## 1. RAMA RETORNA

O grande gerador de impulsos de radar, Excalibur, operado por explosões nucleares, estava desativado fazia quase meio século. Ele fora desenhado e desenvolvido por um esforço frenético durante os meses que se seguiram à passagem de Rama pelo Sistema Solar. Ao ser declarado operacional em 2132, seu objetivo proclamado era o de dar à Terra amplo aviso quanto a qualquer futuro visitante alienígena: algo gigantesco quanto Rama poderia ser detectado a distâncias interestelares-anos, esperava-se, antes que pudesse ter efeito sobre assuntos humanos.

A decisão de se construir Excalibur fora tomada antes mesmo de Rama haver passado o periélio. Quando o primeiro visitante extraterrestre circundou o Sol e saiu na direção das estrelas, exércitos de cientistas estudaram os dados obtidos pela única missão que fora capaz de efetivamente encontrar-se com o intruso.

Rama, proclamaram eles, era um robô inteligente sem absolutamente qualquer interesse por nosso Sistema Solar ou seus habitantes. O relatório oficial não oferecia explicações para os incontáveis mistérios com que se defrontaram os investigadores; no entanto, os especialistas convenceram-se de que haviam dominado um princípio básico da engenharia ramaiana.

Já que a maioria dos principais sistemas e subsistemas encontrados no interior de Rama pelos exploradores humanos tinha dois apoios funcionais de retaguarda, parecia que os alienígenas faziam toda a sua engenharia "em triplos". Em conseqüência, e já que se pressupunha que todo aquele gigantesco veículo fosse uma máquina, considerou-se altamente provável que mais duas espaçonaves Rama estariam seguindo o primeiro visitante. Porém, nenhuma nova espaçonave entrou nas vizinhanças solares, proveniente do imenso vazio do espaço interestelar. E, à medida que os anos iam passando, a gente da Terra passou a enfrentar problemas mais imediatos. As preocupações com os ramaianos, ou

seja lá quem fosse que criara aquele insípido cilindro de 50 km de comprimento, foram diminuindo ao mesmo tempo que aquela única incursão alienígena ia virando história. A visita de Rama continuava a intrigar muitos estudiosos, mas a maioria dos membros da espécie humana era forçada a voltar sua atenção para outras questões. No início da década de 2140, o mundo estava dominado por uma severa crise econômica. Não havia mais dinheiro para manter Excalibur. Suas poucas descobertas científicas não conseguiam justificar as imensas despesas com a garantia da segurança de sua operação. O grande gerador de impulsão nuclear foi abandonado.

Quarenta e cinco anos mais tarde foram necessários 33 meses para devolver Excalibur às condições operacionais. A justificativa primordial para a recuperação de Excalibur foi científica. Durante o decorrer daqueles anos, a ciência do radar florescera e produzira novos métodos de interpretação de dados que ampliaram de forma significativa o valor das observações de Excalibur. Quando o gerador começou a tomar imagens dos céus distantes, quase ninguém na Terra estava esperando a chegada de outra espaçonave Rama.

O gerente de operações da Estação Excalibur sequer informou ao seu supervisor na primeira vez em que um blipe estranho apareceu em sua tela de processamento de dados. Ele pensou que fosse algum artefato, um fantasma criado pelo processamento de algum algoritmo. Quando o sinal se repetiu várias vezes, no entanto, ele prestou um pouco mais de atenção. O gerente chamou o principal cientista de Excalibur, que analisou os dados e decidiu que o objeto seria um cometa de órbita longa. Passaram-se mais dois meses antes que um estudante de pós-graduação provasse que o sinal pertencia a um corpo liso, com pelo menos 40 km em sua dimensão mais longa.

Na altura de 2197, o mundo sabia que o objeto que vinha disparando pelo sistema solar, no sentido dos planetas interiores, era uma segunda espaçonave extraterrestre. A Agência Internacional do Espaço (AIE) concentrou seus recursos na

preparação de uma missão organizada que interceptaria o intruso dentro da órbita de Vênus, no final de fevereiro de 2200. Novamente, a humanidade voltou seus olhos para fora, para as estrelas, e as profundas questões filosóficas levantadas pela primeira Rama foram de novo debatidas pelo povo na Terra. À proporção que o novo visitante se aproximava e suas características físicas eram definidas com maior cuidado pela hoste de sensores apontados em sua direção, ia sendo confirmado que esta espaçonave alienígena, ao menos externamente, era idêntica à sua predecessora. Rama retornara. A humanidade tinha um segundo encontro marcado com seu destino.

## 2. TESTES E TREINAMENTO

A bizarra criatura metálica avançava lentamente pela parede, arrastando-se na direção do beirai. Parecia um tatu magrela, seu engonçado corpo de lesma era coberto por fina casca que se espiralava em cima e em torno de um compacto conjunto de engenhocas eletrônicas. Um helicóptero pairava a cerca de dois metros da parede. Um longo braço flexível com uma pinça na ponta se estendia do nariz do helicóptero e por um triz não conseguiu fechar suas mandíbulas em volta da estranha criatura.

— Raios — murmurou Janos Tabori — isso é quase impossível com o helicóptero pulando desse jeito. Até em condições perfeitas é difícil realizar trabalho de precisão com essas garras quando há extensão máxima — ele olhou para o piloto. — E por que será que esta fantástica máquina voadora não consegue manter constantes sua altitude e atitude?

— Chegue o helicóptero mais perto da parede — ordenou o Dr. David Brown.

Hiro Yamanaka olhou para Brown sem qualquer expressão e acionou um comando no console dos controles. A tela à sua frente emitiu um sinal vermelho e imprimiu a mensagem: COMANDO INACEITÁVEL. TOLERÂNCIAS INSUFICIENTES. Yamanaka não disse nada. O helicóptero continuou a pairar no mesmo lugar.

— Nós temos 50 cm, talvez 75, entre as pás e a parede — Brown pensou alto. — Em mais dois ou três minutos, o biota estará a salvo debaixo do beirai. Vamos passar para manual e agarrá-lo. Agora. E nada de erros desta vez, Tabori.

Por um momento, um Hiro Yamanaka hesitante olhou para o cientista meio careca e de óculos que estava sentado atrás dele. Depois, o piloto se voltou, apertou um outro comando no console e mexeu a grande alavanca preta para sua posição à esquerda. O monitor rapidamente anunciou: NO MODO MANUAL. SEM

PROTEÇÃO AUTOMÁTICA. Yamanaka, com todo o cuidado, chegou o helicóptero um pouco mais perto da parede.

O engenheiro Tabori estava pronto; enfiou as mãos nas luvas do instrumento e praticou abrir e fechar as garras da ponta flexível do braço. Novamente o braço foi estendido e as duas mandíbulas mecânicas fecharam-se eficientemente em torno da lesma engonçada e sua concha protetora. Os anéis de *feedback* dos sensores nas garras disseram a Tabori, através de suas luvas, que ele tivera sucesso na captura de sua presa. — Peguei! — gritou ele, exultante, e começou o lento processo de trazer sua conquista para o helicóptero.

Uma repentina lufada de vento fez o helicóptero rolar para a esquerda e o braço com o biota bateu contra a parede. Tabori sentiu que as garras perdiam sua firmeza. — Endireita isso! — gritou, continuando a retrair o braço. Enquanto Yamanaka lutava para anular o movimento rotativo do helicóptero, ele inadvertidamente abaixou um nadinha o nariz. Os três membros da tripulação ouviram o revoltante ruído das pás metálicas do rotor batendo contra a parede.

O piloto japonês imediatamente apertou o botão de emergência e a nave voltou ao controle automático. Em menos de um segundo, soou o guincho de um alarme e o monitor da cabine de comando emitiu seu sinal vermelho. AVARIAS EXCESSIVAS. GRANDE PROBABILIDADE DE PANE. EJETAR TRIPULAÇÃO. Yamanaka não hesitou; em poucos instantes, ele já explodira para fora da cabine e estava com o pára-quedas aberto. Tabori e Brown seguiram-no. Tão logo o engenheiro húngaro retirou as mãos das luvas especiais, as garras na ponta do braço mecânico abriram-se e aquela criatura-tatu caiu centenas de metros na lisa planície lá embaixo, estraçalhando-se em mil partículas.

O helicóptero, sem piloto, desceu desgovernado para a planície. Mesmo com o algoritmo de pouso a bordo, ativo e controlando tudo, a aeronave danificada bateu com força em suas escoras ao colidir com o solo e caiu para o lado. Não muito longe do

local onde o helicóptero pousou, um homem corpulento, usando uniforme militar marrom, coberto de fitas de condecorações, pulou de um elevador aberto. Ele acabava de descer do centro de controle da missão e estava, claramente, agitado ao caminhar de modo precipitado para um veículo que o aguardava. Ele era seguido por uma esbelta e apressada loura em trajes de vôo da AIE, com câmeras e equipamentos pendurados em ambos os ombros. O militar era o General Valeriy Borzov, comandante-em-chefe do Projeto Newton. — Alguém se machucou? — perguntou ele ao ocupante do jipe, o engenheiro eletricista Richard Wakefield.

— Parece que Janos bateu com um ombro com bastante força durante a ejeção. Mas Nicole acaba de comunicar pelo rádio que ele não quebrou nem luxou nada, que são só equimoses generalizadas.

O General Borzov subiu para o banco da frente do jipe, ao lado de Wakefield, sentado atrás do painel de controle do veículo. A loura, Francesca Sabatini, videojornalista, parou de gravar a cena e subiu para o banco de trás. Borzov fez um abrupto sinal para que se afastasse. — Vá checar des Jardins e Tabori — disse ele, apontando para a lisa planície. — É provável que Wilson já esteja lá.

Borzov e Wakefield partiram na direção oposta, no veículo. Viajaram cerca de 400 m antes de parar junto de David Brown, um homem magro, com cerca de 50 anos, vestindo um traje espacial novo. Ele estava ocupado em dobrar seu pára-quedas para tornar a guardá-lo em uma sacola. O General Borzov desceu e aproximou-se do cientista americano.

— O senhor está bem, Dr. Brown? — perguntou o general, obviamente empenhado em não ter nenhum diálogo preliminar.

Brown acenou com a cabeça, mas não respondeu. — Nesse caso — continuou o General Borzov em tom comedido — talvez pudesse me dizer o que tinha na cabeça ao mandar Yamanaka passar para o manual? Talvez seja melhor discutirmos aqui mesmo, longe da tripulação.

O Dr. David Brown continuou em silêncio.

— O senhor não viu o aviso acender? — continuou Borzov após uma pausa. — Será que levou em conta, ao menos por um momento, que a segurança dos outros cosmonautas poderia ser arriscada pela manobra?

Brown fixou um olhar soturno e aborrecido em Borzov. Quando afinal respondeu, sua fala era incisiva e tensa, traindo a emoção que estava reprimindo.

— Parecia razoável mover o helicóptero um pouquinho para a esquerda. Ainda tínhamos alguma margem e era a única maneira de capturarmos o biota. Nossa missão, afinal, era a de trazer para casa...

— Não preciso que me diga o que seria nossa missão — interrompeu Borzov com paixão. — Lembre-se de que ajudei pessoalmente na elaboração das nossas políticas. E lembre-se ainda de que prioridade número um, *em todas as ocasiões*, é a segurança da tripulação. Principalmente durante essas simulações... Devo dizer que estou absolutamente surpreso diante dessa sua tentativa louca. O helicóptero está danificado, Tabori com equimoses, foi sorte sua ninguém ter morrido.

David Brown estava mais prestando atenção ao General Borzov. Tinha-se virado para continuar a enfiar o pára-quedas em seu invólucro transparente. Pela posição dos ombros e a energia que despendia naquela tarefa rotineira era óbvio que estava muito zangado.

Borzov voltou ao veículo. Após uma espera de vários segundos, ofereceu ao Dr. Brown uma carona até a base. O americano sacudiu a cabeça sem dizer nada, jogou para o ombro o pára-quedas empacotado e saiu andando na direção do helicóptero e do elevador.

### 3. CONFERÊNCIA DE TRIPULAÇÃO

Do lado de fora da sala de reuniões das instalações de treinamento, Janos Tabori estava sentado em uma cadeira sem braço, debaixo de uma bateria de pequenas luzes portáteis, porém poderosas. — A distância do biota simulado era a do limite de alcance do braço mecânico — explicava ele à pequenina câmera que Francesca Sabatini estava segurando. — Por duas vezes, tentei agarrá-lo e fracassei. Então, o Dr. Brown decidiu pôr o helicóptero em manual a fim de levá-lo um pouquinho mais para perto da parede. Fomos apanhados por algum vento...

A porta da sala de conferências abriu-se e um rosto sorridente e vermelhão apareceu. — Estamos todos à sua espera — disse o General O'Toole gentilmente. — Acho que Borzov está ficando um pouco impaciente.

Francesca desligou as luzes e botou a câmera de volta no bolso de seu uniforme de vôo. — Tudo bem, meu herói húngaro — riu-se ela — é melhor pararmos por enquanto. Você sabe como o nosso líder detesta esperar. Ela caminhou até ele e envolveu delicadamente aquele homem pequeno com seus braços, depois deu-lhe uns tapinhas no ombro enfaixado. — Mas estamos realmente muito contentes por você estar bem.

Um belo negro de 40 e poucos anos, que estivera sentado fora do enquadramento da câmera durante a entrevista, tomando notas em um teclado chato e retangular de cerca de 30 cm<sup>2</sup>, entrou na sala atrás de Janos e Francesca. — Quero fazer uma matéria esta semana sobre os novos conceitos de desenho na teleoperação do braço e da luva — sussurrou Reggie Wilson para Tabori enquanto se sentavam. — Eu tenho todo um bando de leitores que acha esse tipo de lixo técnico absolutamente fascinante.

— Alegro-me que os três tenham podido reunir-se a nós — trovejou a voz sarcástica de Borzov do outro lado da mesa. — Estava começando a pensar que uma reunião de tripulação talvez

lhes parecesse uma imposição, uma atividade que interrompesse as tarefas muito mais importantes de relatar nossa falta de sorte ou escrever trabalhos científicos e eruditos — e apontou para Reggie Wilson, cujo onipresente teclado chato estava sobre a mesa, em frente a ele. — Wilson, acredite ou não, o pressuposto é o de que você, primeiro, seja membro desta tripulação, e depois jornalista. Será que ao menos uma vez você podia guardar esse raio dessa coisa e escutar? Eu tenho algumas coisas para dizer e não quero que haja qualquer registro delas.

Wilson retirou o teclado e colocou-o dentro de sua pasta. Borzov levantou-se e caminhou pela sala enquanto falava. A mesa da sala de reuniões da tripulação era um longo oval com cerca de dois metros de diâmetro em seu ponto mais largo. Havia 12 lugares em volta dela, cada um equipado com teclado e monitor de computador embutidos na superfície e cobertos, quando não necessários, por uma placa polida exatamente igual à imitação de madeira do resto da mesa. Como sempre, os outros dois militares da expedição, o almirante europeu Otto Heilmann (herói da participação do Conselho dos Governos na crise de Caracas) e o general americano da força aérea Michael Ryan O'Toole, ficavam um de cada lado de Borzov em um extremo da mesa. Os outros nove integrantes da tripulação Newton não se sentavam sempre nos mesmos lugares, fato que deixava particularmente frustrado o compulsivamente organizado almirante Heilmann e, em grau um pouco menor, seu oficial comandante, Borzov.

As vezes, os "não-profissionais" da tripulação constituíam um bloco em torno do outro extremo da mesa, deixando os "cadetes do espaço", como eram conhecidos os cosmonautas diplomados pela Academia do Espaço, para formar uma espécie de faixa amortecedora no meio. Depois de quase um ano de constante atenção da mídia, o público havia isolado cada integrante da dúzia Newton em um dos três seguintes subgrupos: o *não-prof*, constituído pelos dois cientistas e os dois jornalistas; a *troika* militar; e os cinco cosmonautas que realizavam a maior parte do trabalho especializado durante a missão. No entanto,

particularmente naquele dia, os dois grupos não-militares estavam completamente misturados. Shigeru Takagishi, cientista interdisciplinar japonês, largamente considerado a maior autoridade no mundo sobre a primeira expedição Rama de 70 anos antes (e também autor do *Atlas de Rama*, leitura obrigatória de toda a tripulação), estava sentado no meio do oval, entre a piloto soviética Irina Turgenyev e o cosmonauta/engenheiro eletricista britânico Richard Wakefield. Em frente a eles estavam a oficial de ciências da vida Nicole des Jardins, uma estatuésca mulher marrom-cobre de complexa linhagem franco-africana, o tranqüilo e quase mecânico piloto japonês Yamanaka e a estonteante *signora* Sabatini. Os últimos três lugares na ponta "sul" da mesa, de frente para os grandes mapas e diagramas de Rama na parede oposta, estavam ocupados pelo jornalista americano Wilson, o loquaz Tabori (um cosmonauta soviético de Budapeste) e o Dr. David Brown. Brown revelava uma aparência muito objetiva e séria e, à sua frente, no início do encontro, estava uma pilha de papéis cuidadosamente dispostos.

— Parece-me inconcebível — dizia Borzov enquanto fazia sua resoluta caminhada pela sala — que qualquer um dos presentes pudesse esquecer, sequer por um momento, que foram selecionados para participar do que pode vir a ser a mais importante missão humana de todos os tempos. Porém, com base neste último conjunto de simulações, devo confessar que começo a nutrir dúvidas quanto a alguns dos senhores.

— Há os que acreditam que esta nave Rama será uma cópia de sua predecessora — continuou Borzov — e que ela se mostrará igualmente desinteressada e decidida a não se envolver com quaisquer insignificantes criaturas que a queiram examinar. Admito, por certo, que ela parece ter o mesmo tamanho e configuração, com base nos dados do radar que vimos processando nos últimos três anos. Entretanto, mesmo que ela se revele apenas uma outra nave morta construída por alienígenas que desapareceram há milhares de anos, esta missão ainda assim será a mais importante

de nossas vidas. E creio que ela exigiria, de cada um, o melhor de seus esforços.

O general soviético parou para pensar. Janos Tabori começou a fazer uma pergunta, mas Borzov interrompeu-o e retomou seu monólogo. — Nosso desempenho como equipe, neste último conjunto de exercícios de treinamento, foi absolutamente abominável. Alguns dos senhores foram notáveis — todos sabem quais são — mas outros se comportaram como se não tivessem a menor idéia dos objetivos da missão. Estou convencido de que dois ou três sequer leram os procedimentos relevantes ou as listas protocolares do início do exercício. Admito que há ocasiões em que são entediantes, porém todos os senhores *concordaram*, quando aceitaram suas indicações há dez meses, em aprender os procedimentos e seguir os protocolos e políticas do projeto. Até mesmo aqueles dentre os senhores sem experiência prévia de vôo.

Borzov parou em frente a um dos grandes mapas na parede, que era uma ampliação de um canto da cidade de "Nova York" dentro da primeira espaçonave Rama. A área de edifícios finos e altos, lembrando a silhueta dos arranha-céus de Manhattan, todos apertados em uma ilha no meio do mar Cilíndrico, fora parcialmente mapeada durante o encontro humano anterior. — Em seis semanas, temos um encontro marcado com um veículo espacial desconhecido, que talvez contenha uma cidade como esta, e toda a humanidade vai depender de nós para representá-la. Não temos como saber o que iremos encontrar. O conhecimento de nossos procedimentos do pré-planejamento tem de ser perfeito a automático, a fim de que nossos cérebros fiquem livres para lidar com quaisquer condições que venhamos a encontrar.

O comandante sentou-se à cabeceira da mesa. — O exercício de hoje foi um desastre quase completo. Poderíamos facilmente ter perdido três membros ilustres de nosso time, bem como um dos helicópteros mais caros jamais construídos. Quero lembrar a todos, ainda uma vez, as prioridades desta missão, conforme o acordo feito com a Agência Internacional do Espaço e o Conselho dos

Governos. A primeira prioridade é a segurança das tripulações. A segunda é a análise e/ou a identificação de qualquer ameaça, se existir, para a população humana do planeta Terra — Borzov estava agora olhando diretamente para Brown, no outro lado da mesa, que devolveu o desafiador olhar do comandante com seu peculiar olhar pétreo. — Só depois dessas duas prioridades serem atendidas e a nave Rama ser julgada livre de perigo é que a captura de um ou mais biotas pode ter qualquer significação.

— Eu gostaria de lembrar ao General Barzov — disse David Brown quase imediatamente, com sua voz sonora — que alguns de nós não acreditamos que as prioridades devam ser cegamente aplicadas de forma serial. A importância dos biotas para a comunidade científica não pode ser superestimada. Como já disse repetidamente, tanto em reuniões de cosmonautas quanto em muitas de minhas aparições em noticiários de tevê, se esta segunda nave Rama for exatamente igual à primeira — o que significa que ela ignorará completamente nossa presença — e procedermos tão devagar a ponto de deixarmos de capturar sequer um único biota antes de termos de abandonar a nave alienígena e retornar à Terra, então essa oportunidade absolutamente única para a ciência terá sido sacrificada para mitigar a angústia coletiva dos políticos deste mundo.

Borzov começou a responder, mas o Dr. Brown levantou-se e fez um enfático gesto com as mãos. — Não, não, o senhor tem de me ouvir. Em essência, o senhor me acusou de incompetência em minha condução dos exercícios de hoje e eu tenho o direito de responder — ele agarrou uma folha impressa por um computador e sacudiu-a na direção de Borzov. — Aqui estão as condições iniciais da simulação de hoje, tais como foram divulgadas e definidas pelos *seus* engenheiros. Deixe-me refrescar sua memória sobre alguns dos pontos principais, no caso de os haver esquecido. Condições de Antecedentes — 1: A missão está perto do fim e já foi firmemente estabelecido que Rama II é totalmente passiva e não representa qualquer perigo para o planeta Terra. Condições de Antecedentes —

2: Durante a expedição, os biotas só tinham sido vistos esporadicamente, jamais em grupos.

David Brown viu pela linguagem corporal do resto da tripulação que sua argumentação começara bem. Ele tomou fôlego e continuou:

— Eu supus, depois da leitura dessas condições, que este exercício em particular poderia representar a última oportunidade de se capturar um biota. Durante o teste, fiquei pensando o que significaria se pudéssemos trazer um ou mais deles de volta à Terra; em toda a história da humanidade, o único contato absolutamente certo com uma cultura extraterrestre teve lugar em 2130, quando nossos cosmonautas abordaram a primeira espaçonave Rama.

— No entanto, os benefícios científicos a longo prazo vindos daquele encontro foram menores do que poderiam ter sido. Concordo que temos pilhas de dados de sondagem remota daquela primeira investigação, inclusive informações da dissecação detalhada do biota-aranha feita pela Dra. Laura Ernst. Contudo os cosmonautas só trouxeram para casa um único artefato,, um pedacinho mínimo de alguma espécie de flor bioquímica cujas características físicas já haviam sido irreversivelmente mudadas antes que qualquer de seus mistérios pudesse ser compreendido. Não temos nenhuma outra lembrança daquela primeira excursão. Nem cinzeiros, nem copos, sequer um transistor de alguma peça de equipamento que nos pudesse ensinar alguma coisa sobre a engenharia ramaiana. Agora vamos ter uma segunda oportunidade.

O Dr. Brown olhou para o teto circular que ficava acima dele. Sua voz vinha com grande força. — Se pudéssemos, de algum modo, encontrar e trazer de volta à Terra dois ou três biotas diferentes, se pudéssemos analisar tais criaturas para abrir a chave de seus segredos, então esta missão seria, sem dúvida, o mais importante acontecimento histórico de todos os tempos, pois se compreendermos a fundo a mentalidade da engenharia dos

ramaianos, conseguiremos, de forma real, estabelecer um primeiro contato.

Até Borzov ficou impressionado. Como em muitas outras ocasiões, David Brown usara sua eloqüência para transformar uma derrota em vitória parcial. O general soviético resolveu mudar de tática. — Mesmo assim — disse Borzov em tom comedido durante a pausa da retórica de Brown — não podemos jamais esquecer que vidas humanas estão em jogo nesta missão e que não devemos fazer nada que possa pôr em perigo a sua segurança. — Ele correu os olhos em torno da mesa pelo resto da tripulação. — Eu quero trazer de volta biotas e outras amostras de Rama tanto quanto qualquer um dos senhores — continuou — mas devo confessar que essa alegre idéia de que a segunda nave será exatamente igual à primeira me deixa muito perturbado. Que provas temos nós, a partir do primeiro encontro com os ramaianos, ou seja lá quem eles sejam, de que são benévolos? Nenhuma. Poderia ser perigoso capturar um biota cedo demais.

— Mas não há meio de sabermos disso com certeza, comandante, de um modo ou de outro — Richard Wakefield falou do lado da mesa, entre Borzov e Brown. — Mesmo que verifiquemos que esta espaçonave é exatamente igual à primeira, continuamos sem informações a respeito do que possa acontecer a partir do momento em que fizermos algum esforço concentrado para capturar um biota. Quer dizer, suponha por um momento que o Dr. Brown esteja com a razão, que as duas naves são apenas robôs super sofisticados construídos há milhões de anos pela engenharia de uma raça desaparecida do lado oposto da galáxia. Como poderemos predizer que espécie de subrotinas poderiam estar programadas nesses biotas para que enfrentem atos hostis? E se os biotas forem partes integrais, de algum modo que ainda não tenhamos sido capazes de discernir, da operação fundamental da nave? Em tal caso seria natural, mesmo que sejam máquinas, que fossem programados para se defender. E é concebível que o que poderia de início parecer um ato hostil de nossa parte fosse o gatilho de alterações radicais do modo pelo qual toda a nave

funciona. Lembro-me de ter lido a respeito do aterrissador robô que caiu no mar de etano de Titã em 2012 — ele armazenava seqüências completamente diferentes, dependendo do que...

— Parem — Janos Tabori interrompeu com um sorriso amigável. — O recôndito passado dos primórdios da exploração robótica do sistema solar não está na agenda da autópsia do exercício de hoje — ele olhou para Borzov, na ponta da mesa. — Comandante, meu ombro está doendo, meu estômago está vazio e toda a excitação do exercício de hoje me deixou exausto. Tudo o que foi dito aqui é maravilhoso, mas se não houver nada de mais específico a ser tratado, seria contra a etiqueta que esta reunião acabasse logo para que nós tivéssemos, ao menos uma vez, tempo para arrumar nossas malas?

O Almirante Heilmann inclinou-se para a frente. — Cosmonauta Tabori, o General Borzov é o encarregado das reuniões da tripulação. Cabe a ele determinar...

O comandante soviético sacudiu o braço na direção de Heilmann. — Chega, Otto. Creio que Janos está certo. Além de ter sido um dia longo, foi o final de outros 17 extremamente ocupados por todo tipo de atividade. A conversa sairá melhor quando todos estivermos mais refrescados.

Borzov levantou-se. — Tudo bem, vamos parar por agora. O vôo para o aeroporto será logo após o jantar — a tripulação começou a se preparar para sair. — Durante seu breve período de repouso — disse Borzov como se só tivesse pensado nisso agora — quero que todos pensem sobre o ponto em que nos encontramos no organograma. Só nos restam mais duas semanas para simulações aqui no centro de treinamento, antes da pausa para as festividades de fim de ano. Logo depois, começaremos as atividades intensivas de pré-lançamento. O novo conjunto de exercícios é nossa última oportunidade de acertar. Espero que todos voltem perfeitamente preparados para o resto do trabalho — e convencidos quanto à importância desta missão.

## 4. O GRANDE CAOS

A intrusão da primeira espaçonave ramaiana no interior do sistema solar, no início de 2130, causara forte impacto na história humana. Embora não houvesse mudanças imediatas na vida cotidiana depois de a tripulação chefiada pelo Comandante Norton retornar de seu encontro com Rama I, a prova clara e incontestável de que uma inteligência amplamente superior existia (ou, pelo menos, existira) em algum outro ponto do universo obrigou ao repensamento do lugar do *Homo sapiens* no sistema geral do cosmos. Tornou-se então aparente que outros produtos químicos, sem dúvida também fabricados nos grandes cataclismas estelares dos céus, haviam evoluído até a conscientização em algum outro lugar, em algum tempo. Quem seriam esses ramaianos? Por que eles teriam construído uma sofisticada e gigantesca espaçonave, enviando-a para uma excursão em nossa vizinhança? Tanto em conversas públicas quanto particulares, os ramaianos foram o assunto de maior interesse durante muitos meses.

Durante mais de um ano a humanidade esperou, mais ou menos pacientemente, por outro sinal da presença dos ramaianos no universo. Intensas investigações telescópicas foram realizadas em todos os comprimentos de onda, para ver se alguma outra informação associada à espaçonave que se afastava podia ser identificada. Nada foi encontrado. Os céus estavam tranqüilos. Os ramaianos estavam partindo com a mesma velocidade com que haviam chegado.

Uma vez que Excalibur ficara operacional e sua busca inicial pelos céus não descobrira nada de novo, houve mudança notável na atitude humana coletiva em relação àquele primeiro contato com Rama. Do dia para a noite, o encontro virou um acontecimento histórico, alguma coisa que *tinha acontecido*, mas que estava terminada. O teor dos artigos de jornais e revistas, que antes começavam com frases como "quando os ramaianos voltarem... ", transformaram-se em "se jamais houver outro encontro com as

criaturas que construíram a imensa espaçonave em 2130... " O que antes fora sentido como uma ameaça, de alguma forma uma ligação com comportamentos humanos futuros, foi rapidamente reduzido a uma curiosidade histórica. Não havia mais urgência de se lidar com questões fundamentais como a volta dos ramaianos ou o destino da raça humana em um universo populado por criaturas inteligentes. A humanidade relaxou, ao menos temporariamente. E depois explodiu em um paroxismo de comportamento narcisístico que, por comparação, eclipsou todo o período histórico anterior de egoísmo individualista.

A onda de desabrida auto indulgência em escala global era fácil de compreender. Algo fundamental na psique humana mudara como resultado do encontro com Rama I. Antes daquele contato, a humanidade pairava sozinha como único exemplo conhecido de inteligência avançada no universo. A idéia de que os humanos, como grupo, podiam controlar seu destino por um longo período futuro fora significativa em quase todas as filosofias de vida. O fato de que os ramaianos existiam (ou haviam existido; com qualquer tempo de verbo, a lógica filosófica chegava à mesma conclusão) mudava tudo. A humanidade não era única, talvez não fosse sequer especial. Era apenas uma questão de tempo antes que o conhecido conceito homocêntrico do universo, que era o dominante, fosse destroçado de forma irrevogável por uma consciência mais clara dos Outros. Assim ficava fácil compreender por que os esquemas de vida da maioria dos seres humanos repentinamente derivaram para a auto-gratificação, lembrando os estudiosos de literatura de um momento semelhante quase que exatamente cinco séculos antes, quando Robert Herrick exortara as virgens a aproveitar ao máximo seu tempo fugaz em um poema que começava: "Colham botões de rosa enquanto podem; o Velho Tempo continua a correr... "

Uma explosão descontrolada de conspícuo consumismo e ganância global durou exatamente quase dois anos. A aquisição frenética de tudo o que a mente humana conseguia criar caiu em cima de uma infra-estrutura econômica fraca que já estava pronta para uma curva descendente no início de 2130, quando a primeira

espaçonave ramaiana voou através do interior do sistema solar. A recessão que espreitava fora adiada ao longo de 2130 e 2131 pelos esforços manipulativos combinados de governos e instituições financeiras, embora as fragilidades econômicas básicas não fossem jamais enfrentadas. Com a renovada explosão comprista no começo de 2132, o mundo saltou rapidamente para outro período de crescimento rápido. A capacidade de produção foi ampliada, as bolsas explodiram, e tanto a confiança do consumidor quanto o pleno emprego atingiram níveis jamais iguados. Houve uma prosperidade sem precedentes e o resultado concreto foi uma melhoria de pouca duração, porém significativa, na qualidade de vida da maioria dos humanos.

No final de 2133 tornara-se óbvio para alguns dos observadores mais experientes da história humana que o "*boom* ramaiano" estava conduzindo a humanidade para um desastre. Lúgubres advertências de uma catástrofe econômica que se aproximava começaram a ser ouvidas acima da gritaria eufórica dos milhões que ainda recentemente haviam saltado para as classes média e alta. Sugestões para orçamentos equilibrados e limite de crédito em todos os níveis da economia foram ignoradas. Ao invés, foram feitos grandes esforços criativos no sentido de se encontrar algum modo de colocar mais poder aquisitivo nas mãos de uma população que esquecera como dizer "espere" ou, muito menos ainda, "não".

A bolsa de valores global começou a ratear em janeiro de 2134 e foram feitas previsões de um craque iminente. Mas, para a maioria dos humanos espalhados pela Terra ou pelas colônias que salpicavam o sistema solar, a própria idéia de um tal craque ficava além da compreensão. Afinal, a economia mundial vinha se expandindo havia nove anos, e, nos dois últimos, em ritmo sem paralelo nos dois séculos anteriores. Os líderes mundiais insistiam que finalmente haviam encontrado os mecanismos realmente capazes de impedir as espirais descendentes dos ciclos capitalistas. E o povo acreditou neles — até os primeiros dias de maio de 2134.

Durante os três primeiros meses do ano, as bolsas globais começaram a baixar inexoravelmente, a princípio devagar, depois em quedas significativas. Muita gente, refletindo a atitude supersticiosa em relação à visita de cometas que já prevalecia há dois mil anos, de algum modo associou as dificuldades das bolsas ao retorno do cometa de Halley. Seu aparecimento, que começou em março, resultou muito mais brilhante do que se esperava. Durante semanas, cientistas do mundo inteiro competiram no oferecimento de explicações para ele parecer tão mais brilhante do que fora previsto. Depois que ele passou o periélio no final de março e começou a aparecer no céu do crepúsculo em meados de abril, sua imensa cauda dominou o céu.

Em contraste, os assuntos terrenos começaram a ser dominados por uma emergente crise econômica mundial. A 1º de maio de 2134, três dos maiores bancos internacionais anunciaram sua insolvência, conseqüência de maus empréstimos. Em dois dias, o pânico já se espalhara pelo mundo. Mais de um bilhão de terminais domésticos com acesso aos mercados financeiros mundiais foram utilizados para desovar carteiras individuais de ações e outros papéis. A carga de comunicações no Sistema de Rede Global era imensa. As máquinas SRG de transferência de dados foram sobrecarregadas muito além de suas capacidades ou especificações técnicas. Primeiro, o engarrafamento de dados atrasava transações por minutos, depois por horas, contribuindo para o agravamento do ímpeto do pânico.

Ao final de uma semana, duas coisas haviam ficado nítidas: mais da metade do valor das ações do mundo fora obliterada e muitos indivíduos, tanto grandes investidores quanto pequenos, haviam usado ao máximo suas opções de crédito e estavam, agora, virtualmente sem vintém. As bases de dados de apoio, que mantinham o controle de contas bancárias individuais e, automaticamente, transferiam dinheiro para cobrir pedidos de reservas, estavam transmitindo mensagens catastróficas em quase 20% das casas do mundo.

Na verdade, entretanto, a situação era muito pior. Apenas uma pequena porcentagem das transações estava efetivamente sendo passada pelos computadores de apoio, porque os valores dos dados em todas as direções haviam ultrapassado demasiadamente qualquer coisa prevista. Em linguagem de computador, todo o sistema financeiro global entrara no "deslize cíclico". Bilhões e bilhões de transferências de prioridade mais baixa foram "adiadas" pelos computadores da Rede enquanto as tarefas de alta prioridade eram atendidas primeiro.

O resultado líquido desses atrasos de dados foi que na maioria dos casos de contas bancárias eletrônicas individuais não foram adequadamente debitadas por horas, ou até mesmo dias, para cobrir as crescentes perdas nas bolsas. Uma vez que os investidores individuais perceberam o que estava acontecendo, eles correram para gastar o que ainda aparecia em seus saldos antes de os computadores completarem todas as transações. Quando finalmente os governos e as instituições financeiras compreenderam integralmente o que estava acontecendo e agiram com o objetivo de interromper aquela atividade frenética, era tarde demais. O confuso sistema entrara em colapso total. Reconstituir o que acontecera exigiria abrir e verificar, página por página, os arquivos de controle de apoio guardados em mais de 100 pontos distantes pelo mundo afora.

Durante mais de três semanas, o sistema de administração financeira eletrônica que geria todas as transações monetárias ficou inacessível para todo mundo. Ninguém sabia quanto dinheiro tinha. Como o dinheiro vivo se tornara obsoleto há muito tempo, só os excêntricos e os colecionadores tinham papel moeda suficiente para comprar comida para uma semana. As pessoas começaram a barganhar o necessário. Compromissos baseados em amizade e conhecimento pessoal permitiram a muitos a sobrevivência temporária. Mas o sofrimento mal havia começado. Cada vez que a organização internacional de administração que supervisionava o sistema financeiro global anunciava que ia tentar ficar novamente *on-line* e pedia a todos que se afastassem de seus terminais,

"exceto em caso de emergência", seus apelos eram ignorados, pedidos de processamento inundavam o sistema e os computadores quebravam de novo.

Passaram-se apenas mais duas semanas antes que os cientistas do mundo concordassem quanto à explicação do brilho adicional na aparição do cometa de Halley. Mas passaram-se mais de quatro meses antes que alguém pudesse novamente contar com informações confiáveis de bases de dados, da SRG. O custo para a sociedade humana da resistência desse caos foi incalculável. Quando a atividade econômica eletrônica normal foi restaurada, o mundo estava em violenta e descendente espiral financeira que não atingiria sua estabilização de plano mais baixo senão 12 anos mais tarde. Iriam transcorrer bem mais de 50 anos antes que o Produto Mundial Bruto voltasse aos píncaros atingidos antes do Craque de 2134.

## 5. DEPOIS DO CRAQUE

Há total unanimidade na opinião de que o Grande Caos alterou profundamente todos os aspectos da civilização humana. Nenhum segmento da sociedade ficou imune a ele. O catalisador do colapso relativamente rápido das instituições sociais existentes foi o craque da bolsa e o subsequente desmoronamento do sistema financeiro global; no entanto, tais acontecimentos não teriam sido suficientes, por si sós, para atirar o mundo naquele período de depressão sem precedentes. O que se seguiu ao craque inicial permaneceria apenas uma comédia de erros se tantas vidas não tivessem sido perdidas como resultado do mau planejamento econômico. Líderes políticos ineptos, no mundo inteiro, a princípio negaram ou ignoraram os problemas econômicos existentes, depois super-reagiram com uma série de medidas individuais que eram desconcertantes e/ou incoerentes, para finalmente levantar os braços em desespero, à medida que a crise global se aprofundava e se ampliava. Toda tentativa de se coordenarem soluções internacionais estava condenada ao fracasso pela crescente necessidade de cada nação soberana atender a seu próprio eleitorado.

Com essa percepção tardia dos fatos, ficava óbvio que a internacionalização do mundo, que ocorrera durante o século XXI, tivera pelo menos um defeito significativo. Embora muitas atividades — comunicações, comércio, transporte (inclusive o espacial), regulamentação de moeda, manutenção da paz, troca de informações e proteção ambiental (até mesmo a interplanetária, levando-se em conta as colônias espaciais) — tivessem se tornado internacionais, a maior parte dos acordos que estabeleciam tais instituições internacionais continha aditamentos que permitiam às nações, individualmente, se afastarem, com aviso prévio relativamente curto, se as políticas promulgadas sob tais acordos "não mais servissem os interesses" do país em questão. Em poucas palavras, cada uma das nações participantes da criação de um

organismo internacional tinha o direito de revogar seu envolvimento internacional unilateralmente, quando não estivesse mais satisfeita com as ações do grupo.

Os anos que precederam o encontro com a primeira espaçonave ramaiana, no início de 2130, foram uma época excepcionalmente estável e próspera. Depois que o mundo se recuperara do devastador impacto planetário perto de Pádua, na Itália, em 2077, houve todo um meio século de crescimento moderado. A não ser por algumas breves recessões econômicas, não muito graves, as condições de vida melhoraram em um largo espectro de países ao longo desse período. Guerras isoladas e distúrbios civis irrompiam de tempos em tempos, principalmente nas nações subdesenvolvidas, porém os esforços coordenados das forças globais de manutenção da paz estancavam tais problemas antes que se tornassem graves. Não houve nenhuma crise de maiores proporções que testasse a estabilidade dos novos mecanismos internacionais.

Logo após o encontro com Rama I, no entanto, aconteceram rápidas mudanças no aparato básico de governo. Em primeiro lugar, a dotação de verbas de emergência para administrar Excalibur e outros projetos relacionados com Rama esgotou o que estava consignado para programas já consagrados. Depois, a partir de 2132, um vociferante clamor em favor da diminuição de impostos, para deixar mais dinheiro em mãos individuais, reduziu ainda mais o orçamento de serviços necessários. No final de 2133, a maior parte dos organismos internacionais mais recentes estava com déficit de funcionários e já ineficientes. Desse modo, o craque da bolsa global aconteceu em um ambiente no qual já eram crescentes as dúvidas do povo em relação à eficácia de toda a rede de organismos internacionais. Com a continuação do caos financeiro, foi um passo fácil até as nações pararem de contribuir para os fundos e organizações globais capazes de alterar a maré da catástrofe, se utilizados adequadamente, mas que foram os primeiros a serem viciados pela miopia dos líderes políticos.

Os horrores do Grande Caos já foram narrados em milhares de textos de história. Nos primeiros dois anos, os principais problemas foram a subida vertiginosa do desemprego e das falências, pessoais, e de firmas, porém tais dificuldades financeiras não pareciam importantes ante as crescentes filas dos sem teto e dos famintos. Comunidades de tendas ou caixotes apareceram nos parques públicos de todas as grandes cidades no inverno de 2136-37 e os governos municipais reagiram, lutando bravamente para encontrar meios de levar a elas seus serviços. Tais serviços tinham o objetivo de circunscrever as dificuldades criadas pela presença supostamente temporária daquelas massas de indivíduos sub-empregados e sub-alimentados. Mas, como a economia não se recuperou, aqueles esqualidos acampamentos não desapareceram. Em vez disso, transformaram-se em um aspecto permanente da vida urbana, cânceres crescentes que formavam mundos independentes, com todo um conjunto de atividades e interesses fundamentalmente diferentes dos das cidades que os abrigavam e sustentavam. Com a passagem do tempo, essas comunidades faveladas transformaram-se em caldeirões de desespero, sem esperanças e inquietos, e esses novos quistos encravados no meio de áreas metropolitanas ameaçavam transbordar e destruir as próprias estruturas que permitiam sua existência. Apesar da preocupação por tal permanente espada de Dâmocles de anarquia urbana, o mundo conseguiu se arrastar através do inverno de 2137-38 com a estrutura básica da civilização moderna ainda mais ou menos intacta.

No início de 2138, uma notável série de acontecimentos ocorreu na Itália. Tais acontecimentos tiveram como foco um único indivíduo chamado Miguel Balatresi, um jovem noviço franciscano que mais tarde tornou-se conhecido como São Miguel de Siena, ocupando boa parte da atenção do mundo e impedindo temporariamente a desintegração da sociedade. Miguel era uma brilhante combinação de gênio, espiritualidade e habilidade política, um poliglota carismático, orador com sentido infalível de objeto e momento. Ele apareceu repentinamente no palco do mundo na

Toscana, aparentemente vindo de lugar nenhum, com uma apaixonada mensagem religiosa que tocava os corações e a mente de muitos dos cidadãos do mundo assustados ou politicamente prejudicados. Seus seguidores aumentaram rápida e espontaneamente, e não davam a menor atenção às fronteiras nacionais. Ele se transformou em ameaça potencial a quase todas as lideranças sectárias já conhecidas, com sua inabalável conclamação a uma reação coletiva aos problemas que perturbavam a espécie. Ao ser martirizado em circunstâncias aterradoras em junho de 2138, a última fagulha de otimismo da humanidade pareceu perecer. O mundo civilizado, que vinha sendo mantido em pé fazia muitos meses por uma bruxuleante esperança e um fiapo de tradição, repentinamente desmoronou.

Os quatro anos entre 2138 e 2142 não foram bons de se viver. A ladainha dos sofrimentos humanos era praticamente sem fim. Fome, doença e ilegalidade estavam por toda parte. As pequenas guerras e revoluções eram numerosas demais para serem computadas. Houve uma degradação quase total das instituições-padrão da civilização moderna, o que criou uma vida fantasmagórica para todo o mundo, com a exceção de uns poucos privilegiados em seus esconderijos protegidos. Tentativas de solucionar os problemas foram feitas por grupos de cidadãos bem-intencionados, mas as soluções concebidas eram apenas locais, e os problemas eram globais.

O Grande Caos estendeu-se igualmente pelas colônias humanas no espaço, provocando o fim de um glorioso capítulo da história das explorações. À proporção que o desastre econômico se espalhava pelo planeta-mãe, as colônias salpicadas ao redor do sistema solar, que não podiam existir sem injeções regulares de dinheiro, suprimentos e pessoal, logo se transformaram em enteadas rejeitadas da Terra. Como resultado, quase metade dos residentes das colônias já as abandonara a fim de voltar para casa, por volta de 2140, pois as condições de vida em seus lares adotivos deterioraram-se a tal ponto que até mesmo a dupla dificuldade de readaptação à gravidade da Terra e a terrível pobreza pelo mundo

afora eram preferíveis à permanência continuada, provavelmente só para morrer, nas colônias. O processo emigratório acelerou-se em 2141 e 2142, anos caracterizados por falhas mecânicas nos ecossistemas artificiais nas colônias e pelo começo de desastrosa escassez de peças de reposição para toda a frota de veículos-robôs usados para apoiar os novos povoamentos.

Na altura de 2143 só restavam na Lua e em Marte os mais convictos colonizadores. As comunicações entre a Terra e as colônias tornaram-se intermitentes e caprichosas. As verbas para a manutenção até mesmo das ligações via rádio com os povoados circunvizinhos não existiam mais. Não existia mais nenhum foro inteiramente humano dedicado aos problemas da espécie; o Conselho dos Governos só viria a ser formado cinco anos mais tarde. As duas colônias remanescentes lutaram em vão para não morrer.

No ano seguinte, 2144, ocorreu a última missão tripulada significativa daquele tempo. A missão era uma investida de salvamento pilotada por uma mexicana chamada Benita Garcia. Usando uma espaçonave de sucata, improvisada com peças velhas, a Sra. Garcia e sua tripulação de três homens de algum modo conseguiram alcançar a órbita geossíncrona do defeituoso cruzador *James Martin*, último veículo de transporte interplanetário ainda em serviço, e salvou 24 pessoas de uma leva de 100 mulheres e crianças que estavam sendo repatriadas de Marte. Na mente de todo historiador do espaço, o salvamento dos passageiros do *James Martin* marcava o fim de uma era. Dentro de mais seis meses, as últimas estações espaciais que ainda sobravam foram abandonadas e nenhum ser humano tornou a decolar da Terra em direção a alguma órbita, por mais 40 anos.

Na altura de 2145, esse mundo que lutava para sobreviver já conseguira compreender a importância de algumas das organizações internacionais negligenciadas e caluniadas no início do Grande Caos. Os integrantes mais talentosos da humanidade, depois de haverem repudiado qualquer comprometimento político

durante as benéficas primeiras décadas do século, começaram a compreender que seria só por meio da unificação de suas capacidades que qualquer simulacro de vida civilizada poderia jamais ser restaurado. A princípio, os monumentais esforços cooperativos alcançaram sucesso apenas moderado; todavia serviu para reacender o otimismo fundamental do espírito humano e detonou o processo de renovação. Lenta, muito lentamente, os elementos da civilização humana foram recolocados em seus devidos lugares.

Foram necessários ainda mais dois anos antes que a recuperação geral finalmente aparecesse nas estatísticas econômicas. Em 2147, o Produto Mundial Bruto caíra para 7% de seu nível de seis anos antes. O desemprego nas nações desenvolvidas girava em torno de 35%, e, em algumas nações subdesenvolvidas, a soma de desemprego e sub-emprego chegava a 90% da população. Calcula-se que nada menos que 100 milhões de pessoas morreram de fome só no fatídico ano de 2142, quando uma vasta seca e sua fome concomitante cingiram o mundo nas regiões tropicais. A combinação de um índice astronômico de mortes em função de inúmeras causas, com um índice diminuto de nascimentos (pois quem haveria de querer trazer um filho para este mundo sem esperanças?) fez com que a população do mundo estivesse diminuída em quase um bilhão, na década que terminou em 2150.

A experiência do Grande Caos deixou uma marca permanente em toda uma geração. Ao mesmo tempo que os anos se passavam, e as crianças nascidas depois de seu término atingiram a adolescência, estas se viram confrontadas por pais cuja cautela já tinha um nível de fobia. A vida do adolescente na década de 2160 e até mesmo na de 2170 era muito controlada. A lembrança dos terríveis traumas de sua juventude durante o Caos assombrava a geração adulta e a levava a ser extremamente rígida em sua aplicação de disciplina paterna. Para eles, a vida não era um passeio alegre em um parque de diversões; era algo de muito sério, e só por intermédio de uma mistura de valores sólidos, autocontrole

e inabalável comprometimento com objetivos meritórios é que se podia ter alguma possibilidade de alcançar a felicidade.

A sociedade que nasceu nos anos 2170, portanto, era dramaticamente diversa do irresponsável *laissez-faire* de 50 anos antes. Muitas instituições antiqüíssimas, entre elas a cidade-estado, a Igreja Católica e a monarquia britânica, experimentaram certo renascimento no meio século intermédio. Essas instituições prosperaram porque se adaptaram rapidamente e assumiram posições de liderança na reestruturação que se seguiu ao Caos.

No final da década de 2170, quando alguma aparência de estabilidade já voltara ao planeta, o interesse pelo espaço começou a reaparecer. Uma nova geração de satélites de observação e comunicação foi lançada pela restaurada Agência Internacional do Espaço, um dos braços administrativos do Conselho dos Governos. A princípio, a atividade espacial foi cautelosa, os orçamentos da AIE eram pequenos; somente nações desenvolvidas participavam ativamente. Quando os vôos tripulados recomeçaram e alcançaram sucesso, um programa de missões foi planejado para a década de 2190. Uma Nova Academia Espacial para treinar cosmonautas para tais missões foi aberta em 2188 e produziu seus primeiros graduados quatro anos mais tarde.

Na Terra, o crescimento foi penosamente lento, mas regular e previsível, durante os 20 anos que antecederam a descoberta da segunda espaçonave Rama em 2196. Do ponto de vista tecnológico, a humanidade estava aproximadamente no mesmo nível geral de desenvolvimento, em 2196, que conhecera 70 anos antes, quando a primeira nave extraterrestre aparecera. A experiência recente de vôos espaciais era, sem dúvida, muito menor à época do segundo encontro; no entanto, em certas áreas técnicas críticas, tais como medicina e administração de informações, a sociedade humana da última década estava bem mais avançada do que estivera em 2130. E em um outro de seus componentes, as civilizações encontradas pelas duas espaçonaves Rama eram marcadamente diversas — muitos dos seres humanos vivos em 2196, particularmente os mais

velhos que ocupavam posições determinantes da estrutura de governo, vivenciaram pelo menos alguns dos dolorosíssimos anos do Grande Caos. Sabiam o que significava a palavra medo. E essa poderosa palavra moldou suas deliberações, quando tiveram de debater as prioridades que haveriam de guiar a missão humana destinada a se encontrar com Rama II.

## 6. A *SIGNORA* SABATINI

— Então você estava fazendo seu doutoramento em física na USM quando seu marido fez sua famosa previsão sobre a supernova 2191a?

Elaine estava sentada em uma poltrona grande e macia em sua sala de estar. Vestia um austero e assexuado terno marrom, com uma blusa de gola alta. Parecia tensa e angustiada, como se já estivesse pronta para o final da entrevista.

— Estava no meu segundo ano e David foi meu orientador de tese — disse ela cuidadosamente, lançando um olhar furtivo para o marido. Ele estava do outro lado sala, olhando os acontecimentos por trás da câmera. — David trabalhava em estreita colaboração com seus alunos de pós-graduação. Todo mundo sabia disso. Foi uma das razões pelas quais eu escolhi a USM para meu doutoramento.

Francesca Sabatini estava linda. Seu cabelo louro caía livremente sobre os ombros. Usava uma blusa cara de seda branca, completada por um lenço azul-rei cuidadosamente dobrado em torno do pescoço. Sua pantalonera era da mesma cor do lenço. Ela estava sentada em outra cadeira, ao lado de Elaine, e xícaras de café estavam sobre a mesinha entre elas.

— O Dr. Brown era casado naquela época, não era? Quero dizer, na época em que foi orientador.

Elaine enrubesceu perceptivelmente enquanto Francesca terminava a pergunta. A jornalista italiana continuava a sorrir para ela, um sorriso de encantadora simpatia, como se a pergunta que acabara de fazer fosse tão simples e sem problemas quanto dois mais dois. A sra. Brown hesitou, respirou fundo e depois gaguejou ligeiramente ao dar sua resposta. — A princípio, sim, creio que ainda era — respondeu. — Porém, o divórcio já era definitivo antes de eu terminar — ela parou novamente, depois seu rosto iluminou-

se. — Ele me deu um anel de noivado de presente de formatura — acrescentou meio sem jeito.

Francesca Sabatini estudou sua entrevistada. Nada mais fácil do que fazê-la em pedaços com essa resposta, pensou rapidamente. Só com mais umas duas perguntas. Mas não é isso o que me interessa.

— Ok, corta — disse Francesca repentinamente. — Está pronto. Vamos dar uma olhada e depois podem levar o equipamento de volta para o caminhão — o câmara principal foi até a câmara-robô 1, que fora programada para ficar em *close* em Francesca, e apertou três comandos do teclado miniatura que ficava de um lado da câmara. Nesse meio-tempo, como Elaine se levantara de sua cadeira, a câmara-robô 2 estava se afastando automaticamente em seu tripé e retraindo sua lente *zoom*. Um outro operador de câmara fez um gesto para que Elaine parasse até ele poder desligar o segundo aparelho.

Em poucos segundos o diretor já havia programado o monitor para que mostrasse os últimos cinco minutos da entrevista. O material das três câmeras era mostrado simultaneamente, com a tela dividida, com a imagem composta de Francesca e Elaine ocupando o centro do monitor e os dois teipes de *close-ups* passando a cada lado. Francesca era uma profissional de primeira linha, e foi capaz de saber em um instante que já tinha todo o material que precisava para aquele segmento do programa. Elaine, a mulher do Dr. David Brown, era jovem, inteligente, séria, sem graça e se sentia desconfortável quando a atenção se voltava para ela. E tudo isso ficava perfeitamente claro ali no teipe.

Enquanto Francesca ultimava os detalhes com sua equipe e tomava providências para que a entrevista anotada, já composta, fosse entregue em seu hotel no Complexo Dallas de Transporte, antes de seu vôo pela manhã, Elaine voltou à sala com um robô comum de servir, duas espécies de queijo, garrafas de vinho e copos suficientes para todos. Francesca notou a ligeira contrariedade no rosto de David Brown quando Elaine anunciou que

agora teriam "uma festinha" para comemorar o fim da entrevista. A equipe e Elaine reuniram-se em torno do robô e do vinho. David pediu desculpas e saiu da sala na direção do longo *hall* que dava para os fundos da casa, onde ficavam todos os quartos de dormir, com a parte de estar na frente. Francesca seguiu-o.

— Desculpe, David — disse ela. Ele se voltou, claramente impaciente. — Não se esqueça de que nós ainda temos alguns negócios pendentes. Prometi a Schmidt e Hagenest uma resposta quando voltar à Europa. Eles estão ansiosos por levar avante o projeto.

— Eu não esqueci — ele respondeu. — Quero apenas me certificar de que seu amiguinho Reggie já acabou de entrevistar meus filhos — deu um suspiro. — Há ocasiões em que eu tenho vontade de ser apenas um ilustre desconhecido no mundo.

Francesca aproximou-se dele. — Nisso eu não acredito nem por um instante — disse ela com os olhos fixos nos dele. — Você só está nervoso hoje porque não pode controlar o que sua mulher e seus filhos dizem a mim e a Reggie. E nada é mais importante para você do que o controle.

O Dr. Brown ia responder, mas foi interrompido por um berro de *Mamãããiiêê* que reverberou pelo *hall* e teve como origem um quarto de dormir distante. Em poucos segundos, um menininho de seis ou sete anos passou como uma flecha por David e Francesca e atirou-se de qualquer modo nos braços da mãe, que agora estava de pé junto à porta que ligava a sala de estar ao *hall*. Um pouco do vinho de Elaine derramou com a força da colisão com o filho; ela inconscientemente o lambeu de sua mão enquanto tentava consolar o menino.

— O que foi, Justin?

— Aquele homem preto quebrou meu cachorro. Chutou o traseiro dele e agora eu não consigo mais fazer ele funcionar.

O menininho apontava para trás, para o fundo do *hall*. Reggie Wilson e uma mocinha alta, magra e muito séria estavam

caminhando na direção do grupo. — Papai — disse a moça, com os olhos implorando a ajuda de David Brown — Mr. Wilson estava falando comigo sobre a minha coleção de broches de escudo quando aquele raio daquele cachorro-robô entrou e o mordeu na perna. Depois de fazer pipi nele. Justin o programou para armar toda essa encrenca.

— Ela está mentindo — interrompeu o menino aos gritos e em meio ao choro. — Ela não gosta do Wally. Ela nunca gostou do Wally. Elaine Brown apoiava uma das mãos nas costas do filho quase histérico enquanto a outra segurava firmemente no pé de sua taça. A cena não a perturbaria se não tivesse reparado na desaprovação que estava recebendo do marido. Ela engoliu o resto do vinho e pousou a taça em uma estante próxima. — Pronto, pronto, Justin — disse ela, olhando de maneira constrangida para os outros — acalme-se e conte pra mamãe o que aconteceu.

— Aquele homem preto não gosta de mim. E nem eu dele. O Wally sabia e foi por isso que ele mordeu. O Wally sempre me protege.

Angela, a mocinha, ficou mais agitada. — Eu sabia que ia acontecer uma coisa dessas. Enquanto Mr. Wilson falava comigo, Justin ficou entrando no meu quarto e interrompendo, para mostrar a Mr. Wilson seus jogos, seus bichos de estimação, seus troféus e até suas roupas. Acabou que Mr. Wilson teve de ser um pouco ríspido com ele. Quando demos por nós, o Wally estava correndo como um louco e Mr. Wilson teve de se defender.

— Ela é uma mentirosa, mamãe. Uma grande mentirosa. Diga a ela para parar...

O Dr. David Brown interrompeu furioso. — Elaine — gritou ele, acima de toda a barulheira — tire... *e/e...* daqui — voltou-se para a filha, no momento em que a mulher cruzou a porta da sala de estar, quase que arrastando o menino. — Ângela — disse ele, agora com toda a sua raiva incontida e bem à mostra —, eu pensei que tinha dito para hoje você não brigar com Justin de jeito nenhum.

A moça se encolheu ante o ataque do pai. Os olhos ficaram marejados de lágrimas. Ela começou a dizer alguma coisa, mas Reggie Wilson postou-se entre ela e o pai. — Desculpe, Dr. Brown — intercedeu Reggie. — Ângela realmente não fez nada. A história dela é basicamente verídica. Ela...

— Olhe aqui, Wilson — disse David Brown incisivamente — se não se importa, eu sei como tratar a minha família — ele parou um momento para acalmar sua raiva. — Sinto muito por toda essa confusão — continuou ele em tom mais calmo — mas tudo estará acabado em mais um ou dois minutos — o olhar que lançou à filha era frio e sem bondade. — Volte para o seu quarto, Ângela. Conversarei com você mais tarde. Ligue para a sua mãe e diga que quero que venha buscá-la antes do jantar.

Francesca Sabatini observava com o maior interesse o desenrolar da cena. Viu a frustração de David Brown e a falta de autoconfiança de Elaine. *Isso é perfeito, pensou ela; muito melhor do que eu poderia sonhar. Ele vai ser mais do que fácil.*

O elegante trem prateado cruzava as planícies do Texas do Norte a 250 km/h. Em poucos minutos, as luzes do Complexo Dallas de Transporte apareceram no horizonte. O CDT cobria uma área monumental, quase 25 km<sup>2</sup>, e era parte aeroporto, parte ferroviária e parte uma cidade pequena. Originalmente construída em 2185, tanto para enfrentar o crescente tráfego aéreo de longa distância, como para fornecer uma conexão fácil para a baldeação de passageiros para o sistema ferroviário de alta velocidade, ele se transformara, como outros centros de transporte semelhantes, no resto do mundo, em uma comunidade completa. Mais de mil pessoas, a maioria das quais trabalhava no CDT e achava que a vida ficava mais fácil sem a necessidade de pequenas viagens diárias, vivia em apartamentos que formavam um semicírculo em torno do centro comercial, ao sul do terminal principal. O terminal em si abrigava quatro hotéis de grande porte, 17 restaurantes e

mais de 100 lojas, inclusive uma filial da elegante cadeia Donatelli de modas.

— Eu tinha 19 anos na época — o rapaz estava dizendo a Francesca quando o trem se aproximou da estação — e recebera uma criação super protegida. Aprendi mais a respeito de amor e sexo naquelas dez semanas, vendo a sua série na televisão, do que aprendera antes na minha vida inteira. Só queria agradecer-lhe pelos programas.

Francesca aceitou o elogio com graça. Estava acostumada a ser reconhecida em público. Quando o trem parou e ela desceu para a plataforma, Francesca deu mais um sorriso para o rapaz e sua acompanhante. Reggie Wilson se ofereceu para carregar seu equipamento, enquanto seguiam pela pista rolante que os levaria até o hotel. — Isso nunca a incomoda? — indagou ele. Ela olhou-o intrigada. — Toda essa atenção, o fato de ser uma figura pública? — esclareceu ele.

— Não — respondeu ela — é claro que não. Ela sorriu consigo mesma. Mesmo ao fim de seis meses esse homem continua sem me compreender. É possível que esteja tão envolvido consigo mesmo que não perceba que as mulheres são tão ambiciosas quanto os homens.— Eu sabia que suas duas séries na televisão obtiveram popularidade — disse Reggie — antes de conhecê-la nos exercícios de seleção de pessoal. Mas não sabia que seria impossível ir a um restaurante ou ser vista em público sem esbarrar em um de seus fãs.

Reggie continuou conversando quando a pista rolante deixou a estação e entrou na área do *shopping*. Perto da pista, em um dos extremos do passeio coberto, um grande número de pessoas se movia do lado de fora de um teatro. O grande cartaz anunciava que a produção era *Em qualquer tempo*, do dramaturgo americano Linzey Olsen.

— Você já viu essa peça? — perguntou Reggie a Francesca, só para puxar assunto. — Eu vi o filme quando passou há cinco anos — continuou ele sem esperar resposta. — Helen Caudill e Jeremy

Temple. Antes de ela ficar famosa, mesmo. É uma história esquisita, sobre duas pessoas que são obrigadas a compartilhar um quarto de hotel durante uma nevasca em Chicago. Ambos são casados. E se apaixonam enquanto conversam sobre o fracasso de seus sonhos. É como eu falei, uma peça muito esquisita.

Francesca não estava ouvindo. Um menino que a fazia lembrar de seu primo Roberto subira no carro logo à frente do deles, na primeira parada do centro comercial. Sua pele e cabelos eram escuros, seus traços finamente cinzelados. *Há quanto tempo não vejo Roberto?*, indagou-se ela. *Já deve fazer três anos. Foi lá em Positano, com a mulher dele, Maria.* Francesca suspirou e relembrou dias já passados. Via-se rindo e correndo pelas ruas de Orvieto. Teria nove ou dez anos, ainda inocente e incólume. Roberto tinha 14 anos. Estavam brincando com uma bola de futebol na praça em frente ao Duomo. Ela adorava implicar com o primo. Ele era tão delicado, tão desprovido de afetação. Roberto fora a única coisa boa de sua infância.

O transportador de humanos parou em frente ao hotel. Reggie a estava encarando fixamente. Francesca intuiu que ele acabara de lhe fazer uma pergunta. — E então? — disse ele, quando desceram do carro.

— Desculpe, querido — respondeu ela. — Lá estava eu sonhando acordada de novo. O que foi que você disse?

— Eu não sabia que era tão chato — disse Reggie sem sombra de humor. Ele se voltou dramaticamente, a fim de ter a certeza de que ela o estava ouvindo. — O que foi que você escolheu para o jantar desta noite? Já havia conseguido restringir-me à comida chinesa ou *cajun*.

Naquele exato momento, a idéia de jantar com Reggie não atraía Francesca. — Estou cansadíssima hoje — disse ela. — Acho que vou comer qualquer coisa sozinha no quarto, e depois trabalhar um pouco — ela já previra o olhar magoado no rosto dele, mas se esticou e deu-lhe um rápido beijo nos lábios. — Você pode aparecer no meu quarto para um drinque de boa-noite, lá pelas dez horas.

Uma vez em sua suíte no hotel, o primeiro gesto de Francesca foi o de ativar seu terminal de computador para ver se havia recados. Havia quatro ao todo. A tela lhe dava o ponto de origem da mensagem, hora de transmissão, duração e prioridade de urgência. O Sistema de Prioridades de Urgências era uma inovação recente da Corporação das Comunicações Internacionais, uma das três companhias de comunicações que sobreviveram e estavam finalmente tornando a florescer após ampla consolidação durante a metade do século. Cada usuário do SPU digitava seus planos para o dia logo pela manhã e identificava que mensagens prioritárias poderiam interromper as tarefas previstas. Francesca optara por permitir apenas a comunicação de mensagens de Prioridade Um (Emergência Aguda) para o terminal na casa de David Brown; a gravação com David e sua família tinha de ser completada em um dia e ela quis minimizar as probabilidades de interrupções e demoras.

Ela só recebeu uma mensagem de Prioridade Dois, de três minutos, que vinha de Carlo Bianchi. Francesca franziu o cenho, digitou os códigos corretos no terminal e ligou a tela do monitor. Um refinado italiano de meia-idade, vestido para depois do esqui, sentado em um sofá em frente a uma lareira acesa, apareceu na tela. — *Buon giorno, cara* — ele a saudou. Depois de deixar a câmara dar uma panorâmica da sala de estar de sua nova *villa* em Cortina d'Ampezzo, o *signor* Bianchi foi direto ao que importava. Por que razão estava ela se recusando a aparecer nos anúncios de sua coleção esportiva de verão? Sua companhia oferecera a ela quantidade inacreditável de dinheiro e chegara mesmo a reformular toda a campanha para incluir um ângulo espacial. Os *spots* só seriam mostrados após a conclusão da missão Newton, de modo que não haveria conflito com os acordos entre ela e a AIE. Carlo admitia que eles tiveram algumas diferenças no passado, mas, segundo ele, isso fora há muitos anos. E precisava da resposta dela em uma semana.

*Foda-se, Carlo,* pensou Francesca, surpreendida com a intensidade de sua reação. Havia poucas pessoas no mundo capazes de perturbar Francesca, mas Carlo Bianchi era uma delas. Ela digitou os comandos necessários para gravar uma mensagem para seu agente, Darrell Bowman, em Londres. — Olá, Darrell. É Francesca, em Dallas. Diga àquele fuinha do Bianchi que eu não faria os anúncios dele nem que me desse um milhão de marcos. E, por falar nisso, já que me disseram que atualmente o maior concorrente dele é o Donatelli, por que você não procura a diretora de publicidade deles, Gabriela não sei das quantas, que encontrei uma vez em Milão, e diz que eu gostaria muito de fazer alguma coisa para eles assim que o projeto Newton terminar? Abril ou maio — calou-se um instante. — É só isso. Amanhã à noite estarei em Roma. Diga alô para a Heather.

A mensagem mais longa de Francesca vinha de seu marido, Alberto, um executivo alto, grisalho e distinto, de cerca de 60 anos. Alberto dirigia a divisão italiana de Schmidt & Hagenest, o conglomerado alemão multimídia que era proprietário, entre outras coisas, de mais de um terço dos jornais e revistas livres da Europa, bem como das principais redes comerciais de TV tanto da Alemanha quanto da Itália. Em sua transmissão, Alberto estava sentado no escritório de sua casa, usando um opulento terno grafite e bebericando um conhaque. Seu tom era caloroso, familiar, porém mais de pai do que de marido. Ele disse a Francesca que sua longa entrevista com o almirante Otto Heilmann aparecera nos noticiários de toda a Europa naquele dia, que ele gostara dos comentários e da perspicácia dela, como sempre, mas pensava que Otto passaria como um egomaniaco. *Não é de espantar,* divertiu-se Francesca com o comentário do marido, *já que é exatamente o que ele é. Mas muitas vezes ele me é útil.*

Alberto compartilhou com ela uma boa nova a respeito de um de seus filhos (Francesca tinha três enteados, todos mais velhos do que ela) antes de dizer que estava com saudades e que estava ansioso por revê-la na noite seguinte. *Eu também,* pensou Francesca antes de responder à mensagem. *Viver com você é*

*confortável. Tenho tanto liberdade quanto segurança.* Quatro horas mais tarde, Francesca estava de pé, na varanda de seu quarto, fumando no ar frio do dezembro texano. Estava bem agasalhada no grosso robe que o hotel fornecia a todos os quartos. *Pelo menos não é como a Califórnia,* pensou enquanto tirava uma profunda baforada. *Pelo menos no Texas, em alguns hotéis se pode fumar na varanda. Aqueles americanos fanáticos do oeste, se pudessem, faziam do ato defumar uma contravenção.*

Ela caminhou até o lado do parapeito para poder ver melhor a aeronave supersônica de passageiros que estava se aproximando do aeroporto pelo oeste. Com os olhos da mente viu-se dentro da nave, como estaria no dia seguinte, em seu vôo de volta para casa, em Roma. Imaginava que aquele vôo procedia de Tóquio, a incontestável capital econômica do mundo antes do Grande Caos. Depois de serem devastados pela falta de matérias-primas durante os anos magros, na metade do século, os japoneses agora eram novamente prósperos, com a volta do mundo a um mercado livre. Francesca observou o pouso do avião e depois olhou para o estrelado céu acima dela. Tirou mais uma baforada de seu cigarro, seguiu com o olhar a fumaça expirada, a qual lentamente se dissolvia no ar.

Então, Francesca, refletiu, agora chegou a hora do que pode ser sua mais importante tarefa. Uma oportunidade de me imortalizar? Pelo menos eu seria lembrada por muito tempo como integrante da tripulação Newton. Seu pensamento voltou-se para a própria missão Newton e, em breve, estava invocando imagens de criaturas fantásticas que poderiam ser capazes de construir aquele par de gigantescas espaçonaves e mandá-las visitar o sistema solar. Mas voltou logo para o mundo real, para os contratos que David Brown assinara logo antes de ela deixar a casa dele naquela tarde.

O que nos transforma em sócios, meu estimado Dr. Brown. E completa a primeira fase do meu plano. E, a não ser que esteja vendo mal as coisas, havia um vislumbre de interesse em seus olhos hoje. Francesca dera um beijo rotineiro em David quando

acabaram de conversar e assinar os contratos. Estavam sozinhos no escritório dele e, por um momento, ela pensou que ele ia devolver o beijo com outro um pouco mais significativo.

Francesca terminou seu cigarro, apagou-o no cinzeiro e tornou a entrar no quarto do hotel. Mal abriu a porta, ouviu o som de uma respiração profunda. A vasta cama estava desarrumada e Reggie Wilson, nu, estava atravessado nela, deitado de costas, com seus roncos regulares perturbando o silêncio da suíte. *Você é muito bem equipado, meu amigo,* comentou ela em silêncio, *tanto para a vida quanto para fazer amor. Mas nenhuma das duas coisas é uma competição de atletismo. Você seria mais interessante se tivesse alguma sutileza, talvez até um pouco de refinamento.*

## 7. RELAÇÕES PÚBLICAS

A águia solitária pairava sobre o pântano na primeira luz da manhã. Ela inclinou-se para um lado do vento que vinha do oceano e seguiu o rumo norte, ao longo da costa. Muito abaixo da águia, começando nas areias bege e branca junto ao mar e continuando pela coleção de ilhas, rios e baías que se estendia por quilômetros no sentido do horizonte ocidental, um complexo intermitente de edifícios variados e ligados por estradas pavimentadas quebrava o panorama de pastagens e pântanos. Setenta e cinco anos antes, o Espaçoporto Kennedy fora um da meia dúzia de locais na Terra onde os passageiros podiam saltar de seus trens e aviões de alta velocidade para pegar uma ponte aérea para uma das estações espaciais OBT (Órbita Baixa da Terra). Contudo o Grande Caos transformara o espaçoporto em uma fantasmagórica lembrança de uma cultura florescente. Seus portais e passagens de ligação ficaram durante anos abandonados ao capim, às aves aquáticas, aos jacarés e aos onipresentes insetos da Flórida Central.

Na década de 2160, depois de cerca de 20 anos de total atrofia-mento, o espaçoporto começara a ser gradativamente reativado. Primeiro, fora usado como aeroporto para depois passar novamente a centro geral de transportes, servindo à costa da Flórida Atlântica. Quando os lançamentos espaciais recomeçaram, em meados dos anos 2170, era natural que as antigas plataformas de lançamento de Kennedy fossem recomissionadas. Em dezembro de 2199, mais da metade do velho espaçoporto já fora reequipado para enfrentar o tráfego sempre crescente entre a Terra e o espaço.

De uma das janelas de seu escritório temporário, Valeriy Borzov olhava a magnífica águia planar graciosamente de volta ao ninho, em uma das poucas árvores altas dentro dos limites do centro. Ele amava as aves. Havia anos que era fascinado por elas, a começar de sua primeira infância na China. Em seu mais vivido sonho recorrente, o General Borzov se via vivendo em um espantoso planeta no qual o céu pululava de criaturas volantes. Ele

ainda se lembrava de haver perguntado a seu pai se houvera algum biota que voasse dentro da primeira espaçonave Rama e de ter ficado depois profundamente desapontado com a resposta.

O General Borzov ouviu o ruído de um grande veículo de transporte e olhou por sua janela voltada para o oeste. Do outro lado do caminho, em frente às instalações para testes, o módulo de propulsão que seria usado por ambos os veículos Newton estava saindo de seu complexo de teste, em cima de uma vasta plataforma que rolava sobre esteiras múltiplas. O módulo reparado, mandado de volta à área de teste do subsistema em razão de um problema com o controlador de íons, seria colocado naquela tarde num vôo de carga e transferido para a oficina de montagem da espaçonave na estação espacial LEO-2, onde seria retroinstalado, antecedendo os testes integrados finais do veículo logo antes do Natal. Ambas as espaçonaves do vôo Newton estavam no momento passando por verificação final e testes em LEO-2. Todos os exercícios de simulação para os cosmonautas, no entanto, eram realizados em LEO-3 com equipamento reserva. Os cosmonautas só usariam os verdadeiros sistemas de vôo em LEO-2 durante a última semana anterior ao lançamento.

No lado sul do edifício, um ônibus elétrico estacionou em uma parada do lado de fora dos escritórios e desembarcou um punhado de pessoas. Um dos passageiros era uma mulher loura usando uma blusa amarela de mangas compridas com listas pretas verticais e calças de seda preta. Ela caminhou, tranqüila e com graça, para a entrada do edifício, e o General Borzov admirou-a de longe, lembrando-se de que Francesca fora modelo antes de se tornar jornalista de televisão. Ele ficou imaginando o que ela haveria de querer e por que razão insistira em vê-lo em particular antes da sessão de instruções médicas naquela manhã.

Um minuto mais tarde, ele a saudou na porta de seu escritório.  
— Bom dia, *signora* Sabatini — disse ele.

— Quanta formalidade, general! — respondeu ela, rindo. — Até mesmo quando estamos só nós dois? O senhor e os dois japoneses

são os únicos membros do time que se recusam a me chamar de Francesca — ela notou que ele a olhava de modo estranho, e olhou para baixo para ver se havia alguma coisa errada com sua roupa. — O que é há? — perguntou ela, após um momento de hesitação.

— Deve ser a sua blusa — respondeu o General Borzov com um movimento repentino. — Durante um momento, tive a nítida impressão de que a senhora era um tigre com o bote armado para saltar sobre uma infeliz gazela ou um antílope. Pode ser velhice. Ou minha mente começou a fazer brincadeiras comigo. — Ele a convidou a entrar no escritório.

— Já houve outras ocasiões em que os homens me disseram que eu pareço um gato. Mas um tigre, nunca — Francesca sentou-se na cadeira ao lado da escrivaninha do general, e miou com um sorriso moleque. — Eu não passo de um inofensivo gatinho doméstico.

— Isso eu não acredito nem por um instante — riu-se Borzov. — Muitos adjetivos poderão ser usados para descrevê-la, Francesca, mas inofensiva jamais seria um deles. — Repentinamente, ele ficou muito sério. — E então, o que posso fazer por você? Disse que tinha alguma coisa muito importante para discutir comigo, que absolutamente não podia esperar.

Francesca tirou uma grande folha de papel da sua pasta flexível e entregou-o ao General Borzov. — Esse é o esquema de imprensa para o projeto — disse ela. — Eu o examinei detalhadamente ainda ontem com o escritório de informações públicas e com as redes mundiais de televisão. Repare que das entrevistas pessoais aprofundadas com os cosmonautas, só cinco já foram completadas. Quatro outras haviam sido previstas para este mês, originalmente. Mas note também que quando o senhor acrescentou aquela simulação de três dias ao próximo conjunto de exercícios, ficou eliminado o tempo designado para as entrevistas com Wakefield e Turgenyev.

Ela parou por um instante, para se certificar de que ele estava seguindo tudo. — Ainda podemos pegar Takagishi no próximo

sábado e vamos gravar com os O'Toole na véspera de Natal, em Boston. Mas tanto Richard quanto Irina dizem agora que não têm mais tempo para entrevistas. E, além disso, temos um velho problema: nem o senhor e nem Nicole têm qualquer tipo de previsão...

— Você insistiu em um encontro às 7: 30 h desta manhã para discutir esse esquema de *imprensa* — interrompeu Borzov, cuja voz transmitia a importância relativa que emprestava a tais atividades.

— Entre outras coisas — respondeu Francesca, muito à vontade, ignorando a crítica implícita do comentário dele. — Das pessoas que integram esta missão — continuou ela — as pesquisas mostram que o público tem maior interesse no senhor, em mim, Nicole des Jardins e David Brown. Até agora, não consegui acertar uma data para a sua entrevista individual, e *madame* des Jardins diz que "não tem intenção" de sequer dar entrevistas. As redes estão insatisfeitas. Assim, minha cobertura de pré-lançamento fica incompleta. Preciso de sua ajuda.

Francesca olhou diretamente para o General Borzov. — Estou lhe pedindo que cancele a simulação adicional, marque uma data certa para a sua entrevista e interceda por mim junto a Nicole.

O general franziu o cenho. Sentia-se enraivecido e incomodado com a presunção de Francesca. Estava a ponto de lhe dizer que a programação de entrevistas individuais para fins publicitários não era coisa que tivesse lugar muito importante em sua lista de prioridades. Mas algo o impediu. Tanto o seu sexto sentido quanto toda uma vida de experiência no trato com gente lhe diziam que hesitasse, que havia mais em jogo naquela conversa do que aquilo que fora dito até então. Ele contemporizou mudando de assunto.

— A propósito, devo dizer que estou ficando cada vez mais preocupado com a prodigalidade das dimensões dessa festa de *réveillon* que seus amigos do governo e dos negócios italianos estão patrocinando. Sei que nós concordamos em participar no início do treinamento, como um grupo, nessa única atividade social. Mas não tinha a menor idéia de que ela iria ser chamada de "a

festa do século", como foi, na semana passada, chamada por uma dessas revistas americanas. Você conhece aquela gente toda, será que não pode fazer alguma coisa para reduzir o perfil da festa?

— A festa era outro item na minha agenda — respondeu Francesca, evitando cuidadosamente o ataque do comentário dele. — Também para isso estou precisando da sua ajuda. Quatro dos cosmonautas Newton estão dizendo agora que não têm planos para comparecer, enquanto que dois ou três outros já sugeriram que poderão ter compromissos diferentes, embora tenham concordado em março que compareceriam à festa. Takagishi e Yamanaka querem comemoraras festas com suas famílias no Japão e Richard Wakefield me disse que fez reservas para ir mergulhar nas ilhas Cayman. Além disso, temos novamente a francesa, que simplesmente diz que não vai e se recusa a dar qualquer tipo de explicação.

Borzov não pôde reprimir um sorriso. — Por que é que você está tendo tantas dificuldades com Nicole des Jardins? Pensava que como vocês duas são mulheres fosse mais fácil para você falar com ela do que com os outros.

— Ela não tem a menor simpatia pelo papel da imprensa na missão, conforme já me declarou várias vezes. E é muito teimosa no tocante à sua privacidade — Francesca deu de ombros. — Mas o público é absolutamente fascinado por ela. Afinal, não é apenas médica e lingüista e antiga campeã olímpica, é também filha de um famoso romancista e mãe de uma filha de 14 anos, apesar de jamais se ter casado...

Valeriy Borzov olhou para o relógio. — Só para eu saber — interrompeu ele — quantos itens mais existem na sua chamada agenda? Temos de estar no auditório dentro de dez minutos — ele sorriu para Francesca. —E sinto-me na obrigação de lembrá-la que *madame* des Jardins esforçou-se para atender ao seu pedido de cobertura de imprensa nesta sessão de instruções.

Francesca estudou o General Borzov durante vários segundos. *Acho que ele está pronto agora*, pensou ela. *E a não ser que muito*

*me engane, ele compreenderá imediatamente.* Ela tirou um pequeno objeto cúbico de sua pasta e estendeu-o sobre a mesa. — Este é o único outro item na minha agenda — disse ela.

O comandante-em-chefe da missão Newton parecia perplexo, enquanto girava o cubo em sua mão. — Um *jornalista free-lance* nos vendeu — disse Francesca em tom muito sério. — Garantiu-nos que era a única cópia existente.

Ela fez uma pequena pausa enquanto Borzov inseria o cubo na parte adequada de seu computador de escrivaninha. Ele empalideceu ceu notavelmente quando o primeiro segmento de vídeo do cubo apareceu no monitor. Observou a gritaria selvagem de sua filha Natasha durante cerca de 15 s. — Eu queria manter isso tudo longe da imprensa marrom — acrescentou Francesca suavemente.

O General Borzov soltou um suspiro. Era o momento que sua mulher Petra temia desde que fora anunciado oficialmente que ele seria o comandante da missão Newton. O diretor do instituto, em Sverdlovsk, prometera que nenhum repórter teria acesso a sua filha. E agora ali estava o videoteipe de uma entrevista de 30 min com ela. Petra ia se sentir humilhada.

Ele olhou pela janela. Em sua mente, estava calculando o que aconteceria à missão se a esquizofrenia aguda de sua filha fosse exibida perante o público. Concordava que seria embaraçoso, mas a missão não seria prejudicada de qualquer modo sério... O General Borzov olhou para Francesca. Ele odiava fazer acordos. E nem tinha a certeza de que a própria Francesca não tivesse encomendado a entrevista. No entanto...

Borzov relaxou e forçou um sorriso. — Acho que devia agradecer-lhe — disse ele — mas, por alguma razão, não parece que seja a coisa apropriada — por um momento, ele fez uma pausa. — Suponho que espera que eu demonstre alguma espécie de gratidão.

*Até agora, tudo bem,* pensou Francesca. Ela sabia muito bem que não era hora de dizer mais nada.

— Muito bem — continuou o general, depois de um prolongado silêncio — eu cancelarei a nova simulação. Já houve outras queixas

— ele girou o cubo de dados em sua mão. — E Petra e eu chegaremos mais cedo a Roma, como você sugeriu certa vez, para a entrevista pessoal. Amanhã, lembrarei aos cosmonautas sobre o *réveillon*, e direi que têm o dever de comparecer. Mas nem eu, nem ninguém tem o direito de exigir que Nicole des Jardins fale a respeito de nada que não seja seu trabalho — ele se levantou abruptamente. — Agora é hora de irmos à reunião da biometria.

Francesca inclinou-se para beijá-lo no rosto. — Obrigada, Valeriy — disse.

## 8. BIOMETRIA

As instruções médicas já haviam começado quando Francesca e o General Borzov chegaram. Todos os outros cosmonautas estavam presentes, bem como 25 ou 30 outros engenheiros e cientistas associados à missão. Na frente do pequeno auditório estava Nicole des Jardins, de pé, vestida com seu uniforme de vôo cinzento, como sempre tendo na mão um indicador *laser*. Ao lado dela estava um japonês alto, de terno azul, que ouvia atentamente uma pergunta da platéia. Nicole interrompeu-o para indicar os recém-chegados.

— *Sumimasen, Hakamatsu-san* — disse ela. — Permita-me apresentar nosso comandante, o General Valeriy Borzov, da União Soviética, e também a jornalista-cosmonauta Francesca Sabatini.

— *Dobriy Utra* — disse Nicole ao general, voltando-se para os recém-chegados e fazendo ligeiro cumprimento de cabeça na direção de Francesca. — Este é o estimado Dr. Toshiro Hakamatsu, que desenhou e desenvolveu o sistema de biometria que vamos usar no vôo, inclusive as pequenas sondas que serão inseridas em nossos corpos.

O General Borzov estendeu a mão. — Prazer em conhecê-lo, Hakamatsu-san — disse. — Madame des Jardins nos tem feito tomar perfeita consciência de seu notável trabalho.

— Obrigado — respondeu o homem, inclinando-se na direção de Borzov, depois de lhe apertar a mão. — É uma honra para mim fazer parte deste projeto.

Francesca e o General Borzov ocuparam os dois lugares vazios na frente do auditório e a reunião começou. Nicole mirou seu apontador para um teclado ao lado de sua secretária e um modelo multicolorido masculino, em tamanho natural, do sistema cardiovascular humano, com veias em azul e artérias em vermelho, apareceu como imagem holográfica tridimensional, na frente da sala. Pequenos marcadores brancos circulando dentro do fluxo dos vasos sangüíneos indicavam a direção e o ritmo do fluxo. — O

conselho das Ciências da Vida da AIE acaba de aprovar, nesta última semana, as novas sondas Hakamatsu como nosso principal sistema de monitoramento de saúde para a missão — dizia Nicole. — Eles reservaram sua aprovação até o último momento para que pudessem avaliar devidamente os resultados dos testes de tensão, nos quais as novas sondas tiveram de operar em uma vasta gama de situações não-nominais. Até mesmo em tais condições, não houve qualquer sinal de detonação de mecanismo de rejeição em qualquer dos sujeitos testados.

— Temos sorte por poder usar esse sistema, pois ele tornará muito mais fácil a vida tanto para mim, como seu oficial de ciências da vida, como para vocês. Durante a missão, não serão submetidos à rotina de técnicas de injeção/perscrutação utilizadas em projetos anteriores. Essas novas sondas serão injetadas uma, possivelmente duas vezes no máximo, durante nossa missão de 100 dias, e não terão de ser substituídas.

Como foi resolvido o problema de rejeição a longo prazo? — a pergunta de outro médico presente interrompeu o fio de pensamento de Nicole.

— Discutirei esse assunto em nossa reunião de detalhamento hoje à tarde — respondeu ela. — Por enquanto deve ser suficiente que eu mencione que, como a química crucial que governa a rejeição se concentra em quatro ou cinco parâmetros, inclusive acidez, as sondas são recobertas com elementos químicos que se adaptam à química local do ponto de implantação. Em outras palavras, uma vez que a sonda chega a seu destino, ela faz uma amostragem não-invasora de seu condicionamento ambiental bioquímico e depois exala para si mesma uma fina camada protetora concebida para ser coerente com a química do anfitrião, evitando portanto a rejeição.

— Mas estou me adiantando demais — disse Nicole, virando-se para olhar para o modelo que mostrava o sistema circulatório humano. — A família de sondas será introduzida aqui, no braço esquerdo, e os vários monitores se dispersarão de acordo com seus

programas de curso predeterminados, na direção de 32 diferentes locais no corpo. Lá eles se embutirão no tecido anfitrião — o interior do modelo holográfico entrou em animação à medida que ela falava e a platéia olhava enquanto 32 luzes que piscavam partiram do braço esquerdo e se dispersaram por todo o corpo. Quatro foram para o cérebro, três para o coração, quatro para as glândulas primárias do sistema endócrino, enquanto que os restantes 21 monitores espalharam-se para vários locais e órgãos, que iam dos olhos até os dedos e os artelhos.

— Cada uma das sondas individuais contém tanto um conjunto de sensores microscópicos, para examinar importantes parâmetros de saúde, como também um sofisticado sistema de dados que primeiro armazena e depois transmite as informações registradas quando recebe um comando ativador do esquadrinhador. Na prática, pretendo esquadrinhar cada um de vocês e armazenar toda a sua telemetria de saúde uma vez por dia, mas os gravadores podem aceitar dados cobrindo até quatro dias, se necessário — Nicole parou e olhou para a platéia. — Até aqui há alguma pergunta?

— Sim — disse Richard Wakefield, na primeira fila. — Já vi como esse sistema colhe trilhões de pedacinhos de informação. Porém, essa é a parte mais fácil. Não há modo pelo qual você ou qualquer outro ser humano possa olhar todos esses dados. Como é que os dados são sintetizados ou analisados para que você possa saber se algo de irregular está acontecendo?

— Você é a "escada" perfeita para o humorista, Richard — disse Nicole, sorrindo. — Esse é o meu próximo assunto — ela mostrou, em sua mão, um objeto fino e chato, com um teclado. — Este é um esquadrinhador-padrão programável que permite que a informação monitorada seja utilizada de diversas maneiras. Eu poderei pedir uma remessa completa de qualquer um ou de todos os canais, ou requisitar a transmissão exclusiva de dados de advertência...

Nicole notou que havia muitas fisionomias confusas na platéia. — É melhor eu voltar atrás e começar de novo essa parte da explicação — disse ela. — Cada medição feita por cada instrumento tem um "espectro de probabilidade" — que, naturalmente, há de variar de indivíduo para indivíduo — e um "espectro de tolerância" bem mais amplo, utilizado para a identificação de uma emergência verdadeira. Se uma medição determinada apenas extrapola do espectro de probabilidade, ele é registrado no arquivo de alerta e aquele canal em particular fica marcado com um identificador de alarme. Se um cosmonauta está se sentindo bem, meu procedimento normal será o de ficar de olho apenas nos possíveis registros de alerta.

— Mas se obtiver uma leitura para além do espectro de tolerância, então cuidado — disse Janos Tabori. — O monitor liga seu transmissor de emergência e usa toda a sua potência interna para emitir um ruído de "bip, bip" que é de assustar. Eu sei. Aconteceu comigo durante um teste curto que, afinal, estava com os valores de tolerância inadequados. Eu pensei que ia morrer — Janos era o oficial de ciências da vida de reserva. Seu comentário provocou risadas gerais. A imagem do pequeno Janos andando em círculos e emitindo um "bip" agudo era divertida.

— Nenhum sistema é totalmente à prova de enganos — continuou Nicole — e este é apenas tão bom quanto o conjunto de valores que o alimentam para detonar tanto os alertas quanto as emergências. De modo que todos podem perceber o quanto os dados de calibração são essenciais. Nós estamos examinando o histórico de cada um de vocês com extremo cuidado e demos entrada nos valores iniciais nos monitores. Mas precisamos ver resultados concretos com as sondas verdadeiras introduzidas em seus organismos. Essa é a razão das atividades de hoje. Hoje vamos introduzir seus conjuntos de ondas e monitorar seus desempenhos durante os quatro exercícios de simulação que começam na quinta-feira, para então ajustar os valores detonadores, se necessário, antes do próprio lançamento.

Houve algumas contorções involuntárias enquanto cada cosmonauta refletia sobre a perspectiva de ter minúsculos laboratórios médicos permanentes e indefinidamente incrustados em seu corpo. Eles estavam acostumados com os esquadrinhadores-padrão de investigação que eram colocados no corpo para a obtenção de informações específicas, tais como a quantidade de placas obstruindo as artérias, porém tais equipamentos eram temporários. A idéia de uma invasão eletrônica permanente era, na melhor das hipóteses, inquietante. O General O'Toole fez as duas perguntas que mais incomodavam a tripulação.

— Nicole — indagou ele com sua seriedade habitual — será que você podia nos falar um pouco mais sobre como se certifica de que as sondas efetivamente irão para os lugares certos? Mais importante ainda, o que acontece se alguma delas apresentar defeito?— É claro, Michael — respondeu ela gentilmente. — Lembrem-se de que essas coisas vão entrar em mim também, e que eu tive de fazer as mesmas perguntas — Nicole des Jardins estava por volta dos 35 anos. Sua pele era de um brilhante marrom-cobre, seus olhos marrom-escuros e amendoados, sua basta cabeleira era preta retinta. Ela irradiava uma inconfundível autoconfiança que, por vezes, era interpretada como arrogância. — Você não deixará a clínica hoje enquanto não tivermos verificado que todas as sondas estão corretamente posicionadas — continuou ela. — Com base em experiências recentes, um ou outro de vocês pode ter um monitor saindo por aí, é claro. É muito fácil rastreá-lo com o equipamento do laboratório, e depois enviar um comando impositivo para movê-lo para seu lugar adequado, segundo as necessidades.

— Quanto à possibilidade de defeito, há vários níveis de proteção contra falhas. Em primeiro lugar, cada monitor específico testa sua própria bateria de sensores mais de 20 vezes por dia. Qualquer instrumento em particular que fracasse em um teste é imediatamente desligado pelo *software* executivo em seu próprio monitor. Além disso, cada pacote de sondas passa por um rigoroso e completo autoteste duas vezes por dia. O fracasso no autoteste é

uma das muitas condições de falha que levam o monitor a emitir elementos químicos que causam sua autodestruição, seguida de eventual e inócua absorção pelo corpo. Para que vocês não fiquem exageradamente preocupados, nós verificamos rigorosamente todas essas trilhas de falhas com cobaias de teste neste último ano.

Nicole concluiu sua apresentação e ficou tranqüila em frente a seus colegas. — Alguma pergunta? — indagou. Após alguns segundos de hesitação, ela continuou. — Então, preciso de um voluntário que venha até aqui perto da enfermeira-robô para ser inoculado. Meu conjunto de sondas pessoal foi injetado e verificado na semana passada. Quem quer ser o próximo?

Francesca levantou-se.

— Muito bem, comecemos com *la bella signora* Sabatini — disse Nicole. Fez um gesto para o pessoal da televisão.

— Focalizem suas câmeras na simulação de rastreamento. É um *show* e tanto quando esses bichinhos eletrônicos começam a passear pela corrente sangüínea.

## 9. IRREGULARIDADE DIASTÓLICA

Pela janela, Nicole mal podia enxergar os campos de neve siberianos, na oblíqua noite de dezembro. Estava a cerca de 18.000 m de altitude. O avião supersônico estava começando a reduzir a velocidade, na direção de Vladivostok e das ilhas japonesas. Nicole bocejou. Depois de apenas três horas de sono, lutaria durante todo o dia para manter o corpo desperto. Eram quase dez da manhã no Japão, mas, em casa, em Beauvois, no vale do Loire, não muito longe de Tours, sua filha Geneviève ainda teria mais quatro horas de sono antes que o despertador tocasse às sete.

O monitor de vídeo nas costas do assento na frente de Nicole foi ligado automaticamente, lembrando-a de que só teria mais 15 min antes que o avião pousasse no Centro de Transporte Kansai. Na tela, a encantadora japonesa sugeria que agora seria um momento excelente para tomar ou confirmar providências a respeito de transporte terrestre. Nicole ativou o sistema de comunicações de seu lugar e uma fina bandeja retangular com teclado e uma tela deslizaram para a frente dela. Em menos de um minuto, Nicole providenciou tanto o trem para Quioto quanto a passagem no bonde elétrico que a levaria a seu hotel. Para isso, usou seu Cartão de Crédito Universal, depois, de corretamente se identificar, indicando que o nome de solteira de sua mãe era Anawi Tiasso. Quando acabou, um pequeno horária impresso, com seus identificadores para o trem e o bonde, além dos; horários de chegada e trânsito (ela chegaria ao hotel às 1 lh40, hora japonesa), saltou de uma ponta da bandeja.

Quando o avião se preparou para pousar, Nicole pensou repentinamente na razão para sua súbita viagem através de um terço do mundo. Há apenas vinte e quatro horas, ela estava planejando passar aquele dia todo em casa, depois de um pouco de trabalho no escritório, na parte da manhã, e um pouco de prática de línguas com Geneviève à tarde. Para os cosmonautas, era o começo da folga das festas e, a não ser por aquela estúpida festa

em Roma, no último dia do ano, aparentemente Nicole estaria livre até se apresentar em LEO-3, a 8 de janeiro. Todavia, enquanto estava sentada em seu escritório de casa na manhã anterior, fazendo uma verificação rotineira da biometria do último conjunto de simulações, Nicole deparara com um fenômeno curioso. Estava estudando o coração e a pressão arterial de Richard Wakefield durante um teste de gravidade variável e não compreendera uma intensificação particularmente rápida de seu pulso. Revolvera, então, verificar a biometria cardíaca detalhada do Dr. Takagishi, para fazer comparação, já que este estivera engajado em uma exigente atividade física com Richard no momento do aumento do ritmo do pulso.

O que descobriu depois de examinar toda a carga de informação cardíaca de Takagishi fora surpresa ainda maior. A expansão diastólica do professor japonês estava decididamente irregular, talvez até mesmo patológica. Entretanto nenhum alerta fora emitido pela sonda e nenhum canal de dados entrara em alarme. O que estava acontecendo? Teria ela determinado um defeito no sistema Hakamatsu?

Uma hora de trabalho de pesquisa resultara na identificação de mais outras peculiaridades. Durante todo o conjunto de simulações, houvera quatro intervalos diversos nos quais o problema de Takagishi ocorrera. O comportamento anormal era esporádico e intermitente. Às vezes, a diástole excepcionalmente longa, reminiscência de um problema de válvula na hora de encher o coração de sangue, não aparecia por período de até 38 horas. No entanto, o fato de ela reaparecer em quatro momentos diferentes sugeria que, definitivamente, existia uma anormalidade de alguma espécie.

O que deixara Nicole intrigada não eram os dados em si — mas o fracasso do sistema de detonar os alarmes adequados na presença de observações desordenadamente irregulares. Como parte de sua análise, ela rastreara de maneira cuidadosa a história médica de Takagishi, dando atenção especial aos relatórios

cardíacos. Não encontrara referência, por menor que fosse, a qualquer espécie de anormalidade, de modo que ficara convencida de que estava lidando com um erro de sensor e não com um verdadeiro problema médico.

Assim, se o sistema estivesse funcionando corretamente, raciocinou ela, o início da diástole longa teria enviado imediatamente, ao monitor do coração, sinal de que estava fora do espectro de probabilidade e detonado um alarme. Mas não enviara. Nem da primeira vez nem em nenhuma das subseqüentes. Seria possível que estivessem com uma falha dupla ali ? E, nesse caso, como poderia a unidade continuar a passar sua auto-verificação?

A princípio, Nicole pensou em telefonar para um de seus assistentes no setor de ciências da vida na AIE para discutir a anomalia encontrada, mas, em vez disso e como era feriado na AIE, resolvera telefonar ao Dr. Hakamatsu no Japão. O telefonema a deixara absolutamente perplexa. Ele lhe disse secamente que o fenômeno observado tinha de estar no paciente, que nenhum tipo de combinação de falha de componentes em suas sondas poderia produzir resultados tão estranhos. — Mas então por que não havia registro de alerta no arquivo? — perguntara ela ao japonês inventor de sistemas eletrônicos.

— Porque nenhum espectro de probabilidade foi ultrapassado respondeu ele confiantemente. — Por alguma razão, um espectro de probabilidade excepcionalmente largo foi digitado para esse cosmonauta em particular. Já verificou sua história médica?

Quando mais tarde, durante a conversa, Nicole disse ao Dr. Hakamatsu que o dado inexplicável viera de dentro de um de seus próprios conterrâneos, o cosmonauta-cientista Takagishi, o engenheiro, sempre discreto e contido, gritou no telefone: — Que maravilha! Então, eu poderei esclarecer o mistério rapidamente. Vou entrar em contato com Takagishi na Universidade de Quioto e lhe digo depois o que descobri.

Três horas mais tarde, o monitor de Nicole apresentara o rosto sombrio do Dr. Sheru Takagishi. — Madame des Jardins — disse ele

com grande cortesia — soube que a senhora esteve conversando com meu colega Hakamatsu-san sobre meus resultados biométricos durante a simulação. Será que poderia explicar-me o que foi que encontrou?

Nicole passou todas as informações a seu colega cosmonauta, sem ocultar nada e expressando sua crença pessoal de que a fonte do erro nos dados teria realmente sido um defeito na sonda. Seguiu-se um longo silêncio, mas finalmente o preocupado cientista japonês falou novamente. — Hakamatsu-san acabou de me visitar aqui na universidade e verificou as sondas colocadas em mim. Irá informá-la de que não encontrou qualquer defeito em seu equipamento eletrônico — Takagishi, depois, fez uma pausa, parecendo estar perdido em pensamentos. — Madame des Jardins — disse ele, após alguns segundos — eu gostaria de lhe pedir um favor. Será que a senhora poderia vir ver-me no Japão o mais breve possível? Eu gostaria de falar pessoalmente com a senhora e explicar uma coisa que talvez possa ter relação com a irregularidade de meus dados biométricos.

A seriedade e o empenho que apareciam no rosto de Takagishi eram tais que Nicole não poderia nem ignorá-los e nem deixar de compreendê-los. Ele estava nitidamente implorando que ela o ajudasse. Sem fazer qualquer outra pergunta, ela concordou em visitá-lo imediatamente. Poucos minutos mais tarde, Nicole reservara um lugar no vôo supersônico noturno de Paris a Osaca.

— Ela nunca foi bombardeada durante a grande guerra com a América — disse Takagishi, abrindo os braços para indicar a cidade de Quioto que estava abaixo deles — e praticamente não sofreu danos quando os desordeiros ocuparam o poder durante sete meses em 2141. Confesso que não sou nada isento — disse, sorrindo — mas, para mim, Quioto é a cidade mais bonita do mundo.

— Muitos compatriotas meus sentem o mesmo por Paris — respondeu Nicole, apertando mais o casaco em torno de si, já que o ar estava úmido e frio. Parecia que ia nevar a qualquer momento.

Ela se perguntava quando seu companheiro iria começar a falar sobre o assunto em pauta. Não voara oito mil quilômetros para fazer um *tour* pela cidade, embora admitisse que o Templo Kiyomizu, situado em meio a um bosque, em uma encosta que dava vista para a cidade era, sem dúvida, um lugar magnífico.

— Tomemos um chá — disse Takagishi. Ele a conduziu a uma das inúmeras salas de chá que ficavam ao redor do edifício principal do antigo templo budista. *Agora*, disse Nicole consigo mesma, sufocando um bocejo, *ele vai me contar que história é essa*. Takagishi se encontrara com sua colega cosmonauta, quando ela chegara e sugeriu que almoçasse e dormisse um pouco antes de ele voltar. Depois, fora buscá-la às três horas e vieram diretamente para o templo. Ele serviu o grosso chá japonês em duas xícaras e esperou Nicole tomar seu primeiro gole. O líquido quente esquentou-lhe a boca, embora não gostasse de seu gosto amargo. — Madame — começou Takagishi — a senhora estará, sem dúvida, imaginando por que eu a faria vir até o Japão, assim tão de repente. Compreenda... — ele falava lentamente, mas com extraordinária intensidade — durante toda a minha vida, sonhei que talvez uma outra espaçonave Rama aparecesse enquanto eu estivesse vivo. Durante meus estudos na universidade e durante meus muitos anos de pesquisa, preparei-me para um único evento, o retorno dos ramaianos. Na manhã de março de 2197, quando Alastair Moore me chamou para dizer que as últimas imagens de Excalibur indicavam que tínhamos um novo visitante extraterrestre, quase chorei de alegria. E resolvi que participaria da missão.

O cientista japonês tomou um gole de seu chá e olhou para sua esquerda, para o bem cuidado bosque e as encostas que dominavam a cidade. — Quando eu era menino — continuou ele em seu cuidadoso inglês quase inaudível — eu subia estas colinas nas noites claras e olhava para o céu, buscando o lar daquela inteligência especial que criara aquela incomparável máquina gigantesca. Uma vez vim com meu pai e ficamos juntos, encolhidos no ar frio da noite, olhando para as estrelas, enquanto ele me contava o que aconteceu em sua aldeia nos dias do primeiro

encontro de Rama, 12 anos antes de eu nascer. Acreditei naquela noite... — ele se voltou para olhar para Nicole e novamente ela pôde perceber a paixão em seu olhar — e ainda hoje acredito que havia alguma razão para aquela visita, algum objetivo para o aparecimento daquela aterradora espaçonave. Estudei todos os dados sobre o primeiro encontro, esperando descobrir alguma pista que pudesse explicar por que ela teria vindo. Não há nada de conclusivo. Elaborei várias teorias sobre o assunto, mas não tenho provas suficientes para validar nenhuma delas.

Novamente Takagishi parou para tomar um gole de chá. Nicole ficara tão surpreendida quanto impressionada com a profundidade dos sentimentos que ele demonstrara, e ficou sentada, pacientemente esperando que ele continuasse. — Eu sabia que tinha boas probabilidades de ser selecionado como cosmonauta — disse ele — não só em virtude de minhas publicações, inclusive o *Atlas*, mas também porque um de meus colaboradores mais íntimos, Hisanori Akita, era representante japonês no Conselho de Seleção. Quando o número de cientistas competindo para o cargo já havia sido reduzido a oito e eu era um deles, Akita-san sugeriu-me que parecia que os dois candidatos mais fortes eram David Brown e eu. A senhora há de se lembrar que até aquele momento nenhuma espécie de exame físico fora realizado.

Isso mesmo, lembrou-se Nicole, a tripulação potencial fora primeiro reduzida a 48 e então todos foram levados para Heidelberg para os exames físicos. Os médicos alemães encarregados insistiam que todos os candidatos tinham de ser aprovados segundo todos os critérios médicos possíveis. Os graduados da Academia constituíram o primeiro grupo a ser testado e cinco dos 20 foram reprovados, inclusive Alain Blamont.

— Quando o seu compatriota Blamont, que já voara meia dúzia de missões para a AIE, foi desqualificado como candidato em razão de um ligeiro sopro cardíaco — e logo em seguida o Conselho de Seleção dos Cosmonautas apoiou os médicos recusando seu recurso — entrei em pânico — o orgulhoso físico japonês estava agora

encarando diretamente o olhar de Nicole, implorando-lhe que compreendesse. — Tinha medo de perder a mais importante oportunidade de minha carreira por causa de um problema físico menor que jamais afetara qualquer parte de minha vida — ele fez uma pausa a fim de escolher cuidadosamente suas palavras. — Sei que o que fiz foi errado e desonroso, mas, na época, convenci a mim mesmo que estava certo, que minha oportunidade de decifrar o maior enigma da história do homem não podia ser impedida por um grupo de médicos bitolados que definiam saúde aceitável em termos de valores numéricos.

O Dr. Takagishi contou o resto de sua história sem enfeites ou qualquer emoção óbvia. A paixão que fugidamente demonstrara quando falou dos ramaianos desaparecera, seu discurso monocórdio foi seco e claro. Explicou que persuadira o médico da família a falsificar seu histórico médico e a lhe fornecer uma droga nova que evitaria a ocorrência de sua irregularidade diastólica durante os dois dias de exames médicos em Heidelberg. Embora houvesse algum risco de efeitos colaterais deletérios por causa da nova droga, tudo correria segundo seus planos. Takagishi passara nos rigorosos testes físicos e acabara sendo selecionado como um dos dois cientistas da missão, ao lado do Dr. David Brown. Ele jamais tornara a pensar na questão do exame físico até três meses atrás, quando Nicole explicara pela primeira vez que planejava recomendar, para os astronautas, o sistema de sondas de Hakamatsu durante a missão em vez do esquadrinhamento temporário-padrão uma vez por semana.

— Compreenda — explicou Takagishi, começando a franzir o sobrecenho — com a antiga técnica de monitoramento de saúde, eu poderia usar a mesma droga uma vez por semana e nem a senhora e nem qualquer outro oficial das ciências da vida jamais encontraria qualquer irregularidade. Mas ninguém pode enganar um sistema permanente de monitoração — a droga é perigosa demais para uso constante.

E então você fez um acordo com Hakamatsu, adiantou-se Nicole, em sua mente. Com ou sem conhecimento explícito dele. E digitou leques de espectro de probabilidade que não detonariam a presença de sua anormalidade. Esperava que ninguém, ao analisar os testes, pedisse uma contagem biométrica total. Agora ela compreendia por que ele pedira que fosse ao Japão. E queria que eu respeitasse o segredo dele.

— *Watakushi no dōryō wa, wakarimasu* — disse Nicole bondosamente, mudando para japonês a fim de demonstrar sua solidariedade pela angústia do colega. — Percebo o quanto isso o está deixando aflito. Não precisa explicar em detalhes como interferiu com as sondas Hakamatsu — ela fez uma pausa e viu o rosto dele relaxar. — Mas se estou compreendendo corretamente, o que quer é que eu me torne cúmplice de sua fraude. Há de entender que, naturalmente, não posso sequer levar em conta a possibilidade de preservar seu segredo, a não ser que fique absolutamente convencida de que seu pequeno problema físico, como o chama, não represente nenhuma espécie de ameaça para a missão. De outro modo, eu seria forçada...

— Madame des Jardins — interrompeu-a Takagishi — tenho o maior respeito por sua integridade. Eu jamais, *jamais* pediria que mantivesse minha irregularidade cardíaca fora dos registros a não ser que a senhora efetivamente concordasse que ela é realmente apenas um problema insignificante — ele a olhou em silêncio durante vários segundos. — Quando Hakamatsu me telefonou esta noite — continuou ele, tranqüilamente — pensei primeiro em convocar uma entrevista coletiva e depois em pedir demissão do projeto. Contudo, enquanto pensava no que diria em meu pedido de demissão, fiquei pensando no Professor Brown. Ele é um homem brilhante, o meu equivalente americano, mas é também, em minha opinião, um pouco convencido demais de sua infalibilidade. O meu substituto mais provável seria o Professor Wolfgang Heinrich, de Bonn. Ele já publicou vários e ótimos trabalhos sobre Rama, porém ele, como Brown, acredita que essas visitas celestiais representam acontecimentos casuais, totalmente privados de relação com nosso

planeta — a intensidade e a paixão voltaram a seus olhos. — Não posso desistir agora. A não ser que não tenha escolha. Tanto Brown quanto Heinrich poderiam deixar escapar a pista.

Atrás de Takagishi, no caminho que levava de volta ao principal edifício de madeira do templo, passaram três monges budistas, caminhando rapidamente. Apesar do frio, sua roupa era leve, suas habituais batas cinza-carvão, com os pés expostos ao frio em suas sandálias abertas. O cientista japonês estava propondo a Nicole que passassem o resto do dia no consultório de seu médico particular, onde poderiam estudar seu histórico médico completo e não censurado, desde a infância. Se ela assim o desejasse, poderiam dar-lhe o cubo de dados contendo todas as informações para ela levar de volta à França e estudar com calma.

Nicole, que estava ouvindo atentamente Takagishi há quase uma hora, voltou momentaneamente sua atenção para os três monges que agora subiam resolutamente a escada ao longe. *Seus olhos são tão serenos, pensou ela. Suas vidas tão livres de contradições. O monointeresse da mente pode ser uma virtude. Torna todas as respostas fáceis.* Por um momento, ela invejou os monges e sua existência ordenada. Imaginou como eles enfrentariam o dilema que o Dr. Takagishi estava apresentando a ela. *Ele não é um dos cadetes espaciais, pensou ela, de modo que seu papel não é crítico para o sucesso da missão, em termos absolutos, E, de certo modo, ele tem razão. Os médicos do projeto têm sido exigentes demais. Eles jamais deveriam ter desqualificado Alain. Seria uma pena se...*

— *Daijōbu* — disse ela antes que ele terminasse de falar. — Eu irei com você ver seu médico e, se não encontrar nada que me deixe preocupada, levarei todo o arquivo comigo para casa a fim de estudá-lo durante estas férias — o rosto de Takagishi iluminou-se. — Mas deixe-me avisá-lo de novo — acrescentou — se houver qualquer coisa em sua ficha que eu achar questionável, ou se tiver a mínima prova de que me omitiu qualquer resquício de informação, terei de pedir-lhe que peça demissão imediatamente.

— Obrigado, muito obrigado — respondeu o Dr. Takagishi, pondo-se de pé e curvando-se para sua colega. — Muito, muito obrigado — repetiu.

## 10. O COSMONAUTA E O PAPA

O General O'Toole não podia ter dormido mais de duas horas ao todo. A mistura de excitação com a diferença de fuso horário mantivera sua mente ativa durante toda a noite. Estudara o lindo mural bucólico na parede em frente à cama de seu quarto de hotel, contando duas vezes todos os animais. Infelizmente, continuara acordado depois de ambas as contagens.

Ele respirou fundo, esperando que isso o ajudasse a relaxar. *Mas então por que todo esse nervosismo?*, perguntou-se ele. *Ele é apenas um homem como todo o resto do mundo. Bem, não exatamente.* O'Toole esticou-se na cadeira e sorriu. Eram dez horas da manhã e estava sentado em uma pequena ante-sala no Vaticano. E a ponto de ter uma audiência particular com o Vigário de Cristo, o Papa João Paulo V.

Durante sua infância, Michael O'Toole sonhara muitas vezes tornar-se, algum dia, o primeiro papa norte-americano. "Papa Michael" era como chamava a si mesmo durante aquelas longas tardes de domingo em que estudava sozinho seu catecismo. Enquanto repetia e tornava a repetir as palavras de suas lições e as consignava à sua memória, imaginava-se, talvez dali a 50 anos, usando a batina e o anel papal, celebrando a missa nas grandes igrejas e nos grandes estádios do mundo. Ele seria a inspiração dos pobres, dos desesperançados, dos oprimidos. Mostraria a eles como Deus poderia levá-los a vida melhor.

Quando rapaz, Michael O'Toole amara o aprender, mas três assuntos o fascinavam em particular. Ele nunca conseguia ler o bastante sobre religião, história e física. De algum modo, sua mente hábil achava fácil pular de um para outro desses três assuntos. Jamais ficou preocupado pelo fato de as epistemologias da religião e da física ficarem a 180° de distância uma da outra. Michael O'Toole não tinha dificuldade em reconhecer quais as

questões da vida a serem respondidas pela física e quais pela religião.

Seus três assuntos de interesse primordial fundiam-se no estudo da criação. Esta era, afinal, o começo de tudo, inclusive da religião, da história e da física. Como ela teria acontecido? Estaria Deus presente, talvez, como juiz, para o pontapé inicial do universo, há 18 bilhões de anos? Não teria sido Ele quem fornecera o ímpeto para a explosão cataclísmica conhecida como o *Big Bang*, que produzira toda matéria a partir da energia? Não teria previsto que todos aqueles prístinos átomos de hidrogênio originais viriam a se aglutinar em gigantescas nuvens de gás para depois cair sob a gravidade a fim de transformarem-se em estrelas nas quais seriam manufaturados os tijolos químicos básicos do edifício da vida?

*E eu jamais perdi meu fascínio pela criação*, disse O'Toole a si mesmo, enquanto aguardava a audiência papal. *Como será que tudo aconteceu?* Ele se lembrou das perguntas que fazia aos padres quando era adolescente. *Eu provavelmente resolvi não ser padre porque isso limitaria meu acesso à verdade científica. A Igreja jamais se sentiu tão à vontade quanto eu em relação às aparentes incompatibilidades entre Deus e Einstein.*

Um padre americano do escritório de relações exteriores do Vaticano estava à sua espera em seu hotel em Roma, na noite anterior, quando O'Toole voltou de seu dia de turismo. O padre se apresentara e pedira profundas desculpas por não haver respondido à carta que o General O'Toole enviara de Boston em novembro. Teria "facilitado o processo", comentou o padre, de passagem, se houvesse explicado que ele era o General O'Toole, cosmonauta da missão Newton. No entanto, continuou o padre, os compromissos papais estavam rearrumados e o Santo Pai ficaria encantado em receber O'Toole na manhã seguinte.

Quando se abriu a porta da sala papal, o general americano instintivamente se levantou. O padre da véspera entrou na saleta, muito nervoso, e apertou a mão de O'Toole. Ambos olharam na direção da porta na qual o papa, usando sua costureira batina

branca, terminava uma conversa com um de seus auxiliares imediatos. João Paulo Vavançou pela ante-sala, com um agradável sorriso no rosto, e estendeu a mão para O'Toole. O cosmonauta automaticamente ajoelhou-se e beijou o anel papal.

— Santo Pai — murmurou ele, espantado com as excitadas batidas de seu coração — muito obrigado por me receber. Esta é para mim uma grande honra.

— Para mim também — respondeu o papa, em um inglês com leve sotaque. — Tenho seguido suas atividades e as de seus colegas com o maior interesse.

Ele fez um gesto na direção de O'Toole e o general americano seguiu o líder religioso para seu grandioso escritório de teto muito alto. Uma imensa escrivaninha de madeira escura ficava em um lado do cômodo debaixo de um retrato em tamanho natural de João Paulo IV, o homem que se tornara papa durante os piores dias do Grande Caos e oferecera ao mundo, tanto quanto à Igreja, 20 anos de liderança enérgica e inspiradora. O talentoso venezuelano, poeta e erudito historiador por direito próprio, demonstrara ao mundo, entre 2139 e 2158, que força positiva a Igreja organizada podia ser em época durante a qual praticamente todas as outras instituições haviam entrado em colapso e eram, por isso mesmo, incapazes de amparar as massas desorientadas.

O papa sentou-se em um sofá e fez um gesto para que O'Toole se sentasse a seu lado. O padre americano deixou a sala. Em frente a O'Toole e o papa havia grandes janelas que se abriam para um balcão de onde se descortinava os jardins do Vaticano, uns seis metros mais embaixo. Ao longe, O'Toole podia ver o museu do Vaticano, onde passara toda a tarde da véspera.

— O senhor escreveu em sua carta — disse o Santo Padre, sem se referir a quaisquer notas — que havia algumas "questões teológicas" que gostaria de discutir comigo. Suponho que estas devam ter alguma relação com a sua missão.

O'Toole olhou para o espanhol de 77 anos que era o guia espiritual de um bilhão de católicos. A pele do papa era oliva, seus traços bem delineados, sua basta cabeleira negra agora quase toda cinzenta. Seus olhos castanhos eram suaves e claros. *Ele não gosta mesmo de perder tempo*, pensou O'Toole, lembrando-se de um artigo em uma revista católica no qual um dos principais cardeais da administração do Vaticano elogiava João Paulo V por sua eficiência administrativa.— Realmente, Santo Padre — disse O'Toole. — Como sabe, estou a ponto de embarcar em uma jornada da maior significação para a humanidade. Como católico, tenho algumas perguntas que pensei ser de grande auxílio para mim poder discutir com o senhor — fez uma ligeira pausa. — É claro que não espero que o senhor tenha todas as respostas, mas talvez pudesse guiar-me um pouco com toda a sua sabedoria acumulada.

O papa acenou com a cabeça e esperou que O'Toole continuasse. O cosmonauta respirou fundo. — A questão da redenção é que vem me preocupando, muito embora eu imagine que ela seja apenas parte de uma preocupação maior que venho tendo, a de reconciliar os ramaianos com nossa fé.

A testa do papa franziu-se e O'Toole percebeu que não estava se comunicando muito bem. — Não tenho qualquer dificuldade — acrescentou o general à guisa de explicação — com o conceito de Deus criar os ramaianos, o que é fácil de compreender. Mas será que os ramaianos seguem um modelo de evolução espiritual semelhante ao nosso e, por esse motivo, necessitem ser redimidos em algum momento de sua história, como os humanos na Terra? E se assim for, terá Deus enviado Jesus, ou talvez seu equivalente ramaiano, para salvá-los de seus pecados? Será que nós, humanos, representamos assim um paradigma de evolução que tem sido várias vezes repetido pelo universo afora?

O sorriso do papa alargou-se até chegar quase a um riso. — Por Deus, general — disse ele, bem-humorado — o senhor percorreu um território intelectual mais do que vasto muito rapidamente. E deve saber que não tenho respostas fáceis e

imediatas para questionamentos de tal profundidade. A Igreja está com seus estudiosos examinando as questões levantadas por Rama há quase 70 anos e, poderia esperar, nossas pesquisas foram recentemente intensificadas em função da descoberta da nova nave espacial.

— Mas no que é que o senhor acredita pessoalmente, Vossa Santidade? — insistiu O’Toole. — Será que as criaturas que construíram estes dois veículos espaciais inacreditáveis cometeram algum pecado original e também teriam necessidade de um salvador, em algum momento de sua história? Será a história de Jesus privativa da Terra, ou será ela apenas um pequeno capítulo de um livro de proporções quase infinitas que cobre todos os seres sensíveis e a necessidade de redenção para a conquista da salvação?— Não tenho certeza — retrucou o Santo Padre depois de vários segundos. — Às vezes é quase impossível para mim conceber a existência de outras inteligências, de qualquer natureza, lá fora, no resto do universo. E depois, tão logo eu reconheço que nenhuma se pareceria exatamente conosco, vejo-me em luta com imagens e retratos que desviam meu pensamento dos tipos de questionamentos teológicos como os que o senhor levantou esta manhã — ele parou por um momento para refletir. — Todavia durante a maior parte do tempo imagino que também os ramaianos tiveram lições a aprender no início, que Deus também não os criou perfeitos e que, em algum ponto de seu desenvolvimento, Ele deve ter mandado Jesus até eles...

O papa interrompeu-se e olhou intensamente para o General O’Toole. — Isso mesmo — continuou ele docemente — eu disse Jesus. O senhor perguntou-me no que eu acreditava pessoalmente. Para mim, Jesus é o verdadeiro salvador e o único filho de Deus. Teria sido Ele enviado também aos ramaianos, mas de forma diferente.

O rosto de O’Toole brilhou no final dos comentários do Sumo Pontífice. — Concordo com o senhor, Santo Padre — afirmou ele, excitado. — E, portanto, toda inteligência é unida, em todo lugar no

universo, por uma experiência espiritual semelhante. Em um sentido muito, muito real, supondo que os ramaianos e os outros também tenham sido salvos, somos todos irmãos. Afinal, somos feitos dos mesmos elementos químicos básicos. Isso significa que o céu não será limitado apenas aos humanos, mas abraçará todos os seres, de todos os lugares, que tenham compreendido Sua mensagem.

— Percebo como o senhor poderia chegar a tal conclusão — replicou João Paulo. — Mas com toda a certeza ela não será universalmente aceita. Até mesmo dentro do âmbito da Igreja há os que sustentam outros pontos de vista quanto aos ramaianos.

— Está se referindo ao grupo que procura apoio em citações de São Miguel de Siena?

O papa fez sinal de concordância.

— Quanto a mim — disse o General O'Toole — considero a estreita interpretação homocêntrica do sermão de São Miguel sobre os ramaianos muito limitadora. Ao dizer que a espaçonave extraterrestre poderia ser um arauto, à maneira de Elias ou até mesmo de Isaías, vaticinando uma segunda vinda de Cristo, Miguel não estava restringindo os ramaianos a desempenharem apenas esse papel especial em nossa história, sem qualquer outra função ou existência. Ele estava apenas explicando uma possível visão do acontecimento, a partir de uma perspectiva espiritual humana.

Novamente o Sumo Pontífice sorriu. — Percebo que o senhor já despendeu um considerável tempo e energia pensando no assunto. As informações que tive a seu respeito antes de sua chegada estavam apenas parcialmente corretas. Sua devoção a Deus, à Igreja e à sua família estava toda bem anotada em seu dossiê. Todavia, muito pouco se mencionava sobre seu ativo interesse intelectual pela teologia.

— Considero esta missão a mais importante tarefa de minha vida. Quero ter certeza de que servirei adequadamente a Deus e à humanidade. De modo que estou tentando preparar-me de todas as

formas possíveis, inclusive descobrindo se os ramaianos podem ou não ter um componente espiritual. Isso afetaria minhas ações na missão.

O'Toole parou por alguns segundos antes de continuar. — E, por falar nisso, Vossa Santidade, será que vossos pesquisadores encontraram alguma evidência de uma possível espiritualidade ramaiana, baseada em suas análises feitas do primeiro encontro?

João Paulo V sacudiu a cabeça. — Para falar a verdade, não. No entanto, um de meus mais devotos arcebispos, um homem cujo zelo religioso por vezes se sobrepõe à sua lógica, insiste que a ordem estrutural dentro da primeira nave ramaiana — sabe como é, as simetrias, os modelos geométricos, até mesmo desenhos repetitivos e redundantes em torno do número três — sugere um templo. Ele poderia ter razão. Nós simplesmente não sabemos. Não encontramos provas positivas ou negativas a respeito da natureza espiritual dos seres que criaram aquela primeira espaçonave.

— E surpreendente! — disse O'Toole. — Eu jamais pensara nisso antes. Imagine só se ela tivesse sido realmente criada como uma espécie de templo. Deixaria David Brown abaladíssimo — o general riu. — O Dr. Brown insiste — explicou ele — que nós, pobres seres humanos ignorantes, não teríamos qualquer possibilidade de jamais estabelecer qual seria o objetivo de uma tal espaçonave, porque a tecnologia de seus construtores é adiantada a um tal ponto, em relação à nossa compreensão, que nos seria impossível compreender qualquer coisa sobre ela. E, segundo ele, é claro que não poderia haver qualquer religião ramaiana. Em sua opinião, eles já teriam deixado tais mistificações supersticiosas para trás há muitos milênios, antes de terem desenvolvido a capacidade de construir uma espaçonave tão fabulosa.

— O Dr. Brown é ateu, não é? — perguntou o papa.

O'Toole balançou a cabeça afirmativamente. — E não procura esconder. Ele acredita que todo pensamento religioso prejudica o funcionamento adequado do cérebro. Considera qualquer um que não concorde com seu ponto de vista, um absoluto idiota.

— E o resto da tripulação? Tem opiniões tão radicais quanto as do Dr. Brown?

— Ele é o ateu mais vociferante, embora eu desconfie que Wakefield, Tabori e Turgenyev compartilhem todos de sua atitude básica. Por estranho que pareça, minha intuição diz que o Comandante Borzov tem um pontinho fraco no coração pela religião. O que é verdade quanto à maioria dos sobreviventes do Caos. De qualquer modo, Valeriy parece gostar de me fazer perguntas referentes à minha fé.

O General O'Toole parou por um momento enquanto completava mentalmente seu levantamento das crenças religiosas da tripulação Newton. — As duas européias, des Jardins e Sabatini, são declaradamente católicas, embora nem com grande esforço de imaginação eu as pudesse considerar devotas. O Almirante Heilmann é luterano na Páscoa e no Natal. Takagishi medita e estuda Zen. Quanto aos outros dois, não sei.

O Sumo Pontífice levantou-se e foi até a janela. — Em algum lugar, lá fora, há um veículo espacial estranho e maravilhoso, criado por seres de uma outra estrela, que vêm na nossa direção. Vamos mandar uma tripulação de uma dúzia para se encontrar com ele — voltou-se para o General O'Toole. — Essa espaçonave pode ser um mensageiro de Deus, porém só o senhor a reconheceria como tal.

O'Toole não respondeu. O papa ficou olhando pela janela e calou-se durante quase um minuto. — Não, meu filho, eu não tenho respostas para as suas perguntas. Só Deus as tem. O senhor deve rezar para que Ele forneça as respostas quando o senhor precisar delas — ele encarou o general. — Devo dizer que fico encantado que o senhor se preocupe tanto com essas questões. Tenho confiança em que Deus também o tenha escolhido propositalmente para esta missão. O General O'Toole sentiu que sua audiência estava terminando. — Santo Pai — disse ele — mais uma vez obrigado por me haver recebido e compartilhado este tempo comigo. Sinto-me profundamente honrado.

João Paulo V sorriu e encaminhou-se até seu hóspede. Depois de abraçá-lo à maneira européia, acompanhou o General O'Toole até a porta de seu gabinete.

## 11. SÃO MIGUEL DE SIENA

A saída da estação do metrô ficava defronte à entrada do Parque Internacional da Paz. Quando a escada rolante depositou o General O'Toole no plano superior e ele saiu para a claridade da tarde, pôde ver, à sua direita, a cúpula do santuário, a cerca de 200 m de distância. À sua esquerda, na outra extremidade do parque, era visível o topo do antigo Coliseu romano, por trás de um conjunto de edifícios administrativos.

O general americano andou rapidamente pelo parque e virou para a direita, na calçada que levava ao santuário. Passou por uma linda fontezinha, parte do monumento às crianças do mundo, e parou para ver as figuras esculpidas e animadas que brincavam na água fria. O'Toole estava vibrando por antecipação. *Que dia incrível, pensou ele. Primeiro, tive uma audiência com o papa. E agora, finalmente vou visitar o santuário de São Miguel.*

Quando Miguel de Siena foi canonizado em 2188, 50 anos depois de sua morte (e, o que talvez fosse mais significativo, três anos depois de João Paulo V ter sido o novo papa), houve um consenso imediato de que o local perfeito para erguer o principal santuário em sua homenagem seria o Parque Internacional da Paz. O grande parque estendia-se desde a Piazza Venezia até o Coliseu, espalhado ao redor e em meio às poucas ruínas dos antigos foros romanos que haviam sobrevivido ao holocausto nuclear. Escolher o local exato para o santuário fora um processo muito delicado. O Memorial aos Cinco Mártires, homenageando os bravos homens e mulheres que se dedicaram à restauração da ordem em Roma durante os meses que se seguiram imediatamente ao desastre, fora o maior ponto de atração do parque durante anos. Na opinião de muitos, o novo santuário de São Miguel de Siena não poderia ofuscar o digno e aberto pentágono de mármore, que vinha ocupando o canto sudeste do parque desde 2155.

Depois de longos debates foi decidido que o santuário de São Miguel ficaria situado no canto oposto do parque, a noroeste, com suas fundações pousadas simbolicamente no efetivo epicentro da explosão, a apenas cerca de dez metros de onde existira a coluna de Trajano até ser instantaneamente vaporizada pelo intenso calor no centro da bola de fogo. O primeiro andar do santuário circular era inteiramente dedicado à meditação e à adoração. Havia 12 alcovas ou capelas ligadas à nave central, seis delas com esculturas e obras de arte, segundo motivos clássicos da Igreja Católica, e cada uma das outras seis exaltando uma das principais religiões do mundo. Essa divisão eclética do andar térreo fora concebida com o intuito de oferecer conforto aos vários não-católicos que faziam peregrinações ao santuário para manifestar seu respeito à memória do bem-amado São Miguel.

O General O'Toole não gastou muito tempo no andar térreo. Ele se ajoelhou e orou na capela de São Pedro, olhando rapidamente para a famosa estátua de Buda, em madeira, na alcova ao lado da entrada. Porém, como a maioria dos turistas, mal podia esperar para ver os afrescos do segundo andar. O'Toole ficou dominado tanto pelo tamanho quanto pela beleza das famosas pinturas, desde o momento em que saiu do elevador. À sua frente havia um retrato em tamanho natural de uma linda moça de 18 anos, com longos cabelos louros. Estava curvada, em uma antiga igreja de Siena, na véspera de Natal em 2115, deixando para trás um bebê de cabelos encaracolados, envolto em um cobertor e colocado em uma cesta, no chão da velha igreja. O quadro representava o nascimento de São Miguel e era o primeiro em uma seqüência de 12 painéis em afresco que circundavam inteiramente o santuário e contavam a história da vida do santo.

O General O'Toole caminhou até a pequena bancada que ficava ao lado do elevador e alugou o *tour* de áudio de 45 min. Com dez centímetros quadrados, o aparelho cabia confortavelmente em seu bolso. Ele pegou um dos pequeninos receptores descartáveis e prendeu-o no ouvido. Depois de escolher inglês como sua língua, apertou o botão onde se lia "introdução" e ficou escutando

enquanto uma voz feminina e britânica dava explicações a respeito do que estava para ver.

"Cada um dos 12 afrescos tem seis metros de altura", dizia a mulher enquanto o general estudava as feições do recém-nascido Miguel do primeiro painel. "A iluminação da sala é um misto de luz natural vinda do exterior, que passa pelo filtro das clarabóias, com iluminação artificial proveniente das instalações eletrônicas na cúpula. Sensores automáticos determinam e mesclam as luzes natural e artificial de modo a tornar a visão dos afrescos sempre perfeita.

"Os 12 painéis neste andar correspondem às 12 alcovas do térreo. A disposição dos afrescos em si, que seguem a vida do santo em ordem cronológica, seguem-se na direção dos ponteiros de um relógio. Assim, a última pintura que comemora a cerimônia de canonização de Miguel em Roma, em 2188, fica exatamente ao lado do quadro de seu nascimento na catedral de Siena, 72 anos antes.

"Os afrescos foram concebidos e executados por um conjunto de quatro artistas, inclusive o mestre Feng Yi, da China, que chegou repentinamente na primavera de 2190, sem qualquer anúncio prévio. Apesar de seu talento ser muito pouco conhecido fora da China, os outros três artistas — Rosa da Silva, de Portugal; Fernando López, do México; e Hans Reichwein, da Suíça — saudaram imediatamente a chegada de Feng Yi, em função dos soberbos esboços que ele trouxera consigo. "

O'Toole lançou um olhar em torno do salão circular enquanto ouvia a lírica voz no cassete. Naquele último dia de 2199 havia mais de 200 pessoas no segundo andar do santuário de São Miguel, inclusive três caravanas de turistas. O cosmonauta americano foi caminhando lentamente ao longo do círculo, parando defronte a cada painel para estudar seu aspecto artístico e ouvir os comentários gravados.

Os principais acontecimentos da vida de São Miguel estavam detalhadamente retratados nos afrescos. Os segundo, terceiro, quarto e quinto painéis exibiam seus dias de noviciado franciscano

em Siena, sua viagem de levantamento de dados pelo mundo durante o Grande Caos, o início de seu ativismo religioso na volta à Itália e o uso por Miguel de recursos da Igreja para alimentar os famintos e abrigar os sem-teto. A sexta pintura mostrava o incansável santo no estúdio de televisão doado por um rico admirador. Ali, Miguel, que falava oito línguas, repetidamente proclamava sua mensagem sobre a unidade fundamental de toda a humanidade, conclamando os ricos a cuidar dos menos afortunados.

O sétimo afresco era o retrato, de autoria de Feng Yi, da confrontação em Roma entre Miguel e o papa velho e moribundo. Era uma obra-prima de contraste. Utilizando brilhantemente a cor e a luz, a pintura transmitia a imagem de um homem jovem, enérgico, vibrante, sendo injustamente censurado por um prelado desgastado pelo mundo e ansioso por acabar seus dias em paz e tranqüilidade. Na expressão facial de Miguel podiam ser vistas duas reações diversas ao que lhe estava sendo dito: obediência ao papado e repugnância por estar a Igreja mais preocupada com estilo e ordem do que substância.

"Miguel foi mandado para um mosteiro na Toscana pelo papa", continuava a guia do áudio, " e foi lá que ocorreram as últimas transformações de seu caráter. O oitavo painel retrata a aparição de Deus a Miguel durante esse período de solidão. Segundo o santo, Deus falou-lhe duas vezes: a primeira, no meio de uma tempestade, e a segunda, quando um magnífico arco-íris enchia o céu. Foi durante a tempestade longa e violenta que Deus gritou, no ribombar do trovão, as novas 'Leis da Vida', que, mais tarde, Miguel proclamou em ofício de Páscoa, ao nascer do sol, em Bolsena. Em sua segunda visitação, Deus informou ao santo que sua mensagem se espalharia até o fim do arco-íris e que Ele daria 'um sinal aos fiéis' durante a missa de Páscoa.

"O mais famoso dos milagres da vida de Miguel, que foi observado na televisão por mais de um bilhão de pessoas, é mostrado no nono painel. O quadro mostra Miguel pregando durante a missa da Páscoa para a multidão reunida às margens do

Lago Bolsena. Uma forte chuva de primavera está encharcando a multidão, a maioria está vestida com as conhecidas vestes azuis que eram associadas com seus seguidores. Porém enquanto a chuva cai totalmente em torno de São Miguel, nem um só pingo jamais cai no púlpito ou no equipamento de som utilizado para amplificar sua voz. Um perpétuo foco banha o rosto do jovem santo enquanto ele anuncia as novas leis de Deus ao mundo. Foi nesse momento da transição, entre ser apenas um líder religioso... "

O General O'Toole desligou o cassete enquanto caminhava no sentido do 10º e do 11º painéis. Já conhecia muito bem o resto da história. Depois da missa em Bolsena, Miguel foi perseguido por um monte de problemas. Sua vida mudou repentinamente. Em duas semanas, a maioria de suas concessões de televisão a cabo fora revogada. Histórias de corrupção e imoralidade entre seus devotos jovens, que já eram centenas de milhares só no hemisfério ocidental, apareciam a toda hora na imprensa. Houve uma tentativa de assassinato, evitada no último momento por sua equipe. E houve também notícias sem base, na mídia, de que Miguel se proclamara um segundo Cristo.

E então os líderes mundiais ficaram com medo de você. Todos eles. Você ameaçara todo mundo, com suas leis da vida. E eles jamais compreenderam o que você queria dizer com a evolução final. O'Toole parou diante do 10º afresco. Era uma cena que ele conhecia de cor. Praticamente uma em cada duas pessoas educadas do mundo também a reconheceria imediatamente. Os replays na televisão dos últimos segundos antes da explosão da bomba terrorista eram mostrados todos os anos no dia 28 de junho, primeiro dia da Festa de São Pedro e São Paulo e aniversário do dia em que Miguel Balatresi e quase um milhão de outros pereceram em Roma naquela fatídica manhã de verão de 2138.

*Você os chamara para se reunirem com você em Roma. Para mostrar ao mundo que todos estavam unidos. E eles vieram. A décima pintura mostrava Miguel, com suas vestes azuis, nos degraus do Monumento a Vittorio Emmanuel, junto à Praça Venezia.*

Estava no meio de um sermão. Em volta dele, em todas as direções, transbordando para os foros romanos da apinhada Via dei Fori Imperiali que conduz ao Coliseu, estava um mar de azul. E de rostos ansiosos, excitados, em sua maior parte jovens, espiando e levantando o rosto para conseguir vislumbrar o menino-homem que ousara sugerir que ele tinha um caminho, o caminho de Deus, para sair do desespero e da desesperança que engolfaram o mundo.

Michael Ryan O'Toole, um católico americano de 57 anos, caiu de joelhos e chorou, como milhares haviam feito antes dele, quando olhou para o 11º painel da série. Este retratava a mesma cena que o anterior, porém mais de uma hora depois, uma hora *depois* que a bomba atômica de 75 km, escondida em um caminhão de som junto à coluna de Trajano, explodira e mandara sua horrenda nuvem em cogumelo para o céu acima da cidade. Tudo dentro de um raio de 200 m do epicentro fora imediatamente vaporizado. Não havia mais Miguel, nem Praça Venezia, nem vasto Monumento a Vittorio Emmanuel. No centro do afresco, não havia nada senão um buraco. E ao redor do perímetro do buraco, onde a vaporização não fora completa, havia cenas de agonia e horror capazes de desmoronar a complacência dos mais calejados indivíduos.

Meus Deus, pensou O'Toole entre suas lágrimas, ajude-me a compreender a mensagem da vida de São Miguel. Ajude-me a saber como poderei contribuir, de algum modo, para o seu plano geral para nós. Guie-me enquanto me preparo para ser seu emissário aos ramaianos.

## 12. ROMANOS E RAMAIANOS

— Então, o que é que acha? — Nicole des Jardins ficou de pé e girou lentamente na frente da câmera ao lado do monitor. Estava usando um vestido justo, branco, feito de um dos novos materiais elásticos. A saia parava logo abaixo dos joelhos e as mangas compridas eram marcadas por uma linha preta que passava por baixo do cotovelo e corria desde o ombro até o pulso. O cinto largo e negro combinava tanto com a listra quanto com a cor de seu cabelo e de seus sapatos de salto alto. Os cabelos estavam presos por um pente na parte posterior da cabeça e depois caíam livremente até quase sua cintura. Sua única jóia era uma pulseira larga, de ouro, com três filas de pequenos diamantes, que usava no punho esquerdo.

— Você está linda, *mamã* — respondeu-lhe sua filha Geneviève, na tela. — Eu nunca tinha visto você toda vestida e com o cabelo solto. O que aconteceu com o macacão de sempre? — indagou rindo a menina de 14 anos. — Quando é que a festa começa?

— Às nove e meia. Elegantemente tarde. É provável que o jantar só saia pelo menos uma hora depois. Eu vou comer qualquer coisa no hotel antes de ir, para não morrer de fome.

— *Mamã*, não se esqueça de sua promessa. Na semana passada, o *Aujourd' hui* dizia que meu cantor favorito, Julien LeClerc, positivamente seria um dos artistas convidados para o *show*. Então diga a ele que a sua filha acha que ele é absolutamente *divino*!

Nicole sorriu para a filha. — Por você eu faço tudo, querida. Embora o provável seja que ele compreenda mal. Pelo que dizem por aí, *Monsieur* LeClerc pensa que todas as mulheres do mundo estão apaixonadas por ele — ela fez uma ligeira pausa. — Onde está seu avô? Pensei que você tinha dito que ele iria se juntar a nós em poucos minutos.

— Estou aqui — disse o pai de Nicole, enquanto seu rosto curtido pelo tempo aparecia na tela ao lado do da neta. — Eu estava só acabando um pedacinho de meu romance sobre Peter Abelard. Não esperava que você telefonasse tão cedo — Pierre des Jardins estava com 66 anos. Bem-sucedido autor de romances históricos há muitos anos, sua vida, desde a morte prematura de sua mulher, fora abençoada pela fortuna e pelas realizações. — Você está espetacular! — exclamou ele quando viu a filha em seu vestido de noite. — Comprou este vestido em Roma?

— Na verdade, *papá* — disse Nicole girando mais uma vez para o pai poder ver toda a toailete — comprei para o casamento de Françoise, há três anos. Mas nunca tive oportunidade de usá-lo. Você acha que é simples demais?

— Nada disso — respondeu Pierre. — Acho que é exatamente a coisa certa para esse tipo de badalação. Se parecer com as grandes festas que eu costumava freqüentar, todos vão estar usando as coisas mais enfeitadas e fantásticas em matéria de roupa e jóias; você será particularmente notada pelo branco e preto "simples". Principalmente usando o cabelo assim. Está perfeita.

— Obrigada. Mesmo sabendo que você é faccioso, continuo gostando de ouvir seus elogios — ela olhou seu pai e sua filha, seus únicos companheiros íntimos nos últimos sete anos. — Confesso que estou realmente ansiosa. Acho que não vou ficar tão nervosa no dia em que encontrarmos com a Rama. Muitas vezes sinto-me fora de meu hábitat em festas grandes, mas hoje estou com um estranho pressentimento que não posso explicar. Você se lembra, *papá*, de como me senti durante o dia inteiro antes de nosso cachorro morrer, quando eu era criança?

O rosto do pai tornou-se sério. — Talvez você devesse optar por ficar no hotel. Um número muito grande de suas premonições tem sido preciso no passado. Lembro-me de você me dizer que havia alguma coisa de errado com sua mãe dois dias antes de recebermos a mensagem...

— Não é um sentimento muito forte — interrompeu Nicole. — E, além do mais, que desculpa poderia eu dar? Todo mundo está me esperando, sobretudo a imprensa, segundo Francesca Sabatini. Ela continua aborrecida comigo por eu não lhe haver concedido uma entrevista sobre a minha vida pessoal.

— Então acho que deve ir. Mas tente divertir-se. Pelo menos esta noite, não leve as coisas a sério.

— E não se esqueça de dizer alô a Julien LeClerc por mim — acrescentou Geneviève.

— Vou sentir muita falta de todos dois à meia-noite — disse Nicole. — É a primeira vez que não passo a entrada do Ano-Novo com vocês desde 2194 — Nicole fez uma pequena pausa, lembrando todas as suas comemorações em família. — Cuidem-se bem, todos dois. E já sabem que eu os amo muito.

— Eu também a amo, mamãe — gritou Geneviève. Pierre fez um gesto de despedida.

Nicole desligou o videofone e olhou o relógio. Eram oito horas. Ainda tinha uma hora antes de encontrar com seu motorista na entrada do hotel. Foi até o terminal de computador e pediu alguma coisa para comer. Com meia dúzia de comandos, pediu um prato de minestrone e uma garrafa pequena de água mineral. O computador avisou-a de que deveria receber ambas as coisas dentro de 16 a 19 min.

*Estou realmente tensa esta noite*, pensou Nicole enquanto folheava a revista *Italia* e esperava a comida. A principal matéria da revista era uma entrevista com Francesca Sabatini. O artigo cobria dez páginas inteiras e devia incluir umas 20 fotografias diferentes de *la bella signora*. O entrevistador discutia os dois documentários de Francesca que haviam alcançado enorme sucesso (o primeiro sobre o amor moderno e o segundo sobre drogas), enfatizando o fato de que, em meio a várias questões sobre a série das drogas, Francesca fumou repetidamente durante toda a conversa.

Nicole passou apressadamente os olhos pelo artigo, notando, enquanto lia, que havia facetas de Francesca que ela jamais levava em consideração. *Mas o que a motivará?*, ficou imaginando Nicole. *O que é que ela quer?* Mais para o fim da revista, o entrevistador perguntava a Francesca sua opinião sobre as duas outras mulheres da tripulação Newton. — Sinto que, na realidade, sou a única mulher da tripulação — respondeu Francesca. Nicole diminuiu a velocidade para ler o resto do parágrafo. — A piloto russa Turgenyev pensa e age como um homem, e a princesa franco-africana Nicole des Jardins suprimiu propositadamente sua feminilidade, o que é uma pena porque ela poderia ser uma mulher muito bonita.

Nicole ficou levemente irritada com os comentários fáceis de Francesca. Mais do que outra coisa, ela se divertiu. Teve um ligeiro ímpeto competitivo, mas repreendeu-se logo por ceder a reação tão infantil. *Na hora certa, farei algumas perguntas a Francesca sobre o artigo*, pensou Nicole com um sorriso. *Quem sabe? Talvez até pergunte a ela se seduzir homens casados a qualifica como feminina.*

Os 40 min de carro desde o hotel até a festa na Vila Adriani, localizada nos arredores dos subúrbios de Roma, não muito longe da cidade de veraneio de Tivoli, passaram-se em silêncio total. O outro passageiro no veículo que levava Nicole era Hiro Yamanaka, o mais taciturno de todos os cosmonautas. Em sua entrevista pela televisão, dois meses atrás, uma Francesca Sabatini frustrada, depois de dez minutos de respostas de duas ou três palavras monossilábicas a todas as suas perguntas, indagara a Hiro se os rumores de que ele era um andróide seriam verdadeiros.

— O quê? — perguntara Yamanaka.

— Você é um andróide? — repetiu Francesca com um sorriso moleque.

— Não — respondeu o piloto japonês, com suas feições permanecendo absolutamente inexpressivas à medida que o *zoom* da câmera fechava em seu rosto.

Quando o carro deixou a estrada principal entre Roma e Tivoli para percorrer o trecho final até a Vila Adriani, o trânsito ficou congestionado. Passaram a avançar muito lentamente, não só por causa da quantidade de carros que transportava convidados para a festa, como também por causa das centenas de curiosos e *paparazzi* que ladeavam a estreita estrada.

Nicole respirou fundo quando o carro finalmente atingiu uma passagem circular e parou. Do lado de fora de sua janela fumê, podia ver uma revoada de fotógrafos e repórteres, prontos para pular em cima de qualquer um que saísse do carro. Sua porta abriu automaticamente e ela saltou vagarosamente, apertando contra si seu casaco de camurça e tomando cuidado para os saltos não ficarem presos.

— Quem é essa? — ela ouviu dizer uma voz.— Franco, vem aqui rápido. É a cosmonauta des Jardins. Ouviram-se alguns aplausos e pipocaram *os flashes* de muitas

câmeras. Um cavalheiro italiano de aspecto bondoso avançou e tomou Nicole pela mão. Uma pequena multidão avançou para cima dela, vários microfones foram enfiados diante de seu rosto e parecia que lhe faziam umas 100 perguntas simultaneamente em quatro ou cinco línguas diferentes.

— Por que a senhora se recusou a dar qualquer entrevista pessoal?

— Por favor, abra o casaco para podermos ver seu vestido.

— Os outros cosmonautas a respeitam como médica?

— Pare um momento. Por favor, sorria.

— Qual é a sua opinião a respeito de Francesca Sabatini?  
Nicole não disse uma palavra enquanto os homens da segurança

retinham a multidão e a conduziam a um carrinho elétrico coberto. O veículo para quatro passageiros avançou lentamente pela longa elevação, deixando a multidão para trás, e uma agradável italiana de uns 25 anos foi explicando a Nicole e Hiro, em inglês, o que iam vendo. Adriano, que governara o império romano entre 117 e 138 da era cristã, construía aquela imensa vila, disse ela, para seu próprio prazer. A obra-prima arquitetônica representava uma fusão de todos os estilos de construção que Adriano vira em suas muitas viagens pelas mais distantes províncias, e fora desenhada pelo próprio imperador em uma área de 300 acres de planície aos pés das colinas Tiburtinas.

O passeio no carrinho, ao longo daquela variedade de edificações antigas, aparentemente já era parte integrante das festividades da noite. As ruínas iluminadas, por si mesmas, sugeriam apenas vagamente sua glória de outrora, e os muros de pedra bruta não tinham qualquer adorno. Quando o carrinho completou seu caminho sinuoso, passando pelas ruínas do Canopus, um monumento construído em estilo egípcio em torno de uma piscina retangular (era o 15º ou 16º edifício do conjunto — Nicole perdera a conta), um sentido geral das imensas proporções da vila já tinha definitivamente tomado forma.

Esse homem morreu há mais de dois mil anos, refletiu Nicole, lembrando-se do que estudara de história. Um dos homens mais inteligentes que jamais existiram. Soldado, administrador, lingüista. Ela sorriu ao lembrar-se da história de Antíoco. Solitário durante a maior parte da vida. Exceção a uma única, breve e consumidora paixão que terminou em tragédia.

O carrinho parou na ponta de um breve caminho. A guia terminou seu monólogo. — Para honrar a grande *Pax Romana*, um extenso período de paz mundial há dois milênios, o governo italiano, ajudado por generosas doações das corporações relacionadas ao pé da estátua ali à sua direita, resolveu em 2189 construir uma réplica perfeita do Teatro Marítimo de Adriano. Talvez se lembrem que nós passamos pelas ruínas do original logo que

começamos nosso caminho. O objetivo do projeto de reconstrução era o de mostrar o que teria sido visitar uma parte desta vila durante a vida do imperador. O edifício foi concluído em 2193 e tem sido usado desde então para eventos de estado.

Os convidados eram recebidos por rapazes italianos trajados a rigor, uniformemente altos e bonitos, que os escoltavam ao longo do caminho, em que atravessavam o Salão dos Filósofos, até atingirem o Teatro Marítimo. Havia uma rápida verificação pela segurança na entrada efetiva do local, depois da qual os hóspedes ficavam livres para passear por onde quisessem.

Nicole ficou encantada com o edifício. Ele era basicamente circular, com cerca de 40 m de diâmetro. Um anel de água separava uma ilha interior, na qual estava localizada uma grande casa com cinco cômodos e um grande pátio, da grande colunata, com suas colunas acaneladas. Não havia telhado sobre a água ou a parte interior do pórtico, e o céu aberto emprestava a todo o teatro uma maravilhosa sensação de liberdade. Em torno da casa, hóspedes se encontravam, falavam e bebiam; garçons-robôs de última geração deslizavam carregando grandes bandejas de champanha, vinhos e outras bebidas alcoólicas. Nas duas pequenas pontes que ligavam a ilha à área do pórtico exterior, Nicole viu várias pessoas, todas de branco, trabalhando para montar o bufê.

Uma loura gorducha e seu marido mirrado e brincalhão, um homem careca usando uns óculos antiquados, aproximavam-se rapidamente de Nicole, a uns dez metros de distância. Nicole preparou-se para o ataque iminente tomando um pequeno gole de seu coquetel de champanha com cassis, que lhe fora entregue, alguns minutos antes, por um robô de surpreendente insistência.— Madame des Jardins — disse o homenzinho enquanto abanava uma das mãos e avançava depressa. — Nós simplesmente temos de falar com a senhora. Minha mulher é uma de suas maiores fãs — ele chegou perto de Nicole e, com um gesto, chamou a mulher. — Vem cá, Cecília — gritou ele —, eu a agarrei.

Nicole respirou fundo e forçou um largo sorriso. *Vai ser uma daquelas noites*, disse ela para si mesma.

*Finalmente*, estava pensando Nicole, *talvez eu consiga uns minutos de tranqüilidade*. Ela estava sentada sozinha, com as costas propositalmente viradas para a porta, em uma pequena mesa no canto da sala. A sala ficava ao fundo da casa da ilha, no centro do Teatro Marítimo. Nicole acabou os últimos pedacinhos de comida e lavou-os com um gole de vinho.

Ela suspirou, tentando sem sucesso lembrar-se de ao menos metade das pessoas que encontrara na última hora. Ela tinha sido passada de um para outro, e elogiada por todos, como uma foto preciosa. Fora abraçada, beijada, beliscada, flertada (por homens e mulheres) e até mesmo cantada por um rico armador sueco, que a convidara para ir a seu "castelo" nos arredores da cidade de Göteborg. Nicole mal dissera uma palavra a qualquer pessoa. Com o rosto doído de tanto sorrir, ela se sentia meio de pilequinho com tanto vinho e coquetel de champanha.

— Ora, ora, quem diria — ela ouviu dizer uma voz conhecida, atrás dela. — Acho que a dama de vestido branco é nada mais nada menos do que minha companheira cosmonauta, a própria princesa de gelo, *madame* Nicole des Jardins — Nicole virou-se e viu Richard Wakefield cambaleiar em sua direção. Ele tropeçou em uma mesa, estendeu a mão para se equilibrar numa cadeira, e quase caiu no colo dela.

— Desculpe — disse ele rindo e conseguindo sentar-se a seu lado. — Acho que tomei gim e tônica demais — ele sorveu mais um imenso gole de um copo que permanecera miraculosamente cheio em sua mão direita. — E agora — disse ele com uma piscadela — se não se importar, vou dar um cochilo, antes do *show* dos golfinhos.

Nicole riu quando a cabeça de Richard bateu na mesa com estardalhaço e ele fingiu perder os sentidos. Depois de um instante,

ela se inclinou e, brincando, forçou uma das pálpebras dele para se abrir.— Se não se importa, camarada, será que podia esperar para desmaiar depois de me explicar essa história de golfinhos?

Com grande esforço, Richard sentou-se e começou a revirar os olhos. — Quer dizer que não sabe? Logo você, que sempre sabe *todos* os horários e *todos* os procedimentos? É impossível.

Nicole terminou seu vinho. — Fora de brincadeira, Wakefield. Do que é que você está falando?

Richard abriu uma das pequenas janelas e enfiou seu braço por ali, apontando para a água que circundava a casa. — O grande Dr. Luigi Bardolini está aqui, com seus golfinhos inteligentes. Francesca vai apresentá-los dentro de uns 15 min — ele encarou Nicole em total descontrole. — O Dr. Bardolini vai provar, aqui e agora — gritou ele — que seus golfinhos podem passar nos exames de admissão para as nossas universidades.

Nicole recostou-se e olhou cuidadosamente para o colega. *Ele está mesmo bêbado*, pensou ela. *Vai ver que se sente tão deslocado quanto eu.*

Richard agora olhava atentamente pela janela. — Esta festa é um verdadeiro jardim zoológico, não é? — disse Nicole após um longo silêncio. — Onde será que eles encontraram...

—É isso — interrompeu-a Wakefield repentinamente, dando um triunfal murro na mesa. — É por isso que o local me pareceu tão familiar, desde que chegamos — ele olhou para Nicole, que o observava como se ele tivesse perdido o juízo. — É um Rama em miniatura, não percebeu?— Ele ficou de pé de um salto, incapaz de conter a alegria de sua descoberta. — A água que cerca esta casa é o mar Cilíndrico, os pórticos representam a planície central, e nós, bela dama, estamos sentados na cidade de Nova York.

Nicole estava começando a compreender, mas não conseguia acompanhar os rapidíssimos pensamentos de Richard Wakefield. — E o que prova essa semelhança de desenho? — conjecturou ele em voz alta. — O que significa o fato de arquitetos humanos terem, há

dois mil anos, construído um teatro com alguns dos mesmos princípios determinantes que os usados na nave ramaiana? Similaridade de natureza? Similaridade de cultura? Absolutamente, não.

Deteve-se, agora consciente do olhar fixo de Nicole sobre ele. — Matemática — disse ele com ênfase. Uma expressão indagadora dizia-lhe que ela continuava a não compreender inteiramente. — Matemática — repetiu ele, surpreendentemente lúcido, em um repente. — Essa é que é a chave. Os ramaianos quase certamente não pareciam conosco e claramente evoluíram em um mundo muito diferente da Terra. Porém, eles devem ter compreendido uma matemática igual à dos romanos.

Seu rosto iluminou-se. — Ah! — gritou ele, fazendo Nicole dar um salto. Ele agora estava muito contente consigo mesmo. — Ramaianos e romanos. É disso que esta noite está tratando. E a algum nível de desenvolvimento entre um e outro *está o Homo sapiens* moderno.

Nicole sacudiu a cabeça enquanto Richard exultava com a alegria de seu espírito. — Não compreendeu, bela dama? — disse ele, estendendo a mão para ajudá-la a levantar-se de sua cadeira. — Então, talvez você e eu devamos ir olhar o *show* dos golfinhos enquanto eu lhe falarei dos ramaianos de lá e os romanos de cá, de reis e repolhos, de dum-de-dum e selos de lacre, e discutirei se os porcos têm asas.

### 13. FELIZ ANO-NOVO

Depois que todo mundo acabou de comer e todos os pratos foram retirados, Francesca Sabatini apareceu no centro do pátio com um microfone e gastou dez minutos agradecendo a todos os patrocinadores da noite de gala. Depois, apresentou o Dr. Luigi Bardolini, sugerindo que as técnicas que ele desbravara para se comunicar com os golfinhos poderiam revelar-se extremamente úteis quando os humanos viessem a tentar falar com quaisquer extraterrestres.

Richard Wakefield desaparecera logo antes de Francesca começar a falar, ostensivamente para ir ao banheiro e pegar mais uma bebida. Nicole o vislumbrou cinco minutos mais tarde, logo depois que Francesca terminou sua introdução. Ele fora cercado por um par de atrizes italianas de seios volumosos, as quais riam-se às gargalhadas de suas piadas. Ele deu um adeusinho, para Nicole e piscou, apontando para as duas mulheres como se suas ações fossem auto-explanatórias.

*Muito bem, Richard,* pensou Nicole, sorrindo. *Ao menos um de nós desajustados sociais, está se divertindo.* E agora ela viu que Francesca atravessou graciosamente uma das pontes e começou a afastar a multidão para longe da água, para que Bardolini e seus golfinhos tivessem bastante espaço. Francesca estava usando um vestido preto apertado, com um ombro nu, e uma espécie de sol de raios dourados em paetês, na frente. Tinha um lenço dourado amarrado na cintura, e seu longo cabelo louro estava trançado e preso em torno da cabeça.

*Você realmente pertence a isto aqui,* pensou Nicole, na verdade admirando a desenvoltura de Francesca em uma multidão. O Dr. Bardolini começou a primeira parte de sua demonstração com os golfinhos, e Nicole voltou sua atenção para a piscina circular. Luigi Bardolini era um desses cientistas controversos cujo trabalho é brilhante, porém jamais tão excepcional quanto ele mesmo

gostaria que os outros julgassem. Era verdade que ele desenvolvera um meio só seu de se comunicar com os golfinhos e isolara e identificara 30 a 40 verbos de ação em seu repertório de pequenos guinchos. Todavia, não era verdade, como ele freqüentemente afirmava, que dois de seus golfinhos passariam nos exames vestibulares para a universidade. Infelizmente, do modo pelo qual a comunidade científica internacional do século XX funcionava, se as teorias mais tresloucadas ou avançadas de determinado indivíduo não podiam ser comprovadas ou eram expostas ao ridículo, todas as outras descobertas dele, por mais sólidas que fossem, eram muitas vezes igualmente desconsideradas. Tal comportamento induzia a um conservadorismo endêmico nas ciências, o que não era realmente muito saudável.

Ao contrário da maioria dos cientistas, Bardolini era um brilhante *showman*. Na última parte de sua apresentação, fez seus dois golfinhos mais famosos, Emílio e Emília, passarem por um teste de inteligência em uma competição, ao vivo, com dois dos guias da vila, um rapaz e uma moça, escolhidos ao acaso naquela noite. A construção desse teste competitivo era fascinantemente simples. Em dois pares de quadros, grandes telas eletrônicas (um par estava na água, outro no pátio), uma matriz de três por três era mostrada com um quadro em branco no canto inferior direito. Os outros oito elementos estavam ocupados por figuras e formas diversas. Os delfins e os humanos deviam observar os modelos cambiantes, que se moviam da esquerda para a direita e de cima para baixo, na matriz, e depois escolher, dentre um conjunto de oito possibilidades expostas na tela ao lado, o elemento que devia preencher o espaço em branco no canto inferior. Os competidores tinham um minuto para fazer sua escolha para cada problema. Os golfinhos na água, como os humanos em terra, tinham um painel de controle com botões que poderiam apertar (os golfinhos, no caso, usando o focinho) para indicar a escolha.

Os primeiros problemas foram fáceis, tanto para os humanos quanto para os golfinhos. Na primeira matriz, havia uma única bola branca no canto superior à esquerda, duas na segunda coluna e três

no espaço que completava a primeira fila, na terceira coluna. Já que o primeiro elemento na segunda fila era também uma única bola, metade branca e metade preta, e já que o elemento inicial da terceira fila era outra única bola, agora toda preta, era fácil ler rapidamente toda a matriz e determinar que o que deveria aparecer no último espaço eram três bolas pretas.

Os problemas subseqüentes não eram tão fáceis. A cada proposta, mais complicações eram acrescentadas. Os humanos cometeram seu primeiro erro na oitava matriz, os golfinhos na nona. Ao todo, o Dr. Bardolini apresentou 16 matrizes, sendo que a última era tão complicada que pelo menos dez modelos cambiantes distintos tinham de ser reconhecidos adequadamente para se identificar o que deveria ser colocado no último elemento. O resultado final foi um empate, Humanos 12, Golfinhos 12. Os dois pares fizeram um cumprimento final e a platéia aplaudiu.

Nicole ficou fascinada com o que foi apresentado. Não sabia se acreditava na afirmação do Dr. Bardolini de que a competição fora honesta e não ensaiada, mas para ela isso não importava. O que a interessava era a natureza da própria competição, a idéia de que inteligência poderia ser definida em termos de capacidade para identificar modelos e tendências. *Existirá algum meio de se medir a síntese?*, pensou ela. *Em crianças. Ou até mesmo em adultos.*

Nicole participara do teste junto com os competidores, humanos e golfinhos, e respondera corretamente os primeiros 13, errando o 14º, em razão de um pressuposto descuidado, e mal terminando o 15º antes da cigarra soar o final do tempo previsto. Não tivera sequer idéia de por onde começar o 16º. *E quanto a vocês, ramaianos?*, ficou imaginando, até Francesca voltar ao microfone para apresentar a paixão de Geneviève, Julien LeClerc. *Será que vocês conseguiriam responder os 16 em um décimo do tempo? Um centésimo? Ela engoliu em seco, ao se dar conta da amplitude das possibilidades. Um milionésimo?*

"Não vivi, antes de conhecê-la... Não amei, antes de vê-la..." A suave melodia daquela canção gravada há tanto tempo deslizou

para a memória de Nicole e reviveu uma imagem de 15 anos, de um outro baile, com um outro homem, quando ela ainda acreditava que o amor podia conquistar tudo. Julien LeClerc interpretou mal os sinais de seu corpo e apertou-a mais contra ele. Nicole resolveu não lutar. Já estava muito cansada e, para falar a verdade, era gostoso ser estreitamente segurada por um homem pela primeira vez em vários anos.

Ela honrara seu compromisso com Geneviève. Quando *monsieur* LeClerc acabou sua apresentação, Nicole aproximou-se do cantor francês e deu-lhe o recado de sua filha. Como ela previra, ele interpretou seu gesto como algo completamente diferente. Eles continuaram conversando enquanto Francesca anunciava que não haveria mais nenhum entretenimento formal antes da meia-noite e que todos os convidados estavam livres para beber ou comer ou dançar com música gravada até então. Julien ofereceu o braço a Nicole e os dois voltaram ao pátio, onde continuaram a dançar desde aquele momento.

Julien era um homem bonito, de 30 e poucos anos, mas não era realmente o tipo de Nicole. Em primeiro lugar, era convencido demais para o gosto dela. Falava a seu próprio respeito o tempo todo e não prestava atenção quando a conversa se voltava para outros assuntos. Embora fosse um cantor bem-dotado, não tinha nenhuma outra característica interessante. *Mas*, raciocinava Nicole enquanto ela e seu par, dançando, atraíam os olhares dos outros convidados, *ele dança bem, o que é muito melhor do que ficar parada sem fazer nada.*

Quando a música parou, Francesca aproximou-se para falar com eles. — Muito bem, Nicole — disse ela com um largo sorriso que parecia autêntico. — Gostei de ver que está se divertindo — ela ofereceu uma pequena bandeja com meia dúzia de pequenas bolas de chocolate salpicadas de branco, possivelmente um enfeite de açúcar. — Isso aqui é maravilhoso — disse Francesca. — Fiz especialmente para a tripulação Newton.

Nicole pegou um dos chocolates e enfiou na boca. Era delicioso. — E agora, tenho um favor a pedir — continuou Francesca ao fim de vários segundos. — Já que você nunca pôde programar sua entrevista pessoal comigo e nossa correspondência indica que há milhões de pessoas pelo mundo afora querendo saber mais a seu respeito, será que poderia vir ao estúdio daqui a 10 ou 15 min, antes da meia-noite?

Nicole olhou intensamente para Francesca. Uma voz dentro dela estava transmitindo um aviso, porém sua mente, por alguma razão, estava confundindo a mensagem.

— Concordo — disse Julien LeClerc enquanto as duas mulheres se olhavam. — A imprensa sempre fala sobre "a misteriosa cosmonauta", ou então se referem à "princesa de gelo". Mostre a eles o que me mostrou hoje, que é uma mulher normal e sadia, como todas as outras.

Por que não?, resolveu Nicole finalmente, reprimindo a voz interior. Pelo menos se fizer tudo aqui, papá e Geneviève serão poupados.

Eles começaram a caminhar na direção do estúdio improvisado, do outro lado do pórtico, quando Nicole viu Shigeru Takagishi do outro lado da sala. Ele estava encostado em uma coluna, conversando com três homens de negócios japoneses, trajados a rigor. — Só um instante — disse Nicole a seus companheiros — eu volto já.

— *Tanoshi-san, Takagishi-san* — saudou-o Nicole. O cientista japonês virou-se, a princípio surpreendido, mas depois sorrindo quando ela se aproximou. Depois, ele apresentou Nicole formalmente a seus conhecidos, e eles se curvaram em reconhecimento à sua presença e aos seus méritos, enquanto Takagishi iniciava uma conversa polida.

— *O genki desu ka?* — perguntou ele.

— *O kage same de* — respondeu Nicole para seu colega japonês, segredando-lhe no ouvido. — Só tenho um minuto. Mas

queria dizer que examinei cuidadosamente a sua ficha e estou de pleno acordo com seu médico particular. Não há razão alguma para que eu diga qualquer coisa sobre sua anomalia cardíaca à comissão médica.

No rosto do Sr. Takagishi apareceu uma expressão igual à que teria se alguém acabasse de lhe dizer que sua mulher tivera um filho homem sadio. Ele começou a dizer algo de pessoal a Nicole, mas se lembrou que estava em companhia de compatriotas seus. — *Dómó arigató gozaimasu* — disse ele com seu profundo agradecimento brilhando nos olhos, enquanto Nicole se afastava.

Nicole estava se sentindo maravilhosamente bem quando praticamente vultou para o estúdio entre Francesca e Julien LeClerc. Ela posou de boa vontade para os fotógrafos enquanto a *signora* Sabatini verificava se todo o equipamento da televisão estava em ordem para a entrevista. Bebericou um pouco mais de champanha com cassis, conversando sobre mais ou menos nada com LeClerc. Finalmente, sentou-se ao lado de Francesca, à luz dos refletores. *Que bom*, pensou Nicole, ainda ligada na conversa que tivera com Takagishi, *ajudar aquele homenzinho tão brilhante*. As primeiras perguntas de Francesca foram adequadamente inocentes. Perguntou a Nicole se estava excitada com a aproximação do lançamento. — É claro — respondeu Nicole. Ela fez um resumo entusiasmado dos exercícios que a tripulação vinha fazendo enquanto aguardava a oportunidade do encontro com Rama II. As perguntas foram se seguindo de forma fluente e ordenada. Foi pedido a Nicole que definisse seu papel na missão, o que esperava descobrir (— Não sei, realmente, mas, seja o que for que acharmos, será extremamente interessante), e como acontecera de ela entrar para a Academia do Espaço, para início de conversa. Ao final de uns cinco minutos, Nicole estava se sentindo muito à vontade e confortável; parecia que ela e Francesca haviam entrado em um ritmo complementar.

E então Francesca fez três perguntas pessoais, uma sobre seu pai, a segunda sobre a mãe de Nicole e a tribo Senoufo na Costa do

Marfim, e a terceira sobre sua vida com Geneviève. Nenhuma delas muito difícil. De modo que Nicole estava totalmente despreparada para a última pergunta de Francesca.

— Fica óbvio, pelas fotografias de sua filha, que a pele dela é consideravelmente mais clara do que a sua — disse Francesca, no mesmo tom e modo com que havia feito todas as outras perguntas. — A pele de Geneviève sugere que seu pai provavelmente fosse branco. Quem é o pai de sua filha?

Nicole sentiu os batimentos de seu coração dispararem quando ouviu a pergunta. E depois o tempo pareceu parar. Uma surpreendente onda de fortes emoções envolveu Nicole e ela ficou com medo de começar a chorar. Uma brilhante imagem de dois corpos entrelaçados refletidos em um grande espelho explodiu em sua mente e a fez prender a respiração. Momentaneamente, ela olhou para os próprios pés, tentando recobrar a compostura.

*Sua estúpida*, disse ela a si mesma enquanto lutava para acalmar a mescla de raiva e dor e amor lembrado que se abateu sobre ela como um maremoto. *Você devia ter percebido*. Novamente as lágrimas ameaçaram sair e novamente ela as controlou. Olhou para os refletores e para Francesca. Os paetês dourados da frente do vestido desta última pareciam estar formando um novo desenho. Neles Nicole viu uma cabeça, a cabeça de um imenso gato, com olhos brilhantes e a boca de dentes afiados começando a se abrir. Finalmente, depois do que lhe pareceu uma eternidade, Nicole achou que estava novamente com suas emoções sob controle, e ela encarou Francesca com raiva. — *Non voglio parlare di quello* — disse Nicole tranquilamente, em italiano. — *Abbiamo terminato questa intervista* — ela se levantou, percebeu que estava tremendo e tornou a se sentar. As câmeras continuavam a rodar. Ela respirou fundo por alguns segundos, mas finalmente se levantou de sua cadeira e caminhou para fora do estúdio provisório.

Queria fugir, escapar daquilo tudo, ir para algum lugar onde pudesse ficar sozinha com seus sentimentos íntimos. Mas era

impossível. Julien agarrou-a quando estava saindo da entrevista. — Que filha da mãe! — disse ele, sacudindo um dedo acusador na direção de Francesca. Havia muita gente à volta de Nicole; todos falavam ao mesmo tempo e ela estava tendo dificuldade em focalizar os olhos e os ouvidos no meio daquela confusão.

Ao longe, Nicole ouviu uma música que reconheceu vagamente, mas a canção já ia pelo meio quando ela se deu conta que era *Auld Lang Syne*, a música da passagem do ano. Julien estava com os braços em torno dela, e cantando com grande entusiasmo. Ele estava também liderando um grupo de umas 20 pessoas empilhadas ao redor deles, para o canto dos últimos versos. Nicole disse as últimas palavras mecanicamente e tentou manter o equilíbrio. Repentinamente, um par de lábios úmidos estavam apertados contra os seus e uma língua muito ativa estava tentando abrir-lhe a boca e forçar seu caminho para dentro. Julien estava beijando-a febrilmente, os fotógrafos estavam fotografando por todo lado e havia uma barulheira incrível. A cabeça de Nicole começou a girar e ela se sentiu como se fosse desmaiar. Mas, lutando muito, acabou conseguindo se desvencilhar das garras de Julien.

Nicole cambaleou para trás e esbarrou em Reggie Wilson. Ele a empurrou para o lado, em seu afã de captar um casal que compartilhava de um profundo beijo de Ano-Novo à luz dos *flashes*. Nicole observou-o sem interesse, como se estivesse em um cinema, ou talvez observando seus próprios sonhos. Reggie separou o casal e levantou seu braço direito, como se fosse dar um murro no rapaz. Francesca Sabatini segurou Reggie, enquanto um confuso David Brown se afastava de seu abraço.

— Tire as mãos dela, seu filho da puta — gritou Reggie, ainda ameaçando o cientista americano. E não pense nem por um momento que eu não sei o que você está fazendo — Nicole não conseguia acreditar no que estava vendo. Nada fazia o menor sentido. Em poucos segundos, a sala estava cheia de guardas de segurança.

Nicole foi uma das pessoas sumariamente retiradas do meio daquela confusão enquanto a ordem era restaurada. Ao sair do estúdio, ela se lembrava de ter visto Elaine Brown, sentada sozinha no pórtico, com as costas de encontro a uma coluna. Nicole conhecia Elaine e gostou de estar com ela quando foi a Dallas para conversar com o médico particular da família de David Brown sobre as alergias dele. Naquele instante, Elaine estava obviamente bêbada e sem vontade de falar com ninguém. — Seu merda — Nicole ouviu-a resmungando — eu nunca deveria ter lhe mostrado os resultados antes de eu mesma tê-los publicado. Aí as coisas teriam sido muito diferentes.

Nicole saiu da festa logo que lhe foi possível arranjar transporte de volta para Roma. Francesca, incredivelmente, tentara acompanhá-la até a limusine, como se nada tivesse acontecido. Nicole recusou rispidamente o oferecimento da colega cosmonauta e saiu sozinha.

A neve começou a cair durante a viagem de volta ao hotel. Nicole concentrou-se nos flocos que caíam e eventualmente conseguiu esclarecer seu raciocínio o suficiente para poder avaliar a noitada. De uma coisa ela tinha absoluta certeza. Tinha havido alguma coisa muito esquisita e forte naquela bolinha de chocolate que ela comera. Nicole jamais chegara tão perto de perder completamente o controle de suas emoções. *Talvez ela tenha dado uma ao Wilson, também,* pensou Nicole. *O que em parte explica aquela explosão dele. Mas por quê?,* novamente ela se perguntou. *O que será que ela está tentando alcançar?*

De volta ao hotel, preparou-se rapidamente para dormir. Todavia, no exato momento em que se preparava para apagar as luzes, Nicole pensou ouvir uma leve batida na porta. Parou e ficou escutando, mas não houve qualquer barulho durante alguns segundos. Já quase que resolvera que era pura imaginação, quando ouviu novamente a batida. Vestiu o robe do hotel e se aproximou

da porta trancada com muita cautela. — Quem está aí?— disse ela com força não muito convincente. — Identifique-se.

Ela ouviu um ruído de algo que esfregava e um pedaço de papel dobrado foi enfiado por baixo da porta. Nicole, ainda desconfiada e assustada, pegou o papel e abriu. Nele estava escrito, na escrita original Senoufo da tribo de sua mãe, três palavras simples: *Ronata. Omeh. Aqui.* Ronata era o nome de Nicole em Senoufo.

Um misto de pânico e excitação fez com que Nicole abrisse a porta, sem primeiro verificar no monitor, para ver quem estava do lado de fora. De pé, a uns três metros da porta, seus espantosos velhos olhos já presos aos dela, estava um homem muito velho, encarquilhado, com o rosto pintado de listras horizontais verdes e brancas. Ele estava usando seu longo traje tribal verde-vivo, que parecia um manto, no qual havia uns enfeites de ouro e uma coleção de desenhos sem qualquer significado aparente.

— Omeh! — disse Nicole, enquanto seu coração ameaçava pular para fora do peito. — O que é que está fazendo aqui? — acrescentou ela em Senoufo.

O velho negro não disse nada. Ele estava estendendo uma pedra e alguma espécie de garrafinha, ambas em sua mão direita. Depois de vários segundos, ele entrou deliberadamente no quarto. Nicole recuava a cada passo que ele dava. O olhar dele jamais a deixou. Quando atingiram o centro daquele quarto de hotel, e os dois já estavam a apenas cerca de um metro um do outro, o velho olhou para o teto e começou a cantar. Era uma canção ritual Senoufo, uma bênção geral e invocação de encantamento usado pelo feiticeiro da tribo havia centenas de anos, para afastar os maus espíritos.

Quando acabou seu canto, o velho Omeh olhou novamente para sua bisneta e começou a falar muito lentamente. — Ronata — disse ele — Omeh pressentiu um grande perigo nesta vida. Está escrito nas crônicas tribais que o homem de três séculos expulsará os demônios da mulher sem companheiro. Mas Omeh não pode

proteger Ronata depois que Ronata abandona reino de Minowe. Tome aqui — disse ele tomando a mão dela e colocando nela a pedra e a garrafinha — esses ficam sempre com Ronata.

Nicole baixou os olhos para a pedra, um oval liso e polido de quase 25 cm de comprimento e 12 em cada uma das outras duas dimensões. A pedra era, em sua maior parte, cor creme, com poucas listras contorcendo-se por sua superfície. A pequena garrafinha verde que ele lhe dera não era maior do que um vidro para perfume de viagem.

— A água do Lago da Sabedoria pode ajudar Ronata — disse Omeh. — Ronata saberá qual a hora de bebê-la — ele inclinou a cabeça para trás e, com grande seriedade, novamente entoou o mesmo canto de antes, porém desta vez com os olhos fechados. Nicole ficou de pé ao lado dele, perplexa, com a pedra e a garrafinha em sua mão direita. Quando acabou de cantar, Omeh gritou três palavras que Nicole não compreendeu. E então, repentinamente, ele se virou e caminhou rápido para a porta aberta. Espantada, Nicole correu para o *hall* justo a tempo de ver sua túnica verde desaparecer no elevador.

## 14. ADEUS, HENRY

Nicole e Geneviève subiam a colina de braços dados, debaixo de uma neve fina. — Viu só a cara daquele americano quando eu disse quem você era? — riu-se Geneviève. Ela sentia imenso orgulho de sua mãe.

Nicole mudou todo o equipamento de esqui para o outro ombro, quando as duas se aproximaram do hotel. — *Guten Abend* — resmungou ao passar um velho que daria um Papai Noel perfeito. — Eu preferia que você não ficasse contando para todo mundo — disse Nicole sem realmente repreender a filha. — Às vezes é bom não ser reconhecida.

Havia um pequeno depósito para os esquis, ao lado da entrada. Nicole e Geneviève pararam e colocaram seu equipamento em um escaninho, trocaram suas botas por macias chinelas de neve e continuaram seu caminho ao crepúsculo. Mãe e filha pararam por um momento e olharam para trás, para a aldeia de Davos, que ficava ao pé da colina. — Sabe — disse Nicole — houve um momento hoje, quando estávamos correndo pista abaixo na direção de Klosters, que me pareceu impossível eu estar realmente a caminho de lá — ela fez um gesto voltado para o céu — em menos de duas semanas, em direção a um encontro com uma misteriosa espaçonave alienígena. Às vezes, a mente humana refuga diante da verdade.

— Talvez seja só um sonho — respondeu a filha em tom leve.

Nicole sorriu. Ela adorava a capacidade de Geneviève de brincar com as coisas. Sempre que a rotina cotidiana de trabalho pesado e preparações entediadas começava a derrotar Nicole, ela podia contar com a alegre disposição da filha para aliviar seu clima emocional. Eles compunham um trio muito unido, aqueles três que moravam juntos em Beauvois. Cada um era imensamente dependente dos outros dois. Nicole não gostava sequer de pensar

em como a separação de 100 dias poderia afetar aquele mundo harmônico.

— Você se incomoda de eu me ausentar por tanto tempo?— perguntou Nicole a Geneviève quando as duas estavam entrando no hotel. Uma dúzia de pessoas estava sentada em torno de um belo fogo no centro da sala. Um garçom suíço, inconspícuo porém eficiente, estava servindo bebidas à patota *après-ski*. Não há robôs em um hotel Morosani, nem mesmo para o serviço de quarto.

— Nunca pensei nisso assim — respondeu-lhe a filha alegre. — Afinal, vou poder falar com você praticamente todos os dias no videofone. A defasagem de tempo vai tornar tudo mais divertido. E desafiador — as duas passaram pelo antiquado balcão para registro. — Além do que — acrescentou Geneviève — serei o centro das atenções no colégio durante toda a missão. O projeto da minha turma já foi definido; terei de desenhar um retrato psicológico dos ramaianos, com base em minhas conversas com você.

Nicole sorriu de novo e sacudiu a cabeça. O otimismo de Geneviève era sempre contagiante. Era uma pena...

— Ah, Madame des Jardins — uma voz interrompeu-lhe o pensamento. O gerente do hotel estava chamando-a no balcão. Nicole virou-se. — Há um recado para a senhora — continuou ele — tive ordens de entregá-lo pessoalmente.

Ele lhe entregou um pequeno envelope branco e liso. Nicole abriu-o e percebeu um cantinho mínimo de um brasão de armas no cartão. Seu coração disparou, enquanto tornava a fechar o envelope.

— O que foi, mãe? — perguntou Geneviève. — Deve ser muito especial, para ser entregue assim, em mão. Hoje em dia, ninguém faz mais isso.

Nicole tentou esconder seus sentimentos da filha. — E um memorando secreto sobre meu trabalho — mentiu. — O entregador cometeu um erro gravíssimo; não devia tê-lo entregue sequer a *Herr Graf*. Devia ter posto exclusivamente nas minhas mãos.

— Mais dados médicos confidenciais sobre a tripulação? — perguntou Geneviève, que muitas vezes já discutira com a mãe o delicado papel do oficial das ciências da vida em missões espaciais de grande importância. Nicole acenou que sim. — Querida — disse ela à filha — por que você não sobe e diz a seu avô que estarei lá em alguns minutos? O jantar continuará a ser às sete e meia. Agora vou ler isto aqui mesmo, para ver se é necessária alguma resposta imediata.

Nicole beijou Geneviève e esperou até que a filha estivesse no elevador antes de tornar a sair para onde a neve continuava a cair levemente. Postou-se debaixo de um poste de iluminação da rua e abriu o envelope com as mãos geladas. Conseguia, com dificuldade, controlar os dedos trêmulos. *Idiota, pensou ela, sua idiota descuidada. Depois desse tempo todo. Imagine só se a menina tivesse visto...*

O brasão era o mesmo que fora naquela tarde, há 15 anos e meio, quando Darren Higgins lhe entregara o convite para jantar do lado de fora da área de imprensa das Olimpíadas. Nicole ficou surpreendida com a força de sua emoção. Tomou coragem e finalmente olhou para a mensagem escrita abaixo do brasão.

"Perdoe-me o contato de última hora. Preciso vê-la amanhã. Exatamente ao meio-dia. Cabana de esquentamento nº 8, no Weissfluhjoch. Venha sozinha. Henry. "

Na manhã seguinte, Nicole foi uma das primeiras na fila para o bondinho que levava os esquiadores até o topo do Weissfluhjoch. Subiu no brilhante carro de vidro com cerca de 20 outros e encostou-se na janela quando a porta se fechou automaticamente. *Eu só o vi uma vez nestes 15 anos, pensou ela, e mesmo assim...*

Quando o carro começou a subir, Nicole baixou seus óculos de neve para cima dos olhos. A manhã estava fulgurante, não muito diversa daquela manhã de janeiro, sete anos antes, quando seu pai a chamara da vila. Beauvais tivera uma de suas raras nevadas na

noite anterior e, depois de insistentes pedidos, ela permitira que Geneviève faltasse ao colégio para brincar com a neve. Nicole estava trabalhando no hospital de Tours naquela época, e esperava pelo resultado de sua candidatura à Academia do Espaço.

Estava mostrando à filha de sete anos como fazer um anjo de neve, quando Pierre a chamou uma segunda vez. — Nicole, Geneviève, chegou uma coisa especial pelo correio — disse ele. — Deve ter chegado durante a noite. — Nicole e Geneviève correram para a vila, em seus trajes de neve, enquanto Pierre expunha o texto integral da mensagem na tela de vídeo da parede.

— Muito estranho — dissera Pierre. — Parece que fomos todos convidados para a coroação britânica, inclusive a recepção privada, depois. Que coisa mais inusitada.

— Puxa, Vovô — disse Geneviève excitada. — Eu quero ir. Podemos ir? Será que vou conhecer um rei e uma rainha de verdade?

— Não há rainha, querida — respondeu-lhe o avô — a não ser que você se esteja referindo à rainha-mãe. O rei ainda não se casou.

Nicole leu o convite várias vezes sem dizer nada. Depois que Geneviève se acalmou e saiu da sala, seu pai pôs os braços em torno dela.

— Eu quero ir — disse ela, muito baixo.

— Tem certeza? — perguntou ele, afastando-se para olhá-la de modo indagador.

— Tenho — afirmou ela.

*Henry jamais a tinha visto antes daquela noite, pensou Nicole enquanto verificava primeiro o relógio no pulso, depois todo o equipamento, preparando-se para a descida de esqui desde o topo. Meu pai tem sido maravilhoso. Ele me deixou desaparecer em Beauvois e praticamente ninguém soube que eu tinha um bebê até*

*Geneviève ter quase um ano. Henry jamais sequer suspeitou. Não antes daquela noite em Buckingham Palace.*

Nicole ainda podia ver-se na fila dos convidados. O rei se atrasou e Geneviève ficara irrequieta. Mas, finalmente, lá estava Henry, de pé, em frente a ela. — O honorável Pierre des Jardins de Beauvois, na França, com sua filha Nicole e sua neta Geneviève. — Nicole curvara-se muito corretamente enquanto Geneviève fazia uma reverência.

— Então esta é Geneviève — disse o rei, curvando-se por apenas um momento e pondo a mão debaixo do queixo da menina. Quando ela levantou o rosto, ele viu algo que reconheceu. Ele se voltou para Nicole, com ligeira indagação no olhar. Nicole não revelara nada com seu sorriso. O arauto estava anunciando os nomes dos convidados seguintes na fila, e o rei teve de continuar.

*E então você mandou Darren até o hotel, lembrou Nicole enquanto deslizava para um pequeno salto e pairava no ar por um par de segundos. E ele bufou e resmungou até finalmente me convidar para ir tomar chá.* Nicole fincou as pontas na neve e parou abruptamente. "Diga a Henry que não posso", lembrou-se ela de haver dito a Darren, sete anos antes. Ela olhou de novo para o relógio. Eram só onze horas, cedo demais para esqui até a cabana. Subiu em uma das cadeiras que passavam e foi de novo até o topo.

Passavam dois minutos do meio-dia quando Nicole chegou ao pequeno chalé à margem do bosque. Ela tirou os esquis, enfiou-os na neve e caminhou até a porta da frente, ignorando todas as placas que por todo lado anunciavam EINTRITT VERBOTEN. Do nada apareceram dois homens parrudos, sendo que um deles efetivamente deu um pulo para se postar entre Nicole e a porta. — Está tudo bem — ouviu ela de uma voz familiar. — Nós estamos esperando por ela — os dois guardas desapareceram tão rapidamente quanto haviam aparecido e Nicole viu Darren, sorrindo como sempre, ocupando o portal do chalé.

— Olá, Nicole — disse ele com seu habitual tom amistoso. Darren envelhecera. Havia uns pontos de cinza em suas têmporas, e a barba curta já parecia sal e pimenta. — Como vai você?

— Estou ótima, Darren — respondeu ela, consciente de que, apesar de todos os sermões que passara a si mesma, já estava começando a ficar nervosa. Tentou lembrar-se de que agora era uma profissional liberal, tão competente em seu próprio campo de ação quanto aquele rei que estava para encontrar, e entrou resolutamente no chalé.

Estava quente lá dentro. Henry estava de pé, de costas para uma pequena lareira. Darren fechou a porta atrás dela e deixou os dois a sós. Nicole, embaraçada, retirou a echarpe e abriu o casaco. Depois tirou os óculos de neve. Os dois se encararam por 20, talvez 30 s, sem dizerem uma só palavra, nenhum dos dois queria interromper o poderoso fluxo de emoção que levava ambos de volta a dois dias maravilhosos, 15 anos antes.

— Olá, Nicole — disse o rei finalmente, com a voz suave e terna.

— Olá, Henry — respondeu ela. Ele começou a contornar o sofá para se aproximar dela, talvez para tocá-la, porém havia algo em sua linguagem corporal que o fez parar e encostar-se no lado do sofá.

— Você não quer se sentar? — convidou ele.

Nicole sacudiu a cabeça. — Prefiro ficar de pé, se para você der no mesmo — ela esperou mais alguns segundos. Seus olhos novamente ligaram-se em comunicação profunda e ela se sentiu sendo arrastada para ele, apesar de seus fortes avisos interiores. — Henry— explodiu ela, repentinamente — por que você me convocou até aqui? Deve ser alguma coisa importante. Não é normal o Rei da Inglaterra passar seus dias sentado em um chalé na encosta de uma cancha de esqui suíça.

Henry caminhou até um canto da sala. — Eu trouxe um presente para você — disse ele, ao se abaixar, de costas para

Nicole. — Em homenagem ao seu 36º aniversário.

Nicole riu e parte da tensão estava diminuindo. — É só amanhã — disse ela. — Você está adiantado um dia. Mas por que...

Ele estendeu até ela um cubo de dados. — Este é o presente mais valioso que pude encontrar para você — disse ele com seriedade — e sua compilação deixou marcas bem fortes no tesouro real.

Ela o encarou atônita.

— Eu venho me preocupando há algum tempo com essa sua missão — disse Henry — e, a princípio, não conseguia compreender por quê. Contudo, há cerca de quatro meses, certa noite em que eu estava brincando com o Príncipe Charles e a Princesa Eleanor, compreendi o que estava me incomodando. Minha intuição me diz que essa sua tripulação vai ter problemas. Sei que isso parece loucura, principalmente partindo de mim, mas estou preocupado com os rumanianos. É muito provável que aquele megalomaniaco esteja certo e que os rumanianos não tenham o mais remoto interesse por nós, míseros terráqueos. Mas você está a ponto de passar 100 dias confinada com 11 outros...

Ele percebeu que Nicole não estava seguindo o que dizia. — Pronto, aqui está, pegue esse cubo. Mandei meus agentes de inteligência reunirem dossiês completos e totalmente detalhados de toda a dúzia de integrantes da Newton, inclusive você — a testa de Nicole franziu-se. — As informações, a maioria das quais não é encontrada nos arquivos oficiais da AIE, confirmaram meu ponto de vista pessoal de que a equipe Newton inclui vários elementos instáveis. Eu não sabia o que fazer com...

— Mas nada disso é da sua conta — interrompeu Nicole, zangada. Ficara ofendida pelo envolvimento de Henry com sua vida profissional. — Por que razão você haveria de se intrometer...

— Ora, veja se fica calma, está bem? — retrucou o rei. — Garanto-lhe que meus motivos foram dos melhores. Escute — acrescentou — é provável que você nunca precise de todas essas

informações,mas pensei que talvez elas pudessem ser úteis. Aceite. Jogue fora, se quiser, pois o oficial das ciências da vida é você. Pode tratar meu presente como bem entender.

Henry sentiu que estragara todo o encontro. Ele se afastou e foi sentar-se em uma cadeira em frente à lareira, de costas para Nicole.

— Cuide-se bem, Nicole — sussurrou ele.

Ela pensou durante um longo momento, colocou o cubo de dados no bolso da jaqueta e caminhou até ficar logo atrás do rei. — Obrigada, Henry — disse ela, deixando sua mão pousar sobre o ombro dele. Ele não se voltou, mas levantou a mão e, muito lentamente, prendeu os dedos dela nos dele. E assim eles ficaram por quase um minuto.

— Há certos dados que escaparam até aos meus investigadores — disse ele, muito baixinho. — Particularmente um, no qual eu estava muito interessado.

Nicole podia ouvir o próprio coração, acima do crepitar das achas no fogo. Uma voz dentro dela gritava: *Diga a ele, diga a ele*. Mas outra, plena de sabedoria, aconselhava o silêncio.

Lentamente, ela retirou seus dedos dos dele. Ele se virou para olhá-la, ela sorriu e andou até a porta. Ali, tornou a embrulhar a cabeça na echarpe e a fechar o zíper da jaqueta, antes de sair. — Adeus, Henry — finalmente disse.

## 15. ENCONTRO

A espaçonave da missão Newton manobrou de modo que Rama preenchesse toda a vigia ampliada no centro de controle. A espaçonave alienígena era imensa. Sua superfície era de um cinzento opaco, pardacento, e seu longo corpo um cilindro geometricamente perfeito. Nicole ficou parada, em silêncio, ao lado de Valeriy Borzov. Para todo o grupo, essa primeira visão do veículo Rama inteiro, ao sol, era um momento a ser saboreado.

— Detectou alguma diferença? — disse Nicole finalmente.

— Ainda não — respondeu o Comandante Borzov. — Parece que as duas saíram da mesma linha de montagem — e novamente ficaram em silêncio.

— Você não ia adorar ver a linha de montagem? — perguntou Nicole.

Valeriy Borzov concordou com a cabeça. Um pequeno veículo voador, parecendo um morcego ou um colibri, zuniu ao passar pela vigia de observação no campo próximo e disparou na direção de Rama. — Os zangões exteriores vão confirmar as similaridades. Cada um deles tem um acervo de imagens de Rama I. Qualquer variação será anotada e informada dentro de três horas.

— E se não houver variações inexplicadas?

— Então procederemos segundo o planejado — respondeu o General Borzov com um sorriso. — Nós atracamos, abrimos Rama e liberamos os zangões interiores — ele olhou para o relógio. — Tudo previsto para acontecer daqui a cerca de 22 horas, desde que o oficial de ciências da vida confirme que a tripulação está pronta.— A tripulação está em ótimas condições — declarou Nicole. — Acabo de olhar uma sinopse dos dados de saúde novamente. Tudo tem sido de surpreendente regularidade. A não ser por irregularidades hormonais nas três mulheres, que não foram inteiramente

inesperadas, não tivemos qualquer anomalia significativa em 40 dias.

— Quer dizer então que, fisicamente, estamos prontos para começar — disse o comandante, pensativo. — Mas e o preparo psicológico? Você não está preocupada com a recente onda de debates? Ou será que podemos registrar tudo isso como tensão e excitação?

Nicole ficou em silêncio por um momento. — Concordo que estes quatro dias desde que atracamos têm sido um tanto conturbados. É claro que já sabíamos do problema Wilson-Brown antes mesmo do lançamento. Resolvemos parcialmente o assunto mantendo Reggie na sua nave durante a maior parte da viagem, mas agora que juntamos as duas espaçonaves e a equipe está de novo reunida, os dois parecem se provocar em todas as oportunidades. Particularmente quando Francesca está por perto.

— Eu tentei por duas vezes conversar com Wilson enquanto as naves estiveram separadas — disse Borzov em tom frustrado. — Ele se recusou a discutir o assunto. Mas é óbvio que está muito zangado por algum motivo.

O General Borzov foi até o painel de controle e começou a mexer nos teclados. Informações seqüenciais apareceram em um dos monitores. — Deve ter algo a ver com Sabatini — continuou ele. — Wilson não trabalhou muito enquanto estivemos rodando, mas seu arquivo pessoal mostra que ele passou uma quantidade injustificável de tempo no videofone com ela. E estava sempre de péssimo humor. Chegou até a ofender O'Toole — o General Borzov virou-se e olhou fixamente para Nicole. — Como meu oficial de ciências da vida, quero saber se você tem alguma recomendação "oficial" sobre a tripulação, particularmente com respeito à interação entre membros da tripulação.

Nicole não esperava por aquilo. Quando o General Borzov marcou aquela "avaliação da saúde da tripulação" com ela, não imaginou que o encontro se estendesse pela saúde mental da dúzia da Newton, também. — O senhor está pedindo também uma

avaliação psicológica profissional? — perguntou.— Certamente — o General Borzov deu maior ênfase à sua afirmação anterior. — Quero de você um A5401 que ateste o estado de preparação de todos os integrantes da tripulação. O procedimento afirma, claramente, que o oficial-comandante, antes de cada surtida, deve pedir um certificado de toda a tripulação feito pelo oficial das ciências da vida.

— Mas durante as simulações o senhor só pediu dados de saúde física.

Borzov sorriu. — Eu posso esperar, Madame des Jardins, se precisar de tempo para preparar seu relatório.

— Não, não — disse Nicole após alguma reflexão. — Posso dar-lhe minhas opiniões agora e documentá-las oficialmente mais tarde, esta noite — ela hesitou por mais alguns segundos antes de continuar. — Eu não colocaria Wilson e Brown juntos como tripulantes de qualquer sub-equipe, pelo menos não na primeira surtida. E eu teria até algumas reservas, muito embora essa opinião não seja tão forte, quanto a combinar Francesca em um mesmo grupo com qualquer dos dois homens. E não estabeleceria quaisquer outras limitações de espécie alguma nesta tripulação.

— Bom, bom — o comandante abriu um riso largo. — Aprecio o seu relatório, e não apenas porque ele confirma as minhas próprias opiniões. Como pode compreender, esses assuntos por vezes são muito delicados — e o General Borzov repentinamente mudou de assunto. — E agora, tenho uma pergunta a lhe fazer, de natureza completamente diversa.

— Qual é?

— Francesca procurou-me esta manhã, sugerindo que déssemos uma festa amanhã à noite. Ela argumenta que a tripulação está tensa e necessitando de alguma forma de válvula de escape antes da primeira incursão na Rama. Concorda com ela?

Nicole refletiu por um momento. — A idéia não é má — respondeu. — A tensão decididamente está deixando suas marcas...

Mas em que espécie de festa o senhor estava pensando?

— Todos jantarmos juntos, aqui na sala de controle, com um pouco de vinho e vodca, talvez até um pequeno entretenimento — Borzov sorriu e passou o braço em torno dos ombros de Nicole. — Eu estou, naturalmente, pedindo a sua opinião profissional, como meu oficial das ciências da vida.— É claro — riu-se Nicole. — General — acrescentou ela —, se o senhor acha que está na hora de uma festa para a tripulação, terei o maior prazer em dar uma mãozinha...

Nicole terminou seu relatório e transferiu os dados para o computador de Borzov na nave militar. Ela tomara o maior cuidado com a linguagem na identificação do problema como "conflito de personalidades", antes do que como comportamento patológico. Para Nicole, o problema entre Wilson e Brown era claro: puro e simples ciúme, o arcaico monstro de olhos verdes.

Ela estava certa de que seria sábio evitar que Wilson e Brown trabalhassem juntos durante as incursões em Rama, e culpou-se por não levantar a questão espontaneamente diante de Borzov. Tinha consciência de que suas obrigações na missão incluíam também a saúde mental, mas, por alguma razão, sentia dificuldade em se ver como psicóloga da tripulação. *Eu reluto porque esse não é um processo objetivo*, pensou ela. *Ainda não conseguimos ter sensores para medir a boa ou má saúde mental:*

Nicole foi para a área de estar. Em todos os momentos, tinha o cuidado de manter um pé no chão; estava tão acostumada a um ambiente de imponderabilidade que aquilo para ela já era uma segunda natureza. Nicole sentia-se muito satisfeita pelo trabalho dos engenheiros que desenharam a Newton no sentido de minimizar as diferenças entre estar no espaço e na Terra. Isso tornava a tarefa de ser cosmonauta muito mais simples, por permitir que a tripulação se concentrasse nos aspectos mais importantes de seu trabalho.

O quarto de Nicole ficava no fim do corredor. Embora cada um dos cosmonautas tivesse seu quarto particular (resultado de acaloradas discussões entre a tripulação e os engenheiros de sistemas, em que estes últimos insistiam que dormir aos pares resultava em melhor aproveitamento do espaço), estes eram muito pequenos e apertados. Havia oito quartos no veículo maior, chamado de nave "científica" pela tripulação. Ambas as espaçonaves também tinham salas de exercícios e "vestíbulos", espaços comunitários onde havia mobília mais confortável bem como algumas distrações que não podiam existir nos quartos.

Quando Nicole passou pelo quarto de Janos Tabori, a caminho da área de exercício, ouviu seu riso inconfundível, e como sempre sua porta estava aberta. — Você realmente esperava — estava dizendo Janos — que eu trocasse os bispos e deixasse seus cavalos no comando do centro do tabuleiro? Ora vamos, Shig, eu posso não ser mestre, mas aprendo com meus erros. Eu já caí nessa em um outro jogo.

Tabori e Takagishi estavam entregues a seu costumeiro jogo de xadrez de depois do jantar. Quase toda "noite" (a tripulação operava segundo um dia de vinte e quatro horas que coincidia com a Hora Média de Greenwich), os dois homens jogavam durante cerca de uma hora, antes de dormir. Takagishi era mestre em xadrez, mas era também um homem de bom coração e queria encorajar Tabori, de modo que em praticamente todos os jogos, depois de estabelecer uma posição sólida, Takagishi ia aos poucos permitindo que o outro corresse sua vantagem.

Nicole enfiou a cabeça na porta. — Entra aqui, beleza — disse Janos, rindo. — Venha ver-me destruir nosso amigo asiático nesta atividade pseudo-cerebral — Nicole ia começar a explicar que estava indo para a sala de exercícios quando uma criatura estranha, do tamanho de um rato grande, correu por entre as pernas dela e entrou no quarto de Tabori. Ela deu um pulo involuntário para trás enquanto o brinquedo, ou fosse lá o que fosse, continuava indo em direção aos dois homens.

"O melro, negro no peito,  
Tem o bico alaranjado;  
O tordo canta direito,  
O pintassilgo é pintado. "

O robô cantava enquanto pulava na direção de Janos. Nicole ajoelhou-se e examinou o curioso recém-chegado. A parte inferior de seu corpo era humana, mas a cabeça era de burro. E continuava a cantar. Tabori e Takagishi interromperam seu jogo e deram risadas ante a expressão perplexa de Nicole.

— Vamos — disse Janos — diga a ele que o ama. É o que Titânia, rainha das fadas, faria.

Nicole deu de ombros. O pequeno robô estava temporariamente quieto. Quando Janos insistiu, Nicole resmungou "eu te amo" para o robô de 20 cm.

*O Bobina* miniatura respondeu a Nicole. — Minha Madame, acho que a senhora não tem muita razão para isso. Mas, para falar a verdade, hoje em dia a razão e o amor não costumam andar muito juntos. Nicole estava estarelecida. Ela esticou a mão para pegar a figurinha, mas parou quando ouviu uma outra voz.

— Senhor, que tolos esses mortais! E agora, onde está aquele ator que eu transformei em asno? Bobina, onde está você?

Um segundo robô pequenino, agora vestido de elfo, saltou para dentro do quarto. Ao ver Nicole, pulou para o alto e ficou pairando à altura dos olhos dela por vários segundos, com suas minúsculas asinhas batendo a incrível velocidade. — Eu sou Puck, bela donzela — disse ele. — E jamais a vi antes — o robô caiu no chão e ficou em silêncio. Nicole estava atônita.

— Mas o que é isso... — começou a dizer.

— Psiu... — disse Janos, fazendo sinal para que ela ficasse quieta e apontando para Puck. Bobina estava dormindo em um canto da cama de Janos. Puck achou Bobina e começou a borrifá-lo com um leve pó claro que trazia em uma sacolinha. Enquanto os três humanos olhavam, a cabeça de Bobina começou a mudar. Nicole podia perceber que as pequenas peças de plástico e metal que compunham a cabeça de asno estavam simplesmente se reorganizando, mas até ela ficou impressionada com a metamorfose. Puck saiu correndo exatamente no momento em que Bobina acordava com sua nova cabeça humana e começava a falar.

— Eu tive uma visão de grande raridade. Tive um sonho que foge à capacidade dos homens dizer que sonho foi. Mas qualquer homem é burro se sair por aí explicando um sonho desses.

— Bravo, bravo — gritou Janos quando a criatura se calou.

— O *medetó* — apoiou Takagishi.

Nicole sentou-se na única cadeira desocupada e olhou para os colegas. — E pensar — disse ela, sacudindo a cabeça — que acabo de garantir ao comandante que vocês dois eram psicologicamente saudáveis — ela calou-se por dois ou três segundos. — Será que um de vocês podia me dizer o que está acontecendo por aqui?

— É o Wakefield — disse Janos. — O homem é absolutamente brilhante e, ao contrário de alguns gênios, também é muito esperto. Além do que, é fanático por Shakespeare. Ele tem uma família inteira desses carinhas, embora eu ache que Puck seja o único capaz de voar e Bobina o único que muda de aspecto.

— Puck não voa — disse Richard Wakefield, entrando na sala. — Ele apenas é capaz de pairar no ar, e assim mesmo por pouco tempo — Wakefield parecia constrangido. — Eu não sabia que você ia aparecer por aqui — disse ele a Nicole. — De vez em quando, divirto esses dois no meio do jogo de xadrez.

— Uma noite dessas — acrescentou Janos, enquanto Nicole continuava sem saber o que dizer — eu acabava de ser derrotado por Shig, quando ouvimos um barulhão no corredor. Pouco depois,

Tybalt e Mercutio entraram na sala, praguejando e brandindo as espadas um contra o outro.

— Isso é o seu *hobby* ? — perguntou Nicole após alguns segundos, apontando para os robôs.

— Minha senhora — interrompeu-a Janos, antes que Wakefield pudesse responder. — *Jamais, jamais*, confunda paixão com *hobby*. Nosso estimado cientista japonês não joga xadrez por *hobby*. E este rapaz originário da cidade natal de Shakespeare, Stratford-upon-Avon, não cria esses robôs como *hobby*.

Nicole olhou para Richard, tentando imaginar a quantidade de energia e trabalho necessários para a criação de robôs sofisticados como os que acabava de ver. Para não falar do talento e, naturalmente, da paixão. — Muito impressionante — disse ela a Wakefield.

Ele sorriu para agradecer o elogio. Nicole escusou-se e já ia deixar a sala. Puck passou zumbindo em volta dela e depois parou na porta.

"Se nós, sombras, ofendemos,  
Acertar tudo podemos,  
É só pensar que dormiam  
Se visões apareciam."<sup>{1}</sup>

Nicole estava rindo ao passar cuidadosamente por cima de onde estava o duendezinho, e fez um aceno com a mão, dando boa-noite aos amigos.

Nicole ficou mais tempo do que esperava na sala de exercícios. Normalmente, 30 min de bicicleta ou de corrida eram o bastante para diminuir suas tensões e relaxar seu corpo para dormir. Naquela noite, no entanto, com o objetivo da missão já tão próximo, teve de

trabalhar mais para acalmar seu sistema hiperativo. Parte de sua dificuldade estava em sua preocupação residual com o relatório que apresentara recomendando que Wilson e Brown ficassem separados em todas as atividades importantes da missão.

*Teria sido eu muito precipitada?*, perguntava-se. *Será que deixei o General Borzov influenciar minha opinião?* Nicole tinha muito orgulho de sua reputação profissional e, muitas vezes, reavaliava construtivamente suas opiniões. Ao chegar ao final do exercício, já se convencera novamente de que apresentara o relatório certo, e seu corpo cansado lhe dizia que estava pronta para dormir.

Quando ela voltou para a área de estar da espaçonave, tudo estava escuro, a não ser no *hall* de passagem. No momento em que ia virar à esquerda para o corredor que ia dar em seu quarto, olhou por acaso para o vestíbulo, na direção da saleta em que guardava seus suprimentos médicos. *Que estranho*, pensou ela, forçando o olhar, à luz mortíça. *Parece que deixei aberta a porta da sala de suprimentos.*

Nicole atravessou o vestíbulo. A porta do depósito estava realmente entreaberta. Ela já estava ativando a tranca automática e começando a fechar a porta quando ouviu um barulho dentro da saleta. Nicole esticou a mão e acendeu a luz, surpreendendo Francesca Sabatini, que estava sentada a um canto, em frente a um terminal de computador. Havia informações sendo apresentadas no monitor para o qual olhava, e Francesca estava segurando um vidro fino em uma das mãos.

— Oh, olá, Nicole — disse Francesca despreocupadamente, como se fosse muito normal ela estar sentada no escuro usando o computador da sala de suprimentos médicos.

Nicole caminhou lentamente até o computador. — O que é que está acontecendo? — disse ela casualmente, lendo as informações na tela do monitor. Pelos títulos em código, pôde ver que Francesca estava requisitando à sub-rotina de inventário que listasse todos os

recursos de controle de natalidade disponíveis a bordo da espaçonave.

— Que história é essa? — perguntou Nicole, apontando para o monitor. Havia um leve traço de irritação em sua voz. Todos os cosmonautas sabiam que a sala dos suprimentos médicos era área proibida a todo mundo, menos ao oficial de ciências da vida.

Quando Francesca continuou sem responder, Nicole se irritou. — Como é que você entrou aqui? — perguntou ela. As duas mulheres estavam separadas por apenas alguns centímetros, no pequeno nicho junto à escrivaninha. Repentinamente, Nicole estendeu a mão e arrancou o vidrinho da mão de Francesca. Enquanto Nicole lia a etiqueta, Francesca abriu caminho aos empurrões pelo espaço estreito e dirigiu-se à porta. Nicole descobriu que o líquido em suas mãos era para induzir um aborto e seguiu Francesca até o vestíbulo.

— Você vai explicar isto? — perguntou Nicole.

— É só me dar esse vidro — disse finalmente Francesca.

— Não posso — respondeu Nicole, sacudindo a cabeça. — Este é um medicamento fortíssimo, capaz de provocar conseqüências sérias. O que é que você acha que ia fazer? Roubá-lo e pensar que ninguém iria notar? Assim que eu concluísse um inventário comparado, daria por falta dele.

As duas mulheres se enfrentaram por vários segundos. — Olhe aqui, Nicole — disse finalmente Francesca, conseguindo até dar um sorriso — a questão é toda realmente muito simples. Descobri recentemente, e para grande desgosto meu, que estou nos primeiríssimos estágios de uma gravidez. Quero abortar o embrião. É uma questão pessoal e não desejo envolver nem você nem qualquer outro membro da tripulação.

— Você não pode estar grávida — respondeu Nicole rapidamente. — Eu teria notado em seus dados biométricos.

— Faz quatro ou cinco dias. Mas tenho certeza. Já estou sentindo as mudanças em meu corpo. E é o período certo do mês.

— Você sabe quais são os procedimentos corretos para problemas médicos — disse Nicole após alguma hesitação. — Tudo isto teria sido muito simples, para usar as suas palavras, se de início você me tivesse procurado. É muito provável que eu respeitasse seu pedido de manter o assunto como confidencial. Mas agora você me deixou com um dilema...

— Quer parar com esse sermão burocrático? — interrompeu Francesca rispidamente. — Não tenho o menor interesse pelas porcarias dos seus regulamentos. Um homem me deixou grávida e eu pretendo eliminar o feto. E agora, você vai me dar esse vidro ou terei de encontrar outro meio?

Nicole ficou indignada. — Você é incrível — retrucou ela a Francesca. — Espera realmente que eu lhe entregue esse vidro e vá embora? Sem fazer perguntas? Você pode tratar sua vida ou sua morte com tamanho desdém, mas pode ter a certeza de que eu, não. Primeiro, terei de examiná-la, verificar sua ficha médica, determinar a idade do embrião — e só então poderei *pensar* em lhe dar este remédio. Além do que, eu teria a obrigação de lembrá-la de que há ramificações morais e psicológicas...

Francesca deu uma gargalhada. — Poupe-me das suas ramificações, Nicole. Não preciso de sua moralidade da classe alta de Beauvois para condenar minha vida. Parabéns a você por ter criado uma filha sozinha. Minha situação é muito diferente. O pai desta criança parou propositadamente de tomar suas pílulas, pensando que ficar grávida reacenderia a chama de meu amor por ele. Estava enganado. Esta criança não é desejada. Bem, se quiser que eu entre em maiores detalhes...

— Já basta — interrompeu Nicole, apertando os lábios, com nojo. — Os detalhes de sua vida particular não são realmente da minha conta. O que tenho de decidir é o que é melhor para você e para a missão — fez uma pausa. — De qualquer modo, tenho de insistir em um exame correto, inclusive o rotineiro de imagem interna da pélvis. Se você se recusar, então não poderei autorizar o aborto. E é claro que seria forçada a fazer um relatório completo...

Francesca tornou a rir. — Não precisa me ameaçar. Não sou *tão* estúpida assim. Se lhe dá prazer enfiar seu equipamento complicado entre as minhas pernas, seja bem-vinda. Mas vamos logo. Eu quero este bebê fora de mim antes da surtida.

Nicole e Francesca não chegaram a trocar uma dúzia de palavras durante a hora seguinte. Foram juntas para a pequena enfermaria, onde Nicole utilizou seus sensíveis instrumentos para verificar a existência e o tamanho do embrião. Fez teste com Francesca para verificar sua compatibilidade com o líquido do aborto. O feto estava crescendo dentro de Francesca há cinco dias. *Quem poderia ser?*, pensou Nicole enquanto olhava no monitor para a microscópica imagem daquele pequenino saquinho incrustado na parede do útero. Nem mesmo no microscópio dava para ver que aquela concentração de células era uma coisa viva. *Mas você já está vivo. E boa parte de seu futuro já foi programada por seus genes.*

Nicole fez uma listagem impressa para que Francesca pudesse saber o que poderia esperar, do ponto de vista físico, uma vez que ingerisse o medicamento. O feto seria diluído, rejeitado por seu corpo, dentro de 24 horas. Havia a possibilidade de leves cólicas com a menstruação natural que se seguiria imediatamente.

Francesca bebeu o líquido sem hesitação. Enquanto sua paciente se vestia, Nicole lembrou o momento em que pela primeira vez suspeitara da própria gravidez. *Eu jamais sequer admiti... e não só porque seu pai era um príncipe. Não. Era uma questão de responsabilidade. E de amor.*

— Já sei o que você está pensando — disse Francesca quando já estava pronta para sair, parada junto à porta da enfermaria. — Mas está perdendo o seu tempo. Seus próprios problemas já são mais do que o bastante.

Nicole não respondeu. — Quer dizer então que amanhã o filhinho-da-mãe já terá desaparecido — disse Francesca friamente, seus olhos cansados e raivosos. — E ainda bem. O mundo não está

precisando de mais um bebê meio preto — Francesca não esperou a reação de Nicole.

## **16. RAMA, RAMA, BRILHO FEÉRICO**

O pouso perto da entrada a bombordo de Rama foi suave e sem incidentes. Seguindo o precedente do Comandante Norton 70 anos antes, o General Borzov deu instruções a Yamanaka e Turgenyev para que guiassem a Newton até o ponto de contato fora do disco circular de 100 m centrado no eixo giratório do gigantesco cilindro. Um conjunto de estruturas baixas, parecendo caixinhas, segurou a espaçonave da Terra temporariamente no lugar, contra a ligeira força centrífuga criada pela rotação de Rama. Ao fim de 10 min, fortes prendedores ancoravam Newton firmemente em seu objetivo.

O grande disco era, como já esperado, o lacre exterior da câmara de compressão ramaiana. Wakefield e Tabori saíram da Newton em seus trajes AEV e começaram a procurar uma roda embutida. Esta, que era o controle manual da câmara de compressão, estava exatamente no local previsto. Ela girou como esperavam e deixou à mostra uma abertura na casca exterior de Rama. Já que nada a respeito de Rama II apresentava qualquer variação em relação à sua predecessora, os dois cosmonautas continuaram o procedimento de entrada.

Quatro horas mais tarde, depois de muitas idas e vindas no meio quilômetro de corredores e túneis que ligavam o grande vazio interior da espaçonave alienígena à câmara de compressão exterior, os dois homens tinham acabado de abrir as três redundantes portas cilíndricas. Tinham também preparado o sistema de transporte que levaria pessoas e equipamentos da Newton para o interior de Rama. Essa espécie de barca fora desenhada por engenheiros na Terra para deslizarem nos sulcos ou calhas que os ramaianos cortaram nas paredes dos túneis exteriores em épocas imemoriais. Depois de uma pequena parada para o almoço, Yamanaka juntou-se a Wakefield e Tabori e, juntos, os três construíram o planejado retransmissor Alfa de comunicações na extremidade interior do túnel. O esquema de disposição de antenas

fora cuidadosamente elaborado de tal modo que, se o segundo veículo Rama fosse igual ao primeiro, seria possível ter-se um sistema de comunicação nos dois sentidos, entre cosmonautas localizados em qualquer ponto das escadas ou na metade norte da Planície Central. O plano-mestre de comunicações exigia a instalação de uma outra importante estação de retransmissão, a ser chamada Beta, perto do mar Cilíndrico; a dupla de estações formaria uma extensa rede, abrangendo todos os pontos do Hemicilindro Setentrional, podendo estender-se até mesmo à ilha de Nova York.

Brown e Takagishi tomaram suas posições no centro de controle tão logo a estação retransmissora Alfa foi verificada. A contagem regressiva para a utilização da aeronave de controle remoto começou. Takagishi estava obviamente tão nervoso quanto excitado, ao terminar seus testes pré-vôo com sua engenhoca. Brown parecia relaxado, até mesmo indiferente, ao completar sua preparação final. Francesca Sabatini estava sentada diante dos monitores múltiplos, pronta para selecionar as imagens para as transmissões ao vivo para a Terra.

O próprio General Borzov anunciava os principais acontecimentos, em sua seqüência. Ele parou para uma respiração dramática antes de emitir o comando para ativar os dois aparelhos de controle remoto. Ambos voaram para o escuro vazio de Rama. Alguns segundos depois, a tela principal no centro de controle, cuja imagem vinha diretamente da máquina controlada por David Brown, foi inundada de luz, ao ocorrer a ignição do primeiro foguete de iluminação. Quando a luz se tornou mais aceitável, o contorno da primeira tomada de grande angular pôde ser vista. Sempre se planejara que essa imagem inicial seria um composto do Hemicilindro Setentrional, cobrindo todo o território desde a extremidade côncava, em forma de uma tigela, e o ponto onde eles haviam entrado e descido para o mar Cilíndrico, a meio caminho daquele mundo artificial. A nítida imagem que finalmente foi congelada na tela era avassaladora. Uma coisa era ler a respeito de Rama e realizar simulações dentro de sua réplica; outra,

completamente diferente, era estar ancorado naquela gigantesca espaçonave, perto da órbita de Vênus, e dar a primeira espiada lá dentro...

O fato de a vista ser familiar mal diminuía o deslumbramento da imagem. No fim daquela tigela em forma de cratera, no começo dos túneis, um complexo de terraços e rampas espraiavam-se até alcançar o corpo principal do cilindro que girava. Cortando em três o grande côncavo, havia três escadas largas, parecendo trilhos de bitola bem larga, cada uma das quais depois se expandia em enormes escadarias de mais de 30 mil degraus cada uma. As combinações escada/escadaria pareciam três varetas de guarda-chuva, espaçadas de modo igual, e forneciam uma forma de subir (ou descer) do fundo plano da cratera até a vasta Planície Central, que circundava a parede do cilindro rotativo.

A parte norte da Planície Central abria-se para preencher a maior parte do quadro na tela. Sua imensa expansão era dividida em campos retangulares que tinham dimensões irregulares, a não ser imediatamente em torno das "cidades". As três cidades, vistas pela imagem de ângulo largo — conglomerados de objetos altos e esguios, parecendo prédios construídos por humanos, que eram ligados pelo que pareciam ser auto-estradas correndo ao longo das margens dos campos — foram imediatamente reconhecidas pela tripulação como as Paris, Roma e Londres batizadas pelos primeiros exploradores ramaianos. Igualmente impressionantes na imagem eram os longos sulcos ou vales retos na Planície Central. Essas três valas lineares, com dez quilômetros de comprimento e 100 m de largura, apareciam a espaços iguais em torno da curva de Rama. Durante o primeiro encontro ramaiano, esses vales foram as fontes da luz que iluminaram aquele pequeno mundo pouco depois de o mar Cilíndrico se derreter.

O estranho mar, um corpo de água que corria por todo o cilindro, ficava na margem externa da imagem. Ele continuava congelado, como era de se esperar, e em seu centro estava a misteriosa ilha de altos arranha-céus que fora chamada de Nova

York desde que fora vista pela primeira vez. Os arranha-céus estendiam-se até sair pelos extremos do quadro, as gigantescas torres clamando por serem visitadas.

Toda a tripulação olhou silenciosamente a imagem durante quase um minuto. E depois o Dr. David Brown começou a gritar. — Tudo bem, Rama — disse ele com voz tonitruante. — Como estão vendo, seus descrentes — gritou ele, alto o bastante para que todos o ouvissem — ela é *igualzinha* à primeira. — A câmera de vídeo de Francesca girou para registrar a exaltação de Brown. A maioria do resto da tripulação continuava sem palavras, siderada pelos detalhes no monitor.

Entrementes, o aviãozinho de Takagishi estava transmitindo fotos de ângulo fechado da área logo abaixo do túnel. Tais imagens eram apresentadas nas telas menores em volta do controle central. Elas seriam utilizadas para a reverificação dos desenhos da infraestrutura de comunicação e transporte a ser estabelecida dentro de Rama. Essa era a verdadeira "tarefa" daquela fase da missão — comparar os milhares de fotos que seriam tiradas por aqueles equipamentos com os mosaicos fotográficos de Rama I, já existentes. Embora a maioria das comparações pudesse ser feita digitalmente (e, portanto, automaticamente), sempre haveria diferenças que exigiriam explicações humanas. Mesmo que as duas espaçonaves fossem idênticas, os diferentes níveis de luz no momento em que as tomadas eram feitas poderiam criar algumas comparações equivocadas.

Duas horas mais tarde, o último dos aparelhos de controle remoto voltou à estação retransmissora e o primeiro resumo do levantamento fotográfico estava completo. Não havia maiores diferenças estruturais entre Rama II e o veículo espacial anterior, até uma escala de 100 m. A única região significativa de diversidade por comparação, naquele estágio, era o mar Cilíndrico em si, e a refletividade do gelo era um fenômeno notoriamente difícil de se lidar por meio de simples e direto algoritmo digital de comparação. Fora um dia longo e excitante, Borzov anunciou que as

primeiras escalas de tripulação estariam nos quadros de aviso dentro de uma hora, e que um "jantar especial" seria servido no centro de controle, duas horas mais tarde.

— Você não pode fazer isso — gritou um furioso David Brown, irrompendo pelo gabinete do comandante sem sequer bater e sacudindo uma cópia impressa da escala para a primeira surtida.

— Do que é que você está falando? — perguntou Borzov, irritado com a grosseira entrada do Dr. Brown.

— Deve haver algum engano — continuou Brown, falando alto.

— Você não pode realmente esperar que eu fique aqui na Newton durante a primeira incursão. — Quando o General Borzov não respondeu, o cientista americano mudou de tática. — Quero que saiba que eu não aceito isso. E a administração da AIE tampouco gostará dessa decisão.

Borzov ficou de pé atrás de sua escrivaninha. — Feche a porta, Dr. Brown — disse ele calmamente. David Brown fechou com violência a porta deslizante. — Agora *você* me escute por um momento. Eu sou o oficial-comandante desta missão e pouco me importa quem você possa conhecer. Se continuar a se comportar como uma espécie de estrela, tomarei providências para que *já* ponha os pés no interior da Rama.

Brown abaixou a voz. — Mas exijo uma explicação — disse ele com hostilidade que não disfarçava. — Eu sou o principal cientista desta missão. Sou também o principal porta-voz da missão Newton junto à mídia. Como poderá justificar minha permanência a bordo da Newton enquanto nove outros cosmonautas entram na Rama?

— Não preciso justificar minhas ações — respondeu Borzov, momentaneamente gratificado com seu poder sobre o arrogante americano. Ele se inclinou para a frente. — Mas, só para constar, e porque eu já previa esse seu ataque de infantilidade, vou lhe dizer por que o senhor não irá na primeira surtida. Nossa primeira visita terá dois objetivos primordiais: estabelecer a infra-estrutura de

comunicações e transporte, e completar um levantamento detalhado do interior, que confirmará se esta espaçonave é exatamente igual à primeira.

— Isso já foi confirmado pela aeronave de controle remoto — interrompeu Brown.

— Segundo o Dr. Takagishi, ainda não — retrucou Borzov. — Ele diz que...

— Merda, general, Takagishi não ficará satisfeito enquanto não for provado que cada centímetro quadrado de Rama é exatamente o mesmo que na primeira nave. O senhor viu os resultados do levantamento feito pelos aviõezinhos. Será que tem alguma dúvida em sua mente...

David Brown interrompeu-se no meio da frase. O General Borzov estava tamborilando os dedos na escrivaninha e olhando de forma gélida para o Dr. Brown. — Será que agora vai me deixar terminar? — disse finalmente Borzov. E esperou mais alguns segundos. — Pense o senhor o que pensar — continuou o comandante — o Dr. Takagishi é considerado o especialista mundial em interior de Rama. Nem por um momento o senhor estaria em condições de alegar que seu conhecimento dos detalhes chega sequer perto do dele. Preciso dos cinco cadetes do espaço para o trabalho de infra-estrutura. Os dois jornalistas têm de estar lá dentro, não só porque têm tarefas distintas, como também porque a atenção do mundo está focalizada em nós, neste momento. E, finalmente, creio ser importante para minha condução futura desta missão que eu, pessoalmente, entre lá, ao menos uma vez, e optei por entrar *agora*. Já que os procedimentos determinam que pelo menos três membros da tripulação permaneçam fora da Rama durante quaisquer incursões, não é difícil concluir...

— O senhor não me engana nem por um momento — interrompeu desagradavelmente o Dr. Brown. — Eu sei muito bem de tudo. O senhor elaborou uma desculpa aparentemente lógica para esconder a verdadeira razão para a minha exclusão da equipe da primeira surtida. Está com ciúme, Borzov. Não suporta o fato de

eu ser considerado pela maioria das pessoas como o verdadeiro líder desta missão.

O comandante encarou o cientista por mais de 15 s sem dizer nada. — Sabe, Brown — disse ele finalmente — sinto pena de você. É extremamente talentoso, mas seu talento é superado por sua própria opinião dele. Se você não fosse um tal... — desta vez foi Borzov que se interrompeu antes de acabar a frase. Ele olhou para outro lado. — E, por falar nisso, como eu sei que você vai voltar para o seu quarto e imediatamente começar a choramingar suas queixas para a AIE, creio que deveria informá-lo de que no relatório de aptidão apresentado por nossa oficial de ciências da vida, há uma recomendação explícita de que você não compartilhe de qualquer tarefa da missão com Wilson, em função da animosidade que ambos vêm demonstrando.

Os olhos de Brown apertaram-se. — Está me dizendo que Nicole des Jardins efetivamente apresentou um relatório onde cita nominalmente a mim e a Wilson?

Borzov concordou.

— Filha da puta — resmungou Brown.

— A culpa é sempre de outra pessoa, não é, Dr. Brown?— disse o General Borzov, sorrindo para o seu adversário. David Brown deu meia-volta e saiu pisando duro.

Para o banquete, o General Borzov ordenou que algumas preciosas garrafas de vinho fossem abertas. O comandante estava de muito bom humor. A sugestão de Francesca fora boa, pois havia um claro sentimento de camaradagem entre os cosmonautas quando reuniram as mesinhas para o meio do centro de controle e prenderam-nas no chão. O Dr. David Brown não compareceu ao banquete. Ele permaneceu em seu quarto enquanto os outros 11 integrantes da tripulação festejavam com codornas e arroz integral. Francesca, um tanto sem jeito, anunciou que Brown "não estava muito bem", mas quando Janos Tabori, brincando, se ofereceu para

ir checar a saúde do americano, Francesca acrescentou precipitadamente que o Dr. Brown queria ficar sozinho. Janos e Richard Wakefield, cada um dos quais havia ingerido um bom número de copos de vinho, brincavam com Francesca em uma extremidade da mesa, enquanto Reggie Wilson e o General O'Toole, na outra, se entregavam a animada discussão sobre a temporada de beisebol prestes a começar. Nicole estava sentada entre o General Borzov e o Almirante Heilmann e ficou ouvindo suas reminiscências sobre seus dias de luta em favor da paz nos primeiros tempos depois do Caos.

Quando a refeição terminou, Francesca pediu licença. Ela e o Dr. Takagishi desapareceram por vários minutos. Quando voltaram, Francesca pediu aos cosmonautas que virassem suas cadeiras em direção à tela grande. E então, com as luzes apagadas, ela e o Dr. Takagishi projetaram uma visão externa de Rama no monitor. Só que este não era o cilindro opaco e cinzento que todo o mundo já vira anteriormente. Não, esta Rama fora habilidosamente colorida, por meio do uso de subrotinas de processamento de imagem e era agora um cilindro negro com listras amarelo-douradas. A extremidade do cilindro quase que parecia um rosto. Houve um momento de silêncio na sala, antes que Francesca começasse a recitar:

"Tigre, tigre, vai queimando,  
Pela noite caminhando,  
Que mão ou olho imortal  
Criou simetria tal?"

Nicole des Jardins sentiu um arrepio gelado correr por sua espinha ao ouvir Francesca começar o verso seguinte.

"Em que mar ou em que céus

Queimou fogo de olhos teus... "

Essa é a verdadeira pergunta, afinal, estava pensando Nicole. Quem terá feito aquela gigantesca espaçonave? Isso é muito mais importante para o nosso destino último do que o porquê.

"Que martelo, que corrente,  
Que forja foi tua mente?  
Que torno ou garra, afinal,  
Agarra teu terror fatal?... "

Do outro lado da mesa, o General O'Toole também estava como que magnetizado. Sua mente estava novamente em luta com as mesmas questões fundamentais que o vinham incomodando desde que ele se candidatara para a missão. *Amado Deus, remoia ele, como será que esses ramaianos se enquadram no Seu universo? Será que o Senhor os criou primeiro, antes de nós? Serão eles, de algum modo, nossos primos? Por que o Senhor os mandou até aqui, neste momento?*

"Quando as estrelas se cansaram  
E o céu com seu pranto regaram,  
Sorriu Ele, como obreiro?  
Fez Ele a ti e a Seu carneiro?"

Quando Francesca terminou o pequeno poema, houve um breve silêncio, seguido de aplauso espontâneo. Ela gentilmente mencionou que o Dr. Takagishi fornecera toda a inteligência para o processamento da imagem e o simpático cosmonauta japonês fez um constrangido cumprimento. Depois, Janos Tabori ficou de pé

junto à sua cadeira. — Creio falar por todos aqui, Shig e Francesca, ao apresentar nossas congratulações por sua apresentação original e provocadora de muita reflexão — disse ele sorrindo. — Ela quase, quase, me fez pensar com seriedade a respeito do que nós vamos fazer amanhã, mas é claro que não conseguiu completamente.

— E, por falar nisso — disse o General Borzov levantando-se na cabeceira da mesa com sua garrafa recém-aberta de vodca ucraniana, da qual ele já havia tomado dois bons goles — agora está na hora de uma velha tradição russa: a dos brindes. Eu só trouxe comigo duas garrafas deste tesouro nacional e proponho-me a compartilhar das duas com vocês, meus camaradas e colegas, nesta noite muito especial. Ele colocou ambas as garrafas nas mãos do General O'Toole e o americano, com grande eficiência, usou o servidor de líquidos para canalizar a vodca para pequenos copos cobertos que foram passados ao longo da mesa. — Como Irina Turgenyev bem sabe — continuou o comandante — sempre existe um vermezinho no fundo de toda garrafa de vodca ucraniana. Diz a lenda que aquele que comer o verme ficará dotado de poderes especiais por 24 horas. O Almirante Heilmann marcou dois dos copos, no fundo, com uma cruz infravermelha. As duas pessoas que beberem nos copos marcados terão, cada uma, o direito de comer um dos vermes saturados de vodca.

— Brahhhh — disse Janos um momento mais tarde, ao passar o verificador de infravermelho para Nicole. Primeiro, ele checara o fundo de seu próprio copo. — Esse é um concurso que me dá grande prazer em perder.

O copo de Nicole tinha uma marca no fundo, e ela era, portanto, um dos dois cosmonautas sortudos que iam comer um verme ucraniano de sobremesa. E ficou pensando consigo mesma: *Será que eu tenho de fazer isso?* Para, logo depois, responder sua própria pergunta afirmativamente, ao ver o olhar empenhado de seu comandante. *Ora essa, pensou ela, provavelmente não vai me matar. Qualquer parasita que contivesse, a essa altura já foi destruído pelo álcool.*

O General Borzov foi quem ganhou o segundo copo com a cruz no fundo. O general sorriu, colocou um dos dois vermezinhas minúsculos em seu próprio copo e o outro no de Nicole, e ergueu sua vodca até o teto da espaçonave.

— Bebamos a uma missão bem-sucedida — disse ele. — Para todos e cada um de nós, estes próximos dias e semanas serão a maior aventura de nossas vidas. De modo muito real, nós 12 somos embaixadores humanos junto a uma cultura alienígena. Que cada um de nós tome a resolução de fazer tudo para representar nossa espécie adequadamente.

Ele retirou a tampa de seu copo, tomando o cuidado de não balançá-lo, depois bebeu tudo de uma vez, engolindo o verme inteiro. Nicole também engoliu o verme rapidamente, comentando consigo mesma que a única coisa que comera na vida com gosto pior fora aquela túbera durante sua cerimônia Poro na Costa do Marfim.

Após vários outros e breves brindes, as luzes da sala começaram a baixar. — E agora — anunciou o General Borzov com um gesto largo — direto de Stratford, a Newton tem o orgulho de apresentar Richard Wakefield e seus talentosos robôs — a sala ficou escura, a não ser por um metro quadrado à esquerda da mesa, iluminado por refletores no alto. No meio da área iluminada estava o recorte de um castelo. Um robô fêmea, de 20 cm de altura e vestida com um manto, estava caminhando por uma das salas e, no início da cena, lia uma carta. Após alguns passos, deixou cair as mãos e começou a falar.

"Já és Glamis e Cawdor; e serás  
O resto; mas temo-te a natureza —  
Sobra-lhe o leite da bondade humana  
Para tomar o atalho: Sonhas alto,  
Não te falta ambição... "

— Eu conheço essa mulher — disse Janos sorrindo para Nicole.  
— Já a encontrei em algum lugar antes.

— Psiu — replicou Nicole, fascinada pelos movimentos de Lady Macbeth. Esse Wakefield é realmente um gênio, pensava ela. Como é que ele consegue criar detalhes tão extraordinários nessas coisinhas tão pequeninas? Nicole estava atônita diante da variedade de expressões no rosto do robô.

Enquanto se concentrava, um pequeno palco nadou para a mente de Nicole. Por um momento esqueceu-se de que estava observando robôs e uma atuação em miniatura. Um mensageiro entrou e disse a Lady Macbeth que seu marido estava se aproximando e que o Rei Duncan passaria a noite em seu castelo. Nicole viu o rosto de Lady Macbeth explodir com a expectativa da ambição, tão logo o mensageiro partiu.

"... Vinde, espíritos

Que guiam os mortais: tirai-me o sexo

E inundai-me, dos pés até a coroa,

De vil crueldade. Dai-me o sangue grosso... "

*Meu Deus*, pensou Nicole, piscando para ter a certeza de que seus olhos não estavam brincando com ela, *ela está mudando!* E realmente estava. Com as palavras "tirai-me o sexo", a forma do (ou da) robô começou a mudar. A impressão dos seios contra o vestido de metal, o redondo dos quadris, até a suavidade do rosto desapareceram todos. Um robô andrógino é que continuou a interpretar Lady Macbeth. Nicole estava fascinada, nadando em uma fantasia criada tanto por sua indomável imaginação quanto pelo álcool rapidamente ingerido. O novo rosto do robô lembrava vagamente alguém que ela conhecia. Ouviu uma certa perturbação à sua direita e virou-se a tempo de ver Reggie Wilson falando

avidamente com Francesca. Nicole ficou olhando rápida e sucessivamente para Francesca e Lady Macbeth. *É isso*, disse ela para si mesma, *essa nova Lady Macbeth parece com Francesca*.

Uma onda de medo, uma premonição de tragédia, invadiu Nicole repentinamente, deixando-a imersa em terror. *Alguma coisa horrível vai acontecer*, sua mente estava dizendo. Ela respirou fundo várias vezes e tentou acalmar-se, mas a sensação horripilante recusava-se a ir embora. No pequeno palco, o Rei Duncan acabava de ser saudado por sua gentil anfitriã daquela noite. À sua esquerda, Nicole viu Francesca oferecer ao General Borzov os últimos goles que ainda havia do vinho. Nicole foi incapaz de reprimir seu pânico.

— Nicole, o que é que houve? — perguntou Janos, que percebeu claramente que ela estava assustadíssima.

— Nada — disse ela. Reunindo todas as suas forças, levantou-se. — Alguma coisa que eu comi deve ter caído mal. Acho que vou para o meu quarto.

— Mas vai perder o filme de depois do jantar — disse Janos, rindo. Nicole forçou um doloroso sorriso. Ele a ajudou a levantar-se. Nicole ouviu Lady Macbeth admoestando o marido por sua falta de coragem e nova onda de temor premonitório apoderou-se dela. Ela esperou até a explosão de adrenalina ter tornado a baixar e depois desculpou-se discretamente para se afastar do grupo. Lentamente, caminhou de volta para seu quarto.

## 17. A MORTE DE UM SOLDADO

Em seu sonho Nicole tinha de novo dez anos e estava brincando no bosque nos fundos de sua casa no subúrbio parisiense de Chilly-Marzin. Ela teve uma repentina sensação de que sua mãe estava morrendo. A menina entrou em pânico e correu para dentro de casa para contar ao pai. Um gatinho rosnando impediu-lhe o caminho. Ela ouviu um grito, abandonou o caminho e continuou por entre as árvores. Os galhos arranhavam sua pele. O gato a seguiu. Nicole ouviu outro grito e, quando acordou, Janos estava de pé junto dela. — É o General Borzov — disse Janos. — Ele está sentindo dores atrozes.

Nicole pulou rapidamente da cama, enfiou o robe e pegou sua maleta médica para seguir Janos pelo corredor. — Parece apendicite — previu ele enquanto se apressavam pelo vestíbulo. — Mas não tenho certeza.

Irina Turgenyev estava ajoelhada ao lado do comandante, segurando sua mão. O general estava deitado em um sofá, com o rosto pálido e a testa suada. — Ah, a doutora des Jardins chegou — ele conseguiu sorrir, tentou sentar-se, contraiu-se de dor e concordou em deitar novamente. — Nicole — disse ele, falando baixo — isto é uma agonia. Jamais senti nada de parecido em minha vida, nem mesmo quando fui ferido, ainda no exército.

— Quando é que começou? — perguntou ela. Nicole já pegara seu equipamento de exploração e o monitor de biometria para verificar todos os seus dados vitais. Nesse meio-tempo, Francesca e sua câmera de vídeo haviam se postado logo atrás do ombro direito de Nicole para filmar a médica fazendo seu diagnóstico. Impaciente, Nicole fez um gesto para que ela se afastasse.— Talvez há dois ou três minutos — disse o General Borzov, com esforço. — Eu estava sentado aqui, olhando o filme, pelo que me lembre até rindo muito, quando surgiu uma dor intensa e cortante, aqui na parte inferior de

meu lado direito. Senti como se alguma coisa me estivesse queimando por dentro.

Nicole programou o equipamento para examinar os últimos três minutos de dados detalhados registrados pelas sondas Hakamatsu dentro de Borzov. Ela localizou o ponto de origem da dor, facilmente identificável tanto em termos de batimento cardíaco quanto de secreções endócrinas. A seguir, ela pediu levantamento total de todos os canais pelo período de tempo em questão. — Janos — disse ela ao colega — vá até o depósito de material médico e traga-me o diagnosticador portátil — e entregou a Tabori o cartão de código para a porta.

— O senhor está um pouco febril, o que sugere que seu corpo esteja combatendo alguma infecção — disse Nicole a Borzov. — Todos os dados internos confirmam que esteja sentindo uma intensa dor. — O cosmonauta Tabori voltou com um pequeno dispositivo eletrônico em forma de caixa. Nicole extraiu um pequeno cubo de dados do explorador e inseriu-o no diagnosticador. Em aproximadamente 30 s o pequeno monitor piscou e apareceram as palavras 94% DE PROBABILIDADE DE APENDICITE. Nicole apertou uma tecla e apareceram na tela os outros diagnósticos possíveis, que incluíam hérnia, ruptura muscular interna e reação a droga. Segundo o diagnosticador, nenhum tinha mais de 2% de probabilidades.

Nesta altura, tenho duas opções, pensou Nicole rapidamente, enquanto o general tinha outro espasmo de dor. Posso mandar todos os dados para a Terra para um diagnóstico completo, segundo os procedimentos... Ela olhou para o relógio e computou rapidamente o tempo de ida e volta da luz mais a duração mínima da conferência médica depois de completado o diagnóstico eletrônico. Quando então já será muito tarde.

— O que é que ele diz, doutora? — perguntou o general. Seus olhos imploravam para que ela acabasse com aquela dor o mais rápido possível.

O diagnóstico mais provável é apendicite — respondeu Nicole.

— Raios — retrucou Borzov, passando os olhos por todos os outros. Estavam todos ali, menos Wilson e Takagishi, que haviam desistido do filme. — Mas não farei o projeto esperar. Realizaremos a primeira e segunda incursões enquanto estiver me recuperando — novo espasmo de dor abalou-o e seu rosto contorceu-se.

— Espere aí — disse Nicole. — Ainda não há certeza. Primeiro, precisamos de um pouco mais de informação. — Ela repetiu a varredura de dados que fizera antes, usando agora os dois minutos a mais que haviam sido gravados desde que chegara ao local. Desta vez, o diagnóstico indicou 92% DE PROBABILIDADE DE APENDICITE. Nicole estava a ponto de verificar os diagnósticos alternativos quando sentiu a forte mão do comandante sobre seu braço.

— Se fizermos isto rápido, antes que o comprometimento do meu sistema aumente, então seria apenas uma operação rotineira para o cirurgião-robô, não é?

Nicole concordou.

— E se gastarmos tempo para obter concordância de diagnóstico da Terra — *ai!* — então meu corpo poderá ficar mais traumatizado?

*Ele está lendo meus pensamentos,* pensou Nicole a princípio. Depois percebeu que o general estava apenas revelando seu total conhecimento dos procedimentos da Newton.

— Será que o paciente está querendo fazer sugestões ao médico? — perguntou Nicole sorrindo, apesar da óbvia dor de Borzov.

— Não teria tamanha presunção — respondeu o comandante, com o leve traço de um brilho nos olhos.

Nicole tornou a olhar para o monitor, que continuava a piscar 92% DE PROBABILIDADE DE APENDICITE. — Você tem mais alguma coisa a acrescentar? — disse ela a Tabori.

— Só que já vi uma apendicite antes, uma vez, quando era estudante em Budapeste — disse o pequeno húngaro. — Os sintomas eram exatamente iguais a esses.

— Está bem — disse Nicole. — Vá preparar o CirRo para a operação. Almirante Heilmann, será que o senhor e o cosmonauta Yamanaka poderiam carregar o General Borzov para a enfermaria, por favor?— Ela se voltou para Francesca. — Reconheço que como notícia isto é importante, e permitirei sua presença na sala de operações sob três condições. Você fará a mesma assepsia que a equipe cirúrgica. Você ficará quieta, encostada na parede, com sua câmara, e obedecerá absolutamente a qualquer ordem que eu possa vir a dar.— Está bem assim — concordou Francesca. — Muito obrigada. Irina Turgenyev e o General O'Toole continuavam esperando no vestíbulo depois que Borzov saiu com Heilmann e Yamanaka. — Estou certo de falar por nós dois — disse o americano com sua sinceridade costumeira: — Podemos ajudar de algum modo?

— Janos me ajudará enquanto o CirRo faz a operação. Mas eu bem poderia usar mais um par de mãos, como reserva de emergência.

— Eu gostaria de fazê-lo — disse O'Toole. — Tenho alguma experiência de hospital por causa de meu trabalho em obras de caridade.

— Ótimo — disse Nicole. — Então vamos nos lavar.

CirRo, o cirurgião-robô portátil que fora trazido pela missão Newton exatamente para aquele tipo de situação, não estava na mesma categoria, em termos de sofisticação médica, das salas de operação integralmente autônomas dos hospitais mais avançados da Terra. Mas CirRo era uma pequena maravilha tecnológica por seus próprios talentos. Ele podia ser empacotado em uma pequena valise e só pesava quatro quilos. Suas necessidades em termos de

energia eram baixas, e havia mais de 100 quadros médicos diversos nos quais podia ser usado.

Janos Tabori desempacotou CirRo. O cirurgião eletrônico não parecia lá grande coisa quando preparado para ser guardado. Todos os seus segmentos e apêndices estavam cuidadosamente arrumados para empacotamento fácil. Depois de Janos fazer mais uma verificação em seu Guia do Usuário do CirRo, ele pegou a caixa central de controle do cirurgião-robô e fixou-a, como era sugerido, no lado da cama da enfermaria na qual o General Borzov já estava deitado. Suas dores só haviam diminuído um pouquinho e o impaciente comandante insistia com todos que agissem depressa.

Janos digitou a palavra-código que identificava a operação. CirRo imediatamente dispôs de modo correto todos os seus membros, inclusive sua extraordinária mão/bisturi com quatro dedos, na configuração exata, para a remoção de um apêndice. Nicole então entrou na sala, com as mãos enluvadas e o corpo recoberto com o avental branco de cirurgião.

— Já acabou a verificação do *software*? — perguntou ela. Janos confirmou.

— Eu completarei os testes pré-operatórios enquanto você se lava — disse-lhe ela, e depois fez um gesto para que Francesca e o General O'Toole, que estavam esperando do lado de fora da porta, entrassem na salinha. — Está melhor? — perguntou ela a Borzov.

— Não muito — resmungou ele.

— Eu só lhe dei um sedativo leve. CirRo aplicará a anestesia geral como primeira etapa da operação — Nicole fizera toda a sua rememoração em seu quarto enquanto se vestia. Conhecia aquela, operação de dentro para fora, pois fora um dos procedimentos cirúrgicos que realizaram durante os testes de simulação. Ela digitou o arquivo de dados pessoais de Borzov no CirRo, conectou as linhas eletrônicas que forneceriam informações monitoradas ao CirRo durante a apendicectomia e verificou se todo o *software* já tinha passado por seus autotestes. Como última verificação, Nicole

sintonizou cuidadosamente o par de pequeninas câmeras estéreo que operavam em conjunção com a mão cirúrgica.

Janos voltou para a sala. Nicole apertou um botão da caixa de controle do cirurgião-robô e as duas cópias duras da seqüência de operações foram rapidamente impressas. Nicole pegou uma e entregou a outra a Janos. — Estão todos prontos? — perguntou ela, com os olhos no General Borzov. O oficial comandante da Newton acenou que sim com a cabeça, e Nicole acionou o CirRo.

Uma das quatro mãos do cirurgião-robô injetou a anestesia no paciente e em um minuto Borzov estava inconsciente. Enquanto a câmera de Francesca registrava cada movimento dessa operação histórica (ela sussurrava comentários ocasionais em seu microfone ultra-sensível), a mão/bisturi do CirRo, ajudada por seus olhos gêmeos, fez as incisões necessárias para isolar o órgão suspeito. Nenhum cirurgião humano jamais fora tão suave ou tão ágil. Armado com uma bateria de sensores que verificavam centenas de parâmetros a cada microssegundo, o CirRo afastara todo o tecido necessário e deixara o apêndice à mostra em dois minutos. Programado na seqüência automática, havia um tempo de inspeção de 30 s, antes que o cirurgião-robô continuasse com a remoção do órgão.

Nicole inclinou-se sobre o paciente para verificar o apêndice *exposto*. Não estava nem inchado, nem inflamado. — Olhe isto depressa, Janos — disse ela, com os olhos no relógio digital que fazia a contagem regressiva do tempo de inspeção. — Parece perfeitamente saudável. — Janos inclinou-se pelo outro lado da mesa de operação. *Meu Deus, pensou Nicole, nós vamos remover...* O relógio digital estava marcando 00: 08. — Pare! — gritou ela. — Pare a operação

— Nicole e Janos estenderam as mãos para a caixa de controle do cirurgião-robô ao mesmo tempo.

Naquele instante, a espaçonave Newton foi sacudida para um lado. Nicole foi atirada para trás, contra a parede. Janos caiu para a frente, batendo com a cabeça contra a mesa de operações. Seus

dedos esticados bateram na caixa de controle e depois lentamente a soltaram, à medida que ele deslizou para o chão. O General O'tole e Francesca foram atirados contra a parede do fundo. Um *bip! bip!* de um dos sensores Hakamatsu implantados indicava que alguém na sala estava com sérios problemas físicos. Nicole chegou rapidamente para ver que O'Toole e Sabatini estavam em ordem, depois lutou contra a continuada torção da nave a fim de recobrar sua posição ao lado da mesa de operação. Com grande esforço, ela se arrastou através da sala, no chão, agarrando as pernas fixas da mesa. Quando chegou ao lado da mesa, ela se equilibrou, ainda agarrada às pernas, e levantou-se.

Nicole ficou salpicada de sangue no momento em que sua cabeça subiu acima do nível da mesa de operação. Ela olhou incrédula para o corpo de Borzov. Toda a incisão estava cheia de sangue e a mão/ bisturi de CirRo estava enfiada dentro dela, aparentemente sem parar de cortar. Era o sensor de Borzov que emitia o *bip! bip!*, apesar do fato de Nicole haver inserido, por comando, valores de emergência bem mais amplos, logo antes da operação.

Uma onda de medo e náusea varreu Nicole quando ela compreendeu que o robô não abortara suas atividades cirúrgicas. Lutando com tudo o que tinha contra a força que continuava tentando empurrá-la novamente contra a parede, conseguiu dar um jeito de alcançar a caixa de controle e desligar a força. O bisturi saiu da poça de sangue e parou. Nicole começou então a tentar estancar a hemorragia maciça.

Trinta segundos mais tarde, a força inexplicada desapareceu tão repentinamente como aparecera. O General O'Toole levantou-se aos tropeções e correu até Nicole, agora desesperada. O bisturi fizera um estrago imenso. O comandante sangrava até a morte ante seus olhos. — Não! Oh, não, meu Deus! — disse O'Toole ao examinar o destroçado corpo de seu amigo. O *bip!* continuava, insistentemente. Agora os alarmes de sistemas de vida ao redor da

mesa também estavam soando. Francesca recuperou-se a tempo de gravar os últimos dez segundos da vida de Valeriy Borzov.

Foi uma noite muito longa para toda a tripulação da Newton. Nas duas horas que se seguiram à operação, a Rama passou por uma seqüência de mais três manobras, cada uma, como a primeira, durando dois minutos. A Terra eventualmente confirmou que o conjunto das manobras mudara a atitude, o número de rotações e a órbita da espaçonave alienígena. Ninguém conseguia ter certeza quanto ao exato objetivo do conjunto de manobras; elas eram apenas "mudanças de orientação" que haviam alterado a inclinação e a linha das apsides da órbita de Rama. Entretanto, a energia da trajetória não fora significativamente mudada — Rama continuava em um percurso de fuga hiperbólico em relação ao Sol.

Todos a bordo da Newton e na Terra estavam atordoados com a morte repentina do General Borzov. Ele recebeu os mais elogiosos obituários na imprensa do mundo inteiro e seus inúmeros atributos foram louvados por seus pares e colegas. Sua morte foi anunciada como resultado de um acidente, atribuído ao inesperado movimento da espaçonave Rama que ocorrera no meio de uma apendicectomia de rotina. Contudo, não se haviam passado oito horas desde sua morte quando pessoas bem-informadas começaram a fazer perguntas difíceis de serem respondidas. Por que a espaçonave Rama se movera exatamente naquele momento? Por que o sistema de proteção contra falhas do CirRo deixara de sustar a operação? Por que razão os oficiais médicos humanos que presidiam o procedimento não foram capazes de desligar a força antes que fosse tarde demais?

Nicole des Jardins fazia-se as mesmas perguntas. Ela já completara os documentos exigidos em caso de óbito no espaço e selado o corpo de Borzov no caixão a vácuo nos fundos do vasto depósito de equipamento da nave militar. Ela preparara e remetera rapidamente seu relatório sobre o incidente. O'Toole, Sabatini e Tabori fizeram o mesmo. Existia uma única discrepância significativa

nos relatórios. Janos deixou de mencionar que estendera a mão na direção da caixa de controle durante a manobra ramaiana. Naquele instante, a omissão não pareceu importante para Nicole. As teleconferências exigidas com diretores da AIE foram terrivelmente dolorosas. Foi Nicole quem teve de agüentar a maior parte dos interrogatórios tolos e repetitivos. Ela teve de se desdobrar para encontrar dentro de si reservas adicionais para se impedir de perder a paciência por várias vezes. Nicole esperava que Francesca insinuasse incompetência por parte da equipe médica da Newton, mas a jornalista italiana foi equilibrada e justa em sua reportagem.

Depois de uma breve entrevista com Francesca, na qual Nicole discutiu o quanto ela ficara horrorizada no momento em que, pela primeira vez, viu a incisão de Borzov cheia de sangue, a oficial de ciências da vida retirou-se para seu quarto, ostensivamente para descansar e/ou dormir. Todavia, Nicole não se permitiu o luxo do descanso, e ficou remoendo, sem parar, os segundos críticos da operação. Teria ela podido fazer qualquer coisa para mudar o que aconteceu? Que possibilidades havia de uma explicação para o fato de o CirRo não ter parado automaticamente?

Do ponto de vista de Nicole havia pouca ou nenhuma probabilidade de falha de desenho nos algoritmos de proteção contra falhas do CirRo; eles não teriam passado por todos os rigorosos testes de pré-lançamento se contivessem erros. De modo que em algum momento deveria haver algum erro humano, seja por negligência (teriam ela e Janos, em sua pressa, esquecido de iniciar algum parâmetro crucial da proteção contra falhas?), seja por algum acidente durante aqueles caóticos segundos que se seguiram à inesperada torção. Sua infrutífera busca por uma explicação e sua fadiga quase que total a haviam deixado profundamente deprimida quando finalmente adormecera. Para ela, uma parte da equação era muito clara. Um homem morrera e ela tinha sido responsável.

## 18. AUTÓPSIA

Como era esperado, o dia seguinte à morte do General Borzov foi muito conturbado. A investigação do incidente pela AIE ampliou-se e a maioria dos cosmonautas foi submetida a um novo e longo interrogatório. Nicole foi indagada sobre sua sobriedade no momento da operação. Algumas das perguntas eram grosseiras e Nicole, que estava tentando conservar suas energias para sua própria investigação dos acontecimentos que cercaram a tragédia, por duas vezes perdeu a paciência com os interrogadores.

— Olhem aqui — exclamou ela a certa altura — eu já expliquei quatro vezes que tomei dois copos de vinho e um de vodca três horas antes da operação. Já admiti que não teria bebido qualquer espécie de álcool antes da cirurgia se soubesse que teria de operar. Cheguei até mesmo a reconhecer, em retrospecto, que talvez um dos dois oficiais das ciências da vida deveria ter permanecido completamente sóbrio. Mas tudo isso não passa de percepção tardia. Repito o que já disse antes. Nem minha capacidade de julgamento, nem minha capacidade física estavam de modo algum diminuídas pelo álcool no momento da operação.

De volta ao quarto, Nicole concentrou sua atenção no fato de o cirurgião-robô ter continuado com a operação quando sua própria proteção contra falhas deveria abortar toda atividade. Com base no Guia do Usuário de CirRo, era evidente que pelo menos dois sistemas de sensores deveriam ter transmitido mensagens de erro ao processador central do cirurgião-robô. O núcleo do acelerômetro deveria ter informado ao processador que as condições ambientais estavam fora dos limites aceitáveis em função de forças laterais indesejáveis. E as câmeras estéreo deveriam ter transmitido uma mensagem indicando que as imagens observadas estavam em desacordo com as previstas. Mas, por alguma razão, nenhum dos dois conjuntos de sensores teve sucesso na interrupção da operação em andamento. O que acontecera?

Nicole levou mais de cinco horas para eliminar a possibilidade de um erro importante, fosse no *software* fosse no *hardware*, do próprio sistema do CirRo. Ela verificou que a carga de *software* e a base de dados estavam corretas ao fazer uma comparação de código com a versão geodésica-padrão do *software* extensamente testado antes do lançamento. E também isolou as imagens estéreo e a telemetria de acelerômetro dos poucos segundos logo após o abalo da espaçonave. Tais dados foram adequadamente transmitidos ao processador central e deveriam ter resultado em uma seqüência abortada. Mas não resultaram. Por que não? A única explicação possível seria a de que o *software* teria sido mudado por um comando manual entre o momento da carga e a execução da apendicectomia.

E aí Nicole já estava fora de sua esfera. Seu conhecimento da engenharia de sistemas e *software* fora explorado até seus limites ao torná-la satisfeita com o fato de não existir erro no *software* inserido. Determinar se e quando algum comando pudesse ter mudado o código ou os parâmetros, depois de já instalados no CirRo, exigia alguém que pudesse ler linguagem de máquina e interrogar cuidadosamente os bilhões de pedacinhos de dados que foram acumulados durante todo o procedimento. A investigação de Nicole estava parada até que pudesse encontrar alguém que a ajudasse. *Será que eu deveria desistir disso tudo?*, disse-lhe uma voz interior. *E como poderia*, replicou uma outra, *enquanto não encontrar a causa para a morte do General Borzov?* Por trás do desejo de Nicole de saber essa resposta estava um desejo desesperador de provar, com certeza, que a morte de Borzov não fora culpa dela.

Ela se afastou do terminal e desabou na cama. Deitada ali, ela se lembrou de sua surpresa durante os 30 s de inspeção nos quais o apêndice de Borzov estivera claramente visível. *Ele positivamente não tivera apendicite*, pensou ela. Sem ter qualquer motivo em particular para isso, Nicole voltou ao terminal e pediu acesso ao segundo conjunto de dados que fora avaliado pelo diagnosticador eletrônico, logo antes de ela tomar a decisão de operar. Ela olhou

rapidamente para os 92% DE PROBABILIDADE DE APENDICITE na primeira tela e dirigiu sua atenção aos diagnósticos alternativos. Desta vez REAÇÃO A DROGA aparecia como a segunda causa mais provável, com 4% de probabilidades. Nicole então passou a chamar os dados por outras formas, pedindo uma rotina estatística para computar a causa provável dos sintomas, dado que não podia ser apendicite.

O resultado apareceu no monitor em segundos. Nicole ficou estarrecida. Segundo os dados, se a informação de biometria fornecida pelo conjunto de sensores de Borzov tivesse sido analisada segundo o pressuposto de que a causa das anomalias *não* podia ser apendicite, então haveria 62% de probabilidades de elas serem devidas a reação a droga. Antes de Nicole poder completar qualquer outra análise, houve uma batida na porta.

— Entre — disse ela, continuando a trabalhar no terminal. Viran-do-se, Nicole viu Irina Turgenyev em pé na porta. A piloto soviética não disse nada por um momento.

— Eles me pediram que viesse chamá-la — disse Irina, hesitante. Ela era muito tímida e ficava pouco à vontade perto de todos menos de seus dois companheiros do leste europeu, Tabori e Borzov. — Nós estamos fazendo uma reunião da tripulação no vestíbulo.

Nicole reservou seus arquivos de dados temporários e juntou-se a Irina no corredor. — Que espécie de reunião?

— De organização — respondeu Irina, e não disse mais nada.

Estava havendo uma acalorada discussão entre Reggie Wilson e David Brown, quando as duas mulheres chegaram na saleta. — Eu devo compreender então — estava dizendo o Dr. Brown com sarcasmo — que você acredita que a espaçonave Rama decidiu manobrar propositadamente naquele exato momento? Poderia explicar, para todos nós, *como* este asteróide de metal inerte soube que o General Borzov estava se submetendo a uma apendicectomia naquele instante? E, já que está com a mão na massa, quer explicar

por que razão essa espaçonave supostamente malévola nos permitiria que nos agregássemos a ela sem fazer nada para nos dissuadir de continuar nossa missão?

Reggie Wilson olhou ao redor, em busca de apoio. — Você está de novo usando uma lógica furada, Brown — disse ele, com óbvia frustração. — O que você diz sempre parece lógico à primeira vista; mas eu não sou o único membro da tripulação que considerou a coincidência suspeita. Olhe, ali está Irina Turgenyev; foi ela a primeira a me sugerir a ligação.

O Dr. Brown percebeu a presença das duas mulheres. Havia um tom de autoridade no seu modo de fazer perguntas que sugeria que ele tivesse o controle da reunião. — Foi isso mesmo, Irina? — perguntou David Brown. — Você acha, como Reggie Wilson, que Rama estava tentando enviar algum tipo de mensagem específica ao executar sua manobra durante a operação do general?

Irina e Hiro Yamanaka eram os dois cosmonautas que menos falavam durante as reuniões da tripulação. Com todos os olhos voltados para ela, Irina resmungou "não" muito humildemente.

— Mas quando estávamos conversando ontem à noite... — insistiu Wilson para a piloto soviética.

— Já chega desse assunto — interrompeu Brown, imperioso. — Creio haver um consenso, do qual compartilham nossos oficiais de controle da missão, de que a manobra de Rama foi coincidência e não conspiração — ele olhou furioso para Reggie Wilson. — E agora temos coisas mais importantes para debater. Eu gostaria de pedir ao Almirante Heilmann que nos dissesse o que descobriu sobre o problema da liderança.

Otto Heilmann levantou-se imediatamente e começou a ler suas notas. — Segundo os procedimentos da Newton, no caso de morte ou incapacitação do oficial-comandante, espera-se que a tripulação complete todas as seqüências já iniciadas de acordo com as instruções anteriores. No entanto, uma vez que tais atividades

"em andamento" estejam terminadas, os cosmonautas devem aguardar até que a Terra nomeie um novo oficial-comandante.

David Brown saltou novamente para o meio da conversa. — O Almirante Heilmann e eu começamos a discutir o assunto há cerca de uma hora e logo tomamos consciência de que tínhamos razões válidas para nos preocuparmos. A AIE está envolvida com a investigação da morte do General Borzov, e nem sequer começou a pensar a respeito da substituição. Quando começarem, podem levar semanas para decidir. Lembrem-se de que esses são os mesmos burocratas que jamais foram capazes de escolher um vice-comandante para Borzov, ocasião em que acabaram resolvendo que não havia necessidade de fazer a indicação — ele parou durante vários segundos, a fim de permitir que o resto da tripulação assimilasse o que estava dizendo.

— Otto sugeriu que talvez não devêssemos esperar que a Terra decidisse — continuou o Dr. Brown. — Ele teve a idéia de que devíamos desenvolver nossa própria estrutura administrativa, que fosse aceitável para todos nós, e a enviássemos à AIE como recomendação. O Almirante Heilmann acha que eles aceitam porque isso evitaria uma discussão prolongada.

— O Almirante Heilmann e o Dr. Brown vieram procurar-me com essa idéia — disse então Janos Tabori — enfatizando o quão importante seria começarmos nossa missão no interior de Rama. Eles chegaram mesmo a me mostrar um rascunho de organização que para mim faz sentido. Já que nenhum de nós tem a amplitude da experiência do General Borzov, eles sugeriram que nós passássemos a ter dois líderes, possivelmente os próprios Almirante Heilmann e Dr. Brown. Otto cobriria as questões militares e de engenharia de espaçonave; e o Dr. Brown comandaria os esforços voltados para a exploração de Rama.

— E o que aconteceria se eles discordassem ou quando suas áreas de responsabilidade ficassem superpostas? — perguntou Richard Wakefield.

— Nesses casos — respondeu o Almirante Heilmann — submeteríamos o ponto em questão à votação de todos os cosmonautas.

— Não é uma gracinha? — disse Reggie Wilson, que ainda estava muito zangado. Ele vinha tomando notas em seu teclado, mas agora levantou-se para se dirigir a todos os cosmonautas. — Aconteceu que Heilmann e Brown estavam preocupados com esse problema crítico e, por acaso, aconteceu que desenvolveram uma nova estrutura de liderança na qual todo o poder e toda a responsabilidade ficam distribuídos entre os dois. Será que sou o único aqui a achar que há qualquer coisa que não cheira muito bem nessa história toda?

— Ora, pare com isso, Reggie — disse Francesca Sabatini, incisivamente, pousando sua câmera a seu lado. — Há qualquer coisa de muito lógico nessa proposta de dois homens à frente da missão Newton. O Dr. Brown é o cientista mais graduado e o Almirante Heilmann trabalhou intimamente com Valeriy Borzov durante anos. Nenhum de nós tem um domínio global sólido sobre todos os aspectos da missão. A divisão de tarefas seria...Era difícil para Reggie discutir com Francesca, mas mesmo assim ele a interrompeu antes que terminasse. — Discordo desse plano — disse ele em tom controlado. — Creio que deveríamos ter um único líder. E, com base no que tenho observado durante o tempo que já passei com esta tripulação, só há um cosmonauta que todos nós poderíamos seguir com facilidade. É o General O'Toole — ele apontou na direção do outro americano. — Se isto aqui é uma democracia, então eu o apresento como candidato a nosso novo líder.

Explodiu uma gritaria geral logo depois que Reggie acabou de falar. David Brown tentou restaurar a ordem. — Por favor, por favor — gritou ele —, vamos tratar de uma questão de cada vez. O que nós queremos é tomar uma decisão a respeito de nossa própria liderança e depois apresentá-la à AIE como *um fait accompli*? Uma

vez que resolvamos essa questão, então poderemos passar para a escolha de quem seriam esses líderes.

— Eu não tinha pensado em nada disso antes desta reunião — disse Richard Wakefield. — Mas concordo com a idéia de tirar a Terra da jogada. Eles não viveram conosco nesta missão. E, o que é mais importante, eles não estão a bordo de uma espaçonave presa a uma criação alienígena em algum ponto dentro da órbita de Vênus. Nós é que iremos sofrer no caso de ser tomada uma decisão errada: por isso, nós mesmos deveríamos decidir a nossa própria organização.

Estava claro que todos, com a possível exceção de Wilson, preferiam a idéia de definir uma estrutura de liderança e depois apresentá-la à AIE. — Tudo bem — disse Otto Heilmann alguns minutos mais tarde. — Agora precisamos escolher nossos líderes. Nossa proposta dos testas-de-ferro foi apresentada, sugerindo uma liderança dividida entre mim e o Dr. Brown. Reggie Wilson indicou o General Michael O'Toole como o novo oficial-comandante. Há alguma outra sugestão ou discussão?

A sala ficou silenciosa durante cerca de dez segundos. — Desculpem — disse então o General O'Toole — mas eu gostaria de fazer algumas observações. — Todos ficaram ouvindo o general americano. Wilson tinha razão. Apesar das conhecidas preocupações de O'Toole com religião (que ele não obrigava ninguém a compartilhar), ele tinha o respeito de toda a tripulação de cosmonautas. — Creio que, a esta altura, devemos ter cuidado para não perdermos nosso espírito de equipe, que trabalhamos tanto para construir neste último ano. Uma eleição contestada, neste momento, poderia levar a uma divisão. Além do mais, ela não é nem tão importante e nem tão necessária. Apesar de quem virá ou virão a ser nosso líder ou líderes, cada um de nós está treinado para executar um conjunto específico de funções. Nós as executaremos em quaisquer circunstâncias.

Várias cabeças se inclinavam, concordando com ele. — Quanto a mim — continuou o General O'Toole — devo admitir que sei pouco

ou nada a respeito dos aspectos da missão no interior de Rama. Jamais fui treinado para nada a não ser lidar com as duas espaçonaves Newton, avaliar qualquer ameaça militar potencial e agir como coordenador de comunicações a bordo. Não sou qualificado para ser o oficial-comandante — Reggie Wilson tentou interromper, mas O'Toole continuou sem parar. — Eu gostaria agora de recomendar que adotemos o plano submetido por Heilmann e Brown e levemos adiante nossa tarefa primordial, ou seja, a exploração deste leviatã alienígena que nos chegou das estrelas.

Quando a reunião acabou, os dois líderes informaram ao resto da tripulação que um esboço preliminar do cenário da primeira incursão estaria pronto para análise na manhã seguinte. Nicole dirigiu-se para seu quarto. No caminho, parou e bateu na porta de Janos Tabori. A princípio, não houve resposta, mas quando ela bateu uma segunda vez, ouviu Janos gritar: — Quem é?

— Sou eu, Nicole.

— Entre — disse ele.

Ele estava deitado de costas em sua pequena cama, com a testa franzida, de modo bem pouco característico.

— O que foi? — perguntou Nicole.

— Nada. Estou com dor de cabeça — respondeu Janos.

— Já tomou alguma coisa? — indagou a médica.

— Não. Não é tão sério assim — ele continuava sem sorrir. — O que posso fazer por você? — perguntou ele em tom quase inamistoso.

Nicole ficou perplexa. Entrou no assunto com muito cuidado. — Bem, eu estava relendo o seu relatório sobre a morte de Valeriy...

— Por quê? — interrompeu Janos bruscamente.

— Para ver se havia alguma coisa que nós pudéssemos ter feito de modo diferente — respondeu Nicole. Mas ficou claro para ela que

Janos não queria discutir o assunto. Depois de esperar alguns segundos, Nicole tornou a falar. — Desculpe, Janos. Estou abusando. Volto em outra hora.

— Não, não — disse ele — vamos liquidar isso agora.

*Que modo curioso de colocar a questão*, pensou Nicole enquanto formulava sua pergunta. — Janos — disse ela — em lugar nenhum de seu relatório você menciona que esticou a mão na direção da caixa de controle do CirRo logo antes da manobra. E eu podia jurar que vi seus dedos no painel do teclado quando estava sendo atirada contra a parede.

Nicole parou. Não havia nenhum tipo de expressão no rosto do cosmonauta Tabori. Era quase que como se ele estivesse pensando em outra coisa. — Eu não me lembro — disse ele finalmente, sem qualquer emoção. — Talvez você esteja certa. Talvez a batida que eu dei com a cabeça tenha apagado parte da minha memória.

Pode parar agora, disse Nicole a si mesma enquanto estudava o colega. Aqui você não vai descobrir mais nada.

## 19. RITO DE PASSAGEM

Geneviève repentinamente desatou a chorar. — Ah, *mamã* — disse ela. — Eu a amo tanto e tudo isso é absolutamente horrível.

A adolescente saiu correndo do enquadramento da câmera, sendo substituída pelo pai de Nicole. Pierre ficou olhando para a direita por alguns instantes, para ter a certeza de que sua neta já não poderia ouvi-lo, e depois voltou-se para o monitor. — Estas últimas vinte e quatro horas foram particularmente difíceis para ela. Você sabe como Geneviève a idolatra. Parte da imprensa estrangeira está dizendo que você errou na cirurgia. Esta noite uma estação americana de televisão chegou a insinuar que você estivesse bêbada durante a operação.

Ele fez uma pausa. A tensão era visível também no rosto do pai. — Tanto sua filha quanto eu sabemos que nenhuma das duas acusações é verdadeira. Nosso amor por você é total e estamos aqui mandando todo o nosso apoio.

A tela escureceu. Fora Nicole quem chamara pelo videofone e, a princípio, ficara mais animada por estar falando com sua família. Depois de sua segunda transmissão, no entanto, quando seu pai e filha reapareceram na tela 20 min mais tarde, ficara óbvio que os acontecimentos a bordo da Newton também conturbaram a vida em Beauvois. Geneviève estava ainda mais perturbada do que o avô, chorando intermitentemente ao falar sobre o General Borzov (ela encontrara com ele várias vezes, e o jeitão de avô do russo o levava a sempre ser especialmente gentil para com ela), e mal conseguira recompor-se antes de tornar a cair em prantos no final da chamada.

*Quer dizer então que também a deixei constrangida,* pensou Nicole ao se sentar em sua cama. Estava absolutamente exausta. Lentamente, sem ter consciência do quanto tinha ficado deprimida, despiu-se para dormir. Sua mente estava atormentada com imagens de sua filha na escola, em Luynes. Estremeceu ao imaginar algum amigo ou amiga de Geneviève fazendo perguntas

sobre a operação e a morte de Borzov. *Minha filha querida*, pensou ela,  *você tem de saber o quanto eu a amo. Se eu ao menos pudesse poupá-la dessa dor.* Nicole queria estender a mão e consolar Geneviève, apertá-la em seus braços, compartilhar daqueles carinhos entre mãe e filha que expulsam todos os demônios. Mas não era possível. Geneviève estava a 100 milhões de quilômetros de distância.

Nicole deitou-se de costas em sua cama. Fechou os olhos, mas não dormiu. Tinha consciência da imensa e profunda solidão, uma sensação de isolamento mais aguda do que qualquer coisa que sentira antes na vida. Ela sabia que estava precisando de compreensão, de algum ser humano que lhe dissesse que seus sentimentos de fracasso eram exagerados e incompatíveis com a realidade. Seu pai e sua filha estavam na Terra. Com relação aos dois membros da tripulação que ela melhor conhecia, um estava morto e o outro se comportando de forma suspeita.

*Eu fracassei*, pensava Nicole, ali deitada. *Na minha tarefa mais importante, eu fracassei.* Lembrou-se de uma outra sensação de fracasso, quando tinha apenas 16 anos. Naquela época, Nicole candidatara-se ao papel de Joana d'Are em um amplo concurso nacional, ligado ao 750<sup>o</sup> aniversário da morte da Donzela. Se tivesse vencido, Nicole teria retratado Joana em uma série de desfiles que se prolongariam por dois anos. Ela se atirara de corpo e alma no concurso, lendo todos os livros que conseguiu encontrar sobre Joana e vendo dúzias de vídeos. Nicole obtivera os primeiros lugares em tudo, com exceção de "adequação". Ela devia ter ganhado, mas não ganhou. Seu pai a consolara, explicando que a França ainda não estava pronta para heroínas de pele escura.

*Mas aquele não foi exatamente um fracasso*, disse a si mesma a oficial de ciências da vida. *E, além disso, eu tinha meu pai para me consolar.* Uma imagem do funeral de sua mãe veio à mente de Nicole, que na época tinha apenas dez anos. Sua mãe fora à Costa do Marfim sozinha, para visitar seus parentes africanos. Anawi estava em Nidougou quando estourou uma violenta epidemia de

febre de Hogan na aldeia. A mãe de Nicole morrera rapidamente. Cinco dias mais tarde, Anawi fora cremada como rainha Senoufo. Nicole chorara enquanto Omeh cantou para que a alma de sua mãe passasse pelo mundo subterrâneo e entrasse na Terra da Preparação, onde os seres descansam enquanto esperam para serem selecionados para outra vida na Terra. Enquanto as chamas subiam da pira e os trajes reais de sua mãe começaram a queimar, Nicole teve um avassalador sentido de perda. E de solidão. *Mas também naquela vez meu pai estava ao meu lado, lembrou-se ela. Ele segurou minha mão enquanto vimos minha mãe desaparecer. Juntos, ficava mais fácil suportar. Fiquei muito mais solitária durante o Poro. E mais assustada.*

Ela ainda se lembrava do misto de terror e desamparo que acometera seu corpo de sete anos de idade, no aeroporto de Paris, naquela manhã de primavera. Seu pai a afagara com imenso carinho. — Nicole, minha querida — dissera ele. — Eu vou sentir muito a sua falta. Trate de voltar para mim, sã e salva.

— Mas por que é que eu tenho de ir, *papá*? — retrucou ela. — E por que é que você não vai comigo?

Ele sentara-se a seu lado. — Você vai se tornar parte do povo de sua mãe. Todas as crianças Senoufo passam pelo Poro aos sete anos.

Nicole começara a chorar. — Mas, *papá*, eu não quero ir. Sou francesa, não africana. Não gosto daquela gente esquisita, nem do calor, e nem daqueles bichinhos todos...

Seu pai colocara suas mãos firmemente no rosto dela. — Você tem de ir, Nicole. Sua mãe e eu concordamos que sim — Anawi e Pierre realmente discutiram o assunto muitas vezes. Nicole vivera toda a sua vida na França. Tudo o que sabia a respeito de sua herança africana era o que sua mãe lhe ensinara e o que descobrira em duas visitas de um mês à família na Costa do Marfim.

Não fora fácil para Pierre concordar em mandar sua filha bem-amada para o Poro. Ele sabia que se tratava de uma cerimônia primitiva. Sabia também que era uma pedra angular da tradicional religião Senoufo, e que prometera a Omeh, quando se casou com Anawi, que todos os seus filhos voltariam a Nidougou para pelo menos o primeiro ciclo do Poro.

A pior parte para Pierre era ter de ficar para trás. Mas Anawi estava certa. Ele era um estranho e não poderia participar do Poro, pois não o compreenderia. Sua presença iria perturbar a menina. Mas sentiu dor no coração ao beijar a mulher e a filha e colocá-las no avião para Abidjan.

Anawi também estava apreensiva em relação ao rito de passagem de sua filha única, sua menininha que mal completara sete anos. Ela preparara Nicole o melhor que lhe fora possível. A criança era uma lingüista imensamente dotada e aprendera os rudimentos do idioma Senoufo com facilidade. Mas não havia dúvida de que ela estaria em grande desvantagem em relação às outras crianças. Todos os outros tinham vivido sua vida toda nas aldeias nativas e demonstravam familiaridade com a região. Para aliviar um pouco esse problema de orientação, Anawi e Nicole chegaram a Nidougou com uma semana de antecedência.

O conceito fundamental do Poro é o de que a vida é uma sucessão de fases ou ciclos, e que cada transição deve ser cuidadosamente marcada. Cada ciclo dura sete anos. Havia três Poros em toda a vida Senoufo normal, três metamorfoses que eram necessárias antes que a criança pudesse ser transformada em adulto na tribo. Apesar do fato de muitos dos costumes tribais terem desaparecido com a chegada dos modernos recursos das telecomunicações nas aldeias da Costa do Marfim, levando-as para o século XXI, o Poro permaneceu parte integrante da sociedade Senoufo. No vigésimo segundo século, as práticas tribais passaram por uma espécie de renascimento, particularmente depois que o Grande Caos provou à maioria dos africanos que era perigoso depender em demasia do mundo exterior.

Anawi manteve um largo sorriso para uso externo em seu rosto, durante a tarde em que os sacerdotes tribais vieram buscar Nicole para o Poro. Ela não queria transmitir à menina seu medo ou ansiedade. No entanto, Nicole percebeu que a mãe estava perturbada. — Suas mãos estão frias e suadas, *mamã* — sussurrou ela em francês, ao abraçar Anawi, antes de partir. — Não se preocupe, tudo vai dar certo — na realidade, Nicole, o único rosto marrom entre a dúzia de meninas preto-escuras que estavam subindo nas carroças, parecia quase alegre e em expectativa, como se estivesse saindo para um parque de diversões ou um zoológico.

Eram quatro carroças ao todo, duas levando as meninas e duas cobertas e não explicadas. Lutuwa, amiga e prima de Nicole, explicou às demais meninas que as outras carroças levavam os sacerdotes e os "instrumentos de tortura". Houve um longo silêncio até que uma das meninas tivesse a coragem de perguntar a Lutuwa do que é que ela estava falando.

— Eu sonhei com tudo há duas noites — disse Lutuwa, com ar muito prático e objetivo. — Eles vão queimar nossos mamilos e enfiar objetos afiados em todos os nossos buracos. E se não gritarmos, não sentiremos dor alguma — as outras cinco meninas da carroça de Nicole, inclusive Lutuwa, mal disseram uma palavra durante a hora seguinte.

Ao pôr-do-sol, elas tinham percorrido um bom pedaço na direção leste, além da abandonada estação de microondas, já na área especial só conhecida pelos líderes religiosos da tribo. A meia dúzia de sacerdotes improvisou abrigos temporários e começou a fazer uma fogueira. Quando escureceu, foram servidas comida e bebida para os iniciados, que estavam sentados de pernas cruzadas, em um grande círculo em torno do fogo. Depois do jantar, a dança com roupas especiais começou. Omeh narrou as quatro danças, cada uma sendo protagonizada por um dos animais indígenas. A música para as danças vinha de tamborins e xilofones primitivos, com o ritmo sustentado pela monótona batida do tantã. Ocasionalmente, um ou outro momento particularmente

significativo da história era pontuado por um toque de olifante, a trompa de caça de marfim.

Pouco antes da hora de se deitarem, Omeh, ainda usando a máscara e o adorno de cabeça que o identificavam como chefe, entregou a cada uma das meninas um grande estojo feito de pele de antílope, dizendo-lhes que estudassem seu conteúdo com muito cuidado. Havia nele um frasco com água, algumas frutas secas e nozes, dois pedaços de pão nativo, um instrumento de corte, um pedaço de corda, dois tipos diferentes de unguentos e um tubérculo de uma planta desconhecida.

— Amanhã de manhã cada criança será removida deste acampamento e levada para uma localidade específica não distante daqui. A criança só terá consigo as dádivas dentro da pele do antílope. Espera-se que a criança sobreviva sozinha e volte ao mesmo lugar antes que o sol atinja seu ponto mais alto, no dia seguinte.

— O estojo contém tudo o que é necessário, exceto a sabedoria, a coragem e a curiosidade. O tubérculo é muito especial. Comer essa raiz carnuda irá aterrorizar a criança, mas é possível também que lhe dê poderes anormais de força e visão.

## 20. SONO ABENÇOADO

A menininha estava sozinha há quase duas horas antes que realmente compreendesse o que lhe estava acontecendo. Omeh e um dos sacerdotes mais jovens colocaram Nicole bem perto de um pequeno lago salobro, cercado por todos os lados com os capins altos das savanas. Eles a lembraram de que voltariam na metade do dia seguinte. E então desapareceram.

A princípio, Nicole reagiu como se toda aquela experiência fosse um grande jogo. Ela pegou seu estojo de antílope e fez um cuidadoso inventário de seu conteúdo. Mentalmente, dividiu a comida em três partes, planejando o que comeria para jantar, desjejum e refeição matinal. Não havia comida em excesso, mas Nicole julgou que seria o bastante. Por outro lado, quando mediu visualmente o frasco, para determinar se sua reserva de água seria adequada, concluiu que era insuficiente. Seria bom se encontrasse uma fonte ou alguma corrente de água pura, que pudesse usar em caso de emergência.

A atividade seguinte de Nicole foi a de criar um mapa mental de sua localização, dando especial atenção a toda característica topográfica que a ajudasse a localizar aquele laguinho de longe. Ela era uma menina muito organizada e, em Chilly-Mazarin, muitas vezes brincava sozinha em um terreno vazio e arborizado, perto de sua casa. Em seu quarto, em casa, Nicole tinha mapas do bosque que ela desenhara cuidadosamente, com seus esconderijos marcados por estrelas e círculos.

Foi quando ela encontrou quatro antílopes listrados, pastando calmamente sob o forte sol da tarde, que Nicole compreendeu o quão estava isolada. Seu primeiro instinto foi o de procurar por sua mãe, para mostrar a Anawi os lindos animais que encontrara. *Mas mamãe não está aqui*, pensou a menininha, com os olhos varrendo o horizonte. *Eu estou completamente só*. A última palavra ecoou por sua mente e ela sentiu um desespero incipiente, contra o qual

lutou, olhando para longe, para ver se podia localizar qualquer indício de civilização. Havia pássaros por todo lado e mais animais pastando dentro dos limites de sua visão, mas nenhum sinal de seres humanos. *Eu estou completamente só*, disse Nicole novamente a si mesma, e um ligeiro arrepio de medo correu por seu corpo.

Ela se lembrou de que queria encontrar outra fonte de água e saiu caminhando na direção de um grande arvoredo. A menina não tinha qualquer idéia de distâncias na savana aberta. Embora tivesse o cuidado de parar a cada 30 min, mais ou menos, para ter a certeza de que podia encontrar o caminho de volta, surpreendeu-se quando percebeu que o arvoredo distante nunca parecia estar mais perto. Ela continuou andando. A medida que entardecia, foi ficando cansada e com sede. Então parou e bebeu um pouco de água. Nicole pegou os dois unguentos, cheirou os dois e aplicou o que cheirava pior no rosto e nos braços. Sua escolha, aparentemente, foi correta; as moscas também acharam o unguento repelente e ficaram longe.

Ela atingiu o arvoredo cerca de uma hora antes do pôr-do-sol e ficou encantada de ver que por acaso tropeçara em um pequeno oásis no meio da imensa savana. Havia uma rica fonte entre as árvores, onde a água corria para fora da terra e formava uma piscina circular de mais ou menos dez metros de diâmetro. O excesso da água, por sua vez, transbordava para fora da piscina e se transformava em um riacho que corria do oásis de volta para a savana. Nicole estava exausta e suada depois de andar tanto. A água da piscina estava convidativa e, sem pensar, ela tirou a roupa, exceto a calcinha, e pulou para nadar.

A água revigorou e acalmou seu cansado corpinho. Com a cabeça debaixo da água e os olhos fechados, ela nadou e nadou, e imaginou-se em uma piscina comunitária em seu subúrbio perto de Paris. Em sua imaginação, ela tinha ido à piscina, o que fazia uma vez por semana, e estava brincando com suas amigas em esportes aquáticos. A lembrança consolou-a e, depois de um tempo, virou-se

para nadar de costas. Abrindo os olhos, olhou para as árvores acima dela, observando a mágica que a luz do sol do poente estava criando ao passar entre os ramos e as folhas. A Nicole de sete anos parou de nadar e ficou andando dentro da água por vários segundos, à procura de suas roupas, sem conseguir vê-las. Ficou perplexa e começou a examinar o perímetro da piscina com maior cuidado. Mas continuou sem ver nada. Mentalmente, reconstituiu todas as cenas desde sua chegada ao arvoredo e deduziu exatamente onde havia colocado tanto suas roupas quanto o estojo de antílope, e saiu da água para examinar o local. *Foi exatamente aqui, pensou ela, mas as minhas roupas e o meu estojo desapareceram.*

Não havia maneira de sufocar seu pânico. Ele a dominou em um instante. Seus olhos ficaram marejados de lágrimas e um soluço saiu de sua garganta. Ela fechou os olhos e chorou, esperando que aquilo tudo não passasse de um sonho mau do qual despertaria dentro de alguns momentos, para encontrar o pai e a mãe. Mas quando tornou a abrir os olhos, a cena continuava exatamente a mesma: uma menininha seminua estava sozinha na África selvagem, sem comida, sem água e sem esperança de salvação antes do dia seguinte. E já estava escurecendo.

Com grande esforço, Nicole finalmente conseguiu controlar seu susto e suas lágrimas. Ela resolveu procurar suas roupas. No lugar onde as deixara, encontrou uma espécie de pegadas frescas, porém Nicole não tinha meios de saber que tipo de animal as deixara, de modo que supôs que fosse um dos delicados antílopes que ela vira de tarde na savana. *Isso faz sentido, pensou a menina, com lógica. É provável que esta seja a melhor fonte de água da região. Vai ver que eles pararam e ficaram curiosos sobre as minhas roupas. Ao espalhar água ao nadar, eu os espantei.*

Enquanto a luz ia diminuindo, ela seguiu as pegadas por uma pequena picada em meio às árvores. Depois de caminhar um pouco, encontrou o estojo de antílope, ou o que sobrara dele, de um lado da picada. O estojo fora todo rasgado. Toda a comida

desaparecera, o frasco de água estava quase vazio e todas as outras coisas estavam espalhadas, exceto os unguentos e o tubérculo. Nicole acabou com a água que ainda restava no frasco e segurou-o na mão direita, junto com o tubérculo. Descartou os unguentos já meio derretidos e estava a ponto de continuar a seguir a picada quando ouviu um barulho, algo entre um ganido e um uivo. O som vinha de muito perto. A picada dava para a savana a uns 50 m à frente. Nicole estreitou seus olhos e pensou que vira algum movimento, mas não lhe foi possível encontrar nada de específico. E então ela ouviu um novo ganido, desta vez mais alto. Deitou-se no chão e começou a se arrastar lentamente pela picada.

Havia uma pequena elevação cerca de 15 m antes do fim do arvoredo. Dali de cima, pôde ver a origem dos ganidos. Dois filhotes de leão estavam brincando com seu vestido verde. Sua mãe, alerta, estava do outro lado, olhando para o crepúsculo da savana. Nicole gelou de terror quando compreendeu que não estava visitando um zoológico, que estava em um mundo selvagem, e que uma leoa africana de verdade estava a apenas 20 m de distância. Tremendo de medo, arrastou-se muito lentamente para trás, em silêncio total, para não chamar a atenção.

De volta à piscina, resistiu ao impulso de pular e correr de qualquer modo pela savana. *A leoa na certa ia me ver*, pensou. Mas onde ela poderia passar a noite? *Vou procurar uma vala entre as árvores*, raciocinou, *do lado oposto da picada, e ficar bem quieta. Quem sabe assim eu fico a salvo?* A seguir, arrastou-se pelo arvoredo e encontrou a vala. Depois, convencida de que estava o mais a salvo possível naquelas circunstâncias, a exausta menina adormeceu.

Ela acordou de repente, com a sensação de que havia bichos rastejando no seu corpo. Esticou a mão e esfregou o estômago nu, verificando que estava coberto de formigas. Nicole gritou e então percebeu o que fizera. Em uma fração de segundo, ela ouviu a leoa avançando ruidosamente pela vegetação rasteira, à procura da criatura que produzira aquele ruído.

A menina estremeceu e, com um pauzinho, raspou as formigas de si, mas depois viu a leoa olhando para ela, com seus olhos de fera penetrando a escuridão. Nicole estava quase em colapso, mas, em seu susto, de algum modo se lembrou do que Omeh dissera a respeito do tubérculo. Ela enfiou a raiz suja de poeira na boca e mastigou vigorosamente. O gosto era horrível, mas engoliu assim mesmo.

Pouco depois, Nicole estava correndo entre as árvores com a leoa em seu encalço. Ramos e folhas cortavam seu rosto e seu peito. Escorregou e caiu uma vez. Quando chegou à piscina, não parou. Correu sobre as águas, com os pés mal tocando a superfície. Sacudiu os braços. Eles se transformaram em asas, asas brancas. Ela já não tocava mais a água. Era uma grande garça branca planando, subindo para o céu noturno. Ela se virou e viu a leoa confusa lá embaixo. Rindo, Nicole intensificou seu movimento de asas e subiu acima das árvores. A grande savana abria-se abaixo dela, que podia ver por um raio de 100 km.

Ela voou para o lago salobro, virou para o oeste e localizou uma fogueira de um acampamento. Voando para lá, seus guinchos de ave cortavam a calma da noite. Omeh acordou assustado, viu a ave solitária abrir as asas para alçar vôo e ele mesmo emitiu um guincho de ave. — Ronata? — sua voz parecia perguntar. Nicole não respondeu. Só queria voar, cada vez mais alto, na direção das nuvens.

Do outro lado das nuvens, a lua e as estrelas estavam límpidas e brilhantes, chamando-a. Ela pensou ouvir música ao longe, uma espécie de soar de campainhas de cristal, e subiu cada vez mais. Tentou bater as asas, porém elas mal se mexiam e se transformaram em superfícies de controle, que agora se ampliavam para elevá-la naquele ar ultrafino. Seus foguetes traseiros começaram a acender. Nicole, agora, era uma lançadeira de prata, fina e lisa, que ia deixando a Terra para trás.

A música ficou mais forte, uma vez que entrou em órbita. Lá, ela era uma magnífica sinfonia, em total harmonia com a majestosa

Terra a seus pés. Ela ouviu seu nome sendo chamado. De onde? Quem a poderia estar chamando ali? O som vinha de além-lua. Ela mudou de direção, apontou no sentido do vazio do espaço e tornou a acender os foguetes. Passou voando pela lua, partindo em direção ao sol. Sua velocidade continuava a crescer exponencialmente. Atrás dela, o sol ia ficando cada vez menor. Tornou-se um pequeno ponto de luz e depois desapareceu. Tudo ao redor estava em total negror. Ela prendeu a respiração e subiu até a superfície da água.

A leoa estava passeando de um lado para o outro da beira da piscina. Nicole podia distinguir claramente todos os músculos de seus ombros poderosos e ler a expressão em sua cara. *Por favor, deixe-me sozinha*, disse Nicole, *eu não vou fazer mal aos seus filhotes*.

— Estou reconhecendo seu cheiro — disse a leoa. — Meus filhinhos estavam brincando com esse cheiro.

Eu também sou um filhote, continuou Nicole, e quero voltar para minha mãe. Mas estou com medo.

— Saia da água — respondeu a leoa. — Deixe-me vê-la. Não estou acreditando que seja o que diz. Reunindo toda a sua coragem, com os olhos grudados na leoa, a menina saiu lentamente de dentro da água. A leoa não se moveu. Quando estava com água pela cintura, Nicole dispôs seus braços em forma de berço e começou a cantar. Era uma melodia simples e tranqüila, que se lembrava do começo de sua vida, quando sua mãe e pai vinham dar-lhe beijos de boa-noite, pousando-a no berço e depois apagando a luz. Os bichinhos do móbile giravam sem parar enquanto uma voz de mulher cantava o Acalanto de Brahms:

— Boa-noite, meu bem.:.

A leoa agachou-se sobre as patas traseiras e ameaçou dar um bote. A menina, sempre cantando baixinho, continuou a andar na direção do animal. Quando Nicole saiu completamente da água e estava a apenas uns cinco metros de distância, a leoa se afastou e pulou de volta para as árvores. Nicole continuou a andar, com a

música suave servindo-lhe de conforto e dando-lhe forças. Em poucos minutos, ela estava de volta no limiar da savana. Quando o sol nasceu, havia alcançado o lago, onde se deitou no capim e adormeceu. Omeh e os sacerdotes Senoufo a encontraram deitada ali, seminua e ainda adormecida, quando o sol chegou a seu ponto mais alto.

Ela se lembrava de tudo como se fosse ontem. *Já faz quase 30 anos, agora, lembrou-se ela ainda deitada em sua pequena cama na Newton, e as lições que então aprendi nunca deixaram de me ser úteis.* Nicole pensou na menininha de sete anos que ficara perdida em um mundo inteiramente estranho, mas conseguira sobreviver. *Então, por que razão estou sentindo pena de mim mesma agora? Aquela situação era muito mais difícil.*

Mergulhando em sua experiência de infância, adquirira uma força inesperada. Nicole não se sentia mais deprimida. Sua mente estava novamente trabalhando a pleno vapor, tentando formular um plano que lhe daria as respostas cruciais sobre o que acontecera durante a operação de Borzov. Ela afastou de si sua solidão.

Nicole compreendeu que teria de ficar a bordo da Newton durante a primeira surtida se quisesse fazer um trabalho realmente completo quanto à análise de todos os aspectos do incidente Borzov. Resolveu levantar a questão com Brown e Heilmann pela manhã.

Exausta, ela finalmente adormeceu. E enquanto deslizava para o mundo crepuscular que separa o despertar do sono, Nicole estava cantarolando uma pequena melodia para si mesma. Era o *Acalanto* de Brahms.

## 21. O CUBO DE PANDORA

Nicole viu David Brown sentado atrás da mesa de trabalho, com Francesca inclinada por cima dele, apontando para alguma coisa em um organograma aberto em frente a eles. Nicole bateu na porta do comandante.

— Olá, Nicole — disse Francesca, abrindo a porta. — O que podemos fazer por você?

— Eu vim ver o Dr. Brown — respondeu Nicole. — Falar sobre minhas tarefas.

— Vá entrando — disse Francesca.

Nicole entrou lentamente e sentou-se em uma das duas cadeiras em frente à escrivaninha. Francesca sentou-se na outra. Nicole olhou para as paredes da sala, que definitivamente estava muito mudada. As fotografias da mulher e dos filhos do General Borzov, juntamente com seu quadro favorito, uma ave solitária de asas abertas pairando sobre o rio Neva, foram substituídas por imensos mapas seqüenciais. Os organogramas, cada um com um título diferente (Primeira Surtida, Segunda Surtida etc), cobriam os espaços para avisos de uma ponta da parede à outra.

O gabinete do General Borzov era caloroso e pessoal; era positivamente esterilizado e assustador. O Dr. Brown pendurara lâminas com reproduções de seus mais prestigiosos prêmios internacionais na parede atrás da escrivaninha. Também elevara o nível de sua cadeira, com o objetivo de olhar de cima para baixo qualquer pessoa sentada em qualquer ponto da sala.

— Eu vim falar-lhe sobre um assunto pessoal — disse Nicole, e esperou por vários segundos que David Brown pedisse a Francesca que saísse da sala. Ele não disse nada. Finalmente, Nicole olhou na direção de Francesca para deixar clara a sua preocupação.

— Ela vem me ajudando em minhas tarefas administrativas — explicou o Dr. Brown. — Descobri que sua percepção feminina

muitas vezes detecta sinais que me haviam escapado inteiramente.

Nicole ficou calada por mais 15 s. Viera preparada para falar com David Brown. Não esperava que viesse a ser necessário explicar tudo a Francesca. *Talvez eu devesse simplesmente ir embora*, pensou fugazmente Nicole, um tanto surpreendida por descobrir que ficara irritada com a presença de Francesca.

— Eu li as indicações para a primeira surtida — acabou Nicole por dizer, em tom formal — e gostaria de fazer um pedido. As minhas obrigações, tais como foram delineadas na seqüência, são mínimas. Irina Turgenyev, me parece, também está sub-aproveitada na surtida de três dias. Recomendo que passe para Irina minhas tarefas não-médicas e que eu fique a bordo da Newton com o Almirante Heilmann e o General O'Toole. Seguirei o progresso da missão com todo o cuidado e estarei imediatamente disponível se houver qualquer problema médico significativo. Quanto ao resto, Janos pode lidar com todas as atribuições de ciências da vida.

Novamente houve um silêncio na sala. O Dr. Brown encarou Nicole e depois Francesca. — Por que razão você deseja ficar a bordo da Newton? — finalmente retorquiu Francesca. — Eu pensava que você mal pudesse esperar para entrar em Rama.

— Como disse, é uma questão muito pessoal — respondeu Nicole, vagamente. — Ainda estou extremamente cansada depois do episódio Borzov, e tenho uma papelada e tanto para terminar. A primeira surtida deve ser muito simples. Eu gostaria de estar totalmente descansada para a segunda.

— É um pedido altamente irregular — disse David Brown — porém, diante das circunstâncias, creio que podemos atendê-lo — ele olhou novamente para Francesca. — Mas gostaríamos de lhe pedir um favor. Se não vai entrar em Rama, será que poderia ocasionalmente substituir O'Toole como oficial de comunicações? Assim o Almirante Heilmann poderia entrar...

— Mas é claro — respondeu Nicole até mesmo antes de Brown terminar.

— Ótimo. Então acho que estamos de acordo. Alteraremos as ordens para a primeira surtida. Você ficará a bordo da Newton — depois que o Dr. David Brown acabou de falar Nicole continuou sem fazer qualquer movimento para deixar sua cadeira. — Ainda há qualquer coisa mais? — perguntou ele com impaciência.

— Segundo nossos procedimentos, o oficial das ciências da vida prepara memorandos de certificação sobre os cosmonautas antes de qualquer surtida. Devo dar uma cópia ao Almirante...

— Entregue todos os memorandos a mim — interrompeu-a o Dr. Brown. — O Almirante Heilmann não se ocupa com questões de pessoal — o cientista americano olhou diretamente para Nicole. — Mas não precisa preparar novos relatórios para a primeira surtida. Li todos os documentos que você escreveu para o General Borzov, e eles satisfazem perfeitamente.

Nicole não se deixou acovardar pelo olhar penetrante do homem. Então você já sabe o que escrevi sobre você e Wilson, pensou ela, e acha que eu deveria sentir-me culpada e embaraçada. Pois bem, não me sinto. Minhas opiniões não mudaram só porque agora está respondendo como encarregado.

Naquela noite, Nicole continuou suas investigações. Sua análise detalhada dos dados biométricos do General Borzov mostrou que ele acusava níveis extraordinários de dois produtos químicos em seu sistema logo antes de sua morte. Nicole não conseguia descobrir de onde eles poderiam ter saído. Estaria ele tomando alguma espécie de medicação sem o conhecimento dela? Poderiam aqueles produtos químicos, que sabidamente provocavam dor (eram usados, segundo sua enciclopédia médica, para testar sensibilidade à dor em pacientes com perturbações neurológicas), de algum modo ter sido fabricados internamente por algum tipo de reação alérgica?

E Janos? Por que não teria lembrado que esticou a mão para a caixa de controle? Por que razão estava tão arredo e reticente

desde a morte de Borzov? Pouco depois da meia-noite, ficou olhando para o teto de seu pequeno quarto. *Amanhã, a tripulação entra em Rama e eu vou ficar aqui sozinha. Vou esperar até lá para continuar minha análise.* Mas não conseguia esperar. Sentia-se incapaz de deixar de lado todas as indagações que estavam inundando sua mente. *Poderia haver alguma ligação entre Janos e as drogas em Borzov? Seria possível que sua morte não tivesse sido puramente acidental?* Nicole tirou sua pasta pessoal de dentro de seu pequeno armário. Abriu-a precipitadamente e tudo o que estava dentro se espalhou pelo ar. Agarrou um montinho de fotografias de família que estava flutuando acima de sua cama, depois recolheu a maioria dos itens e devolveu-os à pasta. Em sua mão, Nicole só ficou com o cubo de dados que o Rei Henry lhe dera em Davos.

Ela hesitou antes de inserir o cubo, mas, finalmente, respirou fundo e colocou-o no processador para leitura. Imediatamente, um menu de 18 itens apareceu no monitor. Ela podia escolher qualquer dos 12 dossiês individuais sobre os cosmonautas ou seis diferentes compilações de estatísticas da tripulação. Nicole pediu o dossiê de Janos Tabori. Havia três sub-menus para sua biografia: Dados Pessoais, Resumo Cronológico e Avaliação Psicológica. Pelo tamanho listado de cada um, ela sabia que o Resumo Cronológico era o que continha o maior número de detalhes. Nicole examinou primeiro os Dados Pessoais, para se familiarizar com o formato dos dossiês.

O pequeno quadro não lhe disse muita coisa que já não soubesse. Janos tinha 41 anos e era solteiro. Quando não estava de serviço com a AIE, morava sozinho em um apartamento em Budapeste, a apenas quatro quarteirões de onde morava sua mãe, duas vezes divorciada. Ele recebera um diploma em engenharia, com distinção, na Universidade da Hungria em 2183. Além dos dados corriqueiros como altura, peso e número de irmãos, o quadro listava dois outros números: AI (Avaliação de Inteligência) e CS (Coeficiente de Socialização). Os de Tabori eram +3, 37 em AI e 64 para CS.

Nicole voltou ao menu principal e pediu o Glossário para refrescar sua memória quanto às definições de AI e CS. Os valores de AI supostamente representavam uma medição composta de inteligência geral, baseada em comparação com uma população mundial de estudantes de condições semelhantes. Todo estudante era submetido a um conjunto de testes-padrão, em determinadas épocas, entre os 12 e 20 anos. O índice era, na verdade, um expoente em um sistema decimal de medição. Um AI igual a zero era a média. Um índice AI de +1, 00 significava que o indivíduo ficava acima de 90% da população; +2, 00 ficava acima de 99% e +3, 00 acima de 99, 9%. Índices negativos AI indicavam inteligência abaixo da média. O resultado de +3, 37 de Janos colocava-o entre o um décimo de um por cento superior da população, em inteligência. Os valores CS tinham uma explicação mais fácil. Também estes eram baseados em uma bateria de testes-padrão ministrados a todo estudante entre os 12 e os 20 anos, porém a interpretação neste caso era mais fácil de compreender. O resultado mais alto possível era 100. O indivíduo cuja avaliação estivesse perto de 100 era querido e respeitado por quase todo mundo, poderia enquadrar-se em praticamente qualquer grupo, quase nunca era brigão ou mal-humorado, e era muito confiável. Uma nota de pé de página, na explicação dos resultados do CS, reconhecia que testes escritos não eram capazes de avaliar traços de personalidade com precisão em todos os casos, de modo que os números apresentados deveriam ser tratados com discrição.

Nicole chamou sua própria atenção para a necessidade de fazer, em algum momento, uma comparação entre os resultados IA e CS de todos os cosmonautas. E então ela pediu acesso ao Resumo Cronológico de Janos Tabori. Os 60 min seguintes foram uma experiência que abriu os olhos de Nicole. Como oficial das ciências da vida, ela havia naturalmente estudado os arquivos pessoais de toda a tripulação. Mas se as informações no cubo que o Rei Henry lhe dera estavam corretas (e ela não tinha meios de

saber se sim ou se não), então os arquivos da AIE eram tristemente incompletos.

Nicole já sabia que Janos fora por duas vezes escolhido como o mais destacado estudante de engenharia da Hungria; no entanto, não sabia que ele fora por dois anos presidente da Associação dos Estudantes *Gay* de Budapeste. Tinha conhecimento de que entrara para a Academia do Espaço, em 2192, e se formara em apenas três anos (graças a sua experiência anterior com projetos soviéticos de primeira linha), mas ninguém lhe dissera que se candidatara por duas vezes à Academia e que fora rejeitado em ambas as ocasiões. Apesar de seus resultados excepcionais nas provas de admissão, ele fracassara por duas vezes na entrevista pessoal. Em ambas as vezes, o comitê entrevistador fora chefiado pelo General Valeriy Borzov. Janos continuara ativo em várias organizações *gay* até 2190. Depois disso, ele se demitira de todas e jamais tornara a se associar a ou participar de atividades *gay*. Nenhuma dessas informações apareciam em seu dossiê da AIE.

Nicole ficou atônita diante do que descobrira. Não era o fato de Janos ter sido (ou ser) *gay* que a preocupava, pois era livre de preconceitos diante de questões de orientação sexual. O que a incomodava mais do que tudo era a possibilidade de seu arquivo oficial ter sido deliberadamente censurado a fim de remover quaisquer referências tanto a seu homossexualismo quanto a suas confrontações anteriores com o General Borzov.

Os últimos registros no Resumo Cronológico de Tabori também foram surpreendentes para Nicole. Segundo o dossiê, Janos supostamente assinara um contrato com Schmidt & Hagenest, o conglomerado editorial alemão, na última semana de dezembro, logo antes do lançamento. Sua tarefa seria a de executar vários tipos não especificados de "consultoria" para inúmeros projetos pós-Newton de mídia, junto ao que era chamado de Projeto Brown-Sabatini. O Cosmonauta Tabori recebeu um pagamento inicial de 300 mil marcos por assinar o contrato. Três dias mais tarde, sua mãe, que há mais de um ano estava na fila de espera para um dos

novos implantes artificiais de cérebro capazes de reverter os danos da doença de Alzheimer, deu entrada no Hospital da Bavária, em Munique, para a cirurgia neurológica.

Seus olhos estavam exaustos e ardendo. Nicole acabara de ler o extenso dossiê sobre o Dr. David Brown. Durante as horas que passara estudando seu Resumo Cronológico, foi criando uma espécie de subdossiê especial para si mesma, no qual eram lançados os itens do resumo que lhe pareceram ser de particular interesse. Antes de tentar dormir novamente, Nicole rodou mais uma vez esse arquivo especial.

Verão de 2161: Brown, aos 11 anos, foi inscrito no Acampamento Longhorn pelo pai, vencendo fortes objeções da mãe. Era um típico acampamento ao ar livre na área montanhosa do Texas para meninos de classe mais alta, que oferecia esportes de todo tipo: tiro, artesanato e caminhadas. Ficavam dez meninos em cada barraca. Brown tornou-se imediatamente muito impopular. No quinto dia, seus companheiros de barraca o agarraram ao sair do chuveiro e pintaram seus órgãos genitais de preto. Brown recusou-se a sair da cama enquanto sua mãe não viajou quase 300 milhas para pegá-lo e levá-lo para casa. O pai, aparentemente, ignorou inteiramente o filho a partir desse incidente.

Setembro de 2166: Depois de ser o orador da turma em uma escola particular, Brown entrou como primeiroanista de física na Universidade de Princeton. Ficou em Nova Jérsei apenas oito semanas. Completou seu trabalho de graduação na SMU, residindo em casa.

Junho de 2173: Recebeu seu Ph. D em física e astronomia em Harvard. Seu orientador de tese, William Brownwell, definiu Brown como "um estudante ambicioso e diligente".

Junho de 2175: Completou sua pesquisa de pós-doutorado sobre a evolução das estrelas, com Brian Murchison em Cambridge.

Abril de 2180: Casa-se com Jeannette Hudson, de Pasadena, Califórnia. A sra. Hudson era estudante de pós-graduação de astronomia em Stanford. Filha única, Ângela, nascida em dezembro de 2184.

Novembro de 2181: Teve negada a condição de professor permanente no departamento de astronomia em Stanford porque dois integrantes do comitê de avaliação acreditavam que Brown falsificara dados científicos em várias de suas muitas publicações especializadas. A questão nunca ficou esclarecida.

Janeiro de 2184: Nomeado para o primeiro Conselho Consultivo da AIE. Preparou planos abrangentes para uma série de novos telescópios astronômicos no outro lado da lua.

Maiο de 2187: Nomeado coordenador do Departamento de Física e Astronomia da SMU em Dallas, Texas.

Fevereiro de 2188: Troca de murros com Wendell Thomas, professor de Princeton, no átrio do lado de fora da reunião da Associação Americana de Ciências Astronômicas em Chicago. Thomas insistia que Brown roubara e publicara idéias que haviam discutido entre si.

Abril de 2190: Eletrizou o mundo científico não só publicando modelos desbravadores do processo das supernovas, como também predizendo a ocorrência de próxima supernova, em meados de março de 2191. A pesquisa foi feita em conjunto com a estudante

de doutoramento em SMU, Elaine Bernstein, de Nova York. Vários colegas da sra. Bernstein na pós-graduação sugerem com empenho que, na realidade, foi ela a responsável pelas novas conceituações. Brown foi projetado para a fama mundial como resultado de suas previsões ousadas e corretas.

Junho de 2190: Brown se divorcia da mulher, de quem já estava separado há 18 meses. A separação iniciou-se três meses depois de Elaine Bernstein começar seus estudos de pós-graduação.

Dezembro de 2190: Casa-se com a sra. Bernstein em Dallas.

Março de 2191: A Supernova 2191a encheu o céu noturno com sua luz, como fora previsto por Brown *et al.*

Junho de 2191: Brown assina um contrato de dois anos para reportagens científicas, com a CBS. Passou para a UBC em 2194 e depois, por recomendação de seu agente, para a INN em 2197.

Dezembro de 2193: É concedida a Brown a medalha AIE por Notáveis Realizações Científicas.

Novembro de 2199: Assina um contrato multimilionário e plurianual com Schmidt & Hagenest para "explorar" todas as possíveis aplicações comerciais da missão Newton, inclusive livros, vídeos e material educativo. É formada uma equipe com Francesca Sabatini como o outro membro principal, e com os cosmonautas Heilmann e Tabori como consultores. A bonificação de dois milhões de marcos pela assinatura foi secretamente depositada na Itália.

Seu despertador acordou-a depois de apenas duas horas de sono. Nicole arrastou-se para fora da cama e refrescou-se na pia retrátil. Lentamente, caminhou pelo corredor e virou na direção do vestíbulo. Os outros quatro cadetes do espaço estavam reunidos em torno de David Brown, no centro de controle, fazendo, excitados, a revisão dos detalhes para a surtida inicial.— Tudo bem — estava dizendo Richard Wakefield — as primeiras prioridades são as cadeiras suspensas por cabo junto às escadarias da direita e da esquerda, e um pesado elevador de carga proveniente do núcleo da Planície Central. Então estabeleceremos um centro de controle temporário nos limites da planície para montar e testar os três jipes. Acampamento de emergência hoje à noite, acampamento de base no ponto Beta perto da orla do mar Cilíndrico amanhã. Deixaremos a montagem e disposição dos dois helicópteros para amanhã, e os gelomóveis e barcos a motor para o Dia Três.

— Excelente resumo — retrucou o Dr. Brown. —Francesca estará com vocês quatro enquanto estiverem preparando a infraestrutura na manhã de hoje. Quando os elevadores leves estiverem instalados e em operação, o Almirante Heilmann e eu nos juntaremos a vocês, com o Dr. Takagishi e o sr. Wilson. Todos dormiremos dentro de Rama hoje à noite.

— Quantos foguetes de iluminação de longa duração vocês têm? — perguntou Tabori a Irina Turgenyev.

— Doze — respondeu ela. — Deve ser o suficiente para hoje.

— E a noite de hoje, quando dormiremos lá dentro, será a mais escura que qualquer um de nós jamais terá visto — disse o Dr. Takagishi. — Não haverá lua nem estrelas, nenhum reflexo vindo do chão, nada a não ser um completo negrume em torno de nós.

— Qual será a temperatura? — perguntou Wakefield.

— Não temos certeza — respondeu o cientista japonês. — Os primeiros zangões carregaram apenas câmeras. Mas a temperatura na região ao redor do fim do túnel foi a mesma que a de Rama I. Se tal indicação for válida, então nos locais de acampamento devemos

ter mais ou menos dez graus abaixo do nível de congelamento — Takagishi parou por um momento. — E esquentando — continuou ele. — Nós agora estamos dentro da órbita de Vênus. Esperamos que as luzes apareçam em mais oito ou nove dias, e pouco depois o mar Cilíndrico começará a derreter, de baixo para cima.

— Ei — brincou David Brown. — Parece que estamos sendo convertidos. Você deixou de qualificar *todas* as suas afirmações. Agora são só algumas.

— Com cada dado que indique ser esta espaçonave semelhante à sua predecessora de 70 anos atrás — respondeu Takagishi — a probabilidade de que sejam idênticas aumenta. Até aqui, se ignorarmos o tempo exato da manobra de correção, tudo a respeito dos dois veículos tem sido semelhante.

Nicole aproximou-se do grupo. — Ora vejam quem está aqui — disse Janos com seu habitual sorriso. — Nosso quinto e último cadete do espaço — ele notou os olhos inchados dela. — E nosso novo comandante tinha razão. Você está mesmo com cara de quem anda precisando descansar.

— Pois quanto a mim — interveio Richard Wakefield — estou desapontado de meu assistente de montagem de jipe agora ser Yamanaka em vez de Madame des Jardins. Nossa oficial das ciências da vida pelo menos fala. É possível que eu tenha de ficar recitando Shakespeare para mim mesmo para ficar acordado — ele deu uma cutucada nas costelas de Yamanaka. O piloto japonês quase sorriu.

— Eu queria desejar a melhor das sortes a todos — disse Nicole. — Como tenho a certeza de que o Dr. Brown lhes disse, senti que ainda estava cansada demais para poder ser de real ajuda. Mas espero estar recuperada e pronta para a segunda surtida.

— Bem — disse Francesca Sabatini com impaciência, assim que sua câmera fizera uma panorâmica captando depois um *dose-up* final de cada rosto. — Estamos finalmente prontos?

— Vamos embora — disse Wakefield. Eles se dirigiram à câmara de descompressão na proa da espaçonave Newton.

## 22. AURORA

Richard Wakefield trabalhava rapidamente na quase escuridão. Ele estava a meio da descida da escadaria Alfa, onde a gravidade, em virtude da força centrífuga da rotação de Rama, chegara a mais de um quarto de um  $g$ . A luz de seu capacete iluminava o campo imediato, e estava quase terminando mais uma pilastra.

Ele verificou seu suprimento de ar e notou que já estava abaixo da metade. A essa altura, eles já deviam estar mais para dentro de Rama, mais perto de onde poderiam respirar o ar ambiente. Mas calcularam mal o tempo que levariam para instalar as cadeiras transportadas a cabo. A idéia era exatamente simples e eles treinaram tudo várias vezes nas simulações. A parte superior do trabalho, quando eles ficaram perto das escadarias e virtualmente sem peso, fora relativamente tranqüila, mas neste nível a instalação de cada base de pilastra era um processo diferente em função do aumento e da mudança da gravidade.

Exatamente mil degraus acima de Wakefield, Janos Tabori acabara de enrolar linhas de ancoragem em volta dos corrimãos de metal que ladeavam a escadaria. Depois de quase quatro horas de trabalho entediante e repetitivo, ele estava ficando fatigado. Lembrou-se da argumentação apresentada pelo diretor de engenharia quando ele e Richard recomendaram uma máquina especializada para a instalação dos cabos aéreos e cadeiras. — Não tem eficiência-custo criar um robô para usos não-repetíveis — dissera o homem. — Os robôs só são bons para tarefas recorrentes.

Janos olhou para baixo, mas não conseguia enxergar até a próxima pilastra, 250 degraus mais abaixo. — Já está na hora do almoço? — perguntou ele a Wakefield pelo comunicador portátil.— Pode ser — foi a resposta. — Mas nós estamos muito atrasados. Só conseguimos mandar Yamanaka e Turgenyev para a escadaria Gama às 10: 30 h. E, no passo em que estamos indo, teremos sorte se estes elevadores leves e o acampamento de emergência ficarem

prontos hoje. Teremos de adiar o elevador de carga e os jipes para amanhã.

— Hiro e eu já estamos comendo — ouviram Irina dizer lá do outro lado da concavidade. — Estávamos com fome. Acabamos a armação para as cadeiras e o motor superior em meia hora. Já chegamos à pilastra número 12.

— Bom trabalho — disse Wakefield. — Mas vou avisá-los de que estão na parte fácil, em torno das escadas e o alto da escadaria. Trabalhar na imponderabilidade é fácil. Esperem até sentir gravidade mensuravelmente diferente em cada localidade.

— Segundo o medidor *laser* de distâncias, o cosmonauta Wakefield está exatamente a 8, 13 km de mim — todos ouviram o Dr. Takagishi intervir.

— Eu estou de pé na plataforma do lado de fora de nossa estação rebatedora, perto do fundo da escadaria Alfa.

— O que é isso, Shig, será que vocês, orientais, não vão nunca andar junto com o resto do mundo? A Newton está estacionada *no alto* de Rama e você está *no topo* da escadaria. Se não conseguirmos concordar a respeito de alto e baixo, como é que jamais poderemos esperar comunicação entre nossos sentimentos mais íntimos? E ainda muito menos jogar xadrez.

— Obrigado, Janos. Eu estou *no topo* da escadaria Alfa. E, por falar nisso, o que é que você está fazendo? Sua distância está aumentando a grande velocidade.

— Estou deslizando pelo corrimão para encontrar Richard para almoçar. Não gosto de comer peixe com batata frita sozinho.

— Eu também vou descer para o almoço — disse Francesca. — Estou acabando de filmar uma excelente demonstração da força Coriolis, usando Hiro e Irina. Vai ser ótimo para as aulas elementares de física. Devo chegar aí em cinco minutos.

— Escute aqui, *signora* — falou novamente Wakefield. — Será que não podíamos persuadi-la a fazer um trabalho sério? Paramos o

que estamos fazendo para acomodar suas filmagens; talvez agora pudéssemos trocar um pouco com você.— Por mim, tudo bem — respondeu Francesca. — Eu ajudo depois do almoço. Mas agora o que queria mesmo era um pouco de luz. Será que vocês podiam acender um dos foguetes para eu poder pegar você e Janos fazendo piquenique na Escadaria dos Deuses?

Wakefield programou um foguete para ignição retardada e subiu 80 degraus até a plataforma mais próxima. O cosmonauta Tabori chegou ao mesmo local meio minuto antes do foguete iluminá-los. De dois quilômetros acima, Francesca fez uma panorâmica pelas três escadarias, depois fechou o *zoom* nas duas figuras sentadas de pernas cruzadas na plataforma. Daquela perspectiva, Janos e Richard pareciam duas águias aconchegadas em seu ninho do alto da montanha.

No final da tarde, o ascensor das cadeiras Alfa estava concluído e pronto para ser testado. — Já que nos ajudou — disse Richard Wakefield a Francesca — deixaremos você ser a primeira cliente — eles estavam de pé, com gravidade total, na base da incrível escadaria. Trinta mil degraus estendiam-se pela escuridão do céu artificial acima deles. A seu lado, na Planície Central, o motor ultraleve e o gerador compacto de energia para o ascensor das cadeiras já estavam operando. Os cosmonautas transportaram nas costas, em peças desmontadas, os sistemas elétrico e mecânico, e a montagem levava menos de uma hora.

— As cadeirinhas não estão permanentemente ligadas aos cabos — explicou Wakefield a Francesca. — Em cada extremidade há um mecanismo que conecta ou desconecta as cadeiras. Assim não vamos precisar ter um número quase infinito de cadeiras.

Hesitando um pouco, Francesca sentou-se na estrutura plástica que fora tirada de uma pilha de cestinhas semelhantes penduradas em um cabo lateral. — Vocês têm certeza de que isto está seguro? — disse ela, olhando para a escuridão que a cobria.

— É claro — riu Richard. — É igualzinho à simulação. E eu estarei na cadeira atrás da sua, apenas um minuto ou 400 m mais baixo. Ao todo, a viagem dura 40 min da base ao topo. A velocidade média é de 24 km por hora.

— E eu não faço nada — lembrou Francesca — a não ser ficar sentada, me segurar e ativar meu sistema de respiração a mais ou menos 20 min do topo.— Não se esqueça de atar o cinto de segurança — lembrou Wakefield, com um sorriso. — Se o cabo diminuir a marcha ou parar perto do topo, onde você está sem peso, seu impulso poderá lançá-la no vazio de Rama — ele sorriu. — Mas como todo o percurso da cadeira é feito ao longo da escadaria, no caso de uma emergência, você sempre pode saltar de sua cestinha e voltar a pé para o núcleo pelos degraus.

Richard fez um sinal e Janos ligou o motor. Francesca foi erguida do solo e em breve desapareceu acima deles. — Eu irei direto para Gama logo que estiver certo de que você está a caminho — disse Richard a Janos. — O segundo sistema deve ser mais fácil. Com todos nós trabalhando juntos, devemos terminar no máximo às 19 horas.

— Eu já estarei com o acampamento de emergência pronto quando você chegar ao topo — comentou Janos. — Você ainda acha que vamos ficar aqui embaixo hoje à noite?

— Isso não faz muito sentido — disse a voz de David Brown, vindo de cima. Ele e Takagishi tinham monitorado todas as comunicações dos cosmonautas durante o dia todo. — Os jipes ainda não estão prontos. Esperávamos fazer um pouco de exploração amanhã.

— Se cada um de nós trouxer uns poucos subsistemas para baixo — respondeu Wakefield — Janos e eu poderíamos montar um jipe hoje à noite, antes de dormirmos. O segundo jipe provavelmente estará operacional amanhã, antes do meio-dia, se não encontrarmos dificuldades.

— É um cenário possível — respondeu Brown. — Vamos ver até onde progredimos e o quanto estão todos cansados daqui a três horas.

Richard subiu em sua cadeirinha e esperou que o algoritmo de carga automático do processador conectasse seu assento ao cabo. — Por falar nisso — disse ele ao começar sua subida — muito obrigado por seu bom humor de hoje; acho que não ia conseguir, sem as piadas.

Janos sorriu e acenou com a mão para o amigo. Olhando para o alto, de sua cadeira em movimento, Richard Wakefield mal podia avistar a luz no capacete de Francesca. *Ela está mais de 100 andares acima de mim, pensou ele. Mas apenas a dois e meio por cento da distância daqui até o centro. Este lugar é imenso.*

Ele enfiou a mão no bolso e tirou a estação meteorológica portátil que Takagishi lhe pedira para levar. O professor queria um perfil acurado de todos os parâmetros atmosféricos na concavidade do Pólo Norte de Rama. De particular importância para seus modelos de circulação eram a densidade e temperatura do ar em comparação com a distância abaixo da câmara de descompressão.

Wakefield ficou observando suas leituras de pressão que, começando a 1.05 bare, caíam para muito abaixo dos níveis da Terra e continuavam seu declínio regular e monótono. A temperatura permanecia fixa em -8 graus Célsius. Ele se encostou para trás e fechou os olhos. Era uma sensação estranha, andar naquela cesta que subia, subia sempre, para a escuridão. Richard abaixou o volume de um dos canais de seu comunicador compacto; a única conversa em curso era entre Yamanaka e Turgenyev, e nem um nem outra tinha muito a dizer. Ele aumentou o volume da *Sexta Sinfonia* de Beethoven, que estava sendo executada ao fundo, em outro canal.

Ouvindo a música, Richard surpreendeu-se ao constatar que suas visões interiores de riachos e flores e campos verdejantes na Terra evocaram uma sensação tão forte de saudade. Era-lhe quase impossível compreender a miraculosa concatenação de

acontecimentos que o levaram de sua infância em Stratford para Cambridge, para a Academia do Espaço em Colorado e finalmente ali, para Rama, onde estava sendo transportado por uma cadeirinha aérea ao longo da Escadaria dos Deuses.

*Não, Próspero, disse para si mesmo, nenhum mágico poderia ter concebido um lugar assim. Ele se lembrava de ter visto A tempestade pela primeira vez quando menino, e de ter ficado assustado com a retratação de um mundo cujos mistérios poderiam escapar à sua compreensão. Não há mágica, dissera ele então. Só há conceitos naturais que não podemos ainda explicar. Richard sorriu. Próspero não era um mago; ele era apenas um cientista frustrado.*

Logo depois, Richard Wakefield ficou estupefato pela visão mais espantosa que jamais testemunhara. Enquanto sua cadeira navegava silenciosamente para cima, paralela à escadaria, a aurora explodiu em Rama. Três quilômetros abaixo dele, cortados na Planície Central, os longos vales estreitos que corriam da orla da concavidade para o mar Cilíndrico repentinamente explodiram de luz. Os seis sóis lineares de Rama, três em cada hemicírculo, foram cuidadosamente desenhados para produzir uma iluminação equilibrada em todo aquele mundo estranho. As primeiras sensações de Wakefield foram de vertigem e náusea. Estava suspenso no ar por um cabo fino, a milhares de metros acima do chão. Fechou os olhos e tentou manter sua orientação. *Você não vai cair*, disse ele para si mesmo.

— Aiêêê — ele ouviu Hiro Yamanaka gritar.

Da conversa que se seguiu, ele pôde perceber que Hiro, assustado com o repentino estouro de luz, perdera seu apoio de pé no meio da escadaria Gama. Ele aparentemente caíra 20 ou 30 m antes de conseguir, com grande habilidade (e sorte), agarrar parte do corrimão.

— Você está bem? — perguntou David Brown.

— Acho que sim — respondeu Yamanaka, sem fôlego.

Passada a pequena crise, todos começaram a falar ao mesmo tempo. — Isto é fantástico! — gritava o Dr. Takagishi. — Os níveis de luz são fenomenais. E tudo isto está acontecendo *antes* do degelo do mar. É diferente. É completamente diferente.

— Arranjem um outro módulo para mim, logo que eu chegar ao alto — disse Francesca. — Meu filme está quase acabando.

— Que beleza. Que beleza indescritível — acrescentou o General O'Toole. Ele e Nicole des Jardins estavam olhando o monitor a bordo da Newton. O quadro de tempo real da câmara de Francesca estava sendo transmitido para eles pela rebatedora no centro.

Richard Wakefield não disse nada. Ficou simplesmente olhando, fascinado pelo mundo abaixo dele. Mal podia avistar Janos Tabori, o aparato da cadeira de cabo e o acampamento inconcluso, na base da escadaria. No entanto, a distância até eles dava-lhe alguma medida desse mundo estranho. Quando olhou através das centenas de quilômetros quadrados da Planície Central, ficou fascinado pelas formas que via em todas as direções. Havia dois aspectos, entretanto, que dominavam sua imaginação e visão: o mar Cilíndrico e as estruturas pontiagudas e maciças na concavidade sul, oposta a ele, a 50 km de distância.

A medida que seus olhos foram se acostumando à luz, a gigantesca espira central na extremidade sul começou a ficar cada vez maior. Ela fora chamada de O Grande Chifre pelos primeiros exploradores. *Seria realmente possível que tivesse oito quilômetros de altura?*, perguntava-se Wakefield. As seis espiras menores, que circundavam o Grande Chifre em desenho hexagonal, ligadas tanto a ele quanto às paredes de Rama por imensos arcobotantes, eram, todas elas, maiores do que qualquer coisa jamais construída pelo homem na Terra. E, no entanto, pareciam anãs junto àquela elevação que se erguia exatamente do centro da concavidade e crescia ao longo do eixo de rotação do cilindro.

Em primeiro plano, a meio do caminho entre a posição de Wakefield perto do Pólo Norte e a mastodôntica construção ao sul,

uma faixa branco-azulada circundava o mundo cilíndrico. O mar congelado parecia ilógico e fora de lugar. Ele jamais poderia degelar, a mente queria dizer, ou toda aquela água cairia na direção do eixo central. Entretanto, o mar Cilíndrico era preso a seu leito pela força centrífuga de Rama. Ninguém melhor do que a tripulação da Newton sabia que em suas costas um ser humano podia ter o mesmo peso que teria junto a um oceano terrestre.

A cidade-ilha no meio do mar Cilíndrico era a Nova York de Rama. Para Richard, seus arranha-céus não pareceram tão imponentes à luz dos foguetes. Mas à luz dos sóis ramaianos, ficava claro que aquela cidade ocupava o centro do palco. Os olhos eram atraídos para Nova York de qualquer ponto dentro de Rama; a densa cidade oval de edifícios era a única quebra no ordenado anel que formava o mar Cilíndrico.

— Olhem só para Nova York! — disse excitado o Dr. Takagishi para seu comunicador. — Deve haver quase mil edifícios de mais de 200 m de altura — ele fez uma pausa de alguns segundos. — E lá que *e/les* moram. Eu sei. Nova York tem de ser nosso alvo.

Depois das primeiras manifestações houve um prolongado silêncio, enquanto cada cosmonauta integrava o ensolarado mundo de Rama com seu próprio consciente. Richard, agora, podia ver Francesca claramente, 400 m acima dele, quando sua cadeira cruzou a transição entre a escadaria e a escada, e aproximou-se do núcleo central.

— Não se esqueçam de mim — gritou Janos em seu comunicador portátil. — Eu sou o único que não tem uma visão muito boa.

Richard abriu seu cinto de segurança e saltou para a plataforma. Ele olhou para baixo, para onde a escadaria desaparecia. — Recebido, cosmonauta Tabori. Chegamos de volta à Estação Alfa. Quando der o sinal, nós o traremos de volta para se juntar a nós.

## 23. CREPÚSCULO

"... Considerando os maus-tratos que recebia regularmente de seu pai neurótico e as cicatrizes emocionais que devem restar de seu casamento na juventude com a atriz Sarah Tydings, o cosmonauta Wakefield é notavelmente bem ajustado. Ele se submeteu a dois anos de terapia profissional, depois de seu célebre divórcio, concluída um ano antes de ele entrar para a Academia do Espaço em 2192. Seu desempenho estudantil na Academia ainda não foi igualado até hoje; seus professores de engenharia elétrica e ciências de computação insistem que, ao tempo de sua graduação, Wakefield sabia mais do que qualquer integrante do corpo docente...

"... A não ser por certa desconfiança no que tange à intimidade (em particular com as mulheres — parece que ele não manteve nenhum relacionamento duradouro desde o fim de seu casamento), Wakefield não apresenta nenhum dos comportamentos anti-sociais normalmente encontrados em crianças maltratadas. Embora seu CS fosse baixo na mocidade, ele se tornou menos arrogante com o amadurecimento e, hoje em dia, tem bem menos tendência a impingir seu brilhantismo aos outros. Sua honestidade e caráter são inabaláveis. O conhecimento — não o poder ou o dinheiro — parece ser seu objetivo... "

Nicole acabou de ler a Avaliação Psicológica de Richard Wakefield e esfregou os olhos. Era muito tarde. Ela estava estudando os dossiês desde que a tripulação da Rama acomodou-se para dormir. Dentro de duas horas, eles já estariam se levantando para seu segundo dia naquele mundo estranho. Seu turno de seis horas como oficial de comunicações iria começar daí a 30 min. *Então, de toda essa turma, pensava Nicole, só há três acima de qualquer suspeita. Os quatro com contratos ilegais com a mídia estavam comprometidos. Yamanaka e Turgenyev são incógnitas. Wilson é caso limítrofe de estabilidade e tem lá a sua agenda, de alguma espécie. Restam O'Toole, Takagishi e Wakefield.*

Nicole lavou o rosto e as mãos e tornou a sentar-se em frente ao terminal. Retirou da tela o dossiê de Wakefield e voltou ao menu principal. Ela varreu as estatísticas comparativas à sua disposição, depois digitou a tela para duas tabelas aparecerem lado a lado. Do lado esquerdo estava, em ordem, o conjunto de valores de AI para todos os membros da tripulação; e, do lado oposto, ela colocou, para comparar, os índices de CS para a dúzia newtoniana.

AI

CS

Wakefield

+ 5, 58

O'Toole

86

Sabatini

+ 4, 22

Borzov

84

Brown

+ 4, 17

Takagishi

82

Takagishi

+ 4, 02

Wilson

78

Tabori

+ 3, 37

des Jardins

71

Borzov

+ 3, 28

Heilmann

68

des Jardins

+ 3, 04

Tabori

64

O'Toole

+ 2, 92

Yamanaka

62

Turgenyev

+ 2, 87

Turgenyev

60

Yamanaka

+ 2, 66

Wakefield

58

Wilson

+ 2, 48

Sabatini

56

Heilmann

+ 2, 24

Brown

49

Embora Nicole tivesse olhado muito rapidamente a maioria das informações nos dossiês antes, ela ainda não lera as tabulações de todos os membros da tripulação. Estava vendo alguns daqueles índices pela primeira vez. Surpreendeu-se particularmente com o altíssimo índice de inteligência de Francesca Sabatini. *Que desperdício*, pensou Nicole imediatamente. *Todo esse potencial sendo utilizado para atividades tão rotineiras.*

A média geral de inteligência da tripulação era impressionante. Todos os cosmonautas estavam entre o um por cento mais alto da população. Nicole estava entre os "um em mil", e ela não passava do nível médio daquela dúzia. A nota de Wakefield era realmente excepcional e o deixava na categoria de "supergênio"; Nicole jamais

conhecera alguém com resultados tão altos nos testes padronizados.

Embora seu treinamento em psiquiatria a ensinasse a desconfiar de tentativas de se quantificar traços de personalidade, Nicole também ficou intrigada com os índices de CS. Sua própria intuição a levaria a colocar O'Toole, Borzov e Takagishi no topo da lista, já que os três homens pareciam ser confiantes, equilibrados e sensíveis em relação aos outros. Mas ficou atônita ante o alto coeficiente de socialização de Wilson. *Ele deve ter sido uma pessoa completamente diferente antes de se envolver com Francesca.* Por um breve instante, Nicole se perguntou por que seu próprio índice não era maior do que 71; mas depois lembrou-se de que, quando jovem, fora mais reclusa e fechada em si mesma.

*E Wakefield?*, perguntou a si mesma, percebendo que ele era o único candidato viável a ajudá-la a compreender o que acontecera dentro do *software* de CirRo durante a operação de Borzov. Será que podia confiar nele? Ela conseguiria conquistar a ajuda de Richard sem lhe revelar algumas de suas suspeitas mais recônditas? De novo a idéia de abandonar inteiramente sua investigação pareceu muito atraente. *Nicole*, disse ela a si mesma, *se essa sua idéia a respeito de uma conspiração acabar se revelando uma boa perda de tempo...*

Entretanto, Nicole estava convencida de que havia um número suficiente de perguntas sem resposta para justificar a continuidade de sua investigação. Ela resolveu falar com Wakefield. Depois de verificar que podia acrescentar suas próprias anotações ao cubo de dados do rei, criou um novo arquivo, o 19º, simplesmente chamado NICOLE. Ela chamou sua sub-rotina no processador de palavras e escreveu um breve memorando:

3-3-00 — Estabeleci com certeza que o mau funcionamento do CirRo durante o procedimento Borzov foi devido a comando manual externo após carga e verificação iniciais. Procurar apoio de Wakefield.

Nicole apanhou um cubo de dados virgem na gaveta de equipamento ao lado do computador e copiou nele tanto seu memorando quanto todas as informações armazenadas no cubo que ganhara do Rei Henry. Quando vestiu seu uniforme de vôo para pegar o turno da noite, colocou a duplicata no bolso.

O General O'Toole estava cochilando no Complexo de Comando e Controle da espaçonave militar quando Nicole chegou para rendê-lo. Muito embora o conjunto de indicadores visuais não fosse tão empolgante quanto o da nave científica, o aparato do CCC militar era muito superior enquanto centro de comunicações, sobretudo do ponto de vista da engenharia humana. Todos os controles podiam ser facilmente manipulados por um único cosmonauta.

O'Toole pediu desculpas por não estar acordado. Ele apontou para três monitores que mostravam três tomadas diversas da mesma cena — o resto da tripulação dormindo profundamente no acampamento de emergência na base da escadaria Alfa. — As últimas cinco horas não foram exatamente o que se poderia chamar de excitantes — disse ele.

Nicole sorriu. — General, não precisa se desculpar comigo. Eu sei que já está de serviço há quase 24 horas.

O General O'Toole levantou-se. — Depois que você saiu — resumiu ele, verificando seu diário de bordo eletrônico em um dos seis monitores à sua frente — eles acabaram de jantar e em seguida começaram a montar o primeiro jipe. O programa de navegação automática fracassou em seu primeiro autoteste, mas Wakefield descobriu o problema — um vírus de *software* em uma das subrotinas mudadas na última entrega — e consertou. Tabori deu uma volta para testar o jipe antes de a tripulação toda se preparar para dormir. E, no final do dia, Francesca fez uma breve, mas emocionante transmissão para a Terra — ele fez uma pausa. — Gostaria de vê-la?

Nicole aceitou. O'Toole ativou o monitor de TV da extrema-direita e Francesca apareceu em *close* do lado de fora na barraca fechada. O enquadramento mostrava parte da base da escadaria e o equipamento para a cadeira de cabo. — É hora de dormir em Rama — ela entoou, depois olhou para cima e ao redor. — As luzes neste mundo espantoso apareceram inesperadamente há cerca de nove horas, mostrando-nos com maior detalhe o complexo produto de nossos primos inteligentes das mais distantes estrelas — uma montagem de fotografias e vídeos curtos, alguns tomados pelos zangões e alguns pela própria Francesca ao longo do dia, pontuaram seu *tour* pelo "mundinho" artificial que a tripulação estava "a ponto de explorar". No final da breve seqüência, a câmera voltou para Francesca.

— Ninguém sabe porque esta segunda espaçonave, em menos de um século, invadiu nossa pequena seara na orla da galáxia. É possível que esta criação magnífica não tenha explicação sequer remotamente compreensível a nós, seres humanos. Mas talvez, em algum ponto deste vasto e preciso mundo de metal, encontremos algumas chaves que possam revelar os mistérios que encobrem as criaturas que construíram este veículo — ela sorriu e suas narinas abriram-se dramaticamente. — E, se assim for, então talvez possamos dar um passo no sentido de melhor compreensão de nós mesmos... e também de Deus.

Nicole percebeu que o General O'Toole estava comovido com a oratória de Francesca. Apesar de sua antipatia pessoal pela mulher, reconheceu ainda uma vez, meio relutante, que Francesca era talentosa. — Ela captou tão bem meus próprios sentimentos a respeito desta aventura — exclamou O'Toole. — Bem que eu queria ser assim articulado.

Nicole sentou-se em frente ao console e digitou seu código de troca de oficial. Ela seguiu todo o procedimento listado no monitor e verificou todo o equipamento. — Tudo bem, general — disse ela, girando sua cadeira. — Acho que posso dar conta daqui em diante.

O'Toole demorou-se atrás dela. Era óbvio que ele queria dizer algo. — Eu tive uma longa conversa com a *signora* Sabatini há três noites — disse ele. — Sobre religião. Ela me disse que se tornara agnóstica antes de finalmente voltar para a Igreja. E que pensar a respeito de Rama a fizera voltar a ser católica.

Houve um longo silêncio. Por alguma razão, a igreja do século XV na antiga aldeia de Saint Etienne de Chigny, a apenas 800 m da estrada de Beauvois, ocorreu à mente de Nicole. Ela lembrou-se de ter parado ao lado do pai dentro da igreja em um lindo dia de primavera e ter ficado fascinada pelas luzes que se espalhavam através dos vitrais multicoloridos.

— Foi Deus quem fez as cores? — perguntara Nicole ao pai.

— Há quem diga que sim — respondeu ele laconicamente.

— E o que é que você acha, papá ? — perguntou ela.

— Devo admitir — estava dizendo o General O'Toole, e Nicole foi obrigada a retornar ao presente — que toda esta viagem tem sido de grande elevação espiritual para mim. Sinto-me agora mais perto de Deus do que em qualquer outro momento antes. Há qualquer coisa em se contemplar a vastidão do universo que nos faz humildes e... — ele se interrompeu. — Lamento — começou a desculpar-se — eu abusei...

— De forma alguma — respondeu Nicole. — Não, mesmo. Considero sua fé religiosa muito reconfortante.

— Mesmo assim, espero não a ter ofendido de nenhum modo. A religião é uma questão muito particular — sorriu ele. — Mas às vezes é muito difícil não compartilhar nossos sentimentos, particularmente sabendo que tanto a senhora quanto a *signora* Sabatini também são católicas.

Quando O'Toole ia saindo do complexo de controle, Nicole lhe desejou bom sono durante seu repouso. Depois que ele se foi, ela tirou o cubo de dados do bolso e colocou-o no leitor de cubos do CCC. *Pelos menos assim*, disse ela consigo mesma, *garanto minhas fontes de informação*. Acorreu à sua mente a imagem de Francesca

Sabatini ouvindo atentamente enquanto o General O'Toole filosofava sobre a significação religiosa de Rama. *Você é uma mulher espantosa*, pensou Nicole. *Faz o que for preciso. Até a imoralidade e a hipocrisia são aceitáveis.*

O Dr. Shigeru Takagishi olhava em deslumbrado silêncio para as torres e cúpulas de Nova York, a quatro quilômetros de distância. De vez em quando, ia até o telescópio que montara temporariamente no penhasco que pendia sobre o mar Cilíndrico e estudava algum detalhe específico daquela estranha paisagem.

— Sabem — disse ele finalmente aos cosmonautas Wakefield e Sabatini — não creio que os relatórios que a primeira tripulação fez a respeito de Nova York sejam integralmente precisos. Ou então esta espaçonave é diferente — nem Richard, nem Francesca reagiram. Wakefield estava entregue aos últimos estágios da montagem do gelomóvel e Francesca, como de hábito, estava ocupada gravando o trabalho de Wakefield.

— Parece haver, com certeza, três partes idênticas na cidade — continuou o Dr. Takagishi — e três subdivisões dentro de cada uma delas. Mas os nove segmentos não são *absolutamente* iguais. Parece haver diferenças sutis.— Pronto — disse Richard Wakefield, levantando-se e abrindo um sorriso de satisfação. — Agora parece que está pronto. Um dia inteiro antes do previsto. Só vou testar rapidamente todas as funções importantes de engenharia.

Francesca olhou para o relógio. — Estamos quase meia hora atrasados em relação ao tempo corrigido. Ainda vamos dar uma olhada rápida em Nova York antes do jantar?

Wakefield deu de ombros e olhou para Takagishi. Francesca caminhou até o cientista japonês. — O que acha, Shigeru? Vamos dar uma corrida rápida pelo gelo e oferecer ao pessoal da Terra um *close* da versão Rama de Nova York?

— Mas é claro — respondeu Takagishi. — Eu mal posso esperar...

— Só se voltarem ao acampamento no mais tardar às 19h30 — interrompeu David Brown. Ele estava no helicóptero, com o Almirante Heilmann e Reggie Wilson. — Precisamos fazer um planejamento muito sério hoje à noite. Talvez tenhamos de alterar as disposições para amanhã.

— Recebido — disse Wakefield. — Se esquecermos por agora o sistema de polias e não tivermos problemas para transportar o gelomóvel lá para baixo, talvez possamos atravessar o mar em dez minutos para cada direção. Isso nos traria de volta ao acampamento com boa margem de tempo.

— Nós sobrevoamos muitos aspectos do Hemicilindro Setentrional hoje à tarde — disse Brown. — Não vimos biotas em parte alguma. As cidades parecem duplicatas umas das outras. Não tivemos novidades em nenhum ponto da Planície Central. Pessoalmente, acho que devíamos atacar o misterioso Sul amanhã.

— Nova York — gritou Takagishi. — Um reconhecimento detalhado de Nova York deveria ser nosso objetivo para amanhã — Brown não respondeu. Takagishi caminhou até a beira do penhasco e olhou para o gelo, 50 m abaixo dele. À sua esquerda, uma desprezível escada cortada na encosta descia em degraus curtos. — Quanto pesa o gelomóvel? — indagou Takagishi.

— Não muito — respondeu Wakefield. — Mas é volumoso. Tem certeza de que não prefere esperar até instalarmos as polias? Podemos deixar para atravessar amanhã.

— Eu ajudo a carregar — exclamou Francesca. — Se não pudermos pelo menos ver Nova York, não poderemos fazer qualquer contribuição inteligente na reunião de planejamento, hoje à noite.

— Tudo bem — respondeu Richard, sacudindo a cabeça, divertido com a reação de Francesca. — Tudo pelo jornalismo. Eu vou na frente, para sustentar a maior parte do peso. Francesca, pega aí no meio. E o Dr. Takagishi no alto. Cuidado com as esteiras, que são muito afiadas nas beiradas.

A descida para a superfície do mar Cilíndrico foi sem incidentes. — Francamente — disse Francesca Sabatini quando eles estavam se preparando para atravessar o gelo — foi tão fácil. Que necessidade há de um sistema de polias?

— Porque muitas vezes vamos precisar carregar outra coisa ou, nem quero pensar, ter a necessidade de nos defendermos durante a subida ou descida.

Wakefield e Takagishi sentaram-se na parte dianteira do gelomóvel. Francesca ficou atrás, com sua câmera de vídeo. Takagishi foi-se animando cada vez mais, à proporção que eles iam se aproximando de Nova York. — Olhem só esse lugar — disse ele quando o gelomóvel estava a uns 500 m da costa oposta. — Alguém pode duvidar que isto seja a capital de Rama?

Quando o trio se aproximou da costa, a deslumbrante visão da estranha cidade, espalhada diante de seus olhos, inibiu qualquer conversa. Tudo a respeito de sua complicada estrutura falava de criação, ordenada e com objetivos, por seres inteligentes; mas, o primeiro grupo de cosmonautas, 70 anos antes, a achara tão privada de vida quanto todo o resto de Rama. Seria aquele vasto complexo dividido em nove seções, na verdade, uma máquina enormemente complicada, como os primeiros visitantes sugeriram, ou seria aquela ilha longa e fina (dez quilômetros por três) efetivamente uma cidade cujos habitantes há muito haviam desaparecido?

Eles estacionaram o gelomóvel na beira do mar congelado e caminharam ao longo de um caminho que encontraram até descobrir uma escada que levava aos contrafortes do muro que cercava a cidade. O excitado Takagishi saltou uns 20 m à frente de Wakefield e Sabatini. Ao mesmo tempo que subiam, mais e mais detalhes da cidade iam se tornando visíveis.

Richard ficou instantaneamente fascinado pelas formas geométricas dos edifícios. Além dos arranha-céus altos e finos, normais, havia uma série de esferas espalhadas, sólidos retangulares, e até mesmo um eventual poliedro. E eles, sem

dúvida, estavam dispostos de modo a formar um desenho específico. *Sim*, pensou ele consigo mesmo, enquanto seus olhos esquadrihavam o fascinante complexo de estruturas, *ali fica um dodecaedro, lá um pentaedro...* Seu remoer matemático foi interrompido quando todas as luzes se apagaram repentinamente e todo o interior de Rama mergulhou na mais completa escuridão.

## 24. SONS NA ESCURIDÃO

A princípio, Takagishi não conseguia enxergar absolutamente nada. Era como se repentinamente tivesse ficado cego. Ele piscou duas vezes e ficou imóvel na escuridão total. O silêncio momentâneo nas linhas de comunicação explodiram com barulho desatinado quando todos os cosmonautas começaram a falar ao mesmo tempo. Calmamente, lutando contra seu medo crescente, Takagishi tentou lembrar-se da cena que vira no momento em que as luzes se apagaram.

Ele estava de pé no alto da parede que dominava Nova York, a cerca de um metro da perigosa beira. Nos últimos segundos, olhava para a esquerda e acabara de vislumbrar uma escada que descia para a cidade, uns 200 m mais adiante. E então a cena desaparecera...

— Takagishi — ele ouviu a voz de Wakefield chamar — você está bem?

Ele se virou para responder à pergunta e notou que seus joelhos tinham enfraquecido. Na escuridão total, perdera sua orientação. Quantos graus ele girara? Estivera, antes, bem de frente para a cidade? Novamente, lembrou a última imagem. A parede alta ficava a 20 ou 30 m acima do nível da cidade. Uma queda seria fatal.

— Estou aqui — disse ele. — Mas estou muito perto da beirada — ele se abaixou para ficar de quatro e sentiu o frio do metal em suas mãos.

— Nós estamos indo — disse Francesca. —Estou tentando achar a luz da minha câmera.

Takagishi abaixou o volume de seu aparelho de comunicação e tentava escutar os passos dos companheiros. Alguns segundos mais tarde, viu uma luz ao longe, porém mal conseguiu perceber a silhueta de seus dois colegas.

— Onde está você, Shigeru? — perguntou Francesca. A luz de sua câmera iluminava apenas a área à sua volta.

— Aqui em cima, aqui em cima — ele fez um gesto, antes de compreender que eles não podiam vê-lo.

— Quero silêncio absoluto — gritou David Brown pelo sistema de comunicações — até que todos estejam localizados — a conversa parou, após alguns segundos. — Agora — continuou — Francesca, o que está acontecendo aí embaixo?

— Estamos subindo a escada da parede, pelo lado de Nova York, David, a cerca de 100 m de onde deixamos o gelomóvel. O Dr. Takagishi foi na frente e já está no alto. Temos a luz de minha câmera e estamos indo ao seu encontro.

— Janos — disse, a seguir, o Dr. Brown — onde está você com o seu jipe-2?

— A cerca de três quilômetros do acampamento. Os faróis estão funcionando muito bem. Podemos voltar em torno de dez minutos.

— Volte para lá e assuma o console de navegação. Nós vamos continuar voando até você verificar se o sistema de orientação de pouso está funcionando pelo seu lado... Francesca, tome cuidado, mas volte ao acampamento o mais rápido que puder. E informe a cada dois minutos, mais ou menos.

— Recebido, David — disse ela. Francesca desligou seu comunicador e tornou a chamar Takagishi. A despeito do fato de ela estar a apenas 30 m de distância, Francesca e Richard levaram mais de um minuto para encontrá-lo no escuro.

Takagishi ficou aliviado por estar de novo em contato com seus colegas. Eles se sentaram ao lado dele, no alto da parede, e ficaram escutando a renovação da tagarelice no equipamento de comunicação. O'Toole e des Jardins verificaram que não houvera quaisquer outras mudanças observáveis dentro da Rama, no momento em que as luzes se apagaram. A meia dúzia de estações científicas portáteis que já fora disposta na espaçonave alienígena

não apresentou qualquer perturbação significativa. Temperaturas, velocidades e direções dos ventos, leituras sísmicas e medições espectroscópicas de campos próximos permaneceram imutáveis.

— Então, as luzes se apagaram — disse Wakefield. — Confesso que fiquei apavorado, mas não foi nada assim tão importante. Provavelmente...

— Psiu — disse repentinamente Takagishi. Ele esticou a mão e desligou tanto o seu comunicador quanto o de Wakefield. — Ouviu esse barulho?

Para Wakefield, o repentino silêncio foi mais perturbador do que fora a escuridão total, alguns minutos antes. — Não — sussurrou ele, depois de ficar ouvindo por vários segundos — mas meus ouvidos não são muito...

— Psiu — Agora foi a vez de Francesca. — Você está falando desse ruído distante, agudo, como que raspando? — sussurrou ela.

— Estou — disse Takagishi, baixo, porém excitado. — Como o de alguma coisa se esfregando em uma superfície metálica. Sugere algum movimento.

Wakefield tentou ouvir de novo. Talvez escutasse alguma coisa. Talvez apenas o imaginasse. — Vamos — disse ele aos outros — vamos voltar para o gelomóvel.

— Espere — disse Takagishi quando Richard se levantou. — Parece que parou justo quando você falou — ele se inclinou para Francesca. — Apague a luz — disse ele baixinho. — Vamos ficar sentados aqui, no escuro, para ver se ouvimos de novo.

Wakefield tornou a sentar-se ao lado dos companheiros. Com a luz da câmera apagada, tudo em volta deles ficou absolutamente negro. Não ouviram nada. Mas quando Wakefield estava a ponto de insistir que eles partissem, ele ouviu um som da direção de Nova York. Era assim como se escovas duras fossem arrastadas por metal, mas também vinha, embutido aí, um ruído de alta frequência, como se uma vizinha pequenina, cantando muito depressa, pontuasse aquele esfregar quase constante. O som

estava definitivamente mais forte. Wakefield sentiu sua espinha formigar.

— Você tem um gravador? — sussurrou Takagishi a Francesca. O ruído de esfregar parou ao som da voz de Takagishi. O trio esperou mais 15 s.

— Ei, vocês aí — eles ouviram a voz forte de David Brown pelo canal de interrupção de emergência. — Está tudo em ordem? Seus informes estão atrasados.

— Tudo bem, David — respondeu Francesca. — Continuamos aqui. Ouvimos um som insólito vindo de Nova York.— Agora não podemos perder tempo. Estamos com uma crise importante nas mãos. Todos os nossos planos pressupunham que Rama ficasse constantemente iluminada. Temos de reformular.

O Dr. Shigeru Takagishi relutava em abandonar Nova York sem o mistério daquele ruído estar resolvido. Mas compreendia perfeitamente que aquele momento não era recomendável para uma incursão científica pela cidade. Quando o gelomóvel corria pelo mar Cilíndrico congelado, o cientista japonês sorriu para si mesmo. Ele estava feliz. Sabia que ouvira um som novo, alguma coisa positivamente diferente de qualquer dos sons catalogados pela primeira equipe Rama. Era um bom começo.

Os cosmonautas Tabori e Wakefield foram os últimos dois a serem transportados pelas cadeiras que corriam ao lado da escadaria Alfa. —Takagishi estava realmente bastante irritado com o Dr. Brown, não estava? — dizia Richard a Janos, enquanto ajudava o pequeno húngaro a saltar da cadeira. Os dois deslizaram pela rampa até a barca.

— Nunca o vi tão zangado — respondeu Janos. — Shig é um profissional tarimbado e se orgulha muito de seus conhecimentos sobre Rama. O fato de Brown ter desprezado de modo tão desrespeitoso o ruído que vocês ouviram sugere falta de respeito a Takagishi. Não culpe Shig por ficar tão zangado.

— Era um som muito estranho — disse Richard. — Realmente me deu calafrios. Não tenho a menor idéia se é um som novo, ou se é possível que Norton e sua equipe tenham ouvido a mesma coisa há 70 anos. Mas o que sei é que tive um acesso de medo, lá no alto daquela parede.

— Até Francesca, a princípio, ficou aborrecida com Brown. Ela queria fazer uma matéria entrevistando Shig para o costumeiro relatório noturno. Brown convenceu-a de desistir, mas não sei se ele realmente a convenceu de que aqueles ruídos estranhos não eram notícia. A sorte é ela já ter bastante material para sua história, só com o caso das luzes se apagarem.

Os dois homens desceram da barca e se aproximaram da câmara de descompressão. — Puxa — disse Janos. — Estou caindo aos pedaços. Foram dois dias longos e agitados.

— Se foram — concordou Richard. — Pensávamos que íamos passar as próximas duas noites no acampamento. Em vez disso, estamos de volta aqui. Eu me pergunto que surpresas nos estão reservadas para amanhã.

Janos sorriu para o amigo. — Você sabe o que é engraçado nisso tudo? — perguntou ele. E não esperou pela resposta de Wakefield. — Brown realmente acredita que é o encarregado da missão. Viu como reagiu quando Takagishi sugeriu que explorássemos Nova York de noite? Brown provavelmente pensa que foi *dele* a decisão de voltarmos para a Newton e abortar a primeira surtida.

Richard olhou para Janos com um sorriso enigmático. — E é claro que não foi — continuou Janos. — Rama é que decidiu que devíamos partir. E Rama é que vai decidir o que faremos a seguir.

## 25. AMIGO DE VERDADE

Em seu sonho ele estava deitado sobre um *futon* em um *ryokan* do século XVII. O quarto era muito grande, ao todo uns nove tatames. À sua esquerda, no pátio do outro lado do biombo aberto, havia um perfeito jardim miniaturizado com árvores pequenininhas e um riozinho excepcionalmente bem cuidado. Ele estava esperando por uma jovem.

— Takagishi-san, está acordado?

Ele se moveu e esticou a mão para o comunicador. — Olá — disse ele, com a voz titubeante. — Quem é?

— Nicole des Jardins — disse a voz. — Lamento chamar tão cedo, mas preciso vê-lo. É urgente.

— Dê-me três minutos — disse Takagishi.

Houve uma batida em sua porta exatamente três minutos mais tarde. Nicole saudou-o e entrou no quarto. Ela carregava um cubo de dados. — Dá licença? — disse ela, apontando para o console do computador. Takagishi acenou com a cabeça.

— Ontem houve meia dúzia de incidentes separados — disse Nicole com muita seriedade, apontando para certas marcas no computador — incluindo as duas maiores aberrações que já vi em seus dados cardíacos — e olhou para ele. — Tem certeza de que você e o doutor me forneceram dados completos de seu histórico médico?

Takagishi confirmou.

— Então tenho razões para me preocupar — continuou ela. — As irregularidades de ontem sugerem que a sua anomalia diastólica crônica piorou. É possível que a válvula tenha desenvolvido um novo vazamento. Talvez os períodos prolongados de imponderabilidade...— Ou talvez — interrompeu Takagishi com um sorriso suave — eu tenha ficado excessivamente excitado e minha adrenalina extra agravou o problema.

Nicole ficou olhando para o cientista japonês. — Isso é possível, Dr. Takagishi. Um dos maiores incidentes ocorreu logo depois que as luzes se apagaram. Imagino que tenha sido quando o senhor tentava ouvir o "som estranho".

— E a outra, por acaso, não teria sido durante minha discussão com o Dr. Brown no acampamento? Se assim for, minha hipótese fica reforçada.

A cosmonauta des Jardins apertou várias teclas no console e seu *software* apresentou uma nova sub-rotina. — É — disse ela. — Parece que dá certo. O segundo incidente teve lugar 20 min antes de começarmos a deixar Rama. Isso seria a hora da conclusão da reunião — ela se afastou do monitor. — Contudo, não posso ignorar o comportamento bizarro do seu coração porque o senhor estava excitado na hora.

Eles se encararam durante vários e longos segundos. — O que é que a senhora está querendo me dizer, doutora? — perguntou delicadamente Takagishi. — Está tentando confinar-me em meu quarto na Newton? Agora, no momento mais significativo de minha carreira profissional?

— Sim, estou pensando nisso — respondeu Nicole sem cerimônias. — A sua saúde é mais importante para mim do que a sua carreira. Já perdi um membro de nossa tripulação. Não estou certa de poder perdoar a mim mesma se viesse a perder outro.

Ela viu que o rosto do colega estava implorando. — Eu sei o quanto essas incursões em Rama são críticas para o senhor. Estou tentando encontrar algum tipo de racionalização que me permita ignorar os dados colhidos ontem — Nicole sentou-se na ponta da cama e olhou para o outro lado. — Mas, como médica, e não como cosmonauta da Newton, é muito difícil.

Ela sentiu Takagishi se aproximar e, depois, a mão dele delicadamente em seu ombro. — Eu sei o quanto estes últimos dias têm sido difíceis para a senhora — disse ele. — Mas não foi culpa

sua. Todos nós temos consciência de que a morte do General Borzov foi inevitável.

Nicole reconheceu respeito e amizade no olhar de Takagishi, e agradeceu-lhe com os olhos. — Aprecio muito o que fez por mim antes do lançamento — continuou ele. — Se achar necessário limitar minhas atividades, não farei objeções.

— Droga! — disse Nicole, levantando-se de repente — não é simples assim. Estudei seus dados desde ontem por mais de uma hora. Olhe isto aqui. Seu gráfico nas últimas dez horas é perfeitamente normal. Não há o menor traço de anomalia. E há semanas que o senhor não apresenta qualquer incidente. Até ontem. O que é que há com você, Shig? Seu coração é doente ou só esquisito?

Takagishi sorriu. — Minha mulher disse certa vez que eu tenho um coração estranho. Mas penso que se referia a alguma coisa completamente diferente.

Nicole ativou seu esquadrinhador e fez aparecer os dados, ao vivo, na tela. — Lá estamos nós de novo — ela sacudiu a cabeça. — O sinal de um coração perfeitamente saudável. Não haveria cardiologista no mundo que contestasse essa conclusão — ela se dirigiu à porta.

— Qual é o veredicto, doutora? — perguntou Takagishi.

— Ainda não decidi — respondeu ela. — Você podia ajudar. Vê se arranja outro acidente desses nas próximas horas, para me facilitar a vida. — Ela fez um aceno de despedida. — Nós nos vemos no café.

Richard Wakefield estava saindo de seu quarto quando Nicole descia o corredor depois de deixar Takagishi. E ela tomou a decisão espontânea de conversar com ele a respeito do *software* do CirRo.

— Bom dia, princesa — disse ele ao se aproximar. — O que é que está fazendo, acordada a esta hora? Espero que seja algo

excitante.

— Para falar a verdade — disse ela — eu estava indo conversar com você. Será que tem um minuto?

— Para você, Madame doutora — respondeu ele com sorriso exagerado — tenho dois minutos. Mas só isso. Lembre-se de que estou com fome. E se não me alimento logo, quando estou faminto, eu me transformo em um ogro apavorante — Nicole sorriu. — O que está querendo? — perguntou ele em tom suave.

— Será que poderíamos ir para o seu quarto?

— Eu sabia, eu sabia — disse ele rodopiando e deslizando rapidamente na direção de sua porta. — Finalmente aconteceu, igualzinho aos meus sonhos. Uma mulher inteligente e bonita vai declarar-me sua imortal afeição... Nicole não pôde evitar um riso. — Wakefield — interrompeu ela ainda rindo — você não tem conserto. Será que nunca é sério? Tenho negócios a discutir com você.

— Ora, que azar — disse Richard, dramaticamente. — Negócios. Nesse caso, vou limitá-la aos dois minutos concedidos inicialmente. Os negócios também me deixam faminto... e mal-humorado.

Richard Wakefield abriu a porta de seu quarto e esperou que Nicole entrasse. Ofereceu-lhe a cadeira em frente ao monitor do computador e sentou-se atrás dela, na cama. Ela se virou para encará-lo. Na prateleira acima da cama dele estava uma dúzia de figuras semelhantes às que ela vira antes, no quarto de Tabori e no banquete de Borzov.

— Deixe que eu lhe apresente alguns membros do meu zôo — disse Richard, ao notar a curiosidade dela. — Você conheceu Lord e Lady Macbeth, Puck e Bobina. Estes dois, parecidos, são Tybalt e Mercutio, de *Romeu e Julieta*. Ao lado deles estão Iago e Otelo, seguidos pelo Príncipe Hal, Falstaff e a maravilhosa Mistress Quickly. O último da direita é o meu amigo mais íntimo, o bardo, ou simplesmente OB.

Enquanto Nicole olhava, Richard ativou um interruptor perto da cabeceira da cama e OB desceu da prateleira para a cama, por uma escada. O robô de 20 cm de altura evitou cuidadosamente as dobras na cama e veio saudar Nicole.

— E como é o seu nome, bela dama? — disse OB.

— Eu sou Nicole des Jardins — respondeu ela.

— Parece francês — disse imediatamente o robô. — Mas você não parece francesa. Pelo menos, não Valois — o robô parecia estar olhando fixamente para ela. — Você parece mais filha de Otelo e Desdêmona.

Nicole ficou espantada. — Como é que você consegue fazer isso? — perguntou.

— Mais tarde eu explico — disse Richard afastando a pergunta com um gesto de mão. — Você tem algum soneto shakespeariano favorito? — indagou então. — Se tiver, recite um verso, ou então dê o número a OB.

— Manhãs gloriosas... — lembrou-se Nicole.

— ... eu tenho observado — continuou o robô —

Com olhar altivo um cume iluminar,

Beijar com o ouro de seu rosto o prado,

E os rios com sua química dourar...

O pequeno robô recitou o soneto com harmoniosos movimentos de cabeça e braços, além de uma variedade de expressões faciais. Novamente Nicole ficou impressionada com a criatividade de Richard Wakefield. Ela se lembrava dos quatro versos-chave do soneto de seus tempos de universidade e balbuciou-os junto com OB:

"Assim o brilho do meu sol um dia  
Triunfal, sobre mim já refulgiu;  
Mas depois de uma hora fugidia,  
Uma nuvem pra mim o encobriu. "

Depois de o robô recitar os dois versos finais, Nicole, comovida com aquelas palavras quase esquecidas, viu-se aplaudindo. — E ele sabe todos os sonetos? — perguntou.

Richard concordou. — Além de muitas e muitas das falas dramáticas mais poéticas. Mas essa não é sua capacidade mais notável. Lembrar trechos de Shakespeare só requer armazenamento. OB também é um robô muito inteligente. Ele sabe conversar melhor do que...

Richard interrompeu-se no meio da frase. — Desculpe, Nicole. Estou monopolizando o tempo. Você disse que tinha negócios a tratar.

— Mas você já usou meus dois minutos — disse ela com um brilho nos olhos. — Tem certeza de que não morrerá de fome se eu tomar cinco minutos do seu tempo?

Nicole resumiu rapidamente sua investigação a respeito do mau funcionamento do *software* do CirRo, inclusive sua conclusão de que os algoritmos de proteção contra falhas deviam ter sido manualmente prejudicados. Ela sugeriu então sua incapacidade para ir além com sua própria análise e que precisaria que Richard a ajudasse. Mas não discutiu suas suspeitas.

— Deve ser mole — disse ele com um sorriso. — A única coisa que eu tenho de fazer é encontrar o lugar da memória em que os comandos são sustados e armazenados. Pode levar algum tempo, dado o tamanho da armazenagem, mas essas memórias normalmente são construídas segundo arquiteturas lógicas. No entanto, não compreendo por que você está desenvolvendo todo

esse trabalho de detetive. Por que simplesmente não pergunta a Janos e aos outros se digitaram alguma ordem?

— Esse é que é o problema — respondeu Nicole. — Ninguém se recorda de haver comandado o CirRo depois da hora da última carga e verificação. Quando Janos bateu com a cabeça durante a manobra, eu pensava que os dedos dele estavam na caixa de controle. Mas ele não se lembra e eu não tenho certeza.

Richard franziu a testa. — Seriam mínimas as probabilidades de Janos operar por acaso o comando de proteção contra falha. Isso significaria que o desenho do equipamento é estúpido — ele refletiu por um momento. — Ora, está bem — continuou ele. — Não precisamos especular. Agora despertou minha curiosidade. Vou examinar o problema logo que tiver...

— Pausa, pausa, pausa — ambos ouviram a voz de Otto Heilmann no comunicador. Todos, por favor, compareçam imediatamente ao centro de controle científico para uma reunião. Temos uma situação nova. As luzes do interior de Rama acenderam novamente.

Richard abriu a porta e seguiu Nicole pelo corredor. — Obrigada pela ajuda — disse ela. — Aprecio muitíssimo.

— Agradeça depois de eu ter feito alguma coisa — disse Richard, com um sorriso. — Sou conhecido por fazer promessas... Mas o que é que você acha dessa brincadeira com as luzes?

## 26. SEGUNDA SURTIDA

David Brown colocara uma única folha grande de papel em cima da mesa no meio do centro de controle. Francesca a dividira em segmentos, que representavam horas, e agora estava atarefada escrevendo tudo o que ele lhe dizia. — O raio do *software* de planejamento da missão é inflexível demais para ser útil em uma situação como esta — dizia o Dr. Brown a Janos Tabori e Richard Wakefield. — Ele só adianta quando a seqüência de atividades planejadas é coerente com uma das estratégias pré-vôo.

Janos caminhou até um dos monitores. — Talvez você consiga usá-lo melhor do que eu — continuou o Dr. Brown — mas, esta manhã, achei bem melhor confiar em lápis e papel — Janos chamou um programa de *software* para seqüenciamento da missão e começou a digitar alguns dados.

— Espere um momento — exclamou Wakefield. Janos parou de bater no teclado e se virou para ouvir o colega. — Nós estamos nos esquentando por nada. Não há necessidade de planejar toda a surtida neste momento. No fundo, sabemos que nossa primeira tarefa importante é montar a base. Isso vai levar dez ou 12 horas. O resto da surtida pode ser feito em paralelo.

— Richard tem razão — disse Francesca. — Nós estamos tentando fazer tudo depressa demais. Vamos mandar os cadetes do espaço para Rama, a fim de concluir a montagem. Enquanto estiverem lá, podemos acertar os detalhes práticos da surtida.

— Isso não é prático — respondeu o Dr. Brown. — Os graduados da academia são os únicos que sabem quanto tempo cada uma das várias atividades de engenharia deve demorar. Não podemos fazer previsões de horário sensatas sem eles.

— Então um de nós fica aqui com você — disse Janos Tabori, rindo. — E podemos usar Heilmann ou O'Toole do lado de dentro, como mão-de-obra extra. Assim não vamos diminuir muito o ritmo.

Uma decisão de consenso foi alcançada em meia hora. Nicole ficaria a bordo da Newton, novamente, pelo menos até que a infraestrutura ficasse completa, e representaria os cadetes no processo de planejamento da missão. O Almirante Heilmann entraria em Rama, junto com os quatro outros cosmonautas profissionais. Eles terminariam as três tarefas restantes de infra-estrutura: a montagem do resto dos veículos, a disposição da outra dúzia de estações monitoras portáteis no Hemicilindro Setentrional e a construção do complexo Beta de acampamento/comunicações no lado norte do mar Cilíndrico.

Richard Wakefield estava no processo de revisar todas as subtarefas detalhadas com sua pequena equipe quando Reggie Wilson, que praticamente ficara em silêncio durante toda a manhã, saltou bruscamente da cadeira. — Isso tudo é uma bosta — gritou ele. — Não consigo acreditar em todas as bobagens que estou ouvindo.

Richard interrompeu sua revisão. Os doutores Brown e Takagishi, que já haviam começado a discutir a forma da surtida, ficaram repentinamente em silêncio. Todos os olhos se voltaram para Reggie Wilson.

— Um homem morreu há quatro dias — disse ele. — Mais provavelmente morto por seja lá quem ou o que está operando aquela espaçonave gigantesca. Mas nós entramos lá do mesmo jeito. A seguir, as luzes apagam e acendem sem mais nem menos — Wilson olhou à sua volta, na direção dos outros integrantes da tripulação. — E o que é que nós fazemos? Hein? Como reagimos a esse aviso das criaturas alienígenas muito superiores anos? Nós nos sentamos calmamente e planejamos o resto de nossa exploração de seu veículo. Eles querem que nós *vamos embora*, voltemos para a Terra.

A explosão de Wilson foi saudada por um constrangido silêncio. Finalmente, o General O'Toole caminhou até Reggie Wilson. — Reggie — disse ele com tranquilidade — todos nós ficamos perturbados com a morte do General Borzov. Porém nenhum dos

outros vê qualquer ligação...— Então estão cegos, cara, estão cegos. Eu estava lá em cima naquele raio daquele helicóptero quando as luzes se apagaram. Num instante estava tudo claro como um dia de verão, e no outro, puf!, estava tudo preto. Nesta discussão não ouvi uma só vez alguém indagar *por que* as luzes se apagaram. O que é que há com vocês? Será que são todos inteligentes demais para ter medo?

Wilson continuou discursando por vários minutos. Seu tema constante era sempre o mesmo. Os ramaianos planejaram a morte de Borzov, emitiam avisos com as luzes acendendo e apagando e haveria novos desastres se a tripulação insistisse em continuar sua exploração.

O General O'Toole ficou ao lado de Wilson durante todo o episódio. O Dr. Brown, Francesca e Nicole tiveram uma rápida discussão um pouco afastados e depois Nicole dirigiu-se a Wilson. — Reggie — disse ela, informalmente, interrompendo a diatribe — por que você e o General O'Toole não vêm comigo? Podemos continuar a debater essa questão sem atrasar o resto da tripulação.

Ele a olhou com desconfiança. — Com você, doutora? E por que razão eu haveria de ir com você? Você nem sequer estava lá. Nem viu o bastante para poder saber de nada — Wilson caminhou até ficar bem em frente a Wakefield. — Você esteve lá, Richard — disse ele. — Você viu o lugar. Você sabe que tipo de inteligência e poder seriam necessários para fazer um veículo espacial daquele tamanho e depois lançá-lo para uma viagem pelas estrelas. Sabe, cara, comparados com eles, não somos *nada*. Somos menos que formigas. Não temos a menor chance.

— Eu concordo com você, Reggie — disse Richard calmamente, após uma ligeira hesitação. — Pelo menos no que concerne a nossas potencialidades comparadas. Mas não temos qualquer prova de que eles sejam hostis. Ou que sequer se importem que exploremos ou não a sua nave. Pelo contrário, só o fato de estarmos vivos...

— Olhem, gritou repentinamente Irina Turgenyev. — Olhem o monitor.

Uma imagem solitária estava congelada na gigantesca tela do centro de controle. Uma criatura semelhante a um caranguejo ocupava todo o quadro. Tinha um corpo baixo e chato, mais ou menos duas vezes mais comprido do que largo. Seu peso era sustentado por seis pernas de juntas triplas. Duas garras tipo tesoura estendiam-se para a frente do corpo, e toda uma fila de manipuladores que, à primeira vista, tinham uma arrepiante semelhança com pequeninas mãos humanas, estava incrustada perto de uma espécie de abertura na carapaça. Um exame mais detalhado revelava que os manipuladores eram verdadeiros equipamentos de loja de ferragens — pinças, verrumas, grosas, e até mesmo uma coisa que parecia uma furadeira.

Seus olhos, se é que podemos chamar assim, ficavam bem recuados em capôs protetores, e se erguiam como periscópios ao alto da concha. Os olhos em si eram de cristal ou geléia, de um azul vivo, e totalmente destituídos de expressão.

A legenda ao lado da imagem deixava claro que a fotografia fora tirada apenas minutos antes, por um dos zangões de longo alcance, em um ponto a mais ou menos cinco quilômetros ao sul do mar Cilíndrico. O quadro, filmado com lente telescópica, cobria uma área de mais ou menos seis metros quadrados.

— Quer dizer, então, que temos companhia em Rama — disse Janos Tabori. Os outros cosmonautas ficaram olhando para o monitor, atônitos.

Toda a tripulação concordou mais tarde que a imagem do biota-caranguejo na tela gigante não teria sido tão assustadora se não ocorresse naquele preciso momento. Embora o comportamento de Reggie fosse positivamente uma aberração, havia suficiente sentido no que ele estava dizendo para lembrar a todos os perigos de sua expedição. Ninguém na tripulação era inteiramente isento

de medo. Todos eles, em algum momento a sós, enfrentaram o perturbador fato de que os super avançados podiam não ser amistosos.

Todavia, na maior parte do tempo, eles afastavam seus temores. Era parte de seu trabalho. Como os primeiros astronautas americanos dos ônibus espaciais que sabiam que, de vez em quando, o veículo explodiria ou cairia, os cosmonautas da Newton aceitavam que havia riscos incontrolláveis associados à sua missão. Uma saudável negação quase sempre fazia com que o grupo evitasse discutir essas questões perturbadoras e se concentrasse nos itens mais delimitados (e, conseqüentemente, mais controláveis), tais como a seqüência de eventos do dia seguinte.

A explosão de Reggie e o aparecimento simultâneo do biotacaranguejo no monitor detonaram uma das poucas discussões sérias em grupo que jamais aconteceram no projeto. O'Toole apresentou sua posição logo no princípio. Embora fascinado pelos ramaianos ele não os temia. Deus considerara conveniente que ele fosse colocado naquela missão e, se assim Ele o quisesse, poderia resolver que esta seria a última aventura de O'Toole. De qualquer modo, acontecesse o que acontecesse, essa seria a vontade de Deus.

Richard Wakefield enunciou um ponto de vista que aparentemente era compartilhado por vários outros membros da tripulação. Para ele, todo o projeto era, ao mesmo tempo, uma desafiadora viagem de descoberta e um teste de têmpera de cada um. As incertezas estavam ali presentes, sem dúvida, mas elas produziam tanto excitação quanto perigo. A intensa emoção de conhecer o novo, juntamente com a possível significação monumental daquele encontro extraterrestre, mais do que compensava os riscos. Richard não tinha dúvidas a respeito da missão. Tinha certeza de que aquela era a apoteose de sua vida; se não vivesse para além dela, do fim do projeto, mesmo assim teria valido a pena. Ele teria feito algo de importante durante sua breve existência terrena.

Nicole ouviu atentamente a discussão. Pessoalmente, não disse muita coisa, mas descobriu que suas próprias opiniões iam sendo cristalizadas à medida que ela ia seguindo o fluxo da conversa. Tinha prazer em observar as reações, verbais e não-verbais, dos outros cosmonautas. Shigeru Takagishi estava nitidamente do lado de Wakefield. Acenava vigorosamente com a cabeça durante todo o tempo em que Richard falava sobre o quanto era excitante participar de uma tarefa tão significativa. Reggie Wilson, agora controlado e provavelmente embaraçado por sua explosão anterior, não disse muita coisa. Ele só fez comentários ao ser diretamente perguntado. O Almirante Heilmann pareceu sentir-se desconfortável do princípio ao fim, e sua contribuição total foi a de lembrar a todos que o tempo estava passando.

Surpreendentemente, o Dr. Brown não acrescentou grande coisa à discussão filosófica. Fez vários comentários breves, e, uma ou duas vezes, pareceu a ponto de lançar-se em alguma longa explanação amplificatória. Mas nunca chegou a fazê-lo. Suas verdadeiras crenças a respeito da natureza de Rama não foram reveladas.

Francesca Sabatini atuou de início como uma espécie de moderadora ou interlocutora, fazendo perguntas de esclarecimento e mantendo a conversa em rumo equilibrado. Mais para o final da discussão, no entanto, ela apresentou vários comentários próprios e francos. Sua postura filosófica da missão Newton era radicalmente diversa das apresentadas por O'Toole e Wakefield.

— Eu acho que vocês estão fazendo isto tudo ficar muito complexo e intelectualizado — disse ela depois de Richard pronunciar um longo panegírico sobre as alegrias do conhecimento. — Não tive necessidade de fazer quaisquer profundas auto-indagações de alma antes de me candidatar a cosmonauta da Newton. Encaro o problema como sempre faço frente a todas as minhas grandes decisões. Fiz uma avaliação risco/recompensa. Considerei que as recompensas — levando em consideração todos os fatores, incluindo fama, prestígio, dinheiro e até mesmo

aventura — mais do que compensavam os riscos. E discordo inteiramente de Richard sob um aspecto. Se eu morrer nesta missão, não vou ficar nada contente. Para mim, a maioria das compensações deste projeto são retardadas; não poderei beneficiar-me delas se não voltar à Terra.

Os comentários de Francesca despertaram a curiosidade de Nicole. Ela quis fazer algumas perguntas à jornalista italiana, mas resolveu que aquele não era o momento e nem o local apropriados. Depois que a reunião terminou, ela continuava intrigada pelo que Francesca dissera. *Será que a vida pode ser assim tão simples para ela?* E lembrou-se da falta de emoção de Francesca quando bebeu o líquido do aborto. *E quanto a princípios ou valores? Ou até mesmo sentimentos?* Quando chegaram ao fim, Nicole teve de admitir que Francesca, para ela, continuava um enigma.

Nicole observou o Dr. Takagishi cuidadosamente. Ele estava se comportando muito melhor do que na véspera. — Eu trouxe uma cópia da Estratégia de Surtida, Dr. Brown — dizia ele, sacudindo na mão uma pilha de papéis de uns 12 cm — que vai nos lembrar dos princípios fundamentais do conceito de surtida que resultou de mais de um ano de planejamento sereno da missão. Posso ler o resumo?

— Não creio que seja necessário — reagiu David Brown. — Todos nós estamos familiarizados com...

— Eu não estou — interrompeu o General O'Toole. — Gostaria de ouvi-lo. E o Almirante Heilmann me pediu para prestar muita atenção e informá-lo sobre todas as questões. O Dr. Brown fez um gesto para que Takagishi continuasse. O pequenino cientista japonês estava tomando emprestada uma página do próprio portfólio de Brown. Mesmo sabendo que David Brown preferia sair atrás dos biotas-caranguejos na segunda surtida, Takagishi continuava tentando convencer os outros cosmonautas de que a primeira prioridade deveria ser a da incursão científica pela cidade de Nova York.

Reggie Wilson pedira licença uma hora mais cedo e fora tirar um cochilo em seu quarto. Os cinco integrantes da tripulação que restavam a bordo da Newton gastaram a maior parte da tarde lutando, sem sucesso, para chegar a um acordo sobre as atividades da segunda surtida. Já que os dois cientistas, Brown e Takagishi, tinham opiniões radicalmente diferentes sobre o que deveria ser feito, nenhum consenso era possível. Nesse meio-tempo, por trás deles, no grande monitor, houvera intermitentes visões dos cadetes do espaço e do Almirante Heilmann, trabalhando dentro de Rama. A imagem, no momento, mostrava Tabori e Turgenyev, na área do acampamento ao lado do mar Cilíndrico. Eles tinham justamente acabado de montar o segundo barco a motor e estavam verificando os subsistemas elétricos.

"... A seqüência das surtidas foi cuidadosamente concebida — estava lendo Takagishi — com o fim de ser coerente com o Documento de Políticas e Prioridades da Missão, AIE-NT-0014. Os objetivos primários da primeira surtida são o de estabelecer a infraestrutura de engenharia e examinar o interior, pelo menos em nível superficial. De particular importância será a identificação de quaisquer características desta segunda espaçonave Rama de alguma forma diferentes da primeira.

A surtida-2 foi concebida para completar o mapeamento da parte interna de Rama, focalizando-se principalmente as regiões não exploradas há 70 anos, bem como as coleções de edifícios chamadas cidades e quaisquer outras diferenças anotadas na primeira surtida. Encontros com biotas devem ser *evitados* na segunda surtida, embora a presença e localização das várias espécies de biotas deva ser parte do processo de mapeamento.

"Interação com biotas deve ser protelada até a terceira surtida. Só será feita qualquer tentativa, após uma observação cuidadosa e *prolongada*..." — Já basta, Dr. Takagishi — interrompeu David Brown. — Todos nós já compreendemos a essência. Infelizmente, esse documento estéril foi preparado meses antes do lançamento. A situação que enfrentamos agora nunca foi contemplada. Temos as

luzes apagando e acendendo. E localizamos e estamos seguindo um bando de seis biotas-caranguejos na margem sul do mar Cilíndrico.

— Discordo — disse o cientista japonês respeitosamente. — O senhor mesmo disse que o perfil imprevisível de iluminação não representava em si uma diferença fundamental entre as duas espaçonaves. Não estamos enfrentando uma Rama desconhecida. Sugiro que implementemos as surtidas de acordo com o plano original da missão.

— Então o senhor é a favor de dedicarmos toda esta segunda surtida a mapeamento, incluindo, e talvez destacando, uma exploração detalhada de Nova York?

— Exatamente, General O'Toole. Mesmo se considerarmos que o "som estranho" ouvido pelos cosmonautas Wakefield e Sabatini e por mim mesmo não constitua uma "diferença" oficial, o cuidadoso mapeamento de Nova York é claramente uma das mais altas prioridades. E é vital que o realizemos nesta surtida. A temperatura na Planície Central já subiu para -5 graus. Rama está nos levando cada vez mais para perto do Sol. A espaçonave está sendo esquentada, de fora para dentro. Prevejo que o mar Cilíndrico deva começar a derreter-se, de baixo para cima, nos próximos três ou quatro dias...

— Eu jamais disse que Nova York não era um alvo legítimo para exploração — interrompeu novamente David Brown — mas tenho sustentado desde o início que os biotas são o verdadeiro tesouro científico desta viagem. Olhem só para essas espantosas criações — disse ele enchendo toda a tela central com um filme de seis biotas-caranguejos movendo-se lentamente através de uma região amena do Hemisfério Sul. — Talvez nunca mais tenhamos a oportunidade de capturar um deles. Os zangões já quase que acabaram seu reconhecimento de todo o hemecilindro, e nenhum outro biota foi localizado.

Os demais integrantes da tripulação, inclusive Takagishi, olharam para o monitor com uma deslumbrada atenção. O bizarro conjunto de alienígenas, organizados em formação triangular, com

um espécime ligeiramente maior liderando, aproximou-se de um confuso montinho de pedaços de metal. O caranguejo líder avançou diretamente para o obstáculo, parou alguns segundos e depois usou suas garras para picar os componentes do morrinho em pedaços ainda menores. Os dois caranguejos da segunda fila transferiram os fragmentos de metal para as costas dos restantes três membros da tropa. Esse material novo aumentou o tamanho das pequenas pilhas já em cima das conchas dos três biotas-caranguejos da última fila.

— Eles devem ser os lixeiros ramaianos — disse Francesca, e todo mundo riu.

— Mas podem ver por que quero avançar tão rapidamente — continuou o Dr. Brown. — Neste instante, o filme que acabamos de ver está a caminho de todas as redes de televisão do mundo. Mais de um bilhão de humanos, homens e mulheres, vão vê-lo hoje com o mesmo misto de temor e fascínio que todos vocês acabam de sentir. Imaginem que espécie de laboratórios seremos capazes de construir para estudar tal criatura. Imaginem o que aprenderemos...

— O que o faz pensar que pode capturar um deles? — perguntou o General O'Toole. — Eles parecem oponentes formidáveis.

— Estamos certos de que essas criaturas, embora pareçam ser biológicas, são efetivamente robôs. Daí o nome de "biotás", que se tornou popular depois da primeira expedição Rama. Com base em todos os relatórios de Norton e dos outros cosmonautas de Rama I, cada biota desses é concebido para desempenhar uma única função. Eles não têm inteligência tal como a conhecemos. Portanto, somos mais espertos do que eles... e capazes de capturar alguns.

Um *close* das garras-tesouras apareceu na tela gigante. Era óbvio que elas eram muito afiadas. — Não sei — disse o General O'Toole. — Sinto-me inclinado a seguir a sugestão do Dr. Takagishi e observá-los bastante antes de tentar seguir um deles.

— Discordo — disse Francesca. — Falando como jornalista, nenhuma história seria mais importante do que a captura de uma dessas coisas. Todos na Terra irão olhar. Podemos nunca mais ter uma oportunidade dessas — ela fez uma pausa. A AIE vem nos instando a transmitir notícias de impacto. O incidente Borzov não convenceu exatamente o contribuinte mundial de que seu dinheiro espacial está sendo bem gasto.

— Por que não podemos realizar ambas as tarefas na mesma surtida? — indagou o General O'Toole. — Um subtime poderia explorar Nova York e o outro poderia ir atrás do caranguejo.

— De jeito nenhum — retrucou Nicole. — Se o objetivo da surtida for agarrar um biota, então todos os nossos recursos deveriam ser aplicados nessa direção. Lembrem-se de que temos limitações de mão-de-obra e de tempo.

— Infelizmente — disse então David Brown com um ligeiríssimo sorriso — não podemos tomar esta decisão por meio de um comitê. Já que não chegamos a um acordo, sou obrigado a fazer a escolha... Assim, o objetivo da próxima surtida será um biota-caranguejo. Suponho que o Almirante Heilmann concorde comigo. Senão, submeteremos a questão ao voto de toda a tripulação.

A reunião desmembrou-se lentamente. O Dr. Takagishi queria apresentar mais um argumento, salientando que a maioria das espécies biotas vistas pelos primeiros exploradores Rama não se materializara senão *depois* do degelo do mar Cilíndrico. Mas ninguém estava mais ouvindo. Todos eles estavam cansados.

Nicole aproximou-se de Takagishi e ativou clandestinamente seu esquadrinhador biométrico. O programa de alarme estava vazio. — Limpinho, limpinho — disse ela com um sorriso.

Takagishi olhou-a seriamente. — Nossa decisão está errada — disse sombriamente. — Devíamos ir para Nova York.

## 27. CAÇA AO BIOTA

— Tome cuidado — disse o Almirante Heilmann a Francesca. — Fico nervoso vendo você se debruçar assim.

A *signora* Sabatini prendera os tornozelos debaixo dos assentos do helicóptero e agora estava se esticando para fora da porta, segurando uma pequena câmera de vídeo na mão direita. Três ou quatro metros abaixo dela, aparentemente indiferentes à máquina que zunia sobre suas cabeças, os seis biotas-caranguejos continuavam sua pesada caminhada metódica. Eles continuavam com sua formação de falange, dispostos como as primeiras três filas de um conjunto de garrafas de boliche.

— Voe para cima do mar — gritou Francesca para Hiro Yamanaka. — Eles estão chegando à borda e vão virar de novo.

O helicóptero virou rápido para a esquerda e começou a sobrevoar o lado do penhasco de 500 m que separava a parte sul de Rama do mar Cilíndrico. A margem, aqui, era dez vezes mais alta do que em sua companheira do norte. David Brown inspirou fortemente ao ver o mar congelado meio quilômetro abaixo dele.

— Isto é ridículo, Francesca — disse ele. — O que é que você acha que vai conseguir? A câmera automática no nariz do helicóptero vai tirar fotos perfeitamente satisfatórias.

— Esta câmera foi desenhada especialmente para tomadas com *zoom* — respondeu ela. — E, além disso, um sustinho ajuda a tornar as imagens mais verdadeiras — Yamanaka voltou para a margem. Os biotas agora estavam diretamente à frente deles, a uns 30 m. O biota líder chegou a cerca de meio corpo da beira, parou por uma fração de segundo, depois virou abruptamente para a direita. Uma outra virada rápida de 90° completou a manobra e colocou o biota na direção exatamente oposta à anterior. Os outros cinco caranguejos seguiram seu líder, executando as voltas fila por fila, com uma precisão militar.

— Agora eu peguei — disse Francesca, alegremente, recuando para dentro do helicóptero. — Bem de frente e pegando todo o quadro. E acho que peguei o lampejo de um movimento no olho azul do líder, logo antes de ele se virar.

Os biotas marchavam agora para longe do precipício, à sua velocidade normal de dez quilômetros por hora. Seu movimento deixava ligeiras marcas no solo barrento. Seu trajeto era paralelo à última caminhada anterior na direção do mar. De cima, toda a região parecia um jardim de subúrbio residencial, no qual metade da grama já fora cortada — de um lado, o solo estava todo arrumado e limpo, enquanto que no território ainda não coberto pelos biotas não havia um desenho ordenado nas marcas do chão.

— Isto pode ficar bastante cacete — disse Francesca, enquanto, em tom de brincadeira, levantava os braços e enlaçava-os em volta do pescoço de David Brown. — Talvez tenhamos de nos divertir com alguma outra coisa.

— Só vamos observar mais uma passada. O desenho parece bastante simples — ele ignorou as leves cócegas que Francesca fazia em seu pescoço. Parecia estar examinando alguma lista de tarefas que tinha na cabeça. Finalmente, Brown falou no comunicador. — O que acha, Dr. Takagishi? Há alguma outra coisa que deveríamos fazer agora?

No centro de controle científico a bordo da Newton, o Dr. Takagishi seguia a evolução dos biotas no monitor. — Seria de grande valor se pudéssemos saber mais a respeito de sua potencialidade sensorial antes de tentarmos capturar um deles. Até aqui, nenhum reagiu a ruídos ou a estímulos visuais distantes. Na verdade, ao que parece, eles sequer notaram a nossa presença. Mas estou certo de que há de concordar que ainda não temos dados suficientes para chegar a qualquer conclusão definitiva. Se os pudéssemos expor a toda uma gama de frequências eletromagnéticas e calibrar suas reações, então poderíamos ter uma idéia melhor...

— Mas isso levaria dias — interrompeu o Dr. Brown. — E, em última análise, ainda teríamos de nos arriscar. Não consigo conceber o que poderíamos descobrir que pudesse alterar nossos planos.— Se descobríssemos mais a respeito deles — argumentou Takagishi — poderíamos conceber um procedimento de captura melhor e mais seguro. Poderia até acontecer que descobríssemos algo que nos dissuadisse inteiramente...

— Não é provável — foi a abrupta resposta de Brown. Para ele, essa discussão estava inteiramente encerrada. — E você aí, Tabori — gritou ele a seguir. — Como vai a turma das cabanas?

— Praticamente terminamos — respondeu o húngaro. — São, no máximo, mais 30 min. E depois estaremos prontos para um cochilo.

— Primeiro vem o almoço — exclamou Francesca. — Ninguém pode dormir de barriga vazia.

— O que é que você está cozinhando, beleza? — pilheriou Tabori.

— *Ossobuco a la Rama*.

— Agora chega — disse o Dr. Brown, e depois fez uma pausa de alguns segundos. — O'Toole — continuou ele depois — será que pode controlar a Newton sozinho? Ao menos durante as próximas doze horas?

— Afirmativo — foi a resposta.

— Então mande descer o resto da tripulação. Quando nos juntarmos todos no novo acampamento, ele já deve estar pronto para ser usado. E então vamos almoçar e cochilar um pouco, antes de planejar a caçada ao biota.

Embaixo do helicóptero aquelas seis criaturas parecidas com caranguejos continuavam sua marcha implacável através do solo estéril. Os quatro seres humanos observaram-nas quando encontraram uma" clara fronteira, quando o chão mudava de pó e pequenas pedras para uma fina tela de aranha. Tão logo eles

tocaram a estreita trilha que separava as duas seções, os biotas fizeram uma curva em U, quando então tornaram a virar em direção ao mar, em uma linha paralela, adjacente às suas últimas marcas. Yamanaka inclinou o helicóptero, aumentou a altitude e dirigiu-se para o acampamento Beta, dez quilômetros acima do mar Cilíndrico.

*Todos eles tinham razão, pensou Nicole. Ver no monitor não é nada comparado a isto.* Ela estava descendo pela cadeira de cabo para dentro de Rama. Agora, que estava além do meio do caminho, teve uma visão geral de perder o fôlego. Lembrava-se de ter tido uma emoção semelhante certa vez, quando ficara parada no Platô Tontono Parque Nacional do Grand Canyon. *Mas aquilo foi feito pela natureza e levou mais de um bilhão de anos,* disse ela consigo mesma. *Rama foi efetivamente construída por alguém ou por alguma coisa.*

A cadeira parou por um momento. Shigeru Takagishi saltou, um quilômetro abaixo dela. Nicole não podia vê-lo, mas podia ouvi-lo conversando com Richard Wakefield no comunicador. — Andem logo — ouviu Reggie Wilson gritar. — Não gosto de ficar aqui sentado, no meio do nada — Nicole estava gostando de se sentir suspensa, na cadeira. A estonteante cena à sua volta estava temporariamente estática, e ela podia estudar à vontade qualquer aspecto que lhe parecesse mais interessante.

Após mais uma parada, para Wilson desembarcar, Nicole finalmente se aproximava de Alfa, o ponto mais baixo a que chegava a cadeira. Ela ficou olhando, fascinada, com os olhos já rapidamente adaptados, os últimos 300 m da descida. O que fora uma pilha de imagens indistintas transformou-se em um jipe, três pessoas, algum equipamento e um pequeno acampamento em volta deles. Depois de mais alguns segundos, pôde identificar os três homens. Teve então novo *flash* de memória, para uma outra viagem em uma cadeira de cabo, agora na Suíça, há apenas dois meses. Uma imagem do Rei Henry passou como um raio por sua

mente, mas foi logo substituída pelo rosto sorridente de Richard Wakefield, um pouco abaixo dela. Ele estava lhe dando instruções sobre como saltar da cadeira.

— Ela nunca chega realmente a parar — explicava ele — mas diminui muito a velocidade. Desaperte o cinto e, quando sentir o chão, saia andando como se estivesse saindo de uma esteira rolante.

Ele a pegou pela cintura e levantou-a da plataforma. Takagishi e Wilson já estavam no assento de trás do jipe. — Bem-vinda a Rama — disse Wakefield.

— Tudo bem, Tabori — continuou ele, no comunicador. — Estamos todos aqui e prontos para seguir. Durante a viagem, ficaremos com linha só de escuta.

— Depressa — disse Janos. — Estamos tendo dificuldade para não comer o almoço de vocês... E, por falar nisso, Richard, quer trazer a Caixa de Ferramentas C quando vier? Nós conversamos sobre redes e jaulas, e talvez eu precise de uma variedade maior de recursos.

— Recebido — respondeu Wakefield. Ele correu até o acampamento e entrou na única cabana grande, saindo com uma caixa de metal, comprida e retangular, obviamente muito pesada. — Merda, Tabori — disse ele no rádio — que porcaria você tem aqui dentro?

Todos ouviram um riso. — Tudo o que se possa precisar para apanhar um biota-caranguejo. E mais um tanto de sobra.

Wakefield desligou o transmissor e subiu no jipe. Ele começou a dirigir para longe da escada e na direção do mar Cilíndrico. — Essa caça ao biota é a porcaria da idéia mais estúpida que eu já ouvi na minha vida — resmungou Reggie Wilson. — Alguém vai sair machucado.

Tudo ficou em silêncio por quase um minuto. Para a direita, no limite de sua visão, os cosmonautas mal podiam divisar a cidade

ramaiana de Londres. — Bem, que tal se sentirem parte do segundo time? — disse Wilson a ninguém em particular.

Depois de um silêncio constrangedor, o Dr. Takagishi voltou-se para ele. — Perdão, sr. Wilson — disse polidamente — estava falando comigo?

— Claro que sim — disse ele, acenando com a cabeça. — Ninguém nunca o informou que era o cientista número dois desta missão? Acho que não — continuou ele após uma pausa. — Mas não me surpreende. Lá na Terra, eu também não sabia que era o jornalista número dois.

— Reggie, não creio... — disse Nicole, antes de ser interrompida.

— Quanto à senhora, doutora — disse Wilson inclinando-se para a frente no jipe — é bem possível que seja a única integrante do *terceiro* time. Eu ouvi por acaso os nossos gloriosos líderes Heilmann e Brown falando a seu respeito. Eles gostariam de deixá-la na Newton permanentemente. Mas como talvez precisemos de suas habilidades...

— Agora chega — cortou Richard Wakefield, com um leve tom ameaçador na voz. — É melhor parar de ser tão desagradável — passaram-se vários segundos de tensão antes que Wakefield tornasse a falar. — E, por falar nisso, Wilson — disse ele em tom mais amistoso — se bem me lembro, você é fanático por corridas. Quer guiar este carrinho?

A sugestão foi perfeita. Alguns minutos mais tarde, Reggie Wilson estava no assento do piloto ao lado de Wakefield, rindo desatinadamente enquanto acelerava o jipe em volta de um círculo fechado. Os cosmonautas des Jardins e Takagishi foram sacudidos no banco de trás.

Nicole estava observando Wilson com muito cuidado. *Ele está errático de novo*, pensou ela. *Já é a terceira vez nos últimos dois dias*. Nicole tentou lembrar-se quando fora a última vez que fizera uma varredura completa de Wilson. *Não faço desde o dia seguinte*

*ao da morte de Borzov. Mas já verifiquei os cadetes do espaço duas vezes nesse meio-tempo... raios,* disse ela consigo mesma. *Deixei minha preocupação com Borzov me tornar descuidada.* Mentalmente, ela fez uma nota, para fazer varreduras completas de todos os tripulantes, logo que possível, depois da chegada ao acampamento Beta.

— Incidentalmente, meu bom professor — disse Richard Wakefield, depois que Wilson finalmente consertou o curso e saiu na direção do acampamento — tenho uma pergunta a lhe fazer — ele se voltou e encarou o cientista japonês. — Já conseguiu decifrar o "som estranho" do outro dia? Ou será que o Dr. Brown o convenceu de que aquilo não passou de um produto de nossa imaginação coletiva?

O Dr. Takagishi sacudiu a cabeça. — Eu lhe disse naquele momento que se tratava de um ruído novo — ele olhou para longe, para um ponto distante do outro lado dos inexplicados campos mecânicos da Planície Central. — Esta é uma Rama diferente. Eu sei. Os quadrados do xadrez no sul são distribuídos em esquema completamente diferente e não se estendem mais até a beira do mar Cilíndrico. As luzes agora se acendem antes de o mar degelar. E se apagam repentinamente, sem uma diminuição ao longo de várias horas, como relataram os exploradores da primeira Rama. Os biotas-caranguejos agora aparecem em grupo, não individualmente — ele parou, ainda olhando para o outro lado dos campos. — O Dr. Brown diz que todas as diferenças são triviais, mas eu creio que querem dizer alguma coisa. É bem possível — disse Takagishi suavemente — que o Dr. Brown esteja errado.

— É também possível que ele seja um completo filho da puta — disse Wilson, com amargura. E acelerou o motor do jipe até o máximo. — Acampamento Beta, lá vamos nós!!

## 28. EXTRAPOLAÇÃO

Nicole terminou seu almoço de pato compactado, brócolis reconstituído e purê de batata. O resto dos cosmonautas ainda estava comendo e por algum tempo a mesa ficou em silêncio. A um canto, perto da entrada, um monitor controlava a localização dos biotas-caranguejos. Seu esquema não se alterara. O sinal intermitente que representava os caranguejos movia-se em uma direção por um pouco mais de dez minutos, depois voltava.

— O que acontece quando eles terminarem esse ponto? — perguntou Richard Wakefield. Ele estava olhando para um mapa por computador da área, que fora colocado temporariamente no quadro de avisos.

— Na última vez, seguiram um desses caminhos entre esses quadrados do "tabuleiro de xadrez" até chegarem a um buraco — respondeu Francesca, da outra extremidade da mesa. — E então jogaram todo o lixo que traziam nele. Eles não apanharam nada neste território novo, de modo que cada um de nós pode dar seu palpite a respeito do que irá acontecer.

— Estão todos convencidos de que os biotas são realmente lixeiros?

— Os indícios são muito fortes.

— Jimmy Pak, há 70 anos, encontrou o primeiro biota-caranguejo e achou que parecia um coletor de lixo.

— Nós nos iludimos com esperanças infundadas — Shigeru Takagishi interveio. Ele acabou de mastigar sua última garfada e engoliu. — O próprio Dr. Brown foi um dos primeiros a dizer que não era muito provável que nós, humanos, pudéssemos compreender quais as razões de ser de Rama. Nossa conversa me lembra aquele antigo provérbio hindu sobre os cegos que apalpavam um elefante. Todos o descreveram de modo diverso, pois cada um tocara apenas em um pequeno pedaço do animal. E nenhum estava certo.

— Você não acha que nossos caranguejos trabalham para o Departamento Sanitário de Rama? — perguntou Janos Tabori.

— Eu não disse isso — retrucou Takagishi. — Apenas sugeri que é *hybris* de nossa parte concluir tão rapidamente que aquelas seis criaturas não tenham função senão a de coletar lixo, Nossos dados baseados em observação direta são lamentavelmente insuficientes.

— Às vezes torna-se necessário extrapolar — retrucou irritado o Dr. Brown — e até mesmo especular, a partir de quantidades mínimas de dados. Você mesmo sabe que o novo na ciência é baseado em um máximo de probabilidade, não de certeza.

— Antes de nos envolvermos em uma discussão esotérica sobre a ciência e sua metodologia — interrompeu Janos com um sorriso — tenho uma proposta esportiva para todos vocês — ele se levantou. — Na verdade, a idéia foi de Richard, mas calculei o modo de transformá-la em um jogo. Ela é ligada às luzes.

Janos bebeu um rápido gole de água de seu copo. — Desde que chegamos à Ramalândia — começou ele, em tom formal — houve três transições no estado da iluminação.

— Buuu! Fora! — gritou Wakefield. Janos riu.

— Tudo bem, caras... — O pequeno húngaro riu e depois continuou em seu tom simples e normal. — Qual é a das luzes? Elas acenderam, apagaram e agora acenderam de novo. O que será que vai acontecer no futuro? Proponho que façamos uma *vaquinha*, entrando cada um, digamos, com 20 marcos. Cada um fará uma previsão a respeito do comportamento das luzes para o resto da missão, e quem chegar mais perto leva tudo.

— Quem vai julgar o vencedor? — perguntou Wilson, sonolento. Ele já bocejara várias vezes na última hora. — Apesar do impressionante nível dos cérebros em torno desta mesa, acho que ninguém até agora matou a charada a respeito de Rama. Minha crença pessoal é a de que as luzes não seguirão nenhum desenho pré-estabelecido. Elas vão continuar a acender e apagar de forma aleatória para nos deixar sem saber onde estamos.— Então escreva

sua opinião e entregue ao General O'Toole com um memorando. Richard e eu concordamos que ele seria o juiz ideal. Quando a missão acabar, ele então compara as previsões com a realidade e alguém vai ganhar um bom jantar para dois.

O Dr. Brown afastou sua cadeira da mesa. — Já acabou com seu jogo, Tabori? — perguntou ele. — Porque nesse caso talvez pudéssemos limpar a mesa desta confusão do almoço e continuar com a programação — disse ele sem esperar resposta.

— Escute, comandante — replicou Janos — eu só estava tentando relaxar um pouco as coisas. Todo mundo está ficando muito tenso...

Brown saiu da barraca antes do cosmonauta Tabori terminar a frase.

— O que é que o chateia? — perguntou Richard a Francesca.

— Acho que está preocupado com a caçada — respondeu ela. — Está com esse humor de cão desde hoje de manhã. Talvez esteja sentindo o peso da responsabilidade.

— Talvez ele seja só um idiota — disse Wilson, também se levantando. — Eu vou tirar um cochilo.

Quando Wilson já ia saindo da barraca, Nicole lembrou-se de que queria verificar a biometria de todo mundo antes da caçada. Era uma tarefa bastante simples. Precisava apenas ficar perto de cada cosmonauta por aproximadamente 45 s com sua sonda ativada, e depois ler os dados críticos no monitor. Se não houvesse qualquer registro de advertência, estava tudo bem. Nesta verificação, em particular, todos estavam perfeitos, inclusive Takagishi. — Está indo bem — disse Nicole bem baixinho a seu colega japonês.

Ela saiu para procurar David Brown e Reggie Wilson. A cabana do Dr. Brown ficava na outra extremidade do acampamento. Como todos os outros alojamentos individuais, a cabana parecia um chapéu alto e fino plantado no chão. Todas as cabanas eram de um branco encardido, com cerca de dois metros e meio de altura, e

base circular com cerca de dois metros de diâmetro. Foram fabricadas com materiais de peso levíssimo, flexíveis, que mesclavam uma facilidade de transporte e armazenamento com uma resistência excepcional. Nicole comentou, com seus botões, que elas lembravam um pouco os *teepees* dos índios nativos da América do Norte.

David Brown estava em sua barraca, sentado no chão, de pernas cruzadas, em frente a um monitor de computador. Na tela estava o texto do capítulo sobre biotas do *Atlas de Rama*, de Takagishi. — Desculpe, Dr. Brown — disse Nicole, enfiando a cabeça na porta.

— O que é? — perguntou ele sem fazer qualquer esforço para esconder sua irritação por ser interrompido.

— Preciso verificar seus dados biométricos — disse Nicole. — Ainda não fez nenhuma avaliação completa depois da primeira surtida.

Brown lançou-lhe um olhar irritado, mas Nicole não cedeu terreno. O americano deu de ombros, soltou um meio grunhido e voltou para o monitor. Nicole ajoelhou-se ao lado dele e ativou seu esquadrinhador.

— Há umas cadeiras de armas na barraca de suprimentos — informou Nicole, quando viu o Dr. Brown mudar sua incômoda posição. Ele ignorou o comentário dela. *Por que será tão grosseiro comigo?*, viu-se Nicole indagando consigo mesma. *Será por causa de meu relatório sobre Wilson e ele? Não*, respondeu ela mesma à sua pergunta, *é porque não lhe devoto a devida deferência*.

Os dados começaram a aparecer na tela de Nicole. Ela digitou cuidadosamente várias teclas que permitiriam que um resumo dos sinais de advertência ou alarme aparecessem na tela. — Sua pressão arterial tem estado intermitentemente alta demais, nas últimas setenta e duas horas, e quase que o dia todo, hoje — disse ela sem qualquer tipo de emoção. — Esse tipo de quadro é geralmente associado ao estresse.

O Dr. Brown parou de ler as informações a respeito dos biotas e se virou, a fim de encarar seu oficial de ciências da vida. Ele olhou os dados apresentados, sem compreendê-los. — Este gráfico mostra a amplitude e duração de seus períodos em excesso da tolerância prevista — disse Nicole apontando para a tela. — Nenhuma das ocorrências, por si só, seria séria. Mas o desenho do conjunto já causa preocupação.

— Eu tenho estado sob certa pressão — resmungou ele, e ficou olhando, enquanto Nicole chamava para a tela outros gráficos, que confirmavam suas afirmações iniciais. Muitos dos limites de aviso de Brown estavam transbordando.

As luzes continuaram a acender e apagar no monitor. — Como é o cenário da pior possibilidade? — indagou ele.

Nicole olhou para o paciente. — Derrame com paralisia ou morte — respondeu ela. — Se a condição persistir ou se agravar. Ele assoviou. — O que é que devo fazer?

— Em primeiro lugar — respondeu Nicole —, precisa dormir mais. Seu perfil metabólico mostra que, desde a morte do General Borzov, o senhor só teve um total de 11 horas de verdadeiro repouso. Por que não me disse que estava tendo dificuldade para dormir?

— Pensei que fosse só excitação. Cheguei até a tomar uma pílula sonífera uma noite, mas não surtiu efeito.

A testa de Nicole franziu-se. — Eu não me lembro de lhe ter dado qualquer sonífero.

O Dr. Brown sorriu. — Merda — disse ele — esqueci de lhe contar. Eu estava conversando com Francesca Sabatini sobre minha insônia e ela me ofereceu uma pílula. Eu tomei sem pensar.

— Em que noite foi isso? — perguntou Nicole, mudando novamente de quadro no monitor e chamando mais dados já arquivados no armazenamento.

— Não tenho certeza — disse o Dr. Brown após alguma hesitação. — Creio que foi...

— Ah, está aqui — disse Nicole. — Dá para ver na análise química. Foi no dia 3 de março, o segundo depois da morte de Borzov. No dia em que o senhor e Heilmann foram escolhidos como comandantes. A análise dos dados espectrométricos me faz arriscar que o senhor tomou uma única pílula de medvil.

— Dá para saber *isso* só pelos dados biométricos?

— Não exatamente — sorriu Nicole. — A interpretação não é a única possível. O que foi que o senhor disse no almoço? Às vezes é necessário extrapolar... especular.

Os olhos dos dois encontraram-se por um momento. *Será medo*?, indagou-se Nicole enquanto interpretava o que estava vendo nos olhos dele. O Dr. Brown olhou para outro lado. — Obrigado, doutora des Jardins — disse ele, muito formal — pelo relatório sobre minha pressão arterial. Vou tentar relaxar e dormir bastante. E peço desculpas por não tê-la informado a respeito do sonífero — ele se despediu dela com um gesto de mão.

Nicole já ia começar a protestar por ser afastada daquele modo, mas decidiu não fazê-lo. *De qualquer maneira, ele jamais seguiria meus conselhos*, disse ela a si mesma enquanto se dirigia à barraca de Wilson. *E a sua pressão arterial, na verdade, não estava perigosamente alta*. Ela pensou a respeito dos tensos últimos dois minutos da conversa, depois de haver surpreendido o Dr. Brown com a identificação do tipo de sonífero. *Há qualquer coisa ali que não está direita. O que será que me escapou?*

Antes de chegar à porta da barraca de Wilson, já estava ouvindo seus roncos. Após debater a idéia consigo mesma, Nicole resolveu só examiná-lo depois que ele acordasse. Em seguida, voltou para a própria barraca e adormeceu rapidamente.

— Nicole, Nicole des Jardins — a voz invadiu seu sonho e despertou-a. — Sou eu. Francesca. Preciso dizer-lhe uma coisa.

Nicole sentou-se na cama. Francesca já entrara na barraca e ostentava seu mais amistoso sorriso italiano, aquele que Nicole pensava que ela reservava só para a câmara.

— Eu estava conversando com David há pouco — disse Francesca aproximando-se da cama — e ele me contou a conversa que tiveram depois do almoço — Francesca continuava a falar enquanto Nicole bocejava e virava as pernas para o chão. — É claro que fiquei muito preocupada ao saber da história da pressão alta. Não se preocupe, ele e eu já combinamos que não farei uso dela. Mas o que me deixou realmente preocupada foi ele me lembrar de que nós nunca chegamos a dizer nada a você sobre a pílula para dormir. Fiquei tão constrangida. Devíamos ter contado imediatamente.

Francesca falava depressa demais para Nicole. Há poucos instantes, ela estivera profundamente adormecida, sonhando com Beauvois, e agora, de repente, queriam que ela ouvisse uma confissão em marcha batida da cosmonauta italiana.

— Será que você podia esperar um pouquinho até eu acordar? — disse Nicole, aborrecida. Ela pegou um copo de água e bebeu lentamente. — E você está querendo dizer — acrescentou — que me acordou só para me dizer que deu uma pílula sonífera ao Dr. Brown? Uma coisa que eu já sabia?

— É — sorriu Francesca. — Quero dizer, em parte foi para isso. Mas então percebi que também me esquecera de falar sobre Reggie.

Nicole sacudiu a cabeça. — Não estou entendendo nada, Francesca. Agora você está falando sobre Reggie Wilson?

Francesca hesitou um momento. — Estou — disse ela. — Você não usou seu esquadrinhador nele logo depois do almoço? Nicole sacudiu a cabeça. — Não, ele já estava dormindo — ela olhou seu relógio. — Estava planejando examiná-lo antes do começo da reunião, mais ou menos daqui a uma hora.

Francesca estava perturbada. — Bem — disse ela — quando David me falou que o medvil apareceu nos dados biométricos, eu pensei... — ela se interrompeu no meio da frase, pareceu tentar reorganizar seus pensamentos. Nicole ficou esperando.

— Reggie começou a se queixar de dores de cabeça há mais de uma semana — continuou Francesca. — Foi depois que as duas naves Newton se uniram para o encontro com Rama. Como ele e eu temos sido amigos bastante chegados e ele sabia do meu conhecimento sobre drogas — sabe como é, por causa de todo aquele meu trabalho na série para a televisão — ele me pediu se eu poderia dar-lhe alguma coisa para suas dores de cabeça. A princípio recusei, mas, finalmente, depois de ele me perturbar muito, eu lhe dei um pouco de nubitrol.

Nicole franziu a testa. — Isso é uma medicação muito forte para uma simples dor de cabeça. E há muitos médicos que consideram que ela não deve ser usada a não ser quando tudo o mais fracassou...

— Eu disse isso a ele — disse Francesca. — Mas ele estava inabalável. Você não conhece Reggie. Há horas em que não se pode argumentar com ele.

— E quantas você deu?

— Ao todo, oito pílulas, num total de 200 mg.

— Não é de admirar que ele ande se comportando de modo tão estranho — Nicole inclinou-se e pegou seu computador de bolso que estava sobre a ponta da mesa. Chamou seus dados médicos básicos e leu a concisa informação sobre nubitrol. — Não temos muita coisa aqui. Terei de pedir a O'Toole para transmitir a íntegra do item na enciclopédia médica. Mas, se bem me lembro, não houve uma controvérsia sobre a questão do nubitrol permanecer por semanas no sistema?

— Não me lembro — respondeu Francesca. Ela olhou o monitor na mão de Nicole e leu rapidamente o texto. Nicole estava irritada. Ia começar a passar uma descompostura em Francesca, mas mudou

de idéia. *Quer dizer então que você deu drogas tanto a David quanto a Reggie*, pensou ela. No fundo de sua memória, veio uma vaga lembrança de ver Francesca dando a Valeriy Borzov um copo de vinho algumas horas antes de ele morrer. Um estranho arrepio percorreu o corpo de Nicole. A sua intuição poderia estar correta?

Nicole virou-se e encarou Francesca com um olhar gélido. — Agora que você já confessou ter brincado de médica e farmacêutica com David e Reggie, ainda há alguma outra coisa que esteja precisando me dizer?

— O que é que você está querendo dizer? — perguntou Francesca.

— Você andou dando drogas a mais algum outro membro da tripulação?

Nicole sentiu seu coração disparar ao ver Francesca empalidecer, quase imperceptivelmente, e hesitar antes de responder.

— Não. É claro que não — foi sua resposta.

## 29. A CAÇADA

O helicóptero baixou lentamente o jipe no chão. — Ainda falta muito? — perguntou Janos Tabori pelo comunicador.

— Uns dez minutos — respondeu Richard Wakefield lá de baixo. Ele estava parado em um ponto a cerca de 100 m ao sul da margem sul do mar Cilíndrico. Acima dele, o jipe pendia na ponta de dois longos cabos. — Cuidado para pousá-lo com delicadeza. Há componentes eletrônicos frágeis no chassi.

Hiro Yamanaka estava comandando o helicóptero dentro de seus limites mais estreitos de altitude, enquanto Janos estendia eletronicamente os cabos, poucos centímetros de cada vez. — Contato — gritou Wakefield. — Das rodas traseiras. As da frente têm de baixar mais um metro, aproximadamente.

Francesca Sabatini correu para o lado do jipe, para registrar seu histórico pouso no Hemicilindro Meridional de Rama. A 50 m mais afastado do penhasco, na vizinhança de uma barraca que estava servindo como quartel-general temporário, o restante dos cosmonautas preparava-se para o início da caçada. Irina Turgenyev checava a instalação da armadilha de cabos no segundo helicóptero. O próprio David Brown estava a uns poucos metros da barraca, falando pelo rádio com o Almirante Heilmann, que ficara no acampamento Beta. Os dois homens estavam revendo detalhes do plano para a captura. Wilson, Takagishi e des Jardins observavam a conclusão da manobra de pouso do jipe.

— Agora é que nós sabemos quem é de fato o chefe desta equipe — dizia Reggie Wilson, enquanto apontava para o Dr. Brown. — Esta droga desta caçada tem mais pinta de operação militar do que qualquer outra coisa que tenhamos feito, mas nosso cientista número um é quem manda, enquanto nossa mais alta patente está só no rádio — ele cuspiu no chão. — Jesus, vocês já viram o que temos aqui em matéria de equipamento? Dois helicópteros, um jipe, três tipos diferentes de jaulas — sem falar de várias caixas

enormes de merda elétrica e mecânica. Aqueles pobres daqueles caranguejos filhos da mãe não têm a menor chance.

O Dr. Takagishi levou os binóculos *laser* aos olhos, e logo achou seu alvo. A meio quilômetro para o leste, os biotas-caranguejos já estavam novamente chegando perto da beira do penhasco, sem qualquer alteração em seus movimentos. — Precisaremos de todo esse equipamento por causa da incerteza — disse baixo Takagishi. — Ninguém sabe realmente o que irá acontecer.

— Eu espero que as luzes se apaguem — riu Wilson.

— Estamos preparados para essa possibilidade — interveio secamente David Brown, que vinha reunir-se aos outros três cosmonautas. — As conchas dos caranguejos foram borrifadas com um material fluorescente leve, e temos foguetes mais do que suficientes. Enquanto você se queixava da duração de nossa última reunião, estávamos ultimando os planos de emergência — disse ele a seu compatriota, com truculência. — Sabe de uma coisa, Wilson, você podia tentar...

— Parem, parem — interrompeu-os a voz de Heilmann. — Temos novidades. Quentes. Acabo de saber por O'Toole que a INN vai transmitir nossa refeição *ao vivo*, dentro de 20 min.

— Ótimo — respondeu Brown. — Nesse momento já devemos estar prontos. Estou vendo Wakefield vir para cá no jipe — ele olhou para o relógio. — E os caranguejos devem estar dando nova meia-volta dentro de poucos segundos. Por falar nisso, Otto, você continua discordando da minha sugestão de capturarmos o biota líder?

— Continuo, David. Creio ser um risco desnecessário. O pouco que sabemos sugere que o líder seja o de maior potencial. Para que nos arriscarmos? Qualquer biota seria um tesouro inestimável para levamos de volta à Terra, particularmente se ainda estiver funcionando. Podemos nos preocupar com o líder quando já tivermos um no papo.

— Então, desta vez acho que fui derrotado no voto. O Dr. Takagishi e Tabori concordam com você. E o General O'Toole também. Vamos partir para o plano B. O biota-alvo será o número quatro, o da retaguarda à direita, quando nos aproximarmos por trás.

O jipe trazendo Wakefield e Sabatini chegou à área das barracas quase que ao mesmo tempo que o helicóptero. — Bom trabalho, pessoal — disse o Dr. Brown, quando Tabori e Yamanaka saltaram do helicóptero. — Respire um pouco, Janos. Depois vá lá e verifique se Turgenyev e a rede de cabos estão prontos para partir. Quero você no ar em cinco minutos.

— Muito bem — disse Brown, voltando-se para os outros — está na hora. Wilson, Takagishi e des Jardins, no jipe com Wakefield. Francesca, você vem comigo no segundo helicóptero, com Hiro.

Nicole começou a caminhar em direção ao jipe, quando Francesca a interceptou. — Você algum dia já usou uma destas? — perguntou a jornalista italiana oferecendo-lhe uma câmera de vídeo do tamanho de um livro pequeno.

— Uma vez — respondeu Nicole, estudando a câmera na mão de Francesca — há 11 ou 12 anos, quando gravei uma cirurgia cerebral do Dr. Delon. Acho que...

— Olhe — interrompeu Francesca. — Estou precisando de ajuda. Desculpe não ter falado antes, mas eu não sabia... De qualquer modo, preciso de uma câmera no chão, principalmente agora que a INN vai transmitir ao vivo. Não estou pedindo milagres, mas você é a única que...

— E Reggie? — respondeu Nicole. — Ele é o outro jornalista.

— Reggie não quer ajudar — disse Francesca rapidamente. O Dr. Brown chamou-a para o helicóptero. — Será que pode, Nicole? Por favor? Ou é melhor eu pedir a outra pessoa?

*Por que não?,* pensou Nicole, em um segundo. *Não tenho mais nada a fazer, a não ser que haja algum tipo de emergência.* — Pode

deixar — respondeu ela.

— Milhões de obrigados — gritou Francesca, entregando a câmera a Nicole e correndo para o helicóptero.

— Ora, ora — disse Reggie Wilson quando Nicole chegou no jipe com a câmera na mão. — Vejo que a médica da tripulação foi recrutada pela jornalista número um. Espero que tenha pedido um salário mínimo.

— Alivia essa barra, Reggie — respondeu Nicole. — Eu não me importo de ajudar os outros quando não tenho nada específico para fazer. Wakefield ligou o jipe e começou a rodar na direção dos biotas. O quartel-general fora propositadamente montado em uma área já previamente "limpa" pelos caranguejos. O chão compactado tornava a viagem muito fácil para o jipe. Eles estavam a 100 m dos biotas em menos de três minutos. Acima deles, os dois helicópteros circulavam em torno dos biotas, feito urubus rondando algum animal agonizante, lembrava Wilson.

— O que é que você quer que eu faça exatamente? — perguntou Nicole a Francesca pelo transmissor.

— Tente mover-se paralelamente aos biotas — respondeu Francesca. — Talvez você possa correr ao lado deles durante algum tempo. O momento mais importante vai ser quando Janos tentar fechar a rede.

— Aqui estamos todos prontos — anunciou Tabori alguns segundos mais tarde. — É só dar a ordem.

— Já estamos no ar? — perguntou Brown a Francesca, e ela sinalizou que sim. — Tudo bem — disse ele a Janos. — Pode começar.

De um dos helicópteros emergiu um cabo longo e grosso com algo que parecia uma cesta invertida na ponta. — Janos vai tentar centrar a armadilha no biota-alvo — explicou Wakefield a Nicole — e deixar os lados envolverem-se naturalmente ao redor da concha. Depois então ele aumenta a tensão para suspender o biota do

chão. Nós colocaremos o caranguejo na jaula depois de levá-lo ao acampamento Beta.

— Vamos ver o que é que eles parecem daí debaixo — Nicole ouviu Francesca dizer. O jipe estava agora bem ao lado dos biotas, Nicole saltou e correu ao lado deles. A princípio, ficou assustada. Por alguma razão, não esperava que eles fossem tão grandes ou tivessem aspecto tão estranho. Seu brilho metálico lembrava-a do frio exterior de muitos dos novos edifícios de Paris. Quando ela começou a correr no chão, os biotas estavam apenas a uns dois metros de distância dela. Com foco e enquadramento automáticos, não era difícil para Nicole conseguir as imagens adequadas.

— Não fique na frente deles — advertiu-a o Dr. Takagishi. Mas não era preciso se preocupar. Nicole não se esquecera do que eles fizeram com aquele monte de metal.

— Suas imagens estão ótimas — ecoou a voz de Francesca no receptor do jipe. — Nicole, tente correr até o líder, depois vá recuando aos poucos, para que a câmera dê uma panorâmica por fila — ela esperou até Nicole ficar à frente dos biotas. — Puxa! Que maravilha! Agora já sei por que trouxemos uma campeã olímpica conosco.

Nas duas primeiras tentativas com a rede, Janos não acertou. No entanto, na terceira, ela caiu exatamente em cima das costas do caranguejo número quatro. As pontas da rede, ou cesta, espalharam-se até a borda da concha. Nicole começava a suar, pois já estava correndo há quatro minutos. — De agora em diante — disse Francesca, do helicóptero — focalize exclusivamente o caranguejo-alvo. Mas chegue o mais perto que puder.

Nicole reduziu sua distância do biota mais próximo para mais ou menos um metro. Quase escorregou uma vez e ficou coberta por um suor gelado. *Se eu caísse no caminho deles, eles me faziam em pedacinhos.* Sua câmera estava fixa no caranguejo na ponta direita da última fila quando Janos começou a apertar a rede.

— Agora! — gritou ele. A rede, com o biota capturado, começou a ser levantada do chão. Tudo aconteceu muito depressa. O biota-alvo usou suas patas-tesouras para cortar um dos fios metálicos da rede. Os outros cinco biotas pararam por um segundo, no máximo, e depois, imediatamente, todos atacaram a rede com suas garras. A rede de metal foi completamente destruída e o biota, libertado em menos de cinco segundos.

Francesca foi a primeira a falar. — Absolutamente incrível — gritou ela, esfuziante. — Acabamos de arrepiar os cabelos de toda a humanidade.

Nicole sentiu Richard Wakefield a seu lado. — Você está bem? — perguntou ele.

— Acho que sim — disse ela, ainda tremendo. Os dois voltaram os olhos para os biotas. Não havia qualquer movimento.

— Eles estão amontoados para preparar a próxima jogada — disse Reggie, do jipe. — O resultado, agora, é Biotas 2, Humanos 0.

— Já que você está tão convencido de que não há perigo, concordo em continuar. Mas devo confessar que, pessoalmente, fico meio nervoso em relação a qualquer nova tentativa. É óbvio que essas coisas conseguem se comunicar entre si. E não creio que queiram ser capturados.

— Otto, Otto — respondeu o Dr. Brown. — Este procedimento não passa de uma forma mais refinada do que tentamos na primeira vez. O núcleo de fios vai aderir à concha do caranguejo e enrolar os cabos fixos, bem apertado, em torno de toda a carapaça. Os outros biotas não poderão usar suas garras, pois não haverá espaço entre os fios e a concha.

— Almirante Heilmann, aqui fala o Dr. Takagishi — havia uma incontestável preocupação em sua voz quando ele falou no comunicador. — Quero deixar registrada a minha mais forte objeção ao procedimento desta caçada. Nós já vimos como sabemos pouco a respeito dessas criaturas. Como disse Wakefield, nossa tentativa

de capturar uma delas obviamente detonou suas principais reações de proteção contra falhas. Não temos a menor idéia de como elas reagirão da próxima vez.

— Todos nós compreendemos isso, Dr. Takagishi — exclamou David Brown antes que Heilmann pudesse responder. — Mas há fatores atenuantes que sobrepujam todas as incertezas. Em primeiro lugar, como Francesca ressaltou, toda a Terra estará nos olhando, novamente, se partirmos atrás dos biotas imediatamente. Você ouviu o que Jean-Claude Revois disse há 20 min — que nós já fizemos mais pela exploração espacial do que qualquer outra pessoa desde os primeiros cosmonautas soviéticos e americanos no século XX. Em segundo lugar, estamos preparados para completar a caçada agora. Se abandonarmos a tentativa e devolvermos todo nosso equipamento para Beta, teremos desperdiçado uma quantidade enorme de tempo e esforço. E, finalmente, não há qualquer perigo óbvio. Por que o senhor insiste em fazer previsões tão aterradoras? A única coisa que vimos os biotas fazerem foi empregarem alguma espécie de atividade de autodefesa.

— Professor Brown... — o eminente estudioso japonês tentou ainda um último apelo racional — olhe à sua volta. Tente imaginar as potencialidades das criaturas que fizeram este espantoso veículo. Tente considerar a possibilidade de talvez, apenas talvez, o que estamos tentando fazer ser encarado como um ato hostil, que, de algum modo, já tenha sido comunicado a seja lá qual for a inteligência que governa esta espaçonave. Suponha que, como resultado, nós, enquanto representantes da espécie humana, estejamos condenando não só a nós mesmos, mas, também, em algum sentido maior, todos os nossos seme...— Bobagens — caçoou David Brown. — Algum de vocês pode acusar *a mim* de especulações desvairadas... ? — Ele deu uma gargalhada. — Isso é absurdo. As evidências indicam esmagadoramente que esta Rama tem o mesmo objetivo e função de sua predecessora e ignora completamente nossa existência. O fato de uma única subfamília de robôs unir-se quando ameaçada não tem maior significado — ele olhou para os outros, à sua volta. — Acho que já chega de tanto

falar, Otto. A não ser que você tenha alguma objeção, vamos sair e capturar um biota.

Houve uma breve hesitação do outro lado do mar Cilíndrico. E depois, os cosmonautas ouviram a resposta afirmativa do Almirante Heilmann. — Vá em frente, David. Mas não assuma riscos desnecessários.

— Acha que realmente estamos correndo perigo? — perguntou Yamanaka ao Dr. Takagishi enquanto as novas táticas de captura estavam sendo revistas por Brown, Tabori e Wakefield. O piloto japonês estava olhando, lá longe, para a maciça estrutura da concavidade da extremidade sul, e pensando, talvez pela primeira vez, a respeito da vulnerabilidade da posição do grupo.

— Provavelmente não — respondeu seu compatriota — mas é insanidade correr tais...

— Insanidade é a palavra perfeita para tudo isso — interrompeu Reggie Wilson. — Você e eu somos os dois únicos opositores da continuação dessa estupidez. Porém nossas objeções são transformadas em tolices e até em covardia. Pessoalmente, eu queria que um desses raios dessas coisas desafiasse o estimado Dr. Brown para um duelo. Ou, melhor ainda, que um raio fosse lançado aqui por uma daquelas espiras.

Ele apontou para os grandes chifres que Yamanaka estivera olhando ainda há pouco. A voz de Wilson mudou. Havia uma ponta de medo nela. — Nós estamos nos metendo onde não podemos. Estou sentindo... no ar. Estamos sendo avisados de perigo por forças que não podemos sequer começar a compreender. Mas estamos ignorando os avisos.

Nicole afastou seu olhar dos colegas e voltou-se para a entusiástica reunião de planejamento que estava acontecendo a 15 m dela. Os engenheiros Wakefield e Tabori estavam obviamente adorando o desafio de tentar superar os biotas. Nicole se perguntou se Rama estaria realmente enviando algum tipo de aviso. *Bobagem*, disse para si mesma, repetindo a expressão do Dr.

Brown. Ela teve um arrepio involuntário quando se lembrou daqueles segundos durante os quais os biotas-caranguejos destruíram a rede metálica. *Estou reagindo excessivamente. E Wilson também. Não há realmente razão para termos medo.*

No entanto, ao se voltar novamente e olhar pelo binóculo para estudar a formação dos biotas a meio quilômetro de distância, ela sentia um medo palpável que não conseguia aplacar. Os seis caranguejos não se mexiam há quase duas horas. Eles continuam entrelaçados em sua arrumação original. *Afinal, Rama, o que é que você representa?*, perguntou-se Nicole pela enésima vez. Contudo, sua pergunta seguinte a assustou, pois jamais a verbalizara antes. *E quantos de nós voltarão à Terra para contar a sua história!*

Para a segunda tentativa de captura, Francesca quis ficar no chão, perto dos biotas. Como antes, Turgenyev e Tabori estavam no primeiro helicóptero, com o equipamento mais importante. Brown, Yamanaka e Wakefield estavam no segundo helicóptero. O Dr. Brown pedira a Wakefield para lhe fornecer conselhos de tempo real; Francesca, naturalmente, convencera Richard a fazer algumas tomadas aéreas, para complementar as imagens gravadas automaticamente pelo sistema do helicóptero.

Reggie Wilson foi quem guiou o jipe que levou os cosmonautas baseados no chão para o local dos biotas. — Este é que é um bom emprego para mim — disse ele quando se aproximavam de onde estavam os caranguejos alienígenas. — *Chauffeur* — ele voltou os olhos para o distante teto de Rama. — Ouviram bem, caras. Eu sou versátil. Sei fazer muitas coisas — ele olhou para Francesca a seu lado, no banco da frente. — E, por falar nisso, *signora* Sabatini, será que estava planejando agradecer a Nicole por seu trabalho sensacional? Foram as tomadas dela, do chão, que conquistaram a audiência na sua transmissão.

Francesca estava ocupada em verificar todo o seu equipamento de vídeo e, a princípio, ignorou os comentários de Reggie. Quando ele repetiu a alfinetada, ela respondeu, sem levantar os olhos. —

Será que eu poderia lembrar ao sr. Wilson de que não preciso de seus conselhos não solicitados para saber como levar adiante os meus negócios?— Houve tempo — disse Reggie, como que para si mesmo, sacudindo a cabeça — em que as coisas eram muito diferentes — ele olhou para Francesca. Não havia a menor indicação de que ela estivesse ouvindo. — No tempo em que eu ainda acreditava no amor — disse ele, um pouco mais alto. — Antes de eu conhecer a traição. Ou a ambição e seu egoísmo.

Ele virou violentamente o jipe para a esquerda e estacionou-o a cerca de 40 m a oeste dos biotas. Francesca saltou sem dar uma palavra. Em três segundos, ela estava conversando com David Brown e Richard Wakefield pelo rádio sobre a cobertura de vídeo da captura. O eternamente polido Dr. Takagishi agradeceu a Reggie Wilson por ele ter dirigido o jipe.

— Vamos entrar — gritou Tabori do alto. Ele manobrou o núcleo de fios pendentes para a posição correta na segunda tentativa. Tratava-se de uma esfera pesada, de uns 20 cm de diâmetro, com 12 pequenos furos ou reentrâncias em sua superfície. Ela foi baixada lentamente no centro da concha de um dos biotas. A seguir, Janos, transmitindo uma sucessão rápida de comandos desde o helicóptero para o processador dentro do núcleo, ordenou que se abrissem aquelas quantidades de fios enrolados dentro da esfera. Os caranguejos não se mexeram enquanto os fios se enrolavam em torno do biota-alvo.

— O que acha, inspetor? — gritou Janos para Richard Wakefield no outro helicóptero.

Richard examinou o estranho aparato. O cabo grosso estava enganchado em um anel metálico na popa do helicóptero. Quinze metros abaixo, a bola de metal continuava pousada nas costas do biota-alvo e os filamentos esguios estendiam-se de dentro da bola para envolver a carapaça por cima e por baixo. — Parece ótimo —, respondeu Richard. — Agora só resta uma questão. Será que o helicóptero é mais possante do que a força conjunta deles?

David Brown ordenou que Irina Turgenyev levantasse a presa. Ela aumentou lentamente a velocidade das hélices e tentou subir. A pequena curva que existia no cabo desapareceu, mas os biotas mal se moveram. — Ou eles são muito pesados ou, de algum modo, estão se agarrando no chão — disse Richard. — Tente uma aceleração rápida.

O golpe repentino levantou momentaneamente toda a formação biota do chão. O helicóptero puxou com força enquanto toda aquela massa de biotas ficou pendente a dois ou três metros do chão. Os dois caranguejos não enganchados no alvo foram os primeiros a se soltarem, caindo empilhados e imóveis segundos após a decolagem. Os outros três demoraram-se mais, ao todo uns dez segundos, antes de finalmente soltarem suas garras de seu companheiro e caírem no chão. Houve gritos universais de alegria e congratulações enquanto o helicóptero subia cada vez mais para o céu.

Francesca filmava a seqüência da captura a uma distância de cerca de dez metros. Depois que os últimos três biotas, inclusive o líder, largaram o caranguejo-alvo e caíram em solo ramaiano, ela inclinou-se para trás a fim de registrar o helicóptero encaminhando-se para as margens do mar Cilíndrico com sua presa. Ela levou dois ou três segundos para compreender que todos estavam gritando para ela.

O biota-líder e seus dois companheiros finais não se desagregaram ou viraram uma pilha metálica ao caírem no chão. Embora ligeiramente danificados, estavam ativos e já em movimento momentos depois de aterrissarem. Enquanto Francesca filmava a partida do helicóptero, o biota-líder sentiu sua presença e partiu em direção a ela. Os outros dois o seguiram, apenas um passo atrás.

Eles estavam a apenas quatro metros de distância quando Francesca, ainda filmando, finalmente compreendeu que a presa agora era ela. Ela virou-se e começou a correr. — Corra para o lado

— gritou Richard Wakefield no comunicador. — Eles só sabem andar em linha reta.

Francesca ziguezagueou, mas os biotas continuaram a segui-la. Com sua explosão inicial de adrenalina, ela pôde abrir a distância que a separava dos caranguejos para uns dez metros. Mas, quando começou a cansar, os implacáveis biotas começaram a ganhar terreno. Ela escorregou e quase caiu. Quando Francesca recomeçou a correr, o biota-líder não estava a mais do que três metros de distância.

Reggie Wilson correrá até o jipe tão logo ficou claro que os biotas estavam perseguindo Francesca. Ao alcançar o veículo, partiu na direção dela a toda velocidade. Sua intenção original era a de apanhá-la e sair do alcance do ataque dos biotas. Mas agora eles já estavam perto demais, e Reggie resolveu abalroar os três caranguejos pelo lado. Houve um choque de metal contra metal, quando o leve veículo bateu nos biotas. O ímpeto da batida arrastou Reggie e os caranguejos para um lado por vários metros. A ameaça a Francesca acabara. Mas os biotas não estavam incapacitados. Longe disso. Apesar de um dos seguidores ter perdido uma perna e o líder estar com uma garra ligeiramente amassada, em poucos segundos os três estavam trabalhando no veículo acidentado. Eles começaram a cortar o jipe em pedaços, com suas garras, e depois a usar sua assustadora coleção de furadores e raspadores para cortar os pedaços em partes muito menores.

Reggie ficou momentaneamente atordoado com o impacto do jipe contra os biotas. Os caranguejos alienígenas eram mais pesados do que ele esperava e os danos no veículo eram sérios. Tão logo ele compreendeu que os biotas continuavam ativos, começou a saltar do jipe. Mas não conseguiu. Suas pernas haviam ficado presas no painel que caíra.

Seu incomensurável pavor não durou mais de dez segundos. Não havia nada que alguém pudesse fazer. Os horripilantes uivos de Reggie Wilson ecoaram pela vastidão de Rama enquanto os biotas

o cortavam em pedaços, exatamente como se ele fosse parte do jipe. Tudo foi executado rápida e sistematicamente. Tanto Francesca quanto a câmera automática no helicóptero filmaram os últimos segundos de sua vida. As imagens foram transmitidas ao vivo para a Terra.

### 30. AUTÓPSIA II

Nicole estava sentada e quieta em sua barraca no acampamento Beta. Não conseguia apagar da memória a horrível imagem do rosto de Reggie Wilson, contorcido pelo terror, ao ser picado em pedaços. Ela tentou pensar em outra coisa. *E agora ?* perguntou-se ela. *O que acontecerá com a missão agora?*

Do lado de fora estava escuro em Rama. As luzes haviam desaparecido repentinamente há três horas, após um período de iluminação 34 s menor do que o do dia ramaiano anterior. O desaparecimento das luzes deveria ter provocado muita discussão e especulação. Mas não o fez, pois nenhum dos cosmonautas queria falar a respeito de coisa nenhuma. A apavorante lembrança da morte de Wilson estava pesando demais sobre todos eles.

A rotineira reunião da tripulação de depois do jantar fora adiada até a manhã seguinte, porque David Brown e o Almirante Heilmann estavam em prolongada conferência com as autoridades da AIE na Terra. Nicole não participara de nenhuma das conversas, mas não lhe era difícil imaginar seu conteúdo. Ela compreendia que havia uma possibilidade muito real de a missão agora ser abortada. A grita do público poderia exigí-lo. Afinal, eles testemunharam as cenas mais horripilantes...

Nicole pensou em Geneviève sentada em frente à televisão em Beauvois, olhando enquanto o cosmonauta Wilson era metodicamente decomposto em pedaços pelos biotas. Teve um arrepio, depois repreendeu-se por estar sendo auto-referente. *O verdadeiro horror*, disse ela a si mesma, *deve ter sido em Los Angeles.*

Ela encontrara a família Wilson por duas vezes durante as primeiras festas, imediatamente após o anúncio da seleção da tripulação. Nicole lembrava-se particularmente bem do menino. Chamava-se Randy. Tinha sete ou oito anos, bonito e de olhos grandes. Adorava esportes. Levara para Nicole um de seus mais

caros tesouros, um programa das Olimpíadas de 2184 em estado quase perfeito, e pedira que ela o assinasse na página onde era anunciado o salto triplo feminino. Ela fizera um gesto carinhoso desmanchando os cabelos dele, que lhe agradecera com um belo sorriso.

A imagem de Randy Wilson vendo seu pai morrer na televisão foi demais para ela. As lágrimas brotaram nos cantos de seus olhos. *Que pesadelo este ano tem sido para você, menino, pensou ela. É a montanha-russa da vida. Primeiro a alegria de ver seu pai selecionado como cosmonauta. Depois toda aquela tolice com Francesca e o divórcio. E agora essa tragédia horrível.*

Nicole estava ficando deprimida, mas sua mente continuava ativa demais para que pudesse dormir. Ela resolveu que precisava de companhia, caminhou até a barraca ao lado e bateu levemente na porta.

— Há alguém aí fora? — ouviu ela de dentro.

— *Hai*, Takagishi-san — respondeu ela. — É Nicole. Posso entrar?

Ele caminhou até a porta e abriu-a. — Que surpresa inesperada. A visita é profissional?

— Não — respondeu ela, entrando. — Puramente informal. Estava sem sono e pensei...

— Será sempre bem-vinda — disse ele com um sorriso amistoso. — Não precisa de motivos — ele olhou para ela durante vários segundos. — Estou profundamente perturbado pelo que aconteceu esta tarde. Sinto-me responsável. Não acho que tenha feito o bastante para impedir...

— Ora vamos, Shigeru — respondeu Nicole. — Não seja ridículo. A culpa não é sua. Você pelo menos falou. Eu sou a médica aqui e nem sequer disse nada.

Seus olhos passearam a esmo pela barraca de Takagishi. Ao lado de seu catre, em cima de um pequeno pedaço de fazenda, no

chão, Nicole viu uma curiosa estatueta branca com marcas pretas. Caminhando até ela, Nicole ajoelhou-se para olhar. — O que é isso?

O Dr. Takagishi pareceu ligeiramente embaraçado. Ele chegou perto de Nicole e apanhou o pequeno gorducho oriental, segurando-o entre o polegar e o indicador. — É um *netsuke*, uma preciosa herança da família de minha mulher — disse ele. — É feito de marfim.

Ele entregou o homenzinho a Nicole. — Ele é o rei dos deuses. Sua companheira, uma rainha igualmente gorducha, repousa ao lado da cama de minha mulher em Quioto. No tempo em que os elefantes não eram uma espécie ameaçada, muita gente colecionava estatuetas como esta. A família de minha mulher possui uma coleção soberba.

Nicole estudou o homenzinho em sua mão. Ele tinha no rosto um sorriso benigno e sereno. Sua mente evocou a bela Machiko Takagishi, lá no Japão, e por alguns segundos ela invejou aquela ligação conjugai. *Tornaria acontecimentos como a morte de Wilson bem mais fáceis de serem enfrentados*, pensou ela.

— Não quer se sentar? — estava dizendo Takagishi. Nicole acomodou-se em uma caixa ao lado do catre, e eles conversaram durante 20 min. Principalmente, compartilharam de lembranças de suas famílias. Referiram-se indiretamente ao desastre daquela tarde por várias vezes, mas evitaram qualquer discussão sobre Rama e a missão Newton. O que ambos precisavam era das reconfortantes imagens de suas vidas cotidianas na Terra.

— E agora — disse Takagishi, terminando sua xícara de chá e pousando-a na mesa ao lado da de Nicole — eu tenho um estranho pedido a fazer à Dra. des Jardins. Será que, por favor, a senhora poderia ir até sua barraca e trazer aqui seu equipamento biométrico? Eu gostaria de passar por uma varredura completa.

Nicole começou a rir, mas notou a seriedade do rosto de seu colega. Quando ela voltou com seu esquadrinhador alguns minutos mais tarde, o Dr. Takagishi disse-lhe a razão para o seu pedido. —

Hoje à tarde — disse ele — senti duas pontadas muito fortes em meu peito. Foi durante a excitação, depois que Wilson bateu nos biotas e percebi... — ele não completou a frase. Nicole acenou com a cabeça e ativou a sonda do instrumento.

Nenhum dos dois disse nada nos três minutos seguintes. Nicole verificou todos os dados de advertência, os gráficos e os quadros de seu desempenho cardíaco, e sacudiu periodicamente a cabeça. Quando acabou, ela encarou seu amigo com um sorriso amargo. — Você teve um ligeiro ataque cardíaco — disse ela ao Dr. Takagishi. — Talvez até dois, muito próximos um do outro. E seu coração está irregular desde então — ela percebeu que eleja esperava por isso. — Sinto muito — disse ela. — Tenho comigo um remédio que poderei lhe dar, mas é apenas um paliativo. Teremos de voltar imediatamente para a Newton, a fim de tratar adequadamente do problema.

— Bem — disse ele com um pálido sorriso — se nossas previsões estiverem corretas, haverá luz novamente em Rama dentro de doze horas. Suponho que iremos nesse momento.

— É provável — respondeu ela. — Eu falarei sobre o assunto com Brown e Heilmann imediatamente. O meu palpite é que você e eu partamos logo de manhã.

Ele tomou a mão dela. — Obrigado, Nicole — disse.

Ela se afastou. Pela segunda vez em uma hora, havia lágrimas em seus olhos. Nicole saiu da barraca de Takagishi e dirigiu-se até a borda do acampamento, na barraca de David Brown.

— Ah, é você — ela ouviu a voz de Richard Wakefield dizer, no escuro. — Apostava que você estivesse dormindo. Tenho novidades para você.

— Olá, Richard — disse Nicole, quando a figura que segurava a lanterna de mão emergiu da escuridão.

— Eu não conseguia dormir. Havia imagens apavorantes demais se formando na minha cabeça — disse ele com um pequeno sorriso. Então resolvi trabalhar no seu probleminha. Foi ainda mais fácil do que eu pensara. Quer entrar aqui na minha barraca para ouvir a explicação?

Nicole ficou confusa. Ela vinha preocupada com o que teria de dizer a Brown e Heilmann sobre Takagishi. — Você está lembrada, não está? — perguntou Richard. — É o problema do *software* do CirRo e dos comandos manuais.

— Você ficou trabalhando *nisso*] — perguntou ela. — Aqui?

— Claro. Só tive de pedir a O'Toole para transmitir os dados de que precisava. Vamos, deixe-me mostrar.

Nicole decidiu que a conversa com o Dr. Brown podia esperar alguns minutos. Ela caminhou ao lado de Richard. Ele bateu em uma outra barraca quando estavam passando. — Oi, Tabori, sabe de uma coisa? — gritou ele. — Encontrei nossa bela doutora passeando no escuro. Não quer se juntar a nós?

Janos tropeçou para fora de sua porta menos de um minuto depois e saudou Nicole com um sorriso. — Tudo bem, Wakefield. Mas vê se não prolonga muito a história, porque eu finalmente estava conseguindo adormecer.

Na barraca de Wakefield, o engenheiro britânico narrou com evidente prazer o que acontecera com o cirurgião-robô quando a Newton passara por sua inesperada torção. — Você tinha razão, Nicole — disse ele. Houve um *input* de comandos manuais no CirRo. E esses comandos realmente desligaram o algoritmo normal de proteção contra falhas. Mas não houve nenhum *input* senão *durante* a manobra ramaiana.

Wakefield sorriu e ficou observando Nicole cuidadosamente, para ter a certeza de que ela estava seguindo a explicação. — Ao que parece, quando Janos caiu e seus dedos bateram na caixa de controle, ele gerou três comandos. Ou pelo menos foi isso o que o CirRo pensou; foi dito a ele que havia três comandos manuais em

sua cauda. É claro que eles eram todos lixo. Mas isso era uma coisa que o CirRo não tinha a menor possibilidade de saber.

— Talvez agora você possa avaliar os pesadelos que atormentam os criadores de *software*. Não existe nenhum modo de ninguém jamais poder antecipar todas as contingências possíveis. Os criadores tinham incluído uma proteção contra *um* comando-lixo inadvertido — contra alguém esbarrar na caixa de controle durante uma operação, por exemplo — mas não contra *vários* maus comandos. Os comandos manuais eram considerados essencialmente como emergências pelo desenho geral do sistema. Donde terem eles a mais alta prioridade na estrutura de interrupção do *software* CirRo, sendo sempre processados imediatamente. O desenho reconhecia, no entanto, que poderia vir a existir um único comando manual "mau", e tinha a capacidade para rejeitá-lo e avançar para os interruptores do próximo nível de prioridade, que incluíam proteção contra falhas.

— Desculpe — disse Nicole. — Você já me deixou para trás. Como poderia um desenho ser estruturado para ignorar um único comando mau, mas não vários? Pensei que esse processador simples funcionasse em série.

Richard voltou-se para seu computador portátil e, consultando suas notas, chamou ao monitor uma quantidade de números organizados em filas e colunas. — Aqui estão as operações, instrução por instrução, que o *software* CirRo implementou depois de haver comandos manuais em sua cauda.— Eles repetem — observou Janos — de sete em sete operações.

— Exatamente — replicou Richard. — O CirRo tentou por três vezes processar a partir do primeiro comando manual, não teve sucesso em nenhuma das vezes, e então passou para o comando seguinte. O *software* operou exatamente como foi concebido...

— Mas por que — perguntou Tabori — ele não voltou ao primeiro comando depois?

— Porque os criadores do *software* jamais consideraram a hipótese de maus comandos manuais *múltiplos*. Ou pelo menos não o desenharam para tais condições. A pergunta interna que o *software* faz depois de acabar de processar cada comando é se há ou não outro comando manual na reserva. Se *não há*, então o *software* rejeita o primeiro comando e fica livre para enfrentar outra interrupção. Se *há*, no entanto, o *software* recebe ordens para armazenar o comando rejeitado e processar o comando seguinte. Agora, se dois comandos consecutivos são rejeitados, o *software* *supõe* que o *hardware* do processador está quebrado, muda para o conjunto *hardware* redundante e tenta novamente processar os mesmos comandos manuais. Vocês podem compreender o raciocínio. Suponham...

Nicole ficou ouvindo por vários segundos enquanto Richard e Janos falavam de subsistemas redundantes, comandos abafados e estruturas de cauda. Ela tinha muito pouco conhecimento sobre proteção contra falhas e administração de redundâncias e não conseguia seguir o diálogo. — Só um instante — exclamou ela finalmente — vocês já me deixaram para trás de novo. Lembrem-se de que não sou engenheira. Será que ninguém pode- me dar um resumo em inglês normal?

Wakefield sentiu-se culpado. — Desculpe, Nicole — disse ele. — Você sabe o que é um sistema *software* operado por interruptores? — Ela acenou que sim. — E está familiarizada com o modo pelo qual as prioridades operam esse sistema? Muito bem. Então a explicação é simples. Os interruptores de proteção contra falhas baseados no acelerômetro e em dados produtores de imagens eram prioridades inferiores às dos comandos manuais inadvertidamente impulsionados por Janos ao cair. O sistema ficou preso em uma alça de *software*, tentando processar os maus comandos e nunca chegou a ter a oportunidade de dar atenção aos sinais de falha dos subsistemas de sensores. Foi por isso que o bisturi continuou a cortar. Por alguma razão, Nicole ficou desapontada. A explicação era bastante clara, e ela por certo não queria usar a análise para implicar Janos ou qualquer outro membro

da tripulação. Mas era simples demais. Não valia todo aquele seu tempo e energia.

Nicole sentou-se no catre da barraca de Richard Wakefield. — O que liquida com meu mistério — disse ela.

— Anime-se, Nicole — disse Janos, sentando-se ao lado dela. — Ao menos é uma boa notícia. Ficamos sabendo com certeza que não erramos na iniciação do processo. Há uma explicação lógica para o que aconteceu.

— Que ótimo — respondeu ela com sarcasmo. — Mas o General Borzov continua morto. E agora Reggie Wilson também está — Nicole pensou no comportamento errático do jornalista americano naqueles últimos dias e lembrou-se da conversa que tivera mais cedo com Francesca. — Por falar nisso — disse ela espontaneamente — algum de vocês ouviu alguma vez o General Borzov se queixar de dor de cabeça ou qualquer outro tipo de mal-estar? Especialmente no dia do banquete?

Wakefield sacudiu a cabeça.

— Não — disse Janos. — Por que pergunta?

— Bom, eu pedi ao diagnosticador portátil, com base nos dados biométricos de Borzov, que me desse causas possíveis para seus sintomas, uma vez que o general *não* estava com apendicite. A causa mais provável foi listada como reação a drogas. Uma probabilidade de 62%. Pensei que ele pudesse ter tido alguma reação adversa a algum medicamento.

— Verdade? — disse Janos, com sua curiosidade estimulada. — Por que você nunca me disse nada sobre isso antes?

— Eu estive para dizer... várias vezes — respondeu Nicole. — Mas não me pareceu que estivesse interessado. Lembra-se quando eu parei no seu quarto na Newton no dia seguinte ao da morte do General Borzov? Foi logo depois da reunião da tripulação. Pela sua reação, deduzi que não queria mais remoer...

— Incrível! — disse Janos sacudindo a cabeça. — Como nós, os humanos, fracassamos em nossas tentativas de nos comunicar! Estava só com dor de cabeça. Nem mais, nem menos. E por certo não tive qualquer intenção de dar a entender que não queria falar a respeito da morte de Valeriy.— Por falar em comunicação — disse Nicole, levantando-se, cansada, do catre — eu tenho de ir ver o Dr. Brown e o Almirante

Heilmann antes de ir para a cama — ela olhou para Wakefield.

—

Muito obrigada por sua ajuda, Richard. Só queria poder dizer que me sinto melhor agora.

Nicole foi caminhando ao lado de Janos. — Desculpe, amigo — disse ela — eu deveria ter compartilhado toda a minha investigação com você. É provável que ela tivesse acabado muito mais depressa...

— Tudo bem — disse Janos. — Não se preocupe. Vamos, eu caminho com você até a minha suíte.

Nicole pôde ouvir a conversa em voz alta dentro da barraca, antes de bater na porta. David Brown, Otto Heilmann e Francesca Sabatini estavam discutindo sobre a resposta que deveriam dar às mais recentes instruções recebidas da Terra.

— Eles estão reagindo exageradamente — dizia Francesca. — E terão consciência disso tão logo tenham tempo para pensar. Esta não é a primeira missão a sofrer perda de vida humana.

— Mas eles nos *ordenaram* a voltar para a Terra — protestou o Almirante Heilmann.

— Então amanhã nós falamos com eles de novo e explicamos que primeiro queremos investigar Nova York. Takagishi diz que o mar vai começar a derreter em mais ou um ou dois dias, quando teremos de partir de qualquer modo. Além do que, Wakefield, Takagishi e eu realmente ouvimos alguma coisa naquela noite, mesmo que David não acredite em nós.

— Eu não sei, Francesca — estava o Dr. Brown começando a responder, quando ouviu a batida de Nicole. — Quem está aí? — perguntou ele, mal-humorado.

— Cosmonauta des Jardins. Tenho uma importante informação médica...

— Olhe, des Jardins — interrompeu rapidamente Brown — estamos muito ocupados. Será que não dá para esperar até de manhã?

*Tudo bem*, disse Nicole consigo mesma. *Eu posso esperar até de manhã*. Ela não estava mesmo nada ansiosa por responder às perguntas do Dr. Brown sobre as condições do Dr. Takagishi.

— Recebido — ela disse alto, rindo de si mesma por estar usando aquela expressão. Em poucos segundos, Nicole começou a ouvir a discussão que estava sendo retomada, atrás dela. Ela caminhou de volta para sua barraca. *Amanhã tem de ser um dia melhor*, pensou ela enquanto quase se arrastava para deitar em seu catre.

## 31. O PRODÍGIO DE ORVIETO

— Boa-noite, Otto — disse David Brown quando o almirante alemão saiu da barraca. — Nós nos veremos pela manhã. — O Dr. Brown espreguiçou-se e bocejou. Depois olhou o relógio e viu que em pouco mais de oito horas as luzes deveriam voltar.

Ele tirou seu uniforme de vôo, bebeu um copo de água e acabara de deitar em seu catre quando Francesca entrou em sua barraca. — David — disse ela — vamos ter mais problemas. — Ela caminhou até ele e deu-lhe um beijo rápido. — Estive conversando com Janos. Nicole desconfia que Valeriy foi drogado.

— O quêêê? — respondeu ele, sentando-se. — Como é possível? Não havia modo de... "

— Aparentemente há alguns indícios em seus dados biométricos, que ela muito espertamente descobriu. Ela falou sobre isso com Janos hoje à noite.

— Você não reagiu quando ele falou, reagiu? Quero dizer, nós temos de ser absolutamente...

— É claro que não. E, de qualquer modo, Janos não ia desconfiar nunca. Ele é tão inocente! Pelo menos no que se refere a coisas como essa.

— Dane-se aquela mulher — disse Brown — e dane-se sua biometria — ele esfregou o rosto com as mãos. — Que dia! Primeiro, aquele estúpido do Wilson tenta bancar o herói. E agora isto... Eu disse a você que devíamos ter destruído todos os dados da operação. Teria sido tão fácil apagar os dossiês centrais. E então as coisas jamais...

— Ela continuaria a ter os dados biométricos dele — retrucou Francesca. — É lá que estão as provas essenciais. Você teria de ser um gênio absoluto para pegar os dados da operação em si para deduzir o que quer que seja — ela se sentou e abraçou a cabeça de Brown de encontro a seu peito. — Nosso grande erro não foi

quando deixamos de destruir o arquivo, já que isso provocaria suspeitas na AIE. Nosso erro foi o de subestimar Nicole des Jardins.

O Dr. Brown libertou-se do abraço e levantou-se. — Droga, Francesca, a culpa é sua. Eu nunca devia ter deixado você me envolver nisto. Eu sabia muito bem...

— Você sabia muito bem... — Francesca interrompeu incisivamente seu companheiro — que você, Dr. David Brown, não ia participar da primeira surtida na Rama. Sabia muito bem que seus milhões futuros como herói e líder aparente da expedição estariam seriamente comprometidos se ficasse a bordo da Newton — Brown parou de caminhar de um lado para outro e encarou Francesca. — Você sabia muito bem — continuou ela, com um pouco mais de suavidade — que eu também investira na sua participação nessa primeira surtida. E que podia contar comigo para apoiá-lo.

Ela tomou as mãos dele e arrastou-o de volta para o catre. — Sente-se, David — disse Francesca. — Já discutimos tudo isso. Nós não matamos o General Borzov. Nós simplesmente lhe demos a droga que criou os sintomas de apendicite. Nós tomamos essa resolução juntos. Se Rama não tivesse manobrado e o cirurgião-robô trabalhado mal, nosso plano funcionaria com perfeição. Hoje, Borzov estaria a bordo da Newton, convalescendo de sua apendicectomia, e você e eu estaríamos aqui liderando a exploração de Rama.

David Brown soltou suas mãos das dela e começou a torcê-las. — Eu me sinto tão... sujo — disse ele. — Eu nunca tinha feito nada como isso antes. Quero dizer, queiramos ou não, somos parcialmente responsáveis pela morte de Borzov. E talvez até mesmo pela de Wilson. Poderíamos ser indiciados — ele estava novamente sacudindo a cabeça. — Supostamente, eu sou um cientista — disse ele com expressão infeliz no rosto. — O que aconteceu comigo? Como é que me envolvi com esse tipo de coisa?

— Poupe-me sua integridade — disse rispidamente Francesca. — E não tente enganar a si mesmo. Você não é o homem que

roubou a descoberta astronômica da década de uma aluna de pós-graduação e depois casou com ela para mantê-la em silêncio para o resto da vida? Sua integridade já estava comprometida há muito tempo.— Isso não é justo — disse Brown com petulância. — Eu tenho sido quase sempre honesto. Com exceção...

— Com exceção dos momentos mais importantes para você. Mas que monte de merda! — Francesca levantou-se e começou a caminhar pela barraca. — Vocês homens são muito hipócritas. Preservam suas maravilhosas auto-imagens com as mais espantosas racionalizações. Nunca confessam o que realmente são nem o que realmente querem, nem para vocês mesmos. A maioria das mulheres é mais honesta. Reconhecemos nossas ambições, nossos desejos e até mesmo nossas mais sórdidas necessidades. Admitimos nossas fraquezas e nos vemos como somos, não como gostaríamos de ser.

Ela voltou ao catre e tornou a tomar as mãos de David nas suas. — Você não percebe, querido? Você e eu somos almas irmãs. Nossa aliança é baseada na mais forte ligação que existe... um auto-interesse mútuo. Nós dois somos motivados pelos mesmos objetivos: o poder e a fama.

— Mas isso soa de um modo terrível — disse ele.

— Mas é a verdade. Mesmo que você não a queira admitir para si mesmo. David, querido, será que não percebe que sua indecisão nasce de seu fracasso em reconhecer sua verdadeira natureza? Eu sei exatamente o que quero e jamais me confundo a respeito do que deve ser feito. Meu comportamento é automático.

O físico americano ficou imóvel, sentado ao lado de Francesca, por muito tempo. Finalmente, ele se virou e botou a cabeça no ombro dela. — Primeiro Borzov, e agora Wilson — disse ele com um suspiro. — Parece que levei uma surra. Queria que nada disso tivesse acontecido.

— Você não pode desistir, David — disse ela, acariciando-lhe a cabeça. — Já fomos longe demais. E o grande prêmio agora está ao

nosso alcance.

Francesca estendeu a mão para ele e começou a tirar-lhe a camisa. — Tem de compreender que enquanto estivermos nisso juntos — disse ela começando a tirar as próprias roupas — podemos tirar força um do outro. — Ela ficou de pé diante de David e obrigou-o a olhar para ela.

— Depressa — disse ele com impaciência. — Eu já estava...

— Não se preocupe tanto — respondeu langorosamente Francesca, começando a tirar as calças. — Comigo você nunca teve problemas — Francesca sorriu de novo ao abrir os joelhos dele e apertar o rosto do americano contra seus seios. — Lembre-se — disse ela, puxando com facilidade as cuecas com a mão que estava livre — que eu não sou Elaine.

Ela estudou David Brown enquanto ele dormia a seu lado. A tensão e a angústia que há poucos minutos dominavam aquele rosto foram substituídas por um despreocupado sorriso de menino. *Os homens são tão simples*, pensava Francesca. *O orgasmo é o alívio perfeito para a dor. Eu queria que ele fosse mais fácil para nós.*

Ela escorregou para fora do pequeno catre e tornou a vestir suas roupas, tomando o maior cuidado de não perturbar seu amigo adormecido. *Mas você e eu continuamos a ter um grande problema*, disse ela consigo mesma, enquanto acabava de se vestir, *que teremos de enfrentar depressa. E será mais difícil porque estaremos tratando com uma mulher.*

Francesca caminhava do lado de fora de sua barraca, na escuridão de Rama. Havia umas poucas luzes perto dos suprimentos, no outro lado do acampamento, mas de qualquer forma Beta estava escuro. Todos os outros estavam dormindo. Ela ligou sua pequena lanterna de mão e partiu rumo ao sul, em direção ao mar Cilíndrico.

*Mas então o que é que a senhora quer, Madame Nicole des Jardins ?, pensava ela enquanto caminhava. E qual é seu ponto fraco, seu calcanhar-de-aquiles?* Durante vários minutos, Francesca examinou todo o seu banco de memória sobre Nicole, tentando encontrar alguma falha de personalidade ou caráter que pudesse ser explorada. *Dinheiro não é a resposta. Nem sexo tampouco, pelo menos comigo.* Ela riu, sem querer. *E por certo com David também não. É mais do que óbvio que você não gosta dele.*

*Que tal uma chantagem?*, perguntou-se Francesca, quando chegava perto da margem do mar Cilíndrico. Ela lembrou-se da forte reação de Nicole à sua pergunta sobre o pai de Geneviève. *Talvez... se eu soubesse a resposta dessa pergunta... mas não sei.*

Francesca estava momentaneamente perplexa. Não conseguia nenhum modo de comprometer Nicole des Jardins. Agora as luzes do acampamento, que deixara para trás, já mal se viam. Francesca apagou sua lanterna e sentou-se com o maior cuidado, ficando com os pés pendurados para fora do precipício. Pendurar as pernas assim, acima daquele solo congelado do mar Cilíndrico, trouxe de volta toda uma série de lembranças de sua infância em Orvieto. Aos 11 anos, apesar de uma série de advertências sobre saúde que a assaltavam por todo lado, decidiu começar a fumar cigarros. Todo dia, depois do colégio, descia o caminho que serpenteava pela colina até a planície abaixo da cidade, para se sentar na margem de seu rio favorito. Ali fumava em silêncio, como um ato de solitária rebelião. Naquelas tardes preguiçosas, vivia um fantasioso mundo de castelos e príncipes, a milhões de quilômetros de sua mãe e seu padrasto.

A lembrança daqueles momentos de adolescência produziram em Francesca o desejo irreprimível de fumar. Vinha tomando suas pílulas de nicotina durante toda a missão, mas elas só satisfaziam seu físico viciado. Rindo sozinha, enfiou a mão em um dos bolsos especiais de seu uniforme de vôo. Francesca escondera três cigarros em uma embalagem especial que os mantinha frescos, dizendo-se,

antes de partir da Terra, que eles só estavam ali "para caso de emergência".

Fumar em uma espaçonave extraterrestre era ainda mais ultrajante do que fumar aos 11 anos. Francesca queria gritar de prazer quando deitou a cabeça para trás e expeliu a fumaça para o ar ramaiano. Aquele ato deu-lhe a sensação de estar livre, liberada. De algum modo, a ameaça representada por Nicole des Jardins deixou de parecer séria.

Enquanto fumava, Francesca rememorou a aguda solidão daquela menina que se escondia pelas encostas da velha Orvieto. E lembrou-se também do terrível segredo que guardara trancado em seu coração para sempre. Francesca jamais contara a alguém a respeito de seu padrasto, com certeza não a sua mãe, e raramente ainda pensava no assunto. Mas ali, sentada na margem do mar Cilíndrico, a angústia de sua infância reapareceu-lhe em nítido relevo.

*Começou depois que fiz 11 anos, pensou ela, mergulhando de volta nos detalhes de sua vida de 18 anos antes. A princípio, eu não tinha a menor idéia do que o bastardo queria.* Ela tirou nova e funda tragada de seu cigarro. *Nem mesmo quando ele começou a me trazer presentes sem qualquer motivo.*

Ele era diretor de seu novo colégio. Ao fazer sua primeira bateria completa de testes de aptidão, Francesca alcançara os mais altos resultados da história de Orvieto. Ela era fora-de-série, um prodígio.

Até então, ele jamais a notara. Ele se casara com sua mãe 18 meses antes e os gêmeos nasceram quase que imediatamente. Francesca era um troçoço, não passava de uma peça da mobília de sua mãe.

*Durante vários meses ele foi especialmente gentil para comigo. E então mamãe foi visitar a tia Carla por alguns dias.* As dolorosas lembranças acorreram, precipitando-se como uma torrente por sua mente. Ela se lembrava do bafo de vinho no hálito do padrasto, de

seu suor contra o seu corpo, de suas lágrimas depois que ele saíra do quarto dela.

O pesadelo durara mais de um ano. Ele a violentava sempre que a sua mãe não estava em casa. Certa noite, quando ele estava vestindo suas roupas e olhando para outro lado, ela o atingira na nuca com um bastão de beisebol de alumínio. Seu padrasto caíra ao chão, ensangüentado e inconsciente. Ela o arrastou até a sala e o deixou lá.

*Ele jamais tornou a me tocar, lembrou-se Francesca, apagando seu cigarro na poeira ramaiana. Tornamo-nos estranhos em uma mesma casa. A partir de então, passei a maior parte de meu tempo com Roberto e seus amigos. Eu estava só esperando por minha oportunidade. Eu já estava pronta quando Carlo apareceu.*

Francesca tinha 14 anos no verão de 2184, e passava a maior parte de seu tempo vagabundeando pela praça principal de Orvieto. Seu primo mais velho, Roberto, acabara de obter seu certificado como guia de turismo para a catedral na praça. O velho Duomo, principal atração turística da cidade, fora construído em etapas, a partir do século XIV. A igreja era uma obra-prima artística e arquitetônica. Os afrescos de Luca Signorelli na capela de San Brizio eram universalmente louvados como os melhores exemplos de pintura imaginativa do século XV fora do Vaticano.

Tornar-se um guia oficial do Duomo era considerado um grande feito, sobretudo aos 19 anos. Francesca orgulhava-se muito de Roberto. Ela o acompanhava em seu itinerário, mas só quando concordava, de antemão, em não constrangê-lo com suas piadas.

Certa tarde de agosto, logo depois do almoço, uma elegante limusine parou na *piazza*, perto do Duomo, e o motorista requisitou um guia do escritório de turismo. O cavalheiro na limusine não fizera reserva, e Roberto era o único guia disponível. Francesca ficou observando, com grande curiosidade, enquanto um homem bonito e baixo, de 30 e poucos ou 40 e poucos anos saltou do banco

de trás do carro e apresentou-se a Roberto. Os automóveis banidos da parte superior de Orvieto há mais de 100 anos, exceto com permissão especial, de modo que Francesca sabia que o homem tinha de ser um indivíduo excepcional.

Como sempre, Roberto começou o *tour* com os relevos esculpidos por Lorenzo Maitani nos portais exteriores da igreja. Ainda curiosa, Francesca ficou de pé, quase ao lado, fumando em silêncio, enquanto o primo explicava a importância das estranhas figuras demoníacas na base de uma das colunas. — Esta é uma das mais antigas representações conhecidas do Inferno — disse Roberto, apontando para um grupo de figuras dantescas. — O conceito de inferno no século XIV implicava uma interpretação extremamente literal da Bíblia.

— Arrá! — exclamou repentinamente Francesca, deixando cair seu cigarro nas pedras do chão e caminhando na direção de Roberto e do bonitão desconhecido. — Era também um conceito muito masculino do inferno. Repare como um grande número de demônios tem seios, enquanto que a maioria dos pecados retratados é sexual. Os homens sempre acreditaram que foram criados perfeitos; as mulheres é que os ensinaram a pecar.

O estranho surpreendeu-se com o aparecimento daquela adolescente desengonçada expelindo fumaça pela boca. Reconheceu-lhe de imediato a beleza natural e era óbvio que era inteligente. Quem seria?

— Esta é a minha prima Francesca — disse Roberto, manifestamente confuso com a interrupção.

— Carlo Bianchi — disse o homem, estendendo a mão. A mão era úmida. Francesca olhou para o rosto dele e percebeu que estava interessado. Ela sentiu seu coração pular no peito. — Se ficar ouvindo o Roberto, a única coisa que receberá será o *tour* oficial. Ele omite todos os pedacinhos mais suculentos.

— Enquanto que você, mocinha...

— Francesca — disse ela.

— Isso, Francesca. Você tem um *tour* pessoal?

Francesca abriu seu mais lindo sorriso. — Eu leio muito. Sei tudo a respeito dos artistas que trabalharam na catedral, principalmente o pintor Luca Signorelli — fez uma ligeira pausa. — O senhor sabia— continuou ela — que Miguel Ângelo veio aqui estudar os nus de Signorelli, antes de pintar o teto da Capela Sistina?

— Não, não sabia — riu Carlo, com prazer, pois já estava fascinado. — Mas agora já sei. Venha. Junte-se a nós. Você pode ampliar tudo o que seu primo Roberto diz.

Ela adorou o jeito de ele ficar olhando para ela. Era como se a estivesse avaliando, como se ela fosse um bom quadro ou um colar precioso, com os olhos sem perder nada, ao passearem abertamente por todo o seu corpo. E seu riso fácil a encorajava. Os comentários de Francesca foram se tornando cada vez mais escandalosos e safados.

— Está vendo aquela pobre moça nas costas do demônio? — disse ela enquanto eles olhavam para a estonteante gama de gênio exibida nos afrescos de Signorelli na capela de San Brizio. — Parece estar querendo comer o demônio por trás, não parece? Sabe quem ela é? Seu rosto e seu corpo nu são um retrato da namorada de Signorelli. Enquanto ele se arrebatava de trabalhar aqui, dia após dia, ela resolveu dar umas voltinhas com um ou dois duques, porque estava entediada. Luca ficou possesso. Então se vingou, condenando-a a cavalgar para sempre nas costas de um demônio.

Quando parou de rir, Carlo perguntou a Francesca se ela achava que a punição da moça tinha sido justa. — É claro que não — replicou a mocinha de 14 anos. — Isso não passa de mais um exemplo do chauvinismo do século XV. Os homens podiam *encaçapar* todo mundo e eram chamados de *viris*; mas era só uma mulher tentar se satisfazer que...

—*Francesca!*— interrompeu Roberto. — Agora chega, isso já é demais. Sua mãe matava você se ouvisse o que está dizendo...

— Minha mãe, no momento, é irrelevante. Estou falando sobre uma duplicidade de padrões de comportamento que ainda existe hoje em dia. É só olhar para...

Carlo Bianchi mal podia acreditar em sua sorte. Um rico desenhista de roupas de Milão, famoso no mundo inteiro desde os 30 anos, por um capricho repentino alugara um carro para levá-lo até Roma em vez de viajar no trem de alta velocidade. Sua irmã Mônica lhe falara da beleza do Duomo em Orvieto, e parar ali fora outra decisão de última hora. E agora, vejam só. A menina é um petisco esplêndido.

Quando o *tour* acabou, ele convidou Francesca para jantar. Mas quando chegaram na porta do restaurante mais elegante de Orvieto, ela empacou. Carlo compreendeu. Ele a levou a uma loja e comprou-lhe um vestido novo, caro, com todos os acessórios adequados. Ficou estarecido diante de sua beleza. E só com 14 anos!

Francesca jamais bebera vinho realmente bom. Ela o bebeu como se fosse água. Cada prato era tão delicioso que ela gemia literalmente. Carlo ficou encantado com aquela mulher-criança. Ele adorava o jeito dela deixar o cigarro pendurado em um canto da boca. Era de uma pureza, de um delicioso modo desajeitado.

Quando a refeição acabou, já estava escuro. Francesca caminhou ao lado dele até a limusine estacionada na frente do Duomo. Quando passavam por uma viela escura, ela, em tom de brincadeira, esticou-se e mordiscou a orelha dele. Ele imediatamente puxou-a para si e retribuiu com um explosivo beijo. A onda subindo por sua ilharga o avassalou.

Francesca também sentiu o mesmo, e não hesitou sequer um segundo quando Carlo sugeriu que fossem dar uma volta de carro. Quando a limusine chegou aos arredores de Orvieto, ela estava montada em cima dele no banco de trás. Trinta minutos mais tarde, quando acabaram de fazer amor pela segunda vez, Carlo não podia nem pensar na idéia de se separar daquela mocinha inacreditável. E perguntou a Francesca se iria com ele para Roma.

— *Andiamo* — respondeu ela, com um sorriso.

*E então fomos para Roma e depois para Capri, lembrou-se Francesca. Paris por uma semana. Em Milão, você me botou para morar com Monica e Luigi. Por uma questão de aparência. Os homens estão sempre preocupados com a aparência.*

O momento de sonho de Francesca foi quebrado quando ela pensou ouvir passos a distância. Cuidadosamente, levantou-se no escuro e ficou ouvindo. Era-lhe difícil escutar qualquer coisa senão sua própria respiração. Em seguida, ouviu novamente o mesmo som, mais para a esquerda. Seus ouvidos diziam-lhe que o som vinha do gelo. Uma explosão de medo inundou-a com imagens de alguma bizarra criatura proveniente do gelo atacando o acampamento. Ela procurou escutar atentamente, mas não ouviu nada.

Francesca voltou-se novamente na direção do acampamento. *Eu o amei, Carlo*, disse ela consigo mesma, *se é que algum dia cheguei a amar algum homem. Mesmo depois que você começou a me repartir com seus amigos. Mais lembranças dolorosas, há muito enterradas, afloraram, e Francesca lutou com raiva contras elas. Até você começar a me bater. Foi o que acabou com tudo. Você provou que era um verdadeiro filho da puta.*

Francesca afastou deliberadamente suas lembranças. *Onde é que estávamos?*, pensou ela ao se aproximar da barraca. *Já me lembro. O problema era Nicole des Jardins. Quanto será que ela realmente sabe? E o que será que vamos fazer a respeito?*

## 32. O EXPLORADOR DE NOVA YORK

A pequenina campainha de seu relógio de pulso acordou o Dr. Takagishi de um sono profundo. Por alguns momentos, ele ficou desorientado, incapaz de se lembrar onde estava. Sentou-se em seu catre e esfregou os olhos. Mas, ao fim de algum tempo, lembrou-se de que estava dentro de Rama e que o despertador fora marcado para despertá-lo após cinco horas de sono.

Ele se vestiu no escuro. Quando acabou, pegou uma sacola grande e remexeu-a durante vários segundos. Satisfeito com a verificação de seu conteúdo, jogou a alça por sobre o ombro e saiu de sua barraca. O Dr. Takagishi espiou para fora cautelosamente, mas não viu luz em nenhuma outra barraca.

A maior autoridade mundial em Rama caminhou para fora do acampamento, na direção do mar Cilíndrico. Quando atingiu a borda, desceu lentamente para a superfície gelada pela escada cortada no penhasco de 50 m. Takagishi sentou-se no degrau de baixo, escondido junto à base do penhasco. Removeu certos pinos especiais de dentro de sua sacola e prendeu-os à sola de seus sapatos. Antes de sair andando pelo gelo, o cientista calibrou seu equipamento individual de navegação para que pudesse ter uma direção constante depois de abandonar a linha da praia.

Quando estava a cerca de 200 m da beira, o Dr. Takagishi enfiou a mão no bolso para tirar seu monitor meteorológico portátil, que caiu no chão, fazendo um pequeno ruído seco na noite tranqüila. Takagishi apanhou-o em poucos segundos. O monitor informou-o de que a temperatura era de -2 graus centígrados, e que uma brisa de oito quilômetros por hora estava vindo do outro lado do gelo. Takagishi inspirou profundamente e ficou atônito ao sentir um odor peculiar porém familiar. Perplexo, inspirou novamente, desta vez concentrando-se no cheiro. Não havia dúvida — era fumaça de cigarro! Apagou precipitadamente sua lanterna e ficou imóvel no gelo. Sua mente começou a operar febrilmente, em

busca de uma explicação. Francesca Sabatini era a única da equipe de cosmonautas que fumava. Teria ela, de algum modo, seguido seus passos desde o acampamento? Teria ela visto a lâmpada de seu monitor meteorológico?

Ele ficou na escuta, mas não ouviu nada na noite ramaiana. Mas continuou na escuta. Quando o cheiro de cigarro desaparecera há vários minutos, o Dr. Takagishi continuou sua caminhada pelo gelo, parando a cada quatro ou cinco passos, a fim de ter a certeza de que não estava sendo seguido. Eventualmente, convenceu-se de que Francesca não estava atrás dele. No entanto, o cauteloso Takagishi não tornou a acender sua lanterna enquanto não andou mais de um quilômetro e começou a se preocupar com a possibilidade de estar se afastando de seu rumo.

Ao todo, levou 45 min para atingir a outra borda do mar e a cidade-ilha de Nova York. Quando estava a 100 m da borda, o cientista japonês tirou uma lanterna maior da sacola e acendeu seu poderoso foco. As fantasmagóricas silhuetas dos arranha-céus provocaram um arrepio de alegria em sua espinha. Finalmente estava lá! Finalmente ia poder buscar as respostas para toda a sua vida de perguntas, sem ser atrapalhado pelas decisões arbitrárias de qualquer outra pessoa.

O Dr. Takagishi sabia exatamente onde queria ir em Nova York. Cada uma das seções circulares da cidade ramaiana era novamente subdividida em três partes angulares, como fatias de uma torta. No centro de cada uma das três seções havia um centro, ou *piazza*, em torno do qual o resto dos edifícios e ruas eram organizados. Como menino, em Quioto, depois de ler tudo o que pôde encontrar sobre a primeira expedição a Rama, Takagishi imaginava como seria ficar de pé no centro de uma dessas estranhas praças e olhar para cima, para os edifícios criados por seres de uma outra estrela. Takagishi tinha certeza não só de que os segredos de Rama podiam ser compreendidos pelo estudo de Nova York, como também que aquelas três praças eram a localização mais provável das pistas do misterioso objetivo do veículo interestelar. O mapa de Nova York

desenhado pelos primeiros exploradores de Rama estava tão firmemente gravado na mente de Takagishi quanto o de Quioto, onde ele nasceu e foi criado. Todavia, a primeira expedição tivera apenas um tempo limitado para examinar Nova York. Das nove unidades funcionais, só uma fora mapeada em detalhe; os antigos cosmonautas presumiram simplesmente, com base em tais observações limitadas, que todas as outras unidades eram idênticas.

À proporção que os passos rápidos de Takagishi o levavam cada vez mais para o fundo do ameaçador silêncio de uma parte da seção central, algumas diferenças sutis entre este segmento particular de Rama e o estudado pela tripulação de Norton (eles estudaram uma fatia adjacente) começaram a aparecer. O plano geral das ruas principais nas duas unidades era o mesmo; no entanto, quando o Dr. Takagishi foi chegando mais perto da praça, as ruas menores dividiam-se em esquema um pouco diverso do desenhado pelos primeiros exploradores. O cientista em Takagishi obrigou-o a parar por várias vezes, a fim de anotar as variações em seu computador de bolso.

Ele entrou na região que circundava imediatamente a praça, onde as ruas corriam em círculos concêntricos. Atravessou três avenidas e viu-se diante de um imenso octaedro, com cerca de 100 m de altura, e com a parte de fora espelhada. Sua poderosa lanterna refletiu seu foco na superfície e depois este foi bater nos vários edifícios a seu redor. O Dr. Takagishi caminhou lentamente em torno do octaedro, procurando por alguma entrada, mas não encontrou nada.

Do outro lado daquela estrutura de oito lados, no centro da praça, havia um grande espaço circular, sem edifícios altos. Shigeru Takagishi andou deliberadamente em volta de todo o perímetro do círculo, estudando os edifícios ao redor enquanto caminhava. Com isso, adquiriu novas perspectivas a respeito dos objetivos daquelas estruturas. Quando ele se virava para dentro, a intervalos regulares, para investigar a própria área da praça, não via nada de

inusitado ou de particularmente notável. No entanto, digitou em seu computador a existência de várias caixas metálicas, sem qualquer característica, que dividiam a praça em partes.

Quando chegou de novo à frente do octaedro, o Dr. Takagishi enfiou a mão na sacola e tirou uma fina chapa hexagonal coberta de circuitos eletrônicos. Colocou o aparato científico na praça, a três ou quatro metros de distância do octaedro, e depois gastou dez minutos verificando com seu transmissor-receptor se todos os instrumentos estavam funcionando adequadamente. Quando o cientista japonês completou a verificação, deixou rapidamente a praça e se dirigiu para o mar Cilíndrico.

Takagishi estava no meio da segunda avenida concêntrica quando ouviu um ruído breve, como um borbulho, atrás dele, na praça. Virou-se, mas não se mexeu. Alguns segundos mais tarde, ouviu um som diferente. Este último Takagishi reconheceu, da primeira surtida, tanto o das escovas de metal se esfregando quanto o canto em alta frequência embutido nele. Acendeu a lanterna na direção da praça. O som parou. Apagou a lanterna e ficou quieto no meio da avenida.

Vários minutos mais tarde o esfregar das escovas recomeçou. Takagishi moveu-se furtivamente através das duas avenidas e começou a circundar o octaedro no sentido do ruído. Quando estava quase chegando na praça, um *bip* saindo de sua sacola quebrou sua concentração. Ao desligar o alarme, que indicava que o conjunto científico que ele colocara na praça já estava apresentando mau funcionamento, houve um silêncio total em Nova York. Novamente o Dr. Takagishi esperou, mas desta vez o ruído não reapareceu.

Ele respirou fundo para se acalmar e procurou reunir toda a sua coragem. De algum modo sua curiosidade conseguiu vencer seu medo e o Dr. Takagishi voltou até a praça em frente ao octaedro para descobrir o que acontecera aos instrumentos científicos. Sua primeira surpresa foi a de que a embalagem hexagonal desaparecera do lugar onde a deixara. Para onde poderia ter ido? Quem ou o que poderia tê-la tirado?

Takagishi sabia que estava à beira de uma descoberta científica de transcendental importância. E também estava aterrorizado. Lutando contra um intenso desejo de fugir, acendeu o forte foco de luz de sua lanterna na direção da praça, esperando encontrar uma explicação para o desaparecimento da estação científica. Os raios se refletiram num pequeno pedaço de metal a uns 30 ou 40 m mais perto do centro da praça e instintivamente soube que o reflexo vinha do pacote de instrumentos. Ele correu para onde o vira.

Ajoelhando-se, examinou o equipamento eletrônico. Não havia qualquer dano óbvio. Ele acabara de pegar seu transmissor-receptor para começar uma checagem metódica de todos os instrumentos científicos quando notou um objeto que parecia uma corda, com uns 15 cm de diâmetro, na margem da área de luz que a lanterna lançava em volta do pacote científico. O Dr. Takagishi pegou sua lanterna e caminhou até o objeto. Ele era listrado, preto e dourado, e se estendia por uma distância de uns 12 m, desaparecendo atrás de uma estranha cabana de cerca de três metros de altura. Ele apalpou a grossa corda. Era macia e meio peluda em cima. Quando tentou virá-lo, o objeto começou a se mover. Takagishi largou-o imediatamente e ficou olhando enquanto ele deslizava para longe dele, na direção da cabana. O movimento era acompanhado pelo som de escovas se esfregando contra metal.

O Dr. Takagishi podia ouvir o som de sua própria pulsação. Novamente, pensou em fugir dali. Lembrou-se de suas meditações iniciais — quando era garoto — no jardim de seu guia de Zen. Não queria sentir medo. Ordenou a seus pés que andassem na direção do seu abrigo.

A corda preta e dourada desapareceu. Houve silêncio na praça. Takagishi aproximou-se da cabana com o foco de luz voltado para o chão, no ponto em que a grossa corda estivera visível pela última vez. Na soleira, lançou o fecho de luz para dentro da cabana. Não podia acreditar no que via. Uma massa de tentáculos pretos e dourados que estremeciam sob a luz.

Um guincho de alta frequência explodiu repentinamente em seus ouvidos. O Dr. Takagishi olhou por cima do ombro esquerdo e ficou siderado. Seus olhos se esbugalharam. Seu grito perdeu-se enquanto o ruído foi-se intensificando e três dos tentáculos esticaram-se para tocá-lo. As paredes de seu coração cederam e ele caiu, já morto, nas garras daquela criatura espantosa.

### 33. DESAPARECIDO

— Almirante Heilmann?

— Pois não, General O'Toole.

— O senhor está sozinho?

— Sim. Acabei de acordar há alguns minutos. Meu encontro com o Dr. Brown é só daqui a uma hora. Por que está me chamando tão cedo?

— Enquanto o senhor dormia, recebi uma mensagem em código, de sigilo máximo, do quartel-general militar da OCG. É sobre Trinity. Eles queriam saber o *status*.

— O que quer dizer, general?

— Esta linha é segura, almirante? O senhor desligou o gravador automático?

— Agora desliguei.

— Eles fizeram duas perguntas. Borzov morreu sem dizer a ninguém seu RQ? Alguém mais na tripulação sabe a respeito de Trinity?

— O senhor sabe as respostas das duas perguntas.

— Eu queria ter certeza de que o senhor não conversou com o Dr. Brown. Eles insistiram que eu verificasse com o senhor antes de codificar minha resposta. O que é que o senhor acha de tudo isso?

— Não sei, Michael. Talvez alguém na Terra esteja ficando nervoso. A morte de Wilson provavelmente os assustou.

— A mim assustou com certeza. Mas não a ponto de eu pensar a respeito de Trinity. Será que eles sabem de alguma coisa que nós não sabemos?

— Bom, acho que logo, logo saberemos. Todos os dirigentes da AIE vêm insistindo para que nós evacuemos Rama na primeira oportunidade que tivermos. Eles não gostaram de nossa decisão de

primeiro descansar a tripulação durante várias horas. Desta vez, não creio que mudarão suas idéias.

— Almirante, lembra-se daquela discussão hipotética que tivemos com o General Borzov, durante o cruzeiro, sobre as condições nas quais viríamos a ativar Trinity?

— Vagamente. Por quê?

— Ainda discorda com a insistência dele de que precisaríamos saber *por que* a contingência Trinity estaria sendo requerida? Sei que disse naquele momento que se a Terra julgasse que um grande perigo era iminente, pessoalmente não sentiria a necessidade de saber qual o raciocínio por trás de tal decisão.

— Temo não estar acompanhando seu pensamento, general. Por que está me fazendo todas essas perguntas?

— Eu gostaria de ter a sua permissão, Otto, quando eu codificar a resposta ao quartel-general militar da OCG, de descobrir por que eles estão fazendo indagações a respeito do *status* de Trinity neste exato momento. Se estamos em perigo, temos o direito de sabê-lo.

— Pode pedir mais informações, Michael, mas aposto que essas indagações são puramente rotineiras.

Janos Tabori acordou enquanto ainda estava escuro dentro de Rama. No momento em que vestia o uniforme de vôo, fez uma lista mental das atividades que seriam necessárias para transportar o biota-caranguejo para a Newton. Se a ordem para deixar Rama fosse confirmada, eles partiriam logo depois do nascer do sol. Janos consultou o procedimento formal de evacuação armazenado em seu computador de bolso e o pôs em dia acrescentando as novas tarefas associadas ao biota.

Ele verificou seu relógio. A aurora estava a 15 min, pressupondo, é claro, que o ciclo diurno de Rama fosse regular. Janos riu consigo mesmo. Rama já tinha produzido um tal número

de surpresas que não havia certeza de que as luzes voltassem no horário programado. Se aparecessem, no entanto, Janos queria ver o "nascer do sol" ramaiano. Ele podia comer seu desjejum depois da aurora.

A 100 m de sua barraca o biota-caranguejo enjaulado estava imóvel, como estava na véspera, desde a hora em que foi içado para longe de seus companheiros. Janos acendeu sua lanterna e dirigiu a luz através da parede transparente mas forte da jaula e verificou se havia qualquer sinal de que o biota se tivesse mexido durante a noite. Após verificar que ele não mudara de posição, Janos afastou-se do acampamento Beta na direção do mar.

Enquanto esperava o jorro de luz, ele se viu pensando no final de sua conversa com Nicole na noite anterior. Havia qualquer coisa que não estava certa na maneira displicente com que ela revelou a possível causa das dores do General Borzov na noite em que ele morreu. Janos lembrou-se claramente do apêndice saudável; não havia dúvida de que o primeiro diagnóstico fora incorreto. Mas por que Nicole não lhe falara a respeito do diagnóstico de apoio, que se referia a drogas? Principalmente se ela estava investigando a questão...

Janos chegou à conclusão de que ou a Dra. des Jardins perdera a confiança na capacidade dele, ou então, de algum modo, suspeitava que ele próprio poderia ter dado alguma droga ao General Borzov, sem consultá-la. Fosse qual fosse a razão, ele tinha de saber o que ela estava pensando. Uma idéia estranha, nascida de sua própria sensação de culpa, cruzou-lhe a mente. Seria possível, refletiu ele, que Nicole de algum modo soubesse a respeito do projeto Schmidt-Hagenest e desconfiasse de nós quatro?

Pela primeira vez, o próprio Janos imaginou se talvez as dores do General Borzov poderiam não ter sido naturais. Ele se lembrou da caótica reunião que eles quatro tiveram duas horas depois de David Brown descobrir que seria deixado a bordo da Newton durante a primeira surtida. — Você tem de falar com ele, Otto —

dissera o frustrado Dr. Brown ao Almirante Heilmann. — Precisa convencê-lo a mudar de idéia.

Otto Heilmann então admitiu que era muito pouco provável que o General Borzov alterasse designações de pessoal a pedido seu. — Nesse caso — respondera com raiva o Dr. Brown — podemos dizer adeus a todos os prêmios de incentivo de nossos contratos.

Ao longo de toda a reunião, Francesca Sabatini permanecera tranqüila e aparentemente despreocupada. Ao sair, Janos ouvira o Dr. Brown repreendendo-a. — E por que está tão calma? — disse ele. — Você perde tanto quanto qualquer de nós. Ou será que tem algum plano que desconheço?

Janos vislumbrara o sorriso de Francesca apenas por uma fração de segundo, porém dissera consigo mesmo que ela parecia estranhamente confiante. Agora, enquanto o cosmonauta Tabori aguardava a aurora em Rama, aquele sorriso veio persegui-lo. Com o conhecimento que Francesca tinha de drogas, ficaria bem dentro da capacidade dela dar ao General Borzov alguma coisa que induzisse sintomas de apendicite. Mas será que ela faria algo tão... tão escandalosamente desonesto, só para ampliar o valor de seu projeto de mídia pós-missão?

Novamente Rama foi instantaneamente inundada de luz. Como sempre, foi uma festa para os olhos. Janos virou-se lentamente, olhando em todas as direções e estudando as duas tigelas das extremidades daquela estrutura imensa. Com a luz agora brilhando tão intensamente, ele resolveu conversar com Francesca na primeira oportunidade.

Foi Irina Turgenyev, estranhamente, quem fez a pergunta. Os cosmonautas já quase tinham acabado o desjejum. O Dr. Brown e o Almirante Heilmann, de fato, já haviam deixado a mesa para realizar outra de suas intermináveis conferências com a administração da AIE. — Onde está o Dr. Takagishi? — disse ela,

inocentemente. — Ele é o último membro da tripulação que eu esperaria que se atrasasse para qualquer coisa.

— Ele não deve ter ouvido o despertador — respondeu Janos Tabori, afastando sua cadeira de dobrar para longe da mesa. — Eu vou verificar.

Quando Janos voltou, dali a um minuto, estava um tanto perplexo. — Ele não está lá — disse, encolhendo os ombros. — Acho que foi dar um passeio.

Nicole des Jardins teve imediatamente uma sensação gélida no estômago e levantou-se abruptamente, sem terminar o desjejum. — Temos de procurar por ele — disse ela sem esconder sua preocupação — ou ele não ficará pronto para partir.

Os outros cosmonautas notaram a agitação de Nicole. — O que é que está acontecendo? — perguntou Richard Wakefield, de bom humor. — Um de nossos cientistas sai para dar um passeiozinho de manhã, sozinho, e a médica da companhia entra em pânico. — Ele ligou seu rádio. — Olá, Dr. Takagishi. Aqui é Wakefield. Esteja onde estiver, quer fazer o favor de nos informar se está passando bem, para podermos acabar nosso desjejum em paz? Houve um longo silêncio. Todos os membros da tripulação sabiam que era obrigatório portar um comunicador em todos os momentos. Era permitido cortar o volume da transmissão, mas a escuta tinha de estar funcionando em toda e qualquer circunstância.

— Takagishi-san — disse a seguir Nicole, com a voz meio embargada. — Está tudo bem? Por favor, responda — durante o prolongado silêncio, a angústia de Nicole aumentou e ela sentiu seu estômago dando um nó. Alguma coisa terrível acontecera com seu amigo.

— Eu já lhe expliquei isso duas vezes, Dr. Maxwell — disse David Brown, exasperado. — Não faz sentido evacuar parte da tripulação. O modo mais eficiente de se procurar o Dr. Takagishi é usando toda a tripulação. Assim que o encontrarmos, todos

daremos o fora de Rama, o mais rápido possível. E, para responder à sua última pergunta, não, este não é um golpe desta tripulação para evitar obedecer à ordem de evacuação.

Ele se virou para o Almirante Heilmann e entregou-lhe o microfone. — Raios, Otto — resmungou ele — fale você com esse idiota burocrático. Ele acha que pode comandar esta missão melhor do que nós, mesmo estando a 100 milhões de km de distância.

— Dr. Maxwell, aqui é o Almirante Heilmann. Concordo inteiramente com o Dr. Brown. De qualquer modo, com toda essa diferença de tempo, não podemos nos dar ao luxo de uma discussão. Vamos continuar com nosso plano. O cosmonauta Tabori ficará comigo aqui no acampamento Beta, para empacotar todo o equipamento pesado, inclusive o biota. Eu coordenarei a busca. Brown, Sabatini e des Jardins vão cruzar o gelo até Nova York, o destino mais provável do professor, se ele foi por vontade própria. Wakefield, Turgenyev e Yamanaka vão procurá-lo nos helicópteros.

Ele fez uma pausa. — Não há necessidade de resposta imediata para esta transmissão. A busca já terá começado antes da chegada de sua próxima mensagem.

De volta à sua barraca, Nicole acondicionou com muito cuidado seus suprimentos médicos. Ela se condenava por não haver previsto que Takagishi poderia tentar por uma última vez visitar Nova York. *Você cometeu outro erro*, disse ela a si mesma. *O mínimo que pode fazer é ter a certeza de estar preparada quando encontrá-lo.* Ela conhecia de cor o procedimento para organização de equipamento pessoal. Mesmo assim, foi parcimoniosa com seus suprimentos de comida e água, a fim de poder levar tudo o que um Takagishi doente ou ferido poderia precisar. Nicole tinha certas dúvidas sobre seus dois companheiros na busca, mas jamais lhe ocorreu que a distribuição dos grupos tivesse sido deliberadamente planejada. Todos conheciam o fascínio do Dr. Takagishi por Nova York. Dadas as circunstâncias, não era de surpreender que Brown e Sabatini a acompanhassem até a principal área de busca.

Pouco antes de deixar a barraca, Nicole viu Richard Wakefield em sua porta. — Posso entrar? — perguntou ele.

— Mas é claro — respondeu ela.

Ele entrou com uma incerteza pouco característica, como se estivesse confuso ou constrangido. — O que é? — perguntou Nicole depois de um silêncio desconfortável.

Ele sorriu. — Bem — disse ele sem jeito — há alguns minutos tinha me parecido uma boa idéia. Agora estou achando meio estúpido... talvez até um pouco infantil — ele estava segurando alguma coisa em sua mão direita. — Eu trouxe uma coisa para você — continuou ele. — Acho que é para dar sorte. Imaginei que talvez gostasse de levá-lo com você para Nova York.

O cosmonauta Wakefield abriu a mão e Nicole reconheceu o bonequinho do Príncipe Hal. — Você pode falar à vontade de bravura e cautela e tudo mais, porém às vezes um pouquinho de sorte é mais importante.

Nicole ficou surpreendentemente comovida. Ela pegou o bonequinho e estudou-lhe os complicados detalhes com admiração. — O príncipe tem alguma qualidade especial que eu deveria conhecer? — perguntou ela com um sorriso.

— Claro que tem — disse Richard, mais animado. — Ele gosta de passar noitadas espirituosas em tavernas com cavaleiros gordos e outros tipos desagradáveis. Ou de combater duques e condes renegados. Ou de fazer a corte a princesas francesas.

Nicole corou um pouco. — Se eu me sentir sozinha e quiser que o príncipe me divirta, o que é que eu faço?

Richard aproximou-se de Nicole e mostrou-lhe um pequenino teclado logo acima das nádegas do Príncipe Hal. — Ele reage a toda uma série de comandos — disse Richard, entregando-lhe um bastãozinho do tamanho de um alfinete. — Isto se adapta perfeitamente aos encaixes nas teclas. Experimente "F" para a fala e "A" para a ação, se quiser que ele se exhiba.

Nicole colocou o pequeno príncipe e o bastãozinho no bolso de seu uniforme de vôo. — Obrigada, Richard — disse ela. — Você foi muito gentil.

Wakefield ficou encabulado. — Bem, sabe, não é grande coisa. É que nós tivemos aí essa onda de má sorte e eu pensei, quero dizer, que talvez...

— Muito obrigada de novo, Richard — interrompeu Nicole. — Agradeço sua preocupação — os dois saíram juntos da barraca.

### 34. ESTRANHOS COMPANHEIROS

O Dr. David Brown era o tipo de cientista teórico que não gostava e nem confiava em máquinas. A maioria de seus trabalhos publicados foram escritos a respeito de assuntos teóricos, porque ele abominava a formalidade e o detalhe da ciência empírica. Os empíricos tinham de lutar com instrumental e, pior ainda, com engenheiros. O Dr. Brown considerava todos os engenheiros como nada mais que carpinteiros ou encanadores supervalorizados. Tolerava sua existência só porque alguns deles eram necessários para que suas teorias algum dia fossem comprovadas por dados concretos.

Quando Nicole inocentemente fez algumas perguntas simples ao Dr. Brown sobre o funcionamento do gelomóvel, Francesca não pôde reprimir uma gargalhada. — Ele não tem a menor idéia — respondeu a jornalista italiana — e pouco se importa com isso. — Você acredita que o homem não sabe sequer dirigir um carro elétrico? Eu já o vi ficar olhando por mais de meia hora para o mais simples robô de processamento de alimentos, tentando, sem sucesso, descobrir como utilizá-lo. Ia morrer de fome se ninguém o ajudasse.

— Ora vamos, Francesca — retrucou Nicole quando as duas estavam subindo no banco da frente do gelomóvel — não pode ser tão mau assim. Afinal, ele tem de usar todos os computadores e equipamentos de comunicações da tripulação, além do sistema de processamento de imagens a bordo da Newton. Você deve estar exagerando.

O teor da conversa era leve e inócuo. O Dr. David Brown atirou-se no banco de trás e deu um suspiro. — Sem dúvida vocês duas, como mulheres excepcionais que são, devem ter alguma coisa mais importante para discutir. Se não, talvez pudessem me explicar por que um cientista japonês lunático abandona o acampamento no meio da noite.

— Segundo o assistente de Maxwell, o obsequioso zero à esquerda Mills, há muita gente na Terra achando que o bom doutor japonês foi seqüestrado pelos ramaianos.

— Vamos, Francesca. Fique séria. Por que resolveria o Dr. Takagishi sair sozinho?

— A minha idéia — disse Nicole lentamente — é a de que ele estava impaciente com o processo de exploração programado. Vocês sabem como ele acredita fervorosamente na importância de Nova York. Depois do acidente com Wilson... bem, ele estava bastante convencido de que haveria uma ordem de evacuação. Quando tornarmos a entrar, se tornarmos a entrar, o mar Cilíndrico já pode ter derretido e será muito mais difícil chegar até Nova York.

A honestidade natural de Nicole estava querendo que ela falasse sobre o problema cardíaco de Takagishi com Brown e Sabatini. Mas sua intuição lhe dizia para não confiar nos dois companheiros. — Só que ele não parece ser do tipo de sair, assim, sem mais aquela — disse Brown. — Eu fico imaginando se ele ouviu ou viu alguma coisa.

— Talvez estivesse com dor de cabeça ou não pudesse dormir por qualquer motivo — sugeriu Francesca. — Reggie Wilson costumava sair andando durante a noite quando a cabeça o incomodava.

David Brown inclinou-se para a frente. — E, por falar nisso — disse ele para Nicole — Francesca me contou que você acha que a instabilidade de Wilson talvez pudesse ter sido exacerbada pelas pílulas para dor de cabeça que ele estava tomando. Você parece saber muito sobre drogas. Fiquei impressionado com a rapidez com que identificou o tipo especial de sonífero que eu havia tomado.

— E por falar em drogas — acrescentou Francesca, após uma pausa — Janos Tabori mencionou alguma coisa sobre uma discussão que vocês tiveram sobre a morte de Borzov. Talvez eu não tenha entendido direito, mas creio que ele disse que você acredita que possa ter havido reação a drogas.

Eles continuavam atravessando o gelo. A conversa fora em tom tranqüilo, aparentemente casual. Não havia razão para suspeitas, mas, disse Nicole consigo mesma enquanto elaborava uma resposta para as palavras de Francesca, *esses dois últimos comentários me pareceram excessivamente tranqüilos. Quase ensaiados.* Ela se virou para olhar para David Brown. Desconfiava que Francesca fosse capaz de fingir sem esforço, mas tinha certeza de poder determinar, pela expressão facial do Dr. Brown, se as perguntas haviam sido preparadas ou não. Ele teve um visível tremor diante do olhar fixo dela.

— O cosmonauta Tabori e eu estivemos conversando sobre o General Borzov e começamos a especular sobre o que poderia ter provocado aquela dor — disse Nicole com ar ingênuo. — Afinal, seu apêndice estava perfeitamente saudável, de modo que alguma coisa deve ter sido responsável por aquele desconforto agudo. Durante a conversa, mencionei a Janos que uma reação adversa a alguma droga poderia ser considerada uma das causas possíveis. Não foi uma afirmação categórica.

O Dr. Brown pareceu aliviado e imediatamente mudou de assunto. No entanto, a resposta de Nicole não satisfez Francesca. *Ou muito me engano ou a jornalista tem mais perguntas a fazer,* pensou Nicole. *Mas não vai fazê-las agora.* Observando Francesca, viu que a italiana não estava prestando a menor atenção ao monólogo do Dr. Brown no banco de trás. Ele estava discutindo a reação da Terra à morte de Wilson, e ela estava profundamente mergulhada em seus pensamentos.

Houve um momento de silêncio depois que Brown terminou seu comentário. Nicole olhou em volta, para toda aquela imensa área de gelo, para os imponentes penhascos a cada lado do mar Cilíndrico e para os arranha-céus de Nova York, bem na frente dela. Rama era um mundo glorioso. Por um instante, ela sentiu uma ferroadada de culpa por não confiarem Francesca e no Dr. Brown. *É uma pena que nós, humanos, não puxemos todos para o mesmo lado. Nem sequer quando nos confrontamos com o infinito.*

— Eu não sei como você conseguiu — Francesca rompera repentinamente seu silêncio, voltando-se para Nicole. — Mesmo depois deste tempo todo, nem mesmo a vídeo-imprensa marrom conseguiu uma pista segura. E ninguém precisa ser gênio para saber quando deve ter acontecido.

O Dr. Brown estava completamente perdido. — Mas de que raios você está falando?

— De nossa famosa oficial das ciências da vida — retrucou Francesca. — Você não acha fascinante que, depois de todo esse tempo, o pai da filha dela continue desconhecido do público?

— *Signora* Sabatini — disse Nicole imediatamente, em italiano. — Como eu já lhe disse certa vez, este assunto não é da sua conta. Não vou tolerar sua interferência em minha vida particular...

— Eu só queria lembrá-la, Nicole — interrompeu Francesca, rapidamente, também em italiano — que você tem segredos que poderia não querer que fossem revelados.

David Brown olhou perplexo para as duas mulheres. Ele não compreendera uma só palavra do último diálogo, e ficou confuso com a óbvia tensão. — Mas então, David — disse Francesca em tom condescendente — você estava me contando sobre o clima emocional na Terra. Acha que vão nos dar ordens de voltar para casa? Ou será que devemos apenas abortar essa surtida específica?

— O Conselho Executivo do OCG foi convocado para uma sessão especial no fim desta semana — respondeu ele depois de uma enigmática hesitação. — O palpite do Dr. Maxwell, no momento, é o de que eles nos dirão para abandonar o projeto.

— Exagerada e típica reação de um grupo de funcionários do governo cujos objetivos básicos sempre foram o de minimizar os riscos lá de baixo — comentou Francesca. — Pela primeira vez na história, seres humanos adequadamente preparados estão explorando o interior de um veículo construído por uma outra inteligência. Mas na Terra os políticos continuam a agir como se

nada de inusitado estivesse acontecendo. São incapazes de uma visão maior. É espantoso.

Nicole des Jardins não prestou atenção ao resto da conversa de Francesca com o Dr. Brown. Sua mente estava concentrada no diálogo anterior. *Ela deve pensar que tenho provas sobre as drogas em Borzov*, disse Nicole para si mesma. *Não há qualquer outra explicação para sua ameaça.*

Quando alcançaram o limite do gelo, Francesca gastou dez minutos armando a câmera-robô e o equipamento de som para uma seqüência que mostrava os três se preparando para a "busca na cidade estranha" de seu colega desaparecido. As queixas de Nicole ao Dr. Brown sobre o desperdício do tempo não foram ouvidas. Ela deixou, no entanto, bem clara a sua desaprovação, recusando-se a participar do vídeo. Enquanto Francesca completava seu trabalho de preparação, Nicole subiu na escada perto deles e estudou aquela cidade de arranha-céus. Atrás e abaixo dela, Nicole ouvia Francesca evocando o drama do momento para seus milhões de telespectadores na Terra.

— Aqui estou eu nos arredores da misteriosa ilha-cidade de Nova York. Foi perto deste mesmo local que o Dr. Takagishi, o cosmonauta Wakefield e eu ouvimos alguns sons estranhos, no início da semana. Temos motivos para suspeitar que Nova York tenha sido o destino do Dr. Takagishi, quando ele abandonou o acampamento Beta ontem à noite para realizar sua exploração solitária e não autorizada...

— O que aconteceu com o professor? Por que não responde quando é chamado pelo comunicador? Ontem, testemunhamos a terrível tragédia com o jornalista Reggie Wilson, que arriscou a própria vida para salvar esta repórter e ficou preso dentro do jipe, incapaz de fugir às garras dos biotas-caranguejos. Teria tido destino semelhante o nosso especialista em Rama? Teriam os extraterrestres que construíram este espantoso veículo há incontáveis milênios talvez criado alguma sofisticada armadilha

destinada a dominar e, afinal, destruir qualquer visitante desavisado? Não temos certeza, mas...

Em sua posição lá no alto, Nicole tentou ignorar Francesca e imaginar a direção que o Dr. Takagishi teria seguido. Consultou os mapas que estavam armazenados em seu computador de bolso. *Ele teria ido para o exato centro geométrico da cidade, concluiu ela. Sempre teve a certeza de que havia uma significação especial nessa geometria.*

## 35. NO ABISMO

Fazia apenas 20 min que eles estavam caminhando por aquele labirinto de ruas, mas já estariam completamente perdidos se não fosse por seus navegadores individuais. Eles não tinham nenhum plano completo para a busca. Simplesmente estavam andando para cima e para baixo naquelas ruas de plano quase aleatório. A cada três ou quatro minutos vinha mais uma transmissão do Almirante Heilmann para o Dr. Brown, e o grupo de busca tinha de procurar um local onde o sinal fosse suficientemente forte.

— Neste passo — comentou Nicole quando eles tornavam a ouvir, muito fraca, a voz de Otto Heilmann no comunicador — nossa busca nunca irá terminar. Dr. Brown, por que não fica parado em um lugar, enquanto Francesca e eu...

— Corta, corta — eles ouviram claramente a voz de Otto quando David Brown mudou-se para um espaço entre dois edifícios altos. — Vocês copiaram esta última transmissão?

— Temo que não, Otto — respondeu Brown. — Quer repetir, por favor.

— Yamanaka, Wakefield e Turgenyev cobriram o terço inferior do Hemicilindro Setentrional. Não há sinal de Takagishi. É pouco provável que tenha ido ainda mais para o norte, a não ser para uma das cidades. Entretanto, nesse caso teríamos encontrado suas pegadas em algum lugar. De modo que é provável que vocês estejam na pista certa.

— Enquanto isso, temos grandes novidades por aqui. O nosso biota-caranguejo capturado começou a se mover há uns dois minutos. Está tentando fugir, mas até agora suas ferramentas mal conseguiram arranhar a jaula. Tabori está trabalhando febrilmente para construir uma outra jaula, maior e mais forte, que envolva todo o conjunto. Vou trazer o helicóptero de Yamanaka de volta para ele poder ajudar Tabori. Ele deve estar aqui a qualquer

momento... Esperem... Há alguma coisa urgente vindo de Wakefield... Vou ligar a voz dele.

O sotaque inglês de Wakefield era inconfundível, mesmo que muito pouco ouvido pelo trio em Nova York. — Aranhas — gritou ele em resposta a uma pergunta do Almirante Heilmann. — Lembra-se do biota-aranha dissecado por Laura Ernst? Pois bem, estamos vendo seis deles logo depois do penhasco meridional. Estão passeando em cima daquela barraca temporária que construímos. E aparentemente alguma coisa consertou aqueles dois biotas-caranguejos mortos, pois os irmãos do nosso prisioneiro estão fazendo sua marcha na direção do Pólo Sul...

— Fotos! — gritou Francesca Sabatini no rádio. — Você estão tirando fotos?

— O que foi isso? Desculpe, mas não registrei.

— Francesca quer saber se estão tirando fotos — esclareceu o Almirante Heilmann.

— Mas é claro, benzinho — disse Richard Wakefield. — Tanto a câmera automática do helicóptero quanto a portátil que você me deu hoje de manhã vêm operando sem interrupção. Os biotas-aranhas são espantosos. Nunca vi nada se mover tão rapidamente... Por falar nisso, algum sinal de nosso professor japonês?

— Ainda não — gritou David Brown, de Nova York. — Vamos muito devagar neste labirinto. Tenho a exata sensação de procurar agulha em palheiro.

O Almirante Heilmann repetiu as informações sobre o desaparecido para Wakefield e Turgenyev no helicóptero. Richard então disse que eles iam voltar a Beta para reabastecer. — E você, David? — perguntou Heilmann. — Em vista de tudo isso, inclusive a necessidade de mantermos aqueles filhos da mãe na Terra informados, não acha que você também devia voltar para Beta? As cosmonautas Sabatini e des Jardins poderiam continuar a busca a

Takagishi. Se necessário, podemos mandar alguém para substituí-lo quando o helicóptero for buscá-lo.

— Não sei, Otto, eu não... — Francesca desligou o transmissor do rádio de David Brown no meio da resposta dele. Ele lhe lançou um olhar de raiva que logo se suavizou.— Temos de conversar sobre isso — disse ela com firmeza. — Diga-lhe que o chamará de volta em uns dois minutos.

Nicole ficou estarelecida com a conversa entre Francesca Sabatini e David Brown. Nenhum dos dois demonstrou a mais remota preocupação com o destino do Dr. Takagishi. Francesca insistia que ela tinha de voltar imediatamente para Beta a fim de cobrir *todas* as histórias que estavam pipocando, enquanto o Dr. Brown estava preocupado porque se afastara da ação "principal" da expedição.

Cada um argumentava que suas razões para voltar eram as mais importantes. E se os dois saíssem de Nova York? Não, isso deixaria a cosmonauta des Jardins sozinha. Talvez ela devesse vir com eles quando reiniciassem a busca de Takagishi dentro de algumas horas, depois que tudo se acalmasse.

Nicole finalmente explodiu. — *Nunca* — gritou ela de repente para os dois — nunca em toda a minha vida vi nada tão egoísta quanto... — ela não conseguiu encontrar uma palavra satisfatória. — Um dos nossos colegas está desaparecido e quase que certamente precisando de nossa ajuda. Ele pode estar ferido ou morrendo, mas vocês só sabem discutir sobre suas mesquinhas prerrogativas pessoais. Dá até nojo.

Ela parou um momento para tomar fôlego. — Deixem que eu lhes diga uma coisa — continuou Nicole ainda fumegando de raiva. — Eu não vou voltar para Beta agora e pouco me importa que me ordenem. Vou ficar aqui e terminar a busca. Ao menos eu tenho as prioridades certas, e sei que a vida de um homem é mais importante do que imagem ou *status*, ou até mesmo do que uma porcaria de um projeto de mídia.

David Brown piscou duas vezes, como se tivesse sido esbofeteado: mas Francesca sorriu. — Ora, ora — disse ela. — Quer dizer então que a nossa reclusa oficial de ciências da vida sabe mais do que nós acreditávamos — ela olhou para David, e depois para Nicole. — Quer nos dar licença um instante, queridinha? Temos alguns assuntos a discutir em particular.

Francesca e o Dr. Brown afastaram-se uns 20 m ao longo da base de um arranha-céu e começaram uma animada discussão. Nicole virou-se para o outro lado, porque estava irritada consigo mesma por haver perdido a paciência. Mais irritada ainda estava ela por haver revelado seu conhecimento do contrato com Schmidt & Hagenest. *Eles vão presumir que Janos me contou*, pensou ela. *Afinal, temos sido amigos íntimos.*

Francesca voltou para se juntar a Nicole enquanto o Dr. Brown chamava o Almirante Heilmann pelo rádio. — David está pedindo que o helicóptero venha encontrar com ele perto do gelomóvel. Ele me garantiu que sabe achar o caminho até lá. Eu fico aqui com você para procurar Takagishi. Desse modo, posso pelo menos fotografar Nova York.

As duas mulheres mal trocaram uma palavra durante a primeira hora de sua busca. Francesca contentou-se em deixar Nicole escolher o caminho. A cada 15 min, elas paravam para se comunicar pelo rádio com o acampamento Beta e obter informações novas a respeito de sua posição. — Vocês estão agora a cerca de dois quilômetros ao sul e a quatro quilômetros a leste do gelomóvel — disse-lhes Richard Wakefield quando pararam para almoçar. Coubera a ele a tarefa de rastrear o percurso delas. — Você estão logo a leste da praça central.

Elas foram primeiro à praça central, pois Nicole pensava que Takagishi tinha se dirigido para lá. Encontraram uma praça aberta, circular, com muitas estruturas baixas, mas nenhum sinal de seu colega. Desde então, Francesca e Nicole haviam visitado duas outras praças e examinado com pente fino todo o comprimento de

duas das fatias de torta centrais. Não encontraram nada, Nicole confessou que já não tinha mais idéias novas.

— Este é um lugar espantoso — respondeu Francesca quando elas começaram a comer seu almoço. Estavam sentadas em cima de uma caixa de metal de mais ou menos um metro de altura. — Minhas fotografias mal conseguem começar a capturar o que é isso. Tudo é tão quieto, tão alto, tão... estranho.

— Alguns desses edifícios não poderiam ser descritos sem suas fotos. Como os poliedros, por exemplo. Há um deles em cada fatia, com o maior de todos sempre logo perto da praça. Eu pergunto se eles significam alguma coisa, e por que estão localizados onde estão.

A tensão emocional das duas mulheres permaneceu reprimida. Elas conversaram um pouquinho sobre o que tinham visto em sua caminhada por Nova York. Francesca ficara particularmente fascinada por um dispositivo parecendo uma treliça que encontraram ligando dois altos arranha-céus da unidade central. — O que você acha que aquela grade ou rede era? — perguntou ela, quase sem interesse.

— Devia ter uns 20 mil entrelaçamentos e uns 50 m de altura.

— Acho que é ridículo tentarmos entender qualquer coisa disto tudo — disse Nicole fazendo um gesto com a mão. Ela acabou seu almoço e olhou para a companheira. — Está pronta para continuar?

— Ainda não — disse Francesca, decididamente. Ela limpou o resto do almoço e colocou-o no bolso para lixo do uniforme de vôo.

— Você e eu temos uns negócios a resolver.

Nicole olhou para ela, curiosa. — Creio que é hora de tirarmos as máscaras e nos enfrentarmos honestamente — disse Francesca com modos enganadoramente amistosos. — Se você suspeita que eu tenha dado alguma medicação a Valeriy Borzov no dia em que ele morreu, por que não me pergunta diretamente?

Nicole encarou sua adversária por vários segundos. — E deu? — perguntou ela finalmente.

— Você acha que eu dei? — respondeu Francesca, tentando ser ingênua. — E se dei, por que seria?

— Você só está jogando o mesmo jogo em um outro nível — disse Nicole depois de uma pausa. — Não está disposta a admitir coisa alguma. Só quer descobrir o quanto sei. Mas não preciso de confissões. A ciência e a tecnologia me amparam. Eventualmente, a verdade se tornará óbvia.

— Duvido muito — disse Francesca, tranqüilamente. Ela saltou da caixa. — A verdade sempre escapa daqueles que a buscam — ela sorriu. — E agora vamos procurar o professor.

No lado oeste da praça central as duas mulheres encontraram outra estrutura única. De longe, parecia uma espécie de celeiro. O ponto mais alto de seu telhado negro ficava facilmente a 40 m do chão, com 100 m de comprimento. Havia dois detalhes particularmente fascinantes no celeiro. Em primeiro lugar, as duas extremidades do edifício eram abertas. Em segundo, muito embora ninguém pudesse ver nada lá dentro pelo lado de fora, todas as paredes e o telhado eram transparentes *pelo lado de dentro*. Nicole e Francesca revezaram-se, a fim de ter certeza de que não se tratava de ilusão de ótica. Qualquer um do lado de dentro do celeiro podia realmente ver em todas as direções, exceto para baixo. De fato, os arranha-céus refletidos nas vizinhanças foram alinhados precisamente de modo que todas as ruas próximas fossem visíveis do lado de dentro do celeiro.

— Fantástico — disse Francesca, enquanto fotografava Nicole de pé do outro lado da parede.

— O Dr. Takagishi me disse — lembrou Nicole ao dar a volta para tornar a entrar — que era impossível que Nova York não tivesse algum objetivo. O resto de Rama? Talvez. Mas ninguém poderia gastar tanto tempo e esforço sem ter uma razão para isso.

— Você parece até religiosa — disse Francesca.

Nicole olhou tranqüilamente para sua colega italiana. *Ela está me provocando. Pouco se importa com o que eu possa pensar. Ou até mesmo com o que qualquer pessoa pense.*

— Olhe, olhe isto — disse Francesca após um breve silêncio. Ela caminhara alguns passos para o interior do celeiro e estava apontando para o chão. Nicole foi até ela e viu, bem na frente de Francesca, um buraco retangular cortado no chão. Tinha uns cinco metros de comprimento, um metro e meio de largura e era bastante fundo, por volta de uns oito metros. A maior parte do fundo estava no escuro. As paredes do buraco corriam lisas e verticais, sem qualquer sinal de advertência.

— Há outro ali. E um outro lá... — Ao todo havia nove buracos, todos construídos exatamente do mesmo modo, espalhados pela metade sul do celeiro. Na metade norte, nove pequenas esferas repousavam sobre a superfície, cuidadosamente distribuídas a distâncias certas. Nicole viu-se desejando encontrar uma legenda, um guia informativo que explicasse o significado de todos aqueles objetos. Estava começando a ficar confusa.

Elas haviam cruzado quase todo o comprimento do celeiro quando ouviram um fraco sinal de emergência em seus comunicadores. — Eles devem ter encontrado o Dr. Takagishi — disse Nicole, alto, enquanto corria para uma das extremidades abertas do celeiro. Tão logo saíram de baixo do telhado, o volume do sinal de emergência quase lhes arrebentou os tímpanos. — Está bem, está bem — disse ela pelo rádio. — Já ouvimos. O que aconteceu?

— Estamos tentando chamá-las há mais de dois minutos — era Richard Wakefield. — Onde raios estiveram vocês? Só usei o sinal de emergência por causa de seu maior alcance.— Estávamos dentro de um celeiro espantoso — respondeu Francesca por trás de Nicole. — É como um mundo surrealista, com espelhos transparentes por um lado e reflexões estranhas...

— Que ótimo, interrompeu Richard — mas não temos tempo para bater papo. As senhoras façam o favor de caminhar o mais

rápido possível para o ponto mais próximo do mar Cilíndrico. Um helicóptero irá apanhá-las em dez minutos. Iríamos até a própria Nova York se houvesse um lugar onde pudéssemos pousar.

— Por quê? — perguntou Nicole. — Por que de repente essa pressa toda?

— Podem ver o Pólo Sul de onde estão?

— Não. Há vários edifícios altos no caminho.

— Alguma coisa estranha está acontecendo em volta dos chifres menores. Há imensos arcos de faísca elétrica que estão pulando de uma espira para outra. É uma exibição impressionante. Temos a impressão de que alguma coisa inusitada está para acontecer — Richard hesitou um momento. — Vocês devem abandonar Nova York imediatamente.

— Ok — respondeu Nicole. — Estamos a caminho.

Ela desligou o transmissor e virou-se para Francesca. — Você ouviu como estava alto o sinal de emergência, no momento em que saímos do celeiro? — Nicole ficou refletindo por alguns segundos.

— O material das paredes e do telhado deve bloquear sinais de rádio — seu rosto iluminou-se. — Isso explica o que aconteceu a Takagishi... ele deve estar dentro de um celeiro desses, ou coisa parecida.

Francesca não estava seguindo a linha de raciocínio de Nicole. — E daí? — disse ela fazendo uma última tomada panorâmica do celeiro com sua câmera de vídeo. — Agora não tem realmente importância. Temos de correr para encontrar o helicóptero.

— Talvez ele esteja até mesmo em um desses buracos — continuou Nicole, excitadíssima. — Mas é claro. Podia ter acontecido. Explorando no escuro, ele podia ter caído... Espere aqui. Eu volto em um minuto.

Nicole correu de volta para dentro do celeiro e curvou-se ao lado de um dos buracos. Segurando na borda com uma das mãos, ela dirigiu a luz de sua lanterna para o fundo. Havia alguma coisa

lá! Ela esperou alguns segundos até seus olhos ficarem no foco certo. Era uma pilha de material de alguma espécie. Ela se dirigiu rapidamente ao buraco seguinte. — Doutor Takagishi — gritou ela. — Shig, você está aí? — perguntou ela em japonês.

— Vamos! — gritou Francesca para Nicole, da extremidade do celeiro. — Vamos embora! Richard parecia estar falando sério.

No quarto buraco, Nicole teve dificuldade de enxergar o fundo em virtude das sombras, mesmo com a ajuda da lanterna. Ela conseguia distinguir alguns objetos, mas o que seriam eles? Ela se deitou de frente e se debruçou um pouco no buraco, em um ângulo ligeiramente diferente, para tentar confirmar que aquela massa disforme não era o seu amigo.

As luzes de Rama começaram a acender e apagar. Dentro do celeiro, o efeito ótico era espantoso. E desorientador. Nicole levantou os olhos para ver o que estava acontecendo e perdeu o equilíbrio. A maior parte de seu corpo deslizou para o buraco. — Francesca! — gritou ela, fazendo pressão com as mãos do outro lado do buraco, para se apoiar. — Francesca, preciso de ajuda — gritou ela de novo.

Nicole esperou quase um minuto antes de concluir que Francesca já devia ter saído da área do celeiro. Seus braços estavam se cansando rapidamente. Somente seus pés e a extremidade inferior de suas pernas ainda continuavam sobre o chão do edifício. Sua cabeça estava próxima a uma das paredes do buraco, a uns 80 cm da superfície. O resto de seu corpo estava pendurado no espaço, impedido de cair apenas pela grande pressão que ela estava fazendo com os braços contra a parede oposta.

As luzes continuavam a piscar a breves intervalos. Nicole levantou a cabeça para ver se de algum modo poderia alcançar a borda do buraco com um dos braços, mantendo sua posição com o outro. Não havia a menor esperança. Sua cabeça estava funda demais no buraco. Esperando mais alguns segundos, sentiu seu desespero crescer juntamente com sua fadiga. Finalmente, Nicole fez uma tentativa de jogar o corpo para cima e agarrar a beira do

buraco com um único movimento. Quase que conseguiu. Seus braços não puderam impedir seu impulso para baixo, quando ela caiu. Seus pés seguiram o corpo para o buraco e ela bateu com a cabeça na parede. E desabou desmaiada no fundo do buraco.

## 36. TRAJETÓRIA DE IMPACTO

Francesca também ficara alarmada com o repentino piscar das luzes de Rama. Seu impulso inicial fora o de cortar para dentro, abrigoando-se debaixo do teto do celeiro. Uma vez ali, sentiu-se ligeiramente mais protegida. *O que está acontecendo agora?*, pensava ela, enquanto as luzes refletidas pelos edifícios adjacentes forçavam-na a fechar os olhos para não ficar tonta.

Ao ouvir o grito de socorro de Nicole, Francesca se pôs a correr, na intenção de prestar socorro à sua colega cosmonauta. Contudo, tropeçou numa das esferas, batendo o joelho ao cair. Quando se reergueu, Francesca pôde ver, àquela luz intermitente, que a posição de Nicole era bastante precária. Apenas o solado de seus sapatos era visível. Francesca ficou parada, esperando. Sua mente já disparara na frente. Tinha uma imagem quase perfeita dos buracos em sua memória, incluindo uma estimativa bastante acurada de sua profundidade. *Se ela cair, vai se machucar, considerou ela, talvez até morrer.* Francesca lembrou-se das paredes lisas. *Ela não vai conseguir galgá-las.*

O piscar das luzes conferia um tom soturno à cena. Enquanto observava, Francesca viu o corpo de Nicole erguer-se apenas para fora do buraco, enquanto suas mãos procuravam, afoitas, algo em que se segurar na borda. Durante os clarões seguintes, os sapatos mudaram de ângulo com relação ao buraco, desaparecendo abruptamente depois. Francesca não ouviu grito algum.

Caso não conseguisse manter seu controle, Francesca teria corrido até o buraco e olhado para dentro dele. *Não*, disse consigo mesma, ainda parada em meio às pequenas esferas. *Não devo olhar. Se ela, por acaso, ainda estiver consciente, talvez possa me enxergar. Aí não vou ter escolha.*

Francesca já pensava nas vantagens representadas pela queda de Nicole. Tinha certeza, com base na recente conversa das duas, que Nicole pretendia empenhar-se o máximo no sentido de provar

que Borzov ingerira uma droga indutora de dor em seu último dia de vida. Poderia ser possível a Nicole identificar até mesmo o componente particular e, eventualmente, uma vez que tal elemento não era comum, reconstituir o trajeto de sua aquisição até chegar em Francesca. A história parecia improvável, até mesmo implausível. Mas poderia acontecer.

Francesca recordou-se quando se valera de sua autorização especial para comprar o dimetildexil, ao lado de uma batelada de outros itens, numa farmácia de hospital em Copenhague, dois anos antes. Havia rumores, na época, de que a droga, ministrada em doses mínimas, poderia produzir uma leve sensação de euforia em indivíduos altamente estressados. Um solitário artigo de uma obscura publicação sueca sobre saúde mental, no ano seguinte, continha a informação de que o dimetildexil em doses elevadas produziria uma dor aguda e estimularia uma apendicite.

Enquanto Francesca saía às pressas do celeiro na direção norte, sua mente ágil não parava de trabalhar, imaginando todas as possibilidades e desenvolvendo sua costumeira avaliação de custo/benefício. A primeira questão por ela considerada, agora que deixara Nicole no buraco, era se contaria ou não a verdade sobre a queda da doutora. Mas por que você a abandonou ali?, alguém talvez perguntasse. Por que não nos avisou pelo rádio que ela havia caído e não nos esperou lá até que pudesse chegar algum socorro?

*Porque eu estava confusa e assustada, e as luzes não paravam de piscar. Além disso, Richard parecia muito preocupado com nossa partida. Achei que seria mais fácil resgatá-la se estivéssemos todos juntos no helicóptero. Alguém acreditaria nisso? Dificilmente. Mas era fácil imaginar outras alternativas. Resta-me, assim, a opção da verdade parcial,* pensou Francesca ao passar pelo octaedro próximo à praça central. Ela percebeu que se distanciara muito para o leste, consultou seu navegador pessoal e mudou de direção. As luzes de Rama continuavam a piscar.*E quais serão minhas outras possibilidades? Wakefield falou conosco quando estávamos do lado*

*de fora do celeiro. Ela sabe onde estávamos. Uma equipe de busca definitivamente a encontraria. A menos que...* Francesca pensou novamente na possibilidade de Nicole eventualmente implicá-la no envenenamento do General Borzov. O escândalo conseqüente certamente resultaria numa complicada investigação e, provavelmente, numa indicição criminal. A reputação de Francesca, portanto, ficaria manchada e sua futura carreira de jornalista, seriamente comprometida.

Com Nicole fora do páreo, por outro lado, não haveria virtualmente a menor possibilidade de alguém jamais ficar sabendo que Francesca ministrara a droga a Borzov. A única pessoa que conhecia os fatos era David Brown, e este era um co-conspirador. Além disso, Brown tinha até mais a perder do que ela.

*A questão, portanto, considerou Francesca, é se eu consigo ou não inventar uma história plausível, que ao mesmo tempo reduza as chances de Nicole ser encontrada e não me comprometa no caso de ela ser salva. É uma tarefa bastante difícil.*

Ela se aproximava do mar Cilíndrico. Seu navegador pessoal a informou de que estava a apenas 600 m de distância. *Droga,* respondeu Francesca para si mesma, após refletir com muita cautela sobre sua situação, *eu não tenho uma opção completamente segura. Vou ter de escolher entre uma e outra. Qualquer caminho oferece um risco significativo.*

Francesca parou de caminhar na direção norte e começou a andar de um lado para outro entre dois arranha-céus. Enquanto caminhava, o chão começou a tremer sob os seus pés. Tudo estava tremendo. Ela se ajoelhou, procurando firmar-se. Ouviu, então, a voz de Janos Tabori, muito débil, pelo rádio. — Está tudo bem, pessoal, não fiquem alarmados. Parece que o nosso veículo está fazendo uma manobra. Deve ter sido a isso que os avisos diziam respeito... A propósito, Nicole, onde estão você e Francesca? Hiro e Richard estão prestes a decolar no helicóptero.

— Estou próxima ao mar, talvez a dois minutos de distância — respondeu Francesca. — Nicole voltou para verificar qualquer coisa.

— Recebido — disse Janos. — Você está aí, Nicole? Está me ouvindo, cosmonauta des Jardins? O rádio ficou mudo.

— Como você sabe, Janos — interceptou Francesca — as comunicações daqui são muito irregulares. Nicole sabe onde encontrar o helicóptero. Ela estará ali em pouco tempo, tenho certeza — fez uma breve pausa. — Onde estão os outros? Estão todos bem?

— Brown e Heilmann estão no rádio falando com a Terra. A direção da AIE deve estar completamente alucinada agora. Eles já estavam pedindo que partíssemos de Rama antes do início desta manobra.

— Estamos embarcando no helicóptero — anunciou Richard Wakefield. — Em poucos minutos chegaremos aí.

*Pronto. Minha escolha está feita*, disse Francesca a si mesma, assim que Richard concluiu a comunicação. Ela estava surpreendentemente eufórica. Começou de pronto a ensaiar sua história. — Estávamos próximas ao grande octaedro da praça central, quando Nicole avistou, à nossa direita, um beco que não tínhamos percebido antes. A rua que dava para o beco era extremamente estreita, e ela observou que provavelmente aquela seria uma região de difícil acesso para comunicações. Eu já estava cansada; nós estávamos andando muito rápido. Ela então me sugeriu que fosse na frente até o helicóptero...

— E você não tornou a vê-la? — interrompeu Richard Wakefield. Francesca fez que não com a cabeça. Richard estava sentado no gelo ao lado dela. Debaixo deles, o gelo vibrava enquanto a longa manobra prosseguia. As luzes estavam acesas novamente. Elas pararam de piscar com o início da manobra.

O piloto Yamanaka estava sentado na cabina de seu helicóptero. Richard consultou seu relógio. — Faz quase cinco minutos que aterrissamos aqui. Deve ter acontecido alguma coisa

com ela — ele olhou ao redor. — Talvez ela saia de algum outro lugar.

Richard e Francesca subiram no helicóptero e Yamanaka levantou vôo. Os três cruzaram a costa da ilha de alto a baixo, passando duas vezes, em círculo, sobre o solitário gelomóvel. — Vamos circundar Nova York — ordenou Wakefield. — Talvez consigamos localizá-la.

Do helicóptero, era virtualmente impossível enxergar o chão da cidade. O veículo precisava sobrevoar os edifícios mais altos. As ruas eram muito estreitas e as sombras conseguiam enganar os olhos. Em dado momento, Richard pensou ter visto algo se movendo entre os edifícios, porém logo se descobriu que era uma ilusão de ótica.

— Muito bem, Nicole, muito bem. Onde está você?

— Wakefield — a voz possante do Dr. Brown se fez ouvir no helicóptero — quero que vocês três voltem imediatamente para Beta. Precisamos fazer uma reunião — Richard ficou surpreso por ouvir o Dr. Brown. Afinal, era Janos quem estava no comando das comunicações desde que eles haviam deixado Beta.

— Qual é o problema, chefe? — quis saber Wakefield. — Nós ainda não encontramos Nicole des Jardins, conforme estava programado. Ela deve estar saindo de Nova York a qualquer momento.

— Darei os detalhes quando vocês chegarem. Precisamos tomar algumas decisões complicadas. Tenho certeza de que des Jardins irá comunicar-se pelo rádio quando atingir a costa.

Não demorou muito para que eles atravessassem o mar congelado. Próximo ao acampamento Beta, Yamanaka pousou o helicóptero no solo trêmulo e os três cosmonautas saltaram. Os quatro membros restantes da tripulação aguardavam por eles.

— Isto é o que se chama uma manobra longa — observou Richard com um sorriso, ao aproximar-se dos outros. — Só espero que os ramaianos saibam o que estão fazendo.

— É provável que saibam — disse o Dr. Brown num tom grave.  
— A Terra, ao menos, considera que sim — olhou atentamente para seu relógio. — De acordo com a seção de navegação que controla a missão, devemos esperar que esta manobra se prolongue por mais 19 min e alguns segundos, a mais ou a menos.

— Como é que eles sabem? — indagou Wakefield. — Será que os ramaianos aterrissaram na Terra e entregaram um plano de vôo enquanto estávamos aqui explorando?

Ninguém achou graça. — Se o veículo permanecer neste movimento e a esta velocidade — disse Janos com uma seriedade que não lhe era característica — em 19 min estará numa trajetória de impacto.

— Impacto com o quê? — perguntou Francesca.

Richard Wakefield processou rapidamente alguns dados em sua mente. — Com a Terra? — adivinhou ele. Janos balançou a cabeça afirmativamente.— Deus do céu! — exclamou Francesca.

— Exatamente — confirmou David Brown. — Esta missão tornou-se um problema de segurança terrestre. O conselho executivo do OGC está reunido nesse exato momento a fim de considerar todas as contingências. Fomos informados, da maneira mais enérgica possível, de que devemos evacuar Rama tão logo a manobra esteja concluída. Não levaremos nada conosco exceto o biota-caranguejo e nossos pertences pessoais. Deveremos...

— E quanto a Takagishi? E des Jardins? — indagou Wakefield.

— Deixaremos o gelomóvel no lugar onde está, além de um jipe aqui em Beta. Ambos são de fácil operação. Continuaremos mantendo contato da Newton — o Dr. Brown encarou Richard diretamente. — Se essa cosmonave está realmente entrando numa jornada de impacto rumo à Terra — afirmou ele dramaticamente — nossas vidas individuais não têm mais importância. O curso inteiro da história está prestes a ser alterado.

— E se os engenheiros de navegação estiverem enganados? E se Rama estiver simplesmente fazendo uma manobra de modo a

cruzar momentaneamente uma trajetória de impacto com a Terra? Seria...

— Extremamente improvável. Lembra-se dos grupos de pequenas manobras que partiram na época da morte de Borzov? Eles alteraram a orientação da órbita de Rama de forma que um impacto com a Terra pudesse ser obtido através de uma prolongada manobra no tempo exato. Os engenheiros da Terra descobriram isso trinta e seis horas atrás. Eles avisaram O'Toole através do rádio hoje, antes do amanhecer, para que esperasse a manobra. Eu não quis falar nada enquanto estivessem todos à procura de Takagishi.

— Isso explica a ansiedade de todos para que partamos daqui — observou Janos.

— Em parte, apenas — prosseguiu o Dr. Brown. — Existe um sentimento nitidamente diverso com respeito a Rama e os ramaianos na Terra. A direção da AIE e os líderes mundiais do conselho executivo do OGC aparentemente estão convencidos de que Rama é implacavelmente hostil.

Ele se deteve por alguns segundos, como que reavaliando sua própria atitude. — De minha parte, penso que eles estão reagindo de maneira emocional. Todavia, não posso convencê-los do contrário. Pessoalmente, não percebo evidência alguma de hostilidade, mas apenas um desinteresse e um descaso para com um ser bastante inferior. Contudo, o registro televisivo da morte de Wilson teve lá o seu efeito. A população não pode estar aqui conosco, não pode captar a magnitude desse lugar. Pode apenas reagir visceralmente ao horror...

— Se não considera que os ramaianos tenham intenções hostis — interrompeu Francesca — como explica então esta manobra? Não pode ser uma coincidência. Eles, ou a nave, resolveram por algum motivo tomar o rumo da Terra. Não é de admirar que as pessoas lá debaixo estejam traumatizadas. Lembre-se de que a primeira Rama jamais interagiu com seus visitantes em nenhum sentido. Esta, agora, é uma reação drasticamente diversa. Os ramaianos estão nos dizendo que sabem...

— Calma, calma — interveio Richard. — Acho que estamos tirando conclusões um pouco precipitadas. Temos ainda 12 min antes de começarmos a acionar os comandos de pânico.

— Muito bem, cosmonauta Wakefield — disse Francesca, lembrando-se agora de que era uma repórter, pondo em funcionamento sua câmera de vídeo — registremos o seu parecer quanto às possíveis conseqüências caso esta manobra culmine, afinal, numa trajetória de colisão com a Terra.

Quando finalmente começou a falar, Richard tinha uma expressão bastante austera. — População da Terra — começou ele, dramaticamente — se Rama alterou de fato sua trajetória a fim de visitar nosso planeta, não se trata, necessariamente, de um ato hostil. Não há nada, nada, repito, que qualquer um dentre nós tenha visto ou ouvido que indique que o ser responsável pela criação deste veículo espacial pretenda causar-nos algum dano. Certamente a morte do cosmonauta Wilson foi um choque, mas provavelmente representou a resposta isolada de um conjunto particular de robôs e não parte de algum plano sinistro.

— Vejo essa magnífica astronave como uma máquina única, de uma complexidade quase que orgânica. Ela é extraordinariamente inteligente e está programada para um longo período de sobrevivência. Não é nem hostil nem amiga. Poderia facilmente ter sido projetada para rastrear satélites que se aproximam e determinar a origem dos objetos espaciais visitantes. A mudança na órbita de Rama para as imediações da Terra pode nada mais ser do que uma resposta-padrão a um encontro iniciado por outras espécies de passageiros do espaço. Rama pode estar se aproximando simplesmente com o intuito de conhecer mais a nosso respeito.

— Muito bem — disse Janos Tabori com um sorriso forçado. — Tudo isso não passou de filosofia de almanaque.

Wakefield riu-se nervosamente.

— Cosmonauta Turgenyev — disse Francesca, mudando a direção da câmera — a senhora concorda com o seu colega? Pouco antes da morte do General Borzov, a senhora expressou abertamente uma certa preocupação de que alguma "força superior", referindo-se aos ramaianos, pudesse ter tido alguma participação naquela morte. Qual a sua opinião agora?

A piloto soviética, normalmente taciturna, olhou diretamente para a câmera com seus olhos tristes. — *Da* — começou ela — considero o cosmonauta Wakefield um engenheiro brilhante. No entanto, ele não ofereceu respostas a algumas perguntas difíceis. Por que a manobra de Rama durante a operação do General Borzov? Por que os biotas despedaçaram Wilson? Onde está o professor Takagishi?

Irina Turgenyev fez uma pausa momentânea para controlar suas emoções. — Nós não encontraremos Nicole des Jardins. Rama pode ser apenas uma máquina, mas nós, os cosmonautas, já percebemos o quanto ela pode ser perigosa. No caso de estar se dirigindo à Terra, temo por minha família, meus amigos e por toda a humanidade. Não há meios de prever o que ela poderá fazer. E nós não conseguiremos detê-la.

Alguns minutos mais tarde, Francesca Sabatini carregou seu equipamento automático de vídeo até a beira do mar congelado para uma tomada final. Verificou cuidadosamente o relógio antes de ligar a câmera precisamente 15 min antes do momento previsto para o término da manobra. — A imagem que vocês vêem está saltando para cima e para baixo — anunciou ela em seu melhor tom jornalístico — porque o solo aos nossos pés, aqui em Rama, está sacudindo continuamente desde o início dessa manobra há 47 min. Segundo os engenheiros da navegação, a manobra deverá ser concluída nos próximos segundos, na hipótese de Rama ter alterado seu curso de impacto com a Terra. Esses cálculos são baseados, obviamente, em pressuposições quanto às intenções de Rama...

Francesca se deteve no meio da frase e inspirou profundamente. — O chão parou de tremer. A manobra terminou.

Rama está agora numa trajetória de impacto contra a Terra.

## 37. SEM SAÍDA

Quando Nicole voltou a si pela primeira vez estava tonta e com uma enorme dificuldade em reter qualquer idéia na mente. Ela havia machucado a cabeça e sentia dores agudas nas costas e nas pernas. Não sabia o que lhe tinha acontecido. Foi com grande dificuldade que conseguiu encontrar seu cantil e tomar um gole de água. *Devo ter despencado*, pensou ela, caindo no sono novamente.

Já estava escuro quando Nicole tornou a despertar. Sua mente, porém, não estava mais enevoada. Ela sabia onde se encontrava. Lembrou-se da busca a Takagishi e de ter escorregado naquele buraco. Nicole também se lembrava de ter chamado por Francesca e da queda dolorosa e terrível. Puxou imediatamente o comunicador do cinto de seu uniforme de vôo.

— Alô, pessoal da Newton — disse ela, erguendo-se lentamente. — Aqui é a cosmonauta des Jardins chamando. Estou bem, talvez "indisposta" seja um termo adequado. Caí num buraco e me machuquei. Sabatini sabe onde estou...

Nicole fez uma pausa em seu monólogo e aguardou. Não houve resposta em seu receptor. Ela aumentou o volume, mas apenas conseguiu captar alguns ruídos estranhos. *Já escureceu*, pensou ela, *e tínhamos luz havia apenas por duas horas no máximo...* Nicole sabia que os períodos de iluminação no interior de Rama tinham uma duração aproximada de trinta horas. Teria estado inconsciente por tanto tempo? Ou teria Rama agido de modo inesperado outra vez? Consultou seu relógio de pulso, que marcava o tempo decorrido desde a segunda surtida, e fez um cálculo instantâneo. *Estou aqui embaixo há 32 horas. Por que não apareceu ninguém?* Nicole recapitulou os últimos momentos antes da queda. As duas mulheres falaram com Wakefield, e ela então fizera sua incursão para examinar os buracos. Richard sempre elaborava um cálculo de

posição relativa para determinar a localização deles, e Francesca sabia exatamente...

Teria acontecido algo com a tripulação inteira? Caso contrário, por que ninguém a encontrara? Nicole sorriu consigo mesma, enquanto lutava contra seu pânico emergente. *É claro, ponderou, eles me encontraram, mas como eu estava inconsciente, eles decidiram...* Uma outra voz em sua cabeça dizia que aquele raciocínio não fazia sentido. Ela teria sido retirada do buraco sob quaisquer circunstâncias, caso eles a tivessem localizado.

Ela sentiu um arrepio involuntário de medo ao pensar, por um breve momento, que talvez *já* fosse encontrada. Nicole mudou propositalmente seus pensamentos e começou a fazer um levantamento dos danos físicos que sofrera na queda. Percorreu atentamente com os dedos todas as partes de sua cabeça. Havia diversos inchaços, incluindo um de tamanho considerável bem acima da nuca. *Isso deve ter sido responsável pela concussão,* presumiu. Entretanto, não havia fraturas cranianas e o pouco sangramento que houvera já tinha estancado horas antes.

Ela verificou os braços, as pernas e em seguida as costas. Havia machucados por toda parte, mas, milagrosamente, nenhum osso sofrera fratura. A dor aguda e circunstancial que sentia logo abaixo do pescoço sugeria que ela ou estava com alguma vértebra esmagada, ou algum nervo pinçado. Afora isso, não havia grandes danos. A constatação de que seu corpo sobrevivera de modo mais ou menos incólume serviu para animá-la temporariamente.

A seguir, Nicole examinou o lugar em que se encontrava. Ela despencara no meio de uma profunda e estreita cavidade retangular. Tinha cerca de 4, 5 m de comprimento por 1, 5 m de largura. Empunhando sua lanterna com o braço estendido para o alto, calculou a profundidade do buraco em 8, 5 m.

O fundo do buraco estava vazio, exceto por uma confusa coleção de pequenas peças metálicas, variando entre cinco e 15 cm de comprimento, amontoadas num dos cantos do buraco. Nicole examinou-as cuidadosamente sob o fecho de sua lanterna. Havia

cerca de 100 peças no total, e talvez uma dezena de unidades diferentes. Algumas eram longas e retas, algumas curvas, e outras híbridas — lembrando a Nicole o lixo industrial de alguma aciaria moderna.

As paredes da cavidade eram absolutamente lisas. Seu material parecia, aos olhos de Nicole, um amálgama de metal e rocha. Era frio, muito frio. Não se viam falhas ou vincos que pudessem servir de apoio para os pés; nada que pudesse encorajá-la a acreditar que chegaria a sair dali. Ela tentou lascar ou arranhar a superfície da parede utilizando seus instrumentos médicos portáteis. Era impossível sequer imprimir uma marca.

Desencorajada pela perfeição das paredes do buraco, Nicole voltou-se para as peças metálicas, procurando descobrir se haveria algum modo de formar uma escada ou um andaime, qualquer tipo de suporte capaz de elevá-la até um ponto em que conseguisse sair dali empregando suas próprias forças. Não era nada animador. As peças eram pequenas e finas. Uma rápida avaliação mental deixou clara a inexistência de massa suficiente para dar sustentação ao peso dela.

Mais desencorajada ainda ela ficou ao fazer uma rápida refeição. Nicole se deu conta de que trouxera muito pouca água e comida, por ter preferido transportar suprimentos médicos extras para Takagishi. Ainda que ela administrasse um parcimonioso racionamento, sua água duraria apenas um dia e sua comida não daria para mais que trinta e seis horas.

Ela apontou sua lanterna diretamente para o alto. O fecho de luz atravessou a cobertura do celeiro. Pensando no celeiro, lembrou-se novamente dos acontecimentos que antecederam sua queda. Nicole lembrou-se da intensidade do sinal de emergência quando saiu do edifício. *Grande, pensou ela, desalentada, o interior desse celeiro é provavelmente uma área impermeável a comunicações por rádio. Não é de admirar que ninguém tenha me escutado.*

Nicole acabou dormindo, mesmo porque nada mais havia a fazer. Oito horas depois, acordou com o início de um pesadelo. Ela estava sentada com o pai e a filha num adorável restaurante provincial na França. Era um magnífico dia de primavera; Nicole podia ver as flores no jardim vizinho ao restaurante. Quando o garçom chegou, colocou um prato de *escargots* com ervas e manteiga diante de Geneviève. Pierre recebeu uma porção gigantesca de galinha cozida em molho de cogumelo e vinho. O garçom deu um sorriso e foi embora. Lentamente, Nicole percebeu que não havia nada para *ela...*

Ela jamais enfrentara um problema real de fome. Mesmo durante o cerimonial do Poro, depois que os filhotes de leão haviam-lhe tomado sua comida, Nicole não se sentira realmente faminta. Ela dissera a si mesma, antes de adormecer, que racionaria cuidadosamente o alimento que lhe restava, mas isso fora antes que a agonia da fome se tornasse irresistível. Agora Nicole investia contra seus invólucros de alimento com as mãos trêmulas e mal conseguiu controlar-se a fim de não comer tudo de uma vez. Ela, então, embrulhou o pouco que restara, colocando-o de volta em um de seus bolsos e enterrou o rosto nas mãos. Nicole permitiu-se chorar pela primeira vez desde que caíra ali.

Também se permitiu admitir que agonizar de fome seria um modo terrível de morrer. Nicole tentou imaginar como seria a sensação de enfraquecer lentamente de fome até a morte. Seria um processo gradativo, cada estágio sucessivamente mais terrível do que o anterior? *Então, que aconteça logo*, disse ela em voz alta, abandonando momentaneamente toda esperança. Seu relógio digital brilhava na escuridão, marcando os últimos e preciosos minutos de sua vida.

Muitas horas se passaram. Nicole estava cada vez mais fraca e desalentada. Sentou-se no chão, com a cabeça apoiada na fria quina do buraco. Já estava prestes a desistir por completo e a aceitar o caráter iminente de sua morte, quando, de seu interior, uma voz diferente se manifestou, uma voz positiva e otimista que

se recusava a permitir que ela desistisse. Essa voz disse a ela que *qualquer* tempo de vida era uma preciosa maravilha e que o simples fato de estar consciente, *sempre*, representava um estupendo milagre da natureza. Nicole respirou lenta e profundamente, e abriu os olhos. *Já que vou morrer aqui*, disse consigo mesma, *então que seja com élan*. Ela resolveu que passaria o tempo que lhe restasse concentrada nos momentos mais importantes de seus 36 anos.

Nicole guardava ainda uma vaga esperança de ser salva. Fora sempre, porém, uma mulher prática, e a lógica lhe dizia que seu tempo restante de vida provavelmente podia ser medido em horas. Durante a vagarosa jornada ao mundo de suas melhores recordações, Nicole chorou diversas vezes, sem inibição; lágrimas de alegria pelo passado reencontrado; lágrimasagridoces por ela saber, ao reviver cada episódio, que aquela provavelmente seria sua última peregrinação à região específica de seu banco de memórias.

Sua jornada pelos episódios do passado não obedecia a nenhuma ordem preestabelecida. Ela tampouco classificava, avaliava ou comparava suas experiências. Nicole simplesmente as revivia à medida que se apresentavam a ela, cada evento passado transformado e enriquecido por sua consciência mais elevada.

A mãe ocupava um lugar de destaque em suas lembranças. Por ela ter morrido quando Nicole tinha apenas dez anos de idade, sua mãe retinha todos os atributos de uma rainha ou uma deusa. Anawi Tiasso fora, de fato, uma bela e altiva mulher, uma africana retinta de estatura incomum. Todas as imagens que Nicole guardava dela eram banhadas por uma luz suave e radiante.

Lembrou-se da mãe na sala de sua casa em Chilly-Mazarin, chamando Nicole para vir sentar-se em seu colo. Anawi lia um livro a cada noite para a filha, antes da hora de dormir. A maior parte das histórias eram contos de fada envolvendo príncipes, castelos e pessoas belas e felizes que transpunham todo e qualquer obstáculo. Sua mãe tinha uma voz meiga e suave. Entoava acalantos para

Nicole, enquanto os olhos da pequena iam ficando cada vez mais pesados.

Os domingos de sua infância eram dias especiais. Na primavera, as duas iam para o parque e brincavam nos amplos campos gramados. A mãe ensinava Nicole a correr. A menina jamais vira algo tão belo como sua mãe, que fora uma atleta de categoria internacional na juventude, correndo graciosamente por entre a relva.

Nicole recordava-se vivamente, é claro, e com todos os detalhes, de sua viagem com Anawi à Costa do Marfim, para os rituais do Poro. Era sua mãe quem a segurava nas noites de Nidugu durante a cerimônia. Naquelas longas e assustadoras noites, a pequena Nicole enfrentara todos os seus medos. E, a cada dia, calma e pacientemente, a mãe respondia a todas as suas perguntas, lembrando-lhe que muitas e muitas outras meninas haviam superado o rito de passagem sem dificuldades indevidas.

A lembrança mais cara daquela viagem, para Nicole, era a do quarto de hotel em Abidjan, na noite que antecederia o regresso dela e de Anawi a Paris. Ela e a mãe conversaram sobre o Poro apenas de passagem durante as 30 horas que se seguiram desde que Nicole e as outras meninas tinham concluído suas cerimônias. Anawi não lhe dirigira nenhuma palavra de louvor. Por certo, Omeh e os anciãos da aldeia disseram a Nicole que ela se saíra excepcionalmente, mas para uma garota de sete anos nenhum elogio é tão importante quanto o da mãe. Nicole reuniu toda sua coragem pouco antes do jantar.

— Acha que eu fiz tudo certo, mamãe? — indagou a menina, com insegurança. — No Poro, eu quero dizer.

Anawi irrompeu em lágrimas. — Se você fez tudo certo? Se você fez tudo certo? — Ela envolveu a filha em seus braços longos e esguios, levantando-a do chão. — Oh, minha querida — disse a mãe, segurando Nicole bem acima de sua cabeça — estou tão orgulhosa de você que eu não me agüento de tanta emoção! —

Nicole atirou-se nos braços da mãe e as duas se abraçaram, riram e choraram por 15 min.

Nicole estava deitada com as costas apoiadas no fundo do buraco, enquanto as lágrimas trazidas por suas lembranças escorriam-lhe pelos cantos do rosto, entrando em seus ouvidos. Ficara pensando, por quase uma hora, em sua filha, começando por seu nascimento e percorrendo, depois, cada um dos acontecimentos mais importantes da vida de Geneviève. Nicole estava recordando a viagem de férias que fizeram juntas para a América, três anos antes, quando Geneviève contava 11 anos. As duas estiveram extremamente próximas naquela viagem, sobretudo no dia em que percorreram a pé a trilha de South Kalbab até o Grand Canyon.

Nicole e Geneviève pararam em cada uma das marcas ao longo da trilha, estudando aqueles vestígios impressos há dois bilhões de anos na superfície do planeta Terra. As duas almoçaram, num promontório que dava para a desértica secura do planalto Tonto. Naquela noite, mãe e filha estenderam seus sacos de dormir lado a lado, bem junto ao portentoso rio Colorado. Elas conversaram e compartilharam seus sonhos, de mãos dadas, por toda a noite.

*Eu não teria feito aquela viagem,* refletiu Nicole, começando a pensar em seu pai, *não fosse por você. Você sabia que era o momento adequado de fazê-la.* O pai de Nicole era a pedra fundamental de sua vida. Pierre des Jardins era seu amigo, confessor, companheiro intelectual e seu mais ardoroso esteio. Ele estivera presente no momento de seu nascimento e em cada momento importante de sua vida. Era dele que Nicole mais sentia falta naquele fundo de buraco no interior de Rama. Era com ele que ela teria escolhido manter sua última conversa.

Não havia alguma lembrança em particular com respeito ao pai que saltasse à sua mente, que se destacasse perante o resto. O espectro mental de Nicole com relação a Pierre abrangia todos os eventos da própria vida dela. Nem todos foram felizes. Ela se lembrava claramente, por exemplo, dos dois na savana das

proximidades de Nidugu, de mãos dadas, em silêncio, ambos chorando baixinho enquanto a pira funerária de Anawi ardia, desfazendo-se na noite africana. Ela podia sentir ainda os braços paternos envolvendo-a, enquanto soluçava sem parar depois de seu fracasso, aos 15 anos, quando não conseguiu vencer o torneio nacional Joana D'Arc.

Os dois viveram juntos em Beauvois, uma dupla singular, desde o primeiro anos após a morte da mãe até Nicole concluir seu terceiro ano de estudos na Universidade de Tours. Fora uma experiência idílica. Nicole vagava pelos bosques ao redor de sua casa de campo depois que voltava de bicicleta da escola. Pierre ficava escrevendo seus romances no estúdio. À noite, Marguerite tocava o sino, chamando a ambos para o jantar, antes de apanhar sua própria bicicleta e voltar para junto do marido e dos filhos em Luynes, ao fim de sua jornada diária de trabalho.

A cada verão, Nicole viajava com o pai pela Europa, visitando as cidades e castelos medievais que eram os cenários originais dos romances históricos de Pierre. Nicole conhecia melhor Eleanora de Aquitânia e seu marido Henrique Plantageneta do que os líderes políticos em atividade na França e na Europa Ocidental. Quando Pierre recebeu o prêmio Mary Renault de ficção histórica em 2181, ela o acompanhou a Paris para a entrega da láurea. Nicole sentou-se na primeira fila do grande auditório, vestindo a saia e a blusa branca, feitas sob medida, que Pierre a ajudara a escolher, e ouviu o apresentador tecendo louvores às virtudes do pai.

Nicole podia repetir, de memória, alguns trechos do discurso de agradecimento de Pierre. — Sempre me perguntam — disse ele quase ao fim de sua fala — se acumulei algum conhecimento que gostaria de partilhar com as gerações futuras — olhou, então, diretamente para a filha, na platéia. — Ofereço, para minha preciosa filha Nicole e para todos os jovens do mundo, uma descoberta muito simples. Encontrei, em minha vida, duas coisas de valor inestimável — o estudo e o amor. Nada além disso, nem fama, nem poder, nem as conquistas em si mesmas podem adquirir esse

mesmo valor duradouro. Pois quando chegarem ao fim da vida e puderem dizer "eu aprendi" e "eu amei", vocês também poderão dizer "eu fui feliz".

*Eu fui feliz*, disse Nicole, enquanto mais lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, e principalmente por sua causa. Você jamais me decepcionou. Nem mesmo em meu momento mais difícil. Sua memória voltou-se, como ela já esperava, para o verão de 2184, quando sua vida se acelerara a um ritmo tão fantástico que ela perdeu o controle de sua direção. Num período de seis semanas, Nicole conquistou uma medalha olímpica de ouro, teve um romance breve mas ardente com o Príncipe de Gales e voltou à França para contar ao pai que estava grávida.

Nicole podia lembrar-se dos eventos-chave daquele período como se tivesse ocorrido no dia anterior. Emoção alguma em sua vida jamais conseguira equiparar-se à alegria e o entusiasmo experimentados ao subir ao pódio da vitória em Los Angeles, medalha de ouro no pescoço e a aclamação de 100 mil pessoas ecoando em seus ouvidos. Aquele era o seu momento. Durante uma semana ela foi a namoradinha da mídia mundial. Estava na primeira página de todos os jornais, badalada a cada transmissão importante sobre esportes.

Após sua última entrevista no estúdio de televisão anexo ao estádio olímpico, um jovem inglês de sorriso cativante apresentou-se a ela como Darren Higgins e entregou-lhe um cartão. Era um convite manuscrito para um jantar com nada mais, nada menos que o Príncipe de Gales, o homem que viria tornar-se o rei Henrique XI da Grã-Bretanha.

*Foi um jantar mágico*, recordou Nicole, esquecendo temporariamente sua desesperadora situação em Rama. *Ele era tão encantador. Os dois dias que se seguiram foram absolutamente maravilhosos.* Trinta e nove horas depois, entretanto, quando ela abriu os olhos nos aposentos de Henrique em Westwood, o conto de fadas havia subitamente chegado ao fim. Seu príncipe, antes tão atencioso e afetivo, mostrava-se agora arredo e irritadiço. À

proporção que a inexperiente Nicole procurava, em vão, compreender o que acontecera de errado, ia percebendo que seu vôo de fantasia estava terminado. *Fui apenas uma conquista, lembrou ela, a celebridade do momento. Eu não servia para um relacionamento permanente.* Nicole jamais se esqueceria das últimas palavras do príncipe para ela em Los Angeles. Ele a estava rodeando enquanto Nicole fazia apressadamente suas malas. O príncipe não conseguia entender por que ela estava tão contrariada. Nicole não respondeu a nenhuma de suas perguntas e esquivou-se das tentativas dele em abraçá-la. — O que você esperava? — perguntou ele por fim, obviamente frustrado. — Que fôssemos embora montados num cavalo, ao pôr-do-sol, e vivêssemos felizes para sempre? Ora, Nicole, esta é a dura realidade. Você devia saber que o povo britânico jamais aceitaria uma mestiça como rainha.

Nicole saiu às pressas, antes que Henrique percebesse suas lágrimas. *E assim, minha querida Geneviève, disse Nicole com seus botões, no fundo do buraco em Rama, deixei Los Angeles com dois novos tesouros. Uma medalha de ouro e um maravilhoso bebê em meu corpo.* Seu pensamento percorreu rapidamente a ansiedade das semanas que se seguiram, até o momento desesperado e solitário em que finalmente se encheu de coragem para falar com o pai.

— Eu... eu não sei o que fazer — disse Nicole hesitante a Pierre naquela manhã de setembro na sala de estar de sua casa de campo em Beauvois. — Sei que o decepcionei terrivelmente... decepcionei a mim mesma — mas quero lhe perguntar se está tudo bem. Isto é, papai, eu gostaria de poder ficar aqui e tentar...

— Claro que sim, Nicole — acudiu o pai. Ele chorava discretamente. Foi a única oportunidade em que Nicole o vira chorando desde a morte da mãe. — Faremos tudo o que for preciso — disse ele, puxando e abraçando a filha.

*Eu tive tanta sorte, ponderou Nicole. Ele foi sempre tão compreensivo... Jamais me faltou. Jamais perguntou coisa alguma. Quando lhe contei que o pai era Henrique e que eu não queria que*

*ninguém mais o soubesse, ele prometeu guardar meu segredo. E assim o fez.*

Subitamente, as luzes se acenderam e Nicole se levantou para examinar seu cativeiro sob as novas condições. Apenas o centro do buraco era plenamente iluminado; as duas extremidades ficavam na penumbra. Apesar de sua situação, sentiu-se surpreendentemente feliz e animada.

Olhou para o alto, para a cobertura do celeiro, e, através deste, para o indefinido céu de Rama. Nicole refletiu sobre aquelas últimas horas e foi tomada de um impulso repentino. Ela não orava há mais de 20 anos, mas se ajoelhou em plena luz do centro do buraco. *Meu Deus, disse ela, sei que é um pouco tarde, mas obrigado por meu pai, por minha mãe e por minha filha. E por todas as maravilhas da vida.* Nicole ergueu os olhos para o teto, ostentando um sorriso nos lábios e um brilho nos olhos. *E justo agora, meu Deus, estou precisando de um pouco de ajuda.*

### 38. VISITANTES

O pequeno robô adiantou-se a passos largos em direção à área iluminada e desembainhou sua espada. O exército francês chegara a Harfleur.

"Uma vez mais à brecha, bons amigos,  
Ou que os mortos ingleses fechem tudo.  
Na paz, nada convém tanto a um homem  
Quanto a humildade e a doce quietude.  
Mas quando ouvimos o clamor da guerra,  
Então imitem a ação de um tigre... "

Henrique V, o novo rei da Inglaterra, continuava a exortar seu exército imaginário. Nicole sorria ao escutar o robô. Ela passara quase uma hora inteira acompanhando o Príncipe Hal, de Wakefield, em seu trajeto desde a devassidão da juventude, passando pelos campos de batalha combatendo Hotspur e os demais rebeldes, e dali para o trono inglês. Nicole lera uma única vez as peças sobre os três Henriques, e isso muitos anos antes, mas conhecia muito bem aquele período histórico em virtude de seu antigo fascínio por Joana D'Arc.

— Shakespeare o transformou em algo que você nunca foi — disse ela em voz alta para o pequenino robô, inclinando-se em direção a ele para introduzir o bastão de Richard no encaixe de desligar. — Você foi um guerreiro, não resta a menor dúvida. Mas foi também um conquistador frio e desalmado. Você banhou a Normandia em sangue sob seu poderoso jugo. Você quase extinguiu a vida existente na França. Nicole riu nervosamente consigo mesma. *Aqui estou eu, pensou ela, falando a um insensato príncipe de cerâmica com 20 cm de altura.*

Lembrou-se de seu sentimento desesperançado de uma hora antes, depois de mais uma tentativa de forjar uma maneira de escapar. O fato de que seu tempo estava se esgotando ficou ainda mais patente quando ela bebeu um dos últimos goles de sua água. *Bem*, refletiu, olhando novamente para o Príncipe Hal, *ao menos isso é melhor do que ficar me condoendo de mim mesma.*

— E o que mais você sabe fazer, meu pequeno príncipe? — indagou Nicole. — *O que acontecerá se eu enfiar este pino no encaixe marcado com a letra C?*

O robô foi ativado, deu alguns passos e finalmente aproximou-se do pé esquerdo de Nicole. Passado um longo silêncio, o Príncipe Hal começou a falar, não com a voz de grande ator que exibira em suas falas anteriores, mas, em vez disso, no tom britânico de Wakefield.

— C indica conversa, minha amiga, e eu possuo um repertório considerável. Mas não direi nada antes que você fale primeiro.

Nicole riu-se. — Muito bem, Príncipe Hal — ela disse, depois de pensar por um minuto — fale-me sobre Joana D'Arc.

O robô hesitou e depois franziu a testa. — Ela era uma bruxa, minha cara senhora, e foi queimada numa fogueira em Rouen, dez anos antes de minha morte. Durante o meu reinado, o Norte da França foi subjugado por meus exércitos. Essa bruxa francesa, dizendo-se uma enviada de Deus...

Nicole parou de escutar e ergueu abruptamente a cabeça enquanto uma sombra passava por eles. Ela imaginou ter visto qualquer coisa voando sobre a cobertura do celeiro. Seu coração batia furiosamente. — Ei! Eu estou aqui — ela gritou com toda a força de seus pulmões. O Príncipe Hal continuava tagarelado ao fundo, descrevendo o modo como o êxito de Joana D'Arc desafortunadamente resultará no retorno dos territórios por ele conquistados às mãos do reino da França.

— Tão inglês. Tão tipicamente inglês — protestou Nicole, ao inserir, uma vez mais, o bastão no encaixe que desligava o Príncipe

Hal.

Momentos depois, uma sombra maior apareceu, escurecendo por completo o fundo do buraco. Nicole olhou para o alto e ficou com o coração preso na garganta. Pairando sobre o buraco, com suas asas abertas e balançando, via-se uma gigantesca criatura semelhante a um pássaro. Nicole contraiu-se inteira e soltou um berro involuntário. A criatura enfiou o pescoço no buraco, emitindo uma série de ruídos. Eram sons estridentes, embora ligeiramente musicais. Nicole ficou paralisada. A criatura repetiu um conjunto quase idêntico de ruídos e depois tentou, em vão, porque suas asas eram muito grandes, descer lentamente pela estreita cavidade.

Nesse breve espaço de tempo, Nicole, com seu traumático terror dando lugar a um medo natural, estudou o gigantesco alienígena voador. Seu rosto, com exceção de dois olhos suaves e profundamente azuis rodeados por um anel castanho, lembravam-lhe o pterodáctilo que vira no museu de história natural da França. O bico era bastante pronunciado e curvado. A criatura não possuía dentes, enquanto as duas presas, bilateralmente simétricas em relação à parte central do corpo, eram dotadas, cada qual, de quatro garras bem afiadas.

Nicole calculou que o pássaro pesaria em torno de 100 kg. Seu corpo, excluindo o rosto e o bico, as pontas das asas e as presas, era coberto por um material preto e espesso semelhante ao veludo. Quando ficou claro para a ave que não conseguiria descer até o fundo do buraco, ela emitiu dois sons agudos, tomou um impulso para o alto e desapareceu.

Nicole não fez um único movimento no minuto que se seguiu à partida da criatura. Quando se sentou, procurou ordenar seus pensamentos. A adrenalina descarregada pelo medo ainda corria pelo seu corpo. Ela tentou pensar racionalmente sobre o que acabara de ver. Sua primeira idéia foi a de que aquilo era um biota, como todo o resto das criaturas móveis anteriormente vistas em Rama. *Se aquilo for um biota, ponderou, então é extremamente avançado.* Pensou nos outros biotas que tinha visto, tanto os

caranguejos do Hemisfério Meridional como a ampla variedade de estranhas criaturas filmadas pela primeira expedição ramaiana. Nicole não conseguia se convencer de que aquele pássaro fosse um biota. Havia qualquer coisa naqueles olhos...

Ela escutou um bater de asas a distância e seu corpo enrijeceu. Nicole encolheu-se num canto à sombra, no momento em que a iluminação do buraco viu-se novamente obscurecida por um imenso corpo sobrepairante. Não, eram dois corpos. O primeiro pássaro retornara trazendo uma companhia, sendo o segundo consideravelmente maior. O novo pássaro enfiou seu pescoço para dentro e encarou Nicole com seus olhos azuis, enquanto adejava sobre o buraco. Emitiu um som, mais potente e menos musical do que o do primeiro, alçando então seu pescoço para o alto, procurando ao redor por seu companheiro. Enquanto os dois pássaros emitiam uma confusa profusão de sons entre si, Nicole percebeu que o segundo deles era coberto por uma superfície lisa, como que um linóleo, sendo, porém, em todos os demais aspectos, exceto o tamanho, idêntico ao primeiro visitante. Por fim, o segundo pássaro se ergueu e a estranha dupla pousou à borda do buraco, sempre taramelando. Observaram Nicole silenciosamente por um ou dois minutos. Em seguida, depois de uma rápida conversa, os dois foram embora.

Nicole estava exausta após aquele atemorizante episódio. Minutos depois que seus visitantes alados partiram, ela já dormia, encolhida num dos cantos do buraco. Dormiu profundamente por várias horas. Foi despertada por um barulho forte, um estalo possante que ressoou pelo celeiro como o disparo de uma arma de fogo. Ela se ergueu rapidamente, porém não ouviu nenhum outro som inexplicável. Seu corpo lembrou-a de que ela estava faminta e sedenta. Apanhou o que restava de comida. *Seria melhor fazer duas refeições pequenas do que restava?* indagou a si mesma, extenuada, *ou devo comer tudo agora e aceitar seja lá o que aconteça?*

Com um profundo suspiro, Nicole decidiu dar cabo da comida e da água em uma única e última refeição. Considerou que poderia obter, assim, o sustento necessário para que pudesse, temporariamente, esquecer sobre alimentação. Estava enganada. Enquanto Nicole bebia o último gole de água de seu cantil, sua mente se viu bombardeada por imagens da garrafa cheia de água da fonte que ela e a família costumavam manter sempre sobre a mesa, em Beauvois.

Houve um outro estalo profundo a distância, quando Nicole terminou sua refeição. Ela parou para escutar, porém novamente se fez silêncio. Sua mente estava dominada por idéias de fuga, todas utilizando, de alguma forma, os pássaros para ajudá-la a sair do buraco. Censurou a si mesma por não ter procurado comunicar-se com eles quando houve oportunidade. Nicole riu-se sozinha, *é claro que eles poderiam resolver me engolir. Mas, para quem está condenado a morrer de fome, é preferível servir de comida.* Nicole tinha certeza de que os pássaros voltariam. Talvez sua convicção fosse reforçada pelo desalento de sua situação, mas, não obstante, ela começou a fazer planos quanto ao seu procedimento quando eles retornassem. *Olá*, imaginou-se dizendo. Ela se ergueria estendendo a mão, caminhando diligentemente até o centro do buraco, bem abaixo da adejante criatura. Nicole empregaria, então, uma seqüência especial de gestos a fim de comunicar o seu apelo: apontando repetidamente primeiro para si mesma e depois para o buraco, indicaria que não estava conseguindo sair; acenando para os dois pássaros e para a cobertura do celeiro, estaria pedindo a ajuda deles.

Dois ruídos agudos e intensos trouxeram Nicole de volta à realidade. Ao fim de uma pequena pausa, ela ouviu um outro estalo. Nicole procurou o capítulo "Ambiências" em seu *Atlas de Rama* computadorizado, e riu sozinha por não ter reconhecido de pronto o que estava acontecendo. Os fortes ruídos eram o som do gelo rompendo-se à medida que o mar Cilíndrico começava a se derreter a partir do fundo. Rama ainda se encontrava na órbita de Vênus (embora ela não soubesse que a última manobra a meio

curso pusera a astronave numa trajetória na qual a distância do Sol estava aumentando novamente), e a energia solar elevara a temperatura de Rama acima do ponto de congelamento da água.

O *Atlas* trazia advertências quanto às violentas tempestades e furacões que seriam criadas pelas instabilidades climáticas em consequência do degelo das águas. Nicole caminhou até o centro do buraco.

— Aproximem-se, seus pássaros, ou seja lá o que forem — gritou.

— Venham, apanhem-me e me dêem uma chance de escapar! Entretanto, os pássaros não voltaram. Nicole se manteve acordada por dez horas, num canto, sentindo-se cada vez mais fraca à medida que a frequência dos fortes ruídos atingia um ápice, diminuindo gradativamente depois. O vento começou a soprar. De início, era apenas uma brisa, mas tornou-se um vendaval quando cessaram os estalos do gelo se rompendo. Nicole estava completamente desencorajada. Ao cair no sono novamente, pensou consigo que provavelmente não iria despertar mais do que uma ou duas vezes.

Os ventos do furacão açoitaram Nova York por horas a fio. Nicole estava encolhida, inerte em um dos cantos. Enquanto escutava o uivo do vento, lembrou-se de quando estivera num chalé de esqui durante uma nevasca no Colorado. Tentou lembrar-se dos prazeres do esqui, mas não conseguia. A fome e a fadiga haviam enfraquecido também sua imaginação. Sentada ali imóvel, Nicole tinha a mente vazia de pensamentos, apenas imaginando, ocasionalmente, de que modo iria morrer.

Não conseguia lembrar-se de dormir e não se lembrava, tampouco, de acordar. Ela estava muito fraca. Sua mente lhe dizia que algo fora despejado para dentro do buraco. Estava novamente escuro. Nicole arrastou-se do canto em que se encontrava até o

lugar onde estavam amontoadas as peças de metal, sem acender sua lanterna. Ela colidiu contra alguma coisa, assustou-se, mas logo procurou senti-la com as mãos. Tratava-se de um objeto volumoso, maior do que uma bola de basquete. Possuía uma superfície lisa e sua forma era oval.

Nicole ficou mais alerta. Apanhou a lanterna em seu uniforme de vôo e iluminou o tal objeto. Ele era todo branco e parecia um ovo. Ela o examinou por inteiro. Ao apertá-lo, a superfície cedeu ligeiramente. *Será que posso comer isso aqui?*, indagou mentalmente, com uma fome tão profunda que pouco se importava com os efeitos que aquilo pudesse lhe causar.

Nicole puxou sua faca e conseguiu cortar o objeto com dificuldade. Arrancou nervosamente um naco e enfiou boca adentro. Não tinha gosto algum. Nicole cuspiu fora aquilo e começou a chorar. Chutou o objeto com raiva, fazendo com que este rolasse. Ela pensou ter ouvido qualquer coisa. Nicole foi até o objeto e empurrou-o com força, fazendo com que rolasse novamente. *Sim*, disse consigo mesma, *sim. É um barulho de líquido.*

O trabalho de cortar a parte externa com sua faca era árduo e vagaroso. Ao fim de vários minutos, Nicole apanhou seu equipamento médico e começou a trabalhar no objeto com seu bisturi automático. Fosse o que fosse, o objeto era constituído de três camadas separadas e distintas. O revestimento era rijo como o de uma bola de futebol, e relativamente difícil de ser manipulado. A segunda camada era um composto macio e úmido de coloração azul-real e com a consistência de um melão. Em seu interior, no centro, abrigava alguns litros de um líquido esverdeado. Trêmula por antecipação, Nicole enfiou uma mão em concha pela incisão e derramou o líquido em sua boca. Tinha um gosto estranho, medicinal, mas era refrescante. Ela tomou dois goles apressadamente, e em seguida seus anos de prática médica intervieram.

Lutando contra a vontade de beber, Nicole mergulhou a sonda de seu espectrômetro de massa no líquido, a fim de analisar sua

composição química. Tamanha era sua pressa que cometeu um erro na primeira averiguação, sendo obrigada a repetir o processo. Quando os resultados da análise apareceram na tela do pequeno monitor modular que podia ser afixado a qualquer um de seus instrumentos, Nicole começou a chorar de alegria. O líquido não a envenenaria. Pelo contrário, era rico em proteínas e minerais, em combinações químicas capazes de serem processadas pelo organismo.

— Tudo bem, tudo bem! — Nicole exclamou em voz alta. Ergueu-se num ímpeto e quase perdeu os sentidos. Mais cautelosa agora, sentou-se e deu início à festa de sua vida. Bebeu o líquido e comeu a polpa úmida até ficar absolutamente empanturrada. Em seguida, caiu num sono profundo e repousante.

Ao despertar, a maior preocupação de Nicole foi determinar a quantidade de "melão-maná", como o chamara, disponível para ela. Nicole fora uma pessoa gulosa, e tinha consciência disso, mas no passado. O que ela precisava fazer agora era administrar o melão-maná até conseguir, de alguma forma, a ajuda dos pássaros.

Nicole mediu cuidadosamente o melão. Seu peso bruto original era de quase dez quilos, restando-lhe agora, porém, pouco mais de oito. Seus cálculos indicavam que à incomestível porção externa correspondiam aproximadamente dois quilos, o que lhe dava seis quilos de alimento, em partes aproximadamente equivalentes de líquido e polpa azul-real. *Vejamos, calculava ela, três quilo gramas líquidos perfazem...*

Os pensamentos de Nicole foram interrompidos pela volta das luzes. *Sim*, disse para si mesma, consultando o relógio de pulso, *bem na hora e com a mesma variação de tempo*. Ergueu os olhos do relógio e viu, pela primeira vez, o objeto em forma de ovo plenamente iluminado. O reconhecimento foi imediato. *Oh, meu Deus*, pensou Nicole, aproximando-se dele e alisando com os dedos as sinuosas linhas marrons sobre aquela superfície branco-leitosa. *Eu quase tinha me esquecido*. Apanhou seu traje de vôo, de onde

retirou a pedra polida com que Omeh a presenteara na noite de Ano-Novo em Roma. Olhou fixamente para a pedra e em seguida para aquele objeto oval no buraco. *Oh, meu Deus*, Nicole repetiu.

Ela colocou a pedra no bolso e apanhou o pequeno frasco de cor verde. — Ronata saberá o momento certo de beber — ela ouviu seu bisavô dizer outra vez. Nicole sentou-se num canto e esvaziou o frasco num único gole.

### 39. ÁGUAS DA SABEDORIA

Imediatamente a visão de Nicole começou a turvar-se. Ela fechou os olhos por um segundo. Quando tornou a abri-los, sua visão estava dominada por uma profusão de cores vivas, agitando-se ao seu redor em formas geométricas como se ela estivesse se movendo a uma grande velocidade. No centro de seu campo visual, um ponto negro emergia de uma grande distância, em meio a um vibrante jogo de formas vermelhas e amareladas em alternância. Nicole concentrou-se no ponto, enquanto este continuava crescendo. Ele avançou na direção dela até cobrir todo o seu campo visual. Ela viu um homem, um velho homem negro, correndo pelas savanas da África numa noite inteiramente estrelada. Nicole enxergou o seu rosto claramente quando ele se voltou para escalar uma montanha rochosa. O homem era parecido com Omeh, mas, estranhamente, também com a mãe dela.

Ele escalou a montanha rochosa com incrível rapidez e agilidade. Ficou no topo em silhueta, de braços abertos e olhos fixos na lua crescente que se mostrava no horizonte. Nicole ouviu o som do disparo de um foguete e se voltou para sua esquerda. Viu um pequeno objeto espacial pousando na superfície lunar. Dois homens vestindo roupas espaciais desceram por uma escada. Ela ouviu a voz de Neil Armstrong dizendo: — É um pequeno passo para um homem e um salto gigantesco para a humanidade.

Buzz Aldrin juntou-se a Armstrong na superfície lunar e os dois astronautas apontaram para a direita. Ambos ficaram olhando para o velho homem negro parado na escarpa lunar próxima. Ele sorriu. Seus dentes eram branquíssimos. Seu rosto foi ganhando vulto na visão de Nicole, enquanto a paisagem lunar desaparecia ao fundo. O homem começou, então, a cantar lentamente em Senoufo, porém de início Nicole não conseguia compreender suas palavras. Repentinamente, Nicole percebeu que ele se dirigia para *ela* e que era capaz de entender cada palavra. — Sou um de seus antigos ancestrais — ele disse, — Quando menino, eu saía para meditar

durante a noite, imaginando que o homem chegaria na Lua. Como eu tinha sede, bebia profundamente das águas do Lago da Sabedoria. Primeiro, voei para a Lua, onde falei com os astronautas, e depois para outros mundos. Conheci os Grandes. Eles me disseram que você viria trazer a história de Manowe para as estrelas.

Enquanto Nicole observava, a cabeça do velho homem começou a crescer. Seus dentes foram ficando imperfeitos, longos, e seus olhos, amarelos. Ele se transformou num tigre, saltando no pescoço dela. Nicole gritou, sentindo os dentes em sua garganta. Ela se preparou para morrer. O tigre, porém, começou a mancar; uma flecha cravara-se fundo em sua coxa. Nicole ouviu um barulho e levantou os olhos. Sua mãe, vestindo uma esvoaçante e magnífica túnica vermelha, carregando um arco dourado, corria graciosamente em direção a uma carruagem reluzente, parada no ar. — Mãe... espere — Nicole gritou.

A figura voltou-se. — Você se deixou seduzir — a mãe disse. — Deve ser mais cuidadosa. Só posso salvá-la três vezes. Cuidado com aquilo que não pode enxergar, mas que sabe que está ali — Anawi subiu na carruagem e segurou as rédeas. — Você não deve morrer. Eu a amo, Nicole — os vermelhos cavalos alados elevaram-se cada vez mais no céu, até que Nicole não pôde mais enxergá-los.

O padrão das cores voltou à sua visão. Nicole agora ouvia música, inicialmente a uma longa distância e, em seguida, mais perto. Era uma música sintética, como o som de sinos de cristal. Bela, envolvente e etérea. Houve um forte aplauso. Nicole estava sentada na primeira fila, em um concerto, ao lado do pai. No palco, um homem oriental com cabelos até o chão e olhos fixos, numa expressão de arrebatamento, estava junto de três instrumentos de formatos estranhos. O som a envolvia por completo. Dava-lhe vontade de chorar.

— Vamos lá — chamou o pai. — Precisamos ir — diante dos olhos de Nicole, seu pai se transformou num pardal. Ele sorria para ela. Ela bateu suas próprias asas de pardal e os dois ganharam o

céu, deixando o concerto para trás. A música foi-se desvanecendo. O ar corria por entre os dois. Nicole pôde ver o encantador vale do Loire e teve um vislumbre de sua casa de campo em Beauvois. Estava contente em ir para casa. Contudo, seu pai-pardal desceu em Chinon, bem abaixo do Loire. Os dois pardais pousaram numa árvore no jardim de um castelo.

Abaixo deles, parados no ar frio de dezembro, Henrique Plantageneta e Eleanora de Aquitânia discutiam a respeito da sucessão ao trono da Inglaterra. Eleanora caminhou para baixo da árvore e notou a presença dos pardais. — Olá, Nicole — saudou a rainha — eu não sabia que você estava aí. — A rainha Eleanora estendeu a mão e afagou o corpinho do pardal. Nicole sentiu um arrepio pela suavidade daquele toque. — Lembre-se, Nicole — ela disse — o destino é mais importante do que o amor de qualquer espécie. Você pode suportar o que quer que seja se estiver certa de seu destino.

Nicole sentiu um cheiro de fumaça e percebeu que a presença deles era necessária em outra parte. Ela e o pai levantaram vôo, voltando-se para o norte, em direção à Normandia. O cheiro de fumaça era cada vez mais pronunciado. Eles ouviram um grito de socorro e bateram as asas com pressa.

Em Rouen, uma jovem modesta, com um brilho nos olhos, enxergou-os no alto enquanto se aproximavam. O fogo, lá embaixo, já atingira os seus pés; já se sentia no ar os primeiros odores de carne queimada. A jovem baixou os olhos em oração, enquanto uma cruz improvisada era mantida sobre sua cabeça pela mão de um clérigo. — Jesus abençoado — ela disse, com lágrimas escorrendo por seu rosto.

— Nós a salvaremos, Joana — gritou Nicole, enquanto ela e o pai pousavam na praça apinhada de gente. Joana os abraçou ao ser desamarrada do poste por eles. O fogo explodiu em volta deles e tudo ficou preto. No momento seguinte, Nicole estava revoando novamente, porém agora como uma imponente garça branca. Ela estava sozinha no interior de Rama, voando a grande altura sobre a

cidade de Nova York. Ela se inclinou lateralmente a fim de evitar um dos pássaros, que a observava com uma expressão de choque.

Nicole podia ver toda Nova York com detalhes inacreditáveis. Era como se seus olhos fossem dotados de visão múltipla e de uma vasta gama de lentes. Ela pôde detectar uma movimentação em quatro lugares diferentes. Nas proximidades do celeiro, um biota-caranguejo arrastava-se vagarosamente em direção à extremidade sul da construção. Das vizinhanças de cada uma das três praças centrais, emanava um calor de origem subterrânea, resultando em padrões coloridos em sua visão infravermelha. Nicole foi descendo em círculos na direção do celeiro, pousando com segurança em seu buraco.

## 40. CONVITE ALIENÍGENA

*Devo me preparar para ser resgatada*, disse Nicole com seus botões. Ela acabara de encher seu cantil com o líquido esverdeado do melão-maná. Depois de seccionar a polpa úmida do melão e de colocar os pedaços em seus antigos pacotes de alimento, Nicole voltou a sentar-se em seu canto habitual.

*Uau!*, admirou-se, retornando da fantástica viagem mental que fizera depois de ingerir o conteúdo do frasco. *Qual será o significado de tudo isto?* Nicole recordou sua visão durante o Poro, quando ainda era uma criança, e a rápida conversa mantida a esse respeito com Omeh, três anos mais tarde, ao retornar a Nidugu para os funerais da mãe.

— Para onde você foi, Ronata? — Omeh indagara certa noite em que o ancião e a menina estavam a sós.

Ela entendera imediatamente o que ele estava perguntando. — Eu me transformei num grande pássaro branco — respondera ela. — Voei para além da lua e do sol, para o grande vácuo.

— Ah — dissera ele — foi o que Omeh imaginou.

*E por que razão você não perguntou a ele o que acontecera a você?*, indagou o cientista existente na adulta Nicole para seu antigo eu de dez anos de idade. *Talvez então isso tudo fizesse algum sentido.* De alguma forma, porém, Nicole sabia que a visão transcendia qualquer análise, que pertencia a um universo por assim dizer insondável pelo processo dedutivo que tamanho poder conferia à ciência. Em vez disso, pensou em sua mãe, no quanto ela estava bonita em sua longa e esvoaçante túnica vermelha. Anawi a salvara do tigre. *Obrigado, minha mãe*, pensou Nicole. Desejou ter conversado mais com ela. Era um som estranho, como o de dezenas de pés descalços de bebês sobre um piso de linóleo, e vinha positivamente na direção dela. Nicole não teve muito tempo para pensar. Poucos segundos depois, a cabeça e as antenas de um biota-centopéia apareceram na borda do buraco e, sem que

reduzisse em nada sua velocidade, ele foi descendo imediatamente pela parede oposta.

O biota media, no total, quatro metros de comprimento. Ele foi descendo pela parede sem a menor dificuldade, apoiando cada uma de suas 60 patas diretamente contra a superfície lisa, mantendo-se agarrado a esta por uma espécie de sucção. Nicole colocou sua mochila nas costas, já esperando por sua oportunidade. Não estava tão surpresa pelo aparecimento do biota. Depois do que presenciara em sua visão, estava certa de que, de alguma forma, seria salva.

O biota-centopéia era formado por 15 segmentos de quatro patas cada um, interligados entre si, e uma cabeça semelhante a um inseto, munida de um bizarro conjunto de sensores, dois dos quais longos e finos, semelhantes a antenas. As peças de metal empilhadas na outra extremidade do buraco eram, aparentemente, suas peças de reposição. Nicole pôde observar o biota substituir três de suas patas, a carapaça de um de seus segmentos e duas protuberâncias nodosas nas laterais de sua cabeça. O processo inteiro não durou mais de cinco minutos. Ao concluí-lo, o biota começou a escalar a parede.

Nicole agarrou-se à cauda do biota-centopéia assim que três quartos de seu corpo já estavam em posição vertical. Contudo, o peso extra repentino mostrou-se excessivo. O biota perdeu a sustentação e despencou, juntamente com Nicole, de volta ao fundo do buraco. Momentos depois, ele tentava galgar novamente a parede. Desta feita, Nicole esperou até que a extensão total da centopéia estivesse subindo, na esperança de que a força dos demais segmentos compensasse o seu peso. O esforço foi em vão. O biota e Nicole tornaram a cair, empilhados.

Uma de suas patas dianteiras ficara seriamente danificada na segunda queda, de modo que o biota fez os reparos necessários antes de procurar subir pela parede uma terceira vez. Enquanto isso, Nicole tirou de sua bolsa médica todo o material de sutura mais resistente e atou a extremidade de uma grande linha de

espessura óctupla em torno dos três segmentos traseiros do biota. Na extremidade oposta da linha de sutura, ela fez um laço. Depois de ter calçado luvas para proteger as mãos e de ter forjado um cós para impedir que a linha a machucasse, Nicole atou o laço ao redor da cintura.

*Isso poderá ser um desastre,* percebeu Nicole, ao imaginar todas as possíveis conseqüências de seu plano. *Se a linha não agüentar, posso cair. Talvez eu não tenha tanta sorte na segunda vez.*

A centopéia começou a escalar a parede como antes. Faltando ainda diversos passos curtos para que seu corpo estivesse completamente alongado, o biota sentiu o peso de Nicole lá debaixo. Dessa vez, entretanto, ele não despencou. O diligente biota conseguiu avançar lentamente em seu trajeto ascendente. Nicole mantinha seu corpo perpendicular à superfície, como se escalasse uma montanha, segurando a linha de sutura com ambas as mãos.

Nicole encontrava-se cerca de 40 cm abaixo do último segmento do biota, enquanto ambos escalavam a parede. Quando a cabeça da centopéia alcançou o topo do buraco, Nicole estava a meio caminho de sua liberdade. Seu percurso lento e firme prosseguia, enquanto, segmento após segmento, o biota ia deixando o buraco à frente dela. Poucos minutos depois, entretanto, o ritmo do biota diminuiu sensivelmente, parando por completo quando o número de segmentos remanescentes chegou a quatro. Nicole podia quase alcançar o último segmento da centopéia se esticasse os braços para cima. Somente cerca de um metro da extensão do biota encontrava-se ainda no buraco, mas, assim mesmo, ele aparentemente estava imobilizado. Nicole estava forçando excessivamente as juntas que interligavam os últimos segmentos do biota.

Sinistras possibilidades percorriam a mente de Nicole, enquanto ela balançava a mais de seis metros do chão do buraco. *Grande,* ela pensou com ironia, agarrando com toda força a linha de

sutura e apoiando os pés firmemente na parede. *Há três desfechos possíveis, nenhum deles favorável. A linha poderá romper-se. O biota poderá despencar. Ou, então, eu poderei ficar pendurada aqui para sempre.*

Nicole considerou suas alternativas. O único plano com alguma possibilidade ainda razoável de êxito — mesmo assim, bastante arriscado — era galgar pela linha de sutura até o último segmento e depois, de alguma forma, utilizando o corpo ou as pernas da centopéia como apoios de mão, ir impulsionando o seu próprio corpo, com toda força, até o topo do buraco.

Nicole olhou para baixo e lembrou-se de sua primeira queda. *Acho que antes vou esperar um pouco para ver se essa máquina volta a se mover.* Passou-se um minuto. Depois outro. Nicole inspirou profundamente, esticou os braços segurando firmemente na linha de sutura e impulsionou seu corpo parede acima. Repetiu a operação com a outra mão. Estava agora bem próxima do último segmento. Nicole alcançou-o, agarrou uma das patas, mas, assim que tentou apoiar o seu peso, a pata soltou-se da parede.

*Lá se vai o meu plano,* ela pensou, após um momento de pânico. A médica posicionara-se novamente bem atrás do biota. Estudou novamente a centopéia com muito cuidado. A carapaça de cada segmento era formada por camadas sobrepostas. *Talvez eu pudesse agarrar uma dessas bordas...* Nicole recapitulou suas duas primeiras tentativas em galgar apoiando-se no dorso do biota. *Foi a força de sucção das patas que não agüentou,* ela ponderou. *A maior parte do biota está agora ao nível do solo, lá em cima. Ele deve ser capaz de agüentar o meu peso.*

Nicole percebeu que uma vez no dorso do biota, ela não contava mais com proteção alguma contra uma queda. A fim de testar a idéia, impulsionou o corpo até a extremidade da linha de sutura e segurou na beirada da carapaça. A única dúvida era se a beirada conseguiria suportar seu peso. Nicole procurou dimensionar a resistência da beirada enquanto se segurava à linha com a outra mão, por motivo de segurança. Não houve problema.

Nicole agarrou a beirada do último segmento do biota e, com toda cautela, tomou impulso para cima, soltando, depois, as mãos da linha de sutura. Enroscou as pernas em torno do corpo da centopéia, puxando o próprio corpo para cima até alcançar a beirada do segmento seguinte. As patas do último segmento soltaram-se da parede, sem que a centopéia, entretanto, esboçasse o menor movimento.

Ela repetiu a operação por duas vezes, passando de segmento para segmento. Nicole estava quase no topo. Quando fazia sua escalada final, levou um pequeno susto no momento em que o biota escorregou alguns centímetros para dentro do buraco. Agarrando-se, ofegante, ao biota, esperou até que ele estivesse firme e se arrastou para a frente em direção ao primeiro segmento, que já estava ao nível do solo. Enquanto ela se arrastava, o biota retomou sua caminhada, mas Nicole rolou pelo lado e aterrissou de costas no solo. — Aleluia! — ela exclamou.

Parada sobre a muralha que cercava Nova York e observando as águas turvas do mar Cilíndrico, Nicole procurava imaginar por que não houvera resposta a seu pedido de socorro. O dispositivo de autoteste de seu rádio indicava que ele estava em perfeito funcionamento, embora ela tivesse tentado, sem sucesso, estabelecer contato com o restante da tripulação em três ocasiões diferentes. Nicole conhecia bem o aparato de comunicação de que dispunham os cosmonautas. O não recebimento de uma resposta significava, ao mesmo tempo, que não havia membro algum da tripulação num raio de oito quilômetros de onde ela se encontrava naquele momento e que a estação auxiliar Beta não estava operante. *Se Beta estivesse em operação, Nicole pensava, eles conseguiriam comunicar-se comigo de qualquer lugar, mesmo da Newton.*

Nicole imaginou que a tripulação sem dúvida estaria a bordo de sua própria espaçonave, preparando-se para uma nova surtida, e que a estação de comunicações Beta possivelmente fora danificada

pelo vendaval. Mesmo assim, o que a inquietava era o fato de que já se haviam passado 45 horas desde o início do degelo e mais de 90 horas desde que ela caíra no buraco. Por que não aparecera ninguém à sua procura?

Os olhos de Nicole rastreavam o céu em busca de algum sinal de helicóptero. A atmosfera agora apresentava nuvens, conforme o previsto. O degelo do mar Cilíndrico alterara substancialmente os padrões climáticos de Rama. A temperatura se elevara consideravelmente. Nicole olhou para o seu termômetro e confirmou sua estimativa de que naquele momento a temperatura estava em quatro graus positivos.

*O mais provável, considerou Nicole, voltando à questão do paradeiro de seus companheiros, é que eles retornem logo. É bom eu ficar bem perto desse muro para que possa ser localizada com facilidade.* Nicole não perdeu muito tempo pensando em outras hipóteses menos prováveis. Considerou, apenas brevemente, a possibilidade de que a tripulação tivesse sofrido algum grande acidente e que ninguém estivesse ainda em condições de sair em busca dela. *Contudo, mesmo nesse caso, disse para si mesma, eu deveria adotar o mesmo procedimento. Eles viriam, mais cedo ou mais tarde.*

Para passar o tempo, Nicole colheu uma amostra do mar e examinou-a. A água apresentava muito poucos dos organismos venenosos encontrados na primeira expedição ramaiana. *Talvez eles tenham se desenvolvido e morrido enquanto eu ainda estava no buraco,* ela ponderou. *De qualquer forma, eles agora desapareceram quase completamente.* Nicole observou para si mesma que, no caso de uma emergência, um nadador bem preparado poderia atravessar aquela extensão sem precisar de um barco. No entanto, lembrou-se das imagens dos biotas-tubarões e outros habitantes do mar trazidas por Norton e sua tripulação e logo mudou de opinião.

Nicole caminhou junto ao muro por horas a fio. Sentada calmamente enquanto comia seu melão-maná (e pensava acerca

dos métodos que poderia utilizar a fim de preservar o restante do melão, caso ainda não fosse resgatada durante as 72 horas seguintes), ouviu algo que imaginou ser um grito vindo de Nova York. Pensou imediatamente no Dr. Takagishi.

Testou novamente seu aparelho de rádio. Nada. Nicole procurou no céu algum sinal de helicóptero. Ela ainda se debatia entre abandonar ou não sua vigília no muro, quando ouviu o segundo grito. Desta vez, conseguiu identificar melhor sua origem. Procurou a escadaria mais próxima e caminhou na direção sul, em direção ao centro de Nova York.

Nicole ainda não atualizara o mapa de Nova York armazenado em seu computador. Tendo atravessado as ruas anulares próximas à praça central, parou junto ao octaedro e registrou todas as novas descobertas, incluindo o celeiro com seus buracos e tudo o mais de que conseguia se lembrar. Momentos depois, enquanto admirava a beleza daquela singular construção em oito faces, Nicole ouviu um terceiro grito. Só que desta vez pareceu-lhe mais um guincho. Caso se tratasse de Takagishi, ele certamente estaria emitindo um som bastante peculiar.

Ela atravessou correndo a praça aberta, procurando seguir a direção do som, enquanto ainda estava fresco em sua mente. Ao se aproximar dos edifícios do lado oposto, Nicole ouviu um novo guincho. Desta vez, ouviu também uma resposta. Ela reconheceu as vozes. Pareciam pertencer aos dois pássaros que a visitaram no buraco. Nicole acautelou-se. Foi caminhando na direção do som, que parecia vir da área próxima às grades treliçadas que Francesca Sabatini achara fascinantes.

Em menos de dois minutos, Nicole estava parada entre dois arranha-céus interligados desde o chão por uma densa grade que se estendia por 50 m verticalmente. Cerca de 20 m acima do chão, o pássaro de corpo aveludado debatia-se em sua armadilha. As garras e as asas da criatura estavam presas entre os cabos daquela densa grade. O pássaro tornou a gritar ao ver Nicole. Seu

companheiro de tamanho maior, que sobrevoava em círculos junto ao topo dos edifícios, fez um vôo rasante na direção de Nicole.

Nicole agachou-se junto à fachada de um dos edifícios enquanto o pássaro se aproximava. Ele começou a matraquear na direção de Nicole como se a estivesse repreendendo, porém sem tocá-la. A ave de veludo disse qualquer coisa e, depois de uma rápida conversa, o imenso pássaro de linóleo retirou-se para um patamar próximo, a uns 20 m de distância.

Tão logo se acalmou (e sempre fitando o pássaro maior encarapitado), Nicole dirigiu-se até a grade e a examinou. Ela e Francesca não tiveram tempo a perder na busca a Takagishi, de forma que aquela era a primeira oportunidade de Nicole para um exame detalhado. A grade era constituída de um material que lembrava uma corda de aproximadamente quatro centímetros de espessura e um certo grau de elasticidade. Havia milhares de interseções na grade, cada qual formando um pequeno nó ou nódulo. Esses nódulos eram um tanto viscosos, mas não a ponto de fazer Nicole pensar que toda a grade fosse alguma espécie de teia de aranha destinada a capturar criaturas aladas.

Enquanto alisava a base daquela malha, o pássaro que estava em liberdade sobrevoou a cabeça de Nicole, pousando próximo a seu companheiro capturado. Com muita cautela, para não ser apanhado também, ele mexeu nos cabos individuais com suas garras. Depois puxou e torceu os cabos com certa dificuldade. Em seguida, o pássaro de linóleo aproximou-se cuidadosamente do local onde seu parceiro se encontrava aprisionado e fez uma inábil tentativa de romper ou de unir os cabos da grade que prendiam o outro pássaro. Ao terminar, o gigantesco pássaro recuou e passou a encarar Nicole fixamente. *O que ele está querendo?*, Nicole indagou a si mesma. *Tenho certeza de que ele está tentando me dizer alguma coisa...* Como Nicole não fez o menor movimento, o pássaro repetiu diligentemente toda a demonstração. Desta vez, Nicole pensou ter compreendido que a estranha criatura procurava dizer a ela que não estava conseguindo libertar seu companheiro. Nicole

sorriu e acenou afirmativamente com a cabeça. Em seguida, ainda na base da grade, ela entrelaçou alguns cabos adjacentes. Quando os soltou logo depois, os dois pássaros emitiram um guincho em sinal de aprovação. Ela repetiu o processo duas vezes e depois apontou primeiro para si mesma e a seguir para a criatura de veludo aprisionada acima dela.

Houve um rápido diálogo no idioma ruidoso e por vezes musical dos pássaros, e o maior voltou para o seu patamar. Nicole ergueu os olhos para o pássaro de veludo. Ele estava preso em três partes diferentes; em cada uma delas, o esforço violento da criatura fez com que ela ficasse ainda mais agarrada aos cabos elásticos. Nicole suspeitou que o pássaro provavelmente fora apanhado durante a violência do vendaval, tendo sido lançado para dentro da malha na noite anterior. Os cabos provavelmente haviam-se deformado sob o impacto do choque e, quando voltaram ao normal, o grande pássaro estava preso na grade.

Subir não era uma tarefa difícil. A grade estava muito bem ancorada nos dois edifícios e os cabos eram tão pesados que Nicole não balançou muito. Porém, 20 m acima do chão é uma altura considerável, superior à de um edifício comum de seis andares, de forma que Nicole já estava com ímpetos de mudar de idéia quando finalmente alcançou a altura na qual o pássaro estava aprisionado.

Nicole estava ofegante pelo esforço daquela escalada. Examinou cautelosamente a situação do pássaro a fim de se certificar de não haver compreendido mal nenhum detalhe de sua estranha mensagem. O pássaro alienígena a acompanhava com seus enormes olhos azuis.

Uma das asas estava presa bem junto à cabeça do pássaro. Nicole começou tentando soltar a asa, primeiro puxando os cabos da malha para prender os próprios tornozelos e evitar uma possível queda. Era uma tarefa vagarosa. Em determinado momento, Nicole sentiu o bafejar da potente respiração da criatura. *Conheço esse cheiro*, disse Nicole para si mesma. Bastou um instante para que Nicole relacionasse o cheiro com o melão-maná que ela comera

pouco antes. *Então você come a mesma coisa?*, pensou Nicole. *Mas de onde vem aquilo?* Nicole tinha vontade de poder conversar com aquelas estranhas e maravilhosas criaturas.

Ela enfrentou o primeiro nó. Estava muito apertado. Receava machucar a asa da criatura se o puxasse com mais força. Nicole enfiou a mão no bolso e apanhou seu bisturi eletrônico.

No mesmo instante, o outro pássaro estava pairando acima dela, taramelando, grasnando e assustando muito Nicole. Ele não saiu de lá e nem permitiu que ela prosseguisse, antes que Nicole se afastasse do pássaro aprisionado e mostrasse ao maior que o bisturi era apto para cortar os cabos da grade.

Com o uso do bisturi, a operação de retorno à liberdade foi rapidamente concluída. O pássaro de veludo abriu suas asas no ar, seus gritos musicais de alegria ressoando por toda a área. Seu companheiro juntou-se àquela celebração aos guinchos, ambos a brincar, quase como dois periquitos, no espaço acima da grade. Momentos depois, eles desapareceram e Nicole desceu lentamente até o chão.

Nicole estava satisfeita consigo mesma. Agora estava pronta para retornar ao muro e esperar pelo resgate, de cuja iminência ela estava certa. Caminhou na direção norte, entoando uma canção popular do Loire, da qual se lembrava desde a adolescência.

Passados alguns minutos, Nicole voltou a ter companhia. Mais precisamente, ela ganhou um guia. Sempre que tomava alguma direção errada, o pássaro de veludo, revoando acima dela, fazia uma incrível algazarra. Os ruídos só cessavam quando Nicole tomava a direção correta. *Para onde será que estamos indo?*, Nicole perguntava a si mesma.

Na área da praça, distante não mais de 40 m do octaedro, o pássaro precipitou-se para baixo, até uma parte totalmente reservada do solo metálico. Ele bateu as garras diversas vezes e depois sobrevoou o lugar. Uma espécie de tampa deslizou, revelando uma abertura, e a criatura desapareceu pelo subterrâneo

da praça. Por duas vezes o pássaro voou novamente para fora, disse qualquer coisa na direção de Nicole, desaparecendo em seguida.

Nicole compreendeu a mensagem. *Acho que estou sendo convidada para conhecer a família,* concluiu com seus botões. *Só espero que eu não seja o jantar.*

## 41. UM AMIGO DE VERDADE

Nicole não tinha a menor idéia do que esperar. Não sentiu medo ao se adiantar e olhar para o poço que se abria no chão. Seu sentimento dominante era a curiosidade. Por um instante, preocupou-se com a possibilidade da equipe de salvamento chegar enquanto ela estivesse nos subterrâneos, mas Nicole se convenceu de que eles voltariam mais tarde.

À tampa retangular era grande, com cerca de dez metros de comprimento por seis de largura. Quando o pássaro viu que Nicole o seguia, voou para dentro da abertura, aguardando-a no terceiro patamar. Nicole agachou-se junto à abertura e olhou para as profundezas. Pôde ver algumas luzes nas proximidades, além de outras que tremeluziam mais abaixo, a distância. Ela não conseguia avaliar com precisão a profundidade que o corredor alcançava, mas obviamente era superior a 20 ou 30 m.

A descida não era uma operação trivial para um espécime desprovido de asas. O corredor vertical era, fundamentalmente, um poço largo, guarnecido de uma série de amplos patamares ao longo das laterais. Os patamares eram todos exatamente do mesmo tamanho, isto é, cerca de cinco metros de comprimento por um de largura, distando uns dos outros por uma profundidade aproximada de dois metros. Nicole teria de ser muito cautelosa.

A luz existente no corredor vertical provinha da abertura para a praça e de algumas lanternas presas nas paredes a cada quatro patamares ao longo do declive. As lanternas eram protegidas por um envoltório transparente e muito delicado, semelhante ao papel. Cada lanterna continha uma pequena chama, juntamente com uma substância líquida que Nicole presumiu ser algum combustível.

O amigo de corpo aveludado de Nicole observava-a pacientemente em sua descida, mantendo-se sempre três patamares abaixo dela. Nicole tinha a sensação de que, se por acaso escorregasse, o pássaro a apanharia no ar, mas não tinha a

menor intenção de comprovar sua hipótese. Sua mente trabalhava em alta velocidade. Nicole já se convencera de que as criaturas definitivamente não eram biotas. O que significava que eram alguma espécie alienígena. *Mas não poderiam ser os ramaianos*, ela ponderou. *Seu nível de desenvolvimento tecnológico é totalmente incompatível com esta cosmonave.*

Nicole lembrou-se de seus cursos de história, quando ouviu sobre os pobres e retrógrados maias encontrados no México pelos conquistadores. Os espanhóis consideraram impossível que os ancestrais daquela gente empobrecida e ignorante pudessem ter construído aqueles centros cerimoniais tão impressionantes. *Terá acontecido o mesmo aqui?*, imaginava Nicole. *Essas estranhas aves serão tudo o que restou da espécie superior que construiu esta espaçonave?*

A cerca de 20 m abaixo da superfície, Nicole escutou algo que lhe pareceu o som de água corrente. O ruído se intensificou quando ela atingiu um patamar que era, na verdade, a extensão de um túnel horizontal que se abria atrás dela. Nicole pôde ver, ao longo do corredor vertical, um saguão escuro similar indo na direção oposta, também paralelo à superfície.

Seu pássaro-guia encontrava-se, como de costume, três patamares abaixo. Nicole apontou para o túnel atrás de si. A criatura alçou vôo em sua direção e logo abaixo de Nicole, deixando absolutamente claro que ela deveria descer.

Mas Nicole não estava disposta a desistir tão facilmente. Pegou seu cantil e fez menção de beber. Em seguida, apontou para o túnel escuro atrás de si. O pássaro voou, aparentemente avaliando a intenção dela, passando sobre a cabeça de Nicole rumo à escuridão. Quarenta segundos depois, Nicole enxergou uma luz a distância que se foi intensificando à medida que ela se aproximava. O pássaro retornara, carregando uma imensa tocha numa de suas presas.

Nicole seguiu o pássaro por uns 15 m. Por fim, eles entraram num recinto que se abria à esquerda do túnel, que continha uma grande cisterna cheia de água. Uma água fresca era despejada na

cisterna por um cano embutido na parede. Nicole apanhou seu espectrômetro de massas e analisou o líquido. Era H<sub>2</sub>O puro; não havia nenhum outro componente químico em proporção superior a uma parte em um milhão. Atenta para não deixar de lado suas boas maneiras, Nicole mergulhou as mãos em concha na água e bebeu daquela fonte. Era uma água incrivelmente deliciosa.

Quando terminou de beber, Nicole voltou a descer pelo túnel na mesma direção de antes. O pássaro fez um grande alvoroço, esvoaçando para cima e para baixo, gritando incessantemente, até que Nicole mudou de direção, voltando ao corredor principal. Ao retomar sua descida, ela percebeu que o nível de iluminação ambiental diminuía consideravelmente. Nicole olhou para cima. A abertura que dava para a praça em Nova York estava agora tampada. *Espero que isso não signifique que eu vá ficar aqui para sempre*, ela pensou.

Vinte metros mais abaixo da superfície, um outro par de escuros túneis horizontais corria em sentido transversal ao corredor principal. Nesse segundo nível, o pássaro de veludo, sempre portando sua tocha, conduziu Nicole por um dos túneis horizontais, numa distância de aproximadamente 200 m. Ela acompanhou o pássaro até uma grande sala circular com um pé-direito alto. Empregando sua tocha, o pássaro acendeu diversas lanternas existentes na parede ao longo da sala. Em seguida, desapareceu. Ausentou-se por quase uma hora. Nicole ficou sentada com toda a paciência de que dispunha, inicialmente olhando ao redor daquele ambiente escuro, que a fazia lembrar de uma caverna ou uma gruta. Não havia nenhuma decoração. Aos poucos, Nicole começou a se concentrar em como iria informar aos pássaros que estava pronta para seguir adiante.

Quando seu amigo de veludo finalmente retornou, veio acompanhado de quatro parceiros. Nicole ouvira seu bater de asas no caminho e seu taramelar incessante. O companheiro alado de Nicole (que ela presumia ser alguma espécie de ajudante) e duas outras criaturas de superfície de linóleo apareceram primeiro. Os

três pousaram no chão e, em seguida, caminharam desajeitadamente para bem junto de Nicole, a fim de realizar um reconhecimento visual. Quando se assentaram no lado oposto da sala, uma outra criatura de corpo aveludado, de cor marrom em vez de preta, entrou voando no recinto. Carregava um pequeno melão-maná em suas presas. O melão foi colocado diante de Nicole. Os quatro pássaros ficaram olhando com expectativa. Nicole cortou caprichosamente um oitavo do melão com seu bisturi, erguendo-o para tomar um pequeno gole do líquido esverdeado de seu interior, e depois levou o restante do melão até os seus anfitriões. Eles grasnaram em sinal de aprovação, admirando a precisão do corte, enquanto passavam o melão entre si.

Nicole observou os pássaros comendo. Eles repartiram o melão uns com os outros, sem que em momento algum houvesse qualquer divisão em pedaços. Os dois pássaros de veludo eram surpreendentemente hábeis e jeitosos no manejo de suas garras, fazendo o mínimo de sujeira possível e não deixando sobras. Já os pássaros maiores eram bem mais ineptos; seu modo de comer fez Nicole lembrar-se dos animais terrestres. Como Nicole, nenhum dos pássaros comeu a dura casca do melão-maná.

Ao término da refeição, os pássaros, que não falaram nada enquanto comiam, confabularam em um círculo por vários segundos. O círculo se abriu depois que o pássaro de veludo marrom emitiu um som qualquer que, para Nicole, pareceu uma canção. Um a um, os pássaros foram revoando por cima dela a fim de observá-la ainda uma vez e desaparecerem porta afora.

Nicole sentou-se calmamente, procurando imaginar o que aconteceria a seguir. Os pássaros deixaram acesas as luminárias da sala de jantar (ou salão de banquetes, ou fosse lá o que fosse), mas o corredor contíguo estava completamente às escuras. A intenção clara deles era que ela permanecesse ali mesmo onde estava, ao menos por enquanto. Fazia muito tempo que Nicole não dormia, e ela sentia-se muito satisfeita com a comida. *Bem,*

pensou, encolhendo-se no chão após uma breve discussão interna, *talvez um cochilo possa me revigorar.*

Em seu sonho, ela ouviu alguém chamando seu nome, mas de um ponto bem longínquo. Era preciso que ela se esforçasse muito para escutar a voz. Nicole despertou sobressaltada e procurou lembrar-se de onde estava. Aguçou os ouvidos, mas não escutou nada. Ao consultar seu relógio, percebeu que dormira quatro horas. *Acho melhor ir embora, pensou. Logo estará escuro e não quero perder a chance de ser resgatada.*

Dirigiu-se até o saguão e acendeu sua pequena lanterna. Nicole atingiu o corredor vertical em menos de um minuto. Começou imediatamente a escalar os patamares. Pouco antes do local onde parara durante a descida para beber água, Nicole ouviu um barulho estranho acima dela. Parou para tomar fôlego, inclinou-se levemente em direção à abertura vertical e dirigiu seu fecho de luz para o alto, na direção do som. Alguma coisa volumosa movia-se para trás e para frente na região do primeiro nível que se projetava do corredor vertical.

Nicole subiu cautelosamente pelo patamar logo abaixo daquele novo fenômeno e ficou ali agachada. Fosse o que fosse, aquilo percorria cada centímetro quadrado do patamar defronte à entrada do túnel, de cinco em cinco segundos. Não havia maneira de Nicole evitá-lo. Seria impossível para ela impulsionar o corpo e galgar até o patamar seguinte em menos de cinco segundos.

Ela caminhou até um dos cantos de seu patamar e procurou ouvir atentamente o som que vinha de cima. Quando a coisa voltou e deslocou-se na direção oposta, Nicole esticou o pescoço em direção à beirada do nível seguinte. O objeto movia-se rapidamente pelo piso e assemelhava-se, lá de baixo, a um tanque blindado. Ela o viu apenas num breve relance, pois a parte inferior do tanque girou instantaneamente em direção à extremidade oposta, já se preparando para inverter sua trajetória.

*Uma coisa é certa, Nicole pensou, parada no patamar de baixo. Esse tanque é alguma espécie de sentinela.* Nicole se indagava se ele possuiria ou não algum sensor — certamente o tanque não dera indicação nenhuma de tê-la ouvido — mas concluiu que não podia dar-se ao luxo de verificar aquilo. *Ele não seria grande coisa como guarda se não conseguisse ao menos detectar um intruso.*

Nicole desceu lentamente pelos patamares até o nível da sala de jantar. Estava profundamente desapontada, e agora também com raiva de si mesma, em primeiro lugar por ter entrado na toca dos pássaros. Ainda não fazia sentido para ela que os pássaros a estivessem mantendo como prisioneira. Afinal, a criatura não a convidara para uma visita depois que Nicole salvara sua vida?

Nicole também estava intrigada pelo tanque-sentinela. Sua existência era desconcertante, além de completamente incompatível com o nível de desenvolvimento técnico de todo o resto existente na toca. Qual seria o objetivo dele? De onde viria? *Curiouser e curiouser*, matutou Nicole. Ao retornar ao segundo nível subterrâneo, Nicole olhou em torno procurando descobrir se havia alguma forma de sair da toca. Havia um conjunto idêntico de patamares no lado oposto do corredor vertical. Se ela conseguisse dar um salto até lá, talvez então...

Antes de considerar seriamente tal plano, era preciso que Nicole determinasse a existência ou não de um tanque, ou qualquer sentinela equivalente, guardando o túnel horizontal oposto no primeiro nível. Era impossível adivinhá-lo do lugar onde ela se encontrava, de modo que, resmungando sozinha por sua cretinice, Nicole tornou a escalar os patamares do lado em que se encontrava, a fim de obter uma visão favorável através do corredor. Estava com sorte. O primeiro patamar do lado oposto do túnel estava vazio.

Ao retornar ao segundo nível subterrâneo uma vez mais, Nicole estava fatigada de todas aquelas subidas e descidas. Parou junto ao corredor, observando as luzes do abismo abaixo dela. Era praticamente certo que morreria caso ela caísse. Nicole sabia

avaliar distâncias muito bem e calculou em aproximadamente quatro metros o espaço entre a extremidade de seu patamar e a extremidade do patamar oposto. *Quatro metros, avaliou, quatro metros e meio no máximo. Considerando a exigência de algum espaço em ambas as extremidades, preciso dar um pulo de cinco metros para consegui-lo. De uniforme de vôo e mochila.*

Nicole lembrou-se de uma tarde de domingo em Beauvois, quatro anos antes, quando Geneviève tinha dez anos e mãe e filha assistiam às Olimpíadas de 2196 pela televisão. — Você ainda consegue dar um salto a distância, *mama?* — a menina perguntara, com grande dificuldade para imaginar a mãe na pele de uma campeã olímpica.

Pierre a convencera a levar Geneviève ao campo de atletismo que ficava ao lado da escola secundária de Luynes. Sua cronometragem se mostrara muito longa no salto triplo, mas, depois de 30 min de aquecimento e treino, Nicole conseguira dar um salto de seis metros e meio. Geneviève não chegara a ficar tão impressionada. — Mãe — a filha disse, enquanto as duas voltavam para casa de bicicleta pelos campos verdejantes — a irmã mais velha de Danielle consegue saltar quase a mesma distância e ela é apenas uma estudante universitária.

A lembrança de Geneviève desencadeou uma profunda tristeza em Nicole. Ela ansiava poder ouvir a voz da filha, ajudá-la a cuidar dos cabelos, ou dar um passeio de barco com ela no laguinho particular ao lado do Bresme. *Nunca damos valor aos bons momentos que temos, ela pensou, só depois que passam.*

Nicole começou a voltar para o corredor onde os pássaros a haviam deixado. Ela não tentaria saltar. Era perigoso demais. Se escorregasse...

— Nicole des Jardins, onde diabos você se meteu? — Nicole estancou instantaneamente, ao ouvir aquele chamado, muito débil, a distância. Teria sido sua imaginação? — Nicole! — ela tornou a ouvir. Tratava-se, definitivamente, da voz de Richard Wakefield. Ela voltou correndo até o túnel vertical, já pronta para gritar em

resposta. *Não, ela pensou rapidamente, isso poderá chamar a atenção deles. Não vai levar mais do que cinco minutos. Eu vou conseguir saltar...*

A adrenalina de Nicole estava sendo bombeada em um ritmo inacreditável. Ela demarcou seus passos e voou por sobre o abismo com suficiente folga de espaço. Escalou os patamares em velocidade vertiginosa. Ao se aproximar do topo, escutou Wakefield chamando por ela novamente.

— Estou aqui, Richard! Abaixo de você — gritou ela. — Debaixo da praça!

Nicole alcançou o primeiro patamar e começou a empurrar a tampa. Mas ela não se moveu. — Merda — gritou ela, enquanto o intrigado Richard Wakefield percorria as imediações. — Richard, venha até aqui. Aqui onde está ouvindo a minha voz! Bata no chão!

Richard passou a bater com força na tampa. Ambos berravam um para o outro. O barulho era ensurdecedor. Vindo lá de baixo, Nicole ouviu um bater de asas. Ao surgirem no corredor, os pássaros começaram a grasnar e matraquear.

— Ajudem-me — gritou Nicole, à proporção que eles se aproximavam. Ela apontou para a tampa acima. — Meu amigo está lá fora!

Richard continuava batendo. Somente os dois pássaros que encontraram Nicole no buraco chegaram até onde ela se encontrava. Esvoaçaram ao redor dela, batendo asas e grasnando para os outros cinco, que estavam um nível mais abaixo. Aparentemente, as criaturas estavam travando uma discussão, pois o pássaro de veludo estendeu por duas vezes o pescoço na direção de seus parceiros de baixo, emitindo um guincho estridente e assustador. Subitamente, a tampa se abriu. Richard precisou se equilibrar para não cair ali dentro. Ao olhar para baixo, viu Nicole e as duas gigantescas criaturas em forma de ave, uma das quais passou voando rente a ele, enquanto Nicole ganhava a superfície,

saindo pela abertura. — Com todos os diabos! — exclamou ele, acompanhando com os olhos o vôo do pássaro.

Nicole não cabia em si de alegria. Correu para os braços de Wakefield. — Richard, oh, Richard — exclamou ela — estou tão feliz por ver você!

Ele sorriu para ela e abraçou-a de novo. — Se eu soubesse que você se sentiria assim — ele disse — teria vindo antes.

## 42. DOIS EXPLORADORES

— Deixe-me ver se entendi. Você está me dizendo que está aqui *sozinho*? E que não temos meios de atravessar o mar Cilíndrico?

Richard balançou a cabeça afirmativamente. Aquilo era demais para Nicole. Cinco minutos antes, ela estivera exultante. Seu período de provação finalmente terminara. Ela já se imaginava regressando à Terra e encontrando seu pai e sua filha outra vez. Agora ele lhe dizia que...

Ela se afastou correndo e sentou-se no chão, apoiando a cabeça num dos edifícios que circundavam a praça. As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto ao dar vazão à sua decepção. Richard a acompanhava a distância.

— Eu sinto muito — acudiu Richard.

— Você tem culpa — disse ela, refazendo-se. — É que jamais me ocorreu que eu pudesse voltar a encontrar alguém da tripulação e *ainda assim* não ser salva... — ela se conteve. Não era justo de sua parte fazer Richard sofrer. Ela caminhou até ele e forçou um sorriso.

— Normalmente não sou tão emotiva — Nicole disse. — E eu interrompi sua história no meio. — Fez uma pequena pausa para enxugar os olhos. — Você estava me contando sobre os biotas-tubarões que perseguiram o seu barco a motor. Você os viu primeiro mais ou menos a meio caminho da travessia do mar?

— Mais ou menos — confirmou Richard. A decepção dela o contagiara. Ele esboçou um riso nervoso. — Você se lembra daquela vez em que, ao fim de uma das simulações, a junta de avaliação nos criticou por não termos enviado antes, ao mar, uma versão não pilotada de nosso barco a motor, para garantir a inexistência de qualquer peculiaridade no novo desenho que pudesse, de alguma forma, perturbar o "equilíbrio ecológico"? Bem, naquela ocasião eu

considerarei ridícula a sugestão. Agora já não tenho tanta certeza disso. Aqueles biotas-tubarões mal chegaram a importunar as embarcações de Newton, mas se mostraram positivamente nervosos com meu barco a motor de alta velocidade.

Richard e Nicole sentaram-se juntos numa das caixas metálicas acinzentadas espalhadas pela praça. — A certa altura, consegui enganá-los — Richard prosseguiu — mas tive muita sorte. Quando vi que não me restava mais nenhuma outra alternativa, simplesmente mergulhei na água e saí nadando. Para minha grande felicidade, eles estavam mais interessados no barco. Não vi nenhum deles enquanto nadava, até estar a apenas 100 m da margem.

— Há quanto tempo você está em Rama? — indagou Nicole.

— A cerca de 17 horas. Deixei a Newton duas horas depois do amanhecer. Passei um maldito de um tempo enorme tentando reparar a estação de comunicações de Beta. Mas foi impossível.

Nicole notou as roupas de vôo dele. — A não ser pelo seu cabelo, eu não diria sequer que você se molhou.

Richard riu. — Ah, os milagres da engenharia têxtil! Você acredita que esta roupa estava praticamente enxuta assim que eu fiquei exposto a uma temperatura mais quente? Depois disso, fiquei um bom tempo convencendo a mim mesmo de que eu passara aqueles 20 min nadando em água fria — ele olhou para sua companheira. A muito custo, ela estava relaxando. — Mas estou surpreso com você, cosmonauta des Jardins. Não me fez a pergunta mais importante. Como foi que descobri que você estava aqui?

Nicole apanhara seu esquadrinhador e estava lendo os dados biométricos de Richard. Estava tudo dentro dos limites toleráveis, apesar de seu recente e aflitivo esforço despendido na água. Ela se mostrou um pouco lenta para entender a pergunta. — Você *sabia* onde eu estava? — ela indagou finalmente, franzindo o cenho. — Pensei que você estivesse apenas perambulando por aí...

— Ora, vamos, minha senhora! Nova York é pequena mas nem *tanto*. São 25 km<sup>2</sup> dentro desses muros. E o rádio é totalmente

ineficaz por aqui — ele sorriu. — Vejamos: se me dispusesse a chamar pelo seu nome a cada metro quadrado, eu deveria chamá-la 25 milhões de vezes. Considerando um grito a cada dez segundos — para me permitir o tempo suficiente de ouvir alguma resposta e dirigir-me ao metro quadrado seguinte — seriam seis gritos por minuto. Portanto, seriam necessários quatro milhões de minutos, o que é ligeiramente superior a 60 mil horas ou 2.500 dias terrestres...

— Tudo bem — interrompeu Nicole. Finalmente ela estava rindo. — Agora me conte como foi que descobriu onde eu estava.

Richard ficou de pé. — Com licença? — falou ele dramaticamente, estendendo os dedos em direção ao bolso do peito do uniforme de vôo de Nicole.

— Eu acho que sim — ela respondeu — embora não consiga imaginar o que...

Richard enfiou a mão no bolso dela, retirando dali o Príncipe Hal.

— Foi ele quem me levou até você — disse Wakefield. — Você é um bom sujeito, meu príncipe, mas por um instante pensei que fosse me falhar.

Nicole não fazia a menor idéia do que Richard estava falando. — O Príncipe Hal e o Falstaff possuem radares intercomunicantes de navegação — ele explicou. — Eles emitem 15 impulsos potentes por segundo. Com o Falstaff colocado em minha barraca em Beta, e com um transceptor equivalente no acampamento em Alfa, pude segui-la por triangulação. Desse modo, eu sabia exatamente onde você se encontrava — ao menos em termos de coordenadas x-y. Meu algoritmo simples de rastreamento não foi projetado para excursões em z.

— Seria esta a denominação que um engenheiro daria à minha visita à toca dos pássaros? — indagou Nicole, sorrindo novamente.

— Uma excursão em z?

— É uma das formas de descrevê-la.

Nicole balançou a cabeça. — Eu não estou entendendo, Richard Wakefield. Se realmente sabia onde eu estava esse tempo todo, por que diabos esperou tanto para...

— Porque nós a tínhamos perdido, ou pensávamos que tínhamos, antes de encontrarmos você... depois que voltei para buscar o Falstaff.

— Será que fui eu que me tornei uma pateta nesta última semana ou essa sua explicação enrolada é incrivelmente confusa mesmo?

Foi a vez de Richard achar graça. — Talvez eu devesse procurar fazer uma apresentação mais ordenada — ele parou um pouco a fim de organizar seus dados mentais. — Eu fiquei realmente irritado — começou ele — quando, em junho, o Comitê Geral de Engenharia decidiu pela não utilização de radares de navegação enquanto localizadores pessoais adicionais. Argumentei, na época, que poderia haver situações de emergência ou circunstâncias imprevistas nas quais o sinal correspondente à voz humana normal estaria abaixo dos níveis mínimos para comunicação. Assim sendo, equipei três de meus próprios robôs para qualquer eventualidade...

Nicole olhava atentamente para Richard Wakefield enquanto ele falava. Ela esquecera que ele era ao mesmo tempo surpreendente e divertido. Tinha certeza de que se soubesse fazer as perguntas certas, ele seria capaz de discorrer sobre aquele único tema por uma hora inteira.

—... então Falstaff perdeu o sinal — ele estava dizendo. — Não estava presente no momento em que isso aconteceu, porque me preparava para vir com Hiro Yamanaka apanhar você e Francesca de helicóptero. Mas o Falstaff tem um gravadorzinho que registra todos os dados e seus respectivos tempos. Vendo que você não se manifestava, voltei a fita do gravador e descobri que o sinal desaparecera abruptamente.

— Ele voltou, apenas por pouco tempo, enquanto falávamos pelo rádio, alguns minutos depois, mas, passados vários segundos desde a nossa conversa, o sinal desapareceu em definitivo. O registro dos sinais sugeriu a mim um problema no *hardware*. Imaginei que o Príncipe Hal estivesse apresentando algum mau funcionamento. Quando Francesca contou que vocês tinham estado juntas até chegarem à praça, fiquei totalmente convencido de que o Príncipe Hal...

Nicole estava ouvindo apenas superficialmente a explicação, mas seus ouvidos se aguçaram no instante em que Richard mencionou Francesca. — Um momento — Nicole interrompeu, erguendo a mão. — O que você disse que ela lhe contou?

— Que você e ela tinham deixado juntas o celeiro e que você se afastara minutos depois para ir em busca de Takagishi...

— Isso é um absurdo total — disse Nicole.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Richard.

— Que é uma mentira. Uma inverdade total e absoluta. Eu caí naquele buraco, conforme contei, enquanto Francesca estava lá, ou pelo menos não mais de um minuto depois de ela sair. Ela não me viu mais depois disso. Richard parou por um momento. — Isso explica por que o Falstaff perdeu você de vista. Estava no celeiro o tempo todo e o sinal foi bloqueado — agora foi a vez de ele ficar intrigado. — Mas por que Francesca iria inventar uma história dessas?

*É o que eu gostaria de saber, Nicole pensou. Ela deve ter envenenado Borzov de propósito. Do contrário, por que iria deliberadamente...*

— Havia algum problema entre vocês duas? — Richard perguntou. — Eu sempre imaginei estar percebendo...

— Provavelmente algum ciúme — Nicole interrompeu — de ambas as partes. Francesca e eu somos anos-luz diferentes.

— Disso você pode ter certeza — Richard sorriu. — Passei a maior parte de um ano inteiro dando sinais de que considero você inteligente, interessante e atraente. E, no entanto, não recebi coisa alguma senão uma reservada e polida resposta profissional. Francesca, por outro lado, percebe até mesmo se você casualmente olha para ela com a cabeça inclinada para o lado.

— Há outras diferenças, bem mais substanciais — Nicole replicou, não de todo contrariada por Richard ter finalmente verbalizado seu interesse por ela enquanto mulher.

Houve uma pequena pausa momentânea na conversa. Nicole consultou seu relógio. — Mas não pretendo ficar aqui perdendo mais tempo falando sobre Francesca Sabatini — ela declarou. — Dentro de uma hora estará escuro novamente e precisamos planejar nossa fuga desta ilha. Temos, também, algumas questões logísticas, digamos assim, em que pensar, tais como água, comida e outros pontos não mencionáveis, que tornam o confinamento num buraco pequeno consideravelmente desagradável.

— Eu trouxe uma cabana portátil, caso precisemos.

— Ótimo — respondeu Nicole — vou me lembrar disso quando estiver chovendo. — Enfiou automaticamente a mão em sua mochila para apanhar um pouco de melão-maná, mas não chegou a tirar o pacote de comida. — A propósito — disse ela para Richard — você trouxe alguma alimentação para *humanos*?

A cabana veio a calhar quando os dois se preparavam para dormir. Eles decidiram colocá-la bem ao lado da praça central. Nicole sentia-se mais segura estando próxima dos pássaros. De certo modo, eles eram seus amigos e poderiam ajudar no caso de alguma emergência. Eram também a única fonte conhecida de alimento. Juntos, Richard e Nicole mal tinham água e comida suficiente para mais dois dias. Nicole não se opôs à sugestão de Richard para que compartilhassem juntos a cabana. Ele, muito gentilmente, oferecera-se para dormir do lado de fora — se assim

— você ficar mais à vontade — porém as cabanas podiam acomodar perfeitamente dois sacos de dormir, caso não houvesse outros utensílios. Deitar-se a meio metro de distância um do outro tornava o seu diálogo muito fácil. Nicole fez uma descrição detalhada das horas que passara sozinha, omitindo apenas o trecho referente ao frasco verde e à visão. Aquela experiência era demasiado pessoal para ser repartida. Richard ficou fascinado pela narrativa e absolutamente intrigado com os pássaros.

— Veja — disse ele, apoiando a cabeça no cotovelo — procure imaginar como diabos eles chegaram até lá. Pelo que você contou, exceto pelo tanque-sentinela, e concordo inteiramente com você de que se trate de uma anomalia, eles não são mais adiantados do que o homem pré-histórico. Como seria fascinante descobrir o segredo deles!

— Não se pode concluir de cara que eles sejam biotas — ele prosseguiu, mal podendo conter seu entusiasmo. — Eles podem não ser grande coisa do ponto de vista biológico, mas, Cristo! como inteligência artificial devem ser o supra-sumo da tecnologia. — Ele se pôs de pé sobre o saco de dormir. — Imagine só o que isso significaria, de qualquer modo. Precisamos encontrar todas essas respostas. Você é uma lingüista, talvez pudesse aprender a dialogar com eles.

Nicole achou graça naquilo. — Por acaso lhe ocorreu, Richard — ela perguntou — que toda essa discussão será mera teoria caso ninguém venha nos tirar daqui?

— Várias vezes — Richard riu. Estava deitado novamente. — Aquele maldito do Heilmann me chamou à parte pouco antes que eu voltasse para Rama, dizendo que eu estava agindo "contra todas as normas de procedimento" vindo para cá. Ele jurou que não viria buscar-me sob *nenhuma* circunstância.

— Então, por você voltou?

— Não sei exatamente — ele disse pausadamente. — Sei que queria pegar o Falstaff e verificar se, por um golpe feliz da sorte,

ele recebera algum outro sinal do seu radar. Mas creio que havia outros motivos. A missão estava se tomando mais política do que científica. Ficou óbvio para mim que os burocratas da Terra terminariam abortando a missão "por razões de segurança", e que a tripulação não voltaria para Rama. Eu sabia que as discussões políticas iriam se prolongar por mais um ou dois dias — ele fez uma pequena pausa. — E queria dar uma última olhada no cenário mais incrível que já vi em toda a minha vida.

Nicole ficou em silêncio por um momento. — Você obviamente não estava com medo — ela observou com serenidade — porque você não dá o menor sinal de medo até mesmo agora. Não o perturba em nada a idéia de ser deixado em Rama para morrer?

— Um pouco — respondeu Richard. — Mas morrer numa situação excitante é bem melhor do que viver numa situação aborrecida — voltou a se apoiar no cotovelo. — Durante três anos, ansiei participar dessa missão. Desde o princípio, achei que tinha uma grande chance de ser selecionado. A não ser pelos meus robôs e por Shakespeare, nada existe em minha vida senão o trabalho. Não tenho família ou amigos em quem pensar...

Sua voz perdera a intensidade. — E tenho tanto medo de voltar como de morrer. Ao menos Richard Wakefield, cosmonauta de Newton, tem um propósito claramente definido — ia dizer alguma coisa ainda, mas se deteve. Richard deitou-se e fechou os olhos.

### 43. PSICOLOGIA EXOBIOLÓGICA

— Temos outro motivo para não desistirmos de ter esperança — anunciou Richard com grande animação, tão logo viu Nicole abrir os olhos — e esqueci de mencioná-lo a você na noite passada.

Nicole sempre despertava muito lentamente. Mesmo na infância. Ela gostava de saborear o último resquício de seu estado de sono antes de enfrentar a dura realidade. Em casa, Geneviève e Pierre sabiam que não adiantava conversar sobre nenhum assunto importante com ela antes que tivesse tomado seu café da manhã. Ela piscou os olhos para Richard, que iluminava o espaço entre eles com sua pequena lanterna.

— Este veículo espacial encontra-se agora a caminho da Terra — ele disse. — Mesmo se a Newton for embora, poderemos ter aqui outra espaçonave humana, mais cedo ou mais tarde.

— Como assim? — quis saber Nicole, sentando-se e esfregando os olhos.

— Com todo o entusiasmo da noite passada — respondeu Richard — deixei de lado um dos pontos mais importantes. A manobra — creio que você sabia disso porque estava inconsciente no fundo do buraco — colocou Rama numa trajetória de impacto em direção à Terra. Foi o que tornou imperativa a nossa evacuação.

Richard percebeu que Nicole o encarava como se ele tivesse perdido o juízo. — A cosmonave ainda se encontra numa hipérbole em relação ao Sol — esclareceu ele — mas ela está se deslocando a toda velocidade em direção à Terra. Haverá uma colisão em 23 dias.

— Richard — disse Nicole, desejando profundamente uma xícara de café fresco — eu não gosto de brincadeiras de manhã cedo. Se está gastando sua energia para...— Não, não — interrompeu ele. — Estou falando sério. É verdade. Acredite-me.

Nicole apanhou seu termômetro de bolso e o verificou. — Então me diga, meu genial engenheiro, por que a temperatura aqui ainda está em elevação? Se estamos nos distanciando do Sol, ela não deveria estar caindo?

— Você é mais sabida do que isso, Nicole — Richard balançou a cabeça. — A energia térmica do Sol que incide sobre a superfície de Rama difunde-se muito lentamente pela sua face externa e depois pela interna. A condutividade térmica obviamente é muito baixa. Eu não esperaria por uma virada na temperatura antes das próximas duas semanas, no mínimo.

Nicole recordava-se ainda o bastante de seus fundamentos de termodinâmica para perceber que aquele raciocínio fazia sentido. Era muito cedo pela manhã para uma difusão térmica. Nicole debatia-se com a idéia de que Rama estaria rumando para a Terra. Pediu a Richard um gole d'água. *O que está acontecendo aqui?* ela indagou a si mesma. *Por que Rama está agora a caminho do nosso planeta?*

Richard parecia ler os pensamentos dela. — Você deve ter ouvido aqueles debates imbecis sobre o porquê de Rama ter alterado sua trajetória e sobre qual seria o seu propósito. Houve uma reunião a distância durante sete horas sobre o assunto.

Ele deu uma sonora gargalhada. — A AIE tem um funcionário, acho que é canadense, cuja especialidade é psicologia exobiológica. Você pode acreditar numa coisa dessas? Esse idiota também participou da reunião e apresentou descobertas quanto aos motivos psicológicos existentes por trás da manobra ramaiana — Richard balançou vigorosamente a cabeça. — Todas as burocracias são iguais. Elas consomem o potencial de todo indivíduo verdadeiramente criativo e desenvolvem burocratas descerebrados como sua massa crítica.

— Qual foi o resultado final da reunião? — Nicole indagou, depois de uma pequena pausa.

— A maior parte das pessoas sensatas adivinhou que Rama se dirigiria para a órbita terrestre e apresentou algumas sugestões passivas e remotas. Mas esses foram minoria. Na minha opinião, o bom senso e a lógica saíram de férias. Mesmo David Brown — que agia de modo muito estranho, segundo me parecia, desde que voltáramos para a Newton — reconheceu que havia uma grande possibilidade de Rama tomar alguma atitude hostil. Ele esclareceu sua posição, afirmando *não* se tratar, na verdade, de uma ação hostil, mas que a iniciativa de Rama em ampliar seus conhecimentos sobre a Terra poderia resultar em ações por nós compreendidas como hostis.

O agitado Richard Wakefield estava agora de pé. — Você ouviu mais conversa-fiada em sua vida? E o Dr. Brown foi um dos interlocutores mais coerentes. Toda a junta consultiva da AIE reuniu-se para decidir qual das possibilidades projetadas cada um dos membros iria apoiar. Você acha que aquele bando de plenipotenciários responderia dizendo, simplesmente: "Acredito na Opção A, impacto direto resultando em destruição e alterações climáticas", ou: "Sou a favor da Opção C, órbita terrestre com propósitos beligerantes"? Nunca! Cada um tinha de dar uma palestra qualquer. Aquele sujeito esquisito, o Dr. Alexander, o que fez todas aquelas perguntas depois de sua conferência aberta sobre biometria, em novembro, chegou a gastar 15 min explicando como a existência de Rama expusera uma falha na carta-patente da AIE. Como se alguém estivesse dando a mínima importância para isso! — Richard tornou a sentar-se, levando as mãos ao rosto. — Foi tudo algo de inacreditável.

Nicole estava agora totalmente desperta. — Imagino — disse ela, pondo-se de pé sobre o seu saco de dormir — a julgar pela sua óbvia irritação, que você discorda do consenso geral.

Richard acenou afirmativamente com a cabeça. — Praticamente três quartos do grande grupo participante da reunião — que incluía todos os cosmonautas da Newton, bem como a maior parte dos cientistas e principais executivos da AIE — estavam

convencidos de que a manobra ramaiana possivelmente seria prejudicial à Terra de algum modo significativo. Quase todos eles concentraram-se num mesmo aspecto. Uma vez que a primeira Rama aparentemente ignorou por completo a nossa presença, eles argumentaram, o fato de Rama II ter alterado sua trajetória visando um encontro com a Terra demonstra que esta cosmonave opera sob princípios diferentes. Eu, por certo, concordo com essa conclusão. Porém, o que não consigo compreender é por que eles assumem que a ação de Rama seja necessariamente hostil. Parece-me igualmente provável que os alienígenas possam estar sendo movidos pela curiosidade, ou mesmo por um desejo de serem nossos benfeitores de alguma forma. O engenheiro britânico parou por um instante para refletir. — Francesca afirma que as pesquisas de opinião na Terra mostram que a imensa maioria das pessoas comuns, quase 90% segundo ela, está apavorada pela aproximação de Rama. E está exigindo dos políticos que eles tomem alguma atitude.

Richard abriu a cabana e saiu para a praça escura. Dirigiu displicentemente o foco de sua lanterna para o octaedro. — Numa segunda reunião, ocorrida 18 horas depois, ficou decidido que a equipe da Newton não voltaria a entrar mais em Rama. Tecnicamente, não estou violando essa ordem, porque deixei a Newton antes do anúncio oficial. Mas era mais do que evidente que receberíamos aquela ordem.

— Enquanto os líderes do planeta Terra estão debatendo sobre o que fazer com uma nave do tamanho de um asteróide e que está se deslocando diretamente em sua direção — disse Nicole, caminhando pela praça ao lado dele — você e eu temos um problema bem mais elementar. Precisamos atravessar o mar Cilíndrico — ela conseguiu esboçar um pálido sorriso. — Que tal fazer uma pequena exploração enquanto conversamos?

Richard dirigiu o foco de sua lanterna para o fundo do buraco. O melão-maná era claramente visível, mas as peças individuais

amontoadas no canto eram de difícil identificação. — Então, aquelas são as partes avulsas de um biota-centopéia?

Nicole confirmou com a cabeça. Os dois estavam ajoelhados, lado a lado, na beira do buraco. — Mesmo à luz do dia, os cantos do buraco ficam na sombra. Eu precisava me certificar de que não estava olhando para o corpo de Takagashi.

— Eu adoraria ver um biota-centopéia consertando a si mesmo. — Richard ergueu-se e caminhou até a parede do celeiro, batendo nela com a mão. — E os cientistas de materiais adorariam conhecer isto aqui. As ondas de rádio normais são bloqueadas em ambos os sentidos e você não consegue enxergar o interior do lado de fora. Contudo, essa parede de algum modo se torna transparente pelo lado de dentro, se você estiver olhando para fora — ele se voltou para Nicole. — Me dê aqui o seu bisturi. Vejamos se conseguimos cortar um pedaço.

Nicole estava tentando decidir se um deles deveria descer até o fundo do buraco para retirar o melão. Não haveria grandes dificuldades para tanto, considerando que poderiam utilizar a linha de sutura. Por fim, ela apanhou seu bisturi e caminhou para junto de Richard.

— Não estou certa de que devemos fazer isso — opinou ela, hesitando em encostar o bisturi na parede do celeiro. — Em primeiro lugar, o bisturi poderia danificar-se. Talvez precisemos dele mais tarde. Em segundo lugar, bem, isso poderá ser considerado um ato de vandalismo.

— Vandalismo? — disse ele em tom de retórica. Richard olhou para Nicole com um ar de estranheza. — Que curioso conceito mais antropocêntrico. — Ele deu de ombros e se dirigiu para um dos cantos do celeiro. — Não se preocupe — disse ele — você provavelmente tem toda razão no que se refere ao bisturi.

Richard digitava alguns dados em seu computador de bolso e estudava o pequeno monitor quando Nicole se colocou a seu lado. — Você e Francesca estavam exatamente aqui, certo? — Nicole

confirmou com a cabeça. — Você então voltou para o celeiro na intenção de averiguar o interior de um dos buracos? — Eu já lhe contei essa história antes — Nicole replicou — por que está perguntando de novo?

— Acho que Francesca viu você caindo num dos buracos e quis nos confundir deliberadamente com aquela versão de que você teria saído à procura do nosso professor japonês. Ela não queria que ninguém encontrasse você.

Nicole olhava fixamente para Richard em meio à escuridão. — Eu concordo — ela respondeu lentamente. — Mas por que  *você*  pensa assim?

— É a única explicação que faz algum sentido. Tive um encontro muito estranho com ela pouco antes de voltar para cá. Ela veio até o meu quarto, com o pretexto de fazer uma entrevista, supostamente para descobrir meus motivos para voltar a Rama. Quando mencionei o Falstaff e o seu radar de navegação, ela desligou a câmera. Mostrou-se, então, muito animada e fez uma série de perguntas técnicas detalhadas. Antes de sair, disse-me estar convencida de que nenhum de nós jamais deveria ter entrado em Rama desde o início. Pensei que ela fosse me pedir que não voltasse.

— Posso compreender que ela não quisesse que eu descobrisse sua tentativa de abandoná-la no buraco — prosseguiu Richard depois de uma ligeira pausa. — O que não consigo compreender é por que ela deixou você ali, para começo de conversa.

— Lembra-se daquela noite em que você me explicou por que o sistema de proteção contra falhas do CirRo falhara? — Nicole disse após um momento de reflexão. — Naquela mesma noite, eu também perguntei a você e a Janos se algum de vocês tinha visto o General Borzov...

Enquanto caminhavam de volta para a praça central e sua cabana, Nicole passou 15 min explicando a Richard toda a sua história sobre a conspiração. Contou a ele sobre o contrato de mídia,

as drogas que Francesca ministrara tanto a David como a Reggie Wilson e as dificuldades pessoais de Nicole com todos os dirigentes da missão. Não falou sobre o cubo de dados. Richard concordou em que as evidências eram de fato muito persuasivas.

— Então você acha que ela a deixou ali no buraco só para não ser desmascarada como uma conspiradora?

Nicole fez que sim com a cabeça.

Richard deu um assobio. — Então tudo se casa. Quando voltamos à Newton, tive a impressão de que Francesca estava dando as cartas. Tanto Brown como Heilmann estavam recebendo ordens dela — ele envolveu Nicole com o braço. — Eu não gostaria de ter essa mulher como inimiga. Com certeza, ela não tem o menor escrúpulo.

## 44. UMA OUTRA TOCA

Richard e Nicole tinham preocupações maiores além de Francesca. Ao voltarem à praça central, descobriram que sua cabana desaparecera. As repetidas batidas na tampa da toca dos pássaros não obtiveram resposta. A precariedade da situação tornava-se mais evidente para ambos.

Richard foi ficando soturno e fechado. Desculpou-se com Nicole dizendo ser uma característica de sua personalidade afastar-se das pessoas quando se sentia inseguro. Ficou jogando horas a fio com seu computador, parando apenas ocasionalmente para fazer perguntas a Nicole com respeito à geografia de Nova York.

Nicole deitou-se em seu saco de dormir e passou a considerar a idéia de atravessarem o mar Cilíndrico a nado. Ela não era uma nadadora excepcional. Durante seu treinamento, levava cerca de 15 min para percorrer um quilômetro a nado. E isso numa piscina de águas calmas. Para atravessar o mar, ela seria forçada a nadar por uma extensão de cinco quilômetros, numa água fria e turbulenta. Podendo ser acompanhada, além disso, por adoráveis criaturas como os biotas-tubarões.

Um divertido homem gordo de 20 cm de comprimento interrompeu suas considerações. — Gostaria de um drinque, formosa jovem? — Falstaff convidou. Nicole virou-se e estudou o robô bem de perto. Ele ergueu uma grande caneca de líquido e o bebeu, derramando um pouco em sua barba. Enxugou a barba com a manga e depois soltou um arrote. — E se não quiser beber nada — disse ele com um forte sotaque britânico, enfiando a mão na braguilha — talvez então John possa ensinar-lhe uma ou duas coisas debaixo dos lençóis — aquele pequeno rosto era definitivamente interessante. Vulgar, mas muito engraçado.

Nicole riu-se. Falstaff também. — Não sou espirituoso apenas por mérito próprio — afirmou o robô — mas a origem de tal engenho está em outros homens.

— Sabe — disse Nicole para Richard, que observava a cena a vários metros de distância — se alguma vez você se cansar de ser astronauta, pode fazer milhões com brinquedos infantis.

Richard aproximou-se de Nicole e tomou Falstaff nas mãos. Agradeceu a Nicole por aquele elogio. — Segundo me parece, temos três opções — ele disse muito sério. — Podemos ir nadando pelo mar, podemos explorar Nova York para ver se conseguimos obter material suficiente para construir algum tipo de embarcação, ou podemos ficar esperando aqui até que chegue alguém. Não sou otimista quanto às nossas chances em qualquer um dos casos.

— Então, o que você sugere?

— Proponho um trato. Assim que clareie, podemos percorrer com cautela as áreas-chave da cidade, principalmente em torno das três praças, procurando descobrir o que quer que possa ser utilizado para construirmos um barco. Dedicaremos um dia ramaiano, talvez dois, para essa exploração. Caso não consigamos coisa alguma, atravessamos a nado. Não tenho a menor esperança de encontrar alguma equipe de resgate.

— Parece um plano sensato. Mas eu gostaria de fazer algo antes. Nós não temos muita comida, o que é uma constatação bastante óbvia. Eu me sentiria melhor se apanhássemos o melão-maná primeiro, antes de fazermos qualquer outra exploração. Assim, poderemos nos proteger contra eventuais surpresas.

Richard concordou em que garantir o suprimento alimentar provavelmente fosse uma prudente ação inicial. Mas não lhe agradava a idéia de usar de novo a linha de sutura. — Você teve sorte, em vários sentidos — ele disse a Nicole. — A linha não apenas não arrebentou, como nem mesmo rasgou aquele cóis que você fez. Porém, ela cortou completamente suas luvas em dois lugares, e por pouco não cortou o cóis.

— Você tem alguma idéia melhor? — indagou Nicole.

— O material da grade é a opção mais evidente — replicou Richard. — Ele deve servir perfeitamente. Só espero não ter

problemas para obtê-lo. Depois, eu posso descer no buraco e poupá-la do incômodo...

— Errado — interrompeu Nicole. Ela sorriu. — Com todo o devido respeito, Richard, esse não é o momento para nenhuma proeza machista. Usar a grade é uma grande idéia. Mas você é muito pesado. Se acontecer qualquer coisa, eu jamais conseguiria puxá-lo para fora — ela bateu de leve no ombro dele. — E espero não ferir seus sentimentos, mas provavelmente sou eu quem tem o físico mais atlético de nós dois.

Richard fingiu estar com o orgulho ferido. — Mas o que vai ser da tradição? É a função do homem desempenhar sempre os feitos que exigem força física e agilidade. Não se lembra dos desenhos animados de sua infância?

Nicole deu uma gargalhada. — Claro que sim, meu querido — ela concordou alegremente. — Mas você não é o Popeye. E eu não sou a Olívia Palito.

— Não sei se vou conseguir lidar com isso — falou ele, balançando vigorosamente a cabeça. — Descobrir, aos 34 anos, que não sou o Popeye... Que golpe para minha auto-imagem! — ele abraçou Nicole delicadamente. — O que você acha?— continuou. — Vamos procurar dormir mais um pouco antes que clareie?

Nenhum dos dois conseguiu dormir. Ficaram deitados lado a lado em seus sacos de dormir estirados na praça aberta, cada qual mergulhado nos próprios pensamentos. Nicole escutou o corpo de Richard se mexendo. — Você também está acordado? — ela perguntou sussurrando.

— Estou — ele respondeu. — Cheguei até a contar personagens shakespearianos, mas não deu certo. Já tinha passado dos 100.

Nicole apoiou-se num dos cotovelos e olhou para seu companheiro. — Diga-me, Richard — falou — de onde vem esse seu interesse por Shakespeare? Eu sei que você foi criado em Stratford, mas é difícil, para mim, imaginar como um engenheiro como você,

apaixonado por computadores, cálculos e engenhocas, pode ter todo esse fascínio por um dramaturgo.

— De acordo com meu analista, trata-se de uma "compulsão escapista" — respondeu Richard logo depois. — Por não gostar do mundo real ou das pessoas que nele vivem, criei outro mundo. Só não tirei esse mundo do nada. Eu simplesmente mergulhei num universo maravilhoso que um gênio já tinha inventado.

— Shakespeare foi o meu deus — prosseguiu Richard depois de uma pausa. — Quando eu tinha nove ou dez anos de idade, costumava ir até aquele parque próximo ao Avon — aquele que fica ao lado de todos os teatros, e que tem as estátuas de Hamlet, Falstaff, Lady Macbeth e do Príncipe Hal — e passar tardes inteiras inventando histórias adicionadas com meus personagens favoritos. Dessa forma, eu protelava minha volta para casa até o último instante possível. Eu tinha de estar junto de meu pai... Não sabia nunca o que ele iria fazer...

— Mas você não vai querer ficar ouvindo isso... — Richard interrompeu a si mesmo abruptamente. — Todo mundo tem lembranças dolorosas da infância. Deveríamos falar de outro assunto.

— Poderíamos falar do que estamos sentindo — Nicole respondeu, surpreendendo a si própria. — Coisa que eu raramente faço — acrescentou, num tom afável.

Richard voltou-se e olhou na direção dela. Lentamente, ele estendeu sua mão. Ela, suavemente, envolveu os dedos de Richard nos seus. — Meu pai trabalhava para a Companhia Ferroviária Britânica — ele voltou a falar. — Era um homem brilhante, mas socialmente inábil e teve muita dificuldade em conseguir algum trabalho que se adequasse a ele, depois que se formou na universidade em Sussex. Os tempos ainda eram difíceis, a economia estava apenas começando e se recuperar do Grande Caos...

— Quando minha mãe contou a ele que estava grávida, ele se sentiu esmagado pela responsabilidade de tudo aquilo. Passou a

procurar uma posição estável e segura. Ele sempre se saía bem em testes, e o governo estava obrigando todos os monopólios estatais de transportes, incluindo o setor ferroviário, a preencher seus quadros baseando-se em resultados concretos obtidos através de testes de seleção. Assim, meu pai tornou-se gerente de operações em Stratford.

— Ele detestava aquele emprego. Era monótono e repetitivo, sem oferecer o menor estímulo para um homem que recebera uma medalha de honra ao mérito. Minha mãe me contou que quando eu era bem pequeno, ele se candidatou para outros cargos, mas parecia sempre atamancar seus entrevistadores. Depois, quando eu já era maior, ele nem sequer procurava mais. Ficava em casa reclamando. E fazendo, assim, a infelicidade de todos à sua volta.

Houve um longo silêncio. Richard estava passando por um momento difícil, lutando com os demônios de sua infância. Nicole apertou a mão dele. — Eu sinto muito — disse ela.

— Eu também — replicou Richard, com uma ligeira falha na voz. — Eu era apenas uma criança com um senso incrível de deslumbramento e de amor pela vida. Voltava para casa extasiado com alguma coisa nova que eu aprendera ou com algo que acontecera na escola, e meu velho apenas rosnava.

— Certa vez, quando eu tinha apenas oito anos, cheguei da escola no início da tarde e tive uma discussão com ele. Era o seu dia de folga e ele tinha bebido, como sempre. Minha mãe estava fora, fazendo compras. Não me lembro do motivo da discussão, mas me lembro de ter-lhe dito que ele estava enganado com respeito a algum fato trivial. Como eu continuei argumentando, ele de repente me deu um murro no nariz com toda sua força. Caí contra a parede com meu nariz quebrado jorrando sangue. A partir de então, até completar 14 anos e sentir que era capaz de proteger a mim mesmo, nunca mais entrei naquela casa estando ele por lá, a menos que tivesse a certeza de que minha mãe não estava fora.

Nicole procurou imaginar um adulto esmurrando uma criança de oito anos. *Que espécie de homem é capaz de quebrar o nariz do*

*próprio filho?*, ela se perguntava.

— Sempre fui muito tímido — Richard estava dizendo — e me convenci de ter herdado a inabilidade social de meu pai, de modo que eu não tinha muitos amigos da minha idade. Mas eu ainda ansiava por me relacionar com pessoas — olhou para Nicole e fez uma pausa, recordando o passado. — Fiz dos personagens de Shakespeare os meus amigos. Lia suas peças todas as tardes no parque, mergulhando em seu universo imaginário. Cheguei a decorar cenas inteiras. Depois, ficava conversando com Romeu, com Ariel ou Jacques, enquanto caminhava para casa.

Não foi difícil para Nicole imaginar o restante da história de Richard. *Posso vê-lo na adolescência*, pensou. *Solitário, desajeitado e emocionalmente reprimido. Sua obsessão por Shakespeare proporcionava-lhe uma fuga de seu sofrimento. Todos os teatros eram próximos de sua casa. Você via seus amigos ganharem vida no palco.* Obedecendo a um impulso, Nicole inclinou-se e beijou suavemente o rosto de Richard. — Obrigado por ter-me contado — falou.

Tão logo amanheceu, os dois se dirigiram até a grade. Nicole ficou surpresa ao constatar que todas as incisões que fizera ao libertar o pássaro haviam sido consertadas. A grade parecia nova. — Obviamente, um biota-consertador já esteve por aqui — comentou Richard, não mais tão impressionado, depois de todas as coisas assombrosas que já vira.

Eles cortaram vários segmentos da grade e rumaram para o celeiro. No caminho, Richard foi testando a elasticidade do material. Descobriu que podia esticar-se aproximadamente 15% de seu comprimento e que sempre voltava, embora muito lentamente, por vezes, ao seu tamanho original. O tempo de restauração variava significativamente, dependendo do quanto a peça era alongada. Richard já começara a estudar a estrutura do cabo, quando os dois chegaram ao celeiro.

Nicole não perdeu tempo. Atou uma das extremidades do material da grade a um objeto truncado existente junto à face externa do celeiro e foi descendo pelo buraco. A função de Richard era certificar-se de que não ocorreria nenhum contratempo e colocar-se à disposição, caso alguma emergência se apresentasse. Ao tocar o fundo, Nicole sentiu um arrepio ao lembrar-se do quanto se sentira desalentada ali mesmo poucos dias antes. Mas logo voltou sua atenção para a tarefa a ser realizada, enfiando uma alavanca improvisada, feita com seus utensílios médicos, profundamente no melão-maná, prendendo, em seguida, a outra extremidade da alavanca em sua mochila. A subida de Nicole foi vigorosa e livre de incidentes.

— Muito bem — sorriu para Richard ao estender-lhe o melão para que ele o carregasse. — Agora vamos prosseguir com o Plano A?

— De acordo — respondeu ele. — Nós agora sabemos de onde virão nossas próximas dez refeições.

— Nove — corrigiu Nicole com uma risada. — Fiz um pequeno ajuste de cálculo depois que observei você comendo algumas vezes.

Richard e Nicole marcharam rapidamente do celeiro à praça oeste. Cruzaram a área aberta em ziguezague e vasculharam as estreitas ruelas próximas, sem encontrar, todavia, nada que tivesse serventia para a construção de um barco. Entretanto Richard teve um encontro com um biota-centopéia; em meio à busca deles, o biota entrara na praça, atravessando-a em sentido diagonal. Richard fizera todo o possível, inclusive deitando-se em frente ao biota e batendo-lhe na cabeça com sua mochila, para tentar induzir o biota a deter-se. Não conseguira nada. Nicole estava rindo de Richard quando este voltou, um tanto frustrado, para junto dela.

— Essa centopéia é absolutamente inútil — queixou-se ele. — Para que diabos ela serve? Não carrega coisa nenhuma. Não tem

sensores, pelo que pude observar. Ela simplesmente passeia alegremente por aí.

— A tecnologia de uma avançada espécie extraterrestre — ela disse, lembrando a Richard uma das citações favoritas dele — dificilmente poderá distinguir-se da magia.

— Mas essa maldita centopéia não é magia — ele respondeu um pouco aborrecido com a gargalhada de Nicole — é uma imbecil miserável!

— E o que você teria feito se ela parasse? — Nicole quis saber.

— Bem, eu a teria examinado, é claro. O que você acha?

— Acho que deveríamos concentrar nossa energia em outras coisas — respondeu ela. — Não acredito que um biota-centopéia possa nos ajudar a escapar desta ilha.

— Bem — disse Richard, de um modo um tanto brusco — já ficou óbvio para mim que estamos tocando esse processo de um jeito absolutamente errado. Não vamos encontrar coisa alguma na superfície. Os biotas provavelmente fazem uma limpeza regular. Deveríamos procurar uma outra abertura no chão, como a toca dos pássaros. Podemos utilizar o radar multiespectral para identificar os lugares em que o chão não é sólido.

Levaram muito tempo até encontrar a segunda abertura, apesar de esta não se situar a mais de 200 m do centro da praça oeste. De início, Richard e Nicole mostraram-se excessivamente limitados em sua busca. Uma hora depois, os dois finalmente se convenceram de que o subterrâneo da praça era sólido em toda a sua extensão. Assim, resolveram ampliar a área de busca, abrangendo as pequenas ruas e vielas próximas que davam para as avenidas concêntricas. Quando chegaram a um beco sem saída com edifícios altos nos três lados, encontraram uma outra tampa no meio da rua. Não estava absolutamente camuflada. Esta segunda tampa tinha as mesmas dimensões daquela existente na toca dos pássaros, um retângulo com dez metros de comprimento por seis de largura.



## 45. NIKKI

— Será que essa tampa se abre da mesma forma? — Nicole indagou, depois que Richard vasculhara atentamente as imediações e encontrara uma chapa plana, em um dos edifícios, que parecia decididamente fora de lugar. Pressionando a chapa com força, ele conseguira abrir a tampa.

Provavelmente — respondeu ele. — Temos de voltar até lá e verificar.

— Então esses lugares não são lá muito seguros — Nicole observou. Os dois voltaram até a rua e se agacharam a fim de olhar para o interior da abertura. Uma ampla e íngreme rampa abria-se abaixo deles e ia mergulhando até desaparecer na escuridão. Eles apenas conseguiam enxergar até cerca de dez metros de profundidade.

— Parece um daqueles antigos estacionamentos de carros — comentou Richard. — Do tempo em que o mundo tinha automóveis — ele pisou na rampa. — E até parece concreto.

Nicole observava seu companheiro descendo passo a passo pela rampa. Quando a cabeça de Richard já estava abaixo do nível do chão, ele se voltou na direção dela. — Você não vem? — Perguntou. Ele acendera sua lanterna, dirigindo o fecho para uma pequena plataforma alguns metros mais abaixo.

— Richard — disse Nicole, lá de cima — acho que deveríamos discutir isso. Não pretendo arriscar a...

— Ah-ha! — Richard exclamou. Assim que seu pé encostou naquela primeira plataforma, algumas luzes em volta dele automaticamente se acenderam, iluminando o trecho seguinte do declive. — A rampa faz uma volta — ele gritou — e continua descendo. Parece exatamente igual — ele se virou, desaparecendo do campo visual de Nicole.

— Richard — gritou agora Nicole, um pouco exasperada — quer fazer o favor de parar um minuto? Precisamos conversar sobre o que estamos fazendo!

Alguns segundos depois, o rosto sorridente de Richard tornou aparecer. Os dois cosmonautas discutiram suas opiniões. Nicole insistia em permanecer do lado de fora, em Nova York, ainda que Richard prosseguisse em sua exploração. Assim, pelo menos, argumentou, ela poderia garantir que não ficassem ambos presos no subterrâneo.

Enquanto ela falava, Richard permanecia na primeira plataforma, pesquisando a área em volta. As paredes eram feitas do mesmo material encontrado por Nicole na toca dos pássaros. Pequenos filetes luminosos, parecidos com as lâmpadas fluorescentes comuns da Terra, corriam ao longo da parede iluminando o caminho.

— Será que você poderia se afastar por um segundo? — Richard gritou no meio da conversa.

Inicialmente confusa, Nicole recuou da entrada retangular. — Mais um pouco — ela ouviu Richard gritar. Nicole foi andando até se encostar num dos edifícios circundantes.

— Essa distância já é suficiente? — ela acabara de gritar, quando a tampa começou a se fechar. Nicole correu para a frente e tentou deter o movimento da tampa, mas esta era extremamente pesada. — Richard — ela gritou, enquanto o buraco desaparecia do chão.

Nicole bateu na tampa e recordou seus próprios sentimentos de frustração ao se ver confinada na toca dos pássaros. Correu de volta até o edifício e pressionou a chapa plana embutida. Não aconteceu nada. Passou-se quase um minuto. Nicole estava ansiosa. Ela correu de volta para a rua e chamou por seu colega.

— Estou bem aqui, debaixo da tampa — ele respondeu, trazendo um alívio considerável para Nicole. — Encontrei uma outra placa junto à primeira plataforma e a apertei. Acho que ela aciona a

tampa para fechar ou abrir, porém deve possuir um dispositivo de retardamento. Me dê alguns minutos. Não tente abrir a tampa. E não fique muito perto dela.

Nicole recuou e esperou. Richard tinha razão. Alguns minutos depois, a tampa se abriu e ele emergiu do buraco com um sorriso largo no rosto. — Viu só? — falou. — Eu disse para você não se preocupar... Agora, o que temos para o almoço?

Ao descerem pela rampa, Nicole ouviu o ruído familiar de água corrente. Chegando a um pequeno ambiente cerca de 20 m atrás da plataforma, eles encontraram um cano e uma cisterna idênticos àqueles da toca dos pássaros. Richard e Nicole encheram seus cantis com aquela água fresca e deliciosa.

Do lado de fora do ambiente não se viam túneis horizontais saindo em ambas as direções, mas apenas outra rampa descendente cobrindo uma extensão de mais cinco metros abaixo do solo. O facho da lanterna de Richard percorria lentamente as paredes escuras nas imediações da sala com água. — Veja só, Nicole — falou ele, apontando para uma sutil variação no material de construção. — Olhe, ele arqueia para o outro lado.

Ela acompanhava o facho de luz enquanto este revelava a forma de um grande arco na parede. — É como se houvesse no mínimo duas fases de construção.

— Exatamente — ele respondeu. — Talvez existissem túneis horizontais aqui também, ao menos no princípio, e que depois foram fechados. — Nenhum dos dois disse uma palavra enquanto prosseguiam em sua descida. Para trás e para frente corriam rampas idênticas. Toda vez que Richard e Nicole pisavam em uma nova plataforma, a rampa de descida seguinte era iluminada.

Eles se encontravam a 50 m abaixo do solo quando o teto acima deles terminou e as rampas se abriram para uma grande caverna. O piso circular do local deveria ter aproximadamente 25 m de diâmetro. Havia quatro túneis escuros de cinco metros de altura

cada um, espaçados identicamente entre si por 90° da circunferência, que conduziam para fora da caverna.

— Uni, Duni, Tê — brincou Richard.

— Eu escolho Tê — disse Nicole, dirigindo-se para um dos túneis. Quando ela se encontrava a poucos metros da entrada, as luzes do primeiro trecho do túnel se acenderam.

Agora foi a vez de Richard demonstrar hesitação. Olhou com toda cautela para dentro do túnel e digitou rapidamente alguns dados em seu computador. — Não lhe parece que esse túnel faz uma ligeira curva para a direita? Está percebendo, lá onde terminam as luzes? Nicole fez que sim com a cabeça. Olhou por sobre o ombro de Richard para ver o que ele estava fazendo. — Estou montando um mapa — explicou, em resposta à curiosidade dela. — Teseu tinha um fio, João e Maria tinham pão. Nós temos *bites*. Esses computadores não são maravilhosos?

Ela sorriu. — Então, qual é o seu palpite? — Nicole indagou enquanto percorriam o trecho inicial do túnel. — Vamos encontrar um Minotauro ou uma casa de bolo de gengibre com uma bruxa malvada?

*Seria muita sorte*, Nicole pensou. Seu medo se intensificava à medida que penetravam no túnel. Ela se lembrou daquele terrível momento de pânico no buraco quando vira o pássaro pela primeira vez, revoando acima dela e estendendo o bico e as garras em sua direção. Um gélido arrepio desceu-lhe pela espinha. *Ei-la novamente*, disse consigo mesma, *aquela sensação de que algo de terrível está por acontecer*.

Ela se deteve. — Richard — falou — não estou gostando disso. Nós deveríamos voltar...

Os dois ouviram o barulho ao mesmo tempo. Vinha, definitivamente, *de trás* deles, das imediações da caverna circular da qual tinham acabado de sair. Parecia o som de escovas esfregando algum metal.

Richard e Nicole contraíram-se ao mesmo tempo. — É o mesmo ruído — ele sussurrou — que escutei na primeira noite em Rama, quando estávamos juntos aos muros de Nova York.

O túnel atrás deles descrevia uma ligeira curva para a esquerda. Quando os dois se voltaram para aquela direção, as luzes estavam apagadas no limite de seu campo visual. Entretanto, na segunda vez que escutaram o ruído, algumas luzes se acenderam a uma grande distância, quase simultaneamente, indicando que algo estava próximo da entrada do túnel deles.

Nicole disparou como um raio. Ela deve ter percorrido os 200 m seguintes em 30 s, apesar de sua lanterna e da mochila. Ela parou e ficou esperando por Richard. Nenhum dos dois tornou a ouvir o ruído, nem tampouco outra luz se fez visível nos confins do túnel.

— Eu sinto muito — disse Nicole, quando Richard finalmente chegou. — Entrei em pânico. Acho que já fiquei neste país das maravilhas alienígena por tempo demais.— Cristo! — Richard respondeu, franzindo a testa. — Nunca vi alguém correr tão depressa — sua carranca se desfez num sorriso. — Não se sinta constrangida, Nikki — ele disse. Eu também morri de medo. Só que fiquei paralisado.

Nicole continuava respirando profundamente enquanto olhava para Richard. — Do que foi que você me chamou? — ela perguntou, num tom ligeiramente hostil.

— Nikki — repetiu ele. — Achei que já era tempo de eu ter meu jeito especial de chamá-la. Você não gostou?

Nicole ficou calada por dez segundos inteiros. Sua mente se transportou para milhões de quilômetros e a 15 anos de distância, para uma suíte de hotel em Los Angeles, seu corpo experimentando ondas e ondas de prazer. — Isso é incrível, Nikki, realmente maravilhoso — diria o príncipe alguns minutos depois. Naquela noite, 15 anos passados, ela dissera a Henry que não a chamasse de Nikki, porque lhe soava como o nome de alguma corista viçosa ou de uma vagabunda.

Richard estalou os dedos diante do rosto dela. — Ei! ei! Tem alguém em casa?

Nicole sorriu. — É claro, Richard — ela respondeu. — Nikki é ótimo. Só espero que você não o use o tempo todo.

Os dois continuaram a caminhar lentamente pelo túnel. — Para onde foi que você viajou, agora há pouco? — Richard quis saber.

*Para um lugar sobre o qual eu jamais vou poder lhe contar, Nicole pensou. Porque cada um de nós é a soma de tudo o que já experimentou antes. Precisamos conviver eternamente com tudo aquilo que já fomos no passado. Ela enroscou seu braço no de Richard. E ter o bom senso de saber quando calar.*

O túnel parecia não ter fim. Richard e Nicole estavam quase decidindo dar meia-volta, quando chegaram a uma passagem escura saindo à direita deles. Sem hesitar, os dois entraram nela. As luzes se acenderam imediatamente. No interior do ambiente, na grande parede à esquerda, viam-se 25 objetos retangulares e rasos, dispostos em cinco filas regulares de cinco colunas cada uma. A parede oposta estava nua. Segundos depois de entrarem, os dois cosmonautas escutaram um rangido estridente de alta frequência vindo do teto. Os dois se retesaram momentaneamente, mas voltaram a relaxar tão logo constataram que o ranger prosseguia sem que houvesse nenhuma nova surpresa. Eles se deram as mãos e caminharam até uma das extremidades daquele ambiente longo e estreito. Os objetos na parede eram retratos, a maior parte deles provavelmente tirada em algum lugar de Rama. O grande octaedro, próximo à praça central, aparecia em diversas fotos. As imagens restantes dividiam-se entre cenas de edifícios de Nova York e tomadas grandangulares de panoramas do interior de Rama.

Três das fotografias fascinaram Richard em especial. Elas mostravam barcos lustrosos e de curvas aerodinâmicas bordejando o mar Cilíndrico; numa das fotos via-se uma poderosa onda prestes a cair ruidosamente na proa de uma grande embarcação. — É disso

que nós precisamos — Richard disse, com grande entusiasmo, para Nicole. — Se conseguíssemos encontrar um desses, nossos problemas estariam acabados.

O estridente rangido acima deles continuava, com muito pouca modulação. Um holofote movia-se de retrato em retrato nos momentos em que havia alguma pausa no rangido. Nicole e Richard concluíram facilmente que estavam num museu ou em alguma espécie de passeio turístico, porém nada mais era possível afirmar com certeza. Nicole sentou-se contra uma parede lateral. — Estou um bocado perturbada com tudo isso — ela confessou. — Sinto-me totalmente descontrolada.

Richard sentou-se ao lado dela. — Eu também — ele balançou a cabeça. — E eu mal cheguei em Nova York. Posso imaginar o que tudo isso está representando para você.

Ficaram em silêncio por um momento. — Quer saber o que mais me incomoda? — Nicole disse, procurando dar vazão, de alguma forma, ao desalento que tomava conta dela. — É o pouco que compreendo e avalio minha própria ignorância. Antes de fazer esta viagem, eu imaginava conhecer, de maneira geral, as dimensões do relacionamento entre o meu conhecimento pessoal e o conhecimento da humanidade. Mas o que é desconcertante, nesta missão, é percebermos o quanto a amplitude *total* do conhecimento humano pode ser pequena se comparada àquilo que *poderia* ser conhecido. Imagine só, a soma de tudo o que todos os seres humanos conhecem ou já conheceram pode ser nada mais do que uma fração infinitesimal da Enciclopédia Galáctica...

— É realmente assustador — Richard a interrompeu com entusiasmo. — E eletrizante ao mesmo tempo... Às vezes, quando estou numa livraria ou numa biblioteca, sinto-me esmagado por tudo aquilo que não conheço. Mas depois sou arrebatado por um poderoso desejo de ler todos os livros, um a um. Imagine como seria estar numa biblioteca de verdade, uma biblioteca que reunisse o conhecimento de todas as espécies do universo... A simples idéia de algo assim me deixa zozno.

Nicole voltou-se para Richard e bateu-lhe de leve na perna. — Muito bem, Richard — ela disse em tom de brincadeira, mudando o clima da conversa — agora que já reafirmamos a nossa incrível ignorância, qual será o nosso próximo plano? Calculo que já tenhamos percorrido mais ou menos um quilômetro de túnel. Para onde vamos daqui?

— Proponho que caminhemos mais 15 min na mesma direção. Segundo minha experiência, os túneis sempre conduzem a algum lugar. Caso não encontremos nada, damos meia-volta.

Ele ajudou Nicole a se levantar e abraçou-a levemente. — Muito bem, Nikki — disse ele, com uma piscada de olho. — Meia légua avante.

Nicole franziu a testa e balançou a cabeça. — Duas vezes já é bastante para um dia — disse ela — estendendo a mão para Richard.

## 46. PRUDÊNCIA, O MELHOR DA BRAVURA <sup>{2}</sup>

A imensa cavidade circular abaixo deles se estendia escuridão adentro. Apenas os cinco primeiros metros do declive estavam iluminados. Algumas hastes metálicas, de aproximadamente um metro de comprimento, emergiam das paredes, cada qual separada da haste vizinha pela mesma distância.

— Esse é definitivamente o ponto de chegada dos túneis — murmurou Richard consigo mesmo. Para ele, era um tanto difícil integrar aquela vasta cavidade cilíndrica, com suas paredes e hastes, em sua concepção global de Rama. Ele e Nicole percorreram o perímetro por duas vezes. Chegaram mesmo a percorrer algumas centenas de metros do outro túnel adjacente, concluindo, por sua ligeira curvatura para a direita, que este se originava da mesma caverna de onde saía o túnel que eles haviam percorrido antes.

— Bem — disse Richard por fim, encolhendo os ombros — aí vamos nós. Apoiou seu pé direito numa das hastes para verificar se ela iria agüentar seu peso. Era firme. O cientista inglês levou sua perna esquerda até a outra haste e desceu mais um nível com o pé esquerdo. — O espaçamento é quase perfeito — ele comentou, erguendo os olhos para Nicole — não deve ser difícil subir.

— Richard Wakefield — ela disse da beira da cavidade — está tentando me dizer que pretende descer nesse abismo? E que espera que eu o acompanhe?

— Não espero coisa alguma de você — ele replicou. — Mas não vejo motivos para recuar agora. Que alternativa nos resta? Voltar pelo túnel até as rampas e sair? Para quê? Para ver se alguém já nos localizou? Você viu as fotos dos barcos. Talvez eles estejam justamente aqui no fundo. Talvez haja até mesmo um rio secreto que corre pelo subterrâneo até o mar Cilíndrico.

— Talvez — Nicole retrucou, começando a descer lentamente, agora que o avanço de Richard conseguira acionar outro conjunto

de luzes abaixo deles — uma dessas coisas que fez aquele barulho esquisito esteja nos esperando lá embaixo.

— Eu vou descobrir já — respondeu Richard. — Ei, vocês aí embaixo! Somos dois humanos e estamos a caminho! — Ele acenou, perdendo momentaneamente o equilíbrio.

— Não seja tão exibido — disse Nicole, chegando ao lado dele. Ela fez uma pausa para recuperar o fôlego e olhar ao redor. Estava com os dois pés apoiados nas hastes, enquanto as mãos agarravam-se firmemente a outras duas. *Devo estar maluca*, ela pensou. *Olhe só para esse lugar. É fácil imaginar uma centena de mortes medonhas.* Richard descera mais um par de hastes. *E olhe só para ele. Será que é totalmente imune ao medo? Ou não passa de um irresponsável? Na verdade, ele parece estar adorando tudo isso.*

A terceira série de luzes iluminou uma grade treliçada no lado oposto da parede, abaixo deles. Estava pendurada entre as hastes todas, parecendo, a distância e sob aquela luz fosca, surpreendentemente, uma versão menor do objeto preso aos dois arranha-céus de Nova York. Richard contornou rapidamente o cilindro para examinar melhor a grade. — Venha cá — gritou para Nicole. — Acho que é aquele mesmo maldito material.

A grade estava presa à parede por pequenos ferrolhos. Por insistência de Richard, Nicole cortou um pedaço e o entregou a ele. Richard esticou-o e o observou voltando ao tamanho normal. Estudou sua estrutura interna. — *É mesmo* aquele material — falou. Sua testa encheu-se de vincos. — Mas que diabos significa isso?

Parada ao lado dele, Nicole iluminou as profundezas abaixo deles com o foco de sua lanterna. Ela estava prestes a sugerir que subissem de volta e procurassem algum terreno mais familiar, quando avistou um reflexo vindo de algum piso existente cerca de 20 m abaixo. — Vou fazer uma proposta — Nicole anunciou para Richard. — Enquanto você fica estudando o cabo da grade, eu desço mais alguns metros. Podemos estar próximos do fundo deste

estranho poço com hastes, ou seja lá o que isso for. Caso contrário, abandonamos o lugar.

— Tudo bem — disse Richard distraidamente, já absorvido em sua análise do cabo da grade, utilizando o microscópio que retirara de sua mochila.

Nicole desceu agilmente até o piso. — Acho melhor você descer — gritou para Richard. — Há dois outros túneis aqui embaixo, um grande e um pequeno. Além de uma outra abertura no centro... — Em segundos ele estava ao lado dela. Descera logo que vira a plataforma de baixo iluminada pelas luzes.

Richard e Nicole estavam parados numa plataforma de três metros de largura ao fundo do cilindro guarnecido de hastes. A plataforma formava um anel em torno de outra cavidade circular, menor, descendente, e que também possuía hastes emergindo da parede. À direita e à esquerda deles, túneis escuros em forma de arco abriam-se na rocha ou metal que constituía o material de construção básico daquele vasto mundo subterrâneo. O túnel à esquerda tinha cinco ou seis metros de altura; o túnel pequeno do lado oposto, a 180° em torno do anel, era de apenas meio metro de altura.

Saindo de cada um dos túneis e percorrendo meia plataforma, até o anel, viam-se duas faixas paralelas de um material desconhecido presas ao chão. As faixas que emergiam do túnel menor ficavam bem juntas uma da outra, enquanto as do túnel maior eram mais espaçadas entre si. Richard estava ajoelhado, examinando as faixas à frente do túnel maior quando ouviu um barulho. — Escute — disse para Nicole, enquanto os dois instintivamente recuavam.

O barulho intensificou-se e mudou para um som agudo, como se algo estivesse se deslocando rapidamente pelo ar. A uma grande distância no interior do túnel, reto como uma flecha, Richard e Nicole puderam enxergar algumas luzes se acendendo. Os dois se contraíram. Não foi preciso esperar muito por uma explicação. Um veículo parecido com um balouçante trem de metrô surgiu

repentinamente, correndo em direção a eles e parando de modo súbito com sua frente exatamente no limite das faixas do chão.

Richard e Nicole tinham-se afastado ao verem o veículo adiantando-se em sua direção. Eles estavam perigosamente próximos à beira do poço. Os dois permaneceram em silêncio por vários segundos, ambos com os olhos fixos naquela forma aerodinâmica que estava à sua frente. Em seguida, olharam um para o outro e começaram a rir ao mesmo tempo. — Tudo bem — Nicole disse, nervosa. — Eu já entendi. Nós passamos para uma outra dimensão. Nessa aqui é apenas um pouco difícil para se encontrar a estação de metrô... Isso é totalmente absurdo. Descemos por um buraco cheio de hastes e terminamos numa estação de metrô... Não sei quanto a você, Richard, mas para mim já foi o bastante. Eu vou conseguir de alguns pássaros *normais* um pouco de melão-maná alguns dias por semana...

Richard caminhou até a lateral do veículo. Uma porta se abriu num dos lados e ambos puderam enxergar o interior iluminado. Não havia assentos, mas apenas alguns delgados mastros cilíndricos distribuídos sem obedecerem a algum padrão evidente, que ocupavam os três metros existentes entre o teto e o chão. — Ele não deve ir longe — Richard ponderou, enfiando a cabeça porta adentro, mas mantendo os pés na plataforma do lado de fora. — Não há lugares para sentar.

Nicole se aproximou para observar por si mesma. — Talvez não existam velhos ou deficientes físicos e as lojas sejam todas perto de casa — ela riu novamente enquanto Richard inclinava-se mais ainda para dentro do vagão, para enxergar o teto e as paredes com maior nitidez. — Não me venha com alguma idéia maluca — ela advertiu. — Seria um atestado de insanidade mental subirmos nesse carro. A menos que estivéssemos sem comida e essa fosse a nossa última esperança.

— Acho que você tem razão — admitiu Richard. Ele estava definitivamente decepcionado ao se afastar do vagão. — Mas que coisa mais surpreen... — ele se deteve no meio da frase. Estava

olhando para o lado oposto da plataforma. Ali, na entrada agora iluminada do túnel pequeno, um veículo idêntico, com um décimo do tamanho do primeiro, emergia agora da escuridão. Nicole olhou para a mesma direção que Richard.

— Aquela deve ser a linha para Lilliput — disse Nicole. — Gigantes descem em outro piso e criaturas de tamanho normal tomam este trem aqui. É tudo muito simples.

Richard contornou rapidamente o anel. — Perfeito — ele disse em voz alta, tirando sua mochila e colocando-a ao seu lado no chão. Começou a vasculhar uma das divisões maiores da bolsa.

— O que você está fazendo? — indagou Nicole curiosa. Richard retirou da mochila duas figuras pequeninas e as mostrou para ela. — Perfeito — repetiu, com seu entusiasmo inconfundível. — Podemos mandar o Príncipe Hal e o Falstaff. Preciso de apenas alguns minutos para ajustar seus *softwares*.

Richard já abrira seu computador de bolso no patamar, ao lado dos robôs, e trabalhava atentamente. Nicole sentou-se, apoiando as costas na parede, entre duas hastes. Ficou observando Richard. *Ele é realmente um espécime raro*, ela pensou com admiração, recapitulando as horas que já tinham passado juntos. *Obviamente, ele é um gênio. Praticamente isento de malícia ou maldade. E ele guarda, de alguma forma, a curiosidade da criança.*

Subitamente, Nicole sentiu-se muito cansada. Sorria sozinha, observando Richard. Ele estava absorvido no trabalho. Nicole fechou os olhos por um momento.

— Desculpe por ter demorado tanto — disse Richard. — Fiquei pensando em algumas coisas novas para acrescentar e tive de reajustar os circuitos...

Nicole despertou de seu cochilo muito lentamente. — Há quanto tempo estamos aqui? — perguntou, bocejando.

— Pouco mais de uma hora — respondeu Richard timidamente.  
— Mas está tudo arrumado. Estou pronto para colocar os rapazes no vagão.

Nicole olhou em volta. — Os dois carros ainda estão aqui — ela observou.

— Acho que eles funcionam da mesma forma que as luzes. Aposto que vão permanecer na estação enquanto estivermos na plataforma.

Nicole se levantou e espreguiçou-se. — Eis o plano — falou Richard. — Eu fico com o transceptor de controle na mão. Tanto o Hal quanto *Sir* John possuem sensores de áudio, vídeo e raios infravermelhos que irão coletar os dados continuamente. Podemos escolher o canal a monitorar em nossos computadores e também enviar nossos comandos, se necessário.

— Mas será que os sinais vão conseguir atravessar as paredes?  
— Nicole indagou, lembrando de sua experiência no celeiro.

— Contanto que eles não precisem viajar através de muito material. O sistema é superdimensionado em termos de sinal-acompanhando-ruído, para acomodar eventuais reduções de potência ondulatória... Além disso, o vagão maior chegou até nós por uma linha reta. Espero que esta outra seja similar Richard depositou cuidadosamente os robôs na plataforma e introduziu um comando para que eles se dirigissem até o vagão. As portas se abriram em ambos os lados à medida que os dois se aproximavam.  
— Recomendações à senhora Quickly — disse Falstaff ao embarcar.  
— Ela é uma tola, mas de bom coração.

Nicole olhou intrigada para Richard. — Eu não reformulei o programa anterior deles por inteiro — riu-se ele. — De tempos em tempos, eles provavelmente farão algum comentário absurdo a esmo.

Os dois robôs ficaram parados no vagão por um ou dois minutos. Richard checkou imediatamente os sensores deles e fez mais alguns ajustes no monitor. Por fim, as portas do vagão se

fecharam, o veículo esperou por mais dez segundos e depois partiu rapidamente para o interior do túnel.

Richard comandou que eles observassem o trajeto, mas não havia muito o que se ver pela janela. Foi uma viagem surpreendentemente longa e a uma velocidade bastante elevada. Richard calculou que o pequeno vagão percorreria muitos quilômetros até finalmente reduzir a marcha e parar.

Richard esperou antes de comandar os dois robôs a descerem do trem. Quis certificar-se de que eles não estavam saltando em alguma parada intermediária. Entretanto, não havia motivo de preocupação; a primeira série completa de dados por imagem do Príncipe Hal e de Falstaff indicavam que o carro chegara, realmente, ao fim da linha.

Os dois robôs caminharam pela plataforma ao lado do trem e tiraram outras fotografias do local em que se encontravam. A estação possuía arcos e colunas, mas constituía, basicamente, um mesmo espaço, longo e interligado. Richard calculou, pelas imagens, que a altura do teto deveria ser de aproximadamente dois metros. Ele comandou Hal e Falstaff a seguirem pelo longo corredor que se abria à esquerda, perpendicularmente à linha do trem.

O corredor terminava diante de outro túnel, este com, no máximo, cinco centímetros de altura. Enquanto os robôs examinavam o chão, encontrando duas minúsculas faixas estendendo-se quase até os pés deles, um trem de minúsculas proporções aportou na estação. Com suas portas abertas e seu interior iluminado, eles puderam registrar que o novo vagão de metrô era idêntico, exceto pelo tamanho, aos outros dois que haviam sido vistos antes. Os cosmonautas estavam ajoelhados na plataforma, ambos observando ansiosamente o pequeno monitor do computador. Richard comandou Falstaff a tirar uma foto do Príncipe Hal junto ao vagão pequenino. — O carro em si — comentou Richard com Nicole, depois de estudar a imagem — tem menos de dois centímetros de altura. Quem serão os seus usuários? Formigas?

Nicole balançou a cabeça sem dizer palavra. Ela se sentiu novamente desnorteada. Naquele momento, ela pensava também em sua reação inicial a Rama, depois de haver percorrido a linha férrea, ao sair da comporta até chegar à estação de comunicações no topo da escadaria de Alfa. *Nunca, nem nos meus pensamentos mais alucinados, ela pensou, eu poderia prever a existência de tantos mistérios novos. Os primeiros exploradores mal chegaram a arranhar a superfície...*

— Richard — falou Nicole, interrompendo seus próprios pensamentos.

Ele comandou os robôs a caminharem de volta pelo corredor e em seguida ergueu os olhos do monitor. — O que foi? — indagou.

— Qual é a espessura da superfície externa de Rama?

— Creio que, aproximadamente, 100 m no total — ele disse, com um ar um tanto intrigado. — Mas isso numa das extremidades. Não temos nenhum meio definitivo para conhecer a espessura da superfície em nenhuma outra parte. Norton e a sua tripulação informaram que a profundidade do mar Cilíndrico era extremamente variável— de apenas 40 m em alguns trechos e chegando a 150 em outros. O que a mim sugere que a espessura do revestimento seja de, no mínimo, algumas centenas de metros.

Richard checou rapidamente o monitor. O Príncipe Hal e Falstaff estavam quase de volta à estação na qual haviam desembarcado do trem. Ele transmitiu um comando para que os robôs parassem e voltou-se para Nicole. — Por que está me perguntando isso? Você não costuma fazer perguntas despropositadas.

— Existe, obviamente, todo um mundo inexplorado ali embaixo — respondeu Nicole. — Precisaríamos de uma vida inteira..

— Nós não dispomos de todo esse tempo — interrompeu Richard com uma gargalhada. — Ao menos não de um período de vida normal... Mas voltando à sua pergunta com respeito à espessura, lembre-se de que todo o Hemicilindro Meridional possui o seu nível do chão a 450 m acima do norte. Portanto, a menos que

haja grandes irregularidades estruturais — coisa que certamente não se percebe em absoluto na parte externa — a espessura deve ser substancialmente maior no sul.

Richard esperou que Nicole acrescentasse qualquer coisa. Vendo que ela permanecia em silêncio por vários segundos, ele se voltou para o monitor, prosseguindo com sua exploração através dos robôs.

Havia um bom motivo para a dúvida de Nicole acerca da espessura da superfície. Surgira-lhe na mente uma imagem que ela não conseguia apagar. Nicole se imaginou chegando ao final de um daqueles longos túneis subterrâneos, abrindo uma porta e ser cegada pela luz do Sol. *Não seria incrível, ela imaginava, ser uma criatura inteligente, vivendo nesse labirinto de iluminação fosca e túneis e, de repente, tropeçar por acaso em algo que modificasse irremediavelmente todo o seu conceito do universo? Como você poderia voltar...*

— O que diabos será isso agora? — perguntou Richard. Nicole abandonou sua discussão mental e concentrou-se no monitor. O Príncipe Hal e Falstaff haviam entrado num vasto ambiente do lado oposto da estação e estavam parados diante de uma rede esponjosa amontoada. A imagem infravermelha da cena mostrava uma esfera abrigada no interior da rede, que irradiava calor. Por sugestão de Nicole, Richard comandou os robôs a caminharem em torno do objeto e pesquisarem o resto daquele novo local.

Era um salão imenso. Estendia-se para além dos dispositivos de resolução de vídeo conduzidos pelos robôs. O teto tinha aproximadamente 20 m de altura, enquanto as duas paredes laterais distavam mais de 50 m uma da outra. Podia-se ver, a distância, diversos outros objetos esféricos envoltos em massas esponjosas espalhadas pelo salão. Uma rede, percorrendo quase toda a extensão do salão, mas terminando a cinco metros do chão, pendia do alto teto em primeiro plano. Uma outra rede podia ser identificada, com dificuldade, a cerca de 100 m ou mais da primeira.

Richard e Nicole discutiram o que os robôs deveriam fazer a seguir. Não havia outras saídas, nem na estação e nem no salão. Uma imagem panorâmica do ambiente não revelou nada de interessante por ali, a não ser a esfera guardada em seu invólucro esponjoso. A vontade de Nicole era que trouxessem de volta os robôs e saíssem daquela toca de uma vez. Já a curiosidade de Richard exigia ao menos uma investigação superficial de um daqueles objetos esféricos.

Os dois robôs conseguiram, com certa dificuldade, subir pelo envoltório, procurando chegar até a esfera central no interior da rede. A temperatura ambiente se elevava à medida que eles se aproximavam da esfera. Uma das funções do material externo era nitidamente a de absorver o calor. Quando os robôs alcançaram a esfera ali guardada, seus monitores internos dispararam um alerta indicando que a temperatura externa ultrapassara seus limites seguros de operação.

Richard agiu rapidamente. Dirigindo os robôs numa base quase contínua, ele determinou que a esfera era virtualmente impenetrável, sendo provavelmente constituída por uma liga metálica espessa e possuindo uma superfície bastante rígida. Falstaff bateu diversas vezes na esfera com o braço; o som resultante foi amortecido com rapidez, indicando que a esfera estava cheia, provavelmente de líquido. Os dois robôs desentrelaçavam-se para fora da rede esponjosa, quando seus sistemas de áudio captaram o barulho de escovas esfregando algum metal.

Richard procurou acelerar a saída deles. Hal conseguiu apertar o passo, mas Falstaff, cujo subsistema elevava-se a uma temperatura excessiva enquanto ele estivera próximo à esfera, via-se impedido, por sua própria lógica interna de processamento, de acelerar seus movimentos. O ruído de escovas continuava a se intensificar.

Na plataforma onde estavam os dois cosmonautas, o monitor do computador passou a transmitir a cena em dupla-imagem. O

Príncipe Hal alcançou a extremidade da rede, tocou o chão e foi se dirigindo para a estação sem esperar por seu companheiro. Falstaff continuava sua vagarosa descida pela rede. — Isso é esforço demais para um beberrão — murmurou ele, enquanto rastejava sobre outra barreira.

O barulho do metal sendo esfregado parou abruptamente e a câmara de Falstaff registrou a imagem de um objeto longo e delgado com listras pretas e douradas. Momentos depois, a imagem da câmara escureceu por completo e o alarme "Falha Terminal Iminente" começou a soar. Richard e Nicole receberam ainda uma transmissão fugaz de Falstaff; era a imagem do que poderia ser um olho gigante visto bem de perto; uma mistura gelatinosa preta mesclada com azul. Cessaram, em seguida, todas as transmissões do robô, incluindo a telemetria de emergência.

Nesse ínterim, Hal entrara no trem que o aguardava. Durante os vários segundos que antecederam a partida do trem, o sinistro barulho do metal sendo esfregado se fez ouvir novamente. Mas o trem partiu com o robô em seu interior, disparando em alta velocidade pelo túnel, em direção aos dois cosmonautas. Richard e Nicole suspiraram aliviados.

Não mais que um segundo depois, o sistema de áudio do Príncipe Hal captou um ruído semelhante ao de um vidro estilhaçando-se. Richard comandou o robô a se voltar na direção daquele som e a câmara de Hal fotografou um solitário tentáculo preto e dourado no ar. O tentáculo quebrara a janela e movia-se inexoravelmente em direção ao robô. Richard e Nicole perceberam ao mesmo tempo o que estava acontecendo. Aquela coisa estava em cima do vagão! E estava vindo na direção deles!

Nicole começou a galgar as hastes no mesmo instante. Richard perdeu vários e preciosos segundos apanhando o monitor de seu computador e guardando todo o equipamento de volta na mochila. A meio caminho de sua escalada pelas hastes, Richard escutou o alarme "Falha Terminal Iminente" e voltou-se para olhar no momento exato em que o trem aparecia no túnel abaixo dele.

O que ele viu fez o seu sangue gelar. Montada sobre o trem, havia uma grande criatura escura cujo corpo central, se é que se tratava disso, estava achatado contra o topo. Seus tentáculos listrados estendiam-se em todas as direções. Quatro deles haviam quebrado as janelas do trem e agarrado o robô. A coisa desceu rapidamente do trem e envolveu, com um de seus oito tentáculos, as hastes inferiores. Richard não viu mais nada. Ele disparou para o topo do cilindro e começou a correr pelo túnel, seguindo os passos de Nicole que já se encontrava bem à sua frente.

Enquanto corria, Richard percebeu que o túnel descrevia uma ligeira curva para a direita. Ele então lembrou que, embora não sendo o mesmo túnel que havia percorrido antes, aquele também deveria conduzi-los até as rampas. Centenas de metros à frente, Richard parou para escutar o som de seu perseguidor. Não ouviu nada. Ele acabara de tomar fôlego profundamente por duas vezes e já ia começar a correr de novo quando ouviu um grito terrível mais adiante. Era Nicole. *Oh, merda*, pensou, correndo na direção dela.

## 47. MATRIZES PROGRESSIVAS

— Nunca, em toda a minha vida — disse Nicole para Richard — eu tinha visto algo que me aterrorizasse tanto como aquilo — os dois cosmonautas estavam sentados com as costas apoiadas contra a base de um dos arranha-céus que circundavam a praça oeste. Ambos estavam ainda ofegantes e exauridos por aquela fuga alucinada. Nicole tomou um longo gole de água.

— Eu estava justamente começando a relaxar — prosseguiu ela. — Conseguia ouvir você vindo atrás de mim e nada mais. Decidi parar no museu e esperar por você para seguirmos juntos. Não me ocorrera ainda que estávamos no "outro túnel".

— É claro que aquilo era óbvio, porque a entrada estava do lado errado. Mas naquele momento eu não estava conseguindo raciocinar com lógica... De qualquer forma, entrei na sala, as luzes se acenderam, e lá estava ele, a menos de três metros de mim. Pensei que meu coração fosse parar de vez...

Richard lembrou-se de Nicole correndo para os braços dele no túnel e chorando por alguns segundos. — É Takagishi... empalhado como um alce ou um tigre... na entrada da direita — dissera ela entre soluços. Ao se recompor, os dois caminharam de volta pelo túnel. Do lado de dentro da abertura, colocado exatamente na face oposta à entrada, Richard sentira um abalo ao ver o cosmonauta Shigeru Takagishi, da Newton. Vestia seu uniforme de vôo e exibia exatamente a mesma aparência de quando fora visto pela última vez no acampamento Beta. Seu rosto imóvel exibia um sorriso plácido, enquanto os braços pendiam para os lados.

— Que diabo é isso? — exclamou Richard, piscando os olhos duas vezes, sua curiosidade apenas ligeiramente mais profunda que seu terror. Nicole encobria os olhos. Mesmo já tendo visto a cena antes, seu amigo Takagishi, empalhado, parecia-lhe demasiadamente vivo.

Os dois permaneceram naquele salão por apenas um minuto. A taxidermia alienígena operara maravilhas também num pássaro de asa quebrada que pendia do teto, ao lado de Takagishi. Encostada na parede, atrás do cientista japonês, via-se a cabana de Richard e Nicole desaparecida no dia anterior. O painel eletrônico hexagonal da estação científica móvel da Newton repousava no chão, próximo aos pés de Takagishi, a pouca distância de um modelo, em escala natural, de um biota de terraplenagem. Espalhadas pela sala, viam-se outras réplicas de biotas.

Richard começara a estudar aquela variada coleção de biotas no salão, quando ambos ouviram, ao longe, o ruído familiar do metal atritado por escovas, vindo do túnel atrás deles. Os dois não perderam tempo. Sua fuga pelo túnel e as rampas apenas fora interrompida para uma ligeira parada na cisterna para reabastecerem seu suprimento de água.

— O Dr. Takagishi era um homem gentil e sensível — disse Nicole para Richard — e apaixonado por seu trabalho. Pouco antes do lançamento, eu o visitei no Japão, onde ele me contou que a maior ambição de sua vida sempre fora a de explorar uma segunda cosmonave Rama.

— É uma humilhação ele ter morrido dessa forma horrível — replicou Richard, num tom sóbrio. — Imagino que aquela aranha de oito patas, ou alguma de suas amigas, deva tê-lo arrastado até aqui para uma visita ao empalhador, quase imediatamente. Por certo, elas não perderam tempo em colocá-lo em exposição.

— Sabe, não acredito que elas o tenham matado — Nicole ponderou. — Talvez eu seja irremediavelmente ingênua, mas não percebi o menor sinal de violência em seu... em sua estátua.

— Você acha que elas apenas o mataram de susto? — indagou Richard com sarcasmo.

— Acho — Nicole respondeu firmemente. — Ao menos há essa possibilidade — ela passou os cinco minutos seguintes explicando a situação cardíaca de Takagishi para Richard.

— Estou surpreso com você, Nicole — Richard respondeu, depois de ouvir atentamente o relato dela. — Eu fazia uma idéia total-mente errada a seu respeito. Imaginava você como uma *madame* toda certinha, sempre agindo de acordo com as normas estabelecidas. Jamais confiei em que você tivesse uma cabeça própria. Isso para não falar de sua boa dose de paixão.

— Mas, nesse caso, não estou certa de ter agido corretamente. Tivesse eu obedecido fielmente às normas, Takagishi estaria vivo e morando com sua família em Quioto.

— E nós teríamos nos privado de sua singular experiência de vida... o que me leva a fazer uma pergunta interessante, minha querida doutora. Certamente você tem consciência, enquanto estamos nós dois aqui sentados, de que as circunstâncias não favorecem a nossa fuga. Temos grandes chances de morrer sem jamais tornar a ver algum outro rosto humano. Como se sente em relação a isso? O que representa a sua morte, ou qualquer morte, em sua visão global das coisas?

Nicole olhou para Richard. Estava surpresa pelo teor de sua pergunta. Procurou, inutilmente, ler a expressão do rosto dele. — Eu não tenho medo, se é o que está querendo saber — respondeu cuidadosamente. — Como médica, penso constantemente na morte. Além disso, minha mãe morreu quando eu ainda era muito jovem, e este fato me obrigou a encarar essa questão, de alguma forma, desde menina.

Ela fez uma ligeira pausa. — Quanto a mim, sei que gostaria de ficar viva até que Geneviève esteja crescida; e poder ser uma avó para os seus filhos. Mas estar vivo, simplesmente, não é o mais importante. Para valer a pena, a vida deve ter qualidade. E, para que ela tenha qualidade, cabe aos anos estarmos dispostos a correr alguns riscos... Será que eu estou sendo muito simplista?

Richard sorriu. — Não — disse ele — mas eu gosto do seu modo de ver as coisas. Você mencionou a palavra-chave. Qualidade... Alguma vez já pensou em se suicidar? — ele perguntou subitamente.

— Não — respondeu Nicole, balançando a cabeça. — Nunca. Sempre tive motivos de sobra para viver. — *Deve haver alguma razão para essa pergunta*, ela pensou. — E você? — ela indagou após um breve silêncio. — Chegou a pensar em suicídio em meio àquele sofrimento todo com o seu pai?

— Por estranho que pareça, não — respondeu ele. — As porradas de meu pai nunca me fizeram perder o entusiasmo pela vida. Havia tantas coisas a aprender! E eu sabia que eventualmente iria crescer e conquistar minha independência — fez-se uma grande pausa antes que ele prosseguisse. — Mas houve um período de minha vida quando, efetivamente, cheguei a pensar seriamente em suicídio — disse Richard. — O sofrimento e a raiva eram tão intensos que eu achava que não conseguiria suportá-los.

Ele ficou em silêncio, trancado nos próprios pensamentos. Nicole esperou pacientemente. Por fim, ela enroscou seu braço no dele. — Bem, meu amigo — disse ela alegremente — você pode me falar a esse respeito algum outro dia. Nenhum de nós está habituado a partilhar seus segredos mais profundos. Talvez, com o tempo, consigamos aprender isso. Vou começar contando a você por que acredito que não iremos morrer e por que penso que deveríamos ir adiante e investigar, a seguir, as imediações da praça leste.

Nicole jamais contara a quem quer que fosse, nem mesmo a seu pai, sobre a "viagem" que empreendera durante o Poro. Antes que terminasse seu relato para Richard, Nicole não apenas revelara a ele o que lhe havia acontecido aos sete anos de idade no Poro, como também recontara a história da visita de Omeh a Roma, as profecias Senoufo sobre a "mulher sem compaixão" que espalha sua prole por "entre as estrelas", e os detalhes de sua visão ao beber o conteúdo do frasco verde quando estava no fundo do poço.

Richard ficou mudo. Aquelas histórias todas eram tão estranhas à sua mente matemática, que ele nem mesmo sabia como reagir. Ficou olhando para Nicole com admiração e assombro. Por fim,

constrangido por seu próprio silêncio, ele começou a falar. — Eu nem sei o que dizer...

Nicole levou os dedos aos lábios dele. — Você não precisa dizer nada — disse ela. — Posso ler a sua reação em seu rosto. Podemos conversar sobre esse assunto amanhã, depois que você tiver tido tempo de pensar nas coisas que lhe falei.

Nicole bocejou e consultou seu relógio. Retirou seu saco de dormir da mochila e o estendeu no chão. — Estou exausta — disse ela. — Nada como o terror para produzir uma fadiga instantânea. Vejo você daqui a quatro horas.

— Já estamos vasculhando há uma hora e meia — protestou Richard, com impaciência. — Olhe aqui no mapa. Não há lugar algum, num raio de 500 m da praça central, onde não tenhamos estado pelo menos duas vezes.

— Nesse caso, estamos fazendo alguma coisa errada — replicou Nicole. — Havia *três* fontes de calor em minha visão. — Richard franziu a testa. — Posso usar de lógica, se você preferir. Por que haveria três praças e somente duas tocas subterrâneas? Você mesmo falou que os ramaianos sempre obedecem a um plano racional.

Eles estavam parados diante do dodecaedro que ficava de frente para a praça do setor leste. — Mais uma coisa — rosnou Richard para si mesmo — qual a finalidade de todos esses malditos poliedros? Existe um em cada setor, sendo que os três maiores estão nas praças... Espere um minuto — falou, enquanto seus olhos voltavam-se de uma das 12 faces do dodecaedro para um arranha-céu no lado oposto. Sua cabeça girou, então, rapidamente pela extensão da praça. — Será possível? — perguntou. — Não — respondeu — seria impossível.

Richard percebeu que Nicole olhava para ele fixamente. — Tive uma idéia — disse ele, muito animado. — Talvez seja completamente absurdo... Você se lembra do Dr. Bardolini e suas

matrizes progressivas? Com os golfinhos?... E se os ramaianos também deixaram aqui em Nova York um padrão de sutis diferenças que se manifestam de praça para praça e de trecho para trecho?... Veja bem, não é mais maluco do que as suas visões.

Logo Richard já estava de joelhos no chão, trabalhando com seus mapas de Nova York. — Posso usar o seu computador também? — perguntou a Nicole, alguns minutos depois. — Isso vai acelerar o processo.

Richard Wakefield ficou sentado durante quatro horas entre os dois computadores, murmurando sozinho, enquanto procurava decifrar o enigma de Nova York. Ao fazer uma pausa para jantar, por insistência de Nicole, Richard explicou para ela que a localização da terceira abertura subterrânea só poderia ser determinada se ele conseguisse compreender integralmente as relações geométricas entre os poliedros, as três praças, e todos os arranjos-céus imediatamente opostos às faces principais dos poliedros em cada um dos nove setores. Duas horas antes de escurecer, Richard dirigiu-se apressadamente para um trecho adjacente, a fim de obter alguns dados adicionais que não haviam sido ainda registrados em seus mapas computadorizados.

Ele não descansou nem mesmo depois que escureceu. Nicole dormiu durante a primeira parte da noite de 15 horas. Quando acordou, cinco horas depois, Richard ainda trabalhava fervorosamente em seu projeto. Ele nem sequer ouviu Nicole limpando sua garganta. Ela se levantou em silêncio e colocou as mãos sobre os ombros dele. — Você precisa dormir um pouco, Richard — ela disse suavemente.

— Estou quase acabando — ele respondeu. Nicole percebeu suas olheiras quando ele se virou para ela. — No máximo, daqui a uma hora.

Nicole voltou ao seu saco de dormir. Mais tarde, quando Richard a despertou, estava transbordando de euforia. — Sabe da maior? — ele disse, com um sorriso. — Temos três soluções possíveis, cada qual consistente com todos os padrões — ficou

andando de um lado para outro por quase um minuto. — Vamos dar uma olhada? — ele convidou ansioso. — Acho que não vou conseguir dormir antes de averiguar isso.

Nenhuma das três soluções de Richard para a localização do terceiro subterrâneo situava-se nas imediações da praça. A primeira ficava a mais de um quilômetro de distância, nos limites de Nova York, diante do Hemicilindro Setentrional. Ele e Nicole não encontraram coisa alguma ali. Caminharam por mais 15 minutos, em meio à escuridão, até a segunda localização possível, um ponto bem próximo do extremo sudoeste da cidade. Richard e Nicole percorreram a rua indicada e deram com uma tampa no local exato previsto por Richard. — Aleluia — gritou ele, estendendo seu saco de dormir junto à tampa. — Salve a matemática!

*Salve Omeh*, Nicole pensou. Embora não estivesse mais com sono, ela não tinha a menor ansiedade por explorar nenhum território novo sozinha na escuridão. *O que vem em primeiro lugar*, indagou a si mesma, deitada de olhos abertos em seu saco de dormir, *a intuição ou a matemática? Será que nos valemos de modelos para descobrir a verdade? Ou será que já conhecemos a verdade de antemão e desenvolvemos, depois, a matemática para explicá-la?*

Os dois estavam de pé ao amanhecer. — Aos poucos, os dias continuam diminuindo de duração — comentou Richard com Nicole. — Mas a soma das horas do dia e da noite permanece a constante de 46h4min14s.— Quanto tempo falta para atingirmos a Terra? — Nicole quis saber, enquanto acondicionava seu saco de dormir no invólucro protetor.

— Vinte dias e três horas — respondeu ele, após consultar seu computador. — Está pronta para uma nova aventura?

Ela respondeu afirmativamente com a cabeça. — Suponho que saiba também onde se encontra o painel que abre a tampa, não é?

— Não — ele confessou — mas não será difícil encontrá-lo. E, depois que o encontrarmos, a toca dos pássaros será sopa, porque

estaremos de posse de todo o seu esquema.

Dez minutos mais tarde, Richard empurrava uma chapa metálica e a terceira tampa se abria. A descida para esse terceiro subterrâneo dava-se por uma larga escadaria entremeada por eventuais patamares. Richard segurou a mão de Nicole enquanto eles desciam as escadas. Era preciso que utilizassem suas lanternas para enxergarem o caminho, pois nenhuma luz iluminava seu trajeto.

A sala com água encontrava-se exatamente no mesmo lugar que nas outras tocas subterrâneas. Não se ouviam sons nos túneis horizontais que saíam da escadaria central em nenhum dos níveis principais. — Acho que não mora ninguém agora — comentou Richard.

— Pelo menos não até aqui — Nicole respondeu.

## 48. BEM-VINDOS, TERRÁQUEOS

Richard estava intrigado. No primeiro salão, que saía de um dos túneis horizontais superiores, os dois se depararam com um arranjo de estranhos aparelhos, decodificados por ele em menos de uma hora. Ele agora sabia como regular as luzes e a temperatura de cada trecho em particular da toca subterrânea. Mas se era assim tão fácil, e sendo as tocas construídas de maneira idêntica, porque motivo os pássaros não utilizavam as luzes disponíveis? Enquanto os cosmonautas faziam seu desjejum, Richard fez algumas perguntas a Nicole com respeito a certos detalhes da toca dos pássaros.

— Você está negligenciando alguns fatores mais relevantes — disse Nicole, dando uma mordida no melão-maná. — Os pássaros em si não são tão importantes. A verdadeira questão é a seguinte: onde estão os ramaianos? E por que eles fizeram essas cavidades debaixo de Nova York, em primeiro lugar?

— Talvez eles sejam todos ramaianos — respondeu Richard. — Os biotas, os pássaros, as aranhas de oito patas talvez venham, originariamente, do mesmo planeta. No início, eles formavam todos uma família feliz. No entanto, com o passar dos anos e das gerações, as diferentes espécies evoluíram de maneiras diferentes. Construíram-se tocas individuais e...

— Há uma série de problemas nessa hipótese — Nicole interrompeu. — Em primeiro lugar, os biotas definitivamente são máquinas. Os pássaros podem tanto ser como não. As aranhas, quase com certeza, não são, muito embora um nível tecnológico capaz de criar esta astronave, antes de mais nada, pode ter progredido ainda mais, criando uma inteligência artificial que não poderíamos sequer imaginar. Contudo, minha intuição me diz que aquelas coisas são orgânicas.

— Nós, humanos, jamais seremos capazes de distinguir entre uma criatura viva e uma máquina versátil, criada por uma espécie

verdadeiramente avançada.

— Concordo com você. Mas certamente não vamos conseguir resolver esse problema sozinhos. Além disso, existe uma outra questão que eu gostaria de discutir com você.

— O que é? — Richard perguntou.

— Será que os pássaros, as aranhas e essas regiões subterrâneas existiam também em Rama I? Se existiam, como é possível que a tripulação de Norton não tenha travado conhecimento com nada disso? Se não existiam, por que estão nesta nave e não na primeira?

Richard permaneceu em silêncio por vários segundos. — Já sei onde você quer chegar — ele disse finalmente. — A premissa fundamental sempre foi a de que a astronave Rama fora criada, milhões de anos atrás, por seres desconhecidos de uma outra região da galáxia, e que não tinham o menor envolvimento ou interesse com respeito àquilo que pudessem encontrar em sua jornada. Caso tenham sido criados há tanto tempo, por que motivo dois veículos supostamente construídos ao mesmo tempo apresentam essas diferenças tão assombrosas?

— Começo a acreditar que o nosso colega de Quioto tinha razão — respondeu Nicole. — Talvez exista *mesmo* um padrão significativo nisso tudo. Estou amplamente convencida de que a tripulação da Norton foi meticulosa e acurada em sua exploração, e que todas as diferenças entre Rama I e Rama II são, de fato, reais. Na medida em que reconhecemos que as duas cosmonaves são diferentes, enfrentamos um problema ainda mais difícil. *Por que* elas são diferentes?

Richard terminara sua refeição e agora caminhava pelo túnel mal iluminado. — Houve uma discussão exatamente igual a esta, antes da decisão de abortar a missão. A questão principal da teleconferência era: por que os ramaianos alterariam sua rota, direcionando-a para a Terra? Uma vez que a primeira cosmonave não fizera o mesmo, o fato foi considerado uma forte evidência de

que Rama II era diferente. E os participantes da reunião não tinham a menor idéia da existência dos pássaros ou das aranhas de oito patas. — O general Borzov teria adorado os pássaros — observou Nicole, depois de um breve silêncio. — Ele achava que voar era um dos maiores prazeres da vida — Nicole riu-se. — Certa vez ele me confessou que sua esperança secreta era de que a reencarnação fosse uma realidade para que ele pudesse voltar como um pássaro.

— Ele era um bom sujeito — disse Richard, detendo momentaneamente seus passos. — Acho que nós nunca valorizamos devidamente todos os seus talentos.

Enquanto recolocava parte do melão-maná em sua mochila, preparando-se para retomar a exploração, Nicole deu um sorriso para o seu amigo peripatético. — Posso lhe fazer mais uma pergunta, Richard?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Acha que nós já encontramos algum ramaiano? Estou me referindo às criaturas que construíram este veículo. Ou qualquer um de seus descendentes.

Richard balançou vigorosamente a cabeça. — Absolutamente, não — falou. — Talvez tenhamos nos encontrado com algumas de suas criações. Ou mesmo com outros espécimes do mesmo planeta. Mas ainda não conhecemos os personagens principais.

Eles encontraram o Salão Branco, que se abria à esquerda de um túnel horizontal no segundo nível abaixo da superfície. Até então, a exploração fora quase monótona. Richard e Nicole haviam descido por diversos túneis e entrado em diversos salões vazios. Em quatro ocasiões, encontraram uma série de aparelhos para regulagem da iluminação e da temperatura. Não se depararam com nada de interessante até chegarem ao Salão Branco.

Tanto Richard como Nicole ficaram assombrados ao entrarem em um salão cujas paredes estavam pintadas de um branco vivo. Além da pintura, o ambiente era fascinante porque um de seus

cantos estava repleto de objetos que, quando observados mais de perto, demonstraram ser bastante familiares. Via-se ali um pente e uma escova de cabelos, uma embalagem vazia de batom, diversas moedas, um conjunto de chaves e até mesmo algo que se assemelhava a um antigo *walkie-talkie*. Uma outra série exibia um anel, um relógio de pulso, um tubo de pasta dental, uma lixa de unha e um pequeno teclado com um alfabeto latino. Richard e Nicole ficaram estarelecidos. — Muitobem, sr. gênio — disse ela com um aceno de mão. — Explique isso tudo, se puder.

Ele apanhou o tubo de pasta dental, abriu a tampa e o apertou. Um material branco foi expelido. Richard colocou o dedo na pasta, levando-o em seguida até a boca. — Argh! — fez ele, cuspidando a pasta. — Traga aqui o seu espectrômetro de massas.

Enquanto Nicole examinava o dentifrício com seus sofisticados instrumentos médicos, Richard foi erguendo cada um dos demais objetos. O relógio o fascinou em especial. Marcava, inclusive, a hora certa, segundo por segundo, embora seu ponto de referência fosse totalmente desconhecido. — Você alguma vez já foi ao museu espacial da Flórida? — ele indagou a Nicole.

— Não — respondeu ela distraidamente.

— Eles tinham um expositor com os objetos de uso pessoal levados pela tripulação da primeira missão ramaiana. Este relógio aqui se parece exatamente com o do expositor — lembro-me bem dele porque comprei um igual na loja do museu.

Nicole dirigiu-se até ele com um ar intrigado. — Isto aqui não é pasta de dente, Richard. Eu não sei o que é. Os espectros são surpreendentes, com uma abundância de moléculas hiperdensas.

Os dois cosmonautas investigaram por vários minutos aquela estranha reunião de objetos, procurando encontrar algum sentido para sua mais recente descoberta. — Uma coisa é certa — disse Richard, enquanto tentava inutilmente abrir o *walkie-talkie* — estes objetos estão definitivamente relacionados com seres humanos.

Sua quantidade é simplesmente numerosa demais para que eles representem alguma estranha coincidência interespécies.

— Mas como vieram parar aqui? — indagou Nicole. Ela tentou usar a escova, porém as cerdas eram maleáveis demais para o seu cabelo. Examinou o objeto mais detalhadamente. — Isto aqui não é uma escova de verdade — anunciou. — Ela *parece* uma escova, tem *jeito* de escova, mas não serve para pentear o cabelo.

Ela se curvou e apanhou lixa. — E isto aqui não pode ser usado para lixar nenhuma unha humana — Richard aproximou-se para ver do que ela estava falando. Ele ainda lutava com o *walkie-talkie*. Largou, contrariado, o aparelho e apanhou a lixa de unha que Nicole estendia para ele.

— Quer dizer que isso tudo parece humano, mas não é? — disse ele, esfregando a lixa contra a extremidade de sua unha mais comprida. A unha se manteve incólume. Richard devolveu a lixa para Nicole. — O que está acontecendo aqui? — exclamou ele num tom de frustração.

— Eu me lembro de ter lido um romance de ficção científica quando estudava na Universidade — disse Nicole, alguns segundos depois — no qual uma espécie extraterrestre aprendia sobre seres humanos unicamente através de nossos antigos programas de televisão. Quando esses seres finalmente fizeram contato conosco, ofereciam caixas de cereais, sabonetes e outros objetos que tinham visto em nossos comerciais. As embalagens eram todas reproduzidas com perfeição, mas ora não continham coisa alguma, ora o conteúdo era absolutamente equivocado.

Richard não prestara muita atenção às palavras de Nicole. Ele ficara brincando com as chaves e investigando a coleção de objetos dispostos pelo salão. — Agora, o que essas coisas todas terão em comum? — falou, mais para si mesmo.

Os dois chegaram à mesma conclusão alguns segundos mais tarde. — Todas essas peças pertenceram à tripulação da Norton — disseram Richard e Nicole ao mesmo tempo.

— Portanto, os dois veículos espaciais Rama devem ter algum tipo de canal de comunicação — prosseguiu Richard.

— E esses objetos foram colocados aqui de propósito, para nos mostrar que a visita a Rama I foi observada e registrada.

— Os biotas-aranhas que inspecionaram os acampamentos da Norton e seu equipamento deviam conter sensores de imagem.

— E todos esses objetos foram fabricados a partir de imagens transmitidas de Rama I para Rama II.

Após o último comentário de Nicole, os dois ficaram calados, cada qual seguindo sua própria linha de pensamento. — Mas por que eles querem que nós saibamos de tudo isso? O que esperam que façamos agora? — Richard se levantou e passou a caminhar pelo salão. De repente, começou a rir. — Não seria espantoso — ele disse — se David Brown tivesse razão: se os ramaianos não tivessem, de fato, o menor interesse em nada do que encontram, mas que programem seus veículos espaciais para *simular* um interesse por quaisquer visitantes? Eles poderiam iludir a toda e qualquer espécie que encontrassem, fazendo réplicas superficiais e adaptações de simples objetos. Seria uma incrível ironia. Considerando que toda espécie imatura seja irremediavelmente autocentrada, os visitantes da nave ramaiana ficariam totalmente mobilizados em buscar compreender uma suposta mensagem...

— Acho que você está se deixando influenciar — Nicole interrompeu. — Tudo o que sabemos até o momento é que aparentemente esta cosmonave recebeu imagens de Rama I e que as reproduções desses pequenos objetos cotidianos levados consigo pela tripulação da Newton foram colocados aqui neste salão para que nós as descobríssemos.

— Estou curioso para saber se este teclado é tão inútil quanto todo o resto — disse Richard, erguendo a peça. Formou a palavra "Rama" com as teclas. Não aconteceu nada. Experimentou "Nicole". Nada também.

— Você não se lembra do funcionamento dos modelos antigos?

— Nicole interveio, com um sorriso. Ela tomou o teclado nas mãos.

— Todos eles possuem uma chave para ligar alguma coisa. — Ela pressionou o botão não identificado no canto superior direito do teclado. Uma parte da parede oposta deslizou, revelando uma grande e escura área quadrangular com cerca de um metro de lado.

O pequeno teclado baseava-se nos aparelhos que estavam acoplados aos computadores portáteis da primeira missão ramaiana. Possuía quatro fileiras de 12 caracteres, além de uma tecla extra no canto superior direito. As 26 letras latinas, os dez algarismos arábicos e as quatro operações matemáticas apareciam indicadas nas 40 chaves individuais. As oito chaves restantes apresentavam pontos ou figuras geométricas em sua superfície, podendo-se, além disso, pressioná-las para cima ou para baixo. Richard e Nicole logo perceberam que aquelas chaves especiais eram os verdadeiros controles do sistema ramaiano. Por intermédio do método de tentativa e erro, descobriram também que o resultado obtido a partir de qualquer chave individual de ação era uma função do posicionamento das *outras* sete chaves. Assim, pressionando qualquer chave específica de comando, era possível a obtenção de até 128 resultados diferentes. Portanto, no conjunto, o sistema possibilitava a obtenção de 1.024 ações separadas, comandadas a partir do teclado.

A elaboração de um dicionário de comandos seria um processo trabalhoso. Richard habilitou-se de bom grado para a tarefa. Empregando seus próprios computadores para registrar alguns dados, ele deu início ao processo de desenvolver os rudimentos de uma linguagem apta a decodificar os comandos especiais do teclado. O objetivo inicial era simples — permitir que eles se valessem do computador ramaiano como um de seus próprios aparelhos. Uma vez desenvolvida a decodificação, qualquer *input* determinado nos computadores portáteis da Newton conteria, como parte de sua resposta, a configuração de chaves, no teclado

ramaiano, necessária à produção de uma resposta similar na tela preta.

Mesmo contando com a inteligência de Richard- e a perícia dos computadores, tratava-se de uma tarefa difícil. Por outro lado, não era também uma tarefa que pudesse ser facilmente dividida. Por sugestão de Richard, Nicole subiu duas vezes ao exterior da toca durante o primeiro dia ramaiano no Salão Branco. Em ambas as ocasiões, ela deu longas caminhadas por Nova York, fixando os olhos no céu à procura de um helicóptero. No segundo passeio, Nicole voltou ao celeiro onde havia despencado no buraco. Tanta coisa já acontecera desde então, que sua atemorizante experiência naquele fundo de buraco parecia-lhe uma história antiga.

Ela pensava com freqüência em Borzov, Wilson e Takagishi. Todos os cosmonautas sabiam, ao deixarem a Terra, que existiam incertezas na missão. Eles foram treinados repetidas vezes para enfrentar emergências e problemas, em sua própria espaçonave, passíveis de oferecer risco de vida. Entretanto, nenhum deles acreditava realmente que pudesse ocorrer alguma fatalidade na missão. *Se Richard e eu perecermos aqui em Nova York, Nicole observou consigo, praticamente metade da tripulação terá morrido. Seria o pior desastre já ocorrido desde a retomada das missões pilotadas.*

Nicole estava parada do lado de fora do celeiro, quase no exato local em que ela e Francesca haviam falado com Richard através do comunicador pela última vez. *Afinal, por que você mentiu, Francesca?* Nicole perguntou com seus botões. *Será que imaginou que o meu desaparecimento iria, de alguma forma, calar todas as suspeitas?*

Na última manhã no acampamento Beta, antes que ela e os outros partissem em busca de Takagishi, Nicole transmitira, através da rede sistêmica, todas as informações de seu computador pessoal portátil utilizado em Rama para o terminal na escrivaninha de seu quarto na Newton. Nicole fizera a transferência de dados, na ocasião, a fim de ganhar mais espaço na memória de seu

computador de viagem, caso houvesse necessidade. *Mas está tudo armazenado ali, ela lembrou, caso algum detetive diligente chegue a procurar os dados. As drogas, a pressão sangüínea de David, e até mesmo uma referência obscura ao aborto. E, obviamente, a solução de Richard para a pane do CirRo.*

Em suas duas caminhadas, Nicole avistou diversos biotascenopéias e até mesmo uma máquina de terraplenagem a distância, no limite de seu campo visual. Ela não viu nenhum pássaro, nem tampouco viu ou escutou nenhuma aranha de oito patas. *Talvez elas saiam somente à noite,* ponderou, enquanto voltava para jantar com Richard.

## 49. INTERAÇÃO

— Nossa provisão alimentar está quase no fim — disse Nicole. Eles embrulharam o restante do melão-maná, guardando-o na mochila de Richard.

— Eu sei — replicou ele. — Tenho um plano para você conseguir mais.

— *Eu?* indagou Nicole. — Por que a tarefa é minha?

— Bem, em primeiro lugar porque meu plano requer uma única pessoa. A idéia me veio quando eu estava trabalhando com as imagens gráficas no computador ramaiano. Em segundo lugar, eu não posso perder tempo. Acho que estou prestes a conseguir entrar no sistema de operação. Existem cerca de 200 comandos que eu não consigo explicar, a menos que eles permitam a entrada para um outro nível, algum espaço de instância superior na hierarquia.

Richard explicou a Nicole, durante o jantar, que ele agora já visualizava o modo de utilizar o computador ramaiano como se este fosse um aparelho da Terra. Ele já conseguia armazenar e recuperar dados, formular computações matemáticas, desenhar graficamente e até mesmo criar novas linguagens. — Mas ainda não comecei a penetrar o seu segredo. Nosso tempo está se esgotando.

Seu plano para obter comida era, na verdade, aparentemente simples. Passada a longa noite ramaiana (durante a qual Richard dormira no máximo três horas), Nicole dirigiu-se até a praça central a fim de pôr o plano em prática. Baseado em sua análise da matriz progressiva, Richard indicou a ela três possíveis localizações para o painel que abriria a tampa para a toca dos pássaros. Tamanha era a confiança dele em sua análise, que nem sequer discutiu qual deveria ser o procedimento caso ela não encontrasse a chapa. Richard estava certo. Nicole encontrou facilmente o painel. Abriu em seguida a tampa e gritou através do corredor vertical em declive. Não houve resposta.

Ela acendeu sua lanterna, dirigindo o foco para a escuridão abaixo. O tanque-sentinela ainda estava em serviço, deslocando-se de um lado para outro do túnel horizontal que passava pela sala de água. Nicole tornou a gritar. Caso pudesse evitá-lo, não pretendia descer sequer até o primeiro patamar. Ainda que Richard tivesse garantido que viria salvá-la caso ela estivesse em apuros, Nicole não apreciava muito a perspectiva de ficar de novo enclausurada com os pássaros.

Teria sido um grasnar distante o que ela ouvira? Nicole achou que sim. Apanhou uma das moedas que encontrara no Salão Branco e arremessou-a pelo corredor vertical. A moeda caiu a uma grande profundidade, chocando-se com um patamar em algum lugar próximo ao segundo nível principal. Desta vez, ela ouviu um sonoro taramelar. Um dos pássaros veio voando na direção do foco de sua lanterna, passando por cima da cabeça do tanque-sentinela. Momentos depois, a tampa começou a se fechar e Nicole teve de se afastar.

Ela discutira essa eventualidade com Richard. Nicole esperou alguns minutos e voltou a pressionar o painel. Quando dirigiu seu grito para as profundezas da toca dos pássaros pela segunda vez, obteve uma resposta imediata. Desta feita, o seu amigo, o pássaro de veludo preto, voou até uma distância de cinco metros da superfície e grasnou de volta para ela. Pareceu claro a Nicole que o pássaro a estava mandando embora. Entretanto, antes que ele voltasse para o fundo, Nicole apanhou o monitor de seu computador e ativou um programa armazenado. Dois melões-maná surgiram na tela, representados graficamente. Sob os olhares do pássaro, os melões ganharam cor e, em seguida, uma vista em corte exibiu a textura e a cor existente no interior de um deles.

O pássaro de veludo preto voou para mais perto da abertura, querendo enxergar melhor. Ele então voltou e soltou um guincho penetrante em direção à escuridão abaixo. Em questão de segundos, o segundo pássaro familiar, possivelmente seu par, voou para cima, pousando no primeiro patamar abaixo da superfície.

Nicole repetiu a exibição. Os dois pássaros confabularam entre si e depois voaram para as profundezas da toca. Passaram-se os minutos. Nicole podia escutar guinchos esparsos vindos dos confins do corredor. Por fim, seus dois amigos retornaram, cada qual trazendo um pequeno melão-maná nas presas. Pousaram na praça próxima da abertura. Nicole caminhou até os melões, mas os pássaros continuavam com eles sob as suas presas. O que se seguiu (supôs Nicole) foi uma longa preleção. Os dois pássaros taramelavam, ora individualmente, ora ao mesmo tempo, sempre com os olhos fixos nela e batendo de leve nos melões. Quinze minutos depois, aparentemente satisfeitos por haverem transmitido sua mensagem, os pássaros levantaram vôo, revoaram ao redor da praça e desapareceram no interior da toca.

*Acho que eles estavam querendo me dizer que a provisão de melões está escassa, Nicole pensou, enquanto se dirigia de volta para a praça do setor leste. Os melões eram pesados. Ela os levava nas duas mochilas que esvaziara naquela manhã, antes de deixar o Salão Branco. Ou, talvez, que eu não devo mais importuná-los no futuro. Seja lá o que for, o certo é que não seremos mais bem-vindos.*

Ela imaginava que Richard ficaria boquiaberto ao vê-la de volta ao Salão Branco. Ele ficou, mas não por causa de Nicole ou dos melões-maná. Richard ostentava um sorriso de orelha a orelha e tinha uma das mãos voltada para trás. — Espere só até ver o que tenho aqui — anunciou, enquanto Nicole pousava as mochilas no chão. Richard estendeu sua mão para a frente e a abriu, revelando uma solitária bola preta de aproximadamente dez centímetros de diâmetro.

— Ainda estou longe de descobrir toda a lógica ou a quantidade de informação que pode ser pedida — disse Richard. — Mas consegui estabelecer um princípio fundamental. Podemos pedir e receber "coisas" por intermédio do computador.

— O que está querendo dizer? — perguntou Nicole, sem compreender ainda as razões da euforia de Richard por causa de uma bolinha preta.

— Eles fizeram isto para mim — explicou ele, estendendo novamente a bolinha preta para ela. — Você não compreende? Em algum lugar daqui, eles têm uma fábrica que pode produzir coisas para nós.

— Nesse caso, talvez "eles", sejam lá quem forem, possam começar produzindo alguma comida para nós — disse Nicole, um pouco aborrecida por Richard não tê-la cumprimentado e nem agradecido pelos melões. — Os pássaros, pelo visto, não pretendem nos fornecer mais.

— Isso não será problema — disse Richard. — Assim que dominarmos o processo de pedido na íntegra, poderemos encomendar peixe com batatas cozidas, bife com fritas, qualquer coisa, contanto que consigamos formular o que desejamos em termos científicos não ambíguos.

Nicole ficou olhando para o seu amigo. Com aqueles cabelos revoltos, a barba por fazer, as olheiras debaixo dos olhos e o seu sorriso largo, ele parecia alguém que tivesse fugido de um asilo de loucos. — Richard — perguntou ela — será que você pode ir um pouco mais devagar? Se você encontrou o Santo Graal, pode ao menos gastar um segundo para me explicar?

— Olhe para a tela — começou Richard. Usando o teclado, ele desenhou um círculo, em seguida o apagou e fez um quadrado. Em menos de um minuto, Richard desenhara cuidadosamente um cubo em três dimensões. Ao terminar a imagem gráfica, colocou as oito chaves de força numa configuração predeterminada e pressionou a chave que apresentava o pequeno retângulo por indicador. Uma seqüência de estranhos símbolos apareceu no monitor preto. — Não se preocupe — disse Richard — nós não precisamos compreender os detalhes. Eles estão apenas solicitando as especificações dimensionais do cubo.

A seguir, Richard fez uma seqüência de comandos através das chaves alfanuméricas normais. — Agora — falou, voltando-se para Nicole — se fiz tudo corretamente, teremos aqui um cubo, feito do mesmo material que a bola, em aproximadamente dez minutos.

Enquanto aguardavam, os dois comeram um pouco dos novos melões. Seu gosto era idêntico ao dos anteriores. *Um bife com fritas seria incrivelmente bom*, Nicole pensava, quando de repente a parede do fundo ergueu-se meio metro acima do chão e um cubo apareceu na abertura.

— Espere um minuto, não toque nele ainda — advertiu Richard, enquanto Nicole aproximava-se para examinar o objeto. — Veja só isso! — Ele dirigiu o fecho de sua lanterna para a escuridão atrás do cubo. — Existem túneis imensos além dessas paredes — disse ele — que devem conduzir a fábricas tão avançadas que nós não conseguiríamos sequer identificá-las. Imagine só! Eles são capazes até mesmo de produzir objetos sob encomenda. Nicole começava a compreender por que Richard estava eufórico. — Temos agora a possibilidade de controlar, numa certa e pequena proporção, o nosso próprio destino — prosseguiu ele. — Se eu conseguir dominar o código com suficiente rapidez, seremos capazes de encomendar comida e talvez até mesmo o material de que necessitamos para conseguir um barco.

— Sem motores barulhentos, espero — Nicole brincou.

— Sem motores — Richard concordou. Ele terminou sua parte do melão e em seguida voltou para o teclado.

Nicole estava preocupada. Richard conseguira apenas um avanço durante um dia ramaiano. Tudo o que tinha a apresentar, após 38 horas de trabalho (ele dormira apenas oito horas durante todo o período), era um único material novo. Ele agora conseguia obter objetos pretos "leves", como a primeira bola, cujo peso específico era próximo ao da madeira balsa, e objetos "pesados", cuja densidade era semelhante à do carvalho ou do pinho. Estava

ficando esgotado com aquele trabalho. E não conseguia, ou não queria, dividir aquele fardo com Nicole.

*E se essa primeira descoberta tiver sido um mero golpe de sorte?*, Nicole indagava consigo mesma, subindo as escadas para o seu passeio matinal. *E se o sistema não for capaz de produzir nada além de duas espécies de objetos pretos?* Ela não conseguia afastar aquela preocupação com o tempo que estariam perdendo. Faltavam somente 16 dias para que Rama chegasse à Terra. Não havia o menor sinal de uma equipe de resgate. No fundo de sua mente, agitava-se o pensamento de que talvez ela e Richard tivessem sido deixados ali para sempre.

Na noite anterior ela procurara conversar com Richard sobre os planos possíveis, mas ele estava exausto. Richard não dera nenhum tipo de resposta quando Nicole revelara a sua grande preocupação. Mais tarde, depois de ela ter esquematizado detalhadamente todas as opções que lhes restavam e de ter a opinião dele quanto ao procedimento que deveriam seguir, percebeu que seu companheiro caíra no sono. Quando Nicole despertou, após um breve cochilo, Richard já estava de volta ao trabalho no teclado, recusando-se a desviar sua atenção, fosse para o desjejum, fosse para conversar. Nicole tropeçara na coleção, cada vez mais numerosa, de objetos pretos espalhados pelo chão ao deixar o Salão Branco para seu exercício matinal.

Nicole sentia-se muito solitária. As 50 horas anteriores, nas quais estivera basicamente consigo mesma, haviam transcorrido com grande morosidade. Sua única saída era o prazer da leitura. Ela trazia os textos de cinco livros armazenados em seu computador. Um deles era sua enciclopédia médica, enquanto os outros eram todos pura distração. *Aposto que a memória discricionária de Richard está ocupada com Shakespeare*, ela pensou, sentando-se no muro que cercava Nova York. Ficou observando o mar Cilíndrico. Bastante afastada, quase invisível pelo binóculo, através do vapor e das nuvens, ela conseguiu divisar a calota setentrional, por cujo intermédio eles havia pisado em Rama pela primeira vez.

Tinha dois romances do pai armazenados no computador. Seu favorito era *Uma rainha para todos os tempos*, que contava a história da juventude de Eleanora da Aquitânia, desde sua adolescência na corte ducal de Poitiers. A narrativa acompanhava Eleanora por seu casamento com Luís Capeto, da França, sua cruzada à Terra Santa e o seu extraordinário apelo pessoal para obter do Papa Eugênio uma anulação. O romance culminava com o divórcio de Eleanora e Luís e o noivado com o jovem e atraente Henrique Plantageneta.

O outro romance de Pierre des Jardins na memória de seu computador era o *chef d'oeuvre* universalmente consagrado do pai, *Eu, Ricardo Coração de Leão*, uma mistura de diário escrito na primeira pessoa e monólogo interior, transcrito durante duas semanas de inverno ao final do século XII. No romance, Ricardo e seus soldados, que haviam embarcado para uma nova cruzada, aparecem aquartelados nas proximidades de Messina, sob a proteção do rei normando da Sicília. Enquanto estão ali, o célebre rei-guerreiro e filho homossexual de Eleanora da Aquitânia e Henrique Plantageneta, num ímpeto de auto-investigação, revive os grandes eventos históricos e pessoais de sua vida.

Nicole relembrou uma longa discussão com Geneviève depois que a filha lera *Eu, Ricardo* no verão anterior. A jovem adolescente ficara fascinada pela história e surpreendera a mãe fazendo perguntas extremamente inteligentes. Pensarem Geneviève fez Nicole imaginar o que sua filha estaria fazendo em Beauvois naquele exato momento. *Eles informaram a você do meu desaparecimento*, Nicole presumiu. *Que nome os militares darão a isso? Desaparecida em missão?*

Em sua imaginação, Nicole podia ver a filha voltando diariamente da escola em sua bicicleta. — Alguma notícia? — Geneviève provavelmente perguntaria ao avô, logo ao cruzar a casa de campo. Pierre se limitaria a balançar a cabeça negativamente, em desalento.

*Hoje faz duas semanas que alguém me viu oficialmente pela última vez. Você ainda tem esperança, filha querida?* A desolada Nicole foi dominada por uma irresistível vontade de conversar com Geneviève. Por um momento abolindo a realidade, Nicole não conseguia aceitar o fato de estar afastada de sua filha por milhões de quilômetros e que não tinha a menor possibilidade de se comunicar com ela. Ergueu-se para voltar ao Salão Branco, pensando, em sua temporária confusão, que poderia telefonar para Geneviève de lá.

Ao recobrar a razão, alguns segundos depois, Nicole ficou surpresa ao constatar a facilidade com que sua mente iludira a si própria. Sacudiu a cabeça e sentou-se no muro que dava para o mar Cilíndrico. Permaneceu ali por quase duas horas, seus pensamentos vagando livremente por uma variedade de assuntos. Quase ao fim desse hiato, quando ela se preparava para retornar ao Salão Branco, sua mente concentrou-se em Richard Wakefield. *Eu bem que tentei, meu amigo,* Nicole disse consigo mesma. *Eu me abri para você mais do que para qualquer outra pessoa desde Henry. Mas que grande falta de sorte é estar aqui com alguém mais fechado ainda do que 'eu!*

Nicole estava tomada por uma tristeza indefinida ao descer os degraus até o segundo nível e virar à direita no túnel horizontal. Sua tristeza transformou-se em surpresa assim que entrou no Salão Branco. Richard deu um pulo de sua cadeirinha preta e saudou-a com um abraço. Ele se barbeara e penteara os cabelos. Chegara até mesmo a limpar as unhas. Exposto sobre a mesa preta no meio do salão, via-se um melão-maná cortado com perfeição. Um pedaço em cada um dos dois pratos pretos colocados à frente das cadeiras.

Richard puxou uma cadeira e convidou Nicole a sentar-se. Ele contornou a mesa e ocupou o seu lugar. Em seguida, Richard estendeu os braços ao longo da mesa e segurou as mãos de Nicole. — Quero me desculpar — disse ele, com grande intensidade — por ser tão chato. Sei que tenho me comportado mal nestes últimos dias.— Imaginei milhares de coisas para dizer a você durante essas

horas em que fiquei aqui esperando — continuou, hesitante, um sorriso forçado nos lábios — mas não consigo lembrar de quase nenhuma... Sei que queria lhe explicar o quanto o Príncipe Hal e o Falstaff eram importantes para mim. Eles eram meus amigos mais chegados... Não foi fácil para mim lidar com a morte deles. Minha dor é ainda muito intensa...

Richard pegou um pouco de água e engoliu. — Mas, acima de tudo — prosseguiu — quero me desculpar por não lhe ter dito o quanto você é uma pessoa espetacular. Você é inteligente, atraente, brilhante e sensível — tudo o que eu jamais sonhei encontrar numa mulher. Apesar de nossa situação, eu tinha receio de lhe falar sobre os meus sentimentos. Acho que o meu medo de rejeição é muito profundo.

Algumas lágrimas despontaram nos cantos dos olhos de Richard, escorrendo-lhe pelo rosto. Ele estava ligeiramente trêmulo. Nicole podia perceber o incrível esforço que aquilo representava para ele. Levou as mãos de Richard até o rosto dela. — Considero você uma pessoa muito especial também — disse ela.

## 50. A ETERNA ESPERANÇA<sup>{3}</sup>

Richard continuava trabalhando com o computador de Rama, limitando-se, porém, a períodos breves e envolvendo Nicole sempre que possível. Os dois faziam caminhadas juntos, conversando como velhos amigos. Richard entretinha Nicole encenando trechos inteiros de Shakespeare. Era um homem de memória prodigiosa e tentava representar ambos os papéis nas cenas de amor de *Romeu e Julieta*, mas, cada vez que ele irrompia com seu falsete, Nicole não conseguia conter sua gargalhada.

Certa noite, os dois conversaram por mais de uma hora a respeito de Omeh, da tribo Senoufo e das visões de Nicole. — Você compreende como é difícil para mim aceitar a realidade física de algumas dessas histórias — disse Richard, procurando qualificar sua curiosidade. — Mesmo assim, admito que as considero absolutamente fascinantes. — Mais tarde, ele demonstraria um vivo interesse em analisar todo o simbolismo daquelas visões. Era óbvio que ele reputava os atributos míticos de Nicole tão-somente como um componente a mais de sua rica personalidade.

Eles dormiam juntos e aninhados já antes de terem feito amor. Quando finalmente isso aconteceu, foi de uma forma suave e vagarosa, surpreendendo a ambos pela tranqüilidade e o prazer. Algumas noites mais tarde, Nicole se achava deitada com a cabeça apoiada no peito de Richard, imersa num sono leve e entrecortado. Ele, por sua vez, estava profundamente mergulhado nos próprios pensamentos.

— Há alguns dias — ele disse, despertando-a com um ligeiro toque — muito antes de nos tornarmos tão íntimos, contei a você que já tinha pensado em cometer suicídio. Naquele dia, eu estava com medo de lhe contar a história. Você gostaria de ouvi-la agora?

Nicole abriu os olhos, virou-se e recostou o rosto no estômago de Richard. — Ah-hã — Nicole respondeu. Em seguida se esticou e o beijou nos olhos antes que ele começasse sua história.

— Imagino que sabia que fui casado com Sarah Tydens, quando nós dois éramos muito jovens — começou ele. — Antes, também, de ela se tornar famosa. Ela estava em seu primeiro ano na Companhia Royal Shakespeare, cujo repertório para Stratford era *Romeu e Julieta*, *Como Quiseres* e *Cimbelino*. Sarah fazia Julieta e Rosalinda e estava magnífica em ambos os papéis.

— Na época, tinha 18 anos e acabara de se formar. Eu me apaixonei por ela na primeira noite em que a vi na pele de Julieta. Toda noite mandava rosas para ela no camarim. Gastei quase todas as minhas economias para assistir a todas as apresentações. Tivemos dois longos jantares e eu então a pedi em casamento. Ela aceitou, mais pelo susto do que por amor.

— Ao fim do verão, fui estudar em Cambridge. Vivíamos num modesto apartamento e ela viajava para o teatro em Londres. Sempre que possível, eu a acompanhava, mas, depois de alguns meses, meus estudos passaram a exigir mais de meu tempo.

Richard fez uma pausa em sua narrativa e baixou os olhos na direção de Nicole. Ela não se movera. Estava deitada com o corpo parcialmente atravessado sobre o dele, um sorriso apaixonado no rosto.

— Continue — disse ela suavemente.

— Sarah era uma pessoa sedenta de adrenalina. Ansiava por agitação e variedade. O comum e o entediante a irritavam. Fazer as compras da casa, por exemplo, era um aborrecimento monumental. Era simplesmente muito problemático para ela percorrer as prateleiras e resolver o que deveria pedir. Ela também considerava qualquer tipo de horário uma enorme limitação.

— Tínhamos de fazer amor sempre numa posição nova ou ao som de alguma música diferente. Do contrário, seria o mesmo que usar um chapéu velho. Durante algum tempo, consegui ser criativo o bastante para satisfazê-la. Também me incumbia de todas as tarefas rotineiras para libertá-la do enfado do trabalho doméstico. Mas havia muitas horas no dia. Por fim, apesar da minha

considerável habilidade, meus estudos começaram a ser prejudicados, pois toda minha energia era gasta no sentido de tornar a vida interessante para ela.

— Com um ano de casados, Sarah quis alugar um apartamento em Londres, para que não precisasse fazer aquele longo trajeto todas as noites ao sair do teatro. Na verdade, ela já passava algumas noites da semana em Londres, aparentemente com uma de suas colegas de palco. Mas a carreira dela estava deslanchando, tínhamos muito dinheiro, por que iria me opor?

— Não custou muito para que os rumores sobre o comportamento dela se espalhassem por toda parte. Eu optei por ignorá-los, por medo, acho eu, de que ela não os desmentisse caso eu lhe perguntasse. Até que certa noite, quando eu estudava para uma prova, recebi o telefonema de uma mulher. Ela foi muito educada, embora estivesse evidentemente constrangida. Disse que era a mulher do ator Hugh Sinclair e que o sr. Sinclair — que na época protagonizava, ao lado de Sarah, o drama americano *In any weather* — estava tendo um caso com minha mulher. "Na verdade", a mulher disse, "ele está no apartamento de sua mulher neste exato momento". Em seguida, a sra. Sinclair começou a chorar e desligou o aparelho.

Nicole estendeu o braço e acariciou suavemente o rosto de Richard.

— Senti como se meu peito tivesse explodido — ele prosseguiu, relembrando sua dor. — Fiquei enfurecido, horrorizado, siderado. Fui imediatamente até a estação e tomei o trem noturno para Londres. Quando o táxi me deixou no local, corri em direção à porta.

— Nem bati. Disparei pelas escadas e encontrei os dois na cama, dormindo nus. Arranquei Sarah da cama e arremessei-a contra a parede — ainda posso escutar o som de sua cabeça estilhaçando o espelho. Em seguida, avancei sobre ele com ódio, esmurrando seu rosto sem parar, até transformá-lo numa massa de sangue. Foi horrível...

Richard parou e começou a chorar em silêncio. Nicole envolveu com os braços o seu peito oprimido. — Meu querido, meu querido — acudiu ela.

— Virei um animal — ele disse, soluçando. — Eu me comportei de um jeito pior do que meu pai jamais se comportou. Eu teria matado os dois, se os vizinhos do apartamento ao lado não me segurassem.

Nenhum dos dois disse uma palavra por vários minutos. Quando Richard tornou a falar, sua voz parecia controlada, quase distante.— No dia seguinte, depois da delegacia de polícia, dos repórteres de mexericos e de todas as recriminações mútuas entre mim e Sarah, eu quis me matar. E teria feito isso de verdade, caso tivesse uma arma. Estava pensando nas alternativas mais sombrias — barbitúricos, cortar os pulsos com uma lâmina de barbear, saltar de um viaduto— quando um colega me ligou fazendo uma pergunta detalhada sobre relatividade. Não me restou a menor convicção, depois de 15 minutos pensando no sr. Einstein, de que o suicídio fosse ainda uma solução aceitável. O divórcio, com certeza. O celibato, com grande probabilidade. Mas a morte ficou fora de questão. Eu jamais poderia dar um fim prematuro ao meu caso de amor com a física — sua voz se desvanecera.

Nicole enxugou seus olhos e tomou nas mãos as mãos dele. Ela inclinou seu corpo nu por sobre o dele e beijou-o. — eu o amo — disse ela.

O alarme sonoro de Nicole indicava que já amanhecera novamente em Rama. *Mais dez dias*, observou, após um breve cálculo mental. *É bom termos uma conversa séria agora.*

O alarme despertara Richard também. Ele se virou e sorriu para sua companheira de noite. — Querido — começou ela — chegou a hora... —... disse a morsa, de discutirmos certas coisas.

— Vamos lá, fale sério. Precisamos decidir o que fazer. Está mais do que evidente que não vamos ser salvos.

— Concordo — disse Richard. Ele se sentou e se inclinou sobre o saco de dormir de Nicole para alcançar sua camisa. — Há dois dias que venho temendo por este momento. Mas acho que finalmente chegamos ao ponto em que devemos considerar seriamente a hipótese de atravessarmos o mar a nado.

— Você acha que não temos a menor chance de construir um barco com os nossos materiais pretos?

— Não — ele respondeu. — Um dos materiais é leve demais, enquanto o outro é pesado demais. Talvez pudéssemos construir um híbrido adequado para o mar, *caso* tivéssemos alguns pregos, mas, como não temos velas, ainda assim teríamos de remar... Portanto, nossa melhor opção é nadar.

Richard se levantou e caminhou até o quadrado preto na parede. — Meus planos mirabolantes não deram muito resultado, não é? — Ele bateu de leve no quadrado. — E eu que pretendia produzir bifês com fritas, sem falar no barco.

— "Os mais bem concebidos planos, de ratos e homens, freqüentemente no descaminho encontram o seu destino." [{4}](#)

— Que poeta mais esquisito era o velho Robbie. Nunca pude entender o que as pessoas viam nele.

Nicole terminou de se vestir e começou a fazer alguns exercícios de alongamento. — Uau — disse ela — estou fora de forma. Há dias que não faço atividade pesada — ela sorriu para Richard, que a observava timidamente. — Isso não conta, seu idiota.

— Para mim, conta — rebateu ele com um sorriso. — É praticamente o único exercício que eu sempre apreciei. Detestava quando tínhamos aquelas "maratonas especiais de fim de semana para treinamento físico" na academia.

Richard colocara alguns pedacinhos de melão-maná sobre a mesa preta. — Mais três refeições depois desta — anunciou, sem emoção. — Sugiro que façamos a travessia antes que volte a escurecer.

— Não quer ir esta manhã? — perguntou Nicole.

— Não — respondeu ele. — Por que você não dá uma pesquisada na costa e escolhe um lugar? Eu descobri algo no computador, na noite passada, que me deixou intrigado. Algo que não vai resultar em comida ou barcos, mas que parece indicar que finalmente consegui ingressar num outro tipo de estrutura.

Após o desjejum, Nicole despediu-se de Richard com um beijo e foi para a superfície. Não custou muito para que ela fizesse o reconhecimento da costa. Realmente não havia o menor motivo para eleger um ponto de partida. *As condições são tão favoráveis, disse com seus botões, que nem Richard nem eu estaremos vivos quando voltar a escurecer em Rama.*

Ela tentou imaginar a sensação de ser devorada por um biotubarão. Seria uma morte rápida? Ou será que de repente você perceberia que suas pernas acabaram de ser arrancadas? Nicole sentiu um calafrio ao pensar naquilo. *Talvez devêssemos tentar conseguir mais um melão...* Ela sabia que era inútil. Mais cedo ou mais tarde, teriam de cruzar o mar a nado.

Nicole virou-se de costas para o mar. *Pelo menos estes últimos dias foram bons, falou sozinha, sem querer mais pensar na difícil situação em que se encontravam. Ele tem sido um excelente companheiro, em todos os sentidos.* Permitiu a si mesma o luxo momentâneo de recapitular o prazer que desfrutaram juntos. Nicole então sorriu e começou a caminhar de volta para a toca.

— Mas o que é isso que estou vendo? — admirou-se Nicole, enquanto uma nova imagem aparecia no quadrado preto.

— Não tenho muita certeza — respondeu Richard. — Tudo o que sei é que cheguei a uma espécie de extensa listagem. Você se lembra daquela configuração particular de comandos que produz aquelas linhas e símbolos que parecem sânscrito? Pois bem, eu estava mexendo com os tais símbolos, quando, de repente, percebi um padrão. Fixei o início do padrão, alterei a posição das três

últimas chaves e depois pressionei de novo a tecla com os dois pontos. De repente apareceu uma imagem na tela. E cada vez que eu pressionava um comando alfanumérico, a imagem se modificava.

— Mas como você sabe que está olhando para a saída de um sensor?

Richard introduziu um comando e houve uma mudança na imagem. — Às vezes, vejo alguma coisa que consigo reconhecer— falou. — Veja isto aqui, por exemplo. Não poderia ser a escadaria de Beta vista de uma câmera posicionada no meio da Planície Central?

Nicole estudou a imagem. — É possível — respondeu — mas não vejo como podemos chegar a ter certeza.

Richard comandou uma nova alteração na tela. As três figuras seguintes eram ininteligíveis. A quarta mostrava uma forma que se adelgaçava até o limite de um ponto na extremidade superior da tela.

— E isto aqui — disse ele — não poderiam ser os chifres pequenos, vistos de um sensor próximo ao topo do Grande Chifre?

Por mais que se esforçasse, Nicole não conseguia visualizar como seria uma imagem vista do topo da espira gigante no centro da calota meridional. Richard continuou percorrendo rapidamente as imagens. Apenas uma em cada cinco era parcialmente nítida. — Deve haver, em algum lugar deste sistema, alguns algoritmos de nitidez — disse ele consigo mesmo. — Com isso, eu poderia realçar todas as imagens. Nicole já podia adivinhar que Richard estava prestes a dar início a outra extensa jornada de trabalho. Aproximou-se dele, envolvendo seu pescoço com os braços. — Será que você concordaria com uma pequena distração antes de continuar? — sugeriu ela, aproximando-se mais e beijando-o na boca.

— Acho que sim — respondeu ele, depositando o teclado no chão. — Provavelmente vai me fazer bem arejar a cabeça.

Nicole estava em meio a um lindo sonho. Ela estava de volta à sua casa de campo em Beauvois. Richard estava sentado a seu lado no sofá da sala de jantar e segurava a mão dela. O pai e a filha estavam à frente deles, em duas poltronas leves.

O sonho foi interrompido pela voz insistente de Richard. Quando Nicole abriu os olhos, seu amante estava parado junto dela, a voz crepitando de entusiasmo. — Espere só para ver isso, querida — falou, estendendo a mão para puxá-la para cima. — É fantástico! Alguém ainda está aqui!

Nicole afastou o sonho de sua mente e voltou os olhos para o quadrado preto, onde Richard apontava. — Você pode acreditar nisso? disse ele, aos pulos. — Não restam dúvidas. A nave militar ainda está ancorada!

Foi só então que Nicole percebeu que estava olhando para uma vista externa de Rama. Ela piscou os olhos e acompanhou toda a explicação de Richard. — Após eu ter decifrado o código dos parâmetros de nitidez, praticamente todos os quadros ganharam clareza. Aquela série de imagens que eu lhe mostrei antes devia ser a resposta em tempo real de centenas de sensores de imagens de Rama. Acho que descobri também como chegar até o outro banco de dados.

Richard estava exultante. Atirou os braços em torno de Nicole e a ergueu do chão. Ele a abraçou, beijou e começou a saltitar pelo salão como um lunático.

Quando finalmente ele se aquietou um pouco, Nicole passou um minuto inteiro estudando a imagem projetada no quadrado preto. Tratava-se, definitivamente, da nave militar Newton; ela pôde ler até as inscrições. — Quer dizer, então, que a espaçonave científica voltou para casa — constatou ela.

— Voltou — respondeu Richard — conforme eu esperava. Meu medo era que *ambas* tivessem voltado e que depois de

atravessarmos o mar a nado, ainda estivéssemos sem saída, dessa vez numa prisão maior.

A mesma preocupação atormentara Nicole. Ela sorriu para Richard. — Então a coisa é relativamente simples, não é? Nós atravessamos o mar Cilíndrico nadando e depois caminhamos até o ascensor. Alguém estará esperando por nós lá em cima.

Nicole começou a guardar seus pertences. Enquanto isso, Richard continuou chamando novas imagens à tela. — O que está fazendo agora, querido? — perguntou Nicole com interesse. — Pensei que iríamos fazer a nossa travessia.

— Eu ainda não dei uma passada geral pela listagem do sensor depois que localizei os parâmetros de nitidez — respondeu Richard. — Quero apenas me certificar de que não estamos deixando escapar nada de importante. Isso levará apenas mais uma ou duas horas.

Nicole parou de arrumar suas coisas e sentou-se diante da tela, ao lado de Richard. As imagens eram de fato interessantes. Algumas eram tomadas externas, porém a maior parte eram imagens de diferentes regiões do interior de Rama, incluindo as tocas subterrâneas. Surgiu uma foto magnífica, tirada do topo do grande salão onde estavam as esferas quentes, mostrando-as em repouso no chão em sua rede esponjosa, sob as grades suspensas.

Richard e Nicole observaram a imagem por um momento, esperando ver uma aranha de oito patas douradas e pretas, mas não detectaram movimentação alguma.

Estavam quase no fim da série, quando uma imagem da terça parte inferior da escadaria de Alfa deixou a ambos estupefatos. Ali, descendo as escadas, viram quatro figuras humanas em trajes espaciais. Richard e Nicole acompanharam a descida das figuras por cinco segundos e em seguida explodiram de alegria. — Eles estão vindo! — exclamou Richard, jogando os braços para o alto. — Vamos ser salvos!

## 51. O ARNÊS DE FUGA

Richard estava ficando impaciente. Ele e Nicole já estavam sobre os muros de Nova York por mais de uma hora, rastreando os céus em busca de algum sinal de um helicóptero. — Onde diabos estão eles? — murmurou. — São apenas 15 minutos de jipe desde a base da escadaria de Alfa até o acampamento Beta.

— Talvez estejam procurando por nós em alguma outra parte — Nicole arriscou num tom encorajador.

— Isso é ridículo — respondeu Richard. — Eles certamente iriam primeiro para Beta... e mesmo que não conseguissem reparar o sistema de comunicação, no mínimo encontrariam minha última mensagem. Eu deixei avisado que estaria levando um dos barcos a motor para Nova York.

— Provavelmente eles sabem que não há lugar para um helicóptero aterrissar na cidade. Talvez eles mesmos estejam vindo de barco.

— Sem antes procurar nos localizar de helicóptero? Muito improvável — Richard voltou os olhos para o mar, em busca de uma vela. — Um barco. Um barco. Meu reino por um barco.

Nicole achou graça, mas Richard mal conseguiu esboçar um sorriso. — Dois homens poderiam montar o barco a vela na cabana de suprimentos de Beta em menos de 30 min — disse ele, impaciente.

— Droga, o que será que os está detendo?

Em sua frustração, Richard ligou o transmissor de seu comunicador. — Agora escutem aqui, meus chapas. Se vocês estão em algum lugar próximo ao mar Cilíndrico, identifiquem-se. E se mandem para cá. Nós estamos em cima do muro e cansados de esperar. Não houve resposta. Nicole sentou-se no muro. — O que está fazendo? — indagou Richard.

— Acho que você já está se preocupando por nós dois — respondeu. — Além disso, estou cansada de ficar de pé agitando os braços — lançou fixamente o olhar pela extensão do mar Cilíndrico. — Seria tão mais fácil — Nicole falou, pensativa — se pudéssemos simplesmente atravessar voando, sozinhos.

Richard virou a cabeça de lado e olhou para ela. — Que grande idéia — disse ela, alguns segundos depois. — Por que não pensamos nisso antes? — Ele imediatamente sentou-se e começou a fazer alguns cálculos em seu computador. — Os covardes morrem muitas vezes antes de sua morte — murmurou consigo mesmo — mas os bravos sentem o gosto da morte uma única vez.

Nicole ficou olhando seu amigo martelando fervorosamente os dedos em seu teclado. — O que está fazendo, querido? — ela indagou, olhando por cima do ombro de Richard para o monitor de seu computador.

— Três! — ele gritou, ao terminar seus cálculos. — Três devem bastar — Richard ergueu os olhos para a intrigada Nicole. — Você quer ouvir o plano mais mirabolante de toda a história interplanetária? — perguntou a ela.

— Por que não? — ela disse, com um sorriso incrédulo.

— Vamos construir arneses com o material da grade e os pássaros vão nos transportar pelo mar Cilíndrico.

Nicole ficou encarando Richard por vários segundos. — Considerando que somos capazes de construir os arneses — disse ela, cética — de que modo vamos convencer os pássaros a fazerem a sua parte?

— Nós os convenceremos de que é para o próprio bem deles — replicou Richard. — Ou talvez possamos ameaçá-los de alguma forma... eu não sei, isso você pode resolver.

Nicole não se mostrou muito convencida. — De qualquer modo — concluiu Richard, tomando-a pela mão e descendo o muro — é melhor do que ficarmos aqui à espera de um helicóptero ou um barco.

Cinco horas mais tarde, não havia ainda o mais leve sinal da equipe de salvamento. Ao terminarem de construir os arneses, Richard deixará Nicole junto ao muro, enquanto ele voltava para o Salão Branco a fim de checar novamente o conjunto de sensores. Quando retornou ao muro, veio com a novidade de que achava ter visto as figuras humanas nas proximidades do acampamento Beta, mas que a resolução daquela imagem específica estava muito fraca. Conforme o decidido, Nicole ficara tentando fazer contato a cada meia hora pelo comunicador. Não obtivera nenhuma resposta.

— Richard — disse ela, enquanto ele programava algumas imagens gráficas em seu computador — por que você acha que a equipe de salvamento estava usando a escadaria?

— Quem pode saber? — replicou ele. — Talvez tenha ocorrido uma pane no ascensor e não havia nenhum engenheiro por ali.

— Parece-me estranho — Nicole refletiu. *Algo aqui está me incomodando, pensou, mas não me atrevo a comentar o fato com Richard antes que eu consiga explicá-lo. Ele não acredita em intuição.* Nicole consultou seu relógio. *Ainda bem que racionamos o melão. Se a equipe de salvamento não aparecer e esse plano maluco não funcionar, não poderemos fazer a travessia até amanhã de manhã.*

— Anteprojeto concluído — anunciou Richard, enfaticamente. Fez um gesto para que Nicole se aproximasse. — Se você aprovar o esquema geral — ele disse, apontando para o monitor em sua mão — vou proceder ao detalhamento gráfico.

Viam-se, na imagem, três grandes pássaros, cada qual com uma linha em torno do corpo, voando em formação através do mar. Balançando debaixo deles, e presa por três linhas, havia uma delgada figura humana sentada num frágil arnês. — Para mim parece bom

— Nicole disse, sem pensar por um minuto sequer que tal evento chegasse realmente a se concretizar.

— Não posso acreditar que estejamos fazendo isso — disse Nicole, pressionando a chapa para abrir a toca dos pássaros pela segunda vez.

A primeira tentativa deles em retomar o contato resultara na fria indiferença já esperada. Nesta segunda vez, foi Richard quem gritou para dentro da toca. — Ouçam aqui, suas aves — rosnou ele, com sua voz mais possante — preciso ter uma conversa com vocês. Agora *mesmo*. Subam imediatamente até aqui! — Nicole precisou conter uma gargalhada. Richard começou a arremessar objetos pretos na toca. — Está vendo? — sorriu ele. — Eu sabia que essas porcarias teriam alguma utilidade — eventualmente eles puderam ouvir o ruído de alguma atividade no fundo do corredor vertical. Os mesmos dois pássaros que viram várias vezes antes voaram até o topo da toca e começaram a grasnar para Richard e Nicole. Nem sequer olharam para o monitor quando Richard o exibiu para eles. Tão logo terminaram seu grasnido, os dois pássaros sobrevoaram o tanque-sentinela e a tampa voltou a fechar-se.

— Não adianta, Richard — Nicole disse, quando ele pediu para ela abrir a tampa pela terceira vez. — Até mesmo os nossos amigos estão contra nós — ela fez uma pausa antes de pressionar a chapa. — O que vamos fazer se eles resolverem nos atacar?

— Eles não vão atacar — respondeu Richard, fazendo um sinal para que Nicole abrisse a tampa. — Mas, por via das dúvidas, quero que você fique aqui, enquanto eu vou tratar com os nossos amigos de penas.

Ouviu-se um taramelar na toca assim que a tampa se abriu pela terceira vez. Richard devolveu a gritaria imediatamente e começou a lançar objetos pretos pelo corredor. Um deles atingiu o tanque-sentinela, causando uma pequena explosão, como o disparo de uma arma de fogo.

Os dois pássaros de costume voaram até a abertura e gritaram para Richard. Atrás deles, havia outros três ou quatro

companheiros. O barulho era inacreditável. Richard não recuou. Permaneceu ali, berrando e apontando para o monitor do computador até conseguir, por fim, conquistar a atenção dos pássaros.

O bando assistiu à representação gráfica do vôo através do mar. Richard ergueu, então, um dos arneses com sua mão esquerda e tornou a exibir a demonstração em seu monitor. O que se seguiu foi uma frenética confabulação entre os pássaros. Ao término, entretanto, Richard percebeu que fracassara. Enquanto um par dos outros pássaros voava de volta ao fundo por cima do tanque-sentinela, Richard entrou na toca e desceu até o primeiro patamar. — Esperem! — gritou, com toda a força de seus pulmões.

O companheiro do pássaro de veludo preto fez uma investida para frente, chegando com seu bico ameaçador a uma distância de, no máximo, um metro do rosto de Richard. O barulho de todos aqueles guinchos e grasnidos era ensurdecedor. Mas Richard não se intimidou. Apesar do protesto dos pássaros, ele desceu até o segundo patamar. Ele agora não conseguiria escapar, caso a tampa começasse a se fechar.

Ele voltou a mostrar o arnês e a apontar para o monitor. Recebeu como resposta um coro de grasnidos. Então, acima da cacofonia dos pássaros, Richard escutou um outro som, semelhante a uma sirene anunciando um treinamento de incêndio em alguma escola ou hospital. Imediatamente, os pássaros se aquietaram por completo. Postaram-se com calma nos patamares e ficaram olhando para o tanque-sentinela.

A toca ficou estranhamente silenciosa. Passados alguns segundos, Richard ouviu um bater de asas e, momentos depois, um novo pássaro surgiu voando pelo corredor vertical. Foi subindo lentamente até o nível em que Richard se encontrava e ficou pairando bem à frente dele. O pássaro tinha um corpo de veludo cinza e penetrantes olhos cinzentos. Trazia duas espessas argolas de um brilhante vermelho-cereja ao redor do pescoço.

A criatura estudou Richard e pousou no patamar oposto ao dele, no outro lado do corredor. O pássaro que estivera ali cedera apressadamente seu lugar. Quando o pássaro de veludo cinza falou, foi de um modo suave e muito claro. Terminada sua fala, o pássaro de veludo preto voou até junto do recém-chegado e aparentemente explicou-lhe o motivo de todo o alvoroço. Os dois pássaros olharam fixamente para Richard diversas vezes. Na última vez, julgando que talvez o balançar de suas cabeças fosse uma deixa, Richard exibiu a representação gráfica do vôo mais uma vez, empunhando novamente os arneses. O pássaro com argolas vermelho-cereja voou para junto dele a fim de olhar mais de perto.

A criatura fez então um movimento brusco, assustando Richard, que por pouco não despencou do patamar. O som que talvez fosse um riso de pássaro foi silenciado por algumas palavras do líder de veludo cinza, o qual permaneceu depois imóvel por mais de um minuto, como se estivesse pensando. Por fim, o pássaro-líder fez um gesto para Richard com uma das presas, abriu suas monumentais asas e elevou-se para fora, através da abertura, em direção à luz do dia.

Richard ficou sem se mexer por alguns segundos. A enorme criatura elevava-se cada vez mais em direção ao céu, sendo acompanhada de perto pelos dois pássaros mais conhecidos. Momentos depois, a cabeça de Nicole apareceu na abertura. — Você não vem? — perguntou ela. — Eu não sei o que você fez, mas parece que os nossos amigos estão a postos.

## 52. VÔO 302

Richard prendera firmemente o arnês ao redor da cintura e das nádegas de Nicole. — Seus pés irão balançar — explicou ele — e, de início, enquanto os cabos do arnês estiverem sendo esticados, você terá a sensação de estar caindo.

— E se eu tocar a água? — quis saber Nicole.

— Se confiar nos pássaros, permitindo que eles voem numa altura suficiente, não vai tocar a água — garantiu Richard. — Acho que eles são muito inteligentes, especialmente aquele ali, com as argolas vermelhas.

— Você acha que ele é o rei? — Nicole perguntou, ajustando seu arnês de maneira mais cômoda.

— Provavelmente ele é algo equivalente a um rei — respondeu Richard. — Ele deixou claro, desde o princípio, que pretende voar no meio da formação.

Richard galgou a íngreme rampa até o topo do muro, carregando os três cabos dos arneses nas mãos. Os pássaros estavam instalados em conjunto, observando tranqüilamente o mar. Eles aquiesceram quando Richard amarrou o arnês em volta da parte central de seus corpos, logo atrás das asas. Olharam então para o monitor do computador, enquanto ele tornava a exibir as imagens gráficas da decolagem. Os pássaros deveriam alçar vôo em conjunto, lentamente, de modo que os cabos ficassem esticados diretamente acima da cabeça de Nicole, e em seguida erguê-la em sentido vertical, antes de se dirigirem para o norte, atravessando o mar.

Ele checkou se os nós estavam firmes e voltou para junto de Nicole, na base do aclave. Ela estava apenas a uns cinco metros do nível da água. — Se por acaso os pássaros não voltarem para me apanhar — advertiu Richard — não fique me esperando eternamente. Assim que encontrar a equipe de salvamento,

montem o barco a vela e atravessem. Estarei no Salão Branco — ele inspirou profundamente. — Tome cuidado, querida — acrescentou Richard. — Lembre-se de que eu a amo.

Nicole pôde adivinhar, pelo bater de seu próprio coração, que o momento da decolagem finalmente chegara. Ela beijou suavemente Richard nos lábios. — E eu o amo — sussurrou ela.

Quando desfizeram aquele abraço, Richard acenou para os pássaros no muro. O pássaro de veludo cinza elevou-se cautelosamente no ar, seguindo de perto por seus dois companheiros. Os três pairaram em formação bem acima de Nicole. Ela sentiu um forte puxão dos três cabos e foi momentaneamente erguida no ar.

Segundos mais tarde, o cabo elástico começou a esticar-se e Nicole foi caindo em direção ao solo novamente. Os pássaros, então, se elevaram mais ainda, rumando por sobre as águas, enquanto Nicole sentia-se como um io-iô, impelida para cima e para baixo à medida que os cabos se esticavam e se contraíam em consequência do impulso que os pássaros tomavam abruptamente para ganhar altitude.

Foi um vôo emocionante. Ela tocou a água uma vez, apenas levemente, quando ainda se encontrava nas proximidades da costa. Ficou assustada no momento, mas os pássaros ergueram-na instantaneamente, antes que ela se molhasse além dos pés. Tão logo o cabo da grade assumiu sua extensão total, o trajeto transcorreu de forma bastante tranqüila. Nicole sentou-se no arnês, as mãos segurando dois dos três tirantes, enquanto os pés balançavam a oito metros da crista das ondas.

No centro, o mar parecia bastante calmo. Aproximadamente a meio caminho da travessia, Nicole avistou duas figuras escuras nadando lá embaixo, em sentido paralelo ao de seu trajeto. Estava certa de que se tratava de biotas-tubarões. Também identificou duas ou três outras espécies na água, incluindo uma longa e delgada como uma enguia, que ergueu a cabeça do mar e a

observou enquanto passava voando. *Uau, Nicole pensou, olhando as águas, é sem dúvida um alívio não estarmos nadando.*

A aterrissagem foi tranqüila. Nicole estava preocupada com o fato dos pássaros talvez não perceberem a existência de uma escarpa de 50 m na margem oposta do mar. Não era preciso temer. Ao se aproximarem do ponto de pouso no Hemicilindro Setentrional, os pássaros se elevaram suavemente, ganhando mais altura. Nicole foi colocada cuidadosamente no chão, a uma distância de cerca de dez metros da orla.

Os gigantescos pássaros pousaram a pouca distância dela. Nicole desembarçou-se do arnês e dirigiu-se até os pássaros. Agradeceu-lhes profundamente e tentou até mesmo dar um tapinha na parte de trás de suas cabeças, mas os pássaros esquivaram-se de maneira brusca. As criaturas permaneceram ali por vários minutos e, então, a um sinal do líder, partiram para sobrevoar o mar, na direção de Nova York.

Nicole ficou surpresa com a intensidade de suas próprias emoções. Ajoelhou-se e beijou o chão. Foi somente então que se deu conta de que jamais esperava realmente escapar sã e salva de Nova York. Por um momento, antes que começasse a procurar pela equipe de resgate com seus binóculos, ela recapitulou tudo que lhe acontecera desde aquela decisiva travessia no gelomóvel. *O que aconteceu antes de Nova York está a uma vida inteira de distância,* disse consigo mesma. *Agora tudo está mudado.*

Richard desamarrou o arnês do pássaro líder e o largou no chão. Todos os pássaros estavam soltos agora. A criatura com corpo de veludo cinza esticou o pescoço a fim de se certificar de que Richard terminara. O esplêndido vermelho-cereja de suas argolas parecia ainda mais vivo à plena luz do dia. Richard ficou meditando sobre os anéis e seu possível significado, cômico de que havia uma enorme possibilidade de que jamais voltaria a ver aqueles magníficos alienígenas.

Nicole aproximou-se de Richard. Assim que ele aterrissara, ela o abraçara apaixonadamente. Os pássaros observavam a cena com atenção, dando mostras de sua curiosidade. *Eles também*, Nicole pensou, *devem estar matutando a nosso respeito*. A lingüista existente nela imaginava como seria conversar verdadeiramente com um espécime extraterrestre, começar a compreender uma inteligência inteiramente diferente...

— Fico pensando de que modo podemos dizer "adeus" e "muito obrigado" — Richard estava dizendo.— Eu não sei — disse Nicole — mas seria interessante...

Ela parou para observar o pássaro-líder. Ele convocara as duas outras criaturas a se colocarem a seu lado e os três estavam agora parados, de olhos fixos em Richard e Nicole. A um sinal, os três abriram as asas em toda sua extensão e formaram um círculo. Deram um giro completo e a seguir recuaram, formando uma linha reta, e começaram a encarar os humanos.

— Vamos lá — disse Nicole. — Isso nós podemos fazer.

Nicole e Richard ficaram parados lado a lado, os braços estendidos, bem à frente de seus amigos pássaros. Nicole colocou os braços sobre os ombros de Richard, conduzindo-o num movimento giratório. Richard, que por vezes não se mostrava muito jeitoso, tropeçou a certa altura, mas conseguiu completar o giro. Nicole imaginou que o pássaro-líder estava sorrindo quando ela e Richard se posicionaram em linha reta, em seguida à sua rotação.

Segundos depois, os três pássaros alçaram vôo. Elevaram-se progressivamente no céu, até o limite da visão de Nicole. Voaram em direção ao sul, atravessando o mar para voltarem para casa.

— Boa sorte — Nicole sussurrou, enquanto eles partiam.

A equipe de resgate não se encontrava nas imediações do acampamento Beta. Na verdade, Richard e Nicole não perceberam o menor sinal deles durante todo um percurso de 30 min no jipe pela costa do mar Cilíndrico. — Esses caras devem ser mesmo uns

tontos — Richard resmungou. — A mensagem que eu deixei em Beta era clara como água. Será possível que eles ainda não tenham chegado sequer até aqui?

— Faltam menos de três horas para o anoitecer — Nicole lembrou.

— Talvez tenham voltado para a Newton.

— Então, tudo bem, para o diabo com eles — Richard retrucou.

— Vamos comer um pouco e depois rumar para o ascensor.

— Você não acha que deveríamos racionar um pouco desse melão? — perguntou Nicole, alguns minutos depois, enquanto eles comiam. Richard lançou-lhe um olhar intrigado. — Somente para nos garantir — ela acrescentou.

— Somente para nos garantir de quê? — Richard perguntou. — Ainda que não encontremos aquele bando idiota de resgate e resolvamos escalar todos os degraus sozinhos, estaremos longe daqui quando escurecer. Lembre-se de que voltaremos a não ter mais peso no topo da escadaria.

Nicole sorriu. — Acho que sou mais prevenida, por natureza — falou. Em seguida, guardou diversos pedaços de melão de volta em sua mochila.

Os dois já haviam rodado três quartos da distância até o ascensor e a escadaria de Alfa, quando avistaram as quatro figuras humanas em uniformes espaciais. Pareciam estar saindo do aglomerado de edifícios que fora designado como a Paris ramaiana. As figuras estavam caminhando em sentido oposto ao do jipe.

— Eu falei que os caras eram uns idiotas — Richard. — Eles nem ao menos tiveram o bom senso de tirar suas roupas espaciais. Deve ser uma equipe especial, enviada no veículo sobressalente da Newton apenas para nos encontrar e levar de volta.

Ele começou a percorrer a Planície Central em direção aos humanos. Quando já estavam a menos de 100 m de distância do grupo, Richard e Nicole começaram a gritar; contudo, os homens

em trajes espaciais prosseguiram em sua lenta procissão na direção oeste. — Eles provavelmente não conseguem nos escutar — Nicole arriscou.

— Ainda estão com seus capacetes e equipamentos de comunicação.

Frustrado, Richard aproximou-se até uma distância de cinco metros daquela fila indiana, parou o jipe, saltou às pressas, e foi correndo em direção ao líder, gritando pelo caminho. — Ei, caras! — berrou. — Nós estamos aqui, atrás de vocês! Basta vocês se virarem e...

Richard estancou, gelado, ao se deparar com a lívida expressão do líder. Ele reconheceu aquele rosto. Cristo, era Norton! Ele estremeceu involuntariamente, à medida que um calafrio descia-lhe pela espinha. Richard mal conseguiu sair do caminho quando a procissão daqueles quatro homens passou vagarosamente por ele. Entorpecido pelo choque, estudou silenciosamente os outros três rostos, nenhum dos quais mudou sua expressão ao passar marchando por ele. Eram os outros três cosmonautas da tripulação de Rama I.

Poucos segundos após a passagem da última figura, Nicole estava ao lado dele. — O que foi? — indagou. — Por que eles não pararam? — O sangue desaparecera por completo das faces de Richard.

— Você está bem, querido?— Eles são biotas — Richard murmurou. — Malditos biotas-humanos.

— *O quêêê?* — Nicole reagiu, com um frêmito de terror na voz. Ela correu imediatamente até o primeiro da fila e olhou para o rosto por detrás do visor do capacete. Definitivamente aquele era Norton. Cada traço do seu rosto, até mesmo a cor dos olhos e o bigode ralo eram de uma perfeição absoluta. Entretanto, eram olhos que não diziam nada.

Também o movimento do corpo, agora que ela prestava mais atenção, parecia artificial. Cada par de passos era a repetição de

um padrão. Havia apenas ligeiras variações de uma figura para outra. *Richard tem razão*, Nicole pensou. *São biotas-humanos. Devem ter sido construídos a partir de imagens, exatamente da mesma forma como a pasta dental e a escova.* Um pânico momentâneo apoderou-se dela. *Mas nós precisamos de uma equipe de resgate*, disse a si mesma, controlando a própria ansiedade, *a nave militar ainda está ancorada no topo da calota.*

Richard estava abismado com a descoberta dos biotas-humanos. Ficou sentado no jipe por vários minutos, sem ânimo para dirigir, fazendo a Nicole e a si mesmo perguntas às quais não tinham a menor possibilidade de responder. — O que está acontecendo aqui? — ele repisava sem parar. — Serão todos esses biotas baseados em espécimes de verdade, encontrados em algum ponto do universo? E para que estão sendo fabricados, para início de conversa?

Antes de tomarem o caminho do elevador, Richard insistiu em que ambos fizessem uma longa seqüência de vídeo mostrando os biotas-humanos. — Os pássaros e as aranhas de oito patas são fascinantes — disse ele, enquanto fazia um *close* especial no movimento de pernas de "Norton" — mas essa fileira vai deixar o mundo inteiro boquiaberto.

Nicole lembrou-o de que faltavam menos de duas horas para o anoitecer e que talvez ainda tivessem de escalar a Escadaria dos Deuses. Satisfeito por haver registrado para a posteridade aquela desconcertante procissão, Richard saltou para o banco do motorista do jipe e rumou para a escadaria de Alfa.

Não havia a menor necessidade de fazer testes para verificar se o elevador estava funcionando adequadamente; quando os dois chegaram ali, a máquina estava em pleno movimento. Richard desceu do jipe e correu até a sala de controle.

— Alguém está descendo — disse ele, apontando para o alto.

— Ou algo — Nicole murmurou, assustada.

Os cinco minutos de espera pareceram uma eternidade. De início, nem Richard, nem Nicole disseram uma palavra. Em seguida, porém, Richard sugeriu que eles talvez devessem sentar no jipe em caso de precisarem empreender uma fuga de emergência.

Cada um ajustou o foco de seu binóculo no longo cabo tensionado verticalmente em direção aos céus. — É um homem! — Nicole gritou.

— É o General O'Toole! — Richard completou, alguns segundos depois.

Era o próprio. O General Michael Ryan O'Toole, oficial da Força Aérea americana, descendo pelo ascensor. Encontrava-se várias centenas de metros acima de Richard e Nicole e ainda não os enxergava. Estava entretido em estudar, através de seu binóculo, a beleza da paisagem alienígena à sua volta.

O General O'Toole se preparava para deixar Rama no momento final, quando, em meio à sua subida pelo ascensor, avistara algo que lhe parecera serem três pássaros voando ao longe, em direção ao sul, no céu ramaiano. O general decidira voltar para tentar encontrar aqueles pássaros de novo. Ele não estava preparado para a entusiástica recepção que o aguardava quando chegasse ao fim de sua descida.

## 53. TRINITY

Quando Richard Wakefield deixara a Newton para regressar ao interior de Rama, o General O'Toole fora o último membro da tripulação a se despedir dele. O general aguardara pacientemente até que os demais cosmonautas concluíssem suas conversas com Richard. — Tem realmente certeza de que quer fazer isso? — indagara Janos Tabori a seu amigo inglês. — Você sabe que o comitê inteiro irá declarar Rama fora dos limites em questão de horas.

— Até lá — Richard sorria para Janos — já estarei a caminho de Beta. Tecnicamente falando, não terei violado a ordem deles.

— Isso é uma idiotice — interrompera bruscamente o Almirante Heilmann. — O Dr. Brown e eu somos os responsáveis por esta missão. Nós dois o avisamos para permanecer a bordo da Newton.

— E eu já lhes disse várias vezes — Richard respondera firmemente — que deixei alguns objetos de uso pessoal em Rama, que são muito importantes para mim. Além disso, sabem tão bem quanto eu que não há nada a ser feito por nenhum de nós, aqui, pelos próximos dias. Tão logo a decisão de abortar seja definitivamente tomada, as principais atividades programadas terão ido por água abaixo. Seremos informados apenas de quando desancorar e rumar para a Terra. — Devo lembrá-lo mais uma vez — devolvera Otto Heilmann — que considero o que está fazendo um ato de insubordinação. Quando estivermos de volta à Terra, pretendo indiciá-lo no mais completo...

— Pare com isso, por favor, Otto — interrompeu Richard. Não havia o menor sinal de rancor em seu tom de voz. Ele ajustou seu uniforme espacial e começou a enfiar o capacete. Como sempre, Francesca estava registrando a cena em sua câmera de vídeo. Ela se mantivera estranhamente silenciosa desde sua conversa em particular com Richard, ocorrida uma hora antes. Parecia distraída, como se sua mente estivesse em outro lugar.

O General O'Toole dirigiu-se até Richard e estendeu-lhe a mão. — Não tivemos muito tempo de convivência, Wakefield — disse ele — mas admirei o seu trabalho. Boa sorte por lá. E não corra riscos desnecessários.

Richard se surpreendera com o sorriso caloroso do general. Ele esperava que o oficial militar americano procurasse dissuadi-lo de partir. — Rama é algo de magnífico, general — comentara Richard.

— Como se fosse uma mistura do Grand Canyon, dos Alpes e das pirâmides, tudo a um só tempo.

— Já perdemos quatro membros da tripulação — respondeu O'Toole. — Quero vê-lo aqui de volta, são e salvo. Que Deus o acompanhe.

Richard terminou de se despedir do general com um aperto de mão, enfiou seu capacete e caminhou para a eclusa. Momentos mais tarde, depois que Richard partira, o Almirante Heilmann criticou o comportamento do General O'Toole. — Estou decepcionado com você, Michael — declarou. — Com essa despedida tão calorosa, o rapaz poderá concluir que você, no fundo, aprova sua atitude. O'Toole encarou o almirante alemão. — Wakefield é um homem de coragem, Otto — disse ele. — E também de convicção. Ele não tem medo nem dos ramaianos, nem do processo disciplinar da AIE. Admiro esse tipo de autoconfiança.

— Absurdo — rebateu Heilmann. — Wakefield é um colegial presunçoso e arrogante. Sabe o que deixou em Rama? Um par daqueles robôs shakespearianos idiotas. Ele simplesmente não gosta de receber ordens. Quer fazer apenas o que é prioritário em sua agenda pessoal.

— O que o torna bastante parecido com a maioria de nós — comentou Francesca. A sala ficou em silêncio por um momento. — Richard é muito sensato — disse ela, num tom controlado. — Ele provavelmente tem razões que nenhum de nós pode compreender para voltar a Rama.

— Só espero que ele esteja de volta antes que escureça, conforme prometeu — disse Janos. — Não sei se eu suportaria perder mais um amigo. Os cosmonautas foram saindo do átrio em direção ao saguão. — Onde está o Dr. Brown? — perguntou Janos a Francesca, enquanto os dois caminhavam lado a lado.

— Ele está com Yamanaka e Turgenyev. Os três revisando as possíveis atribuições da tripulação, para a viagem de volta. Com o desfalque que sofremos em matéria de pessoal, será preciso um treinamento extenso e detalhado antes de partirmos — Francesca riu.

— Ele até me perguntou se eu poderia funcionar como engenheiro substituto de navegação. Você pode imaginar uma coisa dessas?

— Facilmente — respondeu Janos. — A essa altura, você provavelmente conseguiria aprender a desempenhar qualquer tarefa de engenharia.

Atrás deles, Heilmann e O'Toole percorriam o corredor. Ao atingirem o saguão que dava para os alojamentos privativos da tripulação, o General O'Toole foi se afastando. — Só um minuto — disse Otto Heilmann — Preciso falar com você sobre um outro assunto. Essa maldita história com Wakefield quase me faz esquecer. Será que poderia vir até minha sala por mais ou menos uma hora?

— Essencialmente — Otto Heilmann explicou, apontando para o criptograma que aparecia no monitor — trata-se de uma importante alteração no procedimento de Trinity. O que não é de espantar. Agora que temos muito mais informações sobre Rama, era de se esperar que a formação final fosse um pouco diferente.

— Mas nós jamais previmos a utilização de todas as cinco armas — contestou O'Toole. — As duas armas extras foram trazidas para um caso de falhas. Uma carga tão elevada de megatons seria capaz de pulverizar Rama.

— É esse mesmo o objetivo — Heilmann revelou. Ele se recostou em sua cadeira e sorriu. —Falando muito cá entre nós — prosseguiu — creio que está havendo uma pressão enorme sobre o Estado-Maior na Terra. A sensação geral é que a capacidade de Rama foi largamente subestimada no início.

— Mas por que motivo eles querem colocar as duas armas maiores na passagem férrea? Por certo, uma única bomba com essa potência conseguiria o resultado desejado.

— E se por alguma razão ela não explodir? É necessário que haja uma sobressalente — Heilmann inclinou-se para frente em sua escrivaninha. — Creio que essa mudança no procedimento define claramente a estratégia. As duas armas da ponta garantirão que a integridade estrutural do veículo seja destruída por completo, o que é fundamental para garantir a impossibilidade de Rama tornar a manobrar depois da explosão. As outras três bombas serão distribuídas pelo interior, visando assegurar que nenhuma parte de Rama esteja a salvo. É igualmente importante que as explosões resultem numa suficiente alteração na velocidade, de modo que nenhuma parte remanescente consiga atingir a Terra.

O General O'Toole formou uma imagem mental do gigantesco veículo espacial sendo aniquilado através de cinco bombas nucleares. Não era um quadro dos mais agradáveis. Certa vez, 15 anos antes, ele e outros 20 membros do Estado-Maior do OGC voaram ao sul do Pacífico para assistir à detonação de uma arma de 100 quilotons. O quadro de engenheiros do OGC convencera os líderes políticos e a imprensa mundial da necessidade de um teste nuclear "a cada 20 anos, aproximadamente", a fim de assegurar que todo o arsenal antigo estivesse em condições de explodir realmente, em caso de emergência. O'Toole e seus companheiros acompanharam a demonstração com o objetivo explícito de aprenderem tanto quanto possível acerca dos efeitos das armas nucleares.

O General O'Toole estava profundamente mergulhado no passado, recordando o horror paralisante ao ver aquela bola de

fogo elevando-se naqueles pacíficos céus. Não percebeu que o Almirante Heilmann dirigira-lhe uma pergunta. — Desculpe-me, Otto — disse ele. — Eu estava pensando em outra coisa.

— Estou lhe perguntando quanto tempo acha que levaria para obtermos a aprovação para Trinity.

— Está se referindo ao nosso caso? — O'Toole perguntou, incrédulo.

— É claro — respondeu Heilmann.

— Nem posso imaginar — O'Toole disse rapidamente. — As armas foram incluídas no manifesto da missão exclusivamente enquanto uma proteção contra ações declaradamente hostis por parte dos ramaianos. Lembro-me até da especificação fundamental: um ataque não provocado contra a Terra por parte da cosmonave alienígena, empregando armas de elevada tecnologia, além de nossa capacidade de defesa. A situação atual é totalmente diferente. O almirante alemão estudou seu colega americano. — Ninguém jamais previu que a cosmonave Rama empreendesse uma trajetória de colisão com a Terra — disse Heilmann. — Caso ela não altere sua rota, vai abrir uma gigantesca cratera na superfície e levantar tamanha poeira que as temperaturas do mundo todo cairão por vários anos... Ao menos, é o que afirmam os cientistas.

— Mas isso é um despropósito — O'Toole argumentou. — Você escutou toda aquela discussão durante a teleconferência. Nenhum indivíduo racional pode acreditar realmente que Rama irá chocar-se de fato contra a Terra.

— O impacto é apenas uma dentre várias hipóteses desastrosas. O que você faria se estivesse chefiando esta equipe? Destruir Rama agora é uma solução segura. Ninguém sairá perdendo.

Visivelmente perturbado com aquela conversa, Michael O'Toole desculpou-se, interrompeu a reunião com o Almirante Heilmann e dirigiu-se para o seu quarto. Pela primeira vez em todo o seu engajamento na missão Newton, O'Toole imaginou que poderia

efetivamente receber ordens de utilizar seu código RQ para ativar as bombas. Nunca antes, sequer por um momento, ele considerara que as bombas nos reservatórios metálicos alojados na traseira da nave militar fossem algo além de um paliativo para os temores dos políticos civis.

Sentado à frente do terminal de computador em seu quarto, o preocupado O'Toole recordou as palavras de Armando Urbina, o pacifista mexicano que defendera o total desmantelamento do arsenal nuclear do OGC. — Como já vimos em Roma e Damasco — o *Señor* Urbina declarara — se armas existem elas podem ser utilizadas. Somente se não existir mais arma alguma poderemos garantir que os seres humanos não voltarão a sofrer os horrores da devastação nuclear.

Richard Wakefield não voltou antes do anoitecer ramaiano. Desde que a estação de comunicações de Beta fora danificada pelo furacão (a Newton havia monitorado o degelo do mar Cilíndrico e o início da tempestade por intermédio da telemetria retransmitida por Beta antes de esta ser silenciada), Richard se afastara do raio de alcance de comunicação ao chegar no meio da Planície Central. Sua última transmissão para Janos Tabori, que se oferecera voluntariamente como responsável pelas comunicações, fora no estilo típico de Wakefield. Como os sinais vindos de Rama estavam enfraquecendo gradativamente, Janos perguntou a Richard, num tom descontraído, como ele gostaria de ser lembrado "pelos seus fãs", caso fosse "tragado pela Grande Goela Galáctica".

— Diga a eles que não amei Rama com sabedoria, mas com intensidade — dissera Richard, aos berros, pelo comunicador.

— O que é isso? — Otto Heilmann perguntara, intrigado. O almirante viera à procura de Janos para que discutissem um problema de engenharia da Newton.

— Ele a matou — Janos dissera, tentando inutilmente recuperar o contato.

— Quem matou... do que é que está falando?

— Nada de importante — Janos respondeu, dando um giro em sua cadeira e flutuando no ar. — Então, o que posso fazer por você, *Herr* Almirante?

O fato de Richard não ter voltado não foi considerado grave até várias horas depois do amanhecer ramaiano seguinte. Os cosmonautas remanescentes na Newton tinham-se convencido, na noite anterior, de que Wakefield estaria absorvido em alguma tarefa ("provavelmente reparando a estação de comunicações de Beta", Janos sugerira) e que perdera a noção do tempo, decidindo não se aventurar por um trajeto solitário pela escuridão. Mas, quando constataram que ele não retornara pela manhã, um sentimento de apreensão começou a ser fazer visível nas conversas da tripulação.

— Não sei por que não admitimos de uma vez? — Irina Turgenyev manifestou-se subitamente, num momento de silêncio durante o jantar. — Wakefield também não voltará. Seja lá o que tenha acontecido a Takagishi e a des Jardins, aconteceu com ele também.

— Isso é ridículo, Irina — Janos rebateu, com veemência.

— *Da* — disse ela. — É o que você sempre diz. Desde o início, quando o General Borzov foi cortado em pedaços. Depois, quando o biota-caranguejo atacou Wilson, foi um acidente. O cosmonauta des Jardins desaparece por uma ruela...

— Coincidência — Janos gritou — tudo coincidência!

— Você é um tolo, Janos — Irina gritou, em resposta. — Acredita em tudo e em todos. Nós devíamos explodir essa coisa maldita em mil pedaços, antes que ela faça outra...— Parem, parem vocês dois — David Brown interveio em voz alta, enquanto seus dois colegas da Europa Oriental continuavam discutindo.

— Muito bem, já chega — acrescentou o General O'Toole. — Estamos todos um pouco tensos. Não há a menor necessidade de discutirmos.

— Alguém vai sair em busca de Richard? — inquiriu o emocional Janos a ninguém em particular.

— Quem seria tão louco... — Irina começou a responder.

— Não — interrompeu bruscamente o Almirante Heilmann. — Eu adverti a ele que sua ida não estava autorizada e que nós não iríamos procurá-lo sob hipótese alguma. Além disso, o Dr. Brown e os dois pilotos me informaram de que dificilmente poderemos trazer de volta as duas naves da Newton com o efetivo que nos resta. Em sua análise, presumiam que Wakefield estivesse conosco. Não podemos correr nenhum risco a mais.

Fez-se um longo e sombrio silêncio à mesa do jantar. — Eu pretendia contar a vocês somente ao fim do jantar — disse então David Brown, pondo-se de pé ao lado de sua cadeira — mas me parece que este grupo faria bom proveito de uma notícia positiva. Uma hora atrás, recebemos nossas ordens. Devemos partir para a Terra em I-14 dias, pouco mais de uma semana a contar de agora. Nesse ínterim, faremos um amplo treinamento de pessoal, descansaremos para a viagem de volta e garantiremos o perfeito funcionamento de todos os sistemas de engenharia da Newton.

Os cosmonautas Turgenyev, Yamanaka e Sabatini deram vivas de aprovação. — Se vamos partir sem voltarmos a Rama — Janos perguntou —, então por que esperar tanto tempo? Certamente podemos estar suficientemente bem preparados em três ou quatro dias.

— Pelo que entendi — respondeu o Dr. Brown — os nossos dois colegas militares têm uma tarefa especial a cumprir, que deverá ocupar a maior parte do seu tempo — e um pouco do nosso — por um tempo superior a três dias — ele lançou os olhos para Otto Heilmann. — Quer contar a eles?

O Almirante Heilmann se levantou. — Preciso discutir os detalhes com o General O'Toole — disse ele, num tom de voz firme. — Daremos todas as explicações amanhã de manhã. Não era preciso que Otto Heilmann mostrasse a O'Toole a mensagem que

fora recebida apenas 20 min antes. O'Toole sabia o seu conteúdo.  
De acordo com o procedimento, havia três palavras apenas:

*Proceder com Trinity.*

## 54. O EX-HERÓI

Michael O'Toole não conseguia dormir. Revirava-se de um lado para outro, colocava sua música predileta e repetia a liturgia da Ave-Maria e do Pai-Nosso diversas vezes. Nada funcionava. Ele precisava de alguma distração, algo que o fizesse esquecer de suas responsabilidades, permitindo que seu espírito repousasse.

PROCEDER COM TRINITY, disse ele, por fim, a si próprio, enfrentando o verdadeiro motivo de sua inquietude. Qual o significado daquilo na prática? Acionar a empilhadeira de forquilha teleoperada, abrir os reservatórios, erguer as armas (eram, aproximadamente, do tamanho de geladeiras), verificar os subsistemas, alojar as bombas numa cápsula, transportá-las até a eclusa de Rama e, de lá, através da linha férrea, ao elevador de cargas...

*E o que mais?*, pensava ele. Mais uma coisa. Não tomaria mais de um minuto para cada arma, porém era da maior importância. Cada bomba possuía um redundante par de diminutos teclados numéricos nas laterais. Ele e o Almirante Heilmann deveriam digitar, nos teclados, uma seqüência especial de dígitos, conhecida por "código RQ", antes que as armas pudessem ser ativadas. Sem os tais códigos, as bombas permaneceriam absolutamente inertes para sempre.

Os debates originais quanto à inclusão ou não de armas nucleares no limitado manifesto de equipamento da Newton ecoaram por várias semanas pelos corredores do quartel-general militar do OGC em Amsterdã. Seguiu-se uma votação final. Ficou decidido que a Newton levaria as armas nucleares, mas, com o intuito de apaziguar a preocupação geral, foi também decidido o implemento de rigorosas medidas de segurança como precaução contra seu uso injustificado. Durante essas mesmas reuniões, a liderança militar do OGC contornou o problema do clamor público adotando a classificação de "ultra-secreto" com respeito ao fato de

que a Newton estaria transportando bombas nucleares para o seu encontro com Rama. Nem mesmo os membros civis da tripulação da Newton foram informados quanto à existência das armas.

O grupo secreto encarregado dos Procedimentos de Segurança Trinity reunira-se sete vezes em quatro locais diferentes do mundo, antes do lançamento da Newton. A fim de tornar o processo de detonação imune a comandos eletrônicos falhos, optou-se pela ação manual como método de ativação dos dispositivos nucleares. Dessa forma, não havia possibilidade de algum lunático na Terra, ou algum cosmonauta em pânico na Newton, detonar o processo por meio de um simples comando eletrônico. O então chefe do Estado-Maior do OGC, um brilhante mas desapaixonado disciplinador chamado Kazuo Norimoto, expressara sua preocupação de que, na ausência de uma capacidade eletrônica de comando, a ação militar ficasse indevidamente na dependência dos humanos selecionados para a missão. No entanto, ele acabara sendo convencido de que era preferível depender dos oficiais militares da Newton a arcar com a preocupação de que algum terrorista ou fanático pudesse, de alguma forma, tomar posse do código de ativação.

Mas e se algum dos oficiais militares fosse dominado pelo pânico? De que modo se poderia proteger o sistema contra uma ação bélica nuclear unilateral por parte de algum membro da tripulação? Quando todas as discussões foram concluídas, o sistema de segurança resultante parecia relativamente simples. Seriam três os oficiais militares da tripulação. Cada um deles teria um código RQ, conhecido somente por ele próprio. O comando manual de duas das três longas seqüências numéricas ativaria os dispositivos nucleares. Dessa forma, o sistema estaria a salvo tanto de algum oficial recalcitrante quanto de um oficial atemorizado. Parecia um sistema à prova de vacilações.

*Mas nossa situação atual jamais foi considerada nas análises de contingências, O'Toole pensou, deitado em sua cama. No caso de qualquer ação perigosa, civil ou militar, cada um de nós deveria*

*designar um suplente para aprender o seu código. Mas quem poderia imaginar que uma cirurgia de apêndice oferecesse perigo? O código de Valeriy morreu com ele. O que significa que o sistema agora requer, necessariamente, os dois elementos militares.*

O'Toole virou-se de barriga para baixo e enterrou a cabeça no travesseiro. Agora ele compreendia perfeitamente por que ainda estava acordado. *Se me recusar a digitar o meu código, essas bombas não poderão ser utilizadas.* Lembrou-se de um almoço na nave militar com Valeriy Borzov e Otto Heilmann durante a tranqüila viagem para Rama. — Nós formamos um triângulo perfeitamente seguro e equilibrado — brincara o general soviético — o que provavelmente influiu para que cada um de nós fosse selecionado. Otto apertaria o gatilho à menor provocação, enquanto você, Michael, seria capaz de se atormentar pelo aspecto moral, ainda que sua vida estivesse ameaçada. E eu sou o árbitro do jogo.

*Mas você está morto,* falou sozinho o General O'Toole, *e nós recebemos ordens para ativar as bombas.* Ergueu-se da cama e foi até sua escrivaninha. Tal como fizera durante toda sua vida ao se deparar com uma decisão delicada, O'Toole retirou um caderninho de notas eletrônico do bolso e elaborou duas listas, uma enumerando as razões que tinha para obedecer às ordens de destruir Rama e outra apresentando os argumentos em contrário. Ele não tinha nenhum motivo estritamente lógico para se opor à ordem de destruição — o gigantesco veículo era provavelmente uma máquina destituída de vida, além disso era praticamente certo que seus três colegas estivessem mortos, e havia uma ameaça implícita, e nada trivial, à Terra. Mesmo assim, O'Toole ainda hesitava. Havia qualquer coisa naquela ação, de tão flagrante hostilidade, que agredia sua sensibilidade.

Voltou para sua cama e deitou-se de costas para baixo. *Meu Deus,* orou, *de olhos fixos no teto, como posso saber o que é o correto nesta situação? Por favor, me mostre o caminho.*

Apenas 30 s após o toque de seu despertador, Otto Heilmann ouviu alguém bater de leve em sua porta. Momentos depois,

entrava o General O'Toole. O americano já estava vestido para o dia. — Levantou cedo, Michael — o Almirante Heilmann disse, buscando desajeitadamente seu café matinal, que já fora preparado automaticamente há cinco minutos.

— Gostaria de falar com você — O'Toole disse, num tom amigável. Esperou cordialmente que Heilmann apanhasse seu copo de café.

— Do que se trata? — quis saber o almirante.

— Quero que você adie a reunião desta manhã.

— Por quê? — Heilmann respondeu. — Precisamos da colaboração do resto da tripulação, conforme você e eu já discutimos na noite passada. Quanto mais esperarmos para começar, maior a chance de retardarmos nossa partida.

— É que eu ainda não estou preparado — disse O'Toole.

O Almirante Heilmann franziu a testa, tomou um longo gole de café e estudou o seu companheiro. — Sei — ele disse lentamente. — E o que mais será preciso para que esteja preparado?

— Quero falar com alguém, talvez o General Norimoto, para compreender por que estamos destruindo Rama. Eu conheço você e sei que já conversamos ontem a respeito, mas quero ouvir os motivos da pessoa que deu a ordem.

— É dever de um oficial militar obedecer ordens. Fazer perguntas poderia ser encarado como uma quebra de disciplina...

— Compreendo tudo isso, Otto — interrompeu O'Toole — mas não se trata aqui de uma situação de campanha. Não estou me recusando a cumprir a ordem. Eu apenas quero ter certeza... — sua voz se desvaneceu, enquanto seus olhos foram para longe.

— Certeza de quê? — Heilmann indagou.

O'Toole inspirou profundamente. — Certeza de estar fazendo a coisa certa.

A teleconferência com Norimoto foi providenciada e a reunião com a tripulação da Newton, adiada. Como era madrugada em Amsterdã, foi preciso esperar um pouco até que a transmissão codificada pudesse ser vertida e apresentada ao chefe do Estado-Maior do OGC. Como lhe era peculiar, o General Norimoto pediu várias horas a mais para preparar sua resposta, de forma que pudesse obter um "consenso por parte do Estado-Maior" quanto ao que iria dizer a O'Toole. O general e o Almirante Heilmann aguardavam juntos no centro militar de controle da Newton, quando chegou a transmissão da Terra. O General Norimoto trajava seu uniforme militar completo. Não sorriu ao cumprimentar os oficiais da Newton. Colocou seus óculos e começou a ler um texto previamente redigido.

— General O'Toole: analisamos detalhadamente as perguntas contidas em sua última transmissão. Todas as suas preocupações estavam incluídas nas questões em pauta, discutidas aqui na Terra, antes que chegássemos ao consenso de proceder com Trinity. De acordo com as cláusulas especiais contidas nos contratos operacionais entre a AIE e o OGC, o senhor e o restante do pessoal militar da Newton fazem parte, temporariamente, de meu Estado-Maior; assim sendo, eu sou o seu comandante. Portanto, a mensagem que foi transmitida a vocês deve ser considerada como uma ordem.

O General Norimoto conseguiu esboçar um sorriso. — Entretanto — continuou lendo — tendo em vista o significado da ação contida nesta ordem, bem como a óbvia preocupação do senhor com as repercussões da mesma, nós preparamos três pressupostos resumidos que deverão ajudá-lo a compreender nossa decisão:

— Primeiro. Não sabemos se Rama é ou não hostil. Não possuímos meios para obter dados adicionais que possam solucionar a questão.

— Segundo. Rama está avançando em direção à Terra. Ela poderia colidir com nosso planeta, adotar alguma ação hostil uma

vez estando nas proximidades ou empreender atividades benignas, as quais não podemos definir.

— Terceiro. Implementando Trinity enquanto Rama se encontra ainda a dez dias ou mais de distância, podemos garantir a segurança do planeta, independente das intenções ou ações futuras de Rama.

O general fez uma pausa muito breve. — Isso é tudo — concluiu então. — Procedam com Trinity.

A imagem na tela se apagou. — Satisfeito? — perguntou o Almirante Heilmann.

— Acho que sim — O'Toole suspirou. — Não ouvi nada de novo, mas nem deveria ter esperado algo além.

O Almirante Heilmann consultou seu relógio. — Já perdemos quase um dia inteiro — falou. — Será que podemos nos reunir com a tripulação depois do jantar?

— Eu preferiria que não — respondeu O'Toole. — Este episódio me deixou exausto e não consegui dormir quase nada na noite passada. Gostaria de esperar até amanhã.

— Muito bem — concordou Heilmann, ao fim de uma pausa. Em seguida se levantou e colocou o braço sobre o ombro de O'Toole. — Será a primeira coisa que faremos depois do desjejum. Na manhã seguinte, o General O'Toole não compareceu à reunião marcada com a tripulação. Telefonou para Heilmann pedindo que o almirante procedesse com a discussão sem ele. A alegação de O'Toole foi um "profundo mal-estar estomacal". Ficou em dúvida se o Almirante Heilmann acreditara em sua desculpa, embora isso realmente não o preocupasse.

O'Toole assistiu e ouviu a reunião pelo televisor de seu quarto, sem fazer intervenção ou acréscimo algum quanto aos procedimentos. Nenhum dos demais cosmonautas parecia particularmente surpreso com o fato da Newton estar portando um arsenal nuclear. Heilmann teve o trabalho de explicar o que iria ser feito. Solicitou a colaboração de Yamanaka e Tabori, conforme ele e

O'Toole haviam discutido, e esboçou uma seqüência de eventos cuja conclusão seria a alocação das armas no interior de Rama em 72 horas. O que dava à tripulação mais três dias de preparo para a partida.

— Quando é que as bombas vão ser detonadas? — perguntou, nervoso, Janos Tabori, assim que o Almirante Heilmann concluiu sua explanação.

— Elas serão programadas para explodir 60 horas depois de nossa partida. De acordo com os modelos analíticos, deveremos ter ultrapassado o raio de ação dos estilhaços em 12 horas, mas, por razões de segurança, ficou estabelecido em nosso procedimento que as armas não seriam detonadas antes de nós estarmos a, no mínimo, 24 horas de distância... Caso nossa partida seja retardada por algum problema, temos sempre a possibilidade de reprogramar o tempo de detonação através de um comando eletrônico.

— Isso é tranqüilizador — Janos observou.

— Mais alguma pergunta? — Heilmann indagou.

— Uma só — disse Janos. — Já que estaremos em Rama, alocando essas coisas nos locais apropriados, presumo que não haja objeção em darmos uma busca aos nossos amigos perdidos. No caso de eles estarem perambulando...

— O tempo de que dispomos é muito limitado, cosmonauta Tabori — o almirante respondeu — e a alocação em si, no interior da estrutura, deverá demandar poucas horas apenas. Infelizmente, devido a atrasos na discussão do procedimento, teremos de colocar as armas, em suas posições determinadas, no período em que Rama estiver às escuras. *Grande*, O'Toole pensou em seu alojamento. *Temos aí mais uma coisa da qual eu posso ser responsabilizado*. De um modo geral, entretanto, ele achou que o Almirante Heilmann conduzira muito bem a reunião. *Foi sensato da parte de Otto não mencionar o código*, O'Toole disse com seus botões. *Ele provavelmente imagina que no fim eu vá concordar. E provavelmente ele tem razão*.

Quando o General O'Toole despertou de um cochilo, já havia passado o horário do almoço e ele sentia uma fome canina. Não havia ninguém no refeitório exceto Francesca Sabatini; estava terminando seu café e estudava alguns dados de engenharia quaisquer no monitor de seu computador.

— Está melhor, Michael? — disse ela ao vê-lo.

Ele fez que sim com a cabeça. — O que está lendo? — O'Toole indagou.

— Este aqui é o manual executivo do *software* — Francesca respondeu. — David está muito preocupado. Acha que, com a ausência de Wakefield, não saberemos sequer identificar se o *software* da Norton está operando corretamente ou não. Estou aprendendo a ler o diagnóstico de autoteste.

— Uau — O'Toole deu um assobio. — Uma tarefa e tanto para uma jornalista!

— Na verdade, não é tão complicado — riu-se Francesca. — Além disso, é extremamente lógico. Talvez minha futura profissão seja a de engenheiro.

O'Toole fez um sanduíche para si, pegou um copo de leite e sentou-se à mesa, ao lado de Francesca. Ela colocou a mão no ombro dele. — Falando em carreiras futuras, Michael, você já pensou na sua?

O general olhou para ela com um ar de estranheza. — Do que é que você está falando?

— É que eu caí naquele clássico dilema profissional, meu amigo. Meu trabalho como jornalista está em conflito direto com meu sentimento.

O'Toole parou de mastigar. — Heilmann contou a você?

Ela balançou a cabeça afirmativamente. — Não sou nenhuma idiota, Michael. Eu teria descoberto mais cedo ou mais tarde. E esse é um problema muito, muito delicado. Talvez um dos mais

delicados de toda a missão. Já pensou nas chamadas dos noticiários da noite: "General americano se recusa a cumprir ordem de destruir Rama. Não deixe de ver"?

O general ficou na defensiva. — Eu não me recusei. O procedimento Trinity não pede que eu digite meu código antes que as armas estejam fora de seus reservatórios...

—... e prontas para serem colocadas nas cápsulas. — Francesca completou. — O que deverá acontecer daqui a 18 horas. Amanhã pela manhã, segundo os meus cálculos... pretendo estar pronta para registrar esse histórico evento — ela se levantou da mesa. — A propósito, Michael, no caso de estar em dúvida, eu não mencionei sua chamada a Norimoto em nenhuma de minhas reportagens. Posso até contar sobre sua conversa com ele em minhas memórias, mas não pretendo publicá-las, no mínimo pelos próximos cinco anos.

Francesca encarou O'Toole diretamente nos olhos. — Você está no limite de passar da condição de herói internacional para a de um zero à esquerda, da noite para o dia, meu amigo. Só espero que tenha avaliado cuidadosamente todas as conseqüências de sua decisão.

## 55. A VOZ DO SANTO

O General O'Toole passou a tarde em seu alojamento, acompanhando pelo televisor enquanto Tabori e Yamanaka checavam as armas nucleares. Ele fora liberado da tarefa programada de verificação do sistema de armamento em razão de seu suposto mal-estar do estômago. Seu manuseio era surpreendentemente simples e trivial; ninguém suspeitaria que aquilo fora projetado para aniquilar a mais impressionante obra de engenharia jamais vista pela humanidade.

Antes do jantar, O'Toole pediu uma ligação para sua mulher. A Newton agora se aproximava rapidamente da Terra, sendo a defasagem entre a transmissão e a recepção inferior a três minutos. As antigas conversas bidirecionais eram novamente possíveis. Seu diálogo com Kathleen foi cordial e prosaico. O General O'Toole pensou, por um momento, em compartilhar seu dilema moral com a esposa, mas percebeu que o videofone não era seguro e optou por não fazê-lo. Os dois expressaram seu mútuo entusiasmo por estarem juntos num futuro bastante próximo.

O general jantou com a tripulação. Janos estava num de seus dias bem-humorados, divertindo a todos com histórias sobre sua tarde com "as balas", como insistia em chamar as bombas nucleares. — A certa altura — Janos contou a Francesca, que não parara de rir desde o início da história — estávamos com todas as balas presas levemente no chão e enfileiradas como pedras de dominó. Yamanaka por pouco não se borrou todo por minha causa. Eu empurrei a primeira bala para frente e as cinco foram caindo, batendo e clangorando em todas as direções. Hiro estava certo de que elas iriam explodir! — Vocês não ficaram preocupados com a possibilidade de danificarem algum componente mais frágil? — David Brown indagou.

— Nada — Janos replicou. — Os manuais que Otto me passou diziam que é impossível danificar aquelas bombas, mesmo se você

as jogar do alto da Trump Tower. Além disso — acrescentou — elas ainda não estão ativas. Correto, *Herr* almirante?

Heilmann acenou afirmativamente com a cabeça e Janos passou para outra história. O General O'Toole se desligou mentalmente, numa sôfrega luta interior, relacionando aqueles objetos metálicos alojados na nave militar à nuvem em forma de cogumelo no Pacífico...

Francesca interrompeu o devaneio do general. — Há uma ligação urgente em sua linha privativa, Michael — informou ela. — O Presidente Bothwell estará na linha em cinco minutos.

A conversa na mesa parou. — Bem — disse Janos, com um sorriso — você deve ser alguém muito especial. Não é qualquer um que recebe uma chamada do Batedor Bothwell.

Com cordialidade, o General O'Toole pediu licença para se levantar da mesa e se dirigiu para seu alojamento. *Ele deve estar sabendo*, pensou, enquanto aguardava, com impaciência, que a ligação fosse completada. *Mas é claro que sim. Ele é o presidente dos Estados Unidos.*

O'Toole fora sempre um aficionado pelo beisebol, e seu time favorito era o Boston Red Sox. O beisebol entrara em recesso no auge do Grande Caos de 2141, porém um novo grupo de investidores reativara as agremiações quatro anos mais tarde. Quando Michael tinha seis anos, em 2148, seu pai o levava até o Fenway Dome para assistir a uma partida entre o Red Sox e o Havana Hurricanes. Fora o início de um longo caso de amor para O'Toole.

Sherman Bothwell tinha sido um possante primeiro batedor esquerdo do Red Sox entre 2172 e 2187. Fora um grande jogador e imensamente popular. Nascido em Missouri, sua genuína modéstia e seu desusado empenho no trabalho eram tão excepcionais quanto os 527 golpes *homerun* dados por ele em seus 16 anos de atividade nas quatro maiores agremiações do beisebol. No último ano de sua carreira esportiva, Bothwell perdera sua mulher num acidente de

barco. A altiva dedicação de Sherman à responsabilidade de educar os filhos sozinho fora amplamente aplaudida. Três anos antes, ao se casar com Linda Black, a filha predileta do governador do Texas, ficara óbvio para muita gente que Sherman tinha em vista uma carreira política. Ele avançou, por mérito próprio, com grande rapidez. Primeiro, vice-governador; depois, governador e candidato à presidência. Foi eleito para a Casa Branca com uma vitória esmagadora em 2196; já se previa que ele derrotaria, com larga vantagem, o candidato cristão-conservador nas futuras eleições gerais de 2200.

— Alô, General O'Toole — disse o homem de terno azul, com um sorriso amigável, assim que a imagem apareceu na tela. — Aqui é Sherman Bothwell, o seu presidente.

O presidente não trazia nenhum papel. Estava inclinado para a frente, sentado numa cadeira simples, os cotovelos apoiados nas coxas e as mãos entrelaçadas à sua frente. Ele falava como se estivesse sentado ao lado do General O'Toole em alguma sala de estar qualquer.

— Estou acompanhando a missão Newton com grande interesse — assim como toda minha família, incluindo Linda e os quatro meninos — desde o lançamento. Fiquei *especialmente* alerta, porém, nessas últimas semanas, com as tragédias que se abateram sobre vocês e seus bravos colegas. Meu Deus... Eu jamais imaginei que algo como essa nave Rama pudesse existir. É verdadeiramente atordoante... De qualquer modo, estou ciente, por intermédio de nosso representante do OGC, de que foi dada uma ordem no sentido de que Rama seja destruída. Sei que uma decisão como esta não é tomada facilmente e que implica uma grande responsabilidade para pessoas como o senhor. Não obstante, tenho certeza de que se trata da atitude mais correta. Isso mesmo. Eu sei que está correto. O senhor conhece minha filha Courtney, a de oito anos. Pois bem, ela acorda quase todas as noites com pesadelos. Assistimos à tentativa de vocês em capturar aquele biota, aquele que parecia um caranguejo e, meu Deus, foi positivamente algo de

medonho. Courtney sabe agora — foi amplamente divulgado pela televisão — que Rama está se dirigindo *diretamente* para a Terra, e ela está realmente assustada. Imagina que o país inteiro será assolado por aqueles caranguejos e que ela e todos os seus amigos serão despedaçados, exatamente como o jornalista Wilson. Estou lhe dizendo isso tudo, general, porque sei que o senhor está diante de uma importante decisão. E ouvi rumores de que o senhor estaria hesitando em destruir essa impressionante cosmonave e todas as suas maravilhas. Mas, general, contei a Courtney sobre vocês. Eu disse a ela que o senhor e sua tripulação irão explodir Rama em pedaços, muito antes que ela atinja a Terra. Foi por isso que eu o chamei. Para lhe dizer que estou contando com o senhor. E Courtney também.

O General O'Toole havia pensado, antes de ouvir o presidente, que poderia se valer da ligação para expor seu dilema ao líder do povo americano. Ele imaginara que poderia inclusive questionar o Batedor Bothwell quanto à natureza de uma espécie que promove a destruição visando se proteger contra um risco improvável. Porém, ao fim da fala breve e praticamente perfeita do ex-primeiro-batedor, O'Toole nada tinha a dizer. Como poderia se recusar em atender a um tal apelo? Todas as Courtney Bothwells do planeta pareciam estar contando com ele.

Depois de dormir por cinco horas, O'Toole levantou às três em ponto. Estava ciente de que a ação mais importante de sua vida esperava por ele. Parecia-lhe que tudo o que fizera antes, sua carreira, seus estudos religiosos e até mesmo sua vida familiar tinham sido uma preparação para aquele momento. Mas qual seria a vontade de Deus para ele? Com a testa encharcada de suor, O'Toole ajoelhou-se diante da imagem de Jesus crucificado existente atrás de sua escrivaninha.

*Meu Senhor, ele disse com veemência, unindo as mãos, minha hora se aproxima e ainda não enxergo o Teu desígnio com clareza. Seria tão fácil para mim simplesmente obedecer às ordens que*

*recebi e fazer aquilo que todo mundo deseja! Mas será esta a Tua vontade ? Como posso saber com certeza?*

Michael O'Toole fechou os olhos e orou pedindo orientação, com um fervor mais intenso do que jamais experimentara anteriormente. Enquanto orava, recordou-se de uma outra época, anos antes, quando era um jovem piloto integrando uma força de paz temporária na Guatemala. O'Toole e seus homens despertaram certa manhã e deram com sua pequena base aérea completamente cercada pelos terroristas de direita que tentavam derrubar o recém-instaurado governo democrático. Os subversivos queriam os planos. Em troca, eles garantiriam a saída de O'Toole e seus homens em segurança.

O Major O'Toole tivera 15 min para deliberar e orar antes de se decidir por lutar. A batalha que se seguiu resultou na destruição dos planos e na morte de quase a metade de seus homens, todavia seu posicionamento simbólico contra o terrorismo encorajou o jovem governo, bem como muitos outros da América Central, numa época em que os países pobres lutavam desesperadamente para vencer a devastação causada por duas décadas de depressão. A atuação de O'Toole na Guatemala lhe valeu a Ordem do Mérito, a mais alta honraria militar concedida pelo OGC.

Anos depois, a bordo da Newton, o processo de tomada de decisão do General O'Toole parecia bem menos simples. Quando na Guatemala, o jovem major não tivera nenhuma dúvida quanto ao aspecto moral de suas ações. A ordem para destruir Rama, no entanto, era algo totalmente diferente. Na opinião de O'Toole, a nave alienígena não tomara nenhuma atitude declaradamente beligerante. Além disso, ele sabia que a ordem estava baseada fundamentalmente em dois fatores: o medo do que Rama *pudesse* fazer e o clamor xenófobo por parte da opinião pública. Do ponto de vista histórico, tanto o medo como a opinião pública eram notoriamente isentos de preocupações morais. Se, de alguma forma, pudesse descobrir o verdadeiro propósito de Rama, ele então poderia...

Debaixo da pintura de Jesus, atrás da escrivaninha de seu alojamento, havia uma estatueta representando um jovem de cabelos encaracolados e olhos grandes. A figura de São Miguel de Siena acompanhara O'Toole em cada viagem que ele fizera desde o seu casamento com Kathleen. Ao olhar para a estatueta, ele teve uma idéia. O General O'Toole abriu uma das gavetas de sua escrivaninha, de onde tirou um pequeno livro eletrônico. Ligou o aparelho, verificou o repertório do livro e chamou os tópicos referentes aos sermões de São Miguel.

Sob o título "Rama", o general encontrou toda uma série de referências. A que ele procurava era a única que aparecia marcada em negrito. Essa referência específica era o célebre "Sermão sobre Rama" do santo, proferido ao ar livre, em Rama, para cinco mil neófitos de Miguel, três semanas antes do holocausto. O'Toole começou a ler.

"O tema de minha prédica de hoje para vocês refere-se a uma questão apresentada pela irmã Judite em nosso concílio, qual seja em que estaria eu me baseando ao afirmar que a cosmonave extraterrestre denominada Rama bem pode ter sido o primeiro anúncio da segunda vinda de Cristo. Compreendam que eu não tive, nesse particular, revelação alguma em nenhum sentido; Deus, entretanto, sugeriu a mim que os arautos da próxima vinda de Cristo terão de ser extraordinários, do contrário o povo da Terra não os identificará. Um simples anjo ou duas trombetas a soar nos céus não serão suficientes. Os mensageiros deverão fazer coisas realmente espetaculares para conseguir a atenção.

"Existe um precedente, estabelecido nas profecias do Antigo Testamento prevendo a vinda de Jesus, onde se menciona os anúncios proféticos originários dos céus. A carruagem de Elias foi a Rama de seu tempo. Do ponto de vista tecnológico, estava tão à frente da compreensão de seus observadores como é o caso de Rama na atualidade. Nesse sentido, verificamos a existência de um certo padrão em formação, uma simetria que não contradiz a ordem divina.

"Mas o que julgo mais auspicioso quanto à chegada da primeira cosmonave Rama há oito anos — e refiro-me à primeira porque tenho certeza que outras virão — é o fato de ela obrigar a humanidade a pensar em si própria sob uma perspectiva extraterrestre. Limitamos, com grande freqüência, nossa concepção de Deus e, conseqüentemente, a nossa própria espiritualidade. Nós pertencemos ao universo. Somos os seus filhos. Foi meramente por acaso que os nossos átomos se elevaram à consciência aqui nesse planeta em particular.

"Rama nos obriga a pensar em nós e em Deus enquanto seres do universo. É um tributo à Sua inteligência o fato de Ele ter enviado um tal mensageiro neste momento. Pois, como eu já lhes falei muitas vezes, é mais do que tempo para nossa evolução final, nosso reconhecimento de que a raça humana como um todo não passa de um organismo único. O surgimento de Rama é mais um sinal de que é tempo de mudarmos nossa maneira de ser e de darmos início à nossa evolução final. "

O general pôs de lado o pequeno livro e esfregou os olhos. Ele já lera aquele sermão antes, mais precisamente pouco antes de seu encontro em Roma com o papa, mas, de alguma forma, não lhe parecera tão significativo na época como agora. *Afinal, o que é você, Rama ?, pensou. Uma ameaça a Courtney Bothwell ou o arauto da segunda vinda de Cristo?*

Faltava uma hora para o desjejum e o General O'Toole ainda estava hesitante. Não sabia realmente qual seria sua decisão. Pesava-lhe muito o fato de ter recebido uma ordem explícita por parte de seu comandante. O'Toole lembrava-se muito bem de haver jurado, ao receber seu comissionamento, não apenas obedecer ordens, como também proteger as Courtney Bothwells do mundo todo. Haveria alguma evidência de que aquela ordem em particular fosse tão imoral que ele devesse romper seu juramento?

Considerando Rama simplesmente uma máquina, não era difícil para o General O'Toole concordar com sua destruição. Tal ação não

resultaria, afinal de contas, na morte de nenhum ramaiano. Mas e quanto ao que Wakefield dissera? Que a cosmonave Rama provavelmente era mais inteligente do que todo e qualquer ente vivo sobre a Terra, incluindo o ser humano? E não teria uma inteligência artificial um lugar especial dentre as criações de Deus, talvez até acima das formas de vida inferiores?

Por fim, o General O'Toole se viu vencido pela fadiga. Simplesmente não lhe restava mais energia para lidar com aquela infindável torrente de perguntas sem respostas. Decidiu, com relutância, colocar um ponto final em seu conflito interior e preparar-se para cumprir as ordens recebidas.

O primeiro passo foi memorizar novamente seu código RQ, uma seqüência específica de 50 números inteiros entre zero e nove, que apenas ele e os processadores das armas nucleares conheciam. O'Toole digitara pessoalmente seu código e verificara se estava corretamente armazenado em cada uma das bombas, antes da missão Newton ser lançada da Terra. A seqüência de dígitos era extensa, a fim de minimizar a possibilidade de ser reproduzida por algum expediente repetitivo eletrônico de sondagem. Cada um dos oficiais militares da Newton fora aconselhado a formar sua seqüência atendendo a dois critérios: deveria ser um código quase impossível de ser esquecido e, ao mesmo tempo, não ser algo trivial como a junção de todos os números de telefone da família, impossibilitando, assim, que alguém de fora pudesse deduzi-lo facilmente a partir de dados pessoais.

Por razões sentimentais, O'Toole quis que nove números de seu código correspondessem à data de seu nascimento, 29-3-42, e à de sua mulher, 7-2-46. Sabia que a primeira coisa que qualquer especialista em decifração iria procurar seriam essas escolhas óbvias, de modo que resolveu camuflar as datas de nascimento nos 50 dígitos. E quanto aos outros 41? Esse número em particular, 41, intrigava O'Toole desde uma festa com pizza e cerveja quando era segundanista no Instituto Militar. Na ocasião, um de seus colegas, um jovem e brilhante numerólogo, cujo nome ele esquecera havia

tempos, dissera a O'Toole, no meio de uma discussão de bêbados, que o 41 era um "número muito especial, o primeiro número inteiro da série mais longa de números primos quadráticos".

O'Toole jamais chegou a entender completamente o significado das palavras "número primo quadrático". Todavia, ele compreendia e considerava fascinante o fato de que a série 41, 43, 47, 53, 61, 71, 83 e 97, na qual cada número sucessivo era computado acrescentando-se uma diferença de dois ao número anterior, resultava exatamente em 40 números primos consecutivos. A seqüência de números primos terminava apenas quando o 41º número da seqüência resultava em um número não-primo, ou seja,  $41 \times 41 = 1.681$ . O'Toole compartilhara esta pequena e pouco difundida informação uma única vez em sua vida, com sua mulher, Kathleen, no 41º aniversário dela, tendo recebido uma resposta tão lacônica que ele jamais voltou a comentar aquilo com quem quer que fosse.

Todavia, era algo perfeito para o seu código secreto, principalmente se ele o camuflasse adequadamente. Para formar o seu número de 50 dígitos, o General O'Toole construiu primeiro uma seqüência de 41 dígitos, cada qual resultante da soma dos dois primeiros, no termo correspondente na seqüência especial de números primos quadráticos iniciando com 41. Assim, o dígito inicial era "5", representando 41; seguido por "7", representando 43; "1", representando 47 ( $4 + 7 = 11$ , e depois ficava truncado); "8", representando 53, e assim por diante. A seguir, O'Toole espalhou as datas de nascimento utilizando uma seqüência Fibonacci ao inverso (34, 21, 13, 8, 5, 3, 2, 1, 1) para definir os locais dos nove números inteiros das datas de nascimento na série original de 41 dígitos.

Não foi fácil memorizar a seqüência, mas o general não queria colocá-la por escrito e carregá-la consigo antes do processo de ativação. Se o código fosse colocado por escrito, qualquer um poderia utilizá-lo, com ou sem sua permissão, e caso ele resolvesse mudar novamente de idéia, já não poderia fazê-lo. Tão logo memorizou a seqüência, O'Toole destruiu todo o registro

computadorizado e dirigiu-se até o refeitório para fazer o desjejum com o restante dos cosmonautas.— Aqui está uma cópia do meu código, Francesca, e uma para você, Irina, e a última para você, Hiro Yamanaka. Desculpe, Janos — disse o Almirante Heilmann com um largo sorriso — mas acabaram-se as minhas balas. Quem sabe o General O'Toole não deixe você digitar o código dele numa das bombas?

— Está tudo bem, *Herr* almirante — Janos devolveu, de esquelha. — Existem certos privilégios que eu dispenso.

Heilmann estava fazendo da ativação das bombas nucleares um grande estardalhaço. Imprimira uma série de cópias de seu número de 50 dígitos e deleitara-se em explicar aos outros cosmonautas o quanto ele fora hábil na concepção de seu código. Agora, com uma soltura nada característica, ele permitia que o restante da tripulação participasse do processo.

Francesca estava adorando. Aquilo era, definitivamente, um espetáculo televisivo de primeira. Ocorreu a O'Toole que Francesca provavelmente teria sugerido aquela encenação a Heilmann, mas o general não perdeu muito tempo pensando naquilo. O'Toole estava surpreso com a calma que agora experimentava. Após seu longo e torturante auto-questionamento, ele aparentemente iria cumprir seu dever sem aflições.

O Almirante Heilmann confundiu-se durante a digitação de seu código (ele admitiu estar nervoso) e perdeu, temporariamente, o fio da meada de sua seqüência. Os projetistas do sistema tinham previsto tal possibilidade e instalaram duas luzes, uma verde e outra vermelha, imediatamente acima dos teclados numéricos nas laterais de cada bomba. A cada dez dígitos, uma das duas luzes se acendia, indicando se aquela parcela do código estava correta ou não. O comitê de segurança expressara sua preocupação quanto ao fato de que esse elemento "extra" pudesse comprometer o sistema (seria mais fácil decifrar cinco séries de dez dígitos do que uma série de 50 dígitos), porém os repetidos testes de engenharia

humana, anteriores ao lançamento, terminaram por demonstrar a necessidade das luzes.

Ao fim de sua segunda dezena de dígitos, Heilmann foi saudado pela luz vermelha. — Fiz algo errado — disse ele, obviamente embaraçado.

— Mais alto — gritou Francesca, de onde estava filmando. Ela havia conseguido um caprichado enquadramento à cerimônia, permitindo que tanto os projéteis como as cápsulas aparecessem na tela.— Eu cometi um erro — proclamou o Almirante Heilmann. — Esse barulho todo me distraiu. Tenho de esperar 30 s antes de poder recomeçar.

Quando Heilmann conseguiu completar seu código corretamente, foi a vez do Dr. Brown digitar o código de ativação na segunda arma. Ele parecia quase enfadado; o modo como pressionou os teclados seguramente estava distante de tudo que se assemelhasse a entusiasmo. Irina Turgenyev ativou a terceira bomba. Ela fez um comentário sucinto, mas apaixonado, enfatizando sua convicção de que a destruição de Rama era absolutamente essencial.

Hiro Yamanaka e Francesca não disseram coisa alguma. Francesca, entretanto, conseguiu impressionar o resto da tripulação, digitando seus 30 primeiros dígitos de memória. Considerando que ela, supostamente, jamais vira o código de Heilmann até uma hora antes, e que não estivera sozinha por mais de dois minutos desde então, o seu feito era notável.

Em seguida, foi a vez do General O'Toole. Sorrindo placidamente, ele caminhou até o primeiro projétil. Os demais cosmonautas aplaudiram, demonstrando, ao mesmo tempo, uma deferência pelo general e que estavam a par de seu conflito. Ele gentilmente pediu que todos fizessem silêncio, explicando que guardara toda sua seqüência na memória. O'Toole digitou, então, a primeira dezena de dígitos.

Ele se deteve por um segundo, enquanto a luz verde se acendia. Naquele mesmo instante, acendeu-se em sua mente a imagem de um dos afrescos do segundo pavimento da capela de São Miguel em Roma. Um jovem de túnica azul, os olhos verdes voltados para o céu, estava postado nas escadarias no Monumento Vittorio Emanuele, pregando para uma atenta multidão. O General O'Toole ouviu uma voz, num tom alto e cristalino. A voz disse "Não".

O general virou-se rapidamente. — Alguém disse alguma coisa? — perguntou, olhando fixamente para os outros cosmonautas. Estes balançaram a cabeça negativamente. Desnorteados, O'Toole voltou-se novamente para a bomba. Procurou lembrar-se da segunda dezena de dígitos. Mas não conseguiu. Seu coração batia a uma velocidade alucinante. Sua mente não parava de martelar, *O que era aquela voz ?* Sua resolução de cumprir o próprio dever desaparecera.

Michael O'Toole inspirou profundamente, tornou a virar-se e começou a caminhar pelo imenso compartimento. Ao passar por seus pasmos colegas, ouviu o almirante Heilmann gritar: — O que está fazendo?

— Estou indo para o meu quarto — respondeu O'Toole, sem interromper sua passada.

— Você não vai ativar as bombas? — perguntou o Dr. Brown, atrás dele.

— Não — respondeu o General O'Toole. — Pelo menos por enquanto.

## 56. UMA PRECE ATENDIDA

O General O'Toole permaneceu em seu quarto pelo resto do dia. O Almirante Heilmann apareceu ali, cerca de uma hora depois da desistência de O'Toole em digitar o seu código. Após um pouco de conversa-fiada (Heilmann era péssimo nesse tipo de coisa), o Almirante fez a pergunta crucial.

— Está pronto para continuar com a ativação?

O'Toole balançou a cabeça negativamente. — Esta manhã eu pensei que estivesse, Otto, mas... — não era preciso que dissesse mais nada.

Heilmann ergueu-se da cadeira. — Dei ordens a Yamanaka para levar as duas primeiras bombas até a entrada de Rama. Elas estarão lá na hora do jantar, caso você mude de idéia. As três outras serão deixadas em seu compartimento, por ora — olhou fixamente para o seu colega, por vários segundos. — Espero que não demore muito para recobrar o bom senso, Michael. Já estamos em péssimos lençóis junto ao quartel-general.

Quando Francesca apareceu com sua câmera, duas horas mais tarde, via-se claramente, pelo modo como ela escolhia suas palavras, que o consenso em relação ao general, ao menos entre os cosmonautas remanescentes, era de que O'Toole estava sofrendo de uma profunda tensão nervosa. Ele não estava sendo desafiante. Não estava tomando um partido. Ninguém dentre o resto da tripulação, aliás, teria tolerado tais alternativas, pois ambas soariam mal, por associação. Não, era óbvio que havia algo de errado com os nervos do general.

— Eu disse a todo mundo que não o importunassem com telefonemas — avisou Francesca, num tom de compaixão, enquanto percorria rapidamente o alojamento com os olhos, sua mente televisiva já enquadrando as imagens da próxima entrevista. — Os telefones estão enlouquecidos, principalmente depois que transmiti a fita desta manhã. — Ela se dirigiu até a escrivaninha, examinando

os objetos que havia por ali. — Este é Miguel de Siena? — Francesca indagou, erguendo a estátua.

O'Toole deu um pálido sorriso. — É — respondeu. — E imagino que conheça aquele que aparece na cruz, ali no quadro.

— E muito bem — Francesca respondeu. — Muito bem mesmo... Olhe, Michael, você sabe por que estou aqui. Gostaria que esta entrevista o retratasse da forma mais positiva possível. Não que eu vá tratá-lo com diplomacia, você compreende, mas faça questão que aqueles lobos lá de baixo ouçam a sua versão da história...

— Eles já estão pedindo a minha cabeça? — O'Toole interrompeu.

— Ah, sim — ela respondeu. — E a coisa vai ficar bem pior. Quanto mais você se demorar em ativar as bombas, maior será a fúria contra você.

— Mas por quê? — O'Toole protestou. — Eu não cometi nenhum crime. Simplesmente adiei a ativação de uma bomba cujo poder de destruição ultrapassa...

— Isso é irrelevante — Francesca cortou. — Aos olhos *deles* você deixou de cumprir com sua obrigação, que é a de proteger a população do planeta Terra. Eles estão assustados. Não compreendem toda essa merda extraterrestre. Foram informados de que Rama seria aniquilada e você agora se recusa a afastar os pesadelos deles.

— Pesadelos — murmurou O'Toole — foi o que Bothwell...

— O que tem o Presidente Bothwell? — quis saber Francesca.

— Nada, nada — ele disse, desviando-se do olhar inquisitivo de Francesca. — Mais alguma coisa? — O'Toole perguntou com impaciência.

— Conforme eu dizia, quero que você apareça da melhor maneira possível. Penteie seu cabelo novamente e coloque um uniforme recém-lavado, não um traje de vôo. Vou passar um pouco de maquiagem no seu rosto, para você não parecer cansado — ela

voltou até a escrivania. — Colocaremos suas fotos de família bem à vista, junto de Jesus e de Miguel. Pense cuidadosamente no que vai dizer. É claro que eu vou lhe perguntar por que não conseguiu ativar as armas esta manhã. Francesca aproximou-se de O'Toole e colocou sua mão no ombro dele. — Na minha introdução, vou sugerir que você tem se desgastado muito. Não quero colocar palavras em sua boca, mas admitir uma pequena debilidade provavelmente vai causar bom efeito. Principalmente no seu país.

O General O'Toole demonstrava estar embaraçado enquanto Francesca concluía os preparativos para a entrevista. — É mesmo necessário que eu faça isso? — perguntou, sentindo um incômodo cada vez maior enquanto a jornalista ajeitava o seu quarto.

— Só se quiser que saibam que você não é um Benedict Arnold — foi sua única resposta.

Janos apareceu para uma visita pouco antes do jantar. — Sua entrevista com Francesca foi muito boa — mentiu. — Você ao menos levantou determinadas questões morais que todos nós deveríamos considerar.

— Foi uma idiotice de minha parte trazer toda aquela baboseira filosófica — murmurou O'Toole. — Eu devia ter seguido o conselho de Francesca e atribuir tudo à minha fadiga.

— Bem, Michael — disse Janos — o que está feito, está feito. Eu não vim até aqui para analisar os acontecimentos do dia. Tenho certeza de que você já o fez exaustivamente. Vim aqui para saber se posso ajudar de alguma forma.

— Acho que não, Janos — respondeu. — Mas agradeço a intenção.

Houve um longo hiato no diálogo. Por fim, Janos se levantou e foi caminhando em direção à porta. — O que vai fazer agora? — indagou discretamente.

— Eu bem que gostaria de saber — respondeu O'Toole. — Não me sinto capaz de propor o que quer que seja.

A cosmonave combinada Rama-Newton seguia avançando em direção à Terra. A cada dia que passava a ameaça de Rama era mais premente, um gigantesco cilindro deslocando-se a uma velocidade hiperbólica, rumo ao que seria um calamitoso impacto caso não houvesse alguma alteração a meio-curso. O ponto calculado para a colisão era o Estado de Tamil Nadu, ao Sul da Índia, próximo à cidade de Madurai. Os físicos estavam a cada noite nos telejornais, explicando o que se poderia esperar. Termos como ondas de choque e ejetos entraram para o repertório comum das reuniões sociais.

Michael O'Toole estava sendo vilipendiado pela imprensa mundial. Francesca estava certa. O general americano tornara-se alvo de uma animosidade mundial. Havia até sugestões no sentido de submetê-lo a uma corte marcial e de executá-lo, a bordo da Newton, por não cumprimento de ordens. A dedicação de toda uma vida a importantes causas e ações altruístas parecia esquecida. Kathleen O'Toole foi forçada a deixar o apartamento da família em Boston e refugiar-se na casa de uma amiga no Maine.

O general sentia-se torturado por aquela indecisão. Tinha plena consciência de estar causando um dano irreparável à sua família e à sua carreira, por não conseguir ativar as bombas. Todavia, a cada vez que se convencia de que estava pronto para executar a ordem, aquele forte e altissonante "Não" tornava a ecoar em seus tímpanos.

O'Toole foi apenas parcialmente coerente em sua última entrevista a Francesca, na véspera da partida da nave científica de volta à Terra. Ela lhe dirigiu algumas perguntas muito duras. Quando Francesca perguntou a ele por que, já que se preparava para entrar na órbita terrestre, Rama ainda não fizera manobra alguma de deflexão, o general empertigou-se momentaneamente e lembrou a ela que a desaceleração aérea — a dissipação de energia

na atmosfera sob forma de calor — era o mais eficiente recurso para se alcançar a órbita de um corpo planetário envolto em atmosfera. Quando, porém, ela deu ao general a oportunidade de aprofundar sua afirmativa, para discutir como Rama poderia se auto-reconfigurar para ter superfícies aerodinâmicas, O'Toole ficou calado. Limitou-se a ficar olhando para ela, com um ar perturbado.

O'Toole saiu de seu alojamento para o jantar, na noite que antecedia a partida de Brown, Sabatini, Tabori e Turgenyev para a Terra. Sua presença estragou aquele último jantar. Irina foi extremamente desagradável com ele, censurando impiedosamente o general e recusando-se a sentar na mesma mesa que ele. David Brown ignorou-o por completo, preferindo discutir um detalhe crucial do laboratório que estava sendo projetado no Texas para abrigar o biota-caranguejo que eles estavam levando preso. Somente Francesca e Janos foram amigáveis, de modo que o General O'Toole voltou para o seu quarto quase imediatamente após o jantar, sem se despedir formalmente de ninguém.

Na manhã seguinte, menos de uma hora depois que a nave científica partira, O'Toole ligou para o Almirante Heilmann solicitando uma reunião. — Então, finalmente mudou de idéia? — perguntou o alemão com entusiasmo assim que o general entrou em seu escritório. — Bem, ainda não é assim tão tarde. Temos ainda I-12 dias. Se nos apressarmos, podemos detonar as bombas no dia I-9.

— Estou chegando, Otto — O'Toole respondeu — mas ainda não cheguei. Tenho pensado com muita cautela sobre isso tudo. Há duas coisas que eu ainda gostaria de fazer. Quero falar com o Papa João Paulo e entrar em Rama por contra própria.

A resposta de O'Toole deixou Heilmann desarvorado. — Merda — falou. — Vamos começar tudo de novo. Nós provavelmente...

— Você não está entendendo, Otto — disse o americano, olhando fixamente para o seu colega. — Trata-se de uma boa notícia. A menos que algo totalmente inusitado aconteça durante

minha ligação com o papa ou enquanto eu estiver em Rama, eu estarei pronto para digitar meu código no minuto que voltar de lá.

— Você tem certeza? — Heilmann indagou.

— Eu lhe dou a minha palavra — respondeu O'Toole.

O General O'Toole não se absteve de dizer nada em sua longa e emocionada transmissão para o papa. Ele sabia que a chamada estava sendo monitorada, mas isso não tinha a menor importância. Apenas uma coisa era mais importante do que tudo para ele: tomar a decisão de ativar as bombas nucleares com uma consciência clara. Ficou esperando ansiosamente pela resposta. Quando o Papa João Paulo V por fim apareceu na tela, estava sentado na mesma sala do Vaticano em que O'Toole tivera sua audiência pouco depois do Natal. O papa segurava um pequeno bloco eletrônico de apontamentos na mão direita e às vezes baixava os olhos enquanto falava.

— Tenho orado com você, meu filho — começou o pontífice em seu inglês impecável — especialmente nesta última semana, por seu turbilhão pessoal. Eu não posso lhe dizer o que fazer. Eu não tenho mais respostas do que você. Nós apenas podemos esperar juntos que Deus, em Sua sabedoria, nos conceda uma resposta inequívoca às nossas preces. — Em resposta a algumas de suas perguntas de caráter religioso, entretanto, poderei tecer alguns comentários. Ofereço-os a você na esperança de que possam ser úteis... Eu não posso dizer se a voz que o senhor ouviu é ou não de São Miguel, ou se o senhor passou por aquilo que chamamos de experiência religiosa. Posso afirmar que existe uma categoria da experiência humana, normalmente chamada de religiosa por falta de uma denominação mais adequada, que existe de fato e que não pode ser explicada em termos puramente racionais ou científicos. Saulo de Tarso foi seguramente cegado por uma luz vinda dos céus, como parte de sua conversão ao cristianismo, antes de se tornar o apóstolo Paulo. A voz que o senhor ouviu pode ter sido a de São Miguel. Somente o senhor pode decidi-lo.

— Como nós já discutimos há três meses, Deus certamente criou os ramaianos, quem quer que eles sejam. Mas Ele também criou os vírus e as bactérias que causam a morte e o sofrimento humanos. Não podemos glorificar a Deus, seja individualmente, seja enquanto espécie, se não sobrevivermos. Parece-me improvável que Deus espere que não tomemos nenhuma atitude quando nossa própria sobrevivência se encontra ameaçada.

— O suposto papel de Rama como um arauto da segunda vinda de Cristo é uma questão controversa. Existem alguns sacerdotes dentro da Igreja que concordam com São Miguel, muito embora estes sejam nitidamente uma minoria. A maior parte de nós considera as naves Rama espiritualmente muito estéreis para serem mensageiras. Não resta dúvida de que se constituem em maravilhas da engenharia, mas nada existe nelas que sugira algum calor, ou compaixão, ou qualquer outro atributo redentor associado a Cristo. Parece, portanto, muito improvável que Rama possua qualquer significado estritamente religioso. — Por fim, trata-se de uma decisão que o senhor deverá tomar por si próprio. Deve continuar com suas orações, o que estou certo de que o senhor já fez, mas talvez deva esperar uma resposta menos retumbante da parte de Deus. Ele não se dirige a todos da mesma forma; e nem todas as Suas mensagens ao senhor virão da mesma forma. Lembre-se, por favor, de mais uma coisa. Enquanto estiver explorando Rama, procurando conhecer a vontade de Deus, as preces de muitos aqui na Terra estarão consigo. Esteja certo de que Deus lhe dará uma resposta; o desafio que cabe ao senhor é identificá-la e interpretá-la. João Paulo concluiu sua transmissão com uma bênção e uma oração ao Senhor. O General O'Toole automaticamente se ajoelhou e repetiu as palavras de seu líder espiritual. Quando a tela se apagou, ele analisou as palavras do pontífice e sentiu-se autoconfiante. *Devo estar no caminho certo,* O'Toole disse para si mesmo. *Mas não devo esperar uma proclamação dos céus acompanhada de trombetas.*

O'Toole não estava preparado para a força de sua resposta emocional a Rama. Talvez fosse a portentosa escala da cosmonave, tão maior do que tudo jamais construído pelo engenho humano. Talvez, também, seu longo confinamento na Newton e a vulnerabilidade mais acentuada de seu estado emocional contribuíssem para a intensidade de seus sentimentos. Fossem quais fossem as razões, Michael O'Toole estava totalmente tomado por aquele espetáculo, enquanto fazia seu solitário percurso para dentro da gigantesca cosmonave.

Nenhuma preocupação específica ocupava o restante da mente de O'Toole. Sentiu um nó na garganta e os olhos se encheram de lágrimas de assombro em diversas ocasiões: em sua descida inicial na cadeira do ascensor, olhando a Planície Central com as longas faixas iluminadas que formavam a iluminação de Rama; parado junto ao jipe às margens do mar Cilíndrico e observando, através do binóculo, os misteriosos arranha-céus de Nova York; e ficando boquiaberto muitas vezes, como todos os cosmonautas antes dele, diante dos gigantescos chifres e arcobotantes que adornavam a calota meridional. Os sentimentos de O'Toole eram de assombro e reverência, guardando muita semelhança com o que ele sentira pela primeira vez em que entrara numa das antigas catedrais européias.

O general passou a noite ramaiana em Beta, aproveitando uma das cabanas sobressalentes deixadas ali pelos cosmonautas na segunda surtida. Ele encontrou a mensagem de Wakefield, ditada duas semanas antes e sentiu um desejo momentâneo de montar o barco a vela e atravessar o mar até Nova York. O'Toole, porém, se conteve, concentrando-se no legítimo propósito daquela visita.

Admitiu a si mesmo que, mesmo sendo Rama uma conquista espetacular, sua magnificência não deveria ser um fator relevante no processo de avaliação do general. Haveria algo que ele tivesse visto, capaz de levá-lo a alterar aquele esboço de conclusão? *Não*, respondeu ele, relutante, à própria pergunta. Quando as luzes voltaram a se acender no gigantesco cilindro, O'Toole estava certo

de que antes do próximo anoitecer ramaiano ele ativaria as bombas.

Ele ainda protelava. Percorreu com o jipe toda a extensão da costa, examinando Nova York e as outras vistas por diferentes ângulos e observando a escarpa de 500 m no lado oposto do mar. Ao passar uma última vez pelo acampamento Beta, O'Toole decidiu apanhar alguns objetos espalhados, incluindo certos instrumentos de anotação pessoais ali abandonados pelos outros membros da tripulação em sua intempestiva retirada de Rama. Poucos itens tinham escapado do furacão, mas ele encontrou alguns lembretes afixados nas quinas das caixas de provisões.

O General O'Toole tirou um longo cochilo antes de conduzir o jipe de volta à base do ascensor. Ao perceber o que iria fazer quando chegasse à Newton, O'Toole ajoelhou-se e fez uma última prece antes de subir. Pouco depois de iniciar a subida, estando ainda a menos de meio quilômetro da Planície Central, ele se virou em sua cadeira e percorreu novamente com os olhos o panorama ramaiano. *Em breve, tudo isto irá pelos ares*, O'Toole pensou, *envolto numa fumaça solar desencadeada pelo homem*. Imaginou ter visto uma mancha preta deslocando-se no céu ramaiano.

Com as mãos trêmulas, levou o binóculo até os olhos. Em poucos segundos, O'Toole localizou a mancha, agora ampliada. Alterou rapidamente a resolução do binóculo e a mancha dividiu-se em três pares, cada qual revelando ser um pássaro voando em formação, a uma grande distância, O'Toole piscou os olhos, mas a imagem não se alterou. Havia realmente três pássaros voando pelo céu ramaiano.

O General O'Toole sentiu-se transbordar de satisfação. Gritou de felicidade, enquanto acompanhava os pássaros através do binóculo até perdê-los de vista. Os 30 min que restavam para chegar ao topo da escadaria Alfa pareceram uma eternidade.

O oficial sentou-se imediatamente em outra cadeira e tornou a descer rumo ao interior de Rama. Queria desesperadamente ver aqueles pássaros uma vez mais. *Se de alguma forma eu*

*conseguisse fotografá-los, pensou ele, planejando voltar até o mar Cilíndrico se necessário, poderia provar a todos que também existem criaturas vivas neste mundo assombroso.*

A dois quilômetros do chão, em seu trajeto descendente, O'Toole procurava em vão pelos pássaros. Ligeiramente desanimado por não estar conseguindo localizá-los, logo ficou estarecido com o que viu, ao afastar o binóculo dos olhos e se preparar para desembarcar da cadeira. Richard Wakefield e Nicole des Jardins estavam parados, um ao lado do outro, na base do ascensor.

O General O'Toole saudou a cada um com um vigoroso abraço e, em seguida, com lágrimas de felicidade escorrendo pelo rosto, ajoelhou-se no solo de Rama. — Meu Deus — disse ele, enquanto fazia sua silenciosa oração de graças. — Meu Deus — repetiu.

## 57. UMA TRIPULAÇÃO DE TRÊS

Os três cosmonautas conversaram avidamente por mais de uma hora. Muita coisa havia para ser dita. Quando Nicole relatou a seu amigo o encontro com Takagishi, morto, na toca da aranha de oito patas, O'Toole ficou momentaneamente em silêncio e então balançou a cabeça. — Existem tantas perguntas sem resposta por aqui — disse ele, erguendo os olhos para o alto teto. — Será isto aqui, afinal, um instrumento do mal? — perguntou, em tom de retórica.

Richard e Nicole admiraram a coragem do General O'Toole em não digitar o seu código para ativar as bombas. Ficaram ambos horrorizados também com o fato do OGC ter ordenado a destruição de Rama. — É absolutamente imperdoável utilizarmos armas nucleares contra esta cosmonave — afirmou Nicole. — Estou convencida de que fundamentalmente ela não é hostil. E acredito que Rama manobrou no sentido de interceptar a Terra porque tem alguma mensagem específica para nós.

Richard repreendeu-a delicadamente por ela formar uma opinião baseando-se mais em emoções do que em fatos. — Talvez — ela retrucou — mas existe um profundo erro lógico, também, nessa decisão de destruir. Temos agora fortes evidências de que este veículo se comunicou com o seu predecessor. Existem bons motivos para suspeitarmos que Rama III esteja a caminho, provavelmente vindo nessa mesma direção. Se a frota Rama é *mesmo* potencialmente hostil, não haverá meios da Terra conseguir escapar. Podemos ser bem-sucedidos em destruir esta segunda nave — mas, agindo assim, estaremos, quase com certeza, alertando a nave seguinte. Considerando que sua tecnologia é tão mais avançada do que a nossa, não teríamos a menor possibilidade de sobreviver a um ataque empreendido por elas.

O General O'Toole olhou para Nicole com admiração. — Trata-se de um excelente argumento — disse ele. — É uma pena que

— você não tenha podido participar das reuniões da AIE. Nós jamais consideramos...

— Por que não adiamos o resto da conversa para quando estivermos de volta à Newton? — Richard interrompeu subitamente. — De acordo com meu relógio, estará escuro novamente dentro de 30 min, antes que qualquer um de nós, portanto, tenha chegado ao topo do ascensor. Não quero dirigir na escuridão além do mínimo necessário.

O três cosmonautas acreditaram estar partindo de Rama pela última vez. Enquanto os minutos finais de iluminação se escoavam, cada qual olhou atentamente para aquela magnífica paisagem alienígena que se perdia a distância. Para Nicole, o sentimento predominante era de exultação. Cautelosa por natureza quanto às próprias expectativas, até aquele momento, no ascensor, ela não se permitira sentir o intenso prazer de acreditar que poderia ter, novamente, sua adorada Geneviève nos braços. Sua mente estava agora tomada pelo encanto bucólico de Beauvois, imaginando em detalhes a alegre cena de seu reencontro com o pai e a filha. *Bem que poderia ser logo, em uma semana ou dez dias*, disse Nicole, esperançosa, consigo mesma. Quando chegou ao topo, era grande sua dificuldade em se conter naquele entusiasmo.

Durante sua subida, Michael O'Toole reviu, uma vez mais, sua decisão referente à ativação das bombas. Quando escureceu em Rama, subitamente e no instante previsto, ele acabara de desenvolver todo um plano para comunicar sua decisão à Terra. Ele telefonaria de imediato para a direção da AIE. Nicole e Richard fariam uma síntese de suas histórias e Nicole apresentaria os motivos pelos quais acreditava ser a destruição de Rama "imperdoável". O'Toole estava convencido de que a ordem para ativar as bombas seria, então, cancelada.

O general acendeu sua lanterna pouco antes da cadeira alcançar o topo da escadaria. Ele desceu naquele ambiente livre de gravidade e se colocou ao lado de Nicole. Os dois esperaram por

Richard Wakefield antes de seguirem juntos pela rampa até a passagem férrea, a apenas 100 m de distância. Quando o trio subiu no transportador férreo e se preparava para se deslocar pela carcaça de Rama até a Newton, o fecho da lanterna de Richard incidiu sobre um volumoso objeto metálico na lateral da passagem. — Esta é uma das bombas? — perguntou.

O sistema bélico nuclear lembrava mesmo uma gigantesca bala de revólver. *Que curioso*, Nicole pensou, recuando, enquanto um calafrio momentâneo percorria-lhe o corpo. *Isto poderia ter qualquer forma, é claro. Pergunto-me qual aberração subconsciente terá levado os projetistas a optarem por esse desenho em particular...*

— Mas o que é aquele dispositivo estranho ali no alto? — Richard estava perguntando a O'Toole.

O general franziu o cenho ao ver um elemento não familiar captado no limiar do fecho de luz. — Eu não sei — confessou. — Nunca vi isso antes — ele desceu do transportador. Richard e Nicole o acompanharam.

O General O'Toole dirigiu-se apressadamente até o projétil e estudou aquele estranho acréscimo afixado sobre o teclado numérico. Era uma chapa plana, um pouco maior do que o teclado em si, ancorada por meio de juntas angulares às laterais da bomba. Na face inferior da chapa, momentaneamente retraídos, viam-se dez diminutos pinos de punção — ao menos era isso o que pareciam ser aos olhos de O'Toole. Seu palpite foi confirmado segundos depois, quando um dos pinos alongou-se e atingiu o número "5" do teclado, vários centímetros abaixo. O "5" foi seguido, em rápida sucessão, por um "7" e, depois, por mais oito números, até que uma luz verde se acendeu, indicando o acerto daquela dezena de dígitos.

Em questão de segundos, o aparato digitou outros dez números e outra luz se acendeu. O'Toole gelou de terror. *Meus Deus*, pensou ele, *é o meu código! De alguma forma eles conseguiram...* Seu

pânico cedeu, um instante depois, quando, após a terceira dezena de dígitos, a luz vermelha acusou a ocorrência de um erro.

— Aparentemente — o General O'Toole disse pouco depois, em resposta às perguntas de Richard — eles montaram esse plano às pressas para tentar conseguir o código na minha ausência. Mas só conseguiram aceitar as duas primeiras dezenas. Por um momento tive medo de que... — O'Toole se conteve, percebendo as fortes emoções que se agitavam em seu interior.

— Eles devem ter suposto que você não voltaria — disse Nicole, num tom prosaico.

— Se é que foram Heilmann e Yamanaka que fizeram isso — O'Toole replicou. — É claro que não podemos descartar por completo a possibilidade do dispositivo ter sido colocado aqui pelos alienígenas... ou mesmo por biotas.

— E bastante improvável — opinou Richard. — Usaram uma engenharia por demais rudimentar.

— De qualquer forma — disse O'Toole, abrindo sua mochila em busca de algumas ferramentas para desconectar o aparelho — não vou correr riscos.

Na extremidade Newton da passagem, O'Toole, Wakefield e des Jardins encontraram a segunda bomba, acrescida do mesmo dispositivo. O trio observou a tentativa do aparelho em punçar o código — obtendo o mesmo resultado, uma falha em algum ponto da terceira dezena — e o desativou da mesma forma. Depois disso, abriram a eclusa e saíram de Rama.

Não havia ninguém a esperá-los quando entraram na nave militar da Newton. O General O'Toole supôs que o Almirante Heilmann e Yamanaka estivessem dormindo e dirigiu-se imediatamente para os dormitórios. De todo modo, ele queria falar com Heilmann em particular. Todavia, os dois homens não se encontravam em seus alojamentos. Não demorou muito para que se constatasse que os dois outros cosmonautas não estavam em

parte alguma daquela área de estar e de trabalho, relativamente pequena, da nave militar.

Uma busca pela ala de suprimentos, ao fundo da nave, também se mostrou inócua. Mas o trio descobriu que uma das cápsulas AEV estava faltando. Tal descoberta suscitou uma série de outras perguntas intrigantes. Aonde poderiam ter ido Heilmann e Yamanaka com a cápsula? E por que teriam violado a política de prioridade máxima no projeto, segundo a qual ao menos um membro da tripulação deveria estar sempre a bordo da Newton?

Os três cosmonautas estavam perplexos ao voltarem ao centro de controle para discutirem suas possíveis linhas de ação. O'Toole foi o primeiro a levantar o espectro de algo sombrio. — Vocês acham que aquelas aranhas de oito patas, ou mesmo algum biota, poderiam ter subido a bordo? Afinal, não é tão difícil assim entrar na Newton, a não ser que os recursos de autoproteção estejam acionados.

Ninguém quis expressar verbalmente o que cada um dos três estava pensando. Se algo, ou alguém, tivesse capturado ou matado seus colegas da nave, esse algo ou alguém poderia ainda estar por perto, de forma que *e/es* poderiam estar correndo perigo também...

— Por que não ligamos para a Terra e avisamos que estamos vivos? — propôs Richard, rompendo o silêncio.

O General O'Toole sorriu. — Grande idéia — ele se dirigiu à mesa do centro de controle e ativou o painel. Uma imagem padrão do sistema apareceu na grande tela. — Que estranho — comentou o general. — Segundo esta imagem, no momento estamos sem contato por vídeo com a Terra. Contamos apenas com a telemetria de baixa frequência. Mas por que a configuração do sistema de dados foi alterada?

Ele acionou uma série simples de comandos, procurando estabelecer o contato normal, multicanal, de alta frequência, com a Terra. — Que diabos! — exclamou Richard. — É como se o sistema

de vídeo estivesse morto — ele se virou para O'Toole. — Essa é a sua especialidade, general. O que fazemos agora?

O General O'Toole estava muito sério. — Não estou gostando nada disso, Richard. Eu só vi uma quantidade igual de mensagens de erro uma vez: durante uma de nossas primeiras simulações, quando um paspalhão esqueceu de carregar o *software* de comunicação. Devemos estar tendo um grande problema de *software*. A probabilidade de um *hardware* apresentar um tal número de falhas num espaço de tempo tão breve é praticamente zero.

Richard sugeriu que O'Toole submetesse o *software* de comunicação por vídeo ao seu autoteste-padrão. Durante o teste, o diagnóstico impresso revelou que os atenuadores de erro no algoritmo de autoteste haviam sido sobrecarregados quando o procedimento estava menos de 1% completo. — Portanto, o *software* de vídeo-comunicação é definitivamente o responsável — disse Richard, analisando os dados do diagnóstico. Ele acionou alguns comandos. — Vai demorar um pouco para arrumarmos isso.

— Só um minuto — interrompeu Nicole. — Não seria melhor ocupar o nosso tempo para tentar compreender essa nova informação, antes de nos lançarmos a qualquer tarefa específica? — Os dois homens pararam suas atividades e aguardaram que ela prosseguisse. — Heilmann, Yamanaka e uma cápsula não estão nesta nave — disse Nicole, caminhando lentamente pelo centro de controle — e alguém estava tentando ativar automaticamente as duas bombas nucleares que estão na passagem. Enquanto isso, o *software* de vídeo-comunicação, depois de funcionar perfeitamente por centenas de dias — incluindo todas as simulações que antecederam ao lançamento — subitamente enlouqueceu. Algum de vocês tem alguma explicação coerente para tudo isso?

Houve um longo silêncio. — A sugestão do General O'Toole quanto a uma possível invasão hostil à Newton pode ser uma explicação — disse Richard. — Heilmann e Yamanaka podem ter

fugido para se salvar e os alienígenas podem ter danificado deliberadamente o *software*.

Nicole não se convenceu. — Nada do que vi sugere a mim que qualquer alienígena, ou mesmo qualquer biota que seja, tenha estado na Newton. A menos que tenhamos alguma evidência...

— Talvez Heilmann e Yamanaka estivessem tentando descobrir o código do general — sugeriu Wakefield — e ficaram com receio de...

— Esperem, esperem — Nicole gritou, de repente. — Algo está acontecendo na tela. — Os dois homens se viraram bem a tempo de ver o rosto do Almirante Otto Heilmann aparecendo no monitor.

— Alô, General O'Toole — Heilmann disse com um sorriso, na grande tela. — Esse videoteipe foi acionado por sua entrada na eclusa da Newton. O cosmonauta Yamanaka e eu o gravamos pouco antes de partirmos, três horas antes do dia I-9. Recebemos ordens para evacuar a Newton menos de uma hora depois de sua partida para explorar Rama. Retardamos ao máximo a nossa saída, mas no fim tivemos de dar cumprimento às instruções recebidas. As ordens endereçadas a você são simples e diretas. Deve digitar o seu código de ativação nas duas armas colocadas na passagem férrea e nas três que ficaram no compartimento das bombas. Deve partir na cápsula remanescente, no máximo oito horas depois. Não se preocupe com os aparelhos eletrônicos em operação nas duas bombas alocadas no casco de Rama. O quartel-general militar do OGC ordenou a sua colocação a fim de testar uma nova técnica ultra-secreta de decodificação. Você descobrirá que os aparelhos podem ser facilmente desativados através de um alicate e/ ou um cortador de arame. Um sistema extra de propulsão de emergência foi acoplado à cápsula, cujo *software* foi programado para conduzi-lo até um local seguro, onde você se encontrará com um aerobarco da AIE. Tudo o que precisa fazer é codificar a hora exata de sua partida. Entretanto, devo enfatizar que os novos algoritmos de navegação da cápsula são válidos *apenas* no caso de você deixar a

Newton em *até* I-6 dias. Fui informado de que, passado este período, os parâmetros de orientação se tornarão cada vez mais obsoletos, sendo praticamente impossível resgatar você.

Houve uma ligeira pausa na fala de Heilmann e sua voz assumiu, então, uma inflexão mais acentuada de urgência. —Não perca tempo, Michael. Ative as bombas e vá direto para a cápsula. Nós já a abastecemos de comida e outros itens essenciais de que você possa necessitar... Boa sorte em sua viagem para casa. Nós o veremos na Terra.

## 58. O ESCOLHIDO

— Tenho certeza de que Heilmann e Yamanaka foram extremamente cuidadosos — Richard Wakefield explicou. — Eles devem ter partido com antecedência para que pudessem levar um volume extra de provisões. E, para essas cápsulas leves, cada quilograma pode ser crítico.

— Crítico *como?* — indagou Nicole.

— Bem — pode determinar toda a diferença entre conseguir entrar com segurança na órbita da Terra... ou passar por ela a uma velocidade tamanha que não conseguiríamos ser salvos.

— Isso significa — perguntou O'Toole, num tom sombrio — que somente um de nós poderia utilizar a cápsula?

Richard fez uma pausa antes de responder. — Receio que isso seja possível; trata-se de uma função do tempo de partida. Precisamos fazer alguns cálculos rápidos para determinar com exatidão. Pessoalmente, porém, não vejo motivo para desconsiderarmos a opção de acionar toda essa espaçonave. Afinal, eu fui treinado como piloto de reserva... Nossa autonomia de controle é limitada, dadas as dimensões da nave, mas, se nos livrarmos de tudo o que não seja absolutamente necessário, podemos conseguir... Bem, será preciso refazer os cálculos.

A função da Nicole, determinada pelo General O'Toole e por Richard, foi a de checar as provisões que foram colocadas na cápsula, determinar sua adequação e aproximar o peso com o volume necessário de bagagem de forma que o pequeno veículo pudesse suportar dois ou três passageiros. Além disso, Richard, ainda defendendo a idéia de que o trajeto de volta à Terra se desse pela nave militar, pediu que Nicole passasse em revista o manifesto de carga de Newton e calculasse o volume que poderia ser lançado fora.

Enquanto O'toole e Wakefield mexiam com os computadores do centro de controle, Nicole trabalhava sozinha no imenso compartimento das bombas. Primeiro ela examinou de maneira minuciosa a cápsula que restara. Embora as cápsulas habitualmente se destinassem a uma única pessoa, em atividade extraveicular local, elas também tinham sido projetadas enquanto veículos para fugas de emergência. Era possível acomodar, atrás da rígida e transparente janela dianteira, duas pessoas sentadas, além de provisões para uma semana nas prateleiras ao fundo da pequena cabine. *Mas três pessoas ?, Nicole matutava. Impossível. Alguém teria de se espremer no espaço da prateleira. E, nesse caso, não haveria espaço suficiente para os suprimentos.* Nicole imaginou-se, por um instante, confinada nas pequenas prateleiras por sete ou oito dias. *Seria pior ainda do que no buraco de Nova York.*

Ela verificou os suprimentos que foram atirados às pressas na cápsula por Heilmann e Yamanaka. A parte de alimentos estava mais ou menos correta, tanto em quantidade com em variedade, para uma viagem de uma semana; o conjunto de utensílios médicos, entretanto, era terrivelmente inadequado. Nicole fez algumas anotações, relacionando o que considerava ser uma lista de suprimentos adequada a uma tripulação de duas pessoas, estimando as exigências de peso e volume. Ela então começou a atravessar o compartimento das bombas.

Seus olhos foram atraídos para as armas em forma de bala, que repousavam placidamente de lado, bem junto à câmara de compressão das cápsulas. Nicole caminhou até ali e tocou as bombas, suas mãos percorrendo a esmo a superfície de metal polido. *Quer dizer que estas são as primeiras grandes bombas de destruição, ela pensou, o produto da brilhante física do século XX.*

*Que triste comentário sobre a nossa espécie, Nicole refletiu, caminhando entre as bombas nucleares. Um visitante nos procura. Ele não fala a nossa língua, mas consegue descobrir onde vivemos. Quando ele vira a esquina de nossa rua, enquanto sua intenção é ainda totalmente desconhecida, nós o aniquilamos.*

Ela percorreu rapidamente o compartimento em direção à ala de estar, detectando, em si mesma, um profundo sentimento de tristeza. *O seu problema, Nicole disse consigo mesma, é que suas expectativas são sempre muito grandes. Com você mesma. Com aqueles que você ama. Até mesmo com a raça humana. Nós ainda fazemos parte de uma espécie muito imatura.*

Um acesso passageiro de náusea obrigou Nicole a parar por um instante. *O que é isso?,* pensou. *Será que essas bombas estão me deixando doente?* Veio-lhe à lembrança, do fundo da memória, uma sensação semelhante de náusea, anos antes, quando ela viajava, há duas horas, em seu vôo de Los Angeles para Paris. *Não pode ser,* disse com seus botões. *Mas vou verificar, apenas para ter certeza...*

— Esta é a segunda razão pela qual é impossível viajarmos os três numa única cápsula. Não fique assim, Nicole. Mesmo que o espaço físico pudesse acomodar nossos corpos e as provisões necessárias, a capacidade de mudança de velocidade da cápsula, com todo esse peso, mal permite uma aproximação da órbita do Sol. As chances de sermos salvos seriam virtualmente nulas.

— Bem — Nicole respondeu a Richard, procurando mostrar-se animada — nós, ao menos, temos a outra opção. Podemos voltar para casa neste grande veículo. Segundo meus cálculos, podemos nos livrar de um excesso de dez mil quilos...

— Receio que isso agora não venha ao caso — o General O'Toole interrompeu.

Nicole olhou para Richard. — Do que é que ele está falando?

Richard Wakefield se pôs de pé e caminhou para junto de Nicole. Tomou as mãos dela nas suas. — Eles inutilizaram o sistema de navegação, também — Richard informou. — Os algoritmos automáticos de sondagem, os grandes processadores numéricos utilizados por eles para tentar decifrar o código de O'Toole pertenciam aos computadores de uso geral, sobretudo no que se

refere ao video-computador e às subrotinas de navegação. Esta nave não tem serventia alguma enquanto módulo de transporte.

A voz do General O'Toole parecia distante e sem o seu costumeiro tom de leveza. — Eles devem ter começado poucos minutos depois de eu ter saído. Richard leu os registros de comando e descobriu que o *software* de decodificação foi ligado menos de duas horas após a minha partida.

— Mas por que eles iriam inutilizar a Newton? — perguntou Nicole.— Você não compreende? — O'Toole disse, com paixão. — As prioridades mudaram. Nada era tão importante como a detonação das armas nucleares. Eles não queriam perder o tempo gasto pelos sinais de rádio em seu trajeto de ida e volta para a Terra. Assim, eles transportaram os processadores até aqui, de onde cada hipótese de código poderia ser acionada diretamente pelo computador, sem demora.

— Fazendo justiça aos responsáveis pela missão — Richard interveio, agora andando pela sala — devemos saber que a nave militar da Newton, plenamente carregada, tem, na verdade, menos capacidade de mudança orbital do que uma cápsula com duas pessoas, munida de um sistema auxiliar de propulsão. Aos olhos do diretor de segurança da AIE, não haveria acréscimo de risco implicado na ação de tornar esta nave inoperante.

— Mas nada disso deveria ter acontecido, em primeiro lugar — o general argumentou. — Droga! Por que eles não podiam ter esperado a minha volta?

Nicole sentou-se abruptamente numa das cadeiras que estava por perto. Sua cabeça girava e sentiu tontura passageira. — O que foi?

— Richard indagou, aproximando-se dela, alarmado.

— Hoje estou tendo acessos ocasionais de náusea — Nicole respondeu. — Acho que estou grávida. Vou ter uma resposta definitiva daqui a uns 20 min — ela sorriu para Richard, que estava aparvalhado. — E extremamente raro uma mulher engravidar nos

90 dias seguintes a uma injeção de neutrabiolato. Mas já aconteceu antes. Eu não acredito...

— Meus parabéns — o General O'Toole interrompeu subitamente com entusiasmo. — Eu não sabia que vocês dois estavam planejando formar uma família.

— Nem eu — respondeu Richard, olhando para ela ainda em estado de choque. Ele então abraçou Nicole com vigor, envolvendo-a bem junto de si. — Nem eu — repetiu.

— Não vamos mais discutir esse assunto — disse enfaticamente o General O'Toole para Richard. — Mesmo se Nicole não estivesse esperando um filho seu, eu insistiria em que vocês dois se fossem na cápsula e me deixassem aqui. É a decisão mais sensata. Em primeiro lugar, ambos sabemos que a massa é o volume mais crítico e que eu sou, de longe, o mais pesado. Além disso, já estou velho, ao passo que vocês são bastante jovens. Vocês sabem como manobrar a cápsula; eu jamais cheguei sequer a fazer um único treinamento nela. Além disso — ele acrescentou, secamente — vou ser levado à corte marcial na Terra por ter-me recusado a obedecer ordens.

— Quanto a você, minha cara doutora — O'Toole prosseguiu momentos depois — não preciso lhe dizer que está carregando um bebê muito especial. Ele, ou ela, será a única criança humana jamais concebida num veículo espacial extraterrestre. — Ele se levantou e olhou ao redor. — Agora — falou — proponho abrimos uma garrafa de vinho para comemorar a nossa última noite juntos.

Nicole ficou olhando o General O'Toole flutuar até a despensa. Ele abriu a porta e começou a vasculhar. — Por mim um suco de frutas está ótimo, Michael — disse ela. — De qualquer forma, agora não posso tomar mais de um copo de vinho.

— É claro — ele respondeu rapidamente. — Por um momento, esqueci. Eu esperava que pudéssemos fazer algo de especial nesta última noite. Eu queria partilhar uma última vez... — o General

O'Toole parou no meio da frase e trouxe o vinho e o suco até a mesa. Estendeu copos para Richard e Nicole. — Quero que saibam — ele disse com placidez, seu estado de ânimo agora apaziguado — que não posso imaginar um par melhor do que vocês dois. Desejo-lhes todo sucesso, principalmente com o bebê.

Os três cosmonautas beberam em silêncio por vários segundos. — Nós todos sabemos, não é? — o General O'Toole disse num tom quase inaudível. — Os mísseis devem estar a caminho. Quanto tempo acha que me resta, Richard?

— A julgar pelas palavras do Almirante Heilmann na gravação, eu diria que o primeiro míssil atingirá Rama em I-5 dias. O que seria coerente tanto com o fato da cápsula já estar além do raio de ação dos estilhaços, bem como quanto às velocidades de deflexão que devem ser imprimidas às partes sobreviventes da nave.

— Vocês dois me deixaram para trás — disse Nicole. — De que mísseis estamos falando?

Richard inclinou-se na direção dela. — Michael e eu temos certeza — ele disse num tom grave — que o OGC ordenou um ataque por mísseis contra Rama. Eles não tinham a menor garantia de que o general retomaria à Newton e que digitaria o seu código. E o algoritmo de sondagem com os pinos de punção automáticos eram, na melhor das hipóteses, uma boa tentativa. Somente um ataque por mísseis poderia assegurar a inviabilidade de Rama vir a prejudicar o nosso planeta.

— Portanto, tenho pouco mais que 48 horas para fazer minha reconciliação final com Deus — o General O'Toole disse, após refletir por vários segundos. — Tive uma vida fabulosa. Há muito por que agradecer. Eu me entregarei aos braços Dele sem pesar.

## 59. A REVELAÇÃO DO DESTINO

Quando Nicole esticou os braços para o alto, roçou em Richard, à sua esquerda, e em um dos recipientes de água que pendiam ligeiramente para fora da prateleira atrás dela. — Estaremos abarrotados — ela comentou, ajeitando-se em seu assento.

Não resta dúvida — respondeu Richard distraidamente. Sua atenção estava concentrada no visor colocado diante do banco de pilotagem na cápsula. Ele acionou alguns comandos e ficou aguardando a resposta. Quando chegou, Richard franziu as sobrancelhas.

— Acho que vou fazer mais uma tentativa de recondicionar as provisões — Nicole anunciou, com um suspiro. Ela se virou no assento e sondou atentamente as prateleiras. — Eu poderia economizar algum espaço e 14 kg se tivesse certeza de que seríamos resgatados daqui a sete dias — calculou.

Richard não respondeu. — Diabos — resmungou, quando uma determinada série de dígitos apareceu no visor.

— Qual é o problema? — Nicole indagou.

— Algo não está muito certo aqui — Richard disse. — O código de navegação foi desenvolvido para uma carga útil consideravelmente inferior — ele não pode convergir se perdermos um dos acelerômetros — Nicole esperou pacientemente a explicação de Richard. — Desse jeito, se atravessarmos qualquer turbulência no caminho, provavelmente teremos de parar por várias horas e reinicializar.

— Mas pensei ter ouvido você dizer que havia combustível de sobra para nós dois.

— Combustível de sobra, sim. Entretanto, há algumas sutilezas nos algoritmos reprogramados de navegação que presumem que a cápsula contém menos de 100 kg, basicamente O'Toole e suas provisões.

Nicole podia ler a preocupação no semblante de Richard. — Vai dar tudo certo, penso eu, se não tivermos nenhum mau funcionamento — continuou. — Mas cápsula alguma jamais foi operada sob condições semelhantes.

Através do vidro dianteiro, os dois puderam ver o General O'Toole atravessando o compartimento das bombas em direção a eles. O general trazia na mão um pequeno objeto. Era OB, um dos pequeninos robôs shakespearianos de Richard.

— Quase tinha me esquecido de que ele estava comigo — O'Toole disse um minuto depois, ao receber os profundos agradecimentos de Richard. O cosmonauta Wakefield saiu flutuando pelo depósito de suprimentos como uma criança feliz, ostentando um enorme sorriso em seu rosto deslumbrado.

— Pensei que jamais voltasse a ver algum deles — Richard berrou de uma das paredes laterais para onde seu ímpeto exultante o carregara.

— Eu estava passando pelo seu quarto — o General O'Toole gritou em resposta — pouco antes da partida da nave científica. O cosmonauta Tabori estava arrumando as suas coisas, Richard. E me pediu que guardasse esse robô para qualquer eventualidade...

— Obrigado, muito obrigado, Janos — Richard exclamou. Ele desceu cuidadosamente pela parede e firmou os pés no chão. — Este aqui é muito especial, Michael — ele disse, com um brilho no olhar. Acionou, em seguida, a potência de OB. — Você conhece algum soneto shakespeariano?

— Existe um que Kathleen particularmente aprecia, se é que estou bem lembrado. Creio que o primeiro verso diz:

"Tu me vês nessa época do ano  
Na qual pende a folha, ora dourada,  
Em galhada que o frio faz de abano,

Mudo coro da antiga passarada.

Em mim tu vês a tarde de um tal dia,  
Quando o sol já caiu pelo Ocidente... "

A voz feminina emitida por OB surpreendeu tanto Nicole como o General O'Toole. As palavras tocaram num ponto fraco de O'Toole; o General ficou profundamente comovido e algumas lágrimas despontaram-lhe nos cantos dos olhos. Nicole segurou a mão do general e apertou-a com compaixão, assim que OB chegou ao fim do soneto.

— Você não falou nada para Michael sobre os problemas que encontrou na cápsula de navegação — Nicole observou. Ela e Richard estavam deitados lado a lado, num dos pequenos dormitórios da nave militar.

— Não — Richard respondeu tranqüilamente. — Eu não quis preocupá-lo. Ele acredita que nós dois estaremos salvos e não quero que pense de outro modo.

Nicole estendeu o braço e tocou Richard. — Nós podíamos ficar aqui, querido... assim, pelo menos Michael sobreviveria.

Ele voltou os olhos na direção dela. Nicole podia adivinhar que ele a estava olhando, mesmo sem conseguir enxergá-lo nitidamente na escuridão. — Também pensei nisso — Richard disse. — Mas ele jamais concordaria... Pensei até em mandá-la sozinha. Você gostaria?

— Não — Nicole respondeu, depois de pensar por um momento.

— Acho que não. Prefiro ir com você a não ser que...

— A não ser o quê?

— A não ser que isso represente realmente uma grande diferença de condições. Se um de nós pode sobreviver, e é

praticamente certo que dois estarão condenados, não faz muito sentido...

— Eu não posso lhe dar uma estimativa precisa de probabilidade — Richard interrompeu. — Mas não creio que haja grande diferença se formos juntos. Além disso, meus conhecimentos da cápsula e de seu sistema podem quase compensar o excesso de peso. De todo modo, contudo, estaremos melhor partindo na cápsula do que ficando aqui.

— Você está absolutamente convencido de que os mísseis estão a caminho, não está?

— Com certeza. Outra coisa não faria sentido. Posso apostar que esse plano de contingência começou a ser desenvolvido tão logo Rama alterou sua rota, dirigindo-se para a Terra.

Os dois ficaram em silêncio novamente. Nicole tentou dormir, mas não conseguia. Ambos decidiram descansar durante as seis horas que antecediam a partida, para que pudessem armazenar alguma energia para aquilo que, sem dúvida, prometia ser uma viagem exaustiva. Entretanto, a cabeça de Nicole não conseguia desligar-se. Ela ficava imaginando o General O'Toole perecendo numa bola de fogo nuclear.

— Ele é realmente um homem maravilhoso — Nicole disse com suavidade. Ela não tinha certeza de que Richard ainda estivesse acordado.

— Sim, é — Richard respondeu, no mesmo tom. — Eu o invejo por sua força interior. Não posso me imaginar abrindo mão de minha própria vida, em favor de outra pessoa, com tamanha boa vontade — fez uma ligeira pausa. Suponho que a origem dessa força esteja em sua profunda convicção religiosa. Ele não vê a morte como um fim, mas apenas como uma transição.

*Eu seria capaz de fazer o mesmo, Nicole refletiu. Eu seria capaz de abdicar de minha vida em favor de Geneviève. Talvez até mesmo de Richard e deste filho que vai nascer. Possivelmente, pela religião de O'Toole, todos façam parte de sua família.*

Nesse meio-tempo, Richard debatia-se com as próprias emoções. Estaria sendo egoísta por não insistir em que Nicole partisse sozinha? Poderia realmente justificar o risco adicional representado por sua presença em termos de suas habilidades adicionais? Ele despachou aquelas dúvidas e procurou pensar noutra coisa.

— Você não comentou muito sobre o bebê — Nicole disse, num tom evasivo, depois de outro silêncio momentâneo.

— Ainda não tive tempo de integrar ele, ou ela, naquilo que está por acontecer — respondeu Richard. — Creio que estou insensível... Você sabe que estou contente com isso. Apenas quero esperar que estejamos a salvo para começar a me posicionar seriamente como pai — ele se inclinou para o lado e beijou-a. — Agora, espero que não pense que estou sendo rude, mas vou procurar dormir. Pode demorar muito até termos outra oportunidade...

— Claro — disse ela. — Desculpe-me — a mente de Nicole desviou-se para outro quadro, este o de um pequeno bebezinho. *Eu me pergunto se ele vai ser inteligente*, ela pensou. *E será que vai ter os olhos azuis e as mãos compridas de Richard?*

Nicole estava encolhida numa esfera, no canto de uma sala a meia-luz. O gosto do melão-maná ainda estava em sua boca. Ela foi acordada por um estranho tapinha no ombro. Nicole ergueu os olhos e viu o pássaro de veludo cinza arqueado acima dela. Os anéis em tom cereja ao redor de seu pescoço reluziam na penumbra. — Venha — ele disse em tom de apelo. — Você deve vir conosco.

Ela acompanhou o pássaro pelo saguão e virou-se para a direita, afastando-se do corredor vertical. Os outros pássaros estavam tranqüilamente encostados contra a parede. Todos eles a observavam atentamente. A procissão acompanhou o grande pássaro pelo túnel.

Pouco depois, o túnel expandiu-se numa grande sala. Havia ali uma pequena luz solitária, na parede dos fundos, mas, afora isso, a sala encontrava-se às escuras. Viam-se outras pessoas ali presentes, porém Nicole não conseguia distingui-las com nitidez. Ocasionalmente, ela entrevia suas silhuetas ao passarem pelo raio daquela única fonte de luz. Nicole começou a dizer algo, mas o pássaro líder a interrompeu. — Shh — fez ele —, em breve eles estarão aqui.

Nicole escutou um ruído vindo da direção oposta da sala. Parecia uma carreta com rodas de madeira percorrendo um caminho de terra. Enquanto se aproximava, os pássaros ao redor de Nicole recuaram, comprimindo-a. Momentos depois, via-se um fogo diante deles.

Um ataúde estava colocando no topo de uma carreta em chamas. Nicole suspirou. O corpo de sua mãe, envergando uma régia túnica verde, aparecia estirado sobre o ataúde. À luz das chamas, Nicole entreviu alguns dentre os outros presentes no salão. Richard sorria para ela, segurando a mão de uma menininha de pele escura por volta dos dois anos de idade. Bem perto do fogo, via-se o General O'Toole, ajoelhado em oração junto às chamas. Atrás dele, uma diversidade de biotas, além de duas ou três formas estranhas que deveriam ser aranhas de oito patas.

As chamas consumiram o ataúde e passaram a queimar o corpo de sua mãe. Então, sua mãe ergueu-se lentamente de seu decúbito. Quando Anawi se voltou na direção de Nicole, seu rosto se transformara. Era a cabeça de Omeh no corpo de sua mãe.

— Ronata — ele disse, num tom preciso —, as profecias devem ser cumpridas. O sangue Senoufo se espalhará, até mesmo pelas estrelas. Minowe será deixada para trás. Ronata deve viajar com aqueles que vieram de muito longe. Agora vá e salve os estranhos e os filhos de Ronata.

## 60. DE VOLTA A RAMA

*Não posso acreditar que eu esteja fazendo isso,* Nicole disse consigo mesma, enquanto levava, pelo transportador, sua última carga de provisões até o pesado elevador no topo da escadaria de Beta. Estava escuro no interior de Rama. Ela dirigiu o fecho de sua lanterna para aquele negrume.

O sonho de Nicole fora tão vivido, que ela ficara completamente desorientada, por mais de cinco minutos, depois de acordar. Mesmo agora, quase duas horas mais tarde, quando fechava os olhos, Nicole podia enxergar o rosto de Omeh com perfeição, bem como escutar sua mágica voz entoando aquelas palavras. *Espero que Richard não acorde antes que eu tenha ido,* Nicole pensou. *Ele jamais compreenderia.*

Ela voltou à linha férrea e fez um último trajeto pelo casco, em direção à Newton. Ficara 30 min rascunhando na mente suas palavras de despedida, mas agora que o momento chegara, Nicole estava apreensiva. "Querido Michael e amado Richard", ela começaria, "tive, na noite passada, o sonho mais inequívoco de toda a minha vida. Omeh, o velho chefe Senoufo, apareceu-me e disse que meu destino era ficar em Rama. "

Nicole atravessou a eclusa e entrou no centro de controle. Ela sentou-se diante da câmera e pigarreou, limpando as cordas vocais. *Isso é ridículo,* pensou, pouco antes de acender as luzes. *Devo estar fora de mim.* Entretanto a força da imagem de Omeh, viva em sua mente, afastou todas as suas dúvidas de última hora. Momentos depois, ela estava gravando suas últimas palavras para os dois amigos.— Não há maneira pela qual eu possa sintetizar, nesta breve despedida, a importância que Omeh e a formação africana tiveram para a minha vida. Michael, Richard poderá lhe contar algumas histórias Senoufo enquanto vocês dois estiverem navegando de volta à Terra. Mas basta dizer que nunca o velho xamã se equivocou ao me orientar. Sei muito bem que as vozes de um sonho não têm

substância e que são, muito provavelmente, criações do nosso próprio inconsciente, mas, mesmo assim, decidi seguir a orientação que me foi transmitida por Omeh. Pretendo fazer todo o possível para informar Rama da provável aproximação de mísseis nucleares. Não sei exatamente de que forma vou fazer isso, mas vou ter algumas horas para planejar, enquanto eu estiver montando o barco a vela para a travessia do mar Cilíndrico. Não me esqueci, Richard, de nossa discussão a respeito dos comandos do teclado que poderiam dar acesso à mais alta hierarquia... É extremamente difícil para mim dizer adeus dessa forma, e estou plenamente consciente de que nada pode substituir um abraço final. Contudo, se vocês dois estivessem acordados, jamais permitiriam que eu voltasse ao interior de Rama... Richard, eu o amo! Jamais duvide disso, nem por um instante. Sei que é improvável, mas talvez, de alguma forma, estejamos juntos algum dia, em algum outro lugar. Prometo a você que se eu sobreviver para dar à luz nossa filha, nunca deixarei de contar a ela sobre a inteligência, o brilho e a sensibilidade de seu pai. Tenho um último pedido a fazer. Caso aconteça de qualquer um de vocês chegar a salvo e de eu jamais retornar à Terra, por favor expliquem a Geneviève o que aconteceu comigo. Contem a ela a história toda, incluindo o sonho, o frasco verde e a visão. E sobre o Poro, quando eu era uma menina. Digam também a ela que eu a amei com todo o meu coração.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Nicole quando ela concluiu a mensagem. Ela se levantou e retrocedeu a fita. Ouviu sua voz por um minuto, a fim de se certificar de que a mensagem fora bem gravada, e dirigiu-se para a eclusa. *Minha nossa*, pensou, enquanto enfiava seu capacete, *eu estou fazendo isso de verdade*.

Ao longo da soturna descida de Nicole pelo ascensor, na escuridão, ela se viu assaltada por sérias dúvidas quanto à sua decisão de regressar a Rama. Foi somente sua suprema autodisciplina que lhe permitiu espantar aqueles insistentes temores. Enquanto subia no jipe e começava a rodar em direção ao

mar Cilíndrico, Nicole procurava imaginar como iria comunicar-se com a inteligência governante de Rama. *Não há dúvida de que vou empregar imagens*, disse para si mesma, *e, sempre que possível, a linguagem precisa da ciência. Isso eu aprendi com Richard.*

A lembrança de Richard reacendeu-lhe a ansiedade. *Ele vai pensar que o abandonei*, preocupava-se. *E, na verdade, como posso esperar que pense de outra forma ?* Nicole recordou-se da depressão dos primeiros dias de sua gravidez de Geneviève e o quanto se sentira solitária, sem ninguém com quem pudesse partilhar seus sentimentos. Sentiu, novamente, um forte impulso de dar meia-volta e sair de Rama. Sua introspecção foi quebrada pela volta espetacular da iluminação. O alvorecer chegava novamente a Rama. Tal como antes, Nicole ficou hipnotizada pela paisagem ao seu redor. *Não há nada que se assemelhe a isto em parte alguma do universo.*

Ao chegar no local que fora o acampamento Beta, a primeira coisa que fez foi começar a desembalar o grande barco a vela. Ele fora embalado junto à base de um grande compartimento para armazenagem. Parecia em bom estado. O trabalho de montagem da embarcação evitou que Nicole ficasse pensando muito acerca de sua decisão de abandonar a Newton. Montagens mecânicas não eram o seu forte. Ela chegou quase ao desespero quando precisou desmembrar toda uma grande peça que lhe custara dez minutos para conseguir montar. Aquela atividade toda lembrava-lhe diversas noites frustrantes de Natal em Beauvois, quando ela e Pierre ficavam trabalhando quase a noite inteira para conseguirem montar os novos brinquedos de Geneviève. *Devia existir uma lei que proibisse as lojas de venderem brinquedos desmontados*, Nicole resmungou, bem-humorada, enquanto lutava com o procedimento de montagem do barco a vela.

Nicole desceu as escadas carregando a quilha do barco e colocou-a junto à água. Ela resolveu montar cada uma das subestruturas maiores no cume da escarpa, onde a iluminação era mais clara. Estava tão absorvida em seu trabalho que só escutou

um ruído de passos quando estavam a apenas dois ou três metros de distância. Quando Nicole, que estava trabalhando de joelhos, virou-se para a direita e viu algo se aproximando a pouca distância, ficou desorientada de tanto medo.

Momentos depois, ela e Richard estavam se beijando e se abraçando. — O'Toole também está vindo — ele disse, sentando-se ao lado de Nicole e começando a trabalhar imediatamente no barco a vela. — No começo, quando expliquei que eu não partiria sem você, que a vida na Terra, sem você, nada significaria se você não estivesse ao meu lado, ele me respondeu que nós dois éramos malucos. Mas depois de conversarmos e de eu explicar que achava que tínhamos uma considerável probabilidade de avisar os ramaianos, ele decidiu que preferiria passar suas últimas horas conosco a assumir o risco de uma morte solitária e triste na cápsula.

— Mas você não disse que a viagem seria segura no caso de um único passageiro?

— Não há tanta certeza. O *software* colocado na cápsula é um pesadelo. Pela programação, você pode adivinhar que ele foi preparado às pressas. E como poderia ter sido checado de maneira adequada? O'Toole sozinho poderia ter uma melhor chance do que nós dois juntos... Mas lembre-se de que ele enfrentaria sérios problemas quando chegasse à Terra. Aquele rumor sobre corte marcial não era balela.

— Não acredito que Michael estivesse com medo de uma corte marcial. Ele pode ter tido a intenção de poupar sua família, mas...

Um grito a distância interrompeu o diálogo. O General O'Toole acenava para eles, aproximando-se num jipe. — Mas eu não entendo — disse Nicole. — Como que ele chegou aqui tão depressa? Você não veio a pé, veio?

Richard riu-se. — É claro que não. Eu deixei um transmissor de baliza na base do ascensor. Quando cheguei em Beta e vi que você

tinha removido o barco a vela e os seus componentes, mandei o jipe de volta pelo controle automático.

— Foi muita coragem de sua parte — observou Nicole. — E se eu tivesse zarpado no tempo extra que você gastou até me encontrar aqui no sopé?

Richard mediu com os olhos a escarpa e fitou, em seguida, a quilha do barco ali adiante, junto às águas. — Na verdade, você se saiu melhor do que eu esperava — ele disse, num tom provocador. — Pensei que levaria uma ou duas horas a mais.

Ele segurou as mãos de Nicole enquanto ela tentava dar tapas nele.

O General O'toole era o único marinheiro com prática dentre os três. Pouco depois de cumprirem metade de seu trajeto, ele mandou Richard empunhar um remo, que seria uma possível arma, para a eventualidade de os dois biotas-tubarões que os seguiam de perto decidirem atacar. — Não é a Costa do Marfim ou o Cabo — O'Toole comentou, avistando Nova York — mas é definitivamente uma viagem interessante.

Ao longo do trajeto, Richard tentava inutilmente convencer uma nervosa Nicole de que os biotas-tubarões provavelmente não iriam importuná-los. — Afinal de contas — ele disse — eles nunca chegaram a incomodar as embarcações da primeira expedição ramaiana. Eles devem ter-me atacado por algum detalhe especial no desenho dos nossos barcos a motor.

— Como pode estar tão seguro? — Nicole indagou, olhando com grande apreensão para as sombras cinzentas que os acompanhavam pela água. — Se não pretendem atacar, por que estão nos seguindo há tanto tempo?

— Nós somos uma curiosidade, só isso — respondeu Richard. Mesmo assim, ele se colocou a postos no momento em que uma das sombras deu uma súbita guinada em direção ao barco. Ela desapareceu debaixo da embarcação e depois se juntou à sua

companheira do outro lado. — Veja — ele disse, largando o remo — eu falei que não havia com o que se preocupar.

Eles prenderam o barco a vela junto à costa de Nova York antes de subirem pela escadaria mais próxima. Como era a primeira vez que o General O'Toole pisava em Nova York, e estava naturalmente muito curioso com tudo o que via, Richard começou a trabalhar de imediato no computador, enquanto Nicole levou O'Toole ao mais breve dos passeios turísticos pelas imediações.

Quando Nicole e o general chegaram ao Salão Branco, Richard já tinha alguns progressos a anunciar. — Minha hipótese estava correta — ele disse, apenas alguns segundos depois que os outros dois se aproximaram. — Estou amplamente convencido de que agora consegui acessar toda a lógica do sistema. Eles devem possuir um radar, ou algo equivalente, a bordo. Enquanto eu procuro localizá-lo, por que você dois não desenvolvem um fluxograma de como iremos transmitir nossa mensagem? Não esqueçam de torná-la simples. Provavelmente não dispomos de mais que 24 horas até a chegada do primeiro míssil.

*Vinte e quatro horas*, Nicole pensou. *Mais um dia*. Ela lançou os olhos sobre Richard, que trabalhava arduamente no teclado, e para o General O'Toole, que observava alguns dos objetos pretos ainda espalhados num dos cantos. O carinhoso sentimento de Nicole pelos dois homens, naquele momento, de repente cedeu a um intenso fluxo de medo. A realidade da delicada situação dos três a dominou. *Será que morreremos todos amanhã?*, ela se perguntou.

## 61. ASTRONAVE EM PERIGO

— Nós realmente não deveríamos estar surpresos — Richard disse, sem emoção. Os três estavam sentados diante da grande tela preta. — Já contávamos com isso.

— Mas ainda tínhamos esperança de estarmos enganados — O'Toole interveio. — Às vezes é deprimente comprovar que estamos com razão.

— Você tem certeza, Richard — Nicole indagou — de que cada um desses traços representa um objeto no espaço?

— Não tenho a menor dúvida — Richard respondeu. — Sabemos, com certeza, que estamos olhando para um registro de sensor. E veja, vou lhe mostrar como alterar os campos — Richard chamou à tela uma imagem na qual se via um cilindro, que positivamente era Rama, no meio de uma série de círculos concêntricos. Em seguida, ele acionou outros comandos, resultando num movimento na tela. O cilindro foi se tornando cada vez menor, até se transformar num ponto. A dimensão dos círculos concêntricos ao redor do cilindro também foi diminuindo durante o movimento, enquanto novos círculos apareciam na extremidade da tela. Por fim, um grupo de pontos, 16 no total, apareceu no canto direito da tela.

— Mas como você sabe que são mísseis? — Nicole perguntou, indicando os pequenos pontos de luz.

— Eu não sei — Richard disse. — Mas sei que se trata de objetos voadores deslocando-se em linha reta entre Rama e a Terra. Poderíamos supor que fossem enviados de paz, mas duvido sinceramente.

— Quanto tempo falta para o impacto? — quis saber O'Toole.

— É difícil precisar — Richard respondeu, depois de uma pequena pausa. — Eu calcularia entre 18 e 20 horas até a chegada do primeiro. Eles estão espalhados, mais do que eu esperaria. Se

nós os acompanharmos por uma hora, mais ou menos, teremos uma estimativa mais exata do momento do impacto.

O General O'Toole deu um assobio e, depois de refletir por vários segundos, falou. — Antes de tentarmos avisar a essa astronave de que está prestes a sofrer um ataque militar, será que você poderia me responder a uma única pergunta?

— Se eu puder... — Richard respondeu.

— O que o faz pensar que Rama possa se proteger contra esses mísseis que se aproximam, ainda que consigamos transmitir o nosso aviso?

Fez-se um prolongado silêncio. — Lembra-se de uma ocasião, Michael — Richard disse — em que estávamos voando juntos de Londres para Tóquio e começamos a falar sobre religião?

— Está se referindo àquela vez em que eu estava lendo Eusébio?

— Creio que sim. Você me falava sobre os primórdios da era cristã... O que importa é que bem no meio da discussão eu perguntei à queima-roupa o que levava você a acreditar em Deus. Você se lembra da resposta que deu?

— É claro — O'Toole respondeu. — Foi a mesma resposta que dei ao meu filho mais velho quando ele se declarou ateu aos 18 anos de idade.

— A resposta que você me deu naquele avião condiz perfeitamente com minha atitude na situação atual. Sabemos que Rama é extremamente avançada do ponto de vista tecnológico. Ao ser projetada, com certeza devem ter levado em conta a possibilidade de um ataque hostil... Quem sabe ela até possua um poderoso sistema de propulsão, ainda não descoberto por nós, apto a fazer com que se desvie da rota dos mísseis. Aposto...

— Posso interromper por um segundo? — Nicole perguntou. — Eu não estava presente no tal vôo para Tóquio. Gostaria de saber qual foi a resposta de Michael à sua pergunta.

Os dois homens se entreolharam por vários segundos. Por fim, o General O'Toole respondeu. — A fé, temperada pelo pensamento e a observação — recordou ele.— A primeira parte do seu plano não é muito difícil, e concordo com o procedimento. Mas não consigo configurar na minha mente o modo como iremos transmitir o alerta, ou como vamos relacionar a reação nuclear em cadeia à aproximação dos mísseis de uma forma não ambígua.

— Michael e eu ficaremos trabalhando nesses itens, enquanto você desenvolve as imagens gráficas para o primeiro segmento. Ele diz que ainda se lembra de sua física nuclear razoavelmente bem.

— Lembre-se de não fazer muitas suposições — Richard advertiu Nicole. — Devemos nos certificar de que cada segmento da imagem seja auto-evidente.

O General O'Toole não estava com Richard e Nicole naquele momento. Após duas horas de intenso trabalho, ele se afastara para o interior do túnel, cerca de cinco minutos antes. Subitamente seus dois colegas começaram a se preocupar com a ausência dele. — Pode ser que esteja indo à sala de água — sugeriu Richard.

— Ou pode estar perdido — respondeu Nicole.

Richard se dirigiu até a entrada do Salão Branco e deu um grito em direção ao corredor. — Ei, Michael O'Toole — ele chamou. — Você está bem?

— Estou — foi a resposta vinda da direção da escadaria central. — Será que você e Nicole podem vir até aqui por um minuto?

— O que foi? — Richard perguntou, poucos instantes depois, assim que ele e Nicole se juntaram ao general na base da escadaria.

— Quem construiu esta toca? — O'Toole indagou, com os olhos fixos no teto bem acima dele. — Aliás, por que vocês imaginam que tenha sido criada?

— Não sabemos — Richard respondeu com impaciência — e não creio que consigamos resolver essa questão em minutos, ou

mesmo nas próximas horas. Enquanto isso, temos trabalho...

— Me dê um pouco de tempo — O'Toole interrompeu firmemente. — Preciso ter essa discussão antes que eu possa ir em frente — Richard e Nicole esperaram que ele prosseguisse. — Estamos correndo atabalhoadamente para enviar um aviso à inteligência, seja lá qual for ela, que controla este veículo. Supostamente, estamos fazendo isso para que Rama possa tomar as providências necessárias para se proteger. Como vamos saber se essa é a melhor coisa que temos a fazer? Como vamos saber se não estamos sendo traidores de nossa espécie? O General O'Toole agitou os braços, indicando a imensa caverna onde eles estavam. — Deve haver alguma razão, algum grande propósito para tudo isto. Por que todos aqueles pseudo-objetos humanos expostos no Salão Branco? Por que os ramaianos nos convidaram para um contato com eles? Quem e o que são os pássaros e as aranhas de oito patas? Ele balançou a cabeça de maneira negativa, frustrado por todas aquelas perguntas não respondidas. — Eu tinha dúvidas quanto à destruição de Rama, mas tenho dúvidas igualmente quanto ao envio desse aviso. E se Rama escapar do ataque nuclear por nossa causa e ainda assim destruir a Terra?

— Esta é uma hipótese bastante improvável, Michael. A primeira Rama navegou pelo sistema solar...

— Só um minuto, Nicole, se não se importar — Richard interrompeu com delicadeza. — Deixe-me tentar responder ao general.

Ele se aproximou de O'Toole, colocando o braço no ombro do general. — Michael — Richard disse — o que mais me impressionou em você desde a primeira vez em que nos vimos foi a sua habilidade em compreender a diferença entre as respostas que podemos obter como resultado de dedução ou método científico, e as perguntas para as quais não existe sequer um vislumbre, lógico e válido, de resposta. Nós não dispomos de nenhum recurso para compreender o sentido de Rama neste momento crítico. Não possuímos dados suficientes ainda. É como tentar resolver um

sistema de equações lineares simultâneas em que o número de variáveis é muito superior ao de constantes. Existem múltiplas possibilidades de soluções válidas.

O'Toole sorriu e fez um gesto afirmativo com a cabeça. — O que nós sabemos — Richard continuou — é que uma bateria de mísseis encontra-se agora a caminho de Rama. Provavelmente, eles estão munidos de ogivas nucleares. Temos uma escolha fazer, a de avisá-los ou não avisá-los, e devemos tomá-la com base nas informações de que dispomos neste exato momento.

Richard apanhou seu pequeno computador e ficou ao lado de O'Toole. — Você pode representar esse problema todo em termos de uma matriz de  $3 \times 2$  — ele disse. — Considere que há três possíveis classificações para a atitude de Rama: jamais hostil, sempre hostil e hostil apenas quando atacada. Essas três situações representam as linhas da matriz. Agora considere a decisão com a qual nos defrontamos. Podemos preveni-los ou optar por não fazê-lo. Observe que é apenas um aviso *bem-sucedido* que conta. Portanto, temos duas colunas na matriz: Rama sendo avisada e Rama não sendo avisada.

O'Toole e Nicole olhavam por sobre os ombros de Richard, enquanto ele formava a matriz e a exibia em seu pequeno computador. — Se olharmos agora para os resultados dos seis eventos representados pelos elementos individuais desta matriz e tentarmos assinalar algumas probabilidades onde isso for possível, teremos toda a informação de que necessitamos para tomar nossa decisão. Concorda?

O General O'Toole balançou a cabeça, impressionado pela rapidez e a concisão com que Richard estruturara o dilema deles. — O resultado da segunda fileira é sempre o mesmo — opinou agora Nicole — independente de nós os prevenirmos ou não. Se Rama for mesmo hostil, sua tecnologia tão avançada torna indiferente o fato de nós os avisarmos ou deixarmos de fazê-lo. Mais cedo ou mais tarde, seja através deste veículo, seja através de outro que venha no futuro, eles poderão subjugar e destruir a raça humana.

Richard fez uma breve pausa, a fim de se certificar de que O'Toole estava acompanhando o raciocínio. — Da mesma forma — ele disse, então, lentamente — se Rama *já* for hostil, não será incorreto preveni-los. Em nenhum dos casos, com ou sem o alerta, a Terra estará ameaçada. E, se tivermos êxito em preveni-los dos mísseis nucleares, algo de extraordinário terá sido salvo.

O general sorriu. — Desta forma, o único problema possível, a Ansiedade de O'Toole, se quiser chamar assim, surge na hipótese de Rama não ter a princípio intenções hostis, mas mudar de idéia e atacar a Terra assim que souber que foram lançados mísseis nucleares contra ela.

— Precisamos — disse Richard — e eu argumentaria que o próprio ato de nós os estarmos prevenindo seria possivelmente um fator atenuante para esse caso potencialmente hostil. Afinal...

— Muito bem, muito bem — replicou O'Toole. — Já percebi onde você quer chegar. A não ser que se atribua uma alta probabilidade à hipótese que me preocupa, a análise geral sugere a obtenção de um melhor resultado se optarmos por avisar os ramaianos. — De repente ele começou a rir. — Ainda bem que você não trabalha para o quartel-general militar do OGC, Richard. Com essa sua lógica, você teria me convencido a ativar o código...— Duvido — Nicole interrompeu. — Ninguém poderia ter argumentos consistentes para esse tipo de paranóia.

— Obrigado — o general sorriu — estou satisfeito. Você foi muito convincente. Vamos voltar ao trabalho.

Movidos pela inexorável aproximação dos mísseis, os três trabalharam incansavelmente por horas a fio. Nicole e Michael O'Toole desenharam a mensagem de aviso em dois discretos segmentos. O primeiro segmento, com parte considerável consistindo numa retrospectiva, estabelecia a técnica básica de comunicação e apresentava toda a mecânica da trajetória, incluindo a órbita de Rama enquanto o veículo entrava no sistema solar, as

duas naves Newton partindo da Terra e acoplando-se pouco antes do encontro com a nave alienígena, as duas manobras ramaianas para mudança de rota e, por fim, os 16 mísseis disparados pela Terra na direção de Rama. Richard colhia agora os frutos de suas longas horas de trabalho no teclado e na tela preta. E transformou todos esses eventos orbitais em desenhos gráficos, enquanto os outros dois cosmonautas lutavam com a complexidade do resto da mensagem.

O segundo segmento era extremamente difícil de desenhar. Nele, os humanos pretendiam explicar que os mísseis que se aproximavam portavam ogivas nucleares, que a capacidade de explosão das bombas era gerada por uma reação em cadeia e que o calor, o impacto e a radiação resultantes da explosão eram, todos, extremamente poderosos. A apresentação do quadro fundamental não era o desafio; a quantificação da força destrutiva em termos possíveis de serem compreendidos por uma inteligência extraterrestre é que era um obstáculo difícil.

— Isso é impossível — exclamou um exasperado Richard quando O'Toole e Nicole insistiram em que o repertório não estaria completo sem alguma indicação da temperatura da explosão, da magnitude do choque e dos campos radiativos. — Por que simplesmente não indicamos a quantidade de material fissionável no processo? Eles devem ser ótimos em física. Poderão processar o alerta e outros parâmetros.

O tempo corria e os três estavam ficando exaustos. Nas horas finais, o General O'Toole rendeu-se à fadiga e, por insistência de Nicole, tirou um profundo cochilo. A análise biométrica indicava que seu coração estava estressado. Até mesmo Richard dormiu por 90 min. Entretanto, Nicole não se permitia o luxo de descansar. Estava determinada a engendrar alguma forma de representar graficamente o poder destrutivo das armas.

Quando os homens despertaram, Nicole convenceu-os a acrescentar ao segundo segmento um pequeno trecho demonstrando o que aconteceria a uma cidade ou floresta da Terra

se uma bomba nuclear de um megaton explodisse em suas imediações. Para que tais imagens fizessem sentido, Richard, é claro, deveria ampliar seu glossário inicial, no qual ele definira os elementos químicos e seus símbolos com precisão matemática, a fim de incluir algumas indicações dimensionais extras. — Se eles compreenderem isso — resmungou ele, enquanto incluía, diligentemente, uma escala ao lado do tracejado de seus desenhos representando edifícios e árvores — então são bem mais espertos do que eu jamais pude imaginar.

Finalmente, a mensagem foi concluída e armazenada. Os três reviram todo o aviso uma última vez e fizeram algumas correções. — Daqueles comandos que eu nunca fui capaz de entender — falou Richard — existem cinco que me fazem suspeitar que possam ser elementos de ligação para um processador de um nível diferente. É claro que estou apenas chutando, mas acredito que seja um chute fundamentado. Vou transmitir a nossa mensagem cinco vezes, utilizando cada um desses comandos especiais uma única vez, e espero que, de alguma forma, nossa mensagem atinja o computador central.

Enquanto Richard acionava todos os comandos adequados do teclado, Nicole e o General O'Toole foram dar uma caminhada. Subiram pela escadaria e ficaram perambulando por entre os arranha-céus de Nova York. — Você acredita que os ramaianos esperavam que embarcássemos em Rama e que encontrássemos o Salão Branco, não é?

— Acredito — Nicole respondeu.

— Mas com que finalidade? — o general indagou. — Se os ramaianos apenas pretendiam fazer contato conosco, por que foram tão longe e de um modo tão elaborado? E por que estão se arriscando a terem suas intenções mal interpretadas por nós?

— Não sei — respondeu Nicole. — Talvez eles estejam nos testando de alguma forma. Para descobrirem como nós somos.— Meu Deus — retrucou O'Toole —, que idéia mais terrível...

Poderemos ser catalogados como criaturas que lançam ataques nucleares contra seus visitantes.

— Exatamente — disse Nicole.

Nicole mostrou a O'Toole o celeiro com os buracos, a grade de onde ela libertara o pássaro, os desconcertantes poliedros e as entradas para as duas outras tocas. Ela se sentia cada vez mais cansada, porém sabia que não deveria dormir antes que tudo estivesse resolvido.

— Vamos voltar? — O'Toole sugeriu, depois que ele e Nicole haviam caminhado pela beira do mar Cilíndrico e verificado que o barco a vela encontrava-se ainda intacto, no mesmo lugar em que fora deixado por eles.

— Muito bem — Nicole disse, exausta. Ela consultou seu relógio. Faltavam exatamente 3 h 18 min para que o primeiro míssil nuclear atingisse Rama.

## 62. A HORA FINAL

Ninguém dizia uma palavra há cinco minutos. Cada um dos três cosmonautas sentados estava imerso em seu mundo particular e consciente de que o primeiro míssil encontrava-se agora a menos de uma hora de distância. Richard percorreu rapidamente todos os registros de sensores, buscando inutilmente qualquer indicação de que Rama estivesse tomando alguma medida de proteção. — Merda — resmungou ele, voltando a observar o registro em close produzido pelo radar, que mostrava o primeiro míssil deslocando-se para cada vez mais perto.

Richard dirigiu-se até o canto onde Nicole estava sentada. — Acho que fracassamos — disse ela calmamente. — Não aconteceu nada.

Nicole esfregou os olhos. — Gostaria de não estar tão cansada — ela disse. — Talvez então pudéssemos fazer algo de interessante nos nossos últimos 50 min — ela forçou um sorriso. — Agora eu já sei como deve ser estar na Linha de Fogo.

O General O'Toole aproximou-se, vindo do outro lado do salão. Trazia duas bolas pretas na mão esquerda. — Sabem — disse ele — eu sempre imaginei o que faria se chegasse a ter um tempo delimitado, determinado, antes de morrer. Eis-me aqui agora e minha cabeça só está pensando numa coisa.

— No quê? — perguntou Nicole.

— Algum de vocês já foi batizado? — ele respondeu, cautelosamente.

— O quêêê? — Richard exclamou, com um riso de surpresa.

— Eu imaginava que não — disse o General O'Toole. — E você, Nicole?

— Não, Michael — ela respondeu. — O catolicismo de meu pai era mais tradição do que cerimônia.

— Bem — insistiu o general. — Estou me oferecendo para batizar vocês dois.

— Aqui? Agora? — indagou o estarrecido Wakefield. — Será que meus ouvidos estão me enganando, Nikki, ou acabo de escutar este cavalheiro sugerir que passemos a última hora de nossa vida sendo batizados?

— Não vai demorar... — O'Toole começou a dizer.

— E por que não, Richard? — Nicole interrompeu O'Toole. Ela se levantou com um alegre sorriso no rosto. — Que outra coisa temos a fazer? É uma idéia bem melhor do que ficarmos morbidamente sentados, esperando pela grande bola de fogo.

Richard quase explodiu numa gargalhada. — Mas isso é maravilhoso ! — exclamou com entusiasmo. — Eu, Richard Wakefield, ateu perpétuo, estou cogitando ser batizado numa astronave extraterrestre, como a última ação de minha vida. Grande!

— Lembre-se do que escreveu Pascal — Nicole provocou.

— Ah, sim — Richard respondeu. — Uma matriz simples de um dos maiores pensadores do mundo. "Pode existir ou não um Deus; posso acreditar Nele ou não. Minha única chance de perda é no caso de existir um Deus e eu não acreditar Nele. Portanto, vou acreditar Nele, visando, com isso, minimizar o meu risco. "— Richard deu um risinho. — Mas eu não concordei em acreditar em Deus, mas apenas em ser batizado.

— Então você concorda — Nicole disse.

— Por que não? — ele respondeu, parodiando o comentário anterior dela. — Talvez assim eu não tenha de ficar no limbo com todos aqueles pagãos virtuosos e crianças não batizadas — ele sorriu para O'Toole. — Muito bem, general, estamos à sua disposição. Pode ir em frente.

— Agora trate de prestar muita atenção, OB — Richard disse.  
— Você provavelmente é o único robô que jamais esteve num bolso humano durante um batismo.

Nicole cutucou Richard de lado. O paciente General O'Toole esperou alguns instantes e começou a cerimônia.

Por insistência de Richard, eles haviam deixado o subterrâneo e saído para a praça aberta. Richard queria ter "o céu de Rama sobre a cabeça", e nenhum dos dois se opusera. Nicole fora até o mar Cilíndrico para encher de água o cantil batismal, enquanto o General O'Toole concluía seus preparativos. O General O'Toole estava levando o batismo muito a sério, mas aparentemente não se ofendera com a displicente ironia de Richard.

Nicole e Richard ajoelharam-se diante de O'Toole. Ele espargiu a água sobre a cabeça de Richard. — Richard Colin Wakefield, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Quando O'Toole terminou de batizar Nicole seguindo o mesmo ritual, Richard levantou-se e sorriu. — Não sinto a menor diferença — declarou. — Estamos exatamente como antes — apavorados por morrer nos próximos 30 min.

O General O'Toole não se movera. — Richard — ele disse tranqüilamente — posso lhe pedir que se ajoelhe novamente? Gostaria de fazer uma pequena prece.

— O que é isso? — indagou Richard. — Primeiro um batismo, agora uma prece? — Nicole o encarou. Os olhos dela pediam que ele concordasse. — Tudo bem — disse ele — acho que posso muito bem ir até o fim.

— Deus Todo-Poderoso, escuta a nossa prece — o general disse, num tom firme. Também ele estava ajoelhado agora, os olhos fechados e as mãos unidas à sua frente. — Estamos aqui reunidos, nós três, naquela que poderá ser a nossa hora final, para render graças a Ti. Nós Te suplicamos que consideres de que forma poderemos servir a Ti caso continuemos vivendo e, se for da Tua vontade, pedimos que nos poupes de uma morte dolorosa e

medonha. Se for a morte o nosso destino, nossa súplica é que possamos ser aceitos no Teu divino reino. Amém.

O General O'Toole parou apenas por um minuto e começou a recitar a oração do Senhor. Tão logo começou a pronunciar "Pai Nosso que estás nos céus, santificado seja o Teu nome... ", as luzes da gigantesca cosmonave foram abruptamente apagadas. Chegava ao fim mais um dia ramaiano. Richard e Nicole esperaram respeitosamente que seu amigo concluísse a oração, antes de apanharem as lanternas.

Nicole agradeceu ao general e deu-lhe um pequeno abraço. — Bem, aqui estamos nós — Richard disse, com nervosismo. — Vinte e seis minutos na contagem regressiva. Já tivemos um batismo e uma prece. O que podemos fazer agora? Quem tem alguma sugestão para o último passatempo, e estou me referindo ao último de verdade. Vamos cantar? Dançar? Jogar algum jogo?

— Eu preferiria permanecer aqui mesmo — disse, solene, o General O'Toole — e me encontrar com a morte em recolhimento e oração. Imagino que vocês dois gostariam de ficar juntos e a sós.

— Muito bem, Nikki — Richard disse. — Onde é que vamos dar o nosso beijo de despedida? Na beira do mar Cilíndrico ou no fundo do Salão Branco?

Nicole estava acordada há 32 horas consecutivas e sentia-se absolutamente exausta. Caiu nos braços de Richard e fechou os olhos. Naquele momento, alguns raios esparsos de luz intrometeram-se na recente escuridão da noite ramaiana.

— O que foi isso? — O general O'Toole perguntou sobressaltado.

— Devem ser os chifres — Richard respondeu com entusiasmo. — Vamos, vamos até lá!

Os três correram até a extremidade sul da ilha e ficaram olhando fixamente para as maciças e enigmáticas estruturas da calota meridional. Alguns filetes de luz disparavam entre os diferentes pares das seis espiras que rodeavam o grande monolito

ao centro. Os arcos amarelos pareciam crepitar no ar, oscilando suavemente para frente e para trás, no meio, enquanto permaneciam ligados a um dos pequenos chifres em cada extremidade. Um distante estalido acompanhava aquela cena espetacular.

— É estarrecedor — disse O'Toole, dominado pelo assombro. — Absolutamente estarrecedor.

— Quer dizer que Rama irá manobrar — Richard disse. Ele mal pôde conter-se. Abraçou Nicole, depois O'Toole e por fim deu um beijo nos lábios de Nicole. — Iupiii! — ele gritou, dançando ao longo do muro.

— Mas Richard — Nicole gritou, saindo atrás dele —, não será tarde demais? Como é que Rama vai poder desviar-se em tão pouco tempo?

Richard correu de volta até os colegas. — Vocês têm razão — ele disse ofegante. — E, além disso, esses malditos mísseis provavelmente possuem programação direcional. — Ele tornou a correr, dirigindo-se agora de volta à praça. — Vou checar o radar.

Nicole olhou para o General O'Toole. — Eu já estou indo — avisou. — Mas já corri o bastante para um único dia. Quero assistir a esse espetáculo por mais alguns minutos. Vocês podem ir na frente, se quiserem.

Nicole esperou um pouco. Enquanto os dois caminhavam rapidamente em direção à praça, o General O'Toole agradeceu a ela por ter permitido que ele a batizasse. — Não seja tolo — replicou ela. — Sou eu quem deveria agradecer. — Ela pôs a mão no ombro do general. *Não foi o batismo em si o mais importante, ela prosseguiu em seus pensamentos. Era evidente que você estava preocupado com as nossas almas. Nós concordamos principalmente para demonstrar o afeto que temos por você.* Nicole sorriu consigo mesma. *Ao menos, acho que o motivo foi esse...*

O solo debaixo deles começou a tremer violentamente e o General O'Toole estancou, momentaneamente assustado. — Ao que

parece, foi isso que ocorreu na última manobra — Nicole disse, segurando a mão do general para tentar equilibrar a ambos — muito embora eu, pessoalmente, estivesse caída, inconsciente, no fundo de um buraco, tendo perdido todo o evento.

— Quer dizer, então, que o espetáculo das luzes foi apenas um anúncio da manobra?

— Provavelmente. É por isso que Richard ficou tão eufórico. Mal acabaram de abrir a tampa do subterrâneo, Richard apareceu, disparando escada acima. — Eles conseguiram! — exclamou. — Eles conseguiram!

O'Toole e Nicole ficaram olhando para ele, enquanto recuperava o fôlego. — Eles soltaram alguma espécie de malha ou rede — não sei exatamente o que é — de aproximadamente 600, talvez 800 m de espessura — em volta da astronave — ele deu meia-volta. — Venham — ele disse, precipitando-se escada abaixo, aos saltos, de três em três degraus.

Apesar da fadiga, Nicole respondeu àquele entusiasmo com uma última descarga de adrenalina. Ela desceu às pressas as escadas atrás de Richard e correu até o Salão Branco. Parado diante da tela preta, Richard acionava de um lado para outro os comandos, chamando, alternadamente, ora a imagem externa que mostrava o novo material que envolvia a nave, ora a imagem captada pelo radar, mostrando os mísseis que se aproximavam.

— Eles devem ter compreendido a nossa mensagem — ele disse para Nicole. Exultante, Richard ergueu-a do chão, beijou-a e segurou-a no ar — Deu certo, querida — gritava ele. — Obrigado, muito obrigado!

Nicole também ficara entusiasmada. Entretanto, ainda não estava convencida de que a ação de Rama pudesse evitar a destruição do veículo. Depois que o General O'Toole entrou e que Richard explicou o que eles estavam vendo na tela, restavam apenas nove minutos. Nicole sentia espasmos estomacais quase

insuportáveis. O chão continuava a sacudir, enquanto Rama cumpria sua manobra.

Era evidente que os mísseis possuíam programação direcional, pois, apesar de Rama estar definitivamente alterando sua trajetória, os projéteis continuavam a se aproximar em linha reta. A imagem em *close* fornecida pelo radar indicava que os 16 atacantes estavam bastante espaçados entre si. A estimativa de seus momentos de impacto abrangia um período ligeiramente superior a uma hora.

A atividade frenética de Richard foi intensificada. Ele se movimentava desvairadamente pelo salão. A certa altura, apanhou OB de seu bolso, colocou-o no chão e começou a falar afoitamente com o pequenino robô, como se OB fosse seu amigo mais próximo. As palavras de Richard tinham pouca coerência. Em determinado momento, ele dizia a OB para que o robô se preparasse para a explosão que estava próxima; um segundo depois, ele lhe explicava a maneira pela qual Rama milagrosamente iria escapar aos mísseis que se aproximavam.

O General O'Toole procurava manter a calma, coisa que, no entanto, era impossível, com Richard zanzando de um lado para outro da sala como um possesso. Ele começou a dizer qualquer coisa para Richard, mas achou melhor, em vez disso, caminhar para fora do túnel e procurar um pouco de silêncio.

Num dos raros momentos em que Richard não estava se movimentando, Nicole foi para junto dele e apertou-lhe as mãos. — Querido — ela disse — relaxe. Não há mais nada que possamos fazer.

Richard olhou durante um segundo para sua amiga e amante e a envolveu em seus braços. Ele a beijou apaixonadamente e depois sentou-se no chão trêmulo, puxando-a para junto de si. — Estou assustado, Nicole — confessou, enquanto seu corpo sacudia. — Estou realmente assustado. Detesto a idéia de não poder fazer nada.

— Eu também estou assustada — ela respondeu, suavemente, segurando de novo as mãos dele. — E Michael também.— Mas nenhum de vocês *age* como quem está assustado — Richard retrucou. — Eu me sinto um idiota, pulando para lá e para cá como o Tigrão da turma do *Ursinho Puff*.

— Cada um enfrenta a morte de forma diferente — Nicole disse. — Todos nós sentimos medo. Só que lidamos com ele à nossa maneira própria, individual.

Richard estava se acalmando. Ele lançou os olhos para o grande monitor e depois para seu relógio. — Mais três minutos para o primeiro impacto — alertou.

Nicole levou as mãos ao rosto dele e o beijou suavemente nos lábios. — Eu o amo, Richard Wakefield — ela disse.

— E eu também a amo — ele respondeu.

Richard e Nicole estavam sentados no chão em silêncio, de mãos dadas e de olhos presos à tela preta, quando o primeiro míssil atingiu a superfície da malha que envolvia Rama. O General O'Toole estava de pé atrás deles, junto à porta — ele voltara ao salão cerca de 30 s antes. No momento em que o míssil atingiu a superfície, a região impactada da malha cedeu, amorteceu o golpe, permitindo, contudo, que o míssil se alojasse mais fundo no material. Ao mesmo tempo, outros pedaços da malha envolveram rapidamente o míssil, tecendo um denso casulo com incrível rapidez. Em questão de segundos, o trabalho estava concluído. O míssil estava a aproximadamente 200 m da face externa de Rama, já enclausurado num denso invólucro, quando sua ogiva nuclear detonou. A malha agitou-se um pouco, mas houve tão-somente um abalo, quase imperceptível, no Salão Branco.

— Uau! — exclamou Richard, primeiro. — Vocês viram isso? Ele se ergueu num salto e se aproximou da tela. — Foi tudo tão

rápido... — Nicole comentou, juntando-se a ele.

O General O'Toole murmurou uma pequena oração de graças e foi para junto de seus amigos, à frente da tela. — Como pensa que Rama conseguiu isso? — perguntou a Richard.

— Não tenho a menor idéia — Richard respondeu. — Mas, de alguma forma, aquele casulo conteve a explosão. Deve ser algum material fantástico. — Ele chamou de volta a imagem fornecida pelo radar. — Vamos observar o próximo mais de perto. Ele deverá estar aqui em... Houve um fulgurante clarão e a imagem desapareceu da tela. Menos de um segundo depois, uma pungente força lateral atingiu-os violentamente, arremessando os três ao chão. As luzes do Salão Branco se apagaram e o chão parou de tremer. — Estão todos bem? — Richard perguntou, tateando para encontrar a mão de Nicole no escuro.

— Creio que sim — O'Toole respondeu. — Bati contra a parede, mas só com as costas e o cotovelo.

— Eu estou bem, querido — Nicole respondeu. — O que aconteceu?

— Obviamente, esse explodiu primeiro, antes de atingir a malha. Fomos atingidos pela onda de choque.

— Eu não compreendo — O'Toole disse. — A ogiva explodiu no vácuo. Como pode haver onda de choque?

— Tecnicamente não foi apenas uma onda de choque — Richard respondeu, pondo-se de pé, enquanto as luzes tornavam a se acender e o chão a tremer. — Ei, o que me dizem disso? — interpretou a si mesmo. — É o famoso padrão de redundância ramaiano outra vez. Você está bem? — indagou a Nicole, que parecia trôpega ao se levantar.

— Machuquei o joelho — ela respondeu — mas não é nada grave.

— A ogiva destruiu o restante de seu próprio míssil — Richard explicou, respondendo agora à pergunta de O'Toole, enquanto percorria o repertório dos sensores, à procura de dados redundantes contidos em imagens gráficas ou de radar —

transformando em vapor a maior parte da carcaça e reduzindo o restante a fragmentos. O gás e os estilhaços foram projetados para longe a velocidades enormes, criando a onda que nos atingiu. A malha, por sua vez, amorteceu a violência do choque.

Nicole encostou-se na parede e sentou-se. — Quero estar pronta para o próximo — ela disse.

— Fico imaginando a quantos impactos dessa proporção Rama é capaz de sobreviver — Richard disse.

O General O'Toole aproximou-se da parede, sentando-se ao lado de Nicole. — Dois já foram, ainda restam 14 — ele disse. Os três sorriram. Pelo menos, ainda não estavam mortos.

Poucos minutos depois, Richard localizava os sensores de redundância. — Oh-oh — fez ele, enquanto analisava os blipes restantes na tela. — A menos que eu esteja enganado, a última bomba que explodiu estava a vários quilômetros de distância. Tivemos sorte. Esperemos que nenhuma delas estoure próximo à superfície da malha.

O trio ficou observando enquanto dois outros mísseis eram aprisionados e embalados no material que protegia Rama. Richard se levantou. — Teremos agora um breve intervalo — anunciou. — Faltam mais ou menos três minutos para o nosso próximo impacto, quando, então, teremos outros quatro mísseis em rápida sucessão.

Nicole também se levantou. Ela percebeu que o General O'Toole estava com as mãos às costas. — Tem certeza de que está bem, Michael? — ela perguntou. O general fez que sim com a cabeça, enquanto seus olhos não desgrudavam da tela. Richard se aproximou de Nicole e segurou em sua mão. Um minuto depois, os três voltaram a se sentar juntos contra a parede, na expectativa dos impactos seguintes.

Não esperaram muito. Uma segunda força lateral, bem mais intensa que a primeira, atingiu-os 20 s depois. As luzes desapareceram novamente e o chão parou de sacudir. Nicole pôde

ouvir o General O'Toole respirando com dificuldade em meio à escuridão. — Michael — ela chamou — você se machucou?

Como não houve nenhuma resposta imediata, Nicole começou a se arrastar na direção dele. O que provou ser um erro. Ela não estava apoiada a nada quando o terceiro e poderoso choque os atingiu. Nicole foi lançada violentamente contra a parede, batendo com um dos lados da cabeça.

O General O'Toole permaneceu ao lado de Nicole, enquanto Richard subiu até Nova York para verificar como estava a cidade. Os dois homens se puseram a conversar em voz baixa, quando Richard voltou. Ele informou a ocorrência de apenas alguns danos sem importância. Trinta minutos depois que o último míssil fora aprisionado, as luzes voltaram a se acender, enquanto o chão começou a tremer novamente. — Está vendo? — Richard disse, com um sorriso cansado. — Eu disse que estaria tudo bem. Eles sempre fazem as coisas importantes em grupos de três.

Nicole permaneceu inconsciente quase por mais uma hora. Nos últimos minutos, ela foi ganhando uma vaga consciência da vibração do chão e da conversa do outro lado do salão. Nicole abriu os olhos muito lentamente.

— O efeito da malha — ela ouviu Richard dizendo — é o de aumentar a nossa velocidade hiperbólica. Assim sendo, vamos atravessar a órbita da Terra muito antes do tempo previsto, muito antes da chegada do próprio planeta.

— A que proximidade chegaremos da Terra?

— Não muito grande. Isso depende de quando terminará esta manobra. Caso ela terminasse agora, nós passaríamos por ela a uma distância aproximada de um milhão de quilômetros, ou seja, mais que o dobro de sua distância à Lua.

Nicole sentou-se e sorriu. — Bom dia — ela disse, alegremente.

Os dois homens foram para junto dela. — Você está bem, querida? — indagou Richard.

— Acho que sim — Nicole disse, sentindo o galo no lado da cabeça. — Talvez eu tenha um pouco de dor de cabeça por algum tempo. — Ela olhou para os dois homens. — E você, Michael? Pelo que me lembro, eu estava preocupada com você pouco antes do último impacto.

— O segundo me fez perder o fôlego — contou O'Toole. — Por sorte, eu estava melhor preparado para o terceiro míssil. E minhas costas agora parecem estar bem.

Richard começou a explicar o que pudera apreender através das informações dos sensores celestes de Rama.

— Eu ouvi a última parte — Nicole disse. — Parece que agora perdemos de vez a chance de voltar para a Terra. — Richard ajudou-a a se levantar. — Mas para onde estamos indo?

Richard deu de ombros. — Não há nenhum alvo planetário ou asteroidal nas proximidades de nossa atual trajetória. Nossa energia hiperbólica está em elevação. Caso nada se altere, sairemos de vez do sistema solar.

— E nos tornaremos viajantes interestelares — concluiu Nicole, calmamente.

— Se vivermos tudo isso — acrescentou o general.

— Quanto a mim — disse Richard com um sorriso brincalhão — não vou me preocupar com o que possa acontecer daqui para frente. Pelo menos não agora. Meu plano é comemorar o fato de termos escapado do ataque nuclear. Sugiro que subamos as escadas e apresentemos a Michael alguns novos amigos. Não sei se os pássaros ou as aranhas de oito patas.

Nicole balançou a cabeça e sorriu. — Você não tem jeito, Wakefield.

"De almas sinceras a união sincera

Nada há que impeça; "

OB interrompeu subitamente. Os três cosmonautas ficaram perplexos. Baixaram os olhos para o pequeno robô e explodiram numa gargalhada.

"... amor não é amor

Se quando encontra obstáculos se altera,

Ou se vacila ao mínimo temor

Amor é um marco eterno... "

Richard apanhou OB e o desligou. Nicole e Michael ainda riam. Richard abraçou a cada um individualmente. — Não posso imaginar três melhores companheiros de viagem — ele declarou, segurando o robô sobre sua cabeça — para onde quer que estejamos indo.



## POSFÁCIO

*Arthur C. Clarke*

Escrever é um exercício solitário e, depois de muitas décadas de ofício, até mesmo o mais convicto dos ególatras poderá, eventualmente, aspirar por uma companhia. Porém, a parceria em qualquer obra de arte constitui um empreendimento arriscado, sendo que quanto maior o número de pessoas envolvidas, menor a chance de sucesso. Será possível imaginar um *Moby Dick* de Herman Melville & Nat Hawthorne? Ou um *Guerra e Paz* de Leo Tolstoy e Freddy Dostoyevsky? Com diálogos adicionais de Van Turgenev?

Certamente eu jamais imaginara, até alguns anos atrás, que chegaria a trabalhar em colaboração com outro escritor numa obra de ficção. A *não-ficção* é diferente: já estive envolvido em nada menos do que 14 projetos multiautorais (dois deles com os editores da *Life*, e você nunca vai encontrar nada mais multiautoral do que isso). Mas ficção — de jeito nenhum! Eu estava mais do que certo de que jamais permitiria que intruso algum viesse meter a colher no meu personalíssimo fogo criador...

Bem, aconteceu uma coisa engraçada em meu caminho até a mesa do computador. No início de 1986, meu agente, Scott Meredith, me chamou com aquele seu tão persuasivo método do "não-diga-não-antes-que-eu-termine-de-falar". Havia, ao que parece, um jovem e genial produtor de cinema que estaria determinado a filmar alguma coisa — *qualquer coisa* de minha autoria. Muito embora eu jamais tenha ouvido falar de Peter Guber, já assistira a um ou dois filmes seus (*O expresso da meia-noite* e *The Deep*), tendo ficado muito impressionado por eles. Fiquei mais impressionado ainda quando Scott me informou que o mais recente filme de Peter, *A cor púrpura*, acabava de receber uma meia dúzia de indicações para o Oscar.

Entretanto, comecei a rosnar por dentro assim que Scott começou a dizer que Peter tinha um amigo com uma idéia brilhante que ele gostaria de ver desenvolvida em roteiro cinematográfico por mim. Eu rosnei porque não existem novas idéias no campo da ficção científica, e se esta era realmente brilhante, eu deveria ter pensado nela antes. Além disso, *detesto* roteiros de cinema; eles são invariavelmente chatos, quase ininteligíveis e, no que me diz respeito, "inescrevíveis". Tal como uma partitura musical, eles são o estágio intermediário e necessário de uma produção. Para escrevê-los, é preciso um considerável número de habilidades especializadas e, todavia, eles não possuem o menor valor literário ou artístico próprios. (Uma partitura musical, ao menos, é bonita de se ver.)

Scott, então, me explicou quem era o tal amigo, e eu comecei a enxergar as coisas de um modo diferente. De repente, o projeto pareceu realmente muito interessante, por razões que nada tinham a ver com Peter Guber mas tinham muito a ver com Stanley Kubrick.

*Flash-back.* Vinte anos antes, em *2001: Uma odisséia no espaço*, Stanley e eu tínhamos visitado as nuvens de Júpiter — sem jamais sonhar que aqueles mundos completamente desconhecidos seriam, de fato, explorados por robôs muito antes da época em que se passava o nosso filme. Em março e julho de 1979, as duas sondas Voyager revelaram que Io, Europa, Ganimedes e Calisto eram lugares mais estranhos do que ousaríamos imaginar. As surpreendentes imagens dos satélites gigantes de Júpiter tornaram possível — não, imperativo — que eu escrevesse *2010: Uma odisséia no espaço II*. Desta vez, as seqüências referentes a Júpiter poderiam ser baseadas na realidade e não na imaginação; e quando Peter Hyams filmou o livro em 1984, ele pôde utilizar imagens reais da nave Voyager como elementos cenográficos de boa parte da ação.

Apesar dos espetaculares resultados das missões de 1979, esperava-se, confidencialmente, que estes seriam ultrapassados de

longe no período de uma década. A astronave Voyager passou poucas horas, apenas, na vizinhança de Júpiter, deixando rapidamente para trás o gigantesco planeta e suas luas, em sua jornada a Saturno. Todavia, em maio de 1986, a NASA planejava lançar a Galileu, uma sonda espacial ainda mais ambiciosa. Esta não faria um breve sobrevôo, mas um *encontro*; a Galileu passaria dois anos, a partir de dezembro de 1988, numa detalhada pesquisa de Júpiter e suas grandes luas. Em 1990, se tudo corresse bem, teríamos um tal afluxo de novas informações acerca desses mundos exóticos, que uma terceira *Odisséia no espaço* seria inevitável. Era *isso* que eu planejava escrever; meu interesse estava totalmente atrelado à Galileu e dificilmente eu poderia dar menos importância às idéias de algum escritor amador de ficção científica. Como dizer não a ele de uma forma gentil? Eu ainda ponderava a esse respeito, quando Scott, prosseguindo, falou:

— Peter Guber quer voar até o Sri Lanca, por apenas 24 horas, para lhe apresentar a esse cara. O nome dele é Gentry Lee, e deixe-me explicar quem ele é. Ele trabalha no Laboratório de Propulsão a Jato e é o engenheiro-chefe do Projeto Galileu. Já ouviu falar desse projeto?

— Já — respondi, quase sem fala.

— E, antes disso, ele foi diretor-planejador de missão das naves Viking, que enviaram aquelas maravilhosas imagens de Marte. Por considerar que o público não estava acompanhando o que se passava no espaço, ele formou uma produtora, com o seu amigo Carl Sagan, para fazer *Cosmos* — ele foi o diretor de toda a série da tevê...

— Chega! — gritei. — Tenho de conhecer esse homem. Diga ao Sr. Gabor para trazê-lo o mais depressa possível.

— O nome — corrigiu Scott — é *Guber*. Peter Guber.

Bem, ficou acertado que os dois embarcariam num vôo para o Sri Lanca e, caso eu gostasse da idéia de Gentry (e, não menos importante, do próprio Gentry), caberia a mim desenvolver um

esboço — talvez uma dezena de páginas, contendo os personagens, os locais da ação, o enredo e todos os elementos básicos a partir dos quais qualquer roteirista tarimbado pudesse criar um *script* cinematográfico.

Eles chegaram a Colombo em 12 de fevereiro de 1986 — apenas duas semanas após o desastre com a Challenger. O ano de 1986 seria o Grande Ano do Espaço, mas agora o programa inteiro da NASA estava numa total desordem. O projeto Galileu, em particular, seria adiado por anos. Não teríamos outras informações com respeito às luas de Júpiter antes de 1995. Eu poderia esquecer minha *Odisséia III* — da mesma forma como Gentry podia desistir de fazer qualquer coisa relacionada ao projeto Galileu, exceto retirá-lo do Cabo Canaveral e colocá-lo em naftalina.

Felizmente, o encontro de cúpula Guber-Lee-Clarke transcorreu muito bem e, nas poucas semanas seguintes, rascunhei em meus disquetes toda uma série de conceitos, personagens, ambientações e enredos — tudo o que parecesse ainda que remotamente útil para a história, à qual tínhamos decidido chamar de *O berço dos super-humanos (Cradle)*. Alguém já disse que a elaboração de um livro de ficção consiste na eliminação de alternativas. O que é uma grande verdade: a certa altura, calculei que se aproveitássemos todos os elementos que eu criara, em todas as combinações possíveis, haveria material suficiente para meio bilhão de *O berço dos super-humanos* diferentes.

Enviei a Gentry um deles, que finalmente selecionei, sob a forma de uma sinopse em 4.000 palavras. Ele gostou da sinopse e voou novamente para o Sri Lanca, para que completássemos os detalhes. Durante uma maratona de três dias pelas montanhas próximas à antiga capital, Kandi, e apesar do irresistível apelo daquele panorama, o mais deslumbrante que conheço, completamos uma versão demi-hemi-semifinal de 8.000 palavras, que posteriormente viria a tornar-se a base do romance. Dali em diante, estávamos prontos a trabalhar em parceria, através de

freqüentes telefonemas e do envio de quilômetros de formulários contínuos através do Pacífico.

O trabalho de redação ocupou a maior parte de um ano, embora nós dois, é claro, estivéssemos envolvidos igualmente com outros projetos. Quando descobri que Gentry possuía uma formação em literatura inglesa e francesa consideravelmente melhor do que a minha (eu já estava imune a tais surpresas), resisti heroicamente a todas as tentativas de impor a ele o meu estilo pessoal. Isso frustrou alguns leitores de longa data de meus livros, que, quando *O berço dos super-humanos* apareceu com os nossos dois nomes, ficaram confusos com certos trechos nos quais eu poderia ter dado um pouco mais de leveza. As partes mais técnicas do diálogo, expliquei, eram o resultado dos anos de Gentry junto aos engenheiros e matemáticos de cabelos eriçados e beberrões da Divisão de Aerodinâmica do Laboratório de Propulsão a Jato, onde os tiras de Pasadena freqüentemente precisam ser chamados às pressas para apartar brigas de soco por causa de funções de Bessel ou equações não-lineares parcialmente diferenciais. Até agora, entretanto, segundo o meu conhecimento, nenhuma junta educacional solicitou a remoção de *O berço dos super-humanos* de suas prateleiras. Estou mencionando isso porque acabei de descobrir, para meu indignado espanto, que foi precisamente isso o que aconteceu com *Terra imperial* uma década atrás. Como se não bastasse, a junta em questão foi mais longe, banindo *qualquer* coleção que contivesse *qualquer coisa* de minha autoria.

Gostaria de ter tido conhecimento do fato na época. Teria tido o prazer de dizer a esses aprendizes de aiatolá que a versão para a série "Livro do Cego" do romance que os ofendeu, foi gravada por uma senhora que dificilmente promoveria pornografias. Casualmente ela é casada com o líder dos membros da seção jurídica da Câmara dos Lordes.

Embora originalmente concebido como um projeto cinematográfico, tendo sido preparado um tratamento para a Warner Films, as chances de *O berço dos super-humanos* conseguir

chegar às telas pareciam agora remotas. Infelizmente, apareceu toda uma série de filmes com temas submarinos e extraterrestres na época do lançamento do livro, sendo que a maior parte deles naufragou sem deixar vestígios.

Contudo, Peter Guber, sinto-me gratificado em dizê-lo, ganhava força a cada realização. Suas produções mais recentes, *As bruxas de Eastwick*, *Gorilas da montanha* e *Rain Man* tiveram excelente acolhida; mesmo esta pequena relação de filmes mostra o seu interesse por projetos pouco comuns e relevantes. Quem sabe ele filme *O berço dos super-humanos* quando o momento cíclico para isso voltar a se apresentar, coisa que inevitavelmente acontecerá. "Existe um ritmo nos assuntos humanos" — e também no cinema.

Muito embora eu tivesse apreciado imensamente trabalhar com Gentry, ao concluirmos *O berço dos super-humanos* eu não tinha plano algum para novas parcerias — porque o cometa Halley estava agora dominando minha vida, na mesma proporção em que não conseguira dominar os céus terrestres. Percebi que sua próxima vinda, em 2061, seria uma esplêndida oportunidade para uma terceira *Odisséia no espaço*. (Caso a tão adiada Galileu aconteça, como se espera, em 1995, e nos envie megabites de novas informações acerca do sistema jupiteriano, poderá surgir uma *Odisséia final*. Mas não prometo nada. ) No verão de 1987, *2061: Uma odisséia no espaço III* estava tendo um ótimo desempenho nas livrarias, obrigado, e eu começava a sentir aquele incômodo sentimento de culpa que assalta um autor quando ele não está Trabalhando Num Projeto. Subitamente, percebi que havia um a me encarar bem de frente.

Quinze anos antes, a última frase de *Encontro com Rama* dizia: "Os ramaianos fazem tudo em grupos de três. " Essas palavras, agora, soavam como uma espécie de reflexão posterior, de última hora, quando eu fazia uma revisão final. Eu não tinha — juro por Deus — a menor idéia de uma seqüência; aquilo apenas me parecera a maneira adequada e aberta de finalizar o livro. (Na vida real, é claro, nenhuma história jamais termina. )

Muitos leitores — e críticos — concluíram de imediato que eu planejava, desde o início, uma trilogia. Bem, eu não planejava — mas percebia agora que se tratava de uma excelente idéia. E Gentry era a pessoa ideal para esse trabalho: ele tinha todo o conhecimento de mecânica e de equipamentos espaciais necessários para enfrentar o novo aparecimento dos ramaianos.

Elaborei rapidamente um conjunto de possibilidades, da mesma forma como fizera com *O berço dos super-humanos* e, num tempo extraordinariamente curto, *Rama II* havia nascido. *O jardim de Rama* e *A revelação de rama* viriam a seguir, no período de 1989-91.

Assim, Gentry Lee está novamente cruzando o Pacífico para reuniões de criação nas colinas do Sri Lanca, e o carteiro continua se queixando dos pacotes de formulários contínuos que tem de equilibrar em sua bicicleta. Dessa vez, no entanto, a tecnologia acelerou nossas operações intercontinentais. O fax permite-nos agora trocar idéias quase em tempo real; o que é bem mais conveniente do que o Correio Eletrônico que Peter Hyams e eu utilizamos quando escrevíamos *2010* (ver *O Arquivo da Odisséia*).

Há muito o que dizer sobre esse tipo de parceria a longa distância; estando muito próximos, os co-autores arriscam-se a perder muito tempo em trivialidades. Até mesmo um autor solitário pode forjar intermináveis desculpas para não trabalhar; no caso de uma dupla, as possibilidades são, no mínimo, elevadas ao quadrado.

Todavia, não existem meios de se demonstrar que um autor esteja negligenciando seu trabalho; ainda que seu ronco seja ensurdecador, seu subconsciente poderá estar trabalhando fervorosamente. E Gentry e eu sabíamos que nossas eventuais incursões pela literatura, a ciência, a arte ou a história poderiam fornecer elementos preciosos para o enredo.

Por exemplo, durante a elaboração de *Rama II*, ficou evidente a paixão de Gentry por Eleanora da Aquitânia (não se preocupe, Stacey — ela já morreu há 785 anos) e tive de usar de todo meu

tato para dissuadi-lo de dedicar páginas e páginas à surpreendente carreira dela. (Se alguém se dispuser a imaginar como Eleanora da Aquitânia poderia ter a mais remota das ligações com aventuras interestelares, poderá se divertir um bocado. )

Eu, certamente, aprendi com Gentry um bocado de coisas da História da França e da Inglaterra que jamais me ensinaram na escola. O episódio no qual a Rainha Eleanora repreendeu o filho, o intrépido rei-guerreiro Ricardo Coração de Leão *diante de suas tropas* por não ter conseguido dar um herdeiro ao trono, deve ter sido um dos momentos mais picantes da história militar britânica. Infelizmente, não havia meios de aproveitarmos esse Don Corleone galante, embora *gay*, que muitas vezes teve seus afilhados, mas nunca um filho... bem ao contrário de Gentry, cujo quinto filho nasceu quando chegávamos ao final de *Rama II*.

Mas vocês poderão conhecer a mais promissora criação de Gentry, o ainda-não-nascido São Miguel de Siena. Algum dia, tenho certeza, vocês tornarão a encontrá-lo, em livros que Gentry há de publicar como autor único, com o mínimo de ajuda ou empecilhos da minha parte.

Enquanto escrevo estas palavras, estamos justamente chegando à metade de nossa parceria em quatro volumes. E, embora imaginemos saber o que vai acontecer daqui para diante — estou certo de que os ramaianos guardam muitas surpresas para nós...

Gentry Lee vem exercendo as funções de engenheiro-chefe no Projeto Galileu, diretor de ciência analítica, projetista da Nasa para a missão Viking para Marte, além de ser parceiro de Carl Sagan no desenvolvimento e no *design* e implementação de uma série de TV chamada Cosmos.



## **AGRADECIMENTOS**

Muitas pessoas diferentes contribuíram para este romance, através de inúmeras conversas ao longo de um período de dois anos. Aqueles cujos comentários e percepções foram especialmente valiosos incluem Bebe Barden, Paul Chodas, Clayton Frohman, Michael Glassmann, Bruce Jakosky, Roland Joffe, Gerry Snyder e Ian Stewart.

Lou Aronica, Malcolm Edwards e Russ Galen deram, cada qual, significativas contribuições para o livro. Seus *insights* editoriais foram da maior importância para a composição da estrutura final do romance.

Meus especiais agradecimentos estendem-se ao Padre Martin Slaughter, cujo acume religioso foi indispensável para a criação do General O'Toole, e a Peter Guber, que possibilitou que os autores se conhecessem, cerca de três anos atrás.

Finalmente, nenhum agradecimento estaria completo sem meus louvores à família do Sr. Lee. Sua mulher, Stacey, e seus cinco filhos, Cooper, Austin, Robert, Patrick e Michael permitiram gentilmente que ele empreendesse as indispensáveis travessias por meio mundo até o Sri Lanca, além de proporcionarem a ele as horas de privacidade exigidas para a viabilização deste romance.

\* \* \*

{1} Todas as citações são de *Sonho de uma noite de verão*, tiradas da tradução de Barbara Heliodora, a ser publicada pela Editora Nova Fronteira.

{2} Título original: "THE BETTER PART OF VALOUR" é tirado do "Henrique IV", onde se diz que the better part of valour is *discretion*. " (N. do T. )

{3} No original o título *HOPE SPRINGS ETERNAL*, tirado de um poema de *Pope* que diz "Hope springs eternal in the human breast". (N. do T. )

{4} Trecho de um poema de Robert Burns, século XVIII. (N. do T. )